



DOMINIC

SABOTAGEM DO AMOR

SÉRIE REDENÇÃO

LIVRO 2

MAIS DE 1 MILHÃO DE LEITURAS NO WATTPAD



A . E . G A B R I E L



DOMINIC

SABOTAGEM DO AMOR



SÉRIE REDENÇÃO

LIVRO II



A U T O R A

Copyright © 2021 A.E. Gabriel

Capa: EQUIPE A. E. Gabriel

Diagramação: EQUIPE A. E. Gabriel

Revisão: Patrícia Suellen.

Créditos de imagem: Site Pixabay.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

DOMINC

SABOTAGEM DO AMOR

Livro 2 – Série Redenção

1º Edição digital | criado no Brasil.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora. A violação de direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº.

9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



NOTA DA AUTORA

O texto segue as normas vigentes da Língua Portuguesa, entretanto, características do vocabulário informal foram utilizadas para deixar a leitura mais leve e fluida.

A autora usou da linguagem informal em vários momentos, sendo assim, é possível encontrar palavras e / ou frases que não estão em conformidade com a Gramática Normativa.

Os trechos em *itálico* se referem a termos técnicos, estrangeirismo, gírias, regionalismo e termos coloquiais.



NOTA

Os eventos que envolvem essa trama são relacionados a primavera árabe, evento ocorrido em 2011 e a menção da guerra civil na Síria e na Líbia são fatos verídicos, porém, os fatos que envolvem Inglaterra é totalmente produto da imaginação da autora. Se houver alguma semelhança com a realidade dos conflitos é mera coincidência.

A cidade de Parnoveil é totalmente fictícia, é total fruto da imaginação da autora, sendo assim, a mesma não existe no entorno de Las Vegas, Nevada, pelo menos, não na realidade.

Este é um romance erótico e divertido, mas que aborda dramas e temas como estupro e tráfico internacional de crianças e mulheres.

Segundo livro da série Redenção, alguns conflitos gerados entre personagens serão resolvidos no terceiro livro da série.

Recomendamos que para um melhor entendimento, leia o primeiro livro da série, pois alguns acontecimentos aqui mencionados acontecem no livro: GAEL

A REDENÇÃO DO MONSTRO.



AGRADECIMENTOS

A Amélia, minha mãe, àquela que me incentiva, está sempre comigo e acredita no meu dom de fazer as pessoas rirem. A ela que um dia me disse: “Seu futuro está aí menina, na escrita”.

A Ádila Ferraz que acreditou no meu talento e me incentivou a continuar, sem medo de ser quem sou, obrigada Adi. E a toda a equipe

A.E. Gabriel que fez Dom acontecer, obrigada!

Entrego-lhes meu segundo maior sucesso até hoje, que conquistou milhares de leitores no Wattpad e hoje acumula quase um milhão e meio de leituras on-line no Wattpad.

Embarquem comigo nessa comédia romântica, com uma pitadinha de drama, hot e muito, muito amor.

Com amor, A. E. Gabriel

SÉRIE REDENÇÃO

GAEL
A REDENÇÃO DO MOSNTRO
Livro 1

DOMINIC
SABOTAGEM DO AMOR
Livro 2

IVAN
O PREÇO DA VINGANÇA
Livro 3

COBRA
LIBERDADE QUE VICIA
Livro 4

GUSTAVE
A REDENÇÃO DO LIBERTINO
Livro 5

CORVO E CARNIÇA

SPIN-OFF

Livro 6

SÉRIE REDENÇÃO

MITCHELL E AGREGADOS

**Gabriel Mitchell e Annie
Lavelly**

*Hereford, condado de
Herefordshire, na Inglaterra*

Livro 1

**Gustave Mitchell e
Samantha Phillips**

Londres, Inglaterra

Livro 5

**Ivan Sarnov e Solange
Esposito**

*Parnoveil, deserto de
Mojave, em Nevada*

Livro 3

**Dominic Maldonado e
Bonnie Portman**

*Parnoveil, deserto de
Mojave, em Nevada*

Livro 2

Michael Jones e Vallen Stocks

*Parnoveil, deserto de Mojave, em
Nevada*

Livro 4

**Elijah Calleb e Jordana
Pennington**

*Parnoveil, deserto de Mojave, em
Nevada*

Spin-off

**Zander Dwyer e Prudence
Lindsey Harding**

*Opelika, condado de Lee, no
Alabama*

Spin-off

*“Talvez esse seja um castigo justo para aqueles que não
possuem coração: Só perceber isso quando não podem mais
voltar
atrás.”*

Markus Zusak

Era uma vez...

Um reino distante, que coincidentemente fica ao lado de Las Vegas.

"Os principais contos de fadas são aqueles onde a princesa encontra o príncipe encantado e tem um final feliz. Infelizmente a fada madrinha mandou a última formada de príncipes para o espaço.

Bonnie Portman aos seus 28 anos deixou de acreditar em contos de fadas ainda na infância, quando sua mãe Amber Portman a deixou em frente à casa da sua Abuela Carmen. A moça com sorriso brilhante, se destaca desde criança por ser alegre e gentil. Com uma beleza exuberante a linda moça sempre teve atenção e carinho da pequena cidade, prestativa e amorosa ela encanta a todos. Negra e desce de mexicanos, é uma verdadeira obra-prima.

Todos, inclusive Dominic Maldonado mais conhecido como MacGyver, o ex-franco-atirador do exército britânico, que agora é o típico bandidão vagabundo.

Agora, Dominic Maldonado é o chefe do clube de motoqueiros mais perigoso, o Hell's Angels ou anjos do inferno, infelizmente a fada madrinha não soube elaborar muito bem o feitiço para o príncipe ideal e resolveu mandar o estagiário, resultando em digamos, Dominic Maldonado.

Dominic, usou todos os tipos de feitiços disponíveis para impedir Bonnie de se encantar pelo Xerife.

O típico garoto certinho do sorriso brilhante, Taylor Cookie trabalha na delegacia como chefe de polícia, tenta a todo custo colocar MacGyver atrás das grades.

Infelizmente ele não obtém muito resultado, afinal Dom ainda tem contatos e fortes ligações com o governo. Claro que a fada madrinha tinha que se redimir. Deixando o vagabundo do nosso mocinho com certa vantagem.

Abuela Carmen não é o tipo de abuela convencional, a velha ainda dá um caldo! Desbocada e totalmente descolada, abuela realiza seu sonho quando Boo volta à cidade para abrir a confeitaria dos seus sonhos, afinal as duas imaginavam juntas o sucesso da Confeitaria La Carmen. Nome que Bonnie imagina desde seus dez anos de idade.

A querida abuela tem só mais um sonho de nada, ver sua princesinha casada com o loirão bonitão metido a herói. Apaixonada por Dominic abuela imagina os seus bisnetos lindos.

Louca de pedra a velha!

Mas voltando ao início, sabe o mocinho? Ele foi avisado!

Judie e Lincoln sempre estiveram por perto para segurar as pontas no clube, a advogada que se casou com o trapaceiro¹ e trambiqueiro² Lincoln vê sua melhor amiga de infância Boo retornar e com ela seu maior pesadelo, as sabotagens do Maldonado. Disposta a apoiar a amiga, Judie passa por acima de todos para proteger e ajudar a amiga! Mas nem tudo isso é suficiente!

Lembram-se que a fada madrinha errou na forma do príncipe? Pois, é! Infelizmente alguns erros a fada madrinha não pôde reverter, até porque a carruagem voltou a ser abóbora.

Uma vez a gata-borracheira disse:

"A gentileza é de graça. O amor também".

Mas o ódio e a desconfiança são conquistados! Pode um amor forjado na mentira e nos erros sobreviver? Pode um chinelo,

Havaianas, remendado com prego virar um sapatinho de cristal?

Agora Boo tem a difícil tarefa de alimentar um enorme clube que vive enfurnado em sua confeitaria, e lidar com seu "azar" ambulante extremamente gostoso, sarado e desbocado, trambiqueiro e cheio de ideias descabidas.

Boo está disposta a fazer da sua confeitaria uma enorme referência, nem que para isso ela tenha que fazer de um certo limão azedo uma deliciosa torta de limão!

Com quantos limões se faz uma deliciosa torta de Dominic Maldonado... Ops! Torta de limão?!"

Capítulo 1

“OLÁ DOCINHO”

"Um dia você será velho o bastante para voltar a ler contos de fadas."

C. S. Lewis



DOMINIC

Atravessei a rua e vi o sorriso gigantesco no rosto da velha safada, me mantive na minha embora soubesse que ela andava visitando a casa do senhor Macalister, mais do que o normal.

— *Buenos días*, Abuela. — Embora eu não tivesse o típico sotaque mexicano que me encantava na senhora de sessenta anos, vi quando os olhos dela brilharam. — ¿Como van las cosas?

Eu sabia que meu espanhol impecável a encantava.

— *Hijo ... Buenos días chico...* — Ela sorriu grande e abriu os braços dando a volta em direção à fachada toda pintada de rosa-claro e branco. — Minha menina conseguiu. Venha... — Ela misturava algumas palavras, meu coração perdeu a batida quando ela mencionou a “menina”. *Porra!*

Ela não era mais uma menina, descaradamente eu a acompanhava no Instagram, eu e mais de vinte mil pessoas, ela postava fotos, fazia vídeos, mostrava suas delícias culinárias e ainda mostrava o maldito corpo desenhado, quando ela saiu daqui era apenas uma menina, ela já era tudo isso, só que agora gostosa.

As curvas do corpo dela são exuberantes, as dobrinhas sensacionais, a barriga macia, as curvas cheias e sua linda pele negra, os olhos escuros e seus longos cachos negros cheios, mesmo ela sempre mudando, mesmo por fotos parecia cheiroso e macio.

— *Hijo?* — Saí do meu estado de delírios e entrei na confeitaria. Nunca tinha visto algo tão engraçado quando aquele

lugar.

O lugar cheira a doces frescos, a vitrine ainda estava vazia, apenas com algumas guloseimas, as paredes são listradas de branco e verde. Para uma cidade como a nossa aquilo é de outro mundo.

— Minha menina pensou em tudo, cada detalhe. Eu estou tão orgulhosa, ela imaginou tudo, nem nas viagens a Paris, ela disse ter encontrado algo assim.

As cadeiras são brancas e pareciam aquelas coisinhas que as crianças colocam nas casas de boneca. No balcão haviam várias cadeiras. E de forma egoísta me imaginei sentado ali perturbando cada pensamento e movimento da Bonnie, se dependesse de mim cada pessoa em Parnoveil comeria diariamente nesse lugar.

— E então o que achou? Boo guardou cada centavo durante todos esses anos. Tudo que eu juntei, tudo que temos está aqui. Em nosso sonho.

Eu não sabia o que dizer, *porra*, o que eu diria a velha?

— Minha velha, isso é *fodidamente foda*. — Foi o que eu saiu.

Ela me olhou matreira e com aquele maldito olhar debochado de "eu sei mais que você."

— Vamos pergunte o que quer saber? Eu não direi nada se não perguntar Dom.

— *Ah* velha safada. — Eu a abracei e ela me arrastou para o balcão. — Ela vem?

— É assim que eu gosto! Atitude! — Ela entrou atrás do balcão e tirou uma garrafa de chocolate quente e fez sua mágica. De costas ela temperou o chocolate, tentei sondar, mas a velha riu

de forma zombeteira escondendo seus segredos. — Vou buscá-la em Vegas amanhã, a não ser que um menino maravilhoso, loiro e de olhos claros e tempestuosos se ofereça para ir.

Ela virou colocando o chocolate quente cremoso, em uma xícara de personagem e me dando uma fatia de torta.

— Ela vai querer me matar, Abuela. — Falei enfiando a torta na boca. *Porra*, a velha tem mãos de fada. — Você é impossível.

— Só se for de amor querido. — Soltei uma gargalhada. — Seja você dessa vez, esse homem maravilhoso que ajuda esse buraco que chamamos de cidade, nada de trapaças dessa vez. — Fiquei calado, porém, não admitindo nada. — Aeroporto, amanhã às dez da matina. — Sorri de forma doce. — Deixe de ser dissimulado, menino. — Ela se fez de brava, gargalhei. — Eu sei que era você que fazia artimanhas para impedir Boo de sair com aquele paspalho do biscoito. — Eu sabia que ela estava se referindo ao paspalho do xerife Cookie — , entretanto, também sei que era você que deixava as rosas e os chocolates na porta.

Levantei as mãos aos céus.

— Certo velha, você me pegou. — Ela sorriu de forma grande. — Eu impedia sim que Bonnie saísse com aquele paspalho, no entanto, em relação aos chocolates e flores, é segredo velha bisbilhoteira.

Ela me via na janela toda manhã quando deixava uma rosa vermelha e um bombom de cereja na porta da casa delas.

Ela sorriu.

Eu ficava atrás do carro do velho Macalister que estava sempre na rua, faça chuva ou faça sol. O velho Corolla 2000 sempre estava lá fora. Todos os dias, ela se sentava na varanda branca, nas

escadas, cheirava a rosa, colocava ela no chão ao lado do corpo juntava o cabelo revolto pelos fios em seu rosto, desembrulhava o bombom e cheirava antes de dar uma mordida. Ela sorria e olhava pro nada, mas especificamente para o Corolla, parecia que ela sabia que eu estava lá.

Colocava a ponta do dedo no creme de cereja e levava aos lábios, fazendo estrago no *pau* de um adolescente punheteiro.

Quando meu pai saiu de Londres em direção ao desconhecido só comigo e o velho Bentley Mulsanne, foram dias vendo meu velho dirigir sem destino, aquela viagem era nossa, minha, de mamãe e dele. Quase quinze dias depois meu pai deixou o carro no aeroporto e viemos pra Vegas.

O maldito câncer que a levou, levando com ela a alegria de viver do meu pai. Quando chegamos a essa cidade apenas com duas mochilas e o dinheiro de duas noites no hotel xexelento no final da rua.

Meu pai virou barmen do bar do outro lado da rua, com apenas doze anos descobri que agora meu pai não era mais o homem cheio de medalhas e dispensado com honras do exército, e sim membro de um clube de motos.

— Adoro quando me chama de velha bisbilhoteira, seu encenqueiro. Não pense que eu não notei esse corte no seu supercílio. — Saí das minhas lembranças e sustentei o olhar. — Pare com isso querido, você não precisa disso. É um menino inteligente e um homem incrível.

Eu sabia que ela se referia as lutas clandestinas em Vegas. Não passava um pelo de gato sem que ela perceba.

Entretanto, as lutas me mantém no trilho.

— *Tá* na minha hora velha. Se precisar estarei bem ali. É só gritar vizinha. — Apontei para a fachada dos Hell's Angels do outro lado da rua, desconversando do maldito assunto.

Saí de lá com ela resmungando algo sobre amor e coragem.

— Chefe temos problemas...

Ouvi assim que passei pela porta, fui direto ao meu bar.

— Uma dose Klaid. Vai começar a falar ou vou ter que adivinhar, *porra*?

— Abutres “locos” na área chefe...

BONNIE

Talvez não tenha sido uma boa ideia parar na igreja. *Merda*. Talvez Abuela tenha me esquecido no aeroporto.

Soquei o volante com força. Ele estava funcionando perfeitamente, estava até eu ter a brilhante ideia de descer e agradecer e bater um papo com o padre.

Tentei mexer em minha bolsa e achar o número da locadora de carros. Mas que coisa! Até pensei em comprar um carro desses *pra* mim. *Tá* tudo bem, o carrinho podia ser amarelo e só ter dois lugares, mas é lindinho e atende as minhas necessidades.

— Funciona droga! — Já são quase duas da tarde, meu estômago roncou alto, o sol infernal de Parnoveil fritaria um ovo no asfalto, sem chances de conseguir ir a pé com duas malas e uma mochila até à casa da Abuela. Se essa droga funcionasse em quarenta e cinco minutos estaria em casa.

A única igreja estava entre Vegas e Parnoveil, era a do padre. Ouvi batidinhas no vidro do carro.

Ótimo, eu estava no meio do nada, sozinha. Certo. Procurei algo para abater o possível ladrão.

Ouvi um estalo no vidro. Que não seja um ladrão. Que não seja um ladrão. Que não seja um ladrão.

— Olá docinho.

Inferno! Que seja um ladrão. Que seja um ladrão.

— Vamos lá docinho, seja uma boa menina e abra a porta.

— Desci a janela e continuei a olhar pra frente. — Oi bombom.

— Oi Dominic. — Bufe. Olhei *pro* meu pesadelo e sonho pessoal. Ele tentou puxar a porta e eu a travei.

Na minha frente não estava aquele menino, franzino e irritante. Aquele sorriso cafajeste continuava lá, os óculos escuros me impediam de ver os olhos claros dele. O cabelo arrepiado loiro está molhado pelo suor. A camisa verde-militar, estava grudada no peitoral musculoso e provavelmente todo tatuado.

— Abra a porta, docinho. — Revirei os olhos.

— Abra a porta, docinho, um *caralho*! — Imittei a voz grossa e irritante. — Vai à merda e me deixa em paz.

— Desde quando você fala palavrão, *porra*? — Ele mexeu na porta do carro.

— Não é da sua conta e pare de tentar abrir essa *merda* Dominic. — Antes que eu pensasse em outro palavrão, a porta fez um click, ele tem um sorrisinho debochado e o maldito canivete suíço girando entre os dedos.

Sai do carro ficando frente a frente com a minha paixão de adolescência. Ele me olhou de cima a baixo levantou os óculos escuros no processo.

— Qual é o seu problema, *merda*? — Ele arqueou a sobrancelha.

— Eu não sei se a princesa percebeu, mas essa coisa horrórida não vai funcionar e pare de falar palavrões, *porra*.

— Que *merda*.

— Vamos lá docinho, o príncipe encantado veio ao resgate da gata-borracheira.

Revirei os olhos.

— Gata-borracheira o meu *rabo*, e pare de me chamar de docinho seu...

— Que tal bombom? — ele debochou da minha cara.

— Vai se *foder*. — Os olhos dele desceram pelo meu corpo de forma maliciosa.

Ele se aproximou de mim, acabando com a distância entre nós, me encurralando entre ele e o carro.

Empurrei ele, e o maldito nem se mexeu, estou em frente a uma igreja presa com um pesadelo de quase dois metros que cheira a cigarro Marlboro e o maldito perfume Armani.

— Encoste em mim e você vai ficar sem os dedos. — Ameacei e ele riu, meu corpo traiçoeiro se animou, ele passou os dedos pelo meu rosto e arqueei a sobrancelha.

Não vou deixar esse encenqueiro se aproximar.

Foi se o tempo que eu fechava os olhos *pra* você seu idiota.

Maldita vagina traidora.

A infeliz se animou. Nem mesmo com o Félix, meu consolo, eu sentia tudo isso. Droga!

— Arrepiada docinho?

— Eu já mandei você ir se *foder*. — Empurrei novamente. Ele se afastou, o sol já está me fazendo suar de calor, agora terei Dominic Maldonado contribuindo também..

— Vem eu te dou uma carona, afinal seria um pecado deixar uma donzela queimar no sol forte de Vegas, Vamos? Antes que eu resolva te *foder* e te leve ao paraíso docinho.

Suspirei cansada quando ele apontou o Mustang preto.

— Olha cara o carro é alugado e pela direção do seu carro, você não está indo na mesma direção que eu...

— Vamos lá docinho, eu te deixo em casa são e salva, e esse carrinho horroroso volta *pro* dono inteirinho.

Olhei pra cima e fechei os olhos por conta do sol forte, senti uma vontade imensa de bater nesse paspalho.

— Tenho outra opção?

Ele gargalhou de forma sensual.

— Não, não tem a não ser que queria pedir para que o velho gagá conserte seu carro com água benta e rosário.

— Não fale assim do padre seu estúpido, por que merda você precisa brincar com Deus?

— Se você acha esse corrupto um padre por mim tudo bem e Deus está lá em cima. — Apontou para o céu — agora delícia leve essa bunda gostosa até o banco do passageiro, enquanto pego suas malas. — Deu de ombros.

— Corrupto? — perguntei curiosa.

— Não vou estragar sua doce memória de melhor coroinha desse velho asqueroso, docinho. — Deixou no ar se referindo ao fato que enquanto ele quase colocava fogo na cidade, eu estava

sempre aqui ajudando o padre no que podia. — Que *porra* você carrega nessa mala, mulher?

Ele pegou minha mala branca e resmungou, antes que ele colocasse no carro peguei a rosa e minha mochila e levei até o carro.

Ele pegou o celular e pareceu gravar um áudio no WhatsApp dando a localização de onde o carro estava.

— Quer calar a boca Dominic? — Praticamente implorei.

Ele voltou a cantar a irritante música.

— Então você é a nova empresária da cidade. — Estava demorando...

— É.

— Vai ficar me tratando assim?

— Não somos amigos Dominic, somente meros conhecidos.

— Assim você me magoa, docinho. Eu e você ao estilo

Bonnie e Clyde o que acha?

— Bonnie e Clyde? A única coisa que eu acho é que de boca fechada você é uma obra de arte.

Olhei pra ele percebendo que seria em vão tentar uma conversa civilizada com ele.

— Você pode me deixar no La Carmen? — Pedi sem olhar pra ele.

— Onde você quiser meu amor. Onde você quiser.

Revirei os olhos, ele me olhou cafajeste.

— Preciso de um carro — comentei em voz alta, pra ninguém em particular.

— Por quê? — Olhei pra ele como se fosse óbvio. — Se eu posso *te* levar onde você quiser, docinho.

— Quer parar de fingir que somos amigos? — Ele deu de ombros e pareceu magoado, respirei fundo. — Olha, desculpa de verdade. Obrigada pela carona de verdade. Você era a última pessoa que eu esperava encontrar em uma estrada deserta.

— Eu tinha um compromisso em Vegas.

— Eu *te* atrapahei? Droga! Olha, pode me deixar aqui e... Nossa eu chamo um táxi.

— Quer ficar calma? Nessa cidade tem de tudo menos táxi, bombomzinho. — Suspirei quando ele entrou na cidade. — Não era nada importante, eu só ia procurar carne fresca.

Uma pontinha de ciúmes tocou meu peito, mas não me deixou abalar.

— Você precisa de um emprego, Dominic.

— Eu tenho um emprego docinho. Sou o bandidão da cidade. — Piscou cafajeste — E nas horas vagas o sonho de consumo das mulheres.

— Das velhas de oitenta anos você quer dizer, não é?

— Abuelita Carmen me ama...

— Claro que ama. — Desci do Mustang sem esperar uma resposta dele. — Abuela?

— Querida? *Oh* meu Deus! Você é um anjo Dom.

Oi? Olhei pra ele enquanto ele sentava no capô do Mustang, me arrepiei ao olhar *pra* fachada dos Anjos do inferno.

A caveira com uma asa em cima da fachada estava mais macabra que antes, porém, tinha sido pintado, mas meus olhos foram mesmo para o meu sonho, meu e de abuela.

Abracei abuela.

— Ficou melhor do que eu imaginei, abuela.

— Ficou um sonho, querida, um sonho.

Entramos no nosso cantinho, vi quando Dom desceu do capô e nos seguiu como um carrapato.

Cada detalhe, as cadeiras pontadas de branco me lembrando das viagens. Os tons de rosa pastéis, entrei por trás do balcão vendo a vitrine com algumas delícias, que pareciam frescas.

— Acabei de terminar esses. Dom é nosso segundo cliente hoje. — ela sorriu toda solícita pra ele.

— E quem foi o primeiro? — Olhei pra ela, a inauguração ia ser no sábado.

— Eu — Dom resmungou folgado enfiando um cupcake na boca, abuela colocou a bandeja na frente dele.

Revirei os olhos.

— Que tal irmos pra casa você tomar um banho e descansar, teremos amanhã para que você arrume tudo do seu jeitinho.

Olhei pra ela abraçando-a.

— Está tudo como eu sempre sonhei abuela...

Olhei pra Dominic que tinha a boca toda suja de chocolate, já no terceiro cupcake.

Ótimo.

— Vamos logo motorista particular. — Ele sorriu se levantando enfiando o último bolinho do prato na boca.

Revirei os olhos.

— Vamos lá meu bombom.

Saímos pela porta, fechei o lugar, segurando firme na chave.

— Meus netinho vão ser lindos.

Vai adiantar se eu falar algo?

Parecia que tinha voltado no tempo, meu quarto continuava o mesmo, branco em tons de rosa com bichinhos de pelúcia e quadros de doces nas paredes. No canto havia alguns troféus de culinária que ganhei na feira da cidade, a melhor torta de morangos, o melhor doce de abóbora e no alto o melhor a melhor torta holandesa da cidade.

Dominic ainda teve a cara de pau de entrar e tomar chá com abuela, enquanto ele ficou lá embaixo subi, a porta tinha o mesmo barulho de sempre que dava pra ouvir lá embaixo quando é aberta.

Sentei na cama tirando a mochila das costas, pegando o quadro, eu estava de ponta cabeça nos braços do abuelo Calisto e abuela batendo nele com um pano, ainda no México.

Estou em casa, todos esses anos, sozinha, estudando apenas vendo abuela pela webcam, ou ouvindo sua voz no telefone me fizeram suspirar.

Abri a mochila, depois que coloquei o quadro no lugar, tirei o notebook, meu celular e a pasta com documentos.

Olhei para meu antigo guarda-roupa de madeira branca, as roupas de cama estão limpas e passada, sorri, abri a gaveta sentindo o cheiro de limpeza. Abuela lavou tudo, deixando espaço para minhas roupas, tudo está com o delicioso cheirinho de casa.

Tirei a roupa de corrida da gaveta e vesti quando terminei de amarrar meu velho tênis, ouvi Dominic no Mustang, revirei os olhos, o maldito havia colocado as malas na porta do quarto, sem fazer um barulho sequer. Como uma cobra sorrateira.

Coloquei elas para dentro do quarto, pela janela vi quando abuela atravessou a rua e bateu na porta do velho Macalister.

Sabia que ela gostava dele, e eles tinham algo mais que amizade, sorri fechando a cortina.

Peguei meus fones e o celular, disposta a correr até o fim da rodovia morta, que dava no deserto. O sol já estava indo quase embora, quando desci pela cozinha, sentindo o cheiro de bolo de cenoura.

Escrevi um recado para abuela.

"Corrida na rodovia morta, não coma o senhor Macalister, não queremos que o velho tenha um infarto e morra antes de revirar os olhinhos com os prazeres de dona Carmen.

Beijos, te amo abuela."

Saí pela porta dos fundos.

Nossa cidade é considerada uma vila morta pelos turistas e moradores de Vegas, uma cidade de idosos e motoqueiros encenqueiros.

Entretanto, quero mudar isso, quero que essa cidade seja conhecida pelas mãos de fada da dona Carmem e pelo nosso trabalho duro.

Quero fazer minha história, e de quebra fazer esse maldito coração esquecer minha história com Dominic Maldonado.

Meu estômago não precisa de borboletas voando, e sim de um enorme pedaço de torta de limão.

Capítulo 2

“ Sr. Incrível.”

“O resto do mundo pode seguir as regras, mas eu sigo o meu coração.”

Filme Viva! A Vida é uma Festa



BONNIE

Depois de correr até à estrada me sentei e fiquei olhando o deserto. Sim, eu fiquei lá lânguida no chão, morta com as pernas *pra* cima, feita uma barata tostando de calor.

Muitas vezes por trabalhar com a gastronomia, fui alvo de preconceito, principalmente na faculdade. A gordofobia estava presente assim como o racismo velado na maioria das vezes.

Ser gorda incomodou muita gente, e ser negra mais ainda. O problema era deles, afinal quem morreu de ataque cardíaco foi o professor que me chamou de *porca gorda* e que ainda morreria do coração por tanta gordura.

Aquele cretino, dois meses depois morreu lânguido estirado no chão da faculdade. Nenhum dos alunos foi ao velório dele. Me senti péssima, ri sozinha. A criatura habilitada na profissão de docente era um maluco que queria regular meu peso, e nunca olhou a qualidade dos meus trabalhos e pratos, e sim o tamanho que eu vestia.

Depois de voltar para casa e tomar um banho, desci apenas de calcinha e sutiã para a cozinha.

— Deixe ele louco em apenas cinco minutos... — Li o artigo que abuela lia fazendo ela pular da cadeira.

— Santa Mãe! — Ela colocou a mão no coração, dramática.
— Faça um mísero barulho sua rata sorrateira.

Sentei-me arrumando a toalha no cabelo. Peguei um biscoito de cima da mesa.

— Não me diga que a senhora foi furar o curo com o velho do Corolla, abuela. — Ele riu.

— É taludão. — Franzi a testa.

— E o que seria taludão, dona Carmen?

— Grande e grosso querida. — Fiz uma careta. — Meio mole, mas as azulzinhas que você falou são ótimas.

— Você tacou Viagra no velho, abuela? — Ri horrorizada.

— Ele nem viu o que lhe atingiu! Fiz pular pra cima! — Ela balançou os peitos. — Deixei aqueles “bagalos” no ponto de bala querida. O quê? Do que adianta ter um “taludão” e não ficar em pé?

— Você ainda vai matar o velho, abuela.

— Vai morrer desidratado, querida, só não disse por onde!

Ela riu alto, encarei a minha velha.

— Eu aprendi umas coisas naquele site do Google. — Peguei mais um biscoito. — Vou usar aquelas coisinhas que você me deu. — Talvez tenha sido uma péssima ideia mandar uma caixa de Sex Shop pra ela.

— Você ainda vai matar o velho abuela. — Insisti. — Um ataque cardíaco, imagina só, dona do La Carmen é encontrada satisfeita em cima de um cadáver. Credo abuela! — Gargalhei me levantando e dei um beijo em sua bochecha.

— Morre nada querida, aquele *pau* vai dar muita madeira ainda. — Ela deu um tapa na minha bunda. — Coisa bem feita. Vou começar o jantar, vamos ter torta.

— Vou colocar uma roupa e venho *te* ajudar velha safada. —
Dei um beijo estalado na bochecha dela.

Subi as escadas pulando de dois em dois degraus.

Mas que *porra* é essa?

— Por onde diabos você entrou?

Dominic estava deitado na minha cama.

— É degradante para minhas doces memórias, saber que dona Carmen anda de saliência com aquele velho, ele tirava a dentadura *pra* mim, quando eu era moleque.

— Você não me respondeu, Dominic. Você ouviu nossa conversa? — Cruzei os braços, sem dar bola para as lorotas dele.

Se eu queria cavar uma cova e me enterrar? Queria! Mais não vou dar o gostinho a esse cretino!

— Adorei a cor. — Ele sorriu de lado apontando de forma descarada para meu conjunto branco.

— Eu também, me acho uma puta gostosa de branco, agora tire essas patas do meu edredom e saia pelo lugar que você entrou, cruz credo.

— Sua doçura é encantadora, bombom. — Bufeí.

Fui em direção a minha mala e peguei uma camisa do Will Smith e um short. Tirei a toalha jogando meu cabelo para frente.

Ele olhou para os meus peitos descruzando as pernas. Arqueei as sobrancelhas, não, eu não ia mostrar vergonha a ele.

— Você anda por aí assim? Pelada? — Ele apontou pra minha direção com desdém.

Revirei os olhos.

— Seu desdém e seu deboche não me atingem. Agora se você não vai responder as minhas perguntas, levanta da minha

cama e dá o fora.

— Eu entrei pela janela — comentou como se não fosse importante.

— Ótimo, vai sair por onde entrou antes que você saia voando feito uma barata pela mesma janela. — Vou me certificar de trocar as fechaduras.

— Você anda bem estressada docinho. Sexo ruim?

Respirei fundo. Ele praticamente me chamou de malcomida.

— Eu te garanto que a última coisa que tenho é sexo ruim, sucata hospitalar. — Ele não percebeu que o ofendi.

— Você não vai ficar vermelha ou constrangida? O que fizeram com o meu bombom? *Porra*, tu me chamou de sucata hospitalar, mulher? — Ele me olhou com indignação tudo isso deitado na minha cama, minha cama!

— Ninguém quer e não tem serventia nenhuma. — Fingi desinteresse. — Esperava o quê? Que eu ia ficar a vida toda com vergonha da palavra sexo? E a última coisa que eu sou é seu docinho, Sr. incrível.

Ele pareceu não ter a resposta na ponta da língua agora, embora eu estivesse morrendo de medo da cara de *bosta seca* que ele fez, me mantive intacta, no lugar.

Minha deusa interior praticamente esfregou a bunda no ego desse vagabundo sem vergonha.

— Com você está falando queri... Dom, meu anjo... — minha avó me empurrou entrando em meu quarto.

— Olá, abuela. — Olhei pra ele e ele pulou da minha cama, sim ela o abraçou, a cara de anjo que ele fez, me fez protestar.

Além de falso e é fingido.

— Não sei se a senhora notou abuela, mas ele invadiu nossa casa e estava deitado na minha cama!

— São detalhes querida! Detalhes. Que tal ficar para o jantar querido?

— Não. — Respondi por ele indignada. O anjo da abuela Carmem me olhou debochado.

— Claro que eu aceito, abuela. — Ele se levantou e abraçou ela pelos ombros e deu um beijo estalado na bochecha dela.

Será uma longa noite.

Abuela faltava colocar comida na boca dele, respirei fundo. Ele me olhava de forma debochada.

Sim, estou sendo obrigada a engolir esse vagabundo. Talvez abuela tenha esquecido das malditas vezes que chorei por não me achar bonita o suficiente para atrair a atenção dele.

Oh foda-se você não é mais uma adolescente, que chora por um idiota vagabundo e encrenqueiro.

Minha Deusa interior se manifestou.

Carinhosamente apelidada Deusa interior. Meu ego o imaginava se engasgando com a torta.

Talvez, eu pudesse fazer respiração boca a boca, certo, ele não estaria se afogando então... *Merda*.

— Não vai comer meu benzinho? — Olhei o meu prato e o enorme pedaço de torta agora estava mexido e nem havia provado.

— Se a senhora me der licença, abuela... Sr. Incrível. — Ele me olhou de forma feia.

Ótimo, parece que a única cara feia que sou obrigada a aturar é só a minha, porque o resto...

— Sr. Incrível? — abuela me questionou.

— Ego de Narciso, cérebro de ervilha. — Dei de ombros fazendo abuela rir.

— Não se ofenda querido, ela precisa apenas de uma boa noite de sono. — Piscou.

— Nunca ficaria ofendido abuela, já dizia meu pai, quem muito desdenha quer comprar. — Sugestivo ele piscou de forma abusada.

— Nem comprado e, nem doado. — Dei um beijo no rosto de abuela e revirei os olhos pra ele. — Da próxima vez que colocar as patas sujas na minha cama, vai voar feito marimbondo pela janela.

— Claro chefia, da próxima vez eu tiro os sapatos.

— *Vá se foder.*

Saí da cozinha e foi direto para minha cama. Me joguei nela assim que passei pela porta. Liguei a televisão conectando no último episódio de Constantine¹, meu amor por essa série já me fez ver a única temporada umas cinco vezes. Meu amor platônico por Jonh Constantine é insuperável.

— Querida? — Minha vó entrou no quarto, batendo de leve na porta.

Bati na cama chamando-a pra se deitar comigo.

— Desculpe abuela, mas ele não é doce para eu amar e muito menos aturar.

— Ele mudou querida.

Gargalhei.

— Pelo amor de Deus, abuela. — Ela riu.

— Pessoas amadurecem querida. — Suspirei cansada.

— Não abuela, eu não superei o lance do armário, o fato dele ter mudado o dia do baile da escola e muito menos ter me sujado com tinta vermelha no meu aniversário de dezoito anos.

— Ele só queria chamar a sua atenção querida. — Bufe.

— Existem jeitos mais gentis e eficazes abuela. — Falei o óbvio. — Sério, eu não voltei pra ter uma sombra em minha cola abuela. Aliás, sua amada filha me procurou, falando nisso o lírio do campo também mudou.

— Amber só quer o seu dinheiro, querida. Mande à merda.

Sim, minha genitora acha que sou um caixa eletrônico com pernas. Seu último marido, um alcoólatra viciado em jogos, e adivinhem a casa que ela comprou como dinheiro que ela roubou do abuelo, o bêbado que vive vinte e quatro horas por dia na alcoolizado, apostou e perdeu.

Quando eu tinha oito anos de idade, vi minha mãe pela primeira vez. Ela apareceu em uma tarde chuvosa de verão, chorando e se dizendo arrependida, dizendo que me amava e cuidaria de mim. Dois meses depois ela limpou todo dinheiro que o abuelo tinha debaixo do colchão velho no porão, dinheiro esse que ele demorou quase uma vida para juntar.

E desde então ela nunca mais apareceu, até meses atrás quando o marido dela praticamente a vendeu junto em uma aposta.

Desde esse dia há quase vinte anos Amber está morta e enterrada.

— Querida...

— Não se preocupe, se ela quer dinheiro que trabalhe e conquiste. Caso contrário ela não verá um centavo do nosso dinheiro, abuela.

A abracei, senti as lágrimas de abuela molhar meu ombro.

— Ei velha safada, eu te amo.

— Eu também meu anjo.

DOMINIC

— Maldonado? Está vivo? — Tirei a cabeça da mesa. Olhei além da garrafa de vodca vazia.

— Ela me odeia isso é um fato irrefutável. — Olhei pro meu melhor amigo e vi dois dele. Mas não falando pra ninguém em particular.

— Quem? Boo? E você ainda dúvida disso?

— Já *fodeu* sua mulher hoje, Lincoln? — Questionei colocando a testa na mesa.

— Já, deixei ela satisfeita e mansinha em nossa cama. E você por que diabos ainda está aqui no clube? — Olhei o relógio de urubu na parede marcando oito da manhã.

— Bonnie Portman me odeia e nem mergulhado nu em chocolate ela vai querer me ver.

— Você virou um bundão, porém, não é disso que eu vim falar. Passei na sua casa e você não estava.

Moro em um trailer² no fim da rodovia, já fazia uns bons cinco anos. A casa sobre rodas é eficiente quanto menos espaço menos bagunça eu faço.

— Os abutres mandaram um recado. — Olhei pra ele endireitando meu corpo. — Handball quer uma luta com você pelo território de Las Vegas, e você sabe se eles chegarem até aqui eles vão destruir esse lugar.

Fechei meus olhos apertando-os com os dedos.

— Marque o local e a hora. Que eu vou estar lá.

— Você não vai xingar?

— Quer que eu faça o que *porra*? Esses malditos já passaram dos limites comigo. — Soquei a mesa — , porém, se ele acha que eu vou jogar limpo.

— Se der *merda* você tem um plano B?

— Matar e pendurar a cabeça dele, na minha porta.

— Não podemos ir direto para o plano B?

— Não. Quero ter o gosto de chutar a bunda desse maldito daqui até à fronteira.

Meu amigo começou a olhar pra janela atrás de mim.

— Que foi *porra*? — Ele olhava para fora com cara de idiota.

— Nada.

Virei-me no mesmo instante. Toda maldita ressaca virou ódio em um segundo.

— Mas que *porra* é essa? Esse maldito biscoito acha que é bolacha recheada?

Capítulo 3

“ Félix”

"É por gostar de ti que não quero estar contigo. É uma emoção complicada."

Procurando Nemo



DOMINIC

Eu atravesssei a rua com uma vontade enorme de colocar minhas mãos no pescoço do maldito.

— Atrapalho? — Parei atrás da bunda deliciosa destacada no vestido de flores. — Bom dia docinho, Cookie.

— Bom dia Dom. — A voz doce fez um arrepio correr por toda minha espinha.

— Maldonado. Como eu ia dizendo... — Ele deixou claro, que eu não era bem-vindo na conversa. — ... está tudo dentro das normas, Judie cuidou de tudo.

— Eu ainda não tive tempo de ir até o escritório dela, agradecer. — Ela sorriu.

Revirei os olhos.

— Posso *te* levar lá... — Nem por cima do meu corpo apodrecido. Eu fedo e não deixo esse maldito passar!

Sabia que esse maldito biscoito mole estava esperando apenas um deslize meu. Só um... Para me mandar para a cadeia.

— Eu tenho muita coisa pra fazer, e Dominic prometeu me ajudar não é? — Estreitei os olhos, e me endireitei.

Aí tem.

— Claro, jamais esqueço de uma promessa. — Pisquei.

— Pense bem no que eu *te* falei Boo, se precisa sabe onde me encontrar...

— E que *merda* você andou falando pra ela?

— Acho que só diz respeito a nós dois, Maldonado. — Dei um passo à frente.

— Acho que não biscoito.

— Ei vocês dois? Querem parar? — Bonnie entrou na minha frente.

— Não? Vai fazer o que seu motoqueiro vagabundo? — Dei de ombros.

— Motoqueiro vagabundo, que cuida dessa gente melhor que você — debochei.

Ele ficou na defensiva. Ri.

Balancei meus braços, fazendo ele ficar mais irritado, levando a mão ao coldre.

— Quer parar? Por favor? — Dei um passo para trás e Boo respirou fundo.

— Se eu descobrir que um de vocês vagabundos fez algo a Senhora Portman ou a Bonnie eu mesmo...

Certo, tudo foi em câmera lenta, antes que ele terminasse de falar a *merda*, meu punho se chocou com o nariz dele fazendo jorrar sangue, ele revidou o soco fazendo minha mandíbula doer.

Talvez eu devesse socar esse maldito quando ele tivesse sem farda.

— Dom? — Cuspi sangue no chão, Lincoln entrou em minha frente. — *Merda*.

— Você está preso por agressão. — Ele me olhou sarcástico. Estendi minhas mãos.

— Não... Espera. Tay.. — Antes que eu pudesse retrucar o maldito bateu as algemas.

Vi meus homens se aproximarem. Os parei com o olhar. Não, queria mais ninguém do meu pessoal metido nessa *merda*.

— De um jeito nessa *merda*, Lincoln.

— Vou chamar a Judie.

Assim ele me jogou na viatura com força, aproveite bem seu *merda*!

— Então... ainda tem uma queda por Bonnie? — debochei.
Ele apertou o volante.

Encostei meu rosto na grade de proteção, entre o banco da frente e o traseiro.

— Vá se *foder* seu vagabundo.

— *Oh*, ele ainda é apaixonado por ela.

— Se você não calar a boca...

— Vai fazer o quê? Acho bom manter essas malditas algemas bem apertadas porque se eu sair, nem mesmo o diabo vai reconhecer sua alma no inferno pelo estragado que eu vou fazer.

— Quer parar *porra*?

Voltei a cantar e bater as algemas na grade. O *filho da puta* me jogou aqui dentro e começou a olhar uma revista pornô na minha frente.

— Auimaue, auimaue, auimaue, auimaue, auimaue, auimaue, auimaue, auimaue,

Auimaue, Auimaue, auimaue, auimaue, auimaue, auimaue, auimaue, auimaue,

Auimaue. Hoje à noite aqui na selva.

Quem dorme é o leão

Hoje à noite aqui na selva

Quem dorme é o leão

AUUIIIIMAUEEEEEEEEEEEEEEE. — berrei com força fazendo ecoar pela delegacia e aproveitando que ele fechou os olhos pelo meu grito eu forcei o grampo que eu tirei da beirada da cama velha na entrada da algema.

— Quer calar a boca *porra*? — Ele levantou *putinho* vindo até a grade da cela batendo o cassetete.

É válido ressaltar que a delegacia é apenas um cubículo com uma grade separando os presidiários, no caso eu, do xerife bundão.

— Se você quiser, venha calar, e garanto que *te* enforco com sua própria gravata. — Puxei ele pela gravata fazendo o rosto dele bater com força na grade da cela e soltei. As algemas fizeram um enorme barulho e caíram no chão. Sorri de forma debochada.

— Seu *filho da puta*, você abriu as algemas.

— Eu acho bom quando se eu for solto, você ficar bem longe, porque a única *puta* aqui vai ser você quando eu...

— Dom...

— Oi docinho...

— Que *merda*, Maldonado. — Meu amigo levantou o xerife do chão. Sim, ele pode ser grande, mais não é dois.

Afinal eu não precisei usar vacina de cavalo pra conseguir meus músculos.

— Onde está a minha fada madrinha?

— Em Las Vegas presa no tribunal — Meu bombomzinho informou com uma enorme carranca. — Solta ele Tay, vou pagar a Fiança.

— Ele já não é mais réu primário...

— Meu rabo, eu nunca sequer pisei em uma delegacia. Mesmo com você tentando. Espera você vai pagar a fiança, amor?

— Seus cartões estão todos aqui, na delegacia, esperto. E a única que poderia retirar você é a Judie então... Nossa bombom vai pagar. — Fechei minhas mãos em punho quando ele abraçou ela pelos ombros.

Vi quando ela assinou os papéis de soltura. Ele continuou sentado e jogou as chaves pra Lincoln. E deu meu canivete, minhas chaves, minha carteira e meu celular na mão dele.

Ficando sentadinho, afinal quem tem *cu*, tem medo.

Isso mesmo seu biscoito vencido, mantenha-se longe de mim e do meu bombom, e você vai viver mais, seu *merda*!

— Tirem esse vagabundo daqui.

— Vagabundo vai ser minha mão quebrando os seus dentes se...

— Chega Dom. — Bonnie me calou, saímos da delegacia com ela tentando me puxar pela blusa. Deixei-a pensar que tinha força o suficiente para mover um homem do meu tamanho.

Ela me olhou cansada. Olhei para trás e mostrei o dedo do meio *pro* maldito delegado e bati a porta.

— Precisa bater nele?

— Se for defender aquele maldito biscoito amanhecido, é só me levar de volta e pegar seu dinheiro de volta.

— Quantos anos você tem? — Ela perguntou. Lincoln jogou as chaves do meu carro. — Quer saber? Você é um babaca ignorante. Já são duas da tarde e eu aqui tentando ser amiga de um mal-agradecido rabugento.

Ela saiu andando. A delegacia ficava uns dez minutos da cidade, mesmo sendo perto nunca a deixaria andando por esses malditos desertos, sozinha.

— Onde você pensa que vai?

— *Pra puta que me pariu* se você quer saber. — Ela saiu andando.

Ah meu docinho de cereja você não vai não!

BONNIE

Sim, eu tinha acabado de pagar dois mil dólares em fiança. Mesmo com Dominic sendo um cretino, Taylor havia o provocado.

Eu sabia que por trás do homem debochado e amargo, tinha um cara legal.

Mais cedo quando Tay me mandou ficar longe dos anjos do inferno, percebi uma enorme rivalidade e um enorme ódio entre eles.

Meu instinto podia ser um *filho da puta* em me mandar ficar perto do bandidão, mas já estava feito, e eu já estava começando a me arrepender.

— Me coloca no chão, Maldonado! Você ficou louco?

— Auimaue, auimaue, auimaue, auimaue, auimaue, auimaue, auimaue, auimaue. — Ele abriu a porta do carona cantando a música, que eu escutei ele gritar da esquina enquanto estava lá, preso e jogou colocou no banco. — Fique feliz, até porque a minha vontade é moer essa bunda no tapa.

— Que *merda*? Querem transar arrumem um motel. — Lincoln protestou deitado no banco detrás.

— Prefiro Félix a esse *pau* pequeno! — Resmunguei afivelando o cinto.

— *Pau* pequeno meu rab... Quem é Félix? — Olhei pra ele e cruzei os braços.

— Não é da sua conta. Agora, coloca essa coisa pra funcionar, que eu tenho uma confeitaria pra inaugurar e são duas da tarde e não almocei ainda!

— Quem é Félix? — Ele virou com tudo e me olhou possesso.

— Alguém que você não conhece. — Certo eu estava sendo uma *cadela*, mas nem sob tortura eu conto quem é Félix.

— Meu *pau*. Nem namorado você tem! — Ele tem razão, porém.

Minha deusa interior sorriu.

— Até parece que *pra* gozar precisa de homem!

Ele deu uma freada brusca e Lincoln começou a tossir!

Ele me olha com ódio, dei de ombros.

— Aliás, você me deve um almoço. E de nada por ter livrado esse seu rabo encrenqueiro do xilindró.

Quando chegamos na cidade, vi o cabelo de abuela de longe, ela estava. Aflita na frente da confeitaria.

— *Gracias a Dios* — Ela enrolou os idiomas e abraçou Dominic assim que saímos do carro, Lincoln foi direto *pro* bar de Dominic, e piscou pra mim.

Prometi por telefone a Judie jantar com eles hoje. Ela surtou ao saber que Dominic havia sido preso, já que ele tinha problemas indiretos com as autoridades.

— Foi horrível, abuela. — Ele se fez de vítima, abuela abraçou ele com força.

— Imagino querido. *Oh* meu bem, você é um tesouro. — Ela me puxou abraçando a nós dois.

Claro que sou.

Já disse que eu me arrependi de ter solto esse idiota?

Depois de almoçar um sanduíche, e tomar um copo de suco fui para o meu escritório, como planejei ele é todo decorado com quadrinhos e cheio de plantas, cactos e suculentas. Havia uma prateleira com todos os meus livros de receita.

Meu diploma em um lindo quadro com madeira branca, e alguns outros de cursos com chefes de renome na gastronomia.

No cantinho, uma prateleira de plantinha, com fotos minhas, de abuela e abuelo, juntos.

Sentei na minha cadeira branca e passei a mão sobre o tampão de vidro.

As paredes com um papel de parede em azul pastel. Meu lustre em forma de brigadeiro na mesa deu um charme a mais.

O sofá de couro falso tingido em amarelo, deu um ar descontraído.

Dei um giro trezentos e sessenta graus, e fechei meus olhos respirando o cheirinho de flores. Havia ficado melhor do que havia imaginado. Abuela me proibiu de entrar na cozinha industrial, e ver o resultado, pois, ainda faltavam algumas máquinas que chegarão hoje.

Se abuelo Calisto me visse agora, daria risada, pois, estou tão orgulhosa de mim mesma.

— Que isso?

Quando abri meus olhos, Dominic estava bem na minha frente. Antes que pudesse me afastar ele me segurou.

— Obrigado bombom. — Meu corpo ficou arrepiado, ele começou a se aproximar fechei meus olhos, feito uma adolescente boba.

Ele riu.

Antes que abrisse meus olhos e metesse a mão na cara dele, ele deixou um beijo no cantinho dos meus lábios e me soltou trêmula. Me afastei.

— Co... Como você entrou?

— Pela porta, amor. — Deu de ombros e sentou no sofá e passou a mão no couro falso. — Amarelo-ovo?

Intacto, ele me olhou com aquele olhar cretino, como se não tivesse acabado de deixar um beijo no canto da minha boca.

Involuntariamente, passei a língua pelos lábios, que não passou despercebido por ele.

Suspirei.

— Não vou perder meu tempo em elaborar uma resposta, Sr. Incrível. — Ele me olhou e riu, fazendo o som causar arrepios em minha espinha, sentei na cadeira e cruzei as pernas, sim, ele estava olhando-me deixando excitada só com o olhar, os malditos olhos azuis, tinham uma maldade satírica característica, no fundo, consigo ver um homem brincalhão capaz de me fazer gozar só com a voz.

— Abuela foi à Vegas na Mary Janne, se recusou a ter uma carona. — Revirei os olhos, Mary Janne, nossa amada lata velha, a caminhonete vermelha caindo aos pedaços era o amor da abuela, nunca a deixou na mão, já eu? Morreu dezenas de vezes comigo. — Agora, meu bombomzinho, vamos ao que interessa, quem é esse maldito Félix?

Capítulo 4

"DOM GOSTOSÃO 1 X BISCOITO BUNDÃO 0"

" — *Tá legal, já chega. Desonra! Desonra pra toda a sua família.
Pode anotar aí. Desonra pra tu. Desonra pra tua vaca!*"

Mushu Filme Mulan



BONNIE

Ele estava sentado na minha frente, colocou os pés sobre a mesinha de centro, talvez tenha sido uma péssima ideia olhar entre as pernas dele. Quando eles a dobrou, elas apertaram e um volume consideravelmente assustador ficou em evidência.

Eu tinha tido um péssimo dia. Respirei fundo.

— Você realmente não vai querer saber. — Fingi desinteresse.

Ele olhou de forma debochada pra mim, revirei os olhos novamente e me sentei, vi quando ele olhou para as minhas pernas.

— Você sabe que eu vou descobrir não sabe? — Ele colocou os braços atrás da cabeça.

— Tente a sorte. — Eu sabia que eu estava cutucando ele, entretanto, não ligo.

— Esse cara vai ter que pisar na minha cidade uma hora ou outra. — Dom fechou os olhos.

— Ele não vem até mim, eu vou até ele. — Ele deu um pulo do sofá. Se eu estava sendo uma *cadela*? Sim, porém, em momento algum eu disse que Félix é um homem, ele está deduzindo por conta própria.

— Você realmente virou esse tipo de mulher? — Dei de ombros.

— O quê? Uma mulher que goza quando quer? — Sim, não me pergunte como, no entanto, estou hoje mais corajosa que nunca,

ele me olhava com um brilho no olhar. — Não vamos ser hipócritas, porque você não é nenhum virgem em castidade.

Ele pareceu concordar. Alguma coisa passou pelos olhos dele.

— Então você precisa da minha ajuda? — Ele estava visivelmente incomodado com o assunto, ele parecia quer voar em minha direção, feito uma vespa brava.

Minha Deusa interior deu um pulinho, arrancou a calcinha e atirou na cabeça dele e ainda saiu rebolando, fez um espacate e ainda virou as pernas no ar mostrando nossa depilação em dia *pra* ele, e o chamado ego divino às vezes, me ilude e bate palmas.

— Posso fazer uma pergunta? — Mudei de assunto, sabia que estava pisando em território desconhecido e perigoso, embora Dominic tivesse complexo de Sr. Incrível tenho plena ciência que ele é perigoso. — Se não quiser responder, tudo bem.

— Diga bombomzinho. — Ele pareceu interessado no assunto.

— Você e seus homens realmente matam pessoas? — Mordi a caneta, ele me olhou desconfiado por um mísero segundo.

— O que você acha? — O olhar dele mudou, ele me olhou de forma sombria. — Quer realmente saber?

Afirmar, mordi novamente a caneta. Ele se levantou e foi até à janela. Abriu e tirou um cigarro do bolso.

Franzi o nariz.

— Quando meu pai deu a vida por Maximus e ambos morreram... — um arrepio percorreu minha espinha, Maximus sempre foi gentil com todos mesmo sendo o típico motoqueiro rude, foi chefe dos Anjos do inferno desde que eu e minha família

chegamos aqui. Nós da cidade nunca soubemos o que realmente aconteceu, com o pai de Dom e os homens mais velhos do clube. — Eu fui até os abutres loucos, invadi todos os sistemas de segurança, e matei um a um... Quando decidi ir para Líbia em 2011 eu já tinha sangue em minhas mãos, muito antes... É desde então foram dezenas de homens mortos, sou o Batman dessa cidade. — Mordi meu lábio.

As palavras de Taylor fizeram um arrepio cruzar minha espinha.

" — *Me prometa que vai ficar longe dos anjos do inferno, estou cansado de enterrar desconhecidos, não quero enterrar um conhecido.* "

Ele riu e piscou me tirando do déjà vú, tentando quebrar o clima.

Mesmo odiando o cheiro de cigarro me aproximei dele.

— Não precisa falar... Eu fui uma intrometida... Me desculpa. — Ele lançou o cigarro apagado pela janela e se virou. — Eu confio em vocês. Só... Fique longe do Taylor. — Nem Sob tortura contaria a ele sobre minha conversa com Tay.

— Você gosta dele, não é? — Bufeí e me afastei.

Gosto de você seu, encrenqueiro.

— É ele que eu ajudei? É com ele que eu estou conversando agora, Sr. Incrível? Eu quero ser sua amiga... — ele parou atrás de mim. Sem encostar em mim, consigo sentir o calor do corpo dele.

— Certo, amiga. — Ele debochou. — Eu não costumo ser amigo de mulheres, você sabe aquele lance de *foder* e ir embora? Pois, é eu sigo à risca. Mas me diga... Em que quer minha ajuda, best?

Me sentei na cadeira, tentando não mostrar o quão chateada fiquei.

— Eu... — respirei fundo. — Bom... Eu comentei com Lincoln e Judie no mês passado sobre a inauguração, abuela pretende fazer um bolo de cinco metros e servir na cidade... — Ele pareceu se interessar. — E como a inauguração é sábado... Não é bem uma ajuda... Eu queria perguntar se os seus homens... *Hum...* Quem quiser, é claro... Pode nos ajudar a distribuir, algumas crianças do serviço social virão...

Ele riu, e concordou.

— Comida de graça meu bombom, eles deitam no chão se você quiser passar. Nós não somos tão ruins assim, Bonnie. Às vezes os verdadeiros vilões das histórias são os mocinhos de gravata. — Piscou maldoso.

Engoli em seco, eu sei a quem ele está se referindo.

Segundo abuela pessoas mudam, olhei o homem de quase dois metros de puro deboche à minha frente, e pedi aos céus, para que abuela não estivesse errada.

DOMINIC

— Vamos ter que usar luvas e toquinha, chefe? — Me ajeitei, havia sentado sobre o balcão do bar para dar a notícia da boa ação aos meus homens, mesmo torcendo o nariz eles toparam.

É uma ótima oportunidade para colocar meus homens em contato direto com a cidade, e esfregar minha bunda na cara do maldito biscoito mofado.

Saí do escritório de Boo com dois propósitos, descobrir quem é maldito Félix e, por que diabos Bonnie está interessada no clube.

Algo me dizia que tinha dedo do xerife bundão, porém, Boo é boa demais pra cair em qualquer pré-julgamento algo me diz, que ela quer provar ao xerife bundão que ele está errado sobre o clube. Errado ele não está, porém, Bonnie não precisa saber disso.

Meus homens estavam sentados nas mesas, e me olhavam com cara de paisagem. Atualmente meu clube conta com quarenta e cinco membros, desses quarenta e cinco metade são ex-presidiários que ressocializei. E a outra metade, velhos e bêbados que tiveram uma segunda chance.

Embora tivessem muito mais frequentadores que esses quarenta e cinco homens, eles matam e dão a vida uns pelos outros se necessário.

— Vocês vão ajudar Bonnie no que ela precisar, sem olhares ou piadas, caso contrário... — girei meu canivete nos dedos e abri com facilidade passando ele simbolicamente no pescoço. — Por hora vocês vão vigiá-la vinte e quatro horas por dia, cada passo que dona Carmen der e se houver movimentos estranhos em torno delas vocês vão me avisar, Thomas. Carniça e Feijão, vão à Las Vegas em meia hora quero a cidade inteira sabendo da inauguração. Se algo der errado ou ver uma pena de abutre rondando essa cidade, vou pendurar um pôr um no Grand Canyon West e vocês vão ver o sol nascer mais de perto. FUI CLARO?

Desci do balcão.

— Não foram ainda porque, *porra*? — Um a um saiu do bar, deixando Lincoln sentado no sofá no canto do clube.

O barulho das motos fez com Boo olhasse pela janela. Sorri, ela não podia me ver, mas eu podia.

— Então vocês são amigos agora? — Ele debochou.

— Ela pensa que é minha amiga, eu e meu, *pau* temos outra ideia. — Ele balançou a cabeça.

— Se ela descobre que você desconectou os fios do carro enquanto ela falava com aquele padre, você vai ser tudo, menos amigo dela.

Gargalhei.

— O que os olhos não veem, Bonnie não descobre — sim, eu tinha me atrasado, porém, em minha defesa, passei à noite toda em frente ao maldito computador tentando resolver os problemas da boate em Vegas.

— À noite não vou vir. — Ele informou.

— Posso saber o motivo da ausência da madame? — Pulei o balcão e peguei uma garrafa de gim da prateleira.

— Eu e Judie vamos ter uma visita.

— Quem?

— Se não disser, você vai saber do mesmo jeito. Bonnie e Judie vão cozinhar hoje. — Comentou.

— Ótimo, já sei aonde vou jantar hoje. — Virei um gole do gim e estendi a garrafa para ele.

— Se ela souber vai querer a minha cabeça.

— Ela não precisa saber que você me convidou.

— Mas eu não convidei.

— Esse é o espírito meu amigo, esse é o espírito.

Olhei-me no espelho, coloquei um boné tentando disfarçar meu cabelo, mesmo depois de passar a mão várias vezes ainda insisti em ficar em pé.

Peguei a garrafa de vodka na geladeira vazia, que nesse momento acaba de decretar falência, com apenas uma garrafa

d'água e uma maçã seca.

Meu clube geralmente é movimentado à noite, e depois de Lincoln, Matusueda é meu homem de confiança, o velho barrigudo de quase setenta anos via tudo e sabia de tudo. Meu clube nunca ficava só. Então já que eu não estarei lá, ele é uma ótima opção.

Sai do trailer, tinha planos para a garrafa de vodka, joguei ela no banco de trás, ao lado da torta, que eu pedi a abuela Carmem, provavelmente Bonnie saberá que aquela torta é da abuela, porém, como nunca tive um pingo de vergonha e não seria agora que teria.

Talvez eu tivesse exagerado no perfume, sorri pro espelho.

A casa do meu amigo, fica em Vegas, desde que ele casou com a minha fada madrinha, a decisão de se mudar, não afetou em nada nossos negócios.

Embora ele não se envolvesse mais em nada ilegal, já que a esposa é advogada e todo aquele papo de ética, ainda assim ele é meu braço direito, cuida dos meus hotéis e boates em Vegas.

Acelerei meu Mustang pela rodovia escura.

Sorri para o espelho.

Quando encostei na casa de Lincoln, não vou negar, meu estômago roncou senti o cheiro de frango de longe.

Desci do carro e com cuidado peguei a torta, ajeitei meu cabelo, tirando o boné e joguei no banco de trás.

Abri o portão, a típica casa de cerca branca brega pra um cassete, me recuso a morar em uma casa com cerca branca, e com um jardim cheio de girassóis.

Me encostei no batente da porta e meti o dedo na campainha com gosto.

— Já v... — O tiro que eu levei no coração ao ver aquela Deusa, me levou ao céu. Com o cabelo solto e molhado, ela vestia uma roupa totalmente indecente, eu e meu *pau*, fomos enviados aos céus e um anjo veio nos receber, a pele negra brilhante, parecendo que tinha passado algo, ela cheirava a flores e chocolate.

Porra.

— Desculpem o atraso, o trânsito estava infernal. — Passei por ela usando o pouco de dignidade que me restava, e estendi a torta em sua direção, mesmo me dando as costas percebi o sorrisinho dela.

DOM GOSTOSÃO 1 X BISCOITO BUNDÃO 0

— Cínico — ela resmungou.

— Oi, amor. — Ela tentou esconder o sorriso. Eu estou irresistível.

— Oi, Dominic. — Ela respondeu mal-humorada.

— Dom? — Judie veio me abraçar. — Se você fizer algo e magoar Boo de novo eu amarro você no seu próprio carro e *te* arrasto até o fim da estrada. — Ela me beliscou e resmungou assim que Boo passou por nós. — Quanto perfume você passou? Dois frascos?

— Oi Judie, obrigado, eu também estou bem, aquele xerife é um bundão.

— Você nunca vai tomar jeito? — Ela me arrastou, Lincoln estava sentado no sofá. Me joguei ao lado dele.

— Brother! Obrigado pelo convite — falei em alto e bom som.

— Seu *porra*. Judie vai arrancar meu couro.

— Só se for o couro do seu *pau*. — Ele gargalhou. — Gustave Mitchell deixou um recado *pra* você no hotel. — Ele comentou sem tirar o olho do filme ridículo que passava na televisão.

— Abracadabra? O que ele disse?

— Parece que Gael está entrando nos trilhos, Annie ou Anna, algo assim o nome da santa milagreira. Entretanto, o *boca de trapo* pediu sigilo perante as informações.

Gargalhamos.

Ele me estendeu uma cerveja, tirei meu canivete do bolso e antes que ele estendesse o abridor bati o canivete, fazendo a tampinha pular em cima da mesa de centro. Ele revirou os olhos.

Conheci os Irmãos Mitchell na Líbia em 2011, desde o lance com a mulher que abandonou meu amigo ele nunca mais foi mesmo. Mesmo sendo um *porra* louca, ele mais do que ninguém merece ser feliz.

— Eu posso *te* ajudar, ele é incrível...

— Quem é incrível, Bonnie? — Me virei assim que ela falou. Ela e Judie colocavam alguns potes de vidro na mesa.

— Félix. — Judie me olhou com uma cara diabólica. Senti meu sangue descer no pé, no meu dedo mindinho.

— *Porra*? Precisa cuspir? Judie me fez lavar esse tapete hoje *porra*.

Capítulo 5

" Maldonado desesperado pedem medidas desesperadas."

*"Que importa o mal que te atormenta, se o sonho te contenta e
pode realizar-se?"*

Filme Cinderela



BONNIE

Depois que Maldonado saiu da confeitaria, me concentrei nos papéis e nas ideias pra vitrine, fiz alguns desenhos de bolos para exposição.

Quando abuela voltou da cidade, escutei Mary Janne peidar de longe e uma fumaça preta subir. Ela saiu tossindo da caminhonete e bateu na lataria, sai do escritório e ao passar pela porta o sino fez um barulho, chamando atenção dela.

— Quase me deixou na mão sua sucata. — Ri e encostei no poste, abuela abriu a lataria. E uma enorme fumaça subiu. — Precisamos arrumar você *minha hermosa*.

— Ela precisa se aposentar dona Carmen. — A abracei. — Onde você comprou tudo isso abuela?

Haviam várias sacolas cheias de frutas.

— Seu Eptácio estava com a barraca na estrada, não resisti. — Riu. — Vamos pra casa meu bem? Chega por hoje, afinal você tem um jantar com os meninos e eu um encontro *caliente* com meu tigrão. — Gargalhei.

— Está quase pronta abuela, nosso sonho. — Encostada na Mary Janne, abuela me abraçou.

— Nosso sonho virou realidade querida, sábado será um sucesso. — Amanhã já é sexta, o último dia, eu e abuela passaríamos o dia todo na cozinha.

Algumas senhoras se ofereceram para ajudar, no entanto, meu maior medo é de não vir ninguém. Respirei fundo.

Vai dar certo!

Precisa dar certo.

Depois de me certificar que tranquei tudo. Eu e abuela fomos embora, abuela simplesmente socou água no radiador da Mary Janne e bateu o capo, fazendo um barulho enorme, os comércios locais, uma farmácia e um mercado no final da rua já estavam fechando quando passamos deixando um rastro de poeira.

A cidade parece uma pequena vila com um comércio pequeno, onde a maioria dos imóveis são casas de senhoras de idade, fofoqueiras.

Quando chegamos à nossa casa, a nova paixão de abuela estava sentada na cadeira de balanço em sua casa e nos cumprimentou com um sorriso e um aceno de mão.

— Vai lá velha assanhada. — Dei um beijo estalado na bochecha dela. — Eu guardo nossas compras.

— Vou voltar assada. — Gargalhei tirando as sacolas da caminhonete, ela tirou o potinho de Viagra da bolsa e saiu rebolando até o outro lado da rua.

Entrei com as sacolas, e com mais duas viagens até à rua coloquei todas as sacolas para dentro, é importante ressaltar que na última ida, acidentalmente olhei pra cima, e vi as tetas da minha amada abuela e um sutiã voando.

Corri pra dentro rindo. Lavei todas as hortaliças e separei em saquinhos e coloquei na geladeira. Ao som de **Sugar— Maroon 5** rebolei até meu quarto, tirando a roupa e dançando.

Fui até o guarda-roupa e peguei um vestido bege simples, peguei meus potes de creme e munida de uma gilete e uma toalha rebolei até o banheiro no corredor.

Depois de alguns minutos, estou com o cabelo hidratado todo macio e soltinho, cheirosa e com algumas batidas na pia deixei minha menina aparadinha.

Gosto de variar os modelos de depilação, dessa vez eu deixei um triângulo de pelinhos cacheados.

— Linda. — Me olhei no espelho pelada, sim isso faz um *puta* bem à saúde mental, há alguns anos eu tinha vergonha das dobrinhas, gordurinhas e estrias que apareciam. Mas hoje olhando essa pele macia e sedosa, me sinto a própria Deusa de ébano.

Rebolei minha bunda e ajeitei meus peitos, soltei meu cabelo e ele flutuou, sim, estou com uma *puta* autoestima e ninguém pode dizer o contrário.

Depois de pegar os ingredientes para um frango com legumes e uma garrafa de vinho, fechei a porta e deixei as chaves embaixo do vaso de camélias da abuela. Embora ela não fosse voltar tão cedo, pois, provavelmente ela vai jantar seu Macalister no molho belga, achei melhor deixar a chave.

Sai de casa olhando seriamente para Mary Janne. Chutei o pneu dela.

— Se você morrer, eu jogo no ferro-velho, sua coisinha horrorosa. — Abuelo Calisto comprou Mary Janne quando eu tinha uns cinco anos de idade, e ela bom nessa época já era uma senhora enxuta e madura. Ou seja, abuelo Calisto já a comprou com a morte eminente decretada.

Mesmo fazendo um barulho imenso chegamos inteiras em Vegas, quando estacionei Lin e Judie saíram pra fora, minha melhor e única amiga de infância veio me abraçar.

— Olhe pra você, não aguentava mais te ver por vídeo chamada e pelo feed do Instagram sua *vadia*.

— Oi Judie, eu também senti sua falta.

Digamos que enquanto eu tentava passar despercebida, Judie sempre foi a líder de torcida popular, que chamava atenção todos, até que um dia ela simplesmente se sentou ao meu lado e me seguiu nas duas semanas seguintes, eu era muda e extremamente tímida dava apenas um oi, o que era o suficiente pra ela sorrir de orelha a orelha e me seguir aonde fosse.

Mary Janne fez um barulho horroroso. Lin gargalhou.

— Sem dar um pio. — Eu ameacei, ele me abraçou. — Vamos cozinhar? — Me animei, Judie me arrastou para dentro da casa, parece que estou em uma casa de bonecas, delicada e bem-arrumada que não combinava com o homem todo tatuado e folgado que colocava as sacolas na mesa.

— Senti sua falta. — Ela me abraçou, depois de me mostrar toda a casa ela me arrastou até à cozinha e colocou Lin para descascar os legumes. Fiz o molho e ela picou nosso frango em cubinhos.

— Isso está cheiroso *pra porra*. — Judie deu uma colherada em Lin que abriu a panela de arroz fresquinho. — Aí.

Ela deu um beijo nele e ele foi em direção a geladeira tirando de lá várias cervejas, jogou uma *pra* mim e logo abri. Dei um gole e entreguei para a Judie.

Assim, como nossa primeira vez bebendo bebida alcoólica, rimos. Compramos uma cerveja no mercado, escondidas, e tomamos atrás da casa da dona Lúcia, a velha nos delatou a abuela Carmen e aos pais da Judie, abuela apenas riu e teve uma conversa

séria conosco, sobre bebidas e garotos, já os pais de Judie viraram as costas, e como sempre estavam ocupados demais para a própria filha.

— Vocês são loucas. — Ele saiu da cozinha.

— Agora me conte o Maldonado já fez você surtar? —

Revirei os olhos.

— Eu quero beijá-lo e matá-lo ao mesmo tempo.

Ela riu.

— Perigoso, conte-me mais. — Sentamos nas banquetas da bancada enquanto o frango cozinhava.

— Eu achei que eu tinha esquecido aquele encenqueiro, mas ele ainda usa o mesmo perfume. — Suspirei. — Eu ainda sou apaixonada no bandidão.

— Só tome cuidado, amiga — concordei. — Não quero *te* ver magoada novamente como há alguns anos. Ele pode ter mudado, a mente de moleque, entretanto, agora é um homem influente e perigoso, aquela cara de vagabundo maltrapilho é apenas fachada.

— O que...

A campainha tocou e o frango cheirou.

— Olha o frango que eu abro a porta — Falei indo em direção a sala, da porta eu vi que Lin nem se moveu na intenção de ir até à porta.

Ela pulou da cadeira e foi em direção ao fogão.

— Já v... — Minha voz morreu, ao perceber que Dominic estava encostado na porta com um maldito sorriso destruidor de calcinhas e me olhando malicioso.

O maldito olhar de cobra, aquele olhar sedutor destruindo as minhas estruturas.

— Desculpem o atraso, o trânsito estava infernal. — Tentei esconder meu sorriso mordendo os lábios, como diabos um homem tão cínico como ele pode ser sexy e totalmente atraente?

— Cínico. — Mordi a língua.

— Oi, amor. — Ele disse de forma lenta fazendo a minha calcinha molhar.

— Oi, Dominic. — Ótimo agora eu tenho uma calcinha molhada, sim eu realmente sou uma virgem que deseja sentar nesse homem como se não houvesse amanhã.

— Dom? — Judie pulou nele e ele deu um sorriso sarcástico *pra* mim, o maldito nem precisa tocar em mim, Deus! Imagina se me tocar? Deixei os dois para trás pegando a torta da mão dele, sim abuela havia feito, conheço o cheirinho de longe. — Quanto perfume você passou? Dois frascos? — Escuto Judie falar com o sínico do Dom.

— Oi Judie, obrigado, eu também estou bem, aquele xerife é um bundão.

Revirei os olhos, sim, ele tinha que tentar ofender Taylor.

— Você nunca vai tomar jeito? — Ela voltou para a cozinha e vi quando ele se jogou no sofá.

— Brother! Obrigado pelo convite. — Revirei os olhos, como diz abuela, cu e cueca.

Eles gargalharam de algo feito dois corvos.

— Esses dois ainda vão me dar problemas — Judie reclamou.

— Eles são o problema. — Coloquei um tomate na boca. Rimos.

— Lin comentou sobre alguém chamado Félix. — Ela me olhou toda diabólica. Sim, ela sabia quem é o Félix, afinal fomos juntas ao sex shop há alguns anos.

— Não me diga que você não usa mais o Chris Evans? — Ela gargalhou.

— Lin me fez trocar o nome, por Lincoln Júnior. Eu quero algo novo, aqueles modelos que eu *te* enviei sabe. Adorei aquele em formato de coelhinho, mas Lin quer aquele do controle remoto.

Terminamos, de organizar as travessas de vidro. E levamos para a mesa.

— Eu posso *te* ajudar, ele é incrível... — Sim, eu tenho um vibrador, que é possível controlar pelo celular. Félix foi um dos primeiros modelos. E adivinhem quem eu imagino controlando aquele negócio?

— Quem é incrível, Bonnie? — Mordi a língua por falar alto demais.

Antes que eu pudesse impedir Judie de falar ela praticamente espirrou veneno nele.

Cobra criada.

— Félix. — Ele cuspiu toda cerveja.

— *Porra?* Precisa cuspir? Judie me fez lavar esse tapete hoje *porra*. — Lin protesta.

— Até aqui você precisar falar dos seus machos? — Dom esbraveja.

Ok, isso ofendeu.

— Você é ridículo, cara. — Eu dei as costas voltando pra cozinha. Pegar a salada.

— Ridículo? — Sim, ele veio atrás de mim feito uma vaca brava.

— Eu não vim aqui para ter que aguentar seus surtos. — Peguei a salada.

— E onde no inferno ter que aguentar você falar desse *porra* é um surto?

— Ei, pessoal. Vamos deixar a vida sexual da Boo de lado e vamos comer porque estou com fome. — Lincoln nos tirou da bolha penetrante de olhares e farpas arrancando a travessa de salada das minhas mãos.

O jantar foi regado por muitos olhares cúmplices entre mim e Judie, e claro se Dom pudesse ele realmente atravessaria a mesa e me obrigaria a falar sobre Félix.

Conversamos e rimos, embora Dominic me olhasse de forma cínica e debochada, respirei fundo.

— Estava uma delícia, meninas. — Lin piscou.

— Dá *pro* gasto. — Dominic me olhou diretamente me alfinetando.

— Coma pedra então. — Dei de ombros sem me abalar, eu sabia que nem sob tortura ele ia admitir que tinha ficado bom.

— Vou ao banheiro. — Ele arrastou a cadeira, sem um pinga de educação.

— Mal-educado. — Ele deu o dedo do meio pra mim em um ato totalmente infantil e sumiu no corredor.

— Que tal cortamos a torta e servir o sorvete? Antes que vocês se matem? — Levantamos da mesa e quando fui recolher os pratos Lin me impediu.

— Deixa aí, gatinha. — Ele olhou pra fora. — Deixa que eu faço.

Ele me empurrou pra cozinha, sim me empurrou.

Dei de ombros.

DOMINIC

Passei pela janela do banheiro, quase sendo partido em dois eu consegui passar. Tirei o canivete do bolso e fui em direção a cerca.

— Que *porra* você *tá* fazendo, Maldonado?— Lincoln colocou a cabeça pra fora da janela do banheiro e tentou falar baixo.

Pulei a cerca e fui até meu carro, meti o canivete no pneu, com uma imensa dor no coração.

— Me desculpe, querido. Papai te ama. — Fiz um furo o suficiente para esvaziar apenas o necessário para pegar uma carona com Boo e Mary Janne.

Beijei a lataria do meu carro e voltei pela janela do banheiro.

— Sai daí seu *porra*, me deixa passar. — Peguei na parte de cima da janela e joguei meus pés *pra* dentro.

Sim, estou *puto* com essa maldita história de Félix. *Porra*, ela nunca mostrou a vida dela o suficiente para que eu conseguisse ver alguém na vida dela, porém, se tem alguém essa noite ela esquecerá o maldito.

Saímos do banheiro, e voltamos à sala no exato momento em que elas voltaram com as sobremesas.

Sorri pra Bonnie, ela revirou os olhos.

Mandei um beijinho pra ela, e ela fez cara de nojo.

— Quem quer sorvete com torta?

Quero comer aquela torta e lambar aquele sorvete em outro lugar, de preferência no meio das pernas dela.

Porra, Maldonado desesperado pedem medidas desesperadas.

BONNIE

Abracei Judie enquanto Dominic e Lin estava perto do carro dele.

— Inferno. — Ele voltou *puto* da vida.

— O que foi, Dom? — Judie perguntou. Mordi a língua e fiz cara de paisagem.

— Meu pneu está murcho, *porra*. Eu devo ter furado na estrada. *Merda*.

— Pega meu carro, mano. — Lin ofereceu.

— Caminhar faz bem à saúde. — Ele piscou e jogou as chaves do carro. — Amanhã eu mando mosquito vir trocar o pneu. Boa noite, senhora. — Beijou a mão da Judie. — Senhorita. — Piscou pra mim.

Não.

Não.

Não.

Você não vai oferecer carona. Minha razão se negou.

Vai sim. Minha Deusa interior fez cara de safada e tirou a calcinha mostrando nosso triângulo de cachos.

— Ei, Maldonado? — Fui atrás dele, ele já estava atravessando a rua. — Eu posso *te* dar uma carona, se Mary Janne não nos matar sufocados no caminho.

— Não precisa, eu sei me cuidar. — Se virou e se mexeu de forma engraçada. — Mas obrigado. — E voltou a caminhar.

Ele não quer. Problema dele.

E se ele for morto por coiotes? Assassinado? Comido vivo por lobos? Ou ser for atropelado.

— Ei, por favor. Eu não vou *te* matar. Abuela nunca me perdoaria se souber que *te* deixei andando sozinho por aí à noite, sua casa é perto? Por favor. Talvez você consiga chegar lá amanhã.
— Apelei. Puxei a jaqueta de couro dele. — Aceita logo a *merda* da carona senão eu mesma passo em cima de você com a Mary Janne.

— Sua delicadeza me encanta, bombom.

— Aceita a carona cara, custa? — Lincoln abraçou a Judie que olhava de forma estranha pra Dom.

— Se eu não aparecer nas próximas doze horas, vão à delegacia e denunciem ela por sequestro... Não... Melhor deixar quieto. O cream cracker² vai agradecer.

Revirei os olhos pelo drama todo.

— Não faça eu me arrepender, Dominic.

Capítulo 6

"Glórinha, Menta e Chocolate"

"Você pode ter, beleza e poder, muita sofisticação, mas o importante é mesmo o coração."

Cinderela 2 Os Sonhos Se Realizam



BONNIE

Mary Janne fez um barulho imenso. Os faróis poderiam cegar qualquer um, de tão forte.

Ele está de olhos fechados, com os pés cruzados no painel e mordendo um palito de dente e segurando uma garrafa de vodka.

Sim, em apenas quase três dias nessa cidade já senti vontade de matá-lo, tirei ele da cadeia e ainda agora estou dando uma carona.

— Eu posso te deixar em casa. — Tentei argumentar quando chegamos à frente da minha casa, estacionei Mary Janne.

— Eu posso ser um imenso vagabundo, mas jamais permitiria que você voltasse sozinha por aí. — Piscou e desceu da Mary Janne. Fiz o mesmo. Abri o portão e olhei pra ele.

— Vem, vamos dividir essa garrafa. — Vi a personificação da libertinagem no olhar dele, revirei os olhos.

— Como quiser madame.

Ele fez uma reverência idiota me fazendo passar na frente dele.

Ele praticamente se jogou no degrau da escada e abriu a garrafa com o canivete.

— O quê?

— Você é completamente maluco. — Sentei-me ao lado dele. O céu está azul e estrelado.

— Abuela realmente está comendo o velho vivo. — Ele riu virando a garrafa. Ele balançou a cabeça com força em direção a

casa do outro lado da rua e me estendeu a garrafa.

Virei em um gole.

O líquido desceu queimando minha garganta.

— Você já bebeu? — Ele me olhava incrédulo.

— Já fui universitária com complexo de solidão. — Dei de ombros.

— *Porra*. O que diabos você fazia na faculdade? — Ele tomou a garrafa e virou mais um gole.

— Na maior parte do tempo estudando. — Ri. — E você pensa em um dia estudar? — Deitei-me na escada imitando sua posição fazendo meu vestido subir pelas minhas coxas sentindo o álcool fazer efeito, talvez o céu estivesse com duas luas, mais só talvez.

— Já estudei bombomzinho. — Olhei pra ele. — Hortelaria¹.

— Está brincando? — Tomei a garrafa da mão dele. — Meu Deus que incrível.

DOMINIC

Os olhos dela brilhavam ao olhar *pra* mim. Ela me olhava empolgada, não vou mentir me senti o cara mais desgraçado e sortudo do mundo.

Nunca ninguém havia me olhado daquela forma. Ela parecia uma pipoquinha bêbada.

Talvez ter me formado há alguns anos apenas para usar os hotéis como fachada fosse uma ótima ideia, porém, ao ver o sorriso dela me senti um verme. O próprio coró² lânguido em cima da carniça.

— Qual é? Achou que eu ia rir da sua cara? — Perguntei desinteressada tomando a garrafa da mão dela e virando mais um

gole. — Embora eu *te* ache um bandido, vagabundo isso é incrível, o importante é o conhecimento. Conhecimento é poder! — Ela estirou o braço pra cima e tomou a garrafa da minha mão virando.

Gargalhei.

— A vida é cheia de complexos bobos, embora eu sinta que a sua faculdade não tem nada a ver com o conhecimento, acho legal.

— Ela comentou.

— Como você sabe, bombom? — Ela riu, *porra* tinha uma maldita covinha, do lado direito do rosto que fez estragos em meu coração, já estragado.

— Olha pra você, provavelmente seus hotéis e boates só tem seu nome e no mínimo você vai lá *pra* transar com alguma loira boazuda. — Ela disse normalmente. — Espera vou pegar algo pra gente.

Ela se levantou e se apoiou no pilar. Fechei meus olhos, talvez tenha se passado alguns minutos. Quando senti um litrinho bater em meu peito.

— Que *porra* é essa? — Peguei o barilzinho com líquido azul. — Co... ro... te.

— Corote. — Ela se sentou do meu lado abrindo uma garrafinha azul, só que a bebida é vermelha.

— Que *porra* tem aqui dentro, mulher? — Juro que me senti bebendo gasolina pura. — *Uhl*.

— Bebidinha extremamente deliciinha para porres históricos. — Ela fez uma enorme careta ao virar o vidrinho. — Repete comigo *pokerface*, corote.

Estou me alcoolizado com a única mulher que provavelmente minha mãe aprovaria *pra* ser sua nora, pensando que depois de

tanto álcool meu pau nem subiria.

— Vai logo. — Ela virou mais um gole.

— Não. — Eu estava vendo duas caixas, *porra* a caixa estava chorando? Fez barulho.

— Você é um homem ou um rato? — *Porra* que mulher gostosa.

O que era pra eu fazer...?

— E ser for uma bomba? — Cutuquei a caixa de papelão, ela fez outro barulho.

Tirei a arma das costas.

— Abaixa isso aí seu doido. — Ela entrou na minha frente, ergui a mão para os céus.

— Abre você então.

Já são quase quatro da manhã em algum momento um carro passou e colocou a caixa na calçada, ou foram dois carros?

Porra por que tem dois Corollas na minha frente?

— Você tem uma bunda deliciosa. — Guardei a arma e bebi mais um gole do corote. Por que diabos ando armado se nem balas eu tenho?

Porra nunca se sabe quando vai precisar de uma arma descarregada, ela pode servir *pra* fazer uma...

— Ajude-me aqui seu banana. — Ela abriu a caixa e dois olhos brilharam.

— *Porra* Boo é um dog. — O cachorrinho gritou de medo, levei a mão na caixa e ele chorou. Ela pegou o cachorrinho.

— Amor? — Ela falou doce.

— Oi?

— Você não idiota, o cachorrinho. Oi amorzinho.

— Somos pais do cachorrinho agora? — perguntei animado.
— Que tal Júnior?

— É fêmea, vamos sair da rua. — Ela quase tropeçou na calçada. Segurei-a pelo braço.

— Eu quero muito *te* beijar. — Ela olhou dentro dos meus olhos, ela fechou os olhos e eu me aproximei. — *Porra* mulher. — Afastei-me soltando ela, a cadelinha lambeu minha boca.

Sim, a bruxinha reencarnada ergueu a cadelinha e ela lambeu minha boca.

— Que tal Glória?

— Glória? — Entramos na casa e ela abriu a porta, espera ou foi contrário. *Porra*. Minha cabeça está pesando *pra caraio*. Joguei-me no sofá.

— Abuela sempre tem comida de cães e gatos, para os pidonhos que aparecem na porta. — Ela sumiu deixando a coisinha magrelinha e cinza comigo.

Ah coisinha tremia toda. *Porrinha* louca.

— *Porra*, o papai te ama lindinha.

BONNIE

Minha cabeça doía, abri e fechei meus olhos.

Meu Deus!

Jantar, carona, bebida, cachorro... CACHORRO?

— Aí!

Isso foi um latido? Estiquei meu corpo no chão.

— Bom dia, amor. — Abri meus olhos, *porra*, Dominic está na minha frente só de cueca com uma caneca de café e carregando um cachorro? — Dá bom dia *pra* mamãe, filha.

A coisinha cinza latiu.

Foi como em um filme, acordando praticamente nua com o gostosão protagonista.

MEU DEUS.

Fechei meus olhos, ele está de cueca no meu quarto.

— Não amor. Não transamos, acalma seu coração, eu dormi no sofá. Glória dormiu com você e foi me acordar agora de manhã. Somos papais, bombom.

— Isso só pode ser um pesadelo. — Levantei-me do chão.

— Seu seio está de fora amor. — Olhei pra baixo e minha menina escapou do sutiã de renda.

Dei de ombros.

Quer saber? Que se *foda*.

Guardei meu seio dentro do sutiã na maior tranquilidade.

— Precisamos de um petshop. — Ele disse, e soltou a diabinha magrela, ela serpenteou até meus pés. Ela parece magrinha demais para um filhote.

— E de um veterinário. Ela vai morar comigo bandidão.

— Comigo.

— Você não cuida nem de você mesmo seu coiso. — Beijei focinho da Glórinha.

— Ok, mas eu venho todos os dias, e vou comprar roupinhas pra ela.

— Imagina quando você for pai. — Um brilho passou por seus olhos, ele sorri sem graça.

— Sempre quis ter um dog e ter filhos... — Ele me olhou e sentou na minha cama. — Seu cabelo está em pé.

— *Porra*. — Soltei Glórinha que serpenteou por cima da cama.

— Isso faz de nós o quê? — ele perguntou.

— Amigos pais da Glórinha.

— Só amigos?

— Amigos.

— Certo, amigos. — Ele deitou na minha cama e me estendeu a caneca de café. — Sinto muito pelo lance da bebida. Não quis *te* deixar sozinha.

— Sei, você não aguentou nem chegar na porta.

— Ponto. — Ele riu. Tomei o café.

— Você que fez? — Ele riu.

— A cafeteira. — Ele puxou a cueca fazendo um volume consideravelmente assustador saltar na cueca. — Não me olhe assim, eu durmo pelado, essas *porras* apertam meu *pau*.

Olhei pra ele e me levantei, peguei a camiseta dele que estava no chão, como ela veio parar aqui não faço a mínima ideia. E vesti.

— Eu durmo nua, vento na *pepeca* faz bem à saúde.

Sai do quarto ouvindo um gemido sofrido dele.

Eu não sabia a onde estava indo, porém, aquele cara ali não é o Dominic de antigamente.

Embora, meu coração estivesse me dizendo que o bandidão deitado na minha cama é perigoso, *porra*, nunca vi perigo mais doce e açucarado que esse.

— Então minhas crianças são pais? — Abuela riu, terminei de colocar o creme de caramelo Salgado no recheio do bolo, minha cozinha na confeitaria, estava cheio de senhoras de idade fofas, que cozinhava e falavam sem parar.

— Preciso que aprove o creme, querida. — Dona Greta me estendeu uma colher, tirei o creme da colher e provei.

— Duas gotinhas de baunilha dona Greta.

Depois que saímos de casa, deixei Dom e Glória no trailer, ele prometeu cuidar bem dela. Sim, abuela viu Dominic só de cueca, e praticamente me prometeu em casamento *pra* ele.

Respirei fundo sentindo o cheiro de docinhos frescos, posso não ter nenhum lucro nessa inauguração, entretanto, quero que o maior número possível de pessoas sentissem o sabor do La Carmen.

Haverá alguns doces e bolos para venda, mas serão apenas os mais gourmets que vão estar à venda.

Ouvi quando a campainha tocou.

Fui atender.

— Posso... *Ah*. Oi. — Havia dois homens enormes de toquinhas, avental e luvas, todos tatuados. Mordi os lábios. De onde saiu esses homens? Como diz abuela Carmem pintados com o pinto.

— Oi, Senhora. O chefe nos mandou para ajudar com as panelas pesadas e formas quentes. Carniça senhora.

— Corvo, madame. — O homem alto e careca sorriu.

— Eu...

— Não se preocupe, ele nos fez passar por depilação no sovaco e nos braços. — Ri.

— Ele fez você se depilarem?

— Tirar cada pelinho. — Revirei os olhos de passagem para eles, vale ressaltar que as senhorinhas quase tiveram um ataque do coração ao ver os rapazes.

— Gostando da ajuda, amor?

— De onde você saiu, assombração? — Coloquei a mão no peito, sai da confeitaria e me sentei ao lado da porta dos fundos, preciso respirar.

Ter várias senhoras falando ao mesmo tempo, me faz respirar sufocada.

— Cadê a Glórinha? — Ele riu.

— No Clube. Dormindo no meu escritório. Surtada com as senhoras? — Ele sentou ao meu lado.

— E se eu fizer tudo isso e não vier ninguém? — Perguntei mais pra mim do que pra ele.

— Comemos tudo até partir. — Revirei os olhos.

— Idiota.

— Vai vir docinho. Acredite em mim. — Piscou.

Fechei meus olhos, suspirei.

— Quero *te* beijar. — Abri meus olhos. Ele estava a menos de dois centímetros de mim, os olhos dele, iguais o de uma cobra traíçoeira. Molhei os lábios.

Minha Deusa interior abriu as pernas.

— Eu quero ser beijada.

Que *porra* eu estou fazendo? Pensa Bonnie. Os lábios dele são desenhados e por que diabos ele não tem mau hálito causado pelo cigarro, se fuma feito um porco?

Menta. Menta e chocolate ótima combinação, Dominic com chocolate. Beijo de Dominic com chocolate e menta.

Ah Deus.

— Querida você precisa aprovar o *Crème brûlée*...Me perdoem... *Oh Deus.*

Capítulo 7

"Xadrez é arte, gozar? Faz parte."

" Oh é o passado pode doer mas do jeito que eu vejo você pode fugir dele ou aprender com ele! Entende?"

RAFIKI - O REI LEÃO



BONNIE

Doze anos antes, Parnoveil.

Olhei para o meu vestido passando a mão me certificando que não tinha nenhum amassadinho, ele era rosado com brilhos.

Respirei fundo, Tay e eu combinamos de nos encontrarmos na frente da escola, abuela estava sorrindo na porta do meu quarto.

Ajudei abuela nos últimos cinco meses para conseguir comprar o vestido perfeito, cortei a grama do Senhor Macalister duas vezes por semana no último mês, levei Pancho, o buldogue da senhora Jess para passear durante as minhas férias de verão.

Nossa situação não era nada fácil, abuela estava tendo poucas encomendas de bolos, o vestido que eu queria não era esse, mas ver abuela aliviada com as contas quando eu obriguei a pegar metade do dinheiro me deixou mais que satisfeita, em paz.

— *Eres una hija muy hermosa.* — Abuela deu uma dançadinha na porta. — Eu e as meninas, vamos jogar um pingue-pongue no bar dos abutres. — Ri, era engraçado ver minha abuela e suas duas amigas juntas, no meio de um monte de homens gigantescos.

— Nada de queda de braço dessa vez abuela. — Beijei seu rosto. — Vamos.

O baile desse ano era temático, anos dourados. O grêmio estava contando com essa festa, olhei pra flor que Tay me deu ontem, ela era uma rosa-vermelha, mas o que mais me chamou a atenção foi o girassol que Dominic Maldonado deu a Catherine Ruff, a líder de torcida e claro a presidente do grêmio estudantil. O

popular encenqueiro, meu ex-melhor amigo. Afinal ele cresceu e virou tudo que eu sempre detestei que ele fosse, mal-educado, encenqueiro, com notas ruins e meu maior pesadelo pessoal. Sim, ele fazia questão de me ofender todos os dias.

Na última semana ele estava ocupado demais com os preparativos do baile, afinal ele era o namorado da Cat. Aliás, só na cabeça oxigenada dela, porque ele era namorado dela e mais da metade das meninas do colégio.

— Busco você às onze e meia, querida. Beijinho, não faça nada que abuela não faria minha delícia. — Desci da nossa eterna Mary Janne, pulei com o barulho do trovão que cortou o céu.

O clima da cidade havia mudado muito rápido, por isso peguei a jaqueta de couro de abuela no armário, ela disse que ficava melhor em mim do que nela.

A atravessei a rua tomando cuidado com o salto.

Olhei nos dois lados e não vi ninguém, mordi o lábio indo até a portão da escola.

Senti os pingos começarem a me molhar.

Afirmi minha vista, droga de astigmatismo. Não, o quê?

Por que ninguém me avisou?

Tay teria me dito, o papel que começava a ficar molhado dizia que o grêmio decidiu devido à falta de materiais para decoração adiar o baile pra semana que vem.

Não, não. É impossível, eu vim ontem para a aula. Droga. Soquei a porta. Em todo maldito ano letivo eu não faltei um maldito dia, droga. Por que ninguém me avisou?

Precisei ajudar abuela com dois bolos de casamento, mesmo ela dando conta eu prometi.

A chuva desceu com tanta força que quase caí. Os pingos fortes caíam molhando todo o meu corpo. Senti minha maquiagem borrar.

— Com problemas Bonnie? — O Mustang parou na rua. — Seu namorado não *te* avisou que mudamos o dia?

Catherine estava sentando no banco do carona ao lado de Dominic que tinha um sorriso debochado, ela estava praticamente sentada no colo dele.

— Dom não achou justo não termos uma pista de dança adequada, conversei com o diretor e ele resolveu mudar o dia já que meu pai se ofereceu para doar o tapete de dança. — Sim a graveto de bambu falava tranquilamente enquanto eu tomava chuva, apertei a jaqueta de couro. — *Te* daríamos uma carona, mas estamos atrasados para o nosso jantar, não é amor?

— É. Foi mal Bonnie, quem sabe o Cookie não *te* dá uma carona? Liga pra ele. Aliás, está saindo tinta do seu vestido. — Ele acelerou o carro fazendo com que a água da rua me molhasse toda.

Sim, eu ouvi tudo calada. Senti algo salgado molhar meus lábios, dei me conta que estava chorando.

Me senti no meio-fio. O tule do meu vestido estava todo manchado, meu cabelo estava sobre meu rosto.

— Bonnie? — A chuva não me deixou ver, vi quando a viatura parou na minha frente. — Boo?

— Xeri... Fe? — Meus lábios tremiam?

— Entra aqui menina, que eu *te* dou uma carona. — Me levantei com dificuldades sentindo do meu corpo doer. Abracei meu corpo e a Xerife Roxette abriu a porta. — Você está péssima querida. Vista isso.

Ela tirou sua jaqueta e me deu, tirei a jaqueta da abuela com certa dificuldade.

Coloquei a dela, encostando o rosto no vidro da viatura, senti as lágrimas descerem.

Estava me sentindo minúscula. Insignificante. E foi assim pelas próximas duas semanas porque peguei uma pneumonia e fiquei na cama.

Tay no dia seguinte quando eu não saí da cama, ele disse que ficou preso na oficina do tio, e Ruff prometeu a ele que ligaria para a abuela me avisando, mais no outro dia ele apareceu na minha porta com o rosto roxo, ele havia se envolvido em uma briga na escola, ele e Dominic foram suspensos por dois dias. Eu e ele assistimos filmes, comemos doces.

Naquela mesma semana eu recebi um vestido novo e bombons com licor de cereja de Tay, mas eu recusei, aceitei apenas os bombons. Devolvi o vestido na loja, afinal eu não iria a baile nenhum e fiz Tay prometer que levaria alguém com ele. Nunca conversamos sobre a história do vestido, ele nunca disse nada e nunca perguntei. Apenas fui à Vegas e devolvi o vestido de grife a loja.

Desde então ele sempre me deu bombomzinhos de cereja. Mas o sorriso de Maldonado ficou na minha cabeça no mês que se seguiu, evitei ao máximo encontrar com ele nos corredores, mas se eu soubesse que ele explodiria meu armário com tinta no dia do meu aniversário eu realmente tinha roubado um carro e passado com ele por cima dele, com o maior gosto do mundo.

Dias atuais, 2020, Parnoveil.

Me afastei dele, me levantei da escada. Ele não parecer gostar muito, fez uma carranca enorme

— Desculpe crianças...

— Como vão às coisas abuela? — Dom perguntou, revirei os olhos, ele tinha visto abuela de manhã, antes que eles pesassem em começar um diálogo que com certeza envolveria a minha pessoa, cortei e arrastei abuela para dentro.

— Vem abuela, vou lá verificar as coisas. Mais tarde passo no clube e pego Glórinha.

Fui até à cozinha.

— Vocês iam se beijar. — Abuela acusou assim que provei o creme.

Dei de ombros.

— Deixe de ser fofqueira abuela. — Coloquei a colher na pia. — Está ótimo.

Olhei e está tudo pronto. Sorri e abracei minha velha. As senhorinhas estavam sorrindo e os rapazes Corvo e Carniça estavam sentados no chão com uma tigela de chocolate e alguns biscoitos.

Sorri. Pode ser muito estranho, mas parece que nossa família aumentou.

Bati na porta do bar, mas ninguém me atendeu então empurrei a porta preta de madeira e respirei fundo.

Nunca tinha entrado aqui, o lugar estava escuro mesmo ainda estando de dia.

— Posso ajudar senhora?

— *Cassete*. — Levei a mão ao coração, o homem que brotou do chão tinha um sorriso sinistro no rosto, porém, ele me parece

familiar, alto, loiro e os olhos dele é igual duas piscinas de gelo, todo tatuado. Ele sorriu de lado mostrando uma fileira de dentes perfeitamente brancos.

Embora ele não fosse bonito como Dom, ele é extremamente gostoso no alho e óleo como diz abuela.

Ele sorriu e encostou no balcão.

— Então, senhora Bonnie em que posso ajudar?

— Não precisa me chamar de senh... Você sabe meu nome?

— Ele gargalhou.

— Todos nós sabemos quem você é, moça. Muito prazer Cobra. — Ele estendeu a mão, eu apertei. — É só subir as escadas, quinta porta à direita.

Não foi nenhum pouco legal subir as escadas e olhar pra trás e não vê-lo. O bar visto de cima é mais bonito ainda, com luminárias fracas, as paredes são da cor verde, com quadros distribuídos pelas paredes, a maioria com fotos dos motoqueiros.

Em nenhuma delas Dominic sorria, o clube pequeno é menor do que eu imaginava, havia uma parede toda só com bebidas. O sofá de couro no canto parece ter saído das histórias antigas.

Não nego, achei que ia ver cabeças de pessoas empalhados na parede.

Segui pelo corredor e bati na porta, ouvi um latido e um entre baixo e rouco.

Ele usa óculos? Por que diabos homens de óculos são imensamente sexy? Ele levantou os olhos e me olhou por cima dos

óculos. Ele está sem camiseta, mordendo uma caneta, com a mesa cheia de papéis.

— O grandão lá embaixo me mandou subir. — Gesticulei para a porta

— Cobra? — Afirmei, me abaixei e peguei uma Glórinha vestida de rosa e com um lacinho na cabeça. No sofá de couro, menor do que estava lá embaixo, havia uma enorme caminha fofa, vários brinquedos, e encostado no sofá um enorme saco de ração aberto. Avistei uma fonte de água ligada a parede fazendo com que a água girasse e caísse.

— Oi Glórinha. — Beijei as orelhas dela, soltei e ela abriu a boca com sono e deitou no sofá. — Você está uma delícia.

— Você também, amor — ele resmungou sem tirar a caneta da boca. Revirei os olhos e me sentei no sofá. — Depois eu que sou o encenqueiro folgado.

— Eu ia ficar em pé por acaso, seu mal-educado? — Ele riu. Se afastou e colocou as mãos atrás da cabeça.

Eu já disse que ele é extremamente gostoso? Ele não é totalmente definido, embora ele tivesse um tanquinho delicioso aos meus olhos, dá para perceber que ele não se mata em academias ou o rei do CrossFit. Mordi o lábio. As tatuagens dele não cobre todo o corpo como o do esquisitão gostoso lá embaixo. São aleatórias e bem-feitas com espaços grandes entre elas.

— Apreciando a vista, amor? Sabe bombom você pode gostar mais do que admite do corpinho aqui. — Piscou passando a mão de forma saliente pela barriga.

— Corpo. Todo mundo tem. Você realmente é um homem muito bonito. Mas nada de especial. — Dei de ombros, minha

Deusa interior descordou arreganhado as pernas.

Me faz gozar só de olhar.

Não faz não.

Faz sim.

— Então você admiti que gosta do que vê? — Fingi desinteresse.

— É claro! Eu não sou cega, mas não sou burra para cair no papo do bandidão perfeito. — Dei de ombros.

— *Porra* mulher. — Ri.

— O quê? Quer que eu fique constrangida e alimente seu complexo de Sr. Incrível? Ou seu ego de Deus. — Os olhos dele brilhavam de forma perigosa. Desafiei ele. — Prefiro admitir que transaria com você até esquecer meu nome, ficar assada e evitar a fadiga de ter você se insinuando achando que coloca medo em mim.

Ok, talvez eu tenha exagerado. Ele me olhou de forma diabólica. Seus ficaram escuros.

— A única coisa que eu vou colocar em você... — ele balançou a cabeça. — Garanto docinho, que eu vou *te* assar e comer você todinha com creme. — Eu queria sair correndo e me enfiar em um buraco, mas minha Deusa interior assumiu o controle.

Cruzei minhas pernas. Ele acompanhou o movimento.

Levantei-me e fui até à mesa dele me apoie e inclinei em sua direção.

— E *te* garanto que esse creme vai sair de você, não de mim. — Pisquei. — Você quer? Você implora. Porque eu acabei de decidir que quem vai esquecer o próprio nome é você, e quando eu terminar você não vai saber o que *te* atingiu. — Descaradamente roubei a frase de efeito da abuela.

Ok, o que diabos foi isso?

Santa mãe, o maldito olhar dele terminou de destruir minha calcinha.

Ele se afastou e levantou da cadeira, mordeu os lábios, ele está desafiando o cinto vi um botão aberto, o V da sua virilha termina em uma trilha de pelos claros.

— Você não vai quer ir por esse caminho, amor. — Quase gemi, quase. A voz dele está grossa e rouca.

— Quem não vai querer, será você. — Que *porra* você está fazendo mulher?

Me perguntei.

Domando esse homem. Minha Deusa interior bateu palminhas.

— Por que inferno você me desafia? — Ele rosnou, sim ele rosnou. Ele estalou os lábios.

— Porque é você que tem esse maldito ego inflado. — O encarei matreira e mordeu os lábios.

Ele se inclinou mais ainda. Mais um pouco íamos passar a mesa.

— Esse jogo é perigoso, amor. — Ele segurou meu queixo com uma mão, colocando o polegar sobre os meus lábios.

— Jogo de xadrez é uma arte e eu sou a rainha. — Xadrez é arte e gozar? Faz parte.

Ui! Passei a pontinha da língua no dedo dele.

Capítulo 8

" Estamos Mais Perto! Mas O Que Temos?"

*“Mesmo com uma chave de ouro não se abre uma porta de prata
em um coração de lata.”*

Fagner Gouveia



DOMINIC

Eu nunca me imaginei diante dessa maldita mulher, quase implorando para que ela fosse minha, usando a dignidade que me restou depois de todo o maldito show pornô que ela me fez imaginar. Eu ri, embora tenha sido rouco e totalmente sem um pinga de confiança.

Soltei o queixo dela, perdendo o contato, fazendo meu corpo se arrepiar.

Ele me olha firme, embora o tremor que passou pelo seu corpo mostrasse o contrário, eu realmente queria *foder* a maldita feiticeira na minha frente.

Ela não era mais aquela menina que me odiou desde a adolescência.

— E o ódio vira tesão. — Estalei a língua, ela gargalhou. Sim, a coisinha à minha frente gargalhou e estalou a língua, fazendo meu *pau* que já é totalmente independente do meu corpo querer dar um “olá” ao mundo.

Ela deu de ombros.

— Nunca em toda minha vida, odiei alguém e você não vai ter esse privilégio de ser o primeiro a ser odiado, acho que você já acumula ódio suficiente. — Ela riu. Por mais que a informação me deixasse desestabilizado, eu vi verdade no olhar dela. — O único a dedicar os dias me odiando foi você. — Piscou.

— Eu nunca te odiei. — Ela me olhou debochada e magoada?

O olhar dela mudou. Ela se afastou da mesa no exato momento em que a minha porta foi aberta.

— Chefe o Carniça vai levar a encomenda... *Porra*. — Endireitei-me. Glórinha acordou pulando do sofá e indo em direção à chaminé. — Desculpa chefe.

— Não, imagina. Eu já estou de saída. Só vim pegar Glória, não é sua malandrinha? — Ela foi até Chaminé e estendeu a mão. — Prazer, Bonnie Portman, mas pode me chamar de Boo.

— Chaminé, senhora — o maldito piscou — prazer só na cama. — Ele gargalhou.

Ela acha esse retardado engraçado? Por que diabos ela está rindo?

— O único prazer aqui vai ser o que eu vou sentir quando *te* pendurar de ponta cabeça no Cânion. — Ela revirou os olhos, e pegou as coisas da Glória. — Ela tem que ir?

Ela suspirou.

— Abuela quer que você vá jantar em casa. — Ela deu de ombros, como se não se importasse.

Chaminé colocou os papéis em cima da mesa e fez sinal para o saco de ração.

— Ajude a Bonnie a levar o saco de ração.

Ela me deu as costas sem ao menos dar um maldito tchau. Implorar? Não aqui, docinho.

BONNIE

Coloquei Glórinha no banco de trás da Mary Janne. Abuela abraçou uma senhora e se afastou.

— Você não sabe quem morreu... E quem já arrumou outro marido. — Ela parou ao meu lado vindo com a fofoca nas mãos,

Chaminé riu. — Chaminé, menino como vai?

— Bem, e a senhora abuela?

— *Ah* querido, se eu fosse uns bons trinta anos mais nova, desceria essa chaminé com gosto. — Chaminé gargalhou e abraçou abuela, ele beijou o rosto dela e ela suspirou de forma “apaixonada”.

Quem em sã consciência não desceria essa chaminé? Ele é alto, tem um maldito sorriso perfeito e simpático, as enormes tatuagens na pele negra chamavam atenção assim como as dos homens do clube, ele é alto e mesmo estando de jaqueta dava pra ver os músculos dele, não quero nem imagina o porquê de Chaminé, algo me diz que os apelidos não são nada bons, Chaminé... Espera!

— John? — Eu sabia, conheço esse sorriso e ele sorriu confirmando minha teoria.

— Achei que nunca me reconheceria. — Ele me olha com um brilho nos olhos o mesmo brilho de quando éramos crianças.

Filho da dona Sarah, Chaminé estudou comigo. Quando nos mudamos eles foram umas das primeiras famílias forasteiras na cidade, a mãe dele cantava na rádio da cidade. Dona Sarah sempre se orgulhou de ser quem ela é, negra e mãe solo foi contra tudo e todos para cantar na rádio, lembro de quando éramos crianças ouvir as senhoras, que provavelmente hoje estão só o pó no caixão, chocadas com a ousadia da dona Sarah ao cantar na rádio e nunca abaixar a voz e se deixar ser humilhada pelas fofoqueiras da cidade.

— Meu Deus não me diga que sua mãe ainda canta no programa de sexta à noite?

— Toda sexta no mesmo horário. — Ele riu, deu mais um beijo em abuela, e a soltou. — Bom saber que você e o chefe se acertaram.

Revirei os olhos.

Ele se despediu de nós e voltou para o clube, claro que a cobra criada do chefe dele, olhava da janela, já vestido ele me encara com um olhar distante e perigoso, embora ele me desse calafrio, não sei o porquê, mas em uma atitude infantil ergui a mãos e comecei a girar a outra mostrando o dedo do meio bem devagarinho.

— Bonnie. — Abuela riu e entrou na caminhonete quando ele revirou os olhos e saiu da janela. — Venha para o banco da frente com a abuela, Glórinha.

Mais que depressa Glórinha pulou no colo de abuela, entrei na caminhonete.

— Não sabia que John entrou para o clube. — Comentei com abuela.

— Longa história querida, Sarah ficou doente, ela nunca teve plano de saúde. — Suspirei firme. — E quando ela ficou doente, o emprego de John não pagava quase nada, ele mal conseguia pagar um remédio, Dominic se responsabilizou por ela.

— Em troca John precisou entrar no clube? — Ela negou.

— Não, John entrou por conta própria, Dom o aceitou de braços abertos. — Mordi os lábios. — Dom é um bom rapaz querida, meio doidão, mas é um bom homem.

Dívida, essa é a palavra certa, meu coração e minha Deusa interior querem sentar naquele homem, minha razão e bom senso querem correr para bem longe.

Balancei a cabeça, você tem uma loja para inaugurar.
Não é hora de pensar em um homem loiro, perigoso,
ordinário e gostoso.

— Droga abuela — reclamei, assim que passei pela porta
desarmando o guarda-chuva. Consegui com muito custo enfiar Mary
Janne na garagem apertada do abuelo Calisto. Estou toda molhada.
— Por que tem um armário na porta da garagem? — reclamei.

Abuela deu de ombros e rebolou pela cozinha ao som de
Beyoncé.

O mundo em água caía lá fora. Antes que subisse as
escadas para trocar de roupa a campainha tocou.

— Mas que diabos? — Abri a porta e uma rajada de água
entrou com um cheiro forte de perfume.

— *Porra*, eu vou congelar. — Dominic vestia apenas uma
camisa e uma calça, ele abraçava o corpo e seus lábios roxos
tremiam.

Puxei ele para dentro no exato momento em que um raio
cortou o céu.

— O que você está fazendo aqui nesse temporal seu coiso?
— Ele tirou os sapatos tremendo de frio.

— Comida. — Ele tremia feio.

— Abuela? Droga. Você veio a pé? —

Abuela veio da cozinha com uma tigela de salada de
maionese.

— Vão trocar essas roupas crianças. — Sim, ela disse isso e
voltou rebolando para cozinha animada demais.

— Vem. — Chamei e ele permaneceu no mesmo lugar.

— Não consigo andar. — Ele espirrou? Sim, ele espirrou consecutivamente sem parar.

— Eu espero ir para o céu. — Puxei aquele homem enorme e um arrepio passou pelo meu corpo.

Subimos as escadas e ele continuou tremendo e espirrando.

— Por que você veio a pé? — Dom espirrou.

— Não podia molhar a minha bebê — O encarei incrédula.

— *Tá brincando?* — Ele negou, eu ri. Entramos no meu quarto e ele sentou no banco perto da janela. Abri meu guarda-roupa.

Peguei uma tolha e um moletom da família Addams, comprei em uma convenção quando estava na faculdade, e nunca usei talvez por ser masculino XXG, era o único que tinha, mas é tão lindo. Peguei minha calça de moletom e entreguei para ele.

— Só não tenho cueca. — Joguei as roupas para ele. — Você sabe onde fica o banheiro.

Me virei e peguei uma blusa.

— Mas que *merda* é essa? — Ele praticamente me empurrou contra o armário. — Endoidou foi?

— Endoidei, por você. — Ele disse tão perto da minha orelha que tive que reaprender a respirar. Ele se afastou quebrando o contato entre nós.

Só ouvi a batida da porta do banheiro, um click.

Me apoiei no guarda-roupa.

Você é uma mulher ou uma ratazana?

Mordi os lábios.

O que eu quero realmente com ele? Eu quero algo com ele? Sim eu quero, mas será que ela também quer?

Tremi de frio.

DOMINIC

Me olhei no espelho, sentindo a calça de moletom dela apertar meu *pau*, embora eu não tenha planejado pegar uma chuva do inferno, achei que ia ser só uma garoa, *porra*, não que Noé resolveu comandar outro dilúvio.

Tentei ajeitar meu *pau* na calça, a blusa até que deu, mas porra meu *pau* vai dar falência de respiração daqui a pouco.

Sai do banheiro e tirei a calça da bunda, o chão estava frio.

— Eu não vi isso Deus — Boo reclamou, ela está usando uma camiseta branca e uma calça que provavelmente cabe duas dela.

— O quê? Vai me dizer que você nunca tirou a calcinha do *fiofó*? — Ela riu, e me jogou uma pantufa ridícula em forma de garras.

— Você tem uma bundinha sexy. — Ela riu, e voltou para o quarto.

Segui ela feito um cachorrinho.

— Estou sem cueca, quer ver? — Revirou os olhos. — Cadê a Glórinha?

— Na cozinha, ouvindo as histórias sexys de abuela com o vizinho.

— Inferno. Acabou a luz? — Reclamei assim que o quarto ficou escuro, ela ligou a lanterna do celular.

— Acho que talvez só tenha desarmado o disjuntor.

— Vamos onde? — Ela jogou a luz na minha cara.

— Ligar a luz *ué*. — Meu corpo tremeu.

Descemos as escadas, a abuela tinha Glórinha nos braços e uma vela na mão.

Porra, eu odeio escuro.

BONNIE

— E se tiver ratos? Ratos tem doenças, doenças que matam. Bonnie segura a minha mão *caraio*. — Iluminei o corredor escuro, a lanterna desligou, sacudi o celular e ela ligou de novo e Dom se agarrou a mim.

— Cala a boca e desencosta Dom, vou cair com você me segurando assim. — A mão dele suave e fria e ele enfiou o rosto em meu pescoço. — Você tem medo de escuro Dom?

— Eu vou voltar lá pra cima, abuela precisa de mim.

— Precisa coisa nenhuma. Deixa de ser fresco Dominic.

— Eu vi. — Ele tremeu feito vara verde.

— Inferno Dom, você viu o que seu paspalho? — Um monte de músculos em vão. Empurrei ele fazendo com ele se agarrasse mais ainda, estávamos quase chegando no final do porão onde ficava o disjuntor, que provavelmente desarmou.

— Eu vi. Eu vi um *mundongo*.

— É camundongo Dom. Pelo amor de Deus. — Abuela havia ficado lá em cima, a porta que estava no porão, era um velho alçapão que só abria por fora, e se fosse fechado com força não abria mais. — Aqui. — Abri a caixa de disjuntores e todos estavam desarmados, religuei um por um, e a luz voltou, tudo ficou claro.

— *Porra*. — Ele suave e frio e me olhava estranho.

— Tudo bem? — Certo, talvez não fosse fingimento, nem frescura.

— Eu só preciso me encostar. — Ele comentou e se apoiou na parede.

Toquei no rosto dele e ele suava frio, droga. Ele me abraçou e suspirou.

— Desculpe-me — pedi. — Não sabia que você realmente tinha medo.

— Certo. — Ele não olhou nos meus olhos. — Vamos sair daqui.

Toquei na mão dele e ele se afastou.

— Drogas. — Ele passou a mão no cabelo molhado, ele se sentou em uma pilha de caixas de plástico.

— Quer falar sobre? — Ele negou. Suspirei. — Eu nunca tive medo de nada a não ser de perder quem eu amo — contei feito uma menina boba encorajando ele. — E de fogo.

— Fogo? — Ele pareceu me olhar desconfiado.

— Sim, quando eu tinha quatro anos abuelo Calisto explodiu a garagem, em uma de suas experiências com gases. — Ri. — Abuelo sempre gostou de experimentar e fazer experimentos com reagentes químicos, abuela me contou que eu fugi das vistas dela e mexi em um dos litros de gasolina do abuelo e assim como ele eu queria fazer experimentos e acabei riscando um fósforo e meu cabelo acabou pegando fogo.

— *Porra*. — Virei-me de costas e ergui meu cabelo mostrando a cicatriz no meio dos cachos. Senti os dedos gélidos dele tocar a cicatriz. — Doeu?

— Não sei, não me lembro, descobri essa história quando tinha dez anos. — Ri. — Mas eu nunca gostei de fogo, ficou como um medo inconsciente sabe?

— Quando fui à Líbia em 2011, o caminhão em que eu estava foi interceptado, e capturado... — Ele balançou a cabeça.

Toquei sua mão.

— Que tal me contar isso quando realmente estiver pronto?

— Ele me olhou de uma forma estranha e intensa. — Você precisa superar algumas coisas para poder lidar com elas. — Pisquei.

Subimos de volta e abuela estava na mesma posição, olhando o celular e segurando a porta, Dom saiu e me estendeu a mão.

Estava somente uma garoa fina lá fora, enquanto jantávamos abuela deu a desculpa de verificar o velho, certeza que ia fornicar.

Respirei fundo, olhei para ele enquanto guardava a louça, ele me olhava de forma divertida torcendo o nariz.

Eu e Dom sentamos no tapete no chão.

— Esse cara é ridículo — protestou tomando uma latinha de Coca-Cola.

— Tom Hardy é talentoso e gostoso *pra* caramba — rebati mordendo uma barra de chocolate.

— Talentoso? Esse cara é um pé no saco. Onde que esse trambolho é gostoso, mulher? — contestou.

— Se ele me olhasse assim, ah eu descia e nem guindaste me subia. — Ele me olhou cético, gargalhei. — Qual é ele é bom.

Ele riu, e bateu no meu ombro.

— Eu realmente quero *te* beijar. — Ele me olhava com os olhos brilhantes.

Dei de ombros, fingindo um controle que não tenho.

— Eu realmente quero ser beijada. — Ele se aproximou do meu rosto e sorriu.

Talvez fosse o maior erro da minha vida confiar em um homem incerto como ele, mas Deus é testemunha do quanto eu amo esse homem e quero que ele me ame de volta.

Capítulo 9

"MacGyver"

"Acho que a gente pode se conhecer melhor."

A Princesa e o Sapo



BONNIE

Em toda minha vida, eu nunca havia sentido um choque tão grande, os lábios dele são macios e ásperos, ao mesmo tempo.

As mãos dele, nos meus cabelos eram é como um toque suave. Fazendo-me suspirar. Quando os lábios dele me tocou parecia que ele tinha sugado toda a minha energia, meu corpo amoleceu feito uma geleia, não me pergunte como, mas as minhas mãos sentiram o cabelo macio dele, meus dedos tocaram os cabelos loiro-escuros dele. Ele me fez engolir um maldito gemido, o barulho da chuva fez com encostássemos nossos corpos, estávamos buscando ficar mais próximos, nos dedos dele tocaram meu pescoço, senti ele descer a mão pela minha cintura devagar.

Cristo, abri minhas pernas, igual um frango de padaria sobre ele, espalmei minha mão no peito dele e o empurrei.

— Cristo. — Apoiada nele levei a outra mão ao peito e ele abriu os olhos, eu juro por Maria Madalena, que ele parecia ter saído do meus sonhos mais eróticos.

Santa consoladora das virgens sedentas.

— Isso foi. — Respirei fundo, ele apertou minha cintura com força me prensando para baixo.

— Delicioso. — Ele tocou meu rosto com a ponta dos dedos. — Você é o melhor doce que eu já provei, bombom. Você está vermelha?

Virei meu rosto, antes que ele pudesse me prender, saí de cima dele.

— Não. — Sentei-me ao lado dele apoiando minha cabeça no sofá.

— Ainda somos só amigos? — Ele perguntou com um ar superior de deboche. Odiei.

Me mantive em silêncio, pode ser um enorme clichê, mas esse foi o meu primeiro beijo e senti lá no meu âmago, bem no fundinho, na beiradinha da alma, que se eu abrisse a boca não teria dignidade pelas próximas duas encarnações.

Ele estava invadindo meu espaço sem ser convidado, estava pegando o restinho do meu coração e enfiando no bolso.

Olhei para os olhos dele e percebi que realmente estou perdida.

DOMINIC

Recusei pela quinta vez a chamada do Corvo, me encostei no batente da porta.

— Não vou deixar você dormir no chão, mas isso aqui. — Ela bateu nas barricadas de travesseiros no meio da cama. — Seu lado, meu lado, entendeu?

Ela estreitou os olhos, ela tinha uma linha fina ao redor dos olhos, que deixavam ela extremamente fofa e *fodidamente* sexual.

Me afastei da porta e meu celular voltou a tocar.

— Espero que seja de suma importância ou você vai virar um peru depenado, Corvo. — Vi quando Boo suspirou, ela abriu o armário e pegou mais dois cobertores.

Percebi que ela ficou tensa e me deu um sorriso, passou por mim e entrei no quarto.

— *Porra*, chefe. Sua carga, foi interceptada na rodovia. — Digeri a informação, me deitei do lado da cama que me foi destinado

e cobri meus olhos com o braço.

— Me dê um bom motivo para que eu não asse você no rolete, tostando cada penugem que você chama de pelo desse seu mísero corpo. — Ouvi ele engolir seco do outro lado da linha.

— O caminhão estava cheio de leite chefe, eles abriram barril por barril, mas não acharam a carga no fundo falso.

— E por que diabos você está me ligando? — Ouvi vozes no fundo do telefone.

— O biscoito traquinas viu seu nome na nota fiscal e apreendeu a carga. — Ele falou pausadamente. — Que diabos aquele *porra* estava fazendo na rodovia?

— E?

— Chefe... — respirei fundo, antes que eu xingasse o maldito, a Boo entrou no quarto com um pijama de cachorro horroroso.

— Me espere no lugar de sempre. — Eu entro lá, e pego minha carga de volta. E ainda deixo um presentinho para p maldito. E volto dormir tranquilo ao lado dessa gracinha.

Ela se deitou e virou para o lado da parede

— Nem um beijinho de boa noite, amor? — Boo resmungou um boa noite sonolento.

Antes de desligar o celular, digitei rapidamente uma mensagem para o Chaminé.

" Em duas horas na casa da Bonnie. Me traga roupas de 'passeio'." sorri encarando o teto.

Meu celular piscou, somente com um "blz" chefe. Eu odeio essas abreviações malditas.

— Posso dormir pelado?

— Quer calar a boca? — Em um impulso, inclinei meu corpo sobre a barricada de travesseiros.

Puxei o emaranhado de cabelo e beijei seu rosto.

— Boa noite, bombom. — Respirei o cheirinho doce dos cabelos macios e me joguei na cama. Ouvi um chorinho na porta, Glórinha estava tremendo de frio na porta, chamei ela baixo. — No tapete, filha. — Ela se enrolou no tapete, peguei o cobertor que Boo me deu e joguei em cima dela.

Em duas horas, estou minha roupa de "passeio", minha mochila e uma caixinha especial.

— O papai está pronto para *te* usar querido. — Coloquei a caixa que deixei na minha janela por alguns dias, o ovo furado será útil, mesmo que eu tenha guardado ele pra usar com Lincoln, chegou o momento dele brilhar.

No caso feder.

Passei pela janela da cozinha sem fazer barulho. Chaminé estava do lado de fora, assim que eu passei ele me olhou.

— Por que diabos você não usa a porta chefe? — Dei de ombros. — Ainda vai entalar na janela.

Coloquei a touca sobre o rosto e ele fez o mesmo.

Entrei no banco carona e abri meu notebook, digitei a senha e mexi na única câmera de segurança da delegacia.

— Se Judie descobrir que eu estou fazendo isso, eu morro antes mesmo de morrer. — Revirei os olhos. — De bandido em redenção a piloto de fuga.

Chaminé entrou atrás e eu olhei para o meu melhor amigo.

— Já acabou? — Olhei pra casa, Glórinha a fofqueira estava sentada na poltrona perto da janela, seus olhos brilhavam.

— E se elas acordarem?

Olhei para o meu melhor amigo.

— Você morre, eu no mínimo digo que fui buscar seu cadáver inútil. — Sorri, biscoito, com leite e ovos... *Ah*. Ele será o café da manhã completo.

Estiquei o grampo e coloquei na boca do cadeado, girei algumas vezes ele se abriu em um passe de mágica.

— Você podia ter feito isso antes de nos fazer escalar essa *merda*, quase rasguei meu *pau*. — Lin resmungou, a calça de "passeio" tinha um rasgo perto dos bagos. Chaminé prendeu o riso, dei de ombros.

— Cala a boca, vocês pularam porque quiseram. — O pátio de apreendidos da delegacia é minúsculo e só tinha meu caminhão, sorri. Tirei as chaves do meu bolso, e olhei para os dois palhaços na minha frente.

Abri o caminhão, ele ainda estava resfriando o leite, subi no caminhão, e fui até o barril maior, puxei ele com cuidado, o biscoitinho nem sequer percebeu que o fundo desse barril tem uma borracha, diferente dos outros que somente são de alumínio, empurrei o fundo falso e ele fez um click.

— Tragam as bolsas. — Coloquei os malotes de dinheiro nas malas, enquanto eles levaram o dinheiro até o carro, abri minha mochila, tirei o Adesivo epóxi¹ e o catalisador, fiz uma mistura com um pouquinho de metal em pó, e passei na beirada do compartimento, fechei e passei a mão. Quando a cola secar nem mesmo se ele explodir esse caminhão, o barril abrirá. Coloquei o barril de volta, antes de sair, tirei a trava de segurança da porta, e com a ponta do meu alicate entortei a fechadura.

Peguei meu precioso na mochila e joguei no canto, fazendo ele entrar pela fresta dos metais. O fedor foi forte. Assim que aquele biscoitinho passar pela por amanhã, ele será embalado a vácuo e podridão.

Pulei do caminhão e fechei a porta.

Vi quando o pastor alemão correu em minha direção.

— Ei parceiro. — O cão de guarda do biscoitinho de maisena lambeu meu rosto. Peguei a carne da mochila e dei pra ele, talvez abuela nem sentirá de dois quilos de bife. — Não tem petisco dessa vez Bruce, mas tem isso.

— Você corrompeu o dog, irmão. — Ri, Bruce saiu correndo com a sacola na boca, passei pelo portão e bati o cadeado. Vi quando Bruce comeu a carne com gosto, nem dando atenção ao pote de ração, embora nosso primeiro encontro não tenha sido amigável, quando eu peguei de volta uns "bagulho" meus, e depois de quatro vindas aqui viramos best friends.

— Em quinze minutos eu espero estar acomodado, debaixo das cobertas de Bonnie. — Cruzei meus braços colocando os pés sobre painel do carro e fechei meus olhos.

Me deitei ao lado dela, ela estava de bruços, a barricada não existia mais, assim que eu deitei ela me abraçou, como se eu fosse um travesseiro fofo.

Fiz uma coisa bem idiota, tirei as dog tags do meu pescoço, e bem devagarinho coloquei no pescoço dela.

Não, eu não sou o cara das flores e jantares, eu já estou na vida dela e ela na minha. Não preciso de nada disso.

Embora Boo ainda não soubesse ela sempre foi minha, *porra* e eu como um bom moço de família que sou, sou todo dela, mas ela

só precisa descobrir isso. Não me orgulho disso, entretanto, meu precioso não sobe para outra mulher desde que ela voltou a essa cidade, a que ponto eu cheguei meu pai?

Olhei *pra* ela e suspirei, se tivéssemos filhos, iria adorar ver um menininho a cópia da mãe, desde o sorriso até o tom de pele, *porra*, já imaginou uma pequena Bonnie de cabelinho cacheado e cheio.

Posso estar viajando, mas eu nunca vi uma mulher tão linda e com um coração tão incrível quanto o dela, e que de quebra me desafia e me deixa de cabelo em pé.

BONNIE

Sentei na cama, sentindo meu corpo relaxado, peguei o cordão entre os dedos e suspirei.

Umas das plaquinhas tinha o símbolo dos anjos do inferno e a outra estava escrito:

DOMINIC MALDONADO

MACGYVER

2011

Por que MacGyver?

Não faço ideia do significado, mas eu agarrei ela com força.

É hoje, o grande dia. O meu e da Abuela.

Levantei, troquei de roupa, coloquei uma roupa de corrida, será mais confortável para terminar todos os doces, vi quando o ser se mexeu na cama. Revirei os olhos. Me aproximei dele, ele está de bruços em cima dos travesseiros.

Ele tem muitas tatuagens aleatórias, mas uma me chamou atenção, um corvo segurando um coração sangrando. Me sentei na beirada da cama e mordi os lábios.

Toque.

NÃO!

Toque.

NÃO.

Toquei.

O desenho é bem feito, embora fosse sombrio, senti algo embaixo da tatuagem. Como se fosse uma cicatriz arredonda.

Drim! Drim!

Droga.

Dei um pulo quando meu despertador tocou, seis e meia da manhã.

Levantei-me e ele deu uma roncada, ri. Embora eu estivesse tentada a acordá-lo e lobrigá-lo a falar onde foi de madrugada, me mantive quieta, não sou idiota. Percebi quando a cama ficou menos pesada, e ouvi o barulho do carro, uma hora depois ele estava de volta e cheirando a leite.

Preciso ajustar os últimos bolos da confeitaria. Mas se eu soubesse que essa *merda* aconteceria jamais teria aberto a porta naquela manhã.

Capítulo 10

"Não"

*“Você sabe exatamente o que
dizer Coisas que me assustam
Eu deveria simplesmente ir
embora Mas eu não posso mover
meus pés Quanto mais eu te
conheço
Mais eu te quero Algo
dentro de mim mudou
Eu estava muito mais jovem ontem”*

Starving
Hailee Steinfeld feat. Zedd & Grey)



BONNIE

Antes que eu fechasse a porta a mão magra e cheia de unhas de gel pintadas de vermelho e com ridículas flores brancas me impediram.

— Quero falar com a mamãe — a voz arrogante de minha querida e amada genitora quase fez meus tímpanos sangrarem.

— Oi Amber — resmunguei. — Abuela não está.

Sim, eu fiquei na porta disposta a impedi-la de entrar.

— Então serve você mesmo — desdenhou. — Mas antes saia da frente e me sirva um café.

Sim, ela teve a pachorra de quase me empurrar.

— Aqui não Amber. Diga o que você quer e de o fora.

— Você sabe o que eu quero, filha — comentou de forma debochada. Minha mãe parecia ter envelhecido uns bons dez anos, cabelo está ressecado e cheio de frizz devido aos fortes alisamentos que ela usa, a pele negra cheia de rugas e pés de galinha, ela tem olheiras e estava constantemente limpando o nariz, sinal claro das drogas que ela usa. — Essa casa também é minha, eu tenho todo direito de morar nela assim como vocês!

Ela só pode estar brincado!

A encarava sem acreditar.

— Não, antes que me peça eu não vou lhe dar mais dinheiro e muito menos *te* sustentar embaixo do meu teto. Meu e de abuela... Não dei duro e conquistei todas as minhas coisas para você vir aqui

e trocar por uma carreira de pó. — Dei de ombros. Ela me olha ultrajada como se tivesse no direito de me exigir algo. — E em hipótese nenhuma vou colocar você debaixo do mesmo teto que a minha avó.

Eu queria enfiar essa mulher em uma caixa com passagem só de ida pra o Ártico.

— Quem você pensa que é! Eu sou sua mãe! — Fingi total desinteresse.

— Claro que é, infelizmente. Eu sou a filha que você deixou por uma carreira de pó, afinal se abuela não tivesse me criado, você provavelmente teria me trocado por pó ou dinheiro.

— Você não passa de uma maldição em minha vida. — Ela colocou o dedo em riste em meu rosto. — Se eu tivesse...

— Acho bom a madame abaixar o dedo. — Senti a presença atrás de mim, dei um passo para trás, batendo de encontro com o corpo quente e duro. — Bom dia docinho — a voz dele mudou totalmente comigo.

— Um homem? Pelo menos você foi mais esperta que eu. Quanto ela cobra? — Antes que Dom tentasse pular no pescoço dela, bati a porta. Ouvi o grito agudo do outro lado da porta. — Meu nariz! Sua *caulinha*.

Olhei para a porta e preendi o riso.

— Saí de você, cadela velha! — Passei a mão pelo cabelo. — Infelizmente.

Virei-me dando de cara com meu inferno pessoal e pela cara dele, ele queria respostas que eu não estou disposta a dar.

DOMINIC

Acordei esticando meu corpo, fazendo meus ossos estalarem. Abri meus olhos me familiarizando com o ambiente, estou de flanco na cama, nossa barreira de travesseiros estava toda no chão. Glórinha de barriguinha para cima no tapete dormindo de forma relaxada.

Ouvi passos no andar de baixo. Levantei, desci as escadas ouvindo algumas vozes. Provavelmente abuela havia voltado da sua aventura noturna com o velho do outro lado da rua.

Enrolei a camiseta na mão, sentei no corrimão da escada e desci deslizando.

A voz enjoada fez meu corpo entrar em alerta.

— Você não passa de uma maldição em minha vida. — Amber Portman está parecendo uma perua velha, a mulher parece um corpo esquelético, as mulheres da família Portman sempre foram fora dos padrões, e infelizmente meu docinho é bem parecida com a mãe, em uma nova versão e sem drogas. — Se eu tivesse...

— Acho bom a madame abaixar o dedo. — Posicionei-me atrás de Boo, Amber ficou ligeiramente surpresa, mas logo a surpresa foi substituída por malícia ao olhar pra mim. — Bom dia, docinho. — Inalei o cheirinho gostoso que vinha dela.

— Um homem? Pelo menos você foi mais esperta que eu. Quanto ela cobra? — Eu imaginei a maldita pendurada de cabeça para baixo pagando todos os seus pecados. — Meu nariz! Sua cadelinha.

— Saí de você cadela velha! — Passei a mão pelo cabelo. — Infelizmente.

Ela sentou no sofá, me aproximei dela passando a camiseta pela cabeça. Ela passou a mão no rosto freneticamente e suspirou,

quando ela me olhou um tiro teria doído menos, os olhos dela brilharam dando indícios de lágrimas, ela balançou a cabeça e suspirou novamente e deu uma risada fadigada.

Sentei ao lado dela no sofá.

— Vai me dizer há quanto tempo ou eu vou ter que descobrir sozinho? — perguntei fazendo-a estremecer. — Coloco um ou dois de cabeça para baixo no Cânion e descubro rapidinho.

— Quer realmente saber? — Ela me olhou. — Eu mesma quero pendurar essa cretina de cabeça para baixo. — Coloquei minha mão na perna dela. — O quê? Quer que eu diga sinto muito pela mãe maravilhosa que eu tenho? — Ela balançou a cabeça. — Não, hoje não.

Ela levantou, mas a puxei de volta, ela caiu em meu colo, antes que ela protestasse virei seu corpo, fazendo ela sentar de frente para mim, passei uma mão por sua cintura e com a outra segurei seu rosto, fazendo um leve bico nos lábios rosados.

— Se eu descobrir que essa mulher está *te* trazendo problemas, eu vou ser o pior pesadelo que ela já viu. — Ela se arrepiou e tentou se afastar. — Não quero ver abuela chorando e você sustentando uma *vadia*. — Droga, ela precisa saber. — Sua mãe me deve uma grana, bombom, e nunca explodi ela por respeito a abuela Carmen e você. — Ela pareceu surpresa. — Ela lida com pessoas que querem a minha cabeça, entretanto, sou eu que vou arrancar os miolos dela se ela me roubar de novo.

Ela e o marido roubaram meu carregamento de armas há uns dois anos, venderam para os mexicanos que queriam me vender pelo dobro do preço, a minha própria carga, a maldita Amber

pode ser uma drogada, mas ela é inteligente o suficiente para pelo menos conseguir o dinheiro de uma carreira de pó.

— Drogas? — Boo estremeceu.

— Não, eu não tenho esse tipo de produto, bombom, não mais. — Desde que eu assumi o clube retirei alguns negócios sujos do meu pai. Inclusive as drogas e as prostitutas, em minhas boates diversas delas são, mas da porta *pra* fora, meu clube de

Swing tem apenas como objetivo o prazer, você paga para entrar, porém, nenhuma mulher, homem, ou até mesmo funcionário estará à disposição.

Ela pareceu ficar aliviada, antes que ela pudesse protestar, coleí sua boca na minha fazendo ela gemer, ela rebolou em meu colo fazendo uma fricção gostosa entre nós, como um *cachorro no cio*, gemit.

A campainha voltou a tocar.

— Que *porra*? — Perguntei assim que Bonnie se afastou, sem falar nada ela tocou os lábios inchados.

Ela abriu a porta e eu continuei sentado na mesma posição.

— Bom dia Tayl... Que odor é esse meu pai? — O odor de carniça que entrou dentro da sala foi insuportável, Boo tampou o nariz disfarçadamente. — Posso ajudar Tay?

Tay o meu rabo, biscoito, Bonnie, biscoito!

— Fui ao seu estabelecimento e me mandaram vir te procurar aqui, Maldonado. — Ele não parecia nem um pouco feliz em me ver aqui. Por que diabos eu não fiquei sem camisa? Reparei que ele está os cabelos molhados, provavelmente deve ter tomado banho até o couro derreter.

— A que devo a honra?

— Trouxe alguns papéis, para a liberação da sua carga. — Bonnie está ficando amarela, o cheiro está insuportável.

— Certo, obrigado — agradei fazendo ele me olhar com ódio. — Fui comunicado ontem, alguma irregularidade, xerife? — Bonnie me olha sem entender minha súbita educação. — Devo alertá-lo, que minha advogada está ciente da situação e que talvez, o senhor possa ter problemas administrativos com toda essa perseguição sem motivos contra a minha pessoa, um cidadão britânico, com todos os seus antecedentes sem nenhuma irregularidade. Nenhum dos meus homens até hoje, teve problemas com a sua tão amada lei, xerife Cookie. — Biscoito mofado amolecido maldito!

O xerife está com os dentes cerrados e a mandíbula tensa. Talvez ele queira me dar um tiro.

— Bom, meu trabalho aqui está feito, sua carga está liberada, senhor Maldonado. Boo nos vemos por aí. — Feito um biscoitinho murcho ele deu as costas, Boo fechou a porta.

— Não são nem oito da manhã e já tive minha cota de indigestos pelo resto do dia. — Sorri quando ela respirou fundo.

— Vocês não eram amigos? — provoquei ela fez uma cara de nojo.

— Você viu o futum de ovo podre com carniça dele? Será que ele está doente? Ele está podre em vida! — ela pareceu indignada, mas mesmo assim riu, segui ela até à cozinha.

— É falta de banho — comentei.

— Não é possível, mais um pouco corvos começavam a sobrevoar em cima dele. — Ela colocou café em uma xícara. — Você foi lá e pegou o que tinha de ilegal no caminhão, não é?

Olhei pra ela com cara de paisagem.

— Eu?

— É ou você acha que eu não percebi que você saiu e voltou cheirando a leite de vaca? No documento dizia, produtos lácteos alimentícios, Dominic.

Certo.

— Era só um dinheiro que veio do México — tentei melhorar minha situação.

— Dinheiro ilegal, porque senão fosse você não precisaria fugir de madrugada para roubar.

— Calma lá madame, roubar não! Tudo, menos ladrão. Só fui lá e peguei de volta. — Vagabundo sim, ladrão não.

— E tem diferença? — ela pareceu chateada.

— É claro que tem, uma que o dinheiro é meu, e segundo que esse *fodido* quer o meu rabo, você é tão cega a ponto de não perceber o quão *filha da puta* é esse biscoito.

— Se você não fizesse coisas ilegais, isso não seria um problema. — Ela acusou. — Você se acha um homem invencível, mas o que aconteceu hoje é apenas um passo para o Taylor *te* colocar atrás das grades.

— Por que a preocupação? Com medo que termine de partir o rostinho de ator pornô do seu amiguinho? — Ela simplesmente colocou a xícara na pia, e me olhou, parecendo magoada.

— Esperava o mínimo de você, mas o único cego e burro aqui é você. — Ela deu de ombros. — Se eu me importei e me preocupei, pode ter certeza que não foi com Taylor e sim com você, Maldonado.

Ela saiu da cozinha me deixando sozinho.

BONNIE

Eu e abuela andávamos de um lado para o outro, não conseguia acreditar a rua parecia pequena, havia uma fila enorme na porta da loja indo quase na outra esquina, fora as pessoas que se aglomeravam em volta da mesa. As crianças do abrigo estavam sentadinhas comendo bolo em uma mesa que os meninos do clube colocaram para eles sentar.

Já estou cansada.

Depois da nossa conversa de hoje mais cedo, não vi mais o Dom, aliás, eu não o vi, mas eu sabia que ele estava de olho em tudo. Precisei esvaziar o caixa duas vezes, recebemos vários turistas de Vegas, os mil cannolis de abuela já estão no fim.

— Querida, olha quanta gente, olhe esses meninos. — É lindo de ver homens gigantescos servindo bolo, tatuados e com roupas de couro, usando também um avental rosa escrito em preto La Carmen com luvas e toucas na cabeça, Corvo e Carniça disputavam quem distribuía mais bolo. — Está sendo um sucesso.

— Bonnie? — Virei-me dando de cara com ninguém menos que Catherine.

— Catherine? — Ela continuava igual, apenas em um estilo diferente, ela está com um vestido florido e os cabelos presos em um enorme rabo de cavalo, e para completar um tênis branco, com uma bolsa de ombros, ela tem duas caixas de cannolis na mão e na outra uma enorme fatia de Red Velvet com creme de castanhas, ela sorriu *pra* mim.

— Meu Deus, como você está maravilhosa, seus quitutes são divinos, não é amor? — Um cara baixo, sorriu pra mim, ele ajeitou os óculos.

— Sim, Cat tem razão, parabéns senhorita, vou atrás das crianças. — Ele saiu no meio da multidão.

— Obrigada, então você se casou? — perguntei, ela afirmou.

Sim, estou tendo uma conversa civilizada com Catherine, a mesma Catherine que me fez pegar uma maldita pneumonia.

— Sim, há cinco anos conheci Ted quando fui trabalhar na empresa do meu pai, ele era um dos gerentes de vendas, fiquei encantada, ele é um fofo. Está vendo aqueles dois pestinhas ali, são meus tesouros, Veroka e Victor.

— *Uhl*. — Somente fiz um barulho com a boca, as crianças estavam sentadas em uma das mesas do lado de fora dividindo um Big Cup Cake, uma das minhas invenções malucas. — Com licença, Catherine preciso ver se precisam de mim, lá dentro.

Foi isso mesmo? Eu acabei de dialogar com a Regina George? Entrei na cozinha e vi os meninos do clube cortando mais bolo.

— *Hey?* — Um deles me olhou de forma intensa. — Você eu ainda não conheço.

— Vallen, senhorita. — Ele piscou, e colocou mais pães doces na forma. — Mas pode me chamar de Vallen.

— Certo Vallen, você pode colocar esses pães na vitrine? — Ele concordou.

— Vejo que está encantando meus homens.

— *Put a inferno*, assombração. — Dom, está parado perto do armário de saborizantes. — Por onde você entrou?

— Pela porta, docinho. — De repente a cozinha ficou vazia, apenas eu e ele, *pra* onde diabos foi todo mundo?

— Claro. — Fui até uma das estufas e tirei algumas carolinas de limão. — Seus homens são incríveis, obrigado.

Ele apenas balançou a cabeça. Ele me olhou intensamente, em específico para a minha roupa, ela revelava um pouco mais do que deveria. Mesmo usando touca, luvas e avental minhas costas e minhas curvas estavam bem evidentes na roupa, estou com uma blusinha preta ciganinha, cheia de babadinhos, uma calça jeans justa, diferente cheia de recortes e bolsos.

— Meus homens não são monstros, Bonnie.

— Eu nunca disse que eles eram, esse seu pré-julgamento dos meus pensamentos a respeito de vocês é diferente da realidade. Jamais pensei que vocês fossem monstros. . — Ele me olhou debochado.

— O que você pensa sobre nós? — Ele parece querer munição para me atacar, porém, não hoje.

— Isso é uma conversa que eu tenho que ter com eles, a respeito do que eu penso de você? Um encenqueiro com um coração enorme, mas orgulhoso demais para perceber algumas coisas. — Dei de ombros ele arqueou uma sobrancelha.

— Orgulhoso?

— Orgulhoso, arrogante... — E incrivelmente gostoso, pensei.

Ele riu, de forma lenta e gostosa fazendo um arrepio bom passar pela minha espinha.

— Querida? — Virei-me em direção à porta. — O que você está fazendo aqui sozinha? Vamos lá para fora.

— Mas eu não... — Virei-me na direção oposta e vi que a cozinha está vazia.

DOMINIC

Observo tudo de longe, meus homens fazem o trabalho deles, servem crianças, idosas malucas e turistas de Vegas. Algumas pessoas olham com surpresa, mas o melhor foi a cara de bosta do biscoito ao ver meus homens ajudando a Boo.

— Moço? — Um menino me chamou atenção. — Eu quero carolinas de limão.

Me estendeu algumas notas e fiquei olhando para ele sem entender.

— Oi querido? Vem eu te ajudo. — Dona Carmen riu e levou o menino para dentro da confeitaria.

— Você não precisa ter medo deles, chefe. Os pestinhas são chatos, mas só querem se empanturrar de açúcar.

— Quero que fique de olho no que eu mandei Vallen. — Disse sem olhar pra ele me recostando na parede do bar que dá em uma viela, onde é descartado o lixo. — Se ela se aproximar de Bonnie, você sabe o que fazer.

Vi quando o olhar dele e de Cobra se cruzaram, ele desviou o olhar e Cobra balançou a cabeça.

— Vocês precisam resolver essa *merda*. — Comentei tragado o cigarro.

— Ele não quer problemas chefe, e eu? Não quero sofrer mais do que já sofri em toda minha vida.

Conheci Vallen há dois anos, o gênio da computação e comunicação, nunca soube o real motivo dele querer entrar pro clube, mesmo suspeitando que era para provar algo a seu pai.

— Ficarem juntos é um problema? — perguntei.

— Na opinião dele sim — ele me respondeu, uma moça veio pedir mais bolo e ele saiu conversando com a moça, sobre os olhares atentos do Cobra. Apaguei o cigarro, vi a rua lotada, todas aquelas conversas e risadas estão me dando dor de cabeça, principalmente ter Boo desfilando a maldita bunda para todos os lados, meu *pau* vai ter um caso sério de bolas roxas.

As prateleiras são repostas a cada instante, o enorme bolo é servido com degustação das delícias mágicas que a confeitaria produz.

Vi quando Boo entrou novamente na confeitaria. Entrei pela multidão e segui ela, sorri ao ver ela tirar a touca, as luvas e o avental ao entrar no escritório.

Antes que ela fechasse a porta, entrei, fazendo ela se assustar.

— Que tal um beijo para terminar seu dia, amor? — Sem direito a *porra* nenhuma, invadi o espaço dela.

— Não.

Capítulo 11

" Palavras Doem."

" – Por favor, não vá embora. Ninguém nunca ficou comigo por muito tempo antes. Eu só, me lembro de coisas boas que aconteceram conosco. Quando eu olho para você e eu estou em casa, eu me sinto em casa. Por favor, eu não quero que vá embora. Eu não quero esquecer."

DORY
Procurando Nemo



BONNIE

Cansada olhei na direção dele, embora meu dia tenha sido um sucesso, isso entre nós está me esgotando.

Uma troca de farpas e um tesão idiota que provavelmente no final do dia ele vai aliviar com qualquer mulher que ele encontrar.

Ele encostou a porta, o cheiro de cigarro Marlboro já começava a pinicar meu nariz.

Sem dizer mais nada fui até à minha mesa, destranquei a última gaveta com a chave que estava no escapulário do meu pescoço, abuela cópia é a única que tem uma cópia.

Peguei os papéis em cima da mesa e coloquei na gaveta, sob seu olhar atento. Devia ter guardado, porém, a correria do dia não me deixou sentar com abuela e ler os papéis.

— Não, só isso? — Ele me provocou, vi olhar dele sobre as folhas, tentando ler o que estava escrito.

— O quê? Esperava um sim e uma Bonnie que iria se atirar em seus braços, garotão?

— "*Qualé*" bombom? — Ele sentou no meu sofá, respirei fundo, contando mentalmente até dez.

— Me responda, por favor, seja sincero. Por quê? Tudo isso, essa aproximação? Tudo bem que amaduremos e crescemos, o que provavelmente ocorreu só no meu caso, mas por quê?

Ele me olhou de forma profunda, parecendo querer dizer algo, mas desviou o olhar.

— Levando em conta que você é a única mulher solteira disponível num raio de quase três quilômetros, e sou um homem entediado com preguiça de ir à Vegas, só unimos o útil ao agradável.

Se eu me senti miserável foi pouco, senti minha garganta arranhar, minha Deusa interior foi assassinada com uma agulha sem ponta, porém, fiz minha melhor cara de cinismo e olhei ele de cima.

— E por que você acha que eu uni o útil ao agradável? Só por que você foi o único homem que tive tempo de sentir tesão momentâneo, você acha que pode ser inconveniente assim o tempo todo? — Tudo bem que eu não queria chamar ele de inconveniente no início da conversa, só queria talvez algumas palavras carinhosas e quem sabe dividir o vinho que estava em cima da minha estante com ele.

Certo, eu fui uma idiota.

Ele me olha sem expressão alguma, no entanto, eu vi uma leve raiva passar pelos seus olhos. Ele deu de ombros.

— Então você vai sair por aí, procurando um consolo? — Ele riu sarcástico.

— Eu já tenho um consolo. — Aliás, Félix precisa urgentemente sair de debaixo da minha cama. — Ou você acha que uns amassos com o bandidão da cidade fazem alguma coisa? No máximo cócegas na minha libido.

Ele parecia em transe me olhando de forma intensa.

— *Porra.*

Ele não estava pronto para lidar comigo, assim que ele saiu da minha sala sem dizer nada subiu na moto acelerando em direção

à Vegas, feito uma tonta sentei na minha cadeira e funguei.

Nananinã. Não senhora, levantei, vendo algumas pessoas ainda comendo doces, o pôr do sol está lindo.

Passei a mão na garrafa de vinho, saí e vi abuela fechando tudo.

— Que tal uma noite de rock e vinho com os rapazes abuelita? — Minha vó balançou os peitos.

— Vou ligar para o meu Macalister, ele virá em ponto de bala.
— Enquanto abuela foi ligar para o velho, atravessei a rua e empurrei a porta do bar.

— Senhores? — Eu falei alto fazendo todos os homens pararem de falar, Vallen veio em minha direção.

— A que devemos a honra de ter uma donzela em nossa humilde taverna. — Eu ri.

— Quero agradecer a todos vocês, pois, sei que todos fizeram algo, eu tinha planos para essa garrafa, mas decidi que se alguém me vencer no Just Dance leva a garrafa, quem topa? — Os caras gritaram alto e começaram a conversar animados e eu ri.

Vallen foi o primeiro a se voluntariar, o barman ligou um telão no fundo do bar. Que eu aposto que é usado pra tudo menos para o Just Dance.

Eu escolhi a música, e todos os rapazes do bar ajeitaram as cadeiras em frente a pista.

— Por conta da casa senhorita. — O barman, que descobri se chamar Thomas, me estendeu uma garrafa de Gim tônica.

Virei a latinha e caminhei até à pista, como já sabia a dança ativei a minha face no jogo e me deitei no chão fazendo todos rirem.

— Vai lá.

— Isso *aí!*

— Se *fodeu* Vallen.

Comecei a dançar a música, conforme ia acumulando pontos eles gritavam e batiam as cadeiras, suspeitei que nas horas vagas esses homens jogam Just Dance.

Dei uma viradinha e pulei conforme a música, comecei a acumular mais pontos, e os rapazes gritavam mais alto.

— Vai lá minha tigresa quebra esses brutamontes. — Me virei e vi abuela vestida toda de couro, acompanhada do seu Macalister que tinha uma bandana cheia de caveirinhas presa na careca.

Quando a música acabou eu dei uma piscadinha, Vallen veio até à pista e tirou a camisa, fazendo os caras do bar assoviarem.

— Olha e aprende chefia. — Todos os homens do bar gritaram, o que provavelmente dava pra ser ouvido na estrada.

Sai da pista e sentei na baqueta, ele se deitou no chão após ter o rosto gravado, e me olhou com cara de deboche.

— Não me diga que você sabe essa? — gritei pra ele me escutar no meio da confusão de vozes.

— Aprendi com Beatrix, minha irmãzinha de seis anos.

Estou de boca aberta, ele faz os passos perfeitamente, meio brutos por ser um monte de músculos de quase dois metros, mas é surreal a forma como ele fazia os passos sincronizados.

Me levantei e comecei a pular na batida da música acompanhada de abuela e de seu Macalister, puxando os brutamontes do bar.

— QUE *PORRA* URUBU. — Alguém gritou com um homem de bigode que subiu no balcão e tirou a camisa e começou a rodá-la

na mão, a barriga saliente cheia de pelos ostentava uma tatuagem, escrita, sempre com fome em letras grandes e itálicas.

Vallen tinha a mesma pontuação que a minha, quando ele terminou alguém jogou vodka pra cima e gritou.

— O que vocês estão fazendo? — Me virei ao ver Judie com sua típica roupa de advogada, ela estava em um caso importante, um julgamento em segredo que já durava sete dias, ela está com a aparência cansada, assim como Lin que parecia estar em um parque de diversão. Ele subiu no balcão de mármore e começou a gritar. — Desce daí seu doido, você nem bêbado está.

— Venham aqui minhas queridas. — Estendeu a mão.

Em algum momento subi no balcão, minha garrafa de vinho passava de mão em mão, os rapazes formaram uma enorme filar e começaram a dançar Macarena, esquecendo o intuito da dança, que era a garrafa de vinho, mas algo chamou minha atenção, dois viventes sentados no escuro, um par de olhos esverdeados e um azul.

Dominic que eu não vi chegar, estava fumando e olhando diretamente para mim, com um olhar divertido. Já o tal Cobra sustentava o olhar em Vallen, Lincoln carrega Abuela fazendo-a passar de mão em mão, seu Macalister está sem camisa pulando feito um canguru e gritando feito uma gralha.

Judie segurou minha cintura e eu puxei a fila, fazendo vários gritos ecoarem no bar.

A música foi trocada por uma batida gostosa me fazendo pular, duas mulheres levando um bando de homens gigantescos em uma fila maluca sem sentido algum.

A garrafa de Gin fez feito me fazendo ficar alegre o suficiente.

Talvez tenha sido bem mais que duas garrafas, ou três.
Ou foram cinco?

DOMINIC

— Você não está prestando atenção em mim. — A loira, de ponta cabeça no pole dance reclamou.

— Desculpe — tentei soar o mais doce possível, mas o que saiu foi um rosnando entredentes.

Tesão momentâneo?

Você falou *merda* primeiro seu retardado, mas o que eu diria, que estou de quatro por ela, sou apaixonado desde a adolescência e que minha primeira punheta foi pensando nela?

Balancei minha cabeça, meu celular apitou e uma foto apareceu na tela ao abrir a conversa com Cobra.

Que *porra* é essa? Bonnie, Judie e abuela Carmen estão em cima do meu balcão, meus homens em volta delas.

Em seguida carregou um vídeo, Lincoln estava carregando abuela e Carniça o velho Macalister enquanto meus homens faziam uma dança, ridícula, todos sincronizados. Boo virou uma garrafa de Gin e fez uma dancinha ao lado do Vallen. Ela deu um grito, vai "Vallen", Boo é a única que o chama pelo nome.

Me levantei, tirei umas notas do bolso e joguei no pé do pole dance.

— Onde você vai? — Ela está pelada? Balancei a cabeça.

— Preciso resolver um assunto muito importante.

Torcer alguns pescoços.

Entrei no meu bar pela porta dos fundos, da estrada dava pra ouvir os gritos e o som auto.

Puxei a cadeira ao lado de Cobra e me sentei ele nem me olhou, tinha os olhos presos em Vallen que está sem camisa virando uma garrafa de vodka.

— Não me pergunte como que ela virou isso aqui no avesso — Cobra comentou, falando mais alto que de costume, acendi um cigarro. — Cheguei já estavam todos loucos e tirando a roupa — resmungou.

Mantive-me em silêncio, no exato momento em que Bonnie cruzou o olhar comigo, ela desviou dançando uma música que nunca ouvi na vida.

— Você olha para ele como um pedaço de frango, não vai fazer ele vir aqui e sentar no seu colo.

Traguei o cigarro.

— Nós não temos nada — Cobra justificou.

— Não mesmo. — Dei de ombros soltando a fumaça. — *Foda-se* Vallen é um cara legal e sempre foi leal, assim como você, mas se for ficar fazendo ele de fantoche, se afaste.

— Digo o mesmo em relação a Bonnie. — O olhar dele se sustentou no meu. — Ou você acha que eu não estou monitorando cada passo dela? Eu levo a sério cada maldita ordem sua, aliás, ela está vindo pra cá e está bêbada.

Capítulo 12

"Obra De Arte"

"Devemos agir conforme as regras."

A Noiva-Cadáver



DOMINIC

Vi o casal de velhos atravessar a rua dançando, Bonnie dormia em meus braços.

Ela se ajeitou em meu peito e suspirou. Depois de dançar mais umas dez músicas e me provocar com aquela maldita bunda dos infernos, ela aceitou a carona. No inferno eu não seria homem de deixar dois velhos doidões e a uma diabinha gostosa bêbada voltarem para casa sozinhos.

O velho e abuela ainda estão bem o suficiente para dar uma namorada antes de dormirem, fato confirmado, pois, o velho safado deu um tapa na bunda da abuela assim que eles chegaram na varanda.

Suspirei.

— Ei, amor? Acorde bombom. — Ela abriu os olhos levemente.

— Ode... io vo... câ... câ. — Ela suspirou e enfiou o rosto em meu pescoço.

— Eu sei que sim. — Sorri. Passei pelo portão com certa dificuldade. — Droga... chaves. — Com uma dificuldade do inferno consegui tirar meu canivete do bolso, com ela no colo me apoiei na parede e com cuidado enfiei o canivete na fechadura da porta, fui ouvindo os cliques e a porta rangeu se abrindo.

— Você vai me beijar? — Ela sussurrou assim que eu a coloquei no sofá. Ela me puxou pela gola da jaqueta, seus olhos estavam negros, dilatados, sinal claro do alto teor de álcool.

— Não. Você está bêbada. — Sorri ela me puxou novamente pela gola da jaqueta de couro e eu desviei o rosto.

— Por favor. Só um beijinho. — Ela fez um biquinho lindo, passei a língua nos lábios.

— Não amor. Quem sabe amanhã. — Sorri. — Vem, vamos subir.

Ela resmungou um cretino.

— *Porra* Bonnie. — Apoiada em mim ela apertou minha bunda.

— Você é uma delícia. — Ela riu. Apoiada em mim ela tirou o cabelo suado do rosto. — Um cretino arrogante, mas uma delícia.

— Fico lisonjeado amor. — Abri a porta quarto. — Que tal você ser uma boa menina e me deixar *te* ajudar?

— Se você me der um beijo, sim. — Tentado pelo diabo a coloquei na cama, Glórinha que estava deitada de barriguinha *pra* cima apenas deu um gemidinho e simplesmente continuou dormindo.

Pra quem tinha negado os meus beijos mais cedo ela está com um fogo do inferno. Ela tirou a roupa ficando apenas de calcinha e sutiã.

Ela virou e simplesmente dormiu.

Sai do quarto verificando tudo, portas e janelas, tudo fechado, assim que passei pela porta, puxei a porta fazendo ela travar.

Entrei no meu carro e fui para casa. Talvez eu deva ficar. Entretanto, provavelmente amanhecerá com o cão no corpo.

Assim, que eu cheguei no meu trailer e fui direto para o chuveiro que precisava ser abastecido.

Nu e molhado me joguei na cama, percebendo o quão dura e pequena ela é.

Me dei conta que dormir sozinho, ser sozinho é um inferno.

BONNIE

Acordei sentindo a minha cabeça rodar, embora estivesse com uma enorme dor de cabeça nunca tinha me divertido tanto.

Só não fazia ideia como vim parar em casa, o cheirinho de café fez meu estômago roncar.

Antes de mais nada pulei da cama indo direto para o banheiro, a água quentinha entrou em contato com meu cabelo me fazendo suspirar, depois de um banho rápido, corri para o quarto e vesti uma calcinha confortável, coloquei uma calça jeans escura e abri a gaveta achando um antigo cropped preto, vesti a blusinha ciente que é visível que estou sem sutiã, porém, depois de ontem e de toda a loucura que foi a inauguração, toda a baderna da noite estou toda dolorida, depois de colocar um coturno, pegar meus óculos escuros e a minha bolsa, saí do quarto verificando a bolsa.

Ouvi abuela tagarelando no andar de baixo.

— Bom di... — Dominic está sendo na banquetta, apoiado no balcão estampando um sorriso enorme, abuela colocou chocolate em cima de uma pilha de panquecas que dá para alimentar cinco pessoas. — Dia.

— *Buenos Días* querida, coma querido, tenho *te* achado muito amarelo. — Eu ri abrindo a geladeira, estando ciente do olhar lascivo em cima do meu corpo. — Precisa de sustância para aguentar o tranco com a Bonnie. — Engasguei com o suco de laranja.

— Que isso abuela?

— Mas é claro querida, você acha que se ele não tiver tutano vai dar conta de um mulherão como a Boo. — Revirei os olhos. — Ovos com bacon do jeito que você gosta amor.

— Você é doida abuela. Bom dia Dominic.

Ele apenas balançou a cabeça.

— O que faz aqui já cedo? — Ele me olhou com os olhos brilhando.

— Vim lhe dar o beijo que me pediu ontem à noite.

Engasguei, tossindo freneticamente, tentei respirar, abafei minha tosse com a mão.

— *Ah* meu bom Santo Antônio. — Abuela se abanou. — Eu sabia, obrigada meu santinho. — Abuela beijou o escapulário em seu pescoço.

— Vó... Por favor. — Dominic me olhava de forma debochada. O ovo que eu coloquei na boca tinha gosto de vergonha.

— Então? Vocês já... Vocês sabem. — Abuela fez um movimento ridículo com a mão. — transaram?

— *Ah* meu Deus! — Enfie o bacon na boca e sai da cozinha.

Chamei Glórinha que latiu de algum lugar da sala. Olhei no relógio. Seis e meia da manhã! Seis e meia, e eu ouvindo uma *merda* dessas.

Abri a garagem e Glórinha passou correndo tudo.

— Vou *te* dar uma carona.

— Assombração, faça um mísero barulho seu idiota. — Ele deu de ombros e enfiou a panqueca na boca.

Os lábios dele estavam sujos de chocolate e fiquei tentada a lamber.

— Se continuar me olhando assim, vamos realmente transar.
— Gracejou.

Me aproximei dele e passei o dedo sobre o chocolate.

— Falta tutano, você está muito amarelo. — Levei aos lábios e estalei. Ele me olhou de forma intensa.

— Meu *pau* continua vermelho e pronto *pra foder* você, em ponto de bala bombom. — Ele segurou meu queixo com a ponta dos dedos.

— *Ah* o amor! — Abuela apareceu quebrando a esfera de tesão. — Estou pronta meus queridos. — Abuela está munida de seu avental, e de touca nos cabelos e segurando seu inseparável pau de macarrão, que nem eu que sou sua neta posso usar.

Me afastei dele.

— Eu vou enlouquecer — disse fazendo ele rir.

— Ninguém vai perceber, amor. Sim, eu ia ficar louca com esse maldito jogo de Piu-Piu e Frajola, e meu Deus como eu queria que ele comesse a minha passarinha.

— Você precisa de um ajudante — Dom resmungou com cara de bunda, ele passou a manhã toda correndo *pra lá* e *pra cá*.

— Você não tem nada *pra* fazer? — reclamei conferindo mais um pedido. Enquanto abuela cantava da cozinha fazendo a confeitaria cheirar a doces frescos, eu anotava os pedidos e encomendas. — Mesa dois. — Empurrei um prato com donuts na direção do Dom e ele me olhou.

— Eu estou usando um avental rosa e um chapeuzinho ridículo e servindo mesas isso não é o bastante amor? — Revirei os olhos.

Coloquei chocolate derretido dentro do copo, me virei pegando o mixer, coloquei creme italiano dentro do copo e fiz a minha mágica.

Dispus uma fatia de bolo em um prato com uma bola de sorvete de creme, em seguida joguei o creme que acabei de fazer e joguei chocolate quente, e fiz uma perfeita casca de chocolate em formato de iglu.

— Incrivelmente bonito, bombom. — Ele pregou o prato.

— Obrigada, Maldonado. Mesa cinco. Ele sorriu para a velhinha da mesa fazendo ela suspirar.

— Consegui. — Abuela saiu da cozinha de costas. Abrindo a porta de empurrar com o bumbum. — Fiz a *rola* do meu amado!

— Misericórdia abuela. — Ela me mostrou um pênis de chocolate, levemente curvo. Com a cabeça grande e a base grossa, uma bola maior que a outra.

— O *pau* do velho é torto, Abuela? — Bati em Dom com o pano de prato.

— Aqui *óh!* Idêntico. — Ela virou o celular e eu fechei os olhos, mas não antes de ver a foto do pênis do velho. Dom explodiu em uma gargalhada, fazendo os clientes nos olharem.

— Guarda isso abuela.

— Boa tarde! — a voz grossa cumprimentou, abuela rapidamente escondeu a *rola* de chocolate atrás das costas.

— Boa tarde — cumprimentei sentindo uma sensação estranha.

Um homem alto, negro, careca com aproximadamente uns cinquenta anos

— Fui até o clube e seus homens me disseram que estaria aqui MacGyver. — Ele está bem vestido demais, um terno de alfaiataria preto, uma camisa de linho também preta, e quando ele passou a mão no cavanhaque pude notar um anel de rubi em seu dedo mindinho.

Dom tirou a touca e o avental, o homem me olhava fixamente, vi abuela sair de fininho para a cozinha, escondendo o seu pênis de chocolate.

— Salazar. — Dominic mudou totalmente, a forma como pronunciou o nome do homem não foi nada amigável, sua postura relaxa e descontraída de vagabundo se transformou, ele está sério, e pelo que eu vi na defensiva, o olhar dele brilhava.

— Vou querer uma xícara de café com creme, querida. — Ele se apoiou no balcão e um arrepio passou pela minha espinha.

— Não, ele não quer. Estamos de saída, docinho. — Dominic me olhou, assenti, o homem olhou divertido para ele, o tal Salazar parece estar cansado e pude notar uma leve tristeza ao olhar para mim. Estranho. — Vou mandar Vallen providenciar uma placa informando que está contratando. — Piscou.

Revirei os olhos, assim que eles passaram pela porta, o homem me olhou fixamente e sorriu de forma estranha. Eles atravessaram a rua, eu continuei ali.

— Pode me ver meia dúzia cookies de chocolate, meu bem? — O senhor de idade me tirou dos meus devaneios, voltei a me concentrar nos pedidos, agora sem meu ajudante que só reclama.

— Você viu que homem, querida? — Abuela se abanou.

— Que homem estranho abuela, isso sim. — Passei o pano sobre o balcão. Abuela se encostou na pequena pia e começou a

lavar os pratos. — O que você vai fazer com o pênis, abuela?

— Comercializar, temos que ser visionárias, querida, o pinto do meu amor é uma obra renascentista.

— A senhora não vai pôr um pênis em nossa vitrine, abuela.

— Falei baixo ainda haviam alguns clientes na loja, que conversavam e riam.

— Pênis, querida? Que termo mais anatômico. Não estamos estudando biologia e sim arte.

— Abuela, não podemos colocar uma *rola* na vitrine, tem crianças que frequentam a loja. — Apontei pra menina toda suja de bolo e sorvete que sorria pra mãe encantada falando como a nossa loja é fofa.

Ela fez um muxoxo, mas logo foi substituído por um sorriso safado.

— Nem pense nisso.

— Você nem sabe o que eu pensei querida. — Ela riu e continuou secando os pratos, fui em direção ao caixa quando uma senhora me estendeu a comanda para realizar o pagamento.

— Não mesmo, e nem quero saber — retruquei.

— São oito dólares, senhora. — A senhorinha pagou e apontou para a vitrine.

— Vou quer mais daqueles bombons de licor, querida, são divinos. — Abuela embalou a encomenda da senhora e ela saiu toda feliz, vi quando Vallen atravessou a rua com um papel na mão. Não conseguia chamá-lo de Vallen.

— *Ei* senhoritas! Estou sabendo que estão contratando, talvez eu venha pra cá, estão pagando mais que o miserável do meu chefe.

— Ei, Vallen. — Ri da forma divertida que ele se referiu a Dom.

— Oi, querido — abuela cumprimentou. Pelo lado de dentro do vidro da confeitaria ele colou a placa e se aproximou do balcão, a mocinha que está sentada perto da janela suspirou ao olhar para ele. Quando ele chegou perto do balcão, abuela soltou uma das suas pérolas. — Quer ver uma obra de arte?

Ela tirou a *piroca* de chocolate debaixo do balcão.

Antes que Vallen pudesse dizer algo, os caras do clube invadiram a confeitaria.

— Acho que temos mais clientes abuela.

— Vou preparar mais chocolate quente. — Ela voltou pra cozinha.

Cobra se aproximou do balcão, ele levantou os olhos e me olhou.

— Vou querer um café sem açúcar. — Ele pediu tão baixo que quase não ouvi. Os caras se sentaram nas mesas. Olhei para fora e não vi sinal nem de Dom e, nem do tal Salazar, as clientes que entram, sentam e nem se abalam com a chegada dos meninos. Elas apenas continuaram a conversar.

Não é nem um pouco normal ter vários homens de quase dois metros, todos tatuados e usando couro e parecendo que acabaram de sair de uma revista da Playboy em uma confeitaria rosa. Todos eles me cumprimentaram, mesmo sendo mais xucros e ríspidos, todos fizeram seus pedidos de forma educada e me agradeceram assim que entreguei o que eles solicitaram.

A sineta da porta voltou a tocar, e Taylor passou por ela, o barulho dos rapazes cessou, Vallen ficou sério e o Cobra arqueou a

sobrancelhas.

— Se ele der problemas senhorita, faço o biscoito atravessar pela janela. — Cobra sorriu de forma maldosa, falando tão malditamente baixo que eu mal pude entender.

— Eu volto outra hora Boo, está muito cheio. — Afirmei com a cabeça, nesses dias ele sequer apareceu e me ofereceu uma mão, e ontem ele estava de folga e bem *pra* dar uma olha na inauguração ele apareceu.

— Certo — foi o que eu disse somente.

— Dá o fora bundão — um dos caras que eu ainda não sabia o nome provocou.

— Não esquentar Marreta, o xerife já está saindo fora, não é? — Vallen estava frente a frente com o xerife. — Não queremos problemas, xerife Cookie, e muito menos trazer inconvenientes a senhorita Portman, e pelo que sabemos o senhor está em horário de serviço.

Tay saiu sem dizer nada. Apenas me deu um olhar duro e de repreensão, senti vontade de dar o dedo do meio pra ele.

— Se Mac ver ele *te* olhando desse jeito, a bolacha vira farelo, senhorita. — Senti um arrepio na espinha. O tal Cobra realmente fala baixo, mas o suficiente para assustar o próprio diabo.

— Certo, ele já foi.

Os rapazes mesmo tensos voltaram a conversar ruidosamente, as pessoas entram na confeitaria e cumprimentam os rapazes que estão todos sorrindo.

— Ele não tem muita moral por aqui, não é? — perguntei ao Vallen colocando mais café na xícara de Cobra, que surpreendentemente aceitou uma broa de chocolate.

— Ele nunca fez nada pela cidade, a não ser nos perseguir. Ano passado, durante as fortes chuvas ele se recusou a procurar a neta do Senhor Peter, ela voltava a pé quando a chuva forte pegou-a pelo caminho, desesperado o senhor implorou nossa ajuda, encontramos a menina quase morta, ele já não fazia muito pela cidade antes disso, depois então todos querem ele fora da nossa cidade, enganado ele se acha que é bem-vindo.

Vi pelo canto dos olhos Cobra olhar com admiração para Vallen, mas logo o olhar mudou ao perceber que estava olhando, ele me fitou fixamente e uma sombra passou pelos seus olhos.

Algo me dizia que é muito mais que admiração.

— Querido? — Abuela encostou no balcão e olhou sonhadora para Cobra, pela primeira vez eu vi ele sorrir, foi um mísero sorriso, quase nada mais estava lá. — Você quer ver uma coisa? Nossa mais nova criação da confeitaria.

Revirei os olhos, sim, ela vai mostrar para o Cobra a *piroca* de chocolate.

DOMINIC

O bar ficou vazio, e pela janela vi meus homens barulhentos invadirem a confeitaria do meu bombom.

— Então, a que devo a honra da visita, Salazar. — Olhei para o falso empresário, o traficante de armas à minha frente sorriu.

— Handball e Tamara estão chegando perto demais, ou você estoura os miolos deles, ou vamos todos rodar. — Gargalhei, acendi um charuto e estendi a caixa pra ele.

— Então Tamara voltou para o amante que quer me *foder* — zombei. — Vou matar essa *vadia*.

— Faça como quiser, só se livre deles, antes que eu resolva a moda antiga e faça ainda mais sujeira. — ele deu uma tragada no charuto e olhou em direção a confeitaria, meu bombom está servindo uma das mesas do lado de fora, ela deu um sorriso brilhante para o jovem casal adolescente que provavelmente vai dividir o Big Cupcake.

— Se continuar a olhar para minha mulher, eu arranco seus olhos, Salazar.

— Se magoar minha filha, eu *te* mato.

Mas que *porra*?

Capítulo 13

"Perigo e desejo..."

*"Eu quero o que não posso ter
Ainda tenho esperança
Afogando-me nas minhas
lágrimas Esse amor é um barco
afundando Oh, oh, oh, oh
Esse amor é um barco afundando
Oh, oh, oh, oh"*

Wave
Meghan Trainor feat. Mike Sabath



DOMINIC

Olhei pra ele sentindo a minha bile subir, mas que *porra*? O maldito sustenta o olhar desafiador sobre mim, eu vi o mesmo olhar quando meu pai me defendia, *fodido*.

— Você sempre soube? — Perguntei entredentes.

— Descobri ontem. — Ele deu de ombros, sabia que esse *fodido* não sairia do maldito cassino dele apenas para avisar que meu *rabo* está quase pegando fogo. — Amber me procurou e prometeu revelar quem é a minha filha em troca de duas carreiras de pó. A maldita disse que Bonnie é uma prostituta, aquela desgraçada.

— Eu vou matar essa *cadela*. — Ele me olhou de forma firme.

— Eu não imaginava que ela é a dona da nova confeitaria que está fazendo sucesso. — Sorri. — Quando eu conheci Amber, o sexo era bom e barato, às vezes dar a ela uma carreira de pó me garantia noites satisfatórias — comentou desinteressado. — Ela me trocou por um maldito vagabundo. — Ele soltou a fumaça do charuto e olhou em direção a confeitaria, Boo abraçou Abuela que por algum motivo balançou os peitos. Velha louca.

— Boo não é igual a ela — rosnei. Não, meu bombom.

— Nem de longe, os olhos doces dela me lembram a minha mãe, a calmaria em meio a tempestade, mas o furacão tempestuoso. — Ele sorriu, e *porra* é o mesmo sorriso da Boo, ele

definitivamente descreveu meu bombom em poucas palavras. É somente sobre Boo. — Preciso de um favor.

Esperei a bomba.

— Apenas alguns fios de cabelo, embora eu sinto que ela seja minha filha, preciso dessa certeza.

Concordei, queria dar com a língua nos dentes, no entanto, é o maldito na minha frente que tem que fazer isso, por que eu sinto que esconder isso da Boo vai custar meu rabo?

BONNIE

Algumas semanas depois.

Os dias passaram como um foguete, quando eu vi já era quase três semanas do La Carmen, exausta sentei em minha cadeira. Nas últimas semanas, pouco vi o Dom, às vezes ele vinha me importunar e me presentear com um sorriso cretino, mas não passou disso, sem visitas noturnas ou beijos. E infelizmente eu sentia muita falta dos beijos daquele vagabundo.

Imensamente feliz, quase pulei de alegria quando a prefeita de Las Vegas entrou em contato para encomendar o bolo de aniversário da cidade. Tremi na base quando entrei no gabinete de Carolyn Goodman, simpática e cheia de ideias, ela quer algo que impactasse os novos colaboradores da cidade.

Agora sentada em frente a ela, quase cai dura quando ela mencionou Dominic, sei que ele possui diversos cassinos e boates, mas não sabia que ele é tão importante assim. Mordi os lábios quando ela disse que ele me recomendou a ela. Carolyn disse que será um coquetel para comemorar o aniversário da cidade e as novas conquistas,, como a nova rodovia que se se conecta com a estadual.

Carolyn explicou como ela quer o bolo e eu trêmula anotando tudo. Concordado e dando dicas.

— Talvez a senhora... Possa combinar o Red Velvet com ganache de chocolate suíço e licor de amoras pretas, vai ficar divino. — Pensei na deliciosa combinação.

— Primeiro meu bem, pare de me chamar de senhora. Pode me chamar de Coryn, e segundo vai ficar divino já sinto o sabor delicioso do chocolate, quero você e o Dom no nosso jantar.

Depois de acertar cada detalhe, fazer um leve esboço, sai do gabinete ainda sem acreditar, parei no bebedouro e tremendo tomei um copo de água.

— Nervosa, bombom? — levei a mão ao coração e estremei.

Desde quando motoqueiros usam terno, meu Deus?

Ele está perfeitamente arrumado em um terno caro preto, as abotoaduras de ouro são ofuscantes, os cabelos alinhados, penteados pra trás de forma elegante, não tinha nada do meu bandidão. Meu bandidão? Está louca?

— O que você faz aqui? — Ele sorriu, olhei em direção a porta da prefeita.

— Negócios com a prefeitura, amor. — Um arrepio percorreu minha espinha, fazendo ondas de calor ir direto para o meio das minhas pernas. — Às vezes eles precisam de pessoas sujas para fazer o trabalho limpo, bombom.

Revirei os olhos, e ainda hesitante caminhei em direção ao elevador, com ele em meu encalço, assim que entramos no elevador ele me puxou com força contra ele.

— Está linda. — Ele cheirou meus cabelos de forma profunda. Em comparação a ele eu parecia estar vestida como um saco de lixo. — Muito linda.

— Obrigada... Pela indicação... — Ele sorriu arrogante.

— Ninguém é melhor que você para esse trabalho, linda.

Coloquei apenas um vestido jeans, salto, e preendi meus cabelos e passei uma maquiagem leve, pintando meus lábios de vermelho. Não combino em nada com ele, nem mesmo com seu estilo de bandidão, com minhas roupas estranhas e malucas, somos totalmente o oposto.

Assim que saímos da prefeitura, ele rosnou.

— Alugou outro carro? — perguntou entredentes. Mordi os lábios, o Mini Cooper é fofo, em minha defesa dividi em vinte e quatro vezes.

Foi no impulso, mas eu e abuela trabalhamos tanto, precisávamos pelo menos de um meio de locomoção, até porque algumas encomendas são de Vegas.

Mary Janne, aquela *fodida* me deixou na mão duas vezes, se não fosse Cobra ter aparecido do nada, feito uma assombração, teria perdido duas encomendas.

Em questão de meia hora abuela aprendeu a dirigir o carro automático, embora fosse um investimento parcelado, teríamos segurança e conforto.

Minha abuelita safada merece isso.

Mordi os lábios novamente, ele acompanhou o movimento.

— Comprei. — Fechei os olhos, quando ele soltou um palavrão.

— Não acredito que senti tesão em pensar em você dirigindo essa porcaria, que carro horroroso, amor. — Certo, senti meu rosto queimar de vergonha.

Fui em direção ao meu recém-adquirido carro, que abuela praticante o beijou e apelidou ele carinhosamente de Gomes.

Antes que eu abrisse a porta ele me impediu.

— Você realmente adora diminuir tudo que eu conquisto, não é? — Agora estou chateada.

Empurrei sua mão e entrei no carro, batendo a porta, ele ficou parado me olhando com cara de cachorro. Nem para pedir desculpas ele serve.

Dei ré no carro, e sai vendo ele falar alguma coisa.

Foda-se seu animal cabeçudo.

DOMINIC

Ela saiu cantando pneu, me amaldiçoei por ser tão *filho da puta*, foi exatamente três semanas longe dela me sentindo um *merda*.

Quando eu invadi seu quarto e roubei alguns fios de cabelos, me senti um lixo, os dias que se seguiram eu mal conseguia olhar em seus olhos quando ia até à confeitaria buscar alguma guloseima, estava com uma maldita saudade da minha coisinha tesuda.

Vê-la vestida, como uma mulher de negócios hoje terminou de *foder* com minha dignidade, meu *pau* parecia ter vida própria, o maldito.

Assim que entrei no meu carro eu soquei o volante, minha reunião com a prefeita, terminou meia hora antes da dela, e como um bom menino esperei, ela saiu trêmula e com um brilho impagável no olhar, radiante.

Porra, ela é uma *fodida* mulher perfeita, me orgulho de cada conquista dela, mas *porra* eu não sei como fazer isso funcionar. Não mesmo.

Arranquei a gravata, meu telefone tocou.

— Fala.

— Temos problemas, Handball quer uma luta hoje, ou vai invadir a cidade. — *Porra*.

— Mande arrumar o galpão Lincoln, deixe Judie ciente de toda essa *merda*, quero ela fora, ouviu? — ele amaldiçoou.

— Deixe Cobra com Bonnie, Corvo e Carniça nas entradas da cidade, armados até os dentes, *porra*. — Ele concordou. — *Foda-se* coloque Vallen na linha.

— Chefe — resmungou.

— *Porra* invada as câmeras do Vaticano se for preciso, mas você tem exatos cinco minutos para me mostrar onde esse maldito está ou eu corto suas bolas e penduro-as em seu pescoço. — Desliguei o telefone.

Eu vou matar esse *fodido*.

Suava sem ao menos ter entrado no maldito no tatame, Handball abraça Tamara, velha desgraçada. Ele fuma maconha e sorri de forma vitoriosa, meus homens estão armados até os dentes.

Antes de subir no tatame improvisado, afinal jamais irei revelar a esse maldito onde ocorrem minhas lutas, olhei para o Corvo.

— Se isso for a *porra* de uma armadilha, quero balas até nos dentes desses malditos.

Entrei no tatame e o maldito fez o mesmo.

— Regras — perguntou.

— Quem puder mais apanha menos. — antes que ele acertasse meu rosto eu desviei.

Desgraçado.

Meu punho atingiu em cheio seu estômago, ele cambaleou me fazendo pular de satisfação no lugar. Ele avançou novamente, senti o punho dele se chocar contra a minha boca, urrei de raiva, ele gargalhou.

— A cidade e de quebra sua macaquinha gostosa.

Não vi *porra* nenhuma mais.

Via o sangue jorrar, nem sabia de quem era, todo meu corpo se projetava me dando impulsos para socar seu rosto e a imagem do maldito racista desgraçado tocando minha bombom apareceu em minha mente, fazendo-me sentir ainda mais raiva.

Eu vou matar esse maldito.

— Chega chefe. — Meu corpo foi tirado de cima dele, me soltei fazendo meu pé voar na garganta do maldito.

Escutei o maldito estalo.

Urrei fazendo os gritos a nossa volta cessar.

— MINHA MALDITA CIDADE. — Tirei meu pé da garganta dele. Fiquei de cócoras, senti o meu canivete tocar meus dedos.

Cravei o canivete no peito dele.

— NÃO.

— Segurem essa *vadia* maldita ou ela vai ter um igual no maldito rosto dela. — Ofegante desenhei o M em seu peito, sentindo ele protestar no chão. — Se um dia você olhar para a minha mulher, ou falar dela de novo, eu furo seus olhos e corto sua língua.

Maldonado

MacGyver

Me levantei e todos os meus homens que estavam na multidão apontaram as armas pros malditos desconhecidos.

— Se um de vocês... — tomei fôlego — for visto no meu território vão morrer, eu vou arrastar vocês por cada maldita estrada de terra dessa cidade, até vê-los sangrar em carne viva.

Saí de lá sentindo meu olho inchar e a minha boca latejar.

Preciso do meu docinho.

BONNIE

Ostentando um sorriso de orelha a orelha entrei na confeitaria e vi abuela terminar de servir uma mesa, ela estava cheia, já são três da tarde e a confeitaria virou o ponto forte da cidade, as adolescentes bobinhas se juntam aqui para fofocar com as velhas fofoqueiras e bisbilhoteiros, os casais gostam de vir à tarde e sentar ao lado de fora, principalmente porque daqui dá para ver o incrível pôr do sol.

— Adivinha quem vai fazer um bolo de quatro andares, em formato de cassino com uma enorme placa de Vegas em homenagem a cidade — abuela deu um gritinho animado, fazendo as mocinhas rirem. — Nós duas, abuelita.

Troquei de roupa, e ajudei abuela com tudo, hoje não sairei daqui tão cedo, preciso de ajuda urgentemente. Abuela se negou a contratar alguém, mas agora vamos precisar.

— Tudo bem, querida? — abuela me perguntou. Senti meu peito apertar, com uma sensação ruim.

Neguei e voltei a secar os pratos, me deu uma dor no peito estranha e até vontade de vomitar.

Me apoie na pia, disfarcei bem, já são quase sete da noite quando seu Macalister chegou em seu Corolla.

— Como vai menina? — Ele me abraçou.

— Ótima e o senhor? — Sorri pra ele. Abuela saiu da cozinha com um vestido vermelho e usando um salto de tango, com uma rosa no cabelo, nem deixou o coitado responder.

— Vamos dançar um tango *caliente*, meu tigrão.

Senhor Macalister parece que vai infartar.

— Respire fundo meu velho. — Ela deu uma bitoquinha nele e eles saíram afoitos dando risadinha e me dando tchau.

Tranquei a porta e fui para dentro. Certifiquei-me que o carro está travado. Me virei com tudo.

— Deus — juro ter visto Cobra na vitrine. Um arrepio percorreu minha espinha, porém, de uma forma estranha me senti segura.

Peguei meu caderno, agenda e fui até à cozinha, coloquei alguns corantes sobre a mesa e abri o catálogo de cores.

Comecei a fazer o desenho do bolo de uma forma mais realista, ao som da Sia rebolei pela cozinha, conferindo algumas essências. Abri alguns potes e acrescentei no caderninho baunilha e canela. Tirei minha camiseta ficando apenas de top e legging preendi meus cabelos em um coque alto, mesmo a cozinha estando com a temperatura fresquinha, estou suando.

Irei inovar, mesmo o Red Velvet sendo tradicional vou dar o meu toque especial.

Rebolei meu bumbum dando uma empinadinha e cheirei a baunilha em casca.

— Adoro quando dança assim. — Meu corpo todo travou.

— Como... Como você entrou?

— Pela porta, amor. — Ele me abraçou com tanta força que estremei. Afastei-me e me virei.

— Meu Deus, que ouve com seu rosto? — Toquei seus lábios, eles estão com sangue seco, seu olho arroxado. — Meu Deus, quem fez isso com você?

Ele me puxou e me abraçou, ele enfiou a cabeça em meu pescoço e deu um beijo me deixando arrepiada.

— Me solte, preciso limpar isso.

— Não.

— Por favor. — Ele me soltou, sentou na baqueta onde eu estava, fui até à dispensa, quando voltei ele estava com os olhos fechados.

Ele segurou firme na minha cintura enquanto limpava seus lábios. Seu supercílio tem um pequeno corte, quando passei o álcool ele resmungou e abriu os olhos.

— Me deixa te sentir. — Ele me apertou e encostou a cabeça em meu peito e beijou o topo dos meus seios. Senti o enorme volume da calça dele contra a minha barriga. Sua respiração contra meu pescoço. — Não posso *te* perder.

Ele parecia em um transe.

— Eu vou *te* beijar. — Tentei me afastar, mas ele foi mais rápido, me prendendo contra ele, ofeguei.

— Não, Dominic... — ofeguei, mas antes que pudesse impedi-lo, fui ao céu os lábios macios, porém, exigentes tocaram os meus de forma lasciva.

Levei minha mão ao seu peito tentando afastá-lo, mas acabei gemendo em sua boca ao sentir ele apertar minha bunda. Queria

me afastar dele, quando ele finalmente me soltou, ofegante, depositou um selinho em meus lábios, me fazendo estremecer. Ele apoiou sua testa na minha com a respiração irregular, minha mão ainda estava em seu peito duro e forte.

— Meu Deus. — Suspirei, ele me levantou com força contra o armário, como se eu não pesasse nada. Minhas costas bateram com força, eu gemi alto, ele ergueu minhas pernas fazendo elas cruzarem em sua cintura.

— Pare de chamar Deus, *porra*, se quiser parar a hora é agora, porque nem o próprio diabo vai me tirar dessa *boceta* depois que eu entrar. — Gemi.

Senti-me em pânico por um momento, ele afastou meu top, fazendo meus seios pularem só senti ele moer contra o meio das minhas pernas. Me fazendo tremer.

Ele riu fazendo com que molhasse ainda mais a minha legging fina, olhei entre nós dois e seu jeans claro está úmido. Senti meu rosto corar de vergonha, tentei afastá-lo, mas ao invés disso, meus dedos puxaram com força sua camisa fazendo-o ficar ainda mais perto de mim.

— Eu vou *te foder*. — Mordi os lábios e fechei meus olhos com força ao sentir o barulho da legging se partindo. — Você não usa calcinha inferno?— perguntou.

— Dom... — Mordi os lábios e taquei o foda-se minha Deusa interior tomou o controle, cravei minhas unhas em seus ombros, quando ele chupou meu seio com força, sem pudor me esfreguei contra o jeans dele. Ele rosnou.

Enfiei a mão entre nós e apertei ele sobre o jeans.

— Você pode negar, mas me quer. — Engasguei.

— Dom... por favor, eu... — Eu tentei pará-lo, mas antes que eu pudesse dizer algo ele atacou meus lábios, me impedindo de dizer a verdade, queria confessar que eu nunca estive com outro homem, mas Dom parece disposto a não me ouvir.

— Você quer sexo duro e sujo, docinho. — Meus dedos apertaram sua camisa, quando o peito duro tremeu sob meus dedos, ele ri de forma sensual, meu corpo todo se arrepiou, eu podia sentir o desejo por ele mais forte, o dedo dele deslizou entre minhas dobras molhas me fazendo ofegar. — E eu posso provar meu ponto, amor.

Deus! Eu senti seus dedos frios ficarem molhados e ele rosnar.

— Temos a *porra* de um ponto, docinho. — Ele correu os dedos sob meu clitóris, me fazendo ofegar, ele rosnou baixo contra a pele do meu pescoço. Sem me dar conta, choraminguei.

— Dom...

Tentei clarear a minha mente, nublada pelo prazer, mas não fui capaz, , gemi alto seu nome.

Mesmo molhada pude sentir o ardor, mordi meus lábios, ele deslizou mais um dedo para dentro de mim, fechei meus olhos me sentindo invadida. Ele rosnou quando apertei seus dedos.

— *Porra*, você é virgem? . — Abri meus olhos quando ele retirou os dedos de dentro de mim, fazendo-me vazia, ele me olha vidrado como se estivesse em transe. — Não posso, *porra* — falou áspero. Mordo meus lábios com força me sentindo minúscula.

— Por favor... — Eu nem sei ao certo pelo que estou pedindo. Fechei meus olhos com força.

— Não aqui, docinho. — Os dedos frios dele tocaram meu rosto. — Abra os olhos, bombom. — Fiz o que ele pediu sem ser capaz de encará-lo. — Olhe *pra* mim. É isso que você quer? — mordi os lábios.

— Dom...

— Não tem volta. — Ele sorriu, seus olhos brilharam, umedeci meus lábios. — Responda, é isso que realmente quer?

— Sim, não sabia que precisa até você me tocar — admiti com vergonha, sentido meu rosto esquentar, ele soltou uma risada baixa e sensual, me fazendo estremecer, a umidade entre as minhas pernas cresceram.

— Era isso que eu precisava ouvir docinho. — Antes pudesse falar algo ele se afastou levando-me com ele.

— Onde você... — Ele colocou os dedos sobre meus lábios e sorriu.

— Sofá, docinho. — Piscou me fazendo cruzar as pernas em sua cintura.

Ele empurrou a porta da cozinha.

— Dom? Eu sou pesada e... — sou interrompida pelos seus lábios se chocaram contra os meus, fazendo-me suspirar.

De repente ele se afastou de mim com força e olhou por cima dos meus ombros.

— Dom? — Ele ficou tenso, e antes que eu pudesse olhar para trás ele simplesmente me beijou. Eu ouvi o barulho do chute que ele deu na porta. — Você chutou minha porta, *merda*.

Ele riu, mordendo meus lábios.

— Estou com as mãos ocupadas, docinho. — Os lábios dele se chocaram com os meus, ele me deitou no sofá macio e me perdi,

ele me puxou com força contra ele, os lábios dele queimam como brasa nos meus deixando-me inebriada de tesão. Me senti ainda mais molhada quando seus dedos deslizaram novamente entre minhas pernas. Ofeguei quando seus dedos trabalharam suavemente em meu clitóris.

— Gosta disso, docinho? — Ele riu, fazendo-me gemer de forma dolorida. Senti quando os dedos dele entraram e saíram de mim, protestei. Ouvi o barulho do zíper, estremeci, cravei minhas unhas em seus ombros e respirei com dificuldade.

Quando senti seu *pau* deslizar sobre meu clitóris, ofeguei assustada, encarrei seus olhos negros, ele tem uma cama fina de suor em sua testa.

— Eu estou limpo, docinho. — Vi verdade em seus olhos, fechei os meus quando seu *pau* deslizou novamente em meu clitóris, fazendo um movimento delicioso. Gemi senti minha umidade melar seu *pau*. Ele grunhiu de forma baixa e segurou meu rosto, meus olhos se conectaram com os dele.

— Sinto muito, docinho. — Ele deslizou *pra* dentro de mim com força, me fazendo ofegar. Senti seu *pau* deslizar pela minha abertura, respirei e arregalei meus olhos, ele pulsou dentro de mim, meus olhos estão fixos nos dele, estremeci. Quando ele bateu, senti um fogo se espalhar e queimar, me agarrei nele.

— Vai passar. Você é deliciosa demais, *porra*.

— Dom... por favor. — Ele sabia pelo que eu estava pedindo, e acabou rindo baixo e sensual. Ele deslizou devagar, ofeguei quando o ardor passou, ficando apenas um leve desconforto. Ele pulsou dentro de mim, em resposta eu lhe apertei fazendo-o rosnar, sua mão se fecha suavemente em meu pescoço.

Ele deslizou devagar, fechando os olhos e olhando para baixo, não fui capaz de acompanhar seu olhar, minha cabeça encostou no sofá, o rosnado que ele deu me fez estremecer de prazer, Dom entrou com mais força e gemi mais alto. Sua mão deslizou pelo meu pescoço e choringuei quando seus dedos frios tocaram meus seios, Deus! Porque ele precisa ser tão deliciosamente gelado.

— Dom...

— Você é minha, *porra*. —Abri meus olhos, ele me olha vidrado, puxei ele fazendo seus lábios frios baterem nos meus quentes, ele gemeu e estocou fazendo-me cravar as unhas em seu peito.

— Dom... Mais.

— Você aguenta? — Ele me olhou convencido, saindo quase completamente de dentro de mim.

Oh, sim estava demorando.

— Faça o teste, maldito arrogante. Eu não sou de cristal. — Os olhos dele ficaram mais intensos. A primeira estocada veio com força, seguida de outra, e outra. A cada estocada meu corpo bate com intensidade no sofá, com toda força que me restou puxo a camisa dele, cravado minhas unhas em seu peito. Ele urrou e eu gritei quando ele bateu tão fundo que meu corpo entrou em colapso. Tremi e senti jatos quentes me invadirem, melando nós dois. Tentei respirar fundo, mas não consegui. Ele pulsava dentro de mim.

— Quero mais. Mais Dom — gemi, ele nos virou me fazendo sentar em seu colo, meu corpo desceu no dele, fazendo-o arregalar os olhos quando eu senti o ardor se intensificar.

— *Porra*, me desculpe. Me empolguei. Você é muito apertada *porra*. — Ele riu me fazendo morder os lábios. — Eu te machuquei, docinho?

— Pode ao menos uma vez calar a boca? — Toquei seu rosto, ele deslizou a mão entre nós dois e tocou meu clitóris.

— Gosta quando eu falo assim? — Antes que eu pudesse responder o corpo dele se chocou contra o meu, fazendo-me revirar os olhos fazendo um barulho entre nossos corpos melados, ecoar no escritório, ele mordeu meu seio e finquei as minhas unhas em suas costas. — Por favor... Dom.

Gritei, sentido outro orgasmo se construir. Eu jamais me senti assim antes. Ele mexeu os quadris com mais força, mas suave fazendo-me morder os lábios.

Ele grunhiu e eu choraminguei tentando me apertar mais a ele. É intenso demais. Diferente de tudo que já senti.

Quando ele bateu no fundo, e a boca gelada dele tocou meus seios, tive a confirmação, se eu achava que ele havia me estragado para outros homens, agora tenho certeza.

Capítulo 14

"Clube Da Luluzinha"

*“Quando brigamos, nós brigamos como
leões Mas então, nós amamos e sentimos a
verdade*

*Nós perdemos nossas mentes em uma cidade de
rosas Nós não vamos tolerar nenhuma regra”*

Fire on fire
Sam Smith



BONNIE

Meu corpo tremia violentamente, senti aos poucos voltar a órbita da terra e finalmente me dar conta que não estava tendo uma alucinação erótica, nem um sonho de final de expediente e muito menos em um pornô.

Balancei a cabeça, meu Deus, não, não é nada parecido com os pornôs que ensinei abuela a ver, ou os livros eróticos que eu li. Meu deus, não havia nada disso, nos livros de E. L. James.

O que tinha acontecido?

Meu Deus!

Meu corpo ficou tenso

Embora não fosse para ser assim, apenas foi. E meu Deus não consigo explicar como foi. Senti ele respirar pesadamente em meu pescoço deixando um beijo em seguida uma mordida leve. Senti meu rosto corar.

Lembro das meninas da faculdade contando sobre as aventuras sexuais delas e nada do que aconteceu aqui, faz jus, lembro de uma das meninas falar que na primeira vez ela desmaiou, meu Deus. E que outra teve uma crise de risos.

Realmente gozei, certo fui uma cretina em imaginar que nenhum homem conseguiria me fazer ver estrelas, droga.

Quando meus olhos encontraram os dele eu nunca tinha os visto daquele jeito, claros e calmos, mas mesmo assim

perigosamente apaixonantes, o olhar de bandido estava lá com um brilho que jamais vi.

— Linda. — Riu, embora todo meu corpo estivesse agora ciente de que eu havia perdido, não estava um clima estranho entre nós. — Quero ficar aqui pra sempre. — Ele me abraçou e pulsou dentro de mim, me mexi lentamente e me senti amortecida. Soltei um leve gemido. — Não vai dizer nada bombom? Eu *te* machuquei?

— Não consigo pensar direito. — menti, minha mente parecia um turbilhão de sentimentos e pensamentos idiotas. — Eu estou bem. — Respirei com dificuldade.

Ele riu e se afastou, senti ele sair deixando uma sensação de vazio, meu rosto queimou ao perceber nossos líquidos escorrendo, senti uma leve fisgada, o que eu fui fazer?

Ele subiu a calça e me olhou maliciosamente.

— Ajuda amor? — Ele me provocou quando se afastou um pouco, minhas pernas tremeram, senti um ardor entre as pernas. Ele segurou meu queixo dando um leve beijo em meus lábios. — Não se mexa, docinho, vou limpar essa bagunça.

Fiquei ali parada, só fiquei ali, feito uma idiota encostei no sofá sentindo-me esgotada e muito envergonhada.

Me dando conta de que eu não estava em um livro erótico, apenas na minha vida enfadonha e que eu havia perdido minha virgindade.

— Abra as pernas amore me deixe limpar essa bagunçada. — Olhando o teto, me senti uma idiota, senti o beijo no interior da minha coxa.

Mordi o interior da minha boca, me sentindo como uma menina boba a vontade de chorar veio forte.

Me senti a Bonnie adolescente, idiota, na chuva vendo seus sonhos de adolescentes indo embora, droga.

Como uma idiota me imaginei casando com um cara legal sem problemas, ter um cachorro e um lindo bebê para chamar de meu, morando em uma casinha pintada de azul com uma cerca branca e uma pequena varanda com uma cadeira de balanço.

Entretanto, só sou, a Boo solteirona e literalmente *fodida*.

Apenas isso.

Estou quase chorando pelo leite derramado.

Me senti minúscula.

Não estou arrependida, mas sei que de alguma forma nada mudou entre mim e Dominic.

— Tudo bem, querida? — abuela perguntou no dia seguinte. Afirmei levemente com a cabeça. — A mocinha, Solange veio para a entrevista.

Concordei.

— Mande ela entrar, abuela.

Respirei fundo, quando ele me deixou em casa na noite passada, vestindo sua jaqueta, ele me levou até à porta.

— Vamos ficar nesse clima estranho, amor? — Ele brincou pegando no meu queixo. — Ainda somos amigos não somos, bombom?

Se eu já estava murcha, fiquei seca.

Amigos, não costumo ser amigo de mulheres. Sim, eu lembrava perfeitamente das palavras dele.

Ah pelo amor de Deus seja uma cretina, use esse maldito até o pau dele esfolar. Sim, minha Deusa interior estava sendo uma vadia, droga.

Ele tinha o maldito olhar de bandido atrevido... Droga já disse o quão idiota sentimental estou sendo?

Por que fui me apaixonar por um bandido?

— *Buenos días?* Dona Carmen me mandou entrar... — uma moça alta e totalmente deslumbrante, passou pela porta me trazendo de volta a realidade, ela tem os cabelos negros e lisos, pele negra, e usava um vestido todo colorido.

— Vem, fique à vontade e pode se sentar, por favor. — Ela praticamente correu até à cadeira, toda sem jeito.

— *Lamento la demora, lo siento, por favor no me digas que ya has contratado a alguien.* — Ela simplesmente começou falar apressada, percebi que fala minha língua. — Me desculpe... Eu... — ela tomou fôlego. — Soy Solange, quero dizer me chamo Solange. Yo no... Me desculpe quando fico nervosa *falo mi lengua*.

— Não se preocupe Solange, isso também acontece comigo. — Ela riu. — Aliás, você não está atrasada, e sim adiantada em meia hora?

— Meia hora? — ela arregalou os olhos, confirmei apontando com a caneta para o relógio na parede.

— Rosita! — exclamou. — Minha filhinha, ela mexeu no meu celular de novo. — Solange sorriu desconcertada — me desculpe.

— Imagina. — Peguei o currículo dela, havia duas páginas. — Então Solange, por que se interessou na vaga?

— *Voy a ser sincera*, me mudei tem dois dias para a cidade, senhora. Consegui o visto permanente para o país, meu dinheiro

dava apenas para pagar um quarto na pensão, minha mãe já não pode trabalhar mais por conta da idade, passei aqui ontem e vi o anúncio. Preciso muito desse emprego. — Ela pareceu desesperada, mesmo estando firme. — Já trabalhei em um restaurante em mi cidade, México, como ajudante na cozinha, e também em um café em Vegas, mas eu não consigo mais me manter em Vegas.

— Pode me chamar de Boo, nada de senhora ou senhorita — concordou. — Que tal me mostrar o que sabe fazer, Solange?

— ¿*Estoy contratada?* — Ela levou a mão aos lábios, emocionada.

— *Sí, necesitas el trabajo y yo necesito ayuda* — falei em espanhol e ela me olhou surpresa.

Me levantei, e ela também, sem que eu esperasse Solange me abraçou.

— Vamos lá, temos muito o que fazer. — depois dela me dar seus documentos para que Judie pudesse oficializar os papéis de contratação, saímos do meu escritório.

Me senti ardida, me fazendo lembrar do real motivo por estar letárgica.

Assim que eu cheguei no balcão com Solange, o real motivo da ardência entre as minhas pernas, passou pela porta de forma descontraída e ordinária.

DOMINIC

Soquei o saco de boxe, Cobra está encostado na parede me olhando de forma avaliativa.

— O roxo em seu pescoço não foi causado ontem. — O boca de trapo do Lincoln resmungou, ele mantinha o saco de boxe

parado, soquei fazendo ele ir pra trás levemente.

— *Foda* — Cobra comentou baixo.

— Você transou, né seu safadinho. — me mantive em silêncio. — Não me diga que ela *fodeu* você e *te* chutou *pra* fora da vida dela.

— Está arrependido? — Cobra sondou baixo com os olhos brilhantes, vi quando o maldito deu um leve indício de sorriso por nada esse *filho da puta* sorri.

— Não *porra*, eu só agi feito um animal. — disse entredentes, socando com mais força o saco. Larguei o saco e me joguei no chão, Lin fez o mesmo, Cobra permaneceu no mesmo lugar, sem ao menos se mexer.

Não eu não estou nenhum pouco arrependido, mas *porra*. Que *porra*! Eu agi feito o caraio de um animal, não era para ter sido assim *porra*. Eu jamais imaginei que ela fosse virgem, mas quando toquei seu corpo, e a fiz minha, foi como se tudo finalmente fizesse sentido. *Porra*, nunca gozei tanto na minha vida, meu corpo desejava mais, queria entrar no quarto dela e *foder* ela de ponta cabeça no teto.

Esperei ansiosamente feito um adolescente que ela me convidasse pra entrar, mas não aconteceu ela estava nervosa, e sequer conseguiu olhar em meus olhos.

— Você foi o primeiro dela e está aqui no chão se culpando — continuei no chão, tentando não respirar. — Por algo que os dois queriam — Cobra complementou acendendo um cigarro e falando mais alto que o normal.

— Pelo amor de Deus, seja a *porra* de um cara normal. Por que não se ofereceu para ficar? — Lin perguntou.

— Eu falei *merda*, me ofereci apenas para ser seu amigo. —
Eles céticos gargalharam.

— E me arrependi no momento seguinte em que disse a *merda* toda, ela me olhou decepcionada. — Fechei os olhos sentindo a minha cabeça doer *pra* um *caralho*.

Desde quando coração dói *merda*?

— *Porra*.

— Você está sendo um *bundão*. Por que não chama ela para sair, a leva à Vegas no restaurante do hotel? Sei lá, tenta agir como um homem normal — Lin resmungou. Cobra permaneceu me olhando de forma avaliativa.

— Vai ficar me olhando com essa cara, seu *porra*? —
questionei.

— Quer que eu diga o que chefe? — Cobra retrucou.

— Então pare de me olhar com essa cara de *filho da puta* sentimental.

— Qual é, leve ela no evento da prefeitura — resmungou me lembrando daquela *merda*.

Sim, eu tinha negócios sujos com a prefeitura, fornecia as armas eles me davam a grana e passe livre na cidade, enquanto isso o maldito biscoitinho continua achando que pegaria meu rabo, se eu fosse pego a cidade rodava, ou seja, se o meu cu é preso com cola o deles é pregado com prego.

— Pague de galã da cidade e bom moço, seja boa pinta, usar a cabeça ao invés do *pau* também pode ajudar.

— Que *porra* deu em você, Michael? — Lin perguntou, Cobra deu de ombros, não dando a mínima importância por ter sido

chamado pelo nome. Mesmo assim percebi o incômodo no seu olhar.

— Diga algo mais útil então — rebateu.

— Fala mais alto, cara. — Lin coçou o ouvido.

— Diga algo de útil então, *porra* vai limpar a cera de ouvido no tatame cara. — Cobra falou um pouco mais alto, já havia me acostumado, porém, Lincoln deve sempre ser a última pessoa a ouvir um segredo, até porque o maldito nunca escuta e sempre repete as coisas alto demais. — Eu treino aí também seu porco. — Lin limpou as mãos na roupa.

Vallen entrou no galpão, suado vestindo só uma bermuda preta e tênis, ele bebeu quase toda a garrafa de água, os olhos de Cobra ficaram mais perigosos ao vê-lo, Vallen ao perceber engoliu em seco, alto que ninguém percebeu, somente eu.

Eu vou casar esses dois inúteis nem que tenha que amarrá-los e levar os dois no porta-malas até à capela do Elvis maconheiro.

— Bom dia — ele disse ignorando Cobra.

— Dia. — Lin percebeu o clima entre os dois.

— Bom dia, Vallen. — Vejamos aqui, temos mais um *pau* lançado no trem da felicidade.

— Só se for pra você — resmunguei.

— Boo *te* deu um pé na bunda, chefe? — Vallen falou sorrindo de canto.

— Ele teve uma *foda* fantástica e cagou no *pau* se oferecendo para ser apenas amigo dela. Agora ele está com medo de receber um adeus em espanhol — Lin relatou com uma fofoqueira de quinta categoria, maldito.

— *Porra* chefe? — Ele passou a mão na testa, eu mostrei o dedo do meio irritado.

— Quando que vocês perderam a *porra* do respeito comigo, seus *merda*? — protestei, me sentando no chão. — Ela não vai me dizer adeus em espanhol. Tinha alguém lá.

— Que *porra*, chefe. — Cobra disse sério. — Você viu quem era, caralho?

— Não sei, *porra*. — Todos ficaram tensos. — Não estávamos sozinhos.

— Vou investigar essa *merda*. Precisa de alguém pra fazer o trabalho de Sancho Pança. — Ele deu de ombros e olhou diretamente para o Vallen. — Preciso das câmeras de segurança do clube Vallen.

Havia alguém lá e *porra pretendo* descobrir quem era.

BONNIE

— Oi, amor. — Ouvi a voz sensual que acaba com o meu psicológico.

— Oi, Dominic? — tentei soar o mais segura o possível.

— Vejo que finalmente arrumou ajuda, docinho. — Ele olhou rapidamente pra Solange, que parecia apavorada. — Onde está minha velha safada?

Ele se encostou no balcão.

— Na cozinha — resmunguei de má vontade.

— Não precisa ter ciúmes da abuela, eu sou só seu amor. — Prazer, moça, me chamo Dominic Maldonado. — Solange balançou a cabeça e ele riu — Não precisa ter medo.

Vi Solange se endireitar e dar de ombros falando..

— Vou recolher aquelas mesas, Boo — Sol comentou

— O quer aqui encosto? — questionei, sorri pra velhinha que olhou pra vitrine.

— Bem que você gostou do encosto ontem à noite, não é amor? — Meu corpo estremeceu. — *Ah* se seu sofazinho.

— Amor o meu *rabo*, agora se não vai me dizer o que quer dá o fora.

— Um beijo. — Ele puxou meu corpo contra o dele bruscamente, acabei lembrando do ardor entre as minhas pernas.

— Dominic! — exclamei.

— Adoro quando me chama assim, quase gozo só de ouvir. — Belisquei sua mão e olhei com cara de paisagem em direção a senhora que provavelmente ouviu tudo, e sem dúvidas iria espalhar para cidade toda.

— *Argh!* Você é insuportável. — Sorri pra velha.

— E você é uma delícia, bombom — continuei olhando pra ele. — Mas isso não vem ao caso, tem um minuto do seu preciso tempo para esse humilde homem?

— É claro que ela tem, não é querida? — Abuela saiu da cozinha.

Não, abuela não fez isso. Olhei a obra de arte em suas mãos. Dominic gargalhou.

— Por que diabos a senhora fez uma escultura de uma mulher fazendo um boquete? — Dominic tentou falar baixo. Olhei horrorizada pra ela.

— Vó essa mulher é você? — Percebi a enorme mecha branca na cabeça da escultura.

— *Oh* o *pau* torto do velho aí. — Dominic apontou para a base torta do pênis.

— Não fale assim querido, o torrão-de-açúcar do meu benzinho é apenas levemente curvado, vamos fazer aniversário de namoro e precisamos comemorar com estilo.

Solange venho em nossa direção e levou a mão aos lábios, prendendo o riso quando viu a escultura.

— Abuela guarda isso. — Ela virou no exato momento em que o homem, que veio aqui outro dia cruzou a porta. Duas mulheres o acompanhava, uma jovem baixinha e uma mulher linda demais, ela olhou em volta e falou algo pra mocinha. Eles caminharam até o balcão.

Senti Dominic ficar tenso ao meu lado.

Abuela voltou.

— Vão lá conversar querida, que eu atendo essa linda família. — Abuela virou em direção aos clientes com um enorme sorriso. — O que gostariam de provar meus queridos? Sol irá indicar uma mesa para vocês.

Saí de trás do balcão.

— Vamos logo, encosto.

— Olha bem para essa carinha, Maldonado. — Ele me olhava debochado. — Tenho cara de mulher que serve de troféu para mafioso.

— Eu não sou mafioso, *porra*, sou só um motoqueiro cumprindo os *ossos do ofício*, é diferente, afinal uma mulher competente precisa de um homem incrivelmente sexy ao seu lado. — Ele passou a mão na camisa tirando uma poeira imaginária. — Qual é eu sou boa pinta.

— Vulgo vagabundo encrênqueiro. Você está se oferecendo para ser o meu acompanhante de luxo? Um prostituto?

Sim, ele estava se oferecendo para ser meu troféu, no coquetel de Vegas.

— Você não vai me acompanhar amor, eu vou. Serei seu troféu. Como um bom menino vou me comportar como um verdadeiro cavaleiro.

Olhei pra ele.

— Oras, *vá se foder* Dominic! Está parecendo que eu sou uma dondoca que compra companhia!

— Você está exagerado! Abuela não vai levar o velho? — concordei. — Então você me leva.

— Você já é convidado da prefeita, seu imbecil — xingo Dom.

— Você está insultando a minha inteligência, amor! — Revirei os olhos.

— Você pode levar quem quiser Dominic, evento é só você estralar os dedos e uma loirona gostosona estará prontinha para acompanhar você.

— O problema sou eu, não é? — Ele me olhou com uma cara tão magoada, que eu quis jogar ele da janela.

DOMINIC

Queria jogar o corpinho gostoso dela em cima daquela mesa e fodê-la até perder os sentidos, porém, me mantive no personagem. Digno do Oscar.

— Claro, a grande chefe que estudou fora, viajou a Paris, não quer ser vista com o bandido encenqueiro, não é? — Apelei usando artilharia pesada. — Afinal todos lá sabem quem eu sou, você não quer sujar a sua imagem e respeito isso.

Bingo. *Porra*, sujo, porém, lendário.

Boo nunca seria esse tipo de mulher, a prova viva foi o fogo que vi no olhar dela. Ela parece querer ler a bíblia em um discurso moralista *pra* mim.

Continuei meu teatro.

— Certo. Nem sei o porquê tive essa ideia idiota.

— De onde você tirou essa *bosta* toda, seu idiota? — Ela veio em minha direção e me olhou com fogo nos olhos.

Ui! Vou me queimar todinho nessas labaredas ardentes e apagar o fogo do *rabo* dela.

— Você é um idiota, eu jamais teria vergonha do que você é, não aprovo suas falcatuas seu tonto, mas nunca terei vergonha de você, por eu...

Ah! O doce sabor do açúcar, agarrei a coisinha tesuda, beijando seus lábios com fome. Ela ficou surpresa e tensa, no entanto, correspondeu segundos depois. Me afastei levemente, chupando seus lábios fazendo ela ronronar feito uma *gatinha no cio*.

— Vai comigo, não é docinho? — ela reclamou

— Não me faça mudar de ideia ou arranco seu couro e faço uma coleira para Glórinha.

Capítulo 15

" Senhor Salete, Abuelita Do Cupido, Fofoqueiros
E Ah Tudo Mais..."

"Não, não me responsabilizo

*Se eu te colocar em problemas agora Veja, você é muito
irresistível
É, com certeza"*

Ain't My Fault

Zara Larsson



BONNIE

Minha vontade é de beijar o homem na minha frente e, ao mesmo tempo, estapeá-lo, ele tem o maldito sorriso fácil de bandido que abala as minhas estruturas. Mordi os lábios ao perceber a covinha em seu queixo.

Beija ele sua tonta! Minha Deusa interior relinchou a cavala. Não, me recuso, já estou *fodida* e não quero me *foder* mais...

Iremos gozar! Mas que inferno, ele sorriu e aproximou seu rosto do meu.

— Qual o motivo do sorriso safado, amor? — Droga, por que ele arrasta a palavra amor? Soa quase como indecente a maldita palavra, como um gemido faceiro e gostoso, que saco!

— Eu...

— Querida? — Abuela abriu a porta batendo nela, me afastei de Dom fazendo a velha olhar de forma saliente. — Salazar quer falar conosco querida.

— Salazar? — Confusa e meio aérea, senti Dominic suspirar.

— Sim, o gostosão, *ah* se eu fosse uns bons dois anos mais nova.

— Só dois? — Ri, saí do escritório dando passagem a Dom, que mordeu um palito de dente, que não faço a menor ideia de onde ele tirou.

— Certo, cinco talvez... Querida panela velha é que faz comida boa, com a idade não preciso nem usar cera depilatória, minha joaninha está sempre vermelhinha e lisinha.

— *Putá que pariu*, abuela. — Mordi os lábios com força.

— *Porra*, abuela. — Dominic fez uma cara de nojo. — Você é quase uma divindade, e me fez imaginar sua... sua... *Arg!* — Ele nem conseguiu terminar a palavra, se contorcendo todo. — *Porra* velha, que descaramento é esse? A senhora já foi professora na escola dominical, mulher!

Dominic está horrorizado.

— Bons tempos, saibam que eu e meu finado Calisto nos amamos atrás da igreja em uma noite estrelada? — confidenciou sonhadora, mesmo com abuelo Calisto morto abuela ainda tem o mesmo brilho no olhar ao falar dele.

— *Ah!* Pelo amor de Deus, abuela! — Dominic puxou os cabelos. — Por que diabos, estamos parados no corredor falando da sua vida sexual, velha?

— Vamos logo antes que ela comece a dar detalhes.

Encarava o homem à minha frente, ele me olha avaliativo enquanto sua filha dá detalhes do jeito que ela quer seu bolo de quinze anos.

— Marry? Devagar querida, senhorita Bonnie precisa assimilar tudo. — Cierra, a mãe dela disse com uma voz quase angelical. Salazar continua com seu olhar inquisidor. Todos deles parecem me olhar de uma forma bem estranha, com olhos brilhantes e cheios de informações.

Abaixei minha cabeça e me concentrei no papel. Avistei de soslaio, abuela fofocando com a Solange que concorda com ela,

Dominic permanece encostado no balcão com cara de *bosta seca*.

— Quero o recheio mais incrível que você puder criar, Bonnie.

— Algo único, senhorita.

— Certo, temos aqui... — Comecei a rabiscar. Desenhei dois girassóis centrais no papel, um sobreposto ao outro, embaixo rabisquei alguns menores, desenhado uma cesta de flores. — Certo, amarelo combina com baunilha e doce de leite com um leve toque de castanhas... E um pouquinho de canela para acentuar o sabor talvez mel para umedecer o bolo e criar uma sensação de campo — falei sonhadora para ninguém em particular.

Destaquei a folha e entreguei e eles.

— *Oh* meu Deus? Isso é possível? Papai é perfeito.

— Os dois girassóis maiores serão os bolos de baunilha com doce de leite, castanhas e essência de canela. — Ela me olhou sonhadora. — É um sabor único, acabei de criar em minha mente, talvez adicione cravos para atenuar o sabor. Será exclusivo para o seu bolo, a base com girassóis menores também será de bolo de baunilha, porém, blindado com chocolate aromatizado com canela, a cesta será feita com flocos de arroz e coberta com chocolate de modelar totalizando, cerca de quarenta ou cinquenta quilos.

Eles me olham sem piscar.

— Você pode realmente fazer isso, quero dizer... É possível?

— A mãe dela me fita com um sorriso brilhante e convencido. — Minha filha terá o bolo mais incrível que Vegas já viu, amor ela é incrível.

— Sim, realmente, Bonnie, é incrível. — A forma profunda que ele me olhou me deixou sem graça.

— Obrigada, se me derem licença, vou pedir para minha avó trazer alguns cupcakes, para que vocês possam decidir os sabores.

Me levantei trêmula.

Apontei o dedo para Dominic que me encarava com o semblante cretino.

— Se fizer uma piadinha que seja, quebro seus dentes. — Solange riu e ele revirou os olhos. — É com você, abuela, impressione-os.

— Deixe comigo. — Ela sorriu e entrou na cozinha. — Venha comigo minha aprendiz, vamos lá Solzinho, vamos impressionar o *pauzudo*.

— Senhora! — Sol riu. — A senhora já viu? Sabe o tamanho dos documentos dele?

— Claro que não menina, mas você viu o tamanho da mão daquele homem? E o pé? Uma lancha... Nem guindaste querida... Nem guindaste.

— Meu Deus!

Bati minha testa contra o mármore do balcão.

— Não reclame amor, abuela pode querer colocar mínis paus nos bolinhos da menina.

Eu vou enlouquecer.

— Você não tem nada ilegal pra fazer não? — questionei.

— Existe algo chamado terceirização de serviço, amor e aqueles miseráveis são pagos exatamente para isso e bem pagos.

Mostrei o dedo do meio e ouvi risadas da mulher e da filha do esquisito, olhei de canto na direção delas, elas estão dando risada do inútil ao meu lado.

— Sua sorte, é que eles ainda estão aqui caso contrário já teria colocado você na máquina de lavar na opção de triturar ossos.

— Esse seu amor por mim, é comovente, bombom. —
Levantei minha cabeça do mármore e lentamente me virei em sua direção.

— Sonhe senhor incrível, sonhe, se você der mais um pio a cidade toda vai saber que seu *pau* é torto, seu cretino.

Ele me olhou ultrajado.

— Meu *pau* não é torto, sua víbora. — Ri. — Droga. — Me endireitei na banqueta. — Juninho ficou magoado. — levou a mão até a virilha e fez cara de sofrido. Juninho? — Pede desculpas.

— Claro, senhor levemente curvado. — Ele ficou vermelho, não o documento dele não é torto, porém, enquanto puder usar isso contra ele, irei usar.

Ele me olhou com raiva, fiz cara de passagem, ele pulou da baqueta e saiu bufando feito boi bravo, sim um homem de quase dois metros, magoado por ter seu *pau* chamado de torto. Pelo menos não chamei de pequeno.

Ele atravessou a rua feito um foguete.

Homens.

DOMINIC

— Meu *pau* é torto? — Balancei ele em frente ao espelho do banheiro.

— *Porra*, chefe. — Cobra resmungou fechando o zíper da calça.

— Responde *porra*.

— Eu vou lá saber? — protestou lavando as mãos na pia. —
Nunca vi seu *pau* e nem quero ver, devia ter mijando no mato.

Balancei meu menino novamente.

— Aquela bruxa, disse que meu menino é torto.

Sim, o maldito sorriu.

— *Porra* custa você olhar e me dizer? — Ele fez uma careta e olhou rápido.

— Seu *pau* não é torto.

— Não escutei, fala mais alto *porra*.

— Seu *pau* não é torto — ele resmungou balançando a cabeça.

Olhei meu menino feliz por ele ser perfeito.

— *Porra* aquela coisinha tesuda me paga... — O banheiro está vazio. Revirei os olhos.

Coloquei meu *pau* dentro da cueca, satisfeito, fechei a calça puxando o zíper.

Lavei minha mão na pia e saí secando no exato momento em que Salazar entrou no bar.

Os caras se levantaram e me olharam.

Um a um eles saíram do bar e se encostaram em suas motos do lado de fora, Thomas desligou o som, e saiu pela porta que dava na cozinha onde tentamos fazer algo comestível.

— A que devo a honra Salete? — Debochei, *porra* desde que esse *porra* virou meu sogro, não tô bom não.

Ele me estendeu um papel.

Encarrei Salazar, o papel escrito POSITIVO em letras em negrito já não é uma surpresa pra mim, Bonnie mesmo sendo parecida com a *fodida* da Amber também tem traços do Salazar.

— Você deveria mostrar isso a ela, não a mim, não acha? — questionei.

Ele riu olhando para fora onde sua mulher e filha, estão sentadas em uma mesa da confeitaria.

— Cierra quer conhecer Bonnie e criar um laço mais íntimo, a Marry está eufórica, em saber que tem uma irmã mais velha e ainda por cima dona de uma confeitaria consideravelmente famosa.

— Olha só Salete...

— Me chame de Salete novamente e minha filha ficará viúva antes mesmo de casar com você.

— Certo, Salete... Se aquela coisinha *lá ó!* — Apontei pela janela em direção da linda coisinha petulante do outro lado da rua — descubra, ela mesmo me mata... Morto, sem vida, inerte, sem respirar, compreendeu ou quer que eu desenhe, meu chapa?

— Você é ridículo, porém, tem um ponto. — Ele respirou fundo. — Eu não faço a mínima ideia como dizer a ela que sou seu pai.

— Que tal chegar nela e dizer: olá Bonnie, você não me conhece, mas eu te conheço, me chamo Salete, sua mãe dava *pra* mim em troca de pó, e advinha nasceu você essa coisinha gostosa e tesuda. — *Caralho*, eu vi estrelas.

Porra, esse *fodido* me deu um soco?

— *Tá* louco? — Ele me ergueu pela gola da jaqueta. — Me coloca no chão, Salete!

— Se você chamar minha filha de... de... Disso que você falou, arranco sua língua seu cretino pervertido.

Ele me largou, me equilibrei certo ele não estava brincado.

Porra, o que ele faz comigo se descobrir o que fiz com a minha coisinha tesuda ontem?

Agora, eu fiquei com medo, *caraio*.

BONNIE

Uma semana depois, estou eu, abuela e Sol presas na confeitaria, prontas para fabricar o bolo mais incrível de todos, olhei sem acreditar, Abuela realmente conseguiu tirar toda a minha ideia do papel e transformar em um monumento em formato de bolo.

— *Dios mío, increíble* — Sol comentou colocando mais pasta americana na bancada, como pedi, ela colocou mais algumas gotinhas de corante na cor preta, deixando a pasta americana cinza.

Havíamos colocado uma plaquinha de fechado logo que cheguei de manhã, pela janela da cozinha pude ver alguns fregueses decepcionados sondarem a vitrine, foi necessário fechar porque não daríamos conta de atender e fazer o bolo, Sol em pouco tempo mostrou uma habilidade incrível como ajudante, enquanto esculpia a placa de Vegas, abuela terminava o terceiro cassino.

Sol, esticou a pasta americana no rolete.

— Traga aqui querida. — Surpreendida, Solange, esticou a massa sobre o asfalto de flocos de arroz açúcarado. — Mãos de fada, querida, se meu bebê não *te* contratar, eu contrato.

Me levantei e olhei o nosso monumento.

— Incrível, pegue as tintas Sol e...*Putá que pariu*, Cobra! — sim a alma penada de olhos azuis está encostado na minha geladeira, comendo uma maçã. — Por onde você entrou, homem?

— Assim eu fico ofendido, ama — ele disse baixo e bufei assustada. — digamos que o sol lá fora está de *foder* os miolos. — Ele pegou uma touca que estava pendurada na parede e colocou na cabeça e sentou na cadeira que fica perto da porta.

— Oi *merda* nenhuma, me diga a verdade, você quer conselhos de como conquistar o anjinho, não é? — abuela lançou a

pérola sem ao menos desviar a sua atenção do bolo, com isso Cobra quase morreu engasgado com a maçã. — Menino, só um bobo não percebe seu olhar de safadão *pro* pobre rapaz.

Ele me encarou, afirmei, ele olhou pra Sol que soltou um risinho com vergonha.

— Vamos lá, me diga, vocês deram umas *bitocas* ou foram já para os finalmente.

Mesmo querendo abrir um buraco na terra e me enfiar com Sol, eu e ela nos mantivemos sérias.

— Finalmente — confidenciou Cobra.

— Bom temos um começo, agora vamos trabalhar essa voz de orgasmo retraído, menino você tem um vozeirão, use essa voz para fazer ele gozar gostoso e não para deixá-lo broxa. Fale mais alto meu bem.

Putá merda.

Sol começou a tossir, mas ela olhou seriamente em direção ao Cobra.

— Me desculpe a indelicadeza, entretanto, abuela tem razão, me desculpe senhor Cobra, porém... Sabe só vemos o senhor resmungando e olhando para o Vallen como se ele fosse uma tigela de guacamole picante.

Entrei na onda.

— Me diga você fez alguma coisa de errado? Sabe? — perguntei, pegando o vaporizador para passar sobre a pasta americana da placa para dar brilho.

— Eu acabei falando coisas que não devia. — Abuela bateu uma mão na testa.

— Não me diga que tem vergonha de ser quem você é! —
abuela parecia ultrajada. — Um homem todo bonito desse com
vergonha de beijar e dar uns amassos naquele menino, *ah* parece
um anjinho, aquele cabelinho loiro... Você pode até ser loirinho dos
olhos azuis querido, mas parece um tihoso quando olha por baixo,
desse jeitinho aí.

Ele nos olhava como se fossemos loucas, porém, pude ver
ele sorrir levemente.

— Vamos de um sorriso. — Ele continuou nos olhando. —
Abra a boca e sorria menino. Isso.

Cobra, forçou um sorriso que ficou fofo e esquisito.

— Isso. Agora um sorriso sexy. — Ele balançou a cabeça.

— Não consigo. — Eu e Sol rimos.

— Vamos lá, querido imagine o anjinho em uma cena
caliente. Feche esses olhos, imagine e sorria.

Eu e sol nos entreolhamos quando ele fez o que abuela
mandou, ela largou a espátula de modelar.

É estranho e incrivelmente fofo, ver um homem de quase dois
metros, vestido de couro com uma touquinha na cabeça e todo
tatuado, ouvindo conselhos sexuais de três mulheres.

— Viu. Esse é o ponto. Sorria mais — abuela ficou em pé.
— Agora se levante e venha cá.

Cobra se levantou e endireitou o corpo, abuela subiu na
baqueta, e simplesmente grudou na orelha dele.

— Agora saia daqui e vá lá, pedir perdão para aquele menino
maravilhoso. — Ele nem se mexeu, contudo, sua orelha está
vermelha — seja um menino inteligente e peça perdão para anjinho

ou eu mesma trato de arrumar um torrão de açúcar para ele melhor que o seu.

— Sim senhora. — Abuela o soltou.

— Bom menino, agora vá. — Abuela deu dois tapinhas no rosto dele. — Deixe a touquinha querido.

Ela gritou quando ele atravessou a porta feito um foguete.

Só conseguimos rir depois de tudo isso.

DOMINIC

— Fica quieto e tira a cabeça da frente. — Empurrei a cabeça de Lincoln.

— Eu não estou ouvido esse fodido fala muito baixo.

Trepados no contêiner de lixo do lado de fora, tentávamos ouvir a conversa dos dois pombinhos.

— Eles vão se beijar... Porra o Vallen bateu na cara dele. Cobra está sorrindo? Esse *fodido* sabe sorrir? — Dei um tapa na cabeça dele.

— Eu estou vendo, quer calar a *porra* da boca? — Cobra falou algo a Vallen que fez ele negar com a cabeça.

— Será que eles vão se assumir? — Lin mordeu a unha.

— Cara, cala a boca. — *Porra* o Cobra está sorrindo? Que *merda*?

— Por que Vallen está apertando a mão dele, sinal de paz? *Wow!* — Cobra puxou a mão de Vallen. — *Porra* que beijão.

— Vamos descer e dar privacidade pra eles. — Sorri.

— Depois de já terem sondado os dois na maior cara dura? — Escuto a voz de Bonnie reprimindo-me.

— *Porra* Boo.

— Oi bombom. — Ela estava no chão, com as mãos na cintura.

— Vocês dois estão decadentes — minha tesuda brigou.
Pulei do container de lixo.

— Vai dizer que nunca ouviu a conversa atrás da porta, amor? — perguntei.

— Vocês são ridículos.

— É você me adora, não é? — Me aproximei dela e ela recuou.

— *Porra* nenhuma, preciso que me ajudem a colocar o bolo no carro — e simplesmente saiu andando.

— Quanto mais difícil ela se faz mais eu apaixono. Me virei e Lin ainda estava pendurado na janela. Puxei a perna dele — desce daí seu *porra*, vamos logo.

Olhei a bunda dela balançando de longe, *ah* quero me enfiar nessa bunda.

Esfreguei uma mão na outra e dei um pulo.

Eu amo essa mulher.

Capítulo 16

" É Sobre Decepções."

" O medo reside no sofrimento do passado e cria dor no futuro."

Roberto Shinyashiki



DOMINIC

— Pronto docinho. — Fechei a porta do carro.

Porra, isso não é um bolo e sim uma escultura, nunca tinha visto algo tão real quanto aquele bolo.

Lincoln colocou a cara no vidro do carro olhando pro bolo.

— Quem em sã consciência cortaria uma obra-prima dessa? *porra*, isso deve doer a alma. — Boo concordou.

— Precisa de ajuda pra levar até à cidade, bombom? — me ofereci como um bom menino. Ela negou.

— Abuela e Sol vão fazer a entrega. — ela disse. — Vou cuidar da bagunça.

— *Porra*, mas a festança não é só amanhã? — Boo ficou na mesa posição que Lincoln que ainda olhava o bolo todo bobo.

— Ele vai ficar refrigerado. Em uma temperatura um pouco mais fria que para manter preservado até amanhã.

— Por isso o refrigerador portátil no carro? — questionei impressionado, *porra* linda e inteligente. Meu coração cafajeste perde até a batida com a inteligência dessa coisinha linda.

— Vamos meu Sol, Las Vegas vai ficar pequena quando chegamos com esse monumento — abuela saiu da confeitaria usando um óculos de sol cor-de-rosa gigante, ela e a ajudante estão usando o uniforme da confeitaria.

— Abuela por favor não perca a Solange no caminho.

— Deixa comigo meu amor. Essa preciosidade está comigo, está com Deus.

Boo abraçou as duas, e cruzei os braços, orgulhoso.

Quando elas saíram levantando poeira do asfalto, vi de soslaio Lincoln voltar ao clube.

— Parabéns — comentei sem jeito. — Ficou *foda pra caraio*. Ela riu.

— Obrigada, aceita um chocolate quente? — Ela ofereceu.

— Não vai colocar laxante ou algo assim, não é? — Com a mão nos bolsos acompanhei ela e entrei na confeitaria, *porra*. O melhor lugar do mundo. O cheirinho de delícias frescas, o ar aconchegante de casa e amor.

— Daria trabalho demais. — Ela deu de ombros e foi atrás do balcão, pegou duas canecas.

— Aqui é uma caneca em formato de *pau*? — Ela levantou uma caneca literalmente em formato de *rola*.

— Dei para a abuela no natal passado. — Deu de ombros.

— Você não veio à cidade no natal passado — afirmei até porque eu sei de cada passo dela, e quem entra e sai da minha cidade.

Meu celular vibrou.

— Mandeí por FedEx — comentou como se não fosse importante.

— Você não parece feliz — constatei, ela me olhou e vi uma sombra de triste passar pelo seu rosto, ela colocou as bebidas na nossa frente.

Passei uma banqueta por cima do balcão e ela pegou, abaixando a banqueta ela sentou bem na minha frente.

— Você não entenderia — acrescentou e mexeu no chocolate quente com uma colher. Fiz o mesmo no meu.

— Só por que você me acha um vagabundo sem cérebro? — Ela riu negando. — Eu penso mulher, tenho tutano aqui *óh!* — Bati na cabeça.

— Esse lugar, sempre ouvi abuelo e abuela imaginar cada detalhe, e hoje me dói saber que talvez se ele estivesse aqui o projeto teria ficado muito melhor.

— *Porra, tá maluca bombom?* Esse é o trabalho mais incrível que eu já vi, nunca vi algo tão perfeito quanto esse bolo. — Toquei a mão dela. — Seu avô de onde estiver está orgulhoso de vocês, esse sonho não é só deles, é seu também, *porra* não me olhe assim eu quero a Boo atrevida e cheia de ideias malucas e sabores que jamais imaginaria. É essa a Boo que você deve ser sempre — a minha Boo. Completei em pensamento.

Ela levantou a cabeça e com os olhos cheios de lágrimas, fungou.

— Obrigada. — Me inclinei e peguei com a ponta dos dedos uma lágrima teimosa que escapou.

— Não há de que, amor. — Mandeí um beijo pra ela. — Choque de realidade faz bem, para nos tirar do complexo de burro solitário. — Ela riu e revirou os olhos.

— Você sabe ser insuportável.

— E você *fodidamente* gostosa e inteligente. — Ela sorriu de lado.

Vagabundo apaixonado e totalmente rendido a essa Deusa de Ébano.

BONNIE

Olhei-me no espelho sem acreditar. A maquiagem leve, mas bem feita que eu mesma fiz, me fez suspirar. Com todo cuidado do mundo coloquei o vestido, todo trabalhado em vermelho e cheio de detalhes que parece refletir a luz. Ele tem desenhos assimétricos que me deixa ainda mais alta, os ombros à mostra destacam o leve brilho em meus ombros.

Respirei fundo e ouvi a campainha tocar. Queria tanto que Sol tivesse aceitado o meu convite, mas ela se negou, alegando não ter roupas e nem ser mulher para esse tipo de coisa.

Glórinha levantou a cabeça da sua caminha, Dominic. Podia ser o papa, mas essa dorminhoca só se levanta quando é o pai.

Respirei fundo de novo, pegando a bolsa de mão. Sai do quarto deixando a porta aberta para que ela pudesse sair dar suas voltinhas.

— Boa noite. — Cumprimentei assim que cheguei no pé da escada.

— Santa mãe, com todo respeito a minha Carmenzita, menina... — O velho fez um movimento de aprovação, beijando os dedos. Sorri em agradecimento.

Vislumbrei Dom e engoli em seco ao vê-lo vestido de terno, com a barba feita, e os cabelos aparados penteados de forma sexy, exagerado no perfume como sempre. Me aproximei dele. O terno parece ser feito sob medida, uma combinação perigosa de azul com cinza. O colete marca perfeitamente o peitoral dele. Mordi os lábios ao perceber o volume destacado entre as suas pernas. A gravata combina impecavelmente com meu vestido.

— Que tal estou? — Desviei o olhar e vi abuela vestida de dourado de cima a baixo, brilhosa e escandalosa parecendo uma

placa de estrada.

— Linda, meu pedaço de broa. — O velho comentou, ele também está vestido de terno, abuela fez questão de colocar uma flor dourada no terno do velho.

— Vamos meus amores? Querido feche a boca, se não vai sujar a minha boneca de baba. — Abuela passou ao lado de Dom e bateu em seu queixo fechando a boca dele.

— Está... *Porra*... muito linda Bonnie. — Mordi os lábios.

— Obrigada — respondi.

— *Porra* se está assim, imagina embaixo do vestido. Deus — Dom resmungou, sorri discreta. Ele balançou a cabeça. — Vou morrer *porra*, ou matar um. — Me mantive quieta, fazendo a senhora inabalável.

Quando saímos porta afora. Olhei para ele me surpreendendo com o conversível vermelho parado na porta, abuela e o velho seguiram em direção ao Corolla.

— Conversível?

— Preciso impressionar minha garota. — Piscou, fiz uma careta. — Não funcionou, não é?

Balancei a cabeça, negando.

Ele abriu a porta, com cuidado me sentei. Senti falta do Mustang preto, parecia que ele estava tentando me comprar ou algo assim.

Assim que entramos no carro ele acendeu um cigarro.

Vício maldito, meu nariz coçou. Virei o rosto.

Será uma longa viagem.

DOMINIC

Pareço um garoto em um parque de diversões. Boo está...
Porra não existe adjetivo o suficiente para expressar como essa mulher está linda.

Desci do carro pedindo a Deus que ela não desse uma de cavala e descesse do carro. Amém. Abri a porta ela saiu, peguei em sua mão e ela está molhada de suor e tremendo.

Ela se endireitou e eu me coloquei atrás dela. Sussurrei em seu ouvido.

— Confie em mim amor, é só segurar minha mão. — Os flashes de muitos fotógrafos vieram em nossa direção, Abuela e o velho se coloram ao nosso lado, eles pediam diversas fotos, de Boo comigo, dela sozinha, dela com dona Carmen, abuela sozinha, com o velho.

Quando entramos no hotel, onde seria dado a recepção, no caso meu hotel, Boo olhava tudo deslumbrada.

— Bem-vinda ao hotel Luxus. — Ela mordeu os lábios.

Subimos as escadas que dá diretamente para o salão de festas.

Assim todos nós passamos pela porta, Boo respirou fundo.

A música cafona que está tocando faz do ambiente um abatedouro de gado e cobras, de um lado a nata burra de Las Vegas achando que são seres divinos de luz que vão caminhar em uma rua de ouro quando forem ao céu, e do outro lado, pessoas como eu que tira dinheiro deles e dança macarena no purgatório.

— Querido, tire esse sorriso diabólico do rosto — abuela comentou assim que chegamos à mesa que o frango do garçom indicou, olhe para a minha mulher de novo seu franguinho e o próximo terno que você vai usar será o de madeira.

Fiz cara de paisagem.

— Não quer dar uma escapadinha e dar uma rapidinha amor? — provoquei meu bombom, baixo só para ela ouvir, arrastei minha cadeira o suficiente para esticar as pernas e colocar meu braço atrás da cadeira da Boo.

Ela pisou no meu pé, com a ponta do salto, bruxa.

— Minha unha encravada, sua cavala — reclamei. — *Porra*, amor, você já foi mais doce.

— Cale a boca e sorria, seu asno. A prefeita está vindo aí. — Levantamo-nos.

— Bonnie e Carmen Portman as estrelas da noite. — Ela abraçou as duas, contive a vontade de revirar os olhos. O velho doidão cumprimentou a prefeita, quem vê pensa que essa gente é certa da cabeça. — Dominic meu querido.

— Olá, Carolyn. — Me curvei e beijei sua mão. Vi a bruxinha revirar os olhos e sorrir. Ela soletrou cafajeste silenciosamente. Sorri de lado.

— Meus queridos, fiquem à vontade, à noite é uma criança.

Já faz meia hora que estamos ali sentados, com abuela reparando nas bruacas da alta classe.

— Olha aquela ali, todo mundo sabe que ela é amante do dono da loja de penhores, certíssima, com um marido feio daquele aposto que o freio não funciona mais.

— Freio? — perguntei enfiando um presunto na boca, vejam bem, desde quando presunto e queijo é comida? Perdi a conta de quantos garçons já pararam aqui e *porra* não encheu nem o buraco aberto do meu dente.

— O *pau* do velho. — Boo se engasgou com o vinho.

— Abuela — ela soou repreensiva.

— Vocês precisam decidir, se eu falo *pau* vocês ficam horrorizados e se uso codinomes vocês ficam iguais dois tontos, sem entender. — Ela riu, o velho apenas balançou a cabeça.

— Você acha Abuela? — Dei corda.

— Pode parar. — Boo socou meu braço. — Nada de alimentar o dragão.

— Está me chamando de dragão, querida? — Boo negou prendendo o riso.

— *Ah* você entendeu! — Beijei seu rosto, instantaneamente ela ficou parada me olhando, esperei um tapa que não veio, meus olhos pararam no homem sentado na mesa afastada com a família de comercial de margarina, manteiga seria demais, ele inclinou a cabeça em direção a sacada, em uma ordem silenciosa.

Porra, antes eu que dava ordens a esse *fodido* agora tenho o *cu* preso com super cola com ele.

Tudo ficou escuro, uma luz no centro do salão iluminou a trambiqueira da prefeita.

— Boa noite meus caros companheiros...

— Blá-blá-blá. — Levantei-me.

— Onde você vai? — Boo me olhou.

— Fumar, amor.

Ela fez uma cara de nojo.

BONNIE

— Quando assumi essa cidade, meu compromisso foi com cada cidadão e hoje trago aqui o resultado de todo esforço e colaboração de vocês, e hoje nada melhor do que ninguém para

representar isso, do que Bonnie e Carmen Portman... — uma segunda luz foi ligada em nossa direção.

Levantamos e de mãos dadas, caminhamos até o centro, a porta atrás dela se abriu e nosso monumento foi iluminado.

Ouvi um burburinho geral, no canto perto da sacada vi a chaminé em pessoa em meio a fumaça do cigarro, sorrindo.

Ela me estendeu o microfone.

— Gostaria de agradecer ao voto de confiança da prefeita e da cidade em meu trabalho... — Nervosa apertei a mão da abuela. — Sobre minha avó Carmen e também nossa equipe, mesmo que pequena, ter o La Carmen aqui hoje é incrível, esse bolo é um sonho realizado, para nós do La Carmen são linhas que voaram do papel direto vocês, mas uma vez eu agradeço a confiança... Abuela...

— Faço as palavras da minha amada neta, as minhas. Para nós isso é um sonho antigo, um sonho presente e um sonho futuro. Espero que vocês apreciem nosso trabalho e se deliciem com o melhor sabor já criado.

As pessoas se aglomeraram a nossa volta para falar conosco e tirar fotos com o bolo, a prefeita me empurrou para onde estavam os homens do senado e magnatas de Vegas me apresentando a todos.

Feito uma rata, escapuli deixando abuela nos holofotes, respirei fundo. Fui em direção à sacada onde tinha visto Dom a última vez, poderia parecer bobagem minha, mas ele tinha o poder de me deixar louca de raiva e me acalmar.

Avistei a fumaça do cigarro, segui a fumaça, ri nervosa, nesse momento só desejo abraçá-lo.

— Ela precisa saber. — A voz do homem, Salazar, pareceu baixa.

Não, você não precisa escutar essas coisas. Droga, eles podem estar combinando de matar alguém.

— Justo hoje? *Porra*.

— A vida dela está em risco, por uma imprudência sua, antes de levarem a sua cabeça, vão levar minha filha. — Droga a filha dele está em perigo?

A música voltou a ficar alta, entrei atrás do vaso de plantas.

— Amber aquela rata maldita, Handball e Tamara devem ter dado uma carreira de pó a ela, pelas informações.

— Você tem dúvidas? — Salazar tragou o charuto e soltou fazendo o ar feder mais.

Senti meu coração perder a batida.

— Quer que eu diga a ela? — Dom se ofereceu, sério. — Droga, o que eu vou dizer? Bonnie invadi seu quarto para roubar cabelo para seu pai e agora meu desafeto quer *te* machucar e provavelmente eu ou seu pai vamos arrancar as tripas deles.

— Ela precisa saber que eu sou o pai dela *porra*. — Meu corpo começou a tremer inteiro, me apoiei no vaso de planta.

O vaso caiu.

— Docinho?

— Bonnie?

Meu corpo todo mole, fechei os olhos tentando controlar a vontade de vomitar.

— Me... — Todo o coquetel parece querer voltar. O vinho embrulhou o meu estômago. — Me... Leva pra... ca... sa.

Não, Dom não fez isso.

Meu corpo está tremendo tanto que parece que estou com frio.

— Filha.

— Esse tempo todo... Você sabia? — Olhei em direção ao Dom, ele me olhou apavorado.

— Amor...

— Sabia? — Não, me recuso a me sentir como a Boo adolescente.

— Sim — disse ríspido.

— Me leva pra casa.

— Filha.

— Se eu fosse realmente sua filha, você teria vindo falar comigo diretamente e não através de um pombo-correio, bastava dizer a verdade. — Senti meus olhos ficarem cheios de lágrimas. — Bastava me dizer e ter pedido.

Minha vontade é de me jogar nos braços dele e chorar feito um bebê, olhei ele e vi o homem que sempre quis ter em minha vida, me vendo crescer, mas eu só vi um criminoso.

— Sinto muito. — Balancei a cabeça. — Eu fiquei com medo, você poderia me rejeitar e... — Salazar tentou explicar, mas logo o interrompi.

— A única a ser rejeitada pela mãe fui eu, enquanto você desfilava com a sua família feliz. Sentia na pele o que é quase ser trocada por uma carreira de pó.

— Amor. — Neguei. Pessoas mudam Boo, mas isso não se aplica ao Dom.

— Vocês não fazem ideia não é? Brincar com os sentimentos de alguém assim, eu confiei em você Dom, mais uma vez confiei em

você. Você mais do que ninguém, sabe como me senti. — Mordi o lábio com força, sentido o gosto de ferro na boca.

Virei-me e ergui a barra do vestido, comecei a caminhar sem saber para aonde ir.

Vou vomitar.

Capítulo 17

"Vivi Um Drama"

“Quando as palavras mais afiadas quiserem me cortar

Eu vou enviar um dilúvio, vou afogá-las

Eu sou corajosa, eu tenho feridas

Eu sou quem eu deveria ser, essa sou eu

Cuidado, porque aí vou eu

E estou marchando na minha própria batida

Não tenho medo de ser vista

Eu não peço desculpas, essa sou eu”

This Is Me

O Rei do Show



BONNIE

Alguns anos antes.

— Você sabe que não precisa ir, não é querida? — afirmei, Abuela colocou um enorme prato de panquecas com calda de chocolate e morangos em minha frente. — Podemos ir ao mercado, comprar delícias, eu e você meu bem, passar o dia juntas.

— A senhora precisa fazer suas encomendas abuela. — Revirei as panquecas sem vontade alguma, 18 anos, eu sabia que no final do dia teria uma enorme caixa e um bolinho me esperando, esse era o nosso ritual anual. — Tenho teste de cálculo.

Menti, as coisas estavam apertadas, não podia me dar ao luxo de atrapalhar as encomendas de abuela, se eu ficasse ela recusaria minha ajuda. Daria um jeito de me levar à sorveteira ou pegaríamos Mary Janne e ficaríamos andando pela estrada cantando Elton John feito duas malucas, abuela é assim.

Empurrado tomei meu café, dei um beijo em abuela, coloquei meus patins, peguei os fones de ouvido e conectei na minha rádio favorita, AM Las Vegas.

— Ainda dá tempo de desistir e passar o dia comigo querida — abuela gritou quando eu cheguei na calça, balancei a bunda pra ela e ela os peitos. — Podemos ir ao Sex Shop em Vegas, sempre quis ir lá.

— Amo você.

Peguei meus livros de cálculo, biologia e saí caçando meu horário na bolsa, Professor Harry, havia se aposentado e com ele uma nova professora entrou em seu lugar, o meu horário está todo bagunçado.

Fui até à cantina, tirei alguns trocados e dei a moça, ela sorriu.

— O de sempre senhorita Portman? — afirmei. Meu celular apitou.

Era uma mensagem de voz de abuela, ri.

"Que tal se você matar aula, ou mentir que está passando mal? Sempre quiz saber como é fugir da escola"

Levei o microfone aperto dos lábios e sussurrei.

— Nem pensar, se comporte dona Carmen. Ansiosa pelo bolo e pelo sorvete. Amo você.

— Pronto, senhorita? — Ela me entregou uma bandeja com um bolinho de creme e minha torrada. Toquei o bolinho. — Feliz aniversário senhorita. — Piscou. — Próximo.

Sorri agradecida, vi pelo canto dos olhos a mesa dos populares repleta de meninas, ignorei o olhar de Dominic Maldonado, desde o incidente do baile evitei todo mundo, inclusive ele. Que tentava sempre me parar.

Sentei no mesmo lugar de sempre, ao lado de fora encostada no pé da árvore.

Coloquei a mochila no colo e mordi o bolinho, o delicioso gostinho de baunilha encheu minha boca, imaginei o bolinho com um pouquinho do licor de castanhas da abuela. Delícia.

Abri a garrafinha de suco de laranja.

— Vamos lá Boo, sorria. — Tay se jogou ao meu lado na grama e me deu uma caixinha.

Sorri.

— Sei que não se comparam aos da abuela, mas eu tentei.
— Abri a caixinha e havia um bolinho comprido, escrito feliz aniversário com letras de chocolate branco.

Abracei ele.

— Mamãe me ajudou — confessou e sorri.

— Obrigado — não ia dizer a ele, mas o bolinho estava queimado e com gosto de ovos. Mordi a letrinha do chocolate e me dei conta que o chocolate estava poroso, sinal que ele não fez o tempero térmico necessário. — Está uma delícia.

Antes que ele me respondesse o sinal tocou.

— Droga! — Ajeitei meus óculos. — Preciso trocar os livros.
Droga de horário, eu não tinha literatura hoje.

— Obrigada Tay.

Levantei e saí correndo em direção ao meu armário, trombei com algumas pessoas no caminho.

Cheguei a tempo no armário, peguei o caderno.

Vi o professor no final do corredor, certo tenho dois minutos.
Fechei o armário, batendo nele pra ver se ele estava realmente fechado, cheio de tralhas, ele quase não fechou hoje de manhã quando coloquei os patinetes dentro.

Respirei quando cheguei à porta, minha turma toda estava dentro da sala, vi pelo vidro.

Quando abri a porta senti todo meu corpo ficar molhado, meus olhos arderam quando os abri só consegui enxergar vermelho.

— E O PARABÉNS — ouvi um grito e todo meu mundo rodou. Passei a mão nos olhos na tentativa de enxergar algo, pude ver Dominic parado ao lado da porta com os da sua gangue segurando o balde de tinta. Todo mundo riu.

— Meus olhos ardem. — Tentei respirar e senti o gosto de tinta nos meus lábios. O soluço saiu com força.

— CHEGA — ouvi a voz do professor de longe. — Senhorita Portman? Você está bem? Se levante? Consegue me ouvir?

Estava de joelhos em meio a tinta vermelha. Meus olhos ardiam como fogo, soluçava sem realmente sentir as lágrimas descerem.

Levantei-me com ajuda do professor, agarrada aos meus livros, senti alguém tirar meus óculos, abri meus olhos e a sala estava em silêncio Dominic estava em pé atrás do professor.

Senti meu corpo todo tremer de ódio.

— Você está bem senhorita? — afirmei. Meus olhos estavam em Dominic, o professor estava todo sujo por ter me ajudado a levantar. Alguns respingos mancham a jaqueta jeans clara de Dominic, Catherine me olhava com um ar vitorioso.

Ele me olhou e parecia arrependido? Oh *foda-se* seu maldito encrenqueiro.

— Feliz aniversário — alguém do maldito grupinho dele debochou.

— Cala a bo... — Antes que o professor terminasse. Segurei meus livros com tanta força e sem que Dominic esperasse bati o livro em sua cara com tanta força que ele se desequilibrou e caiu na tinta.

A tinta vermelha manchou o rosto de playboy vagabundo dele. Ele me olhou surpreso.

A tinta se espalhou sujando ainda mais o chão da sala de artes.

— Eu juro... — Tremia de cima a baixo, segurando os livros firmemente. — Se você fizer algo contra... Mim novamente eu vou pessoalmente entregar uma maldita ordem de restrição contra você ao seu pai, seu *filho da puta* ignorante. O que eu te fiz, hein? A maldita pneumonia não foi o suficiente? A bomba de fedor no armário, semana passada também não? QUAL É O SEU PROBLEMA? — não sei como consegui, mas estava gritando, todos me olhavam surpresos. — SE A SUA MÃE NÃO TE DEU O MÍNIMO DE EDUCAÇÃO, *FODA-SE*, MAS EU NÃO SOU UM SACO DE PANCADAS EXCLUSIVO DE VOCÊS SEUS DESGRAÇADOS.

Saí da sala sem esperar ninguém me responder, estava farta de ver o diretor passando pano para o maldito *Bullying* que eles faziam, Dominic eu não imaginava os motivos, no entanto, os demais odiavam ter uma mexicana de pele negra estudando com eles, era visível o nojo que eles tinham por mim. Talvez Dominic tivesse os mesmos motivos.

Soube que o pai de Dominic o levou de volta à sua antiga cidade Londres, pois o mesmo foi convocado para servir as Forças Armadas.

Mantive minha bunda longe do bar do pai dele, o homem falou com abuela, mas ela não me disse nada, levei quase três dias para tirar toda tinta do meu corpo.

No dia que fiz minhas malas em direção a cidade grande abuela comemorou e chorou, prometendo me visitar até porque queria saber se as festas de fraternidade eram realmente quentes.

Sorri quando entrei no avião após ele decolar olhei pela janela Vegas do alto sem saber se um dia vou querer voltar a essa cidade.

DOMINIC

Dias atuais.

Porra, tentei acompanhar os passos de Boo, no entanto, ela está caminhando rápido demais, *porra* agora está correndo.

Droga, estávamos indo bem *caraio*. *Porra* ela pode cair e se machucar com aqueles malditos saltos.

Algumas pessoas falam comigo e apenas concordo tentando passar pela multidão.

Boo chegou à mesa onde estávamos e pega sua bolsa.

— *Porra*, docinho — antes que ela chegasse a escada segurei seu braço. — Me deixe *te* levar para casa.

Supliquei me sentindo o pior dos vermes em carne podre.

Os olhos dela estão cheios das lágrimas que ela não deixou cair, havia uma dor tão grande no olhar dela que *porra* me doeu a alma.

Não era pra ter sido assim inferno. *Porra* de boca grande.

Ela voltou a caminhar, tentei pegar sua mão, mas ela simplesmente abraçou a bolsinha como há exatos dez anos, como ela fez com os livros.

É um misto de arrependimento e de ódio, que parecia que explodiria.

— Me bata *porra*, grite comigo — ela permaneceu em silêncio e trêmula, tirei meu terno e coloquei sobre seus ombros enquanto o manobrista pega o carro. — Amor,

Boo parece estar perdida, quero me socar. Não, ela não sabe o que é ter uma mãe amorosa e incrivelmente boa, que sempre tinha biscoitos prontos e quando ralava o joelho estava lá com um abraço de urso e uma fitinha para machucado, ela não sabe o que é ter um pai *fodidamente* bom, que daria a vida pelo filho se fosse necessário.

— Eu não podia, o maldito segredo era dele *porra*. Ainda tenho um pouco de lealdade, *caraio* — me arrependo amargamente de ter dito o que disse.

Ela me olhou com um olhar de dor.

— Lealdade — ela repetiu a palavra baixinho. E abraçou mais o corpo fazendo o paletó quase cair dos seus ombros.

Assim que o manobrista parou, ela abriu a porta detrás e entrou sem dizer nada, dei a volta e peguei as chaves do carro, assim que entrei no carro percebi que ela tirou o paletó jogando-o no banco, Boo continua tremendo vi que ela abraçou o corpo encostando a cabeça na janela. Ouvi um soluço baixo.

Apertei o volante com força, assim que entrei na rodovia, ela fechou os olhos e deixou as lágrimas caírem.

Fale alguma coisa.

— Me desculpe — pedi tão baixo que provavelmente ela nem ouviu. Meus olhos revezam entre o retrovisor e a estrada constantemente.

Quando parei em frente à casa dela, ela desceu tão rápido que eu mal pude raciocinar, desci do carro.

— Bonnie, me escuta *porra*!

Ela parou no meio do caminho.

— Por... Por que eu deveria? Não é a mim que você deve lealdade — aquilo foi como um soco no estômago, você merece seu *fodido*. Ela se virou. — Pessoas mudam, pessoas com um bom coração sim, mas você não tem um, confiei, *te* deixei entrar na *porra* da minha vida apenas para você ter o prazer de brincar comigo, é agora que vem a tinta? Ou a bomba de fedor? Eu espero que quando você amar alguém, ela não brinque com seus sentimentos, não *te* manipule e do fundo do coração torço para que você não se sinta um lixo.

Ela voltou a caminhar, procurou a chave na bolsa e entrou na casa em silêncio. Apenas isso silêncio.

Puxei meus cabelos e soquei o capô carro.

A casa continuou escura.

Vi quando a moto de Vallen parou na rua e Cobra desceu.

— Vá *pra* casa, MacGyver — aconselhou. Ele se virou para o Vallen e entregou o capacete.

Cobra simplesmente foi em direção a árvore e subiu com uma facilidade enorme.

Vallen não disse nada, apenas ligou a moto e saiu.

Entrei no carro, *porra*.

Eu vou matar Amber Portman.

BONNIE

Assim que passei pela porta, me encostei na parede ao lado dela, levando a mão na boca. Não, não.

Meu corpo todo tremia, o soluço doeu como um inferno.

Pai.

Eu tenho um pai, não, não posso acreditar, abuela não sabia, quem é Salazar?

Meu corpo todo treme, ouvi a porta abrir e passos pesados pararem na minha frente, senti mãos geladas tocarem meu braço.

— Sou eu... Cobra. — Solucei e abracei o esquisito silencioso, que ficava trepado na minha árvore à noite toda.

— Eles vão me matar — chorei.

— Não vamos deixar isso acontecer e nisso você inclui o chefe, eu e clube. Morremos antes. — Ele me abraçou sem jeito.

— Ele mentiu.

— Eu sei — lamuriei mais ainda. — *Porra*, Vallen quer dar uma surra no MacGyver, mas Salazar ama você de forma estúpida, mas ama. E o chefe é chefe.

Ele se levantou e me ajudou a sentar no sofá.

— Por isso... você fica na árvore? — perguntei, ele foi até à cozinha e me trouxe água.

— Na verdade, não, MacGyver quer ter certeza de que a Amber não vai chegar até você — resmungou. — Eu não gosto de ficar no chão. Sobe e dorme um pouco, Vallen diz que dormir não resolve o problema, mas ameniza a dor. — Ele sorriu de forma fofa. — Vou estar do lado de fora, se precisar é só gritar.

— Você está... Está... Armado? — perguntei.

— Até os dentes, ama. — Ele piscou de forma sinistra.

— Pode ficar no sofá — tentei soar firme, mesmo ainda tendo lágrimas escorrendo pelo canto dos olhos.

— Estarei no oitavo galho. — Piscou e saiu pela porta. — Tranque com a chave, dona Carmen e o velho estão transando no Corolla do outro lado da rua.

Ele fechou a porta, alheia a tudo abuela está feliz, e não serei eu a estragar essa felicidade.

Embora agora tudo que mais desejo é seu colo e amor, mas sou adulta e vou superar.

Eu sei que vou.

Capítulo 18

" O que não nos mata nos fortalece."

*"Seus lábios dizem 'Eu não me importo' , mas seus olhos dizem
'Eu me importo.' "*

Sunny entre Estrelas

Walt Disney



BONNIE

Minha cabeça dói, levantei sentido meu estômago embrulhar. Minha boca está seca, sentei na beirada da cama meio mole.

Queria que tudo isso fosse um sonho ruim, mas, na verdade, tudo veio com uma enxurrada de sentimentos sobre mim.

Ouvi uma batida leve na porta. Abuela entrou com uma caneca fumegante.

— Olá, querida — abuela disse mansa.

— Bom... — Respirei sentido minha voz rouca. — Bom dia Abuela — ela sentou ao meu lado da cama e colocou a caneca no criado mudo.

— Devo perguntar o porquê você teve pesadelos com Amber e por que chorou? — foi direta, me abraçando.

Senti meus olhos encherem de lágrimas.

— A senhora nunca desconfiou de quem fosse meu pai? — perguntei, olhando em direção a janela, estranhamente o dia está triste e escuro, pesado. Peguei a caneca de chocolate fumegante e me sentei em posição de índio. Meus olhos têm lágrimas que doem porque não permito que elas desçam.

Abuela suspirou e sentou na mesma posição que eu.

— Nunca soube, Amber nunca disse nada a respeito e nunca tive a oportunidade de perguntar, até porque sempre foram gritos e críticas que fui uma péssima mãe — suspirou, é visível o quanto aquilo dói na minha velha. — Eu queria bater nela por não ver você caminhar pela primeira vez, por não ouvir você chamar

mamãe — comentou triste, com uma voz de culpa. — Eu nunca soube o porquê dela ter desistido da vida.

— Eu... O conheci — confidenciei. Ela me olhou e arregalou os olhos. — Salazar... Salazar é meu pai.

Ela levou a mão aos lábios, ela tremeu e começou a chorar, devolvi a caneca a mesa de cabeceira. Ela pegou minhas mãos e me puxou para um abraço.

— Querida. — Apenas a abracei com todas as minhas forças.

— Eles me enganaram, Dominic... Abuela... — Ela me apertou com força.

Queria poder dizer que tudo ficaria bem, a mim mesma, como fiz muitas vezes.

Entretanto, algo que diz que nada ficará bem.

Abuela me abraçou. Olhei pela janela e vi a chuva fina começando a cair.

— Vai abrir hoje querida? — abuela perguntou baixinho. — Você deu folga a Sol... Deveria ficar em casa também — sugeriu amorosa.

Olhei para o despertador no móvel perto da cama.

Neguei.

— Vá para a casa do velho safado abuela, aproveite sua vida promíscua, acho que preciso pensar — abuela me olhou triste. — Não sei...

— Não gosto quando fica sozinha, com esse olhar triste. Beije seu rosto.

— Eu preciso. — Olhei para o nada, sentindo meu estômago embrulhar. — O que não nos mata nos fortalece.

Abuela se levantou me dando a mão. Fiquei em pé e respirei fundo.

Salazar não parece interessado em fazer parte da minha vida e bom... Senti inveja da sua filha, tenho a impressão que ele é um bom pai.

Fiz tudo de forma mecânica, amarrei meu cabelo, juntando tudo no topo da cabeça. E vesti um moletom confortável.

Desci as escadas, vi quando abuela atravessou a rua com um guarda-chuva amarelo de bolinhas pretas, fui até à garagem abri a porta com força, a porta rangeu, parecia que havia entrado em outro mundo, totalmente diferente. Tudo estava parado no tempo.

Avistei a caixa em cima da estante, coloquei meu notebook em cima da enorme mesa cheia de caixas, peguei uma baqueta velha e subi nela, ouvi Glórinha latir.

Certo, só mais um pouquinho. Puxei a caixa fazendo uma nuvem de pó vir em minha direção, abaixei a caixa e descí com muito cuidado.

Abri a caixa escrito, livros e cadernos. Olhei um por um, até que um me chamou a atenção, a letra de Abuela. Receitas de trufas com licor afrodisíaco.

Peguei o caderno e meu notebook e saí da garagem.

Fui em direção a cozinha e respirei fundo.

— Podemos conversar? — Ele estava com Glórinha no colo.

— Vejo que a maldita mania de ser inconveniente e entrar nos lugares sem ser convidado não é exclusiva de Dominic, senhor Salazar.

DOMINIC

— Você tem duas opções ser sincero e pedir desculpas ou simplesmente ignorar o fato que você se meteu entre ela e o pai dela e *fodeu* o psicológico dela, fazendo ela se sentir um nada.

— Você não está ajudando Lincoln — reclamei, tirando meus olhos do computador.

— Não estou aqui pra ajudar, não sou psicólogo e nem psiquiatra — o *filho da puta* deu de ombros.

— Judie vai *comer seu rabo* quando souber.

Suspirei.

— Chuva maldita — protestei me levantando e indo até à janela, a padaria fechada.

— É tão difícil deixar de ser um maldito *fodido* orgulhoso e pedir desculpas? — questionou mordendo uma geleia verde.

Ele se esticou no meu sofá.

— Eu pedi desculpas.

— Claro, para quem? *Para o ar?* Que *pra* Boo é que não foi. Qual é, desculpe Bonnie Portman, eu fui um completo *filho da puta*, eu te amo, me perdoe, casa comigo? Vamos ter filhos? Vamos ser felizes, transar alucinadamente em cima do capô do meu Mustang?

— *Foda* — resmunguei.

— Não é *foda* não. Não tá mais aqui quem falou. — Jogou as mãos pro alto.

— Eu vou matar esse *filho da puta*. Que *porra* ela está fazendo na maldita viatura?

— Do que você está falando?

A chuva engrossou e o maldito biscoito mofado abriu um guarda-chuva e a levou até a porta da confeitaria. Maldito.

— Que bonitinhos — Lin provocou. — Parece as cenas de filme em que a mocinha é salva pelo... *Porra* onde você vai?

Pulei de dois em dois degraus. Passei pelos caras no bar, indo em direção a porta, mas fui impedido por Cobra.

— Se for lá, vai sair algemado — Cobra alertou.

— Sai da frente, minhoca maldita. — Tentei passar e ele me impediu.

— Não.

— Ele vai beijar ela *caraio*. — Empurrei ele, no entanto, Vallen ficou ao lado dele.

— Você não vai passar e *foder* a bunda de todo mundo. — Ele ficou ao lado de Cobra.

Que *porra* ela estava fazendo na viatura do maldito?

— *Porra*, calma MacGyver — alguém resmungou.

Por que diabos ela está sorrindo e deixando esse maldito entrar na confeitaria?

— Você não tem moral nenhuma pra ir lá — Cobra reiterou. — Fui eu que aguentei ela chorando durante a noite, com medo da *fodida* da mãe dela, então *porra*, você não vai lá *foder* mais a *porra da merda*, pensa um pouco.

Meu rosto estava a centímetros do dele, sentia a maldita veia em meu pescoço pulsar.

— Amor, não — Vallen contestou pegando no ombro da *fodida* minhoca que me olhava.

— Você está me desafiando — afirmei, sentindo a adrenalina da bater forte. Eu vou socar essa minhoca *fodida*.

— Sim, estou — ele me encarou de igual *pra* igual.

— Dom. — Lin colocou a mão sobre meu ombro.

— Que sair e magoar mais ainda a garota lá fora? Vai ter que passar por mim. — Eu gargalhei. Ele manteve o olhar firme. — Eu estou fora.

— Um *caraio*, eu decido quem entra e quem sai, Michael. — Ele sorriu.

Ele tirou o colete e jogou no chão.

— *Fodido* cego do *caralho*, eu estou fora — sentenciou.

— Vallen.

— Estamos fora, MacGyver. — Eu olhei para os dois fodidos, Vallen fez o mesmo com o colete, jogando em cima de uma mesa. — *Foda*.

BONNIE

— Diga o quem tem pra dizer, e vá embora — reclamei, pegando uma xícara de café.

Ele se recostou no balcão.

— Eu quero fazer parte da sua vida. — Ele me olhou com os olhos brilhantes.

Magoada ao extremo, falei a verdade, mas sei que fui uma tremenda *cadela*.

— Tenho quase trinta anos, não há uma vida para que você decida que quer participar. — Dei de ombros, ele pareceu magoado.

— Sei que o que eu fiz, parece ser imperdoável, mas eu quero que saiba, que *te* amei desde o momento que soube que você existia. Quando eu *te* vi sorri, soube que era minha menina.

— É claro, que precisava mandar um *fodido* rato sorrateiramente invadir meu quarto e me roubar, que prova de amor mais tocante e sincera que existe — debochei, ele sorriu.

— É forte e tenaz como a sua avó. Fico orgulhoso em saber que se formou com honras — comentou seus olhos brilharam, a barreira que coloquei em meu coração cedeu um pouco.

Ele balançou a cabeça e estendeu a mão.

— Salazar Andrews, muito prazer, seu pai. — Ele balançou a mão. Suspirei.

— Boo Portman. — Ele arqueou uma sobrancelha. — Muito prazer, sua filha — não vou mentir, mas meu coração se aqueceu com a pequena frase.

— Sei que provavelmente você me odeia, mas... — Ele soltou minha mão, e enfiou a mão no bolso do caro terno e tirou um cartão de visitas preto com letras brancas, pegou uma caneta de dentro do bolso e rabiscou algo no verso do cartão. — Meu número pessoal, me ligue quando precisar, a qualquer hora. Se eu não puder chegar a tempo, sempre vai ter alguém por perto.

— Você é um fora da lei também, não é? — Ele sorriu de lado, de forma charmosa e amorosa.

— Quem não é meu anjo? Quem não é?

Depois de ter aquele homem fora, peguei um guarda-chuva velho e depois de alimentar a vendida vulgo Glórinha, saí na chuva que estava ficando mais forte.

Caminhar na chuva me pareceu uma boa ideia quando saí e caía poucos pingos do céu, porém, agora parecia um dilúvio, e com certeza vou rodar feito a arca de Noé.

— *Hey* senhorita! — Ouvi o barulho da sirene de polícia parar ao meu lado. — Aceita uma carona?

Olhei para o Tay dentro da viatura e suspirei, por que diabos esse homem tem que ser bonito e ser um idiota?

— Estou bem — menti, um raio cortou o céu.

— Vamos lá, eu não mordo Boo. — Ele abriu a porta.

Fechei o guarda-chuva e entrei na viatura.

— O que a cidade vai pensar de mim, ao me ver chegando em uma viatura? — brinquei.

— Que você é uma mulher bem protegida. — Piscou, suspirou. — Me desculpe, por não ter me aproximado e nem ido à inauguração. Aqueles marginais estavam...

— Eles não são marginais Taylor — contestei. — São boas pessoas, pessoas maravilhosas, e que me ajudaram de forma incrível.

— Certo, certo. Não precisa ficar brava. Só tome cuidado — tentou aconselhar. — Se precisar é só me ligar.

— Nem seu telefone eu tenho. — Ri, ele me olhou de canto. Será que se eu descer uma porrada na cabeça dele por chamar meus meninos de marginais, serei presa por desacato? *Oh merda.*

Bonito, mas *fodidamente* insuportável. Ele era um cara legal, mas a *merda* da rivalidade entre ele e Maldonado acabaram *fodendo* o cérebro minúsculo de ervilha dele.

Fica o questionamento! Como ele virou xerife?

— Do que você está rindo? — perguntou.

Ele abriu a porta e pegou meu guarda-chuva e saiu.

— De nada. — Mordi os lábios.

— Seu sorriso continua o mesmo. — Segurei minha genuína vontade de revirar os olhos. Ele me levou até à porta, minha vontade de socar a cara dele só aumentava.

Marginais, meu *rabo* seu xerife patife.

— Que tal me oferecer uma xícara de chocolate quente?

Não.

— Claro. — Sorri, me sentindo uma cadela, abri a porta e dei passagem pra ele.

— Esse lugar ficou incrível — comentou se sentando na baqueta.

— Sim — concordei desinteressada.

— Boo?

— Diga.

Peguei duas canecas e liguei o fogão, colocando leite na chaleira.

— Você por acaso não viu...

— Eles fazendo algo ilegal? Matando alguém? Não, xerife eles não fazem isso. — Sim, eles fazem, mas... — ao contrário do que muitos pensam eles são ótimas pessoas. Nunca me fizeram mal ou faltaram com respeito comigo. Dominic pode ser um insuportável, contudo, é um cara legal.

Não, esse cara não vai me usar de bode expiatório. Cretino.

— Não quero que pense que eu estou *te* usando, para ter informações. — Ele me olhou.

Dei de ombros.

— Entretanto, Dominic e seu bando de criminosos precisam ser parados. — O fitei incrédula.

— Dominic *te* fez algo? Por que isso me parece pessoal — soltei venosa. — Como uma rinha de dois adolescentes bobos.

— Não é isso Boo, eu tenho um dever com a lei. — Claro que tem. — Meu dever é descobrir onde está a ponta solta e proteger essa cidade.

Essa conversa estava me dando nojo.

— Xerife Cookie. — Crispei as mãos em punho ao lado do corpo. — Não conte comigo. Eles são uma família e meus amigos. Se seu dever é mais forte que seu caráter eu sinto muito, mas não há espaço para você aqui. Eu não sou nenhuma colegial idiota, eu sei o que está tentando fazer! Não vai me usar como uma espécie de infiltrada ou algo assim.

— Aprecio sua lealdade. — Ele se levantou, desliguei o fogo. Maldita palavra. — Os anjos do inferno, não são o que você pensa.

— E você também não é o que eu pensava.

— O chocolate fica pra outra hora senhorita Portman.

Claro que fica, sua lacraia desprezível.

Ele caminhou até à porta.

— Pense no que eu disse, seu dever é com a cidade, não com esses... Motoqueiros.

Ele se virou, mostrei o dedo do meio para ele. Seu cretino oportunista.

Vi quando Cobra e Vallen saíram juntos do bar.

Acenei pra eles, Vallen acenou dando um tchau e Cobra apenas balançou a cabeça, antes de subirem na moto.

Peguei minha bolsa e suspirei me sentindo tonta.

Droga, eu vou vomitar.

Capítulo 19

"Gervásio Genésio"

*“Eu acho que o amor assumiu um significado diferente para mim
Então, quando eu vou embora apenas saiba que me mata ter que
ir”*

Outnumbered

Dermot Kennedy



BONNIE

Me apoie no balcão, as últimas duas semanas foram um verdadeiro inferno na terra para meu estômago, maldita gastrite. Nada estava parando, nem mesmo o vento. Estou com uma maldita dor embaixo dos seios.

— Tome querida. Chazinho de boldo do Chile. — Tomei a misturinha amarga.

— Você está suando Boo — Sol comentou. — Não é melhor você sentar?

Ela pegou uma banqueta e colocou mais perto me ajudando. Assim que abuela voltou à cozinha, suspirei. Um caminhão parecia ter passado por cima de mim.

— Está gelada. — Coloquei a mão no estômago.

— Parece que ele vai sair *pra* fora. — Respirei fundo, reclamando baixo para abuela não ouvir.

Minhas últimas semanas haviam sido um inferno. Não, Dominic sequer apareceu na frente do clube, muito menos na frente da loja, nos primeiros dias fiquei *puta*, mas depois só ficou a decepção. O xerife não voltou a falar comigo. E agradei, eu mesma seria capaz de bater nele.

Patife.

A sineta da porta tocou, abri meus olhos e levantei a cabeça, o casal vinte entrou pela porta Vallen sorriu, no entanto, o sorriso morreu.

— Você está bem? — afirmei com a cabeça, mentindo

— Gastrite.

— Isso dói como um inferno — Cobra disse baixo sentando no balcão ao meu lado. — O de sempre senhorita Solange.

— Amargo e sem açúcar e você Vallen? — Vallen nunca tomava a mesma coisa.

— Chocolate quente com creme. — Sentou ao lado do namorado.

Namorados. *Ah* minha vontade é de colocar os dois em um potinho, as velhas da cidade quase morreram do coração, quando viram Cobra abraçando e beijando Vallen, mesmo ainda discretos, o beijo de cinema não foi nada discreto.

— Mamãe pediu um pudim de chocolate tamanho família e Trix pediu balinhas de coco Sol. — Cobra, diferente de Vallen, já pedimos inúmeras vezes, mas ele insiste em, manter a cordialidade. Solange acha fofo, mas comigo o cretino faz apenas para irritar.

— É *pra* já. — Ela voltou pra cozinha.

— Como estão as coisas? — perguntei sentindo o mal-estar passar.

Cobra me olhou de forma intensa, os olhos dessa criatura me gelam a alma.

— Consegui um emprego de programador, em um dos cassinos de Vegas — Vallen comentou, Cobra sorriu de lado.

A notícia que deles deixaram o clube se espalhou, uns diziam que Dominic não os aceitou, outros diziam que eles saíram por conta própria. Entretanto, ninguém sabia o real motivo. Dominic é um *filho da mãe fodido*, mas nunca faria isso com os dois, eu vi a forma com que ele e Lin sondaram os dois, presenciei respeito e admiração nos olhos deles, não. Esse não é o motivo.

— E você?

— Assassino de aluguel? — brincou. Revirei os olhos. Uma senhora entrou na confeitaria. — Segurança particular ama, Salazar Andrews paga bem *pra caralho*. — bufei.

Não sei como Salazar conseguiu meu número de telefone, me ligou ditando ordens sobre segurança, sobre não falar com estranhos, não ficar sozinha e blá-blá-blá.

— Qualquer dia desses vou *te* fazer de escravo por ficar sondando minha vida — reclamei, mesmo sabendo que talvez minha cabeça estivesse a prêmio por aí. — Em que posso ajudar?

A senhora olhou horrorizada quando Cobra deitou a cabeça no ombro do Vallen, apenas para provocar a velha.

— Meia dúzia de pães doce, querida. — Fui até a vitrine, abri tirando os pães frescos da abuela, o cheirinho bom invadiu a confeitaria. — Mas é o fim do mundo mesmo — a velha resmungou.

— Perdão, disse algo? — perguntei.

— Não. — Peguei os pães e ela me estendeu as notas. — Está certinho.

Ela girou os calcanhares e saiu andando. Cobra se levantou e a imitou.

— Michael — Vallen repreendeu.

— Velha esclerosada — Cobra exclamou baixo, ele ainda fala baixo, mas está mais alto que antes.

— Você provocou. — Vallen revirou os olhos. — Não me olhe assim, não tenho medo desse seu olhar de diabo sem chifres.

— Diabo sem chifres? — perguntei sentando novamente, ainda são nove da manhã o movimento já havia parado, a confeitaria ficava cheia bem cedinho e depois do almoço, virou um ritual.

— Olhe *pra* Boo. — Cobra me olhou, por baixo dos olhos, os cílios loiros dão um *puta* contraste com o olhar azul gélido dele, ele arqueou uma sobrancelha, e fechou os olhos lentamente.

— Não me olhe assim, esquisito — retruquei.

— Ele mandou — disse brincando.

— Meu Deus, imagina levantar a noite e *te* encontrar com essa cara de diabo na cozinha — reclamei, Sol voltou com uma bandeja, colocou os pedidos deles, no balcão. Cobra deu de ombros e pegou o café.

— Ele não reclama quando eu olho assim e... — O interrompi e ele deu de ombros.

— Você está ficando insuportável, está ficando muito tempo perto da abuela— Zombei, ele me olhou debochado.

— Alguém disse meu nome? — abuela saiu toda afoita da cozinha. — Seu pudim estará pronto em uma hora filho.

— Tamanho família? — perguntei ela afirmou.

— Michael e Trix comem feito dois esfomeados — Vallen reclamou. — Eles brigaram pela forma de bolo ontem.

— Ela brigou comigo — Cobra se justificou, sem nem nos encarar.

— Ela tem seis anos — Vallen riu, me fazendo revirar os olhos.

— Ela me proibiu de tomar chá com ela e com as bonecas por duas horas, ela deu biscoitos, os meus biscoitos, Senhora Carmen para uma boneca com um tufo de cabelo na cabeça e sem um olho, ela colocou a boneca no meu lugar na mesinha de chá — disse sério nos olhando indignados, como se estivesse falando de algo de suma importância.

Sol abafou o riso.

— Ele não superou o fato de que Trix vai dar uma festa para a boneca e não o convidou. — Vallen revirou os olhos.

— A festa era *pra* mim, Vallen. Sou eu que faço aniversário no sábado *porra*, não a possuía da boneca. — Gargalhamos.

Vallen piscou.

— Que tal um bolo em formato de *pau*, meu querido? Seu *pinguelo* deve ser um primor, Vallen. Um presente digno, podemos trabalhar nisso. — Abuela se apoiou no balcão e pegou nas bochechas de Cobra.

Sol deu um grito, colocando a mão na boca.

Olhei para o Vallen que está vermelho, abuela piscou.

— Não v... vou mostrar meu pau pra s... senhora — Vallen gaguejou constrangido e Cobra tem um sorriso de *merda* no rosto.

— Não seja tímido querido.

— Pare de assustar o homem abuela. — Abracei ela, e Sol riu. — Ela não vai olhar seu *pau* Vallen, fique tranquilo — ele me olhou ainda mais horrorizado.

— Eu adoro vocês. — Sol riu, e girou o pano de prato nos fazendo rir.

Sol segurou minha mão.

— Não estou grávida. — Abuela roeu a unha, ela tremia, ansiosa.

— Isso acontece quando se transa sem capa, querida. — Respirei fundo. — Podemos comprar roupinhas amarelas, amarelas dão sorte.

— A senhora não está ajudando — briguei sentindo vontade de chorar.

Estamos as três sentadas no chão do banheiro da confeitaria, sem ter coragem de levantar e olhar o teste de farmácia.

— Podemos mandar fazer o berço sob medida querida. — Olhei desesperada para Abuela.

— Abuela — exclamei.

Sol saiu em seu horário de almoço e voltou munida de uma sacolinha com sete testes, agora todos estão em cima da pia, do banheiro.

Quando ela me entregou a sacolinha alegando ter sentindo o mesmo que eu, quase vi estrelas.

Mordi os lábios, ex-*virgens* também engravidam sua idiota. Respirei fundo. Ainda mais quando se transa sem camisinha.

Respirei fundo com vontade de chorar, olhei o meu buchinho de banha, e se caso não for banha e sim um mini Maldonado?

Eu vou enlouquecer.

— Vou olhar. — Abuela se levantou — Gervásio Genésio.

Sua típica expressão de *Meu Deus*, misturada com *puta que pariu*. Fez Sol se levantar, ela levou a mão aos lábios.

— O... os sete... — Sol me olhou apavorada. Abuela estava em transe olhando os testes — deram positivo.

Vomitei no pé de Solange.

Bati o pé no chão nervosa, a sala estava cheia de grávidas.
Mordi os lábios. É nossa primeira consulta.

Abuela segurou minha mão.

Sou mãe, toquei a minha pancinha de banha, meu bebê, o mês passou voando, e me vi ansiosa para conhecer minha gastrite. Sorri trêmula, o pequeno serzinho me avisa toda manhã que está aqui, me fazendo jogar as tripas no mundo.

— Será que vou poder ouvir o coração abuela? — perguntei tocando minha pancinha de banha, meu bebezinho.

No último mês, não vi Dominic, abuela insistia que devo contar. Entretanto, sinto que algo está foddidamente errado. Ele não apareceu, nem mesmo no bar. Quando tive um surto de hormônios e decidi que esse infeliz saberia do filho, atravessei a rua feito uma vaca louca no pasto atrás do bezerrinho como diz abuela, só recebi o silêncio e olhar de pena dos meninos, perguntei sobre ele aos rapazes que disseram que ele estava em Vegas com problemas nos cassinos. Me sentia magoada, pois mesmo não vendo ele ali, avistei as suas motos, a Ducatti ou a Harley sempre estão no clube, mas a janela do seu escritório sempre se manteve fechada, não conseguia ver nada lá dentro, no entanto, algo me dizia que ele estava lá.

Como se estivesse acontecendo algo e não pudesse ver.

— Bonnie Portman — a moça me chamou, me levantei tirando uma poeira que nunca existiu no meu vestido.

— Pronta mamãe? — Respirei fundo.

Entrei na sala branca, e vi uma mulher baixinha atrás da mesa.

— Olá, querida, venham e sentem-se. — Ela indicou as duas cadeiras.

Quando eu marquei a consulta há duas semanas, ela pediu vários exames por telefone mesmo, me enviou no meu e-mail uma lista gigante de exames e teste que deveria realizar. Abuela ansiosa segurava minha pasta. Ela entregou minha pasta a abuela.

— Que tal? — ela olhou folha por folha. — Temos aqui uma mamãe de sete semanas, forte como um touro.

— Minha Boo está se cuidando doutora — abuela disse orgulhosa. — Muito prazer doutora, sou avó dessa moça.

— Então eu tenho aqui uma bisa muito empolgada. Que tal ouvirmos o coração desse bebezão?

Prendi a respiração.

Sou mãe.

Trêmula, vesti a camisola verde horrível com a ajuda de abuela.

Parece que estou fora do corpo, quando deitei na maca e senti o gel na minha barriga, foi como ir ao céu e voltar. Fechei meus olhos como uma boba sem coragem de olhar para tela. Abuela e a doutora conversavam sem parar e apertei a mão da abuela.

— Abra os olhos, mamãe — a doutora brincou, neguei apertando ainda mais os olhos.

Ela e abuela riram.

De repente elas ficaram em silêncio e um barulho todo descompassado encheu a sala.

Abri meus olhos e encarrei a enorme tela, meus lábios tremeram ao ver a pequena bolinha na tela, parecia apenas um

borrão, mas é o meu borrão.

Meu bebezinho ou bebezinha, meu montinho de banha.

DOMINIC

Traguei a fumaça do cigarro.

Observei ela sair da confeitaria, já faz a *porra* de um mês que eu não ouvia sua voz, desde que Cobra e Vallen saíram evitei ao máximo me aproximar. Olhava ela de longe feito um rato covarde. Mentindo, fugindo dela toda vez que ela perguntava sobre mim, aos caras.

Rato maldito. Minha consciência me acusou.

Cobra agora trabalha *pro fodido* do pai do meu bombom, minhoca traidora. Sinto falta dos dois inúteis.

Olhei ela sorri para um menino que passava na rua, ele deu a ela uma florzinha amarela, fazendo ela e a mãe dele rir. Ela apontou em direção a confeitaria e sorriu. O menino concordou e arrastou a mãe para dentro.

Ela se sentou na mesinha do lado de fora e cheirou a flor, rindo ela levou a flor ao cabelo, colocando atrás da orelha. Ela parece diferente com um brilho reluzente, Boo se levantou e fez uma dancinha leve na calçada, girando o cabelo dela flutuou. *Porra* como eu sinto uma falta *fodida* dos cachinhos cheirosos.

— Chefe?

Me mantive em silêncio esperando a *merda*.

Me virei, encarei chaminé.

— *Porra*. — Ele coçou a cabeça. — Vai lá. Fala com o Bonnie. — Arqueei uma sobrancelha.

— O que posso dizer? — perguntei derrotado.

— Desculpas? Eu te amo? — deu de ombros. — Vai lá chefe. Compra um doce.

— É *pra* isso que veio aqui? — negou.

— Não. Preciso que autorize a ida da carga para o Novo México — informou.

— E essa *merda* não foi ainda por que *porra*? — Perguntei indo em direção à minha mesa. Havia uma porrada de papéis para todo o lado, coloquei meus óculos. — Certo, foi por que eu não paguei o maldito fornecedor? Dê um jeito e pague esse *porra*.

Resmunguei tirando os óculos. Parecia que havia areia em meus olhos. Me sentei e senti minha cabeça doer.

Levantei-me peguei a minha jaqueta e meu boné. Fechei a porta e descii as escadas, meus homens conversavam e riam ruidosamente. Passei por eles indo em direção a porta.

Antes que eu atravessasse a rua Boo e Abuela entraram no carro e saíram sem nem perceber a minha presença. Fui até minha moto, abri o baú e peguei o capacete. Virei o boné para trás coloquei o capacete e subi na moto.

Acelerei mantendo distância do carro, vi quando elas entraram na rodovia 69, em direção à Vegas.

Síndrome de cachorro perseguidor maldito.

Acelerei mais a moto, tenho plena ciência que estou acima da velocidade, o carro delas já está longe.

Ouvi a sirene de viatura, de onde esse biscoitinho maisena saiu?

Diminui a velocidade olhando para trás. Sem parar deixei o biscoitinho fedido se aproximar. Ele abaixou o vidro e ergui a viseira do capacete.

— Com pressa, Maldonado? — Olhei pra cara de bosta do biscoitinho amolecido.

— Se não estivesse, estaria dentro do limite não acha, Cookie? — puxei a moto para o acostamento.

Eu vou bater nesse maldito.

Capítulo 20

" Nem tudo é o que parece, biscoito amolecido? Não, vencido!"

“Por que você tem que ir e tornar as coisas tão complicadas?”

Eu vejo o jeito que você está

Agindo como se fosse outra pessoa, isso me deixa frustrada E a vida é assim, você”

Complicated

Avril Lavigne



DOMINIC

Olhei para o pescoço do maldito e imaginei o estalo, a imagem dele morrendo feito um franguinho foi satisfatória.

Calmamente estacionei meu bebê, desci tirando o capacete, coloquei sobre o guidão, cruzei os braços e me encostei na moto esperando a florzinha lilás descer da carroça que ele chama de viatura.

Vi ele destravar a arma e sorri de lado, levando a mão nas costas verificando a Glock. *Porra*, odeio armas, mas se esse *fodido* falar qualquer *merda* eu enfio uma bala na cara dele e jogo ele em qualquer buraco. Ninguém vai dar falta desse biscoitinho amolecido.

— Vamos lá, Cookie... Que tal bater a *porra* da multa de uma vez? — provoquei.

Ele retirou e destravou a arma brincando com ela.

— *Tsk, Tsk...* — o maldito estalou a língua. — Qual o problema Maldonado? Boo percebeu que você é um bandido maldito? Vagabundo *filho da puta*?

— Talvez você devesse se certificar que tem balas o suficiente para me matar, porque se chamar minha mãe de *puta* novamente, você verá o diabo mais cedo, não fique preocupado se eu sou vagabundo ou não, trabalho mais que você e *te* garanto que tenho dinheiro o suficiente para comprar metade da *porra* de Las Vegas. — Dei de ombros. — E bom vagabundo nunca neguei ser, afinal meu dinheiro vem até mim.

— Boo tem nojo de você — ele riu fazendo uma maldita veia saltar em meu pescoço.

Não. Meu bombom não é assim, *porra*.— Ela me disse, ou você acha que ela ficou sozinha durante esse tempo que você resolveu bancar o *filho da puta* com peso na consciência? Você visita à confeitaria à noite, mas diferente de você eu fico com a Boo quando ela precisa. — gargalhou encostando no carro. — Você e Andrews não passam de dois *fodidos*, você se acha que foi nos braços de quem que ela chorou quando descobriu o maldito traidor que você é? *Oh* ela me contou, e pode ficar tranquilo que ela ficou calminha depois, garanti isso.

Feito um touro eu voei em sua direção, antes que eu colocasse a mão no maldito *fodido*, ele apontou a arma em minha direção, gargalhei ao sentir o cano frio do revólver em minha testa. Vi a gota de suor escorrer pelo seu rosto.

— Se você não atirar, eu vou te matar — ele tremeu e cruzei meus braços nas costas. — Achou o que tocaria na minha mulher e não mataria você sua bolacha maldita. *Fodido de merda*.

— Ela não reclamou enquanto chamava meu nome. — O maldito fio de cabelo que segurava minha paciência arrebentou, a maldita veia militar em meu pescoço pulsou, girei meu punho,

cruzando a mão e arrancando a maldita arma da sua mão. Ele me olhou assustado. Virei a arma e antes que ele desse um maldito passo a coronha da pistola atingiu seu rosto, antes que ele pudesse reagir, enfiei minha perna entre as suas, fazendo a *porra* da minha bota cruzar seu tornozelo.

Feito um maldito saco de batatas ele caiu no chão levando a mão ao olho, onde a coronha atingiu, destravei a arma, me abaixei e coloquei ela sobre a maldita testa dele.

— Nunca, aponte uma arma *pra* mim se não for atirar. Enquanto você corria feito uma borboleta em uma maldita academia de polícia, eu estourava miolos pelos ares. Nunca ameace um militar. — Bati na arma fazendo as três balas caírem no rosto dele.

A maldita rodovia estava vazia e tinha o maldito biscoitinho maisena estirada nela. Joguei a arma, fazendo ela cair longe levantando poeira no semideserto na beira da rodovia, levei a mão atrás das costas e tirei a Glock do cós do jeans.

Balancei a arma.

Apontei a arma na direção do pneu da lata velha.

— Você nunca foi uma maldita opção para ela.

POW!

O estouro do pneu fez ele se encolher no chão.

— Sorte a sua que não são seus miolos. — Me aproximei da minha moto. — Minha bondade e paciência tem limites, se eu resolver arrancar suas tripas e enviá-las à Rússia, sua cabeça vai junto seu traficante de *merda*. — Gargalhei. — Ou você acha que o maldito caminhão cheio de crianças que você permitiu passar pela minha cidade chegou ao destino? — Ele sentou arregalando os olhos, me encostei na moto, mirando em sua testa. — Taylor...

Taylor. Cada uma daquelas crianças está em casa agora, com as suas famílias, e o seu *rabo* vai pegar fogo, quando os malditos sequestradores de crianças descobrirem que o Taylor Cookie desviou um caminhão. Eles virão atrás de você seu maldito.

— Seu...

— *Oh* não me ameace. Não vamos por esse caminho, não é querido? — Meu sangue gelou ao imaginar as malditas mãos dele em meu bombom, fazendo o que eu fiz.

Aquele maldito tinha sangue inocente em suas mãos, os olhares apavorados das meninas com menos de dez anos me gelou a alma, escravas sexuais, era isso que as pequenas seriam se eu deixasse o Chaminé liberar o maldito caminhão sem verificar o porquê o maldito motorista tremia e suava. Corvo não lidou bem o *filho da puta* do motorista, sabia que ele havia rasgado o maldito, vivo. Dei de ombros.

— Vejamos quem é o *fodido* agora, não é? — Balancei a arma, subi na moto fazendo ele me olhar raivoso.

Cadelinha nervosa? Temos aqui.

— Só não *te* mato e deixo aos corvos, porque eles merecem coisa melhor, miseráveis. — Liguei o motor da moto fazendo ela rugir no deserto silencioso. — Talvez você precise de um médico, Cookie. Aliás, você vai precisar do maldito olho quando Ivan Sarnov vier buscar o que você Tirou dele — ele perdeu a cor. — Fiz mal em ligar e dizer que você foi um dos traficantes que levaram sua filhinha Dora? Não me diga que está com medo? Não se sinta mal, ajudo sempre que posso.

Coloquei o capacete e virei a moto, fazendo a poeira levantar em volta dele no chão. Levantei a viseira e balancei a arma.

— Não fique muito tempo no sol xerife, *bosta* no sol seca.

Acelerei a moto em direção à minha cidade. Já está na hora da Boo saber a quem ela pertence.

Meu corpo tremia, impulsionava meu corpo na esteira de corrida há mais de uma hora, tudo doía, o galpão está vazio. A chuva que caía lá fora foi capaz alagar o maldito lugar, em plenas *fodidas* três da tarde.

— Eu juro que se entrar novamente sem fazer um maldito barulho, eu posso enfiar uma bala na sua testa Sarnov — falei baixo, somente *pro fodido* encostado na pilastra, ele tirou o capuz da cabeça e sorriu.

— *Nah*. — O maldito sotaque russo encheu a sala.

— Não brinque, Ivan.

— Sabe que não brinco, Maldonado — seu péssimo inglês me fez revirar os olhos. — Sabe muito bem o que eu quero.

— Tempo Ivan, tempo. — Apoiei meus braços na esteira e afastei as pernas, desliguei a máquina descendo. — Deus não criou o mundo em sete minutos.

— Eu não acredito no seu Deus, não mais. — Arqueei a sobancelhas, tirei a camisa do corpo, fazendo uma porrada de suor escorrer.

— O que faz aqui Ivan? — questionei sabendo o óbvio. Dora, a pequena menininha que havia desaparecido, há mais de dois anos, e há mais de quatro meses foi encontrada em uma vala em Vegas. Sem os órgãos. *Fodidos* traficantes da *porra*.

Ivan Sarnov, o maldito é só uma casca do lutador que foi um dia. Sabia que ele havia matado muita gente até chegar aqui. Chegar a mim, há pouco mais de dois meses.

Não havia desespero em seu rosto, não havia dor, tristeza, ódio. Nada. Vazio.

— Eu quero ele — sei a quem ele se refere.

— Ele não é o único, Ivan — informei sabendo do esquema *fodido* de tráfico de órgãos. Tamara, maldita velha.

— Se matá-lo não chega até ela, Ivan — resmunguei me sentando no banco. — Eu mesmo já quase o matei — ele gargalhou.

— Entre na fila. Ele é meu — seu sotaque russo ficou evidente. — A maldita é minha — ele inclinou a cabeça, estalando o pescoço.

— Nós não vamos entrar na fila, Ivan — retruquei.

— Nós? — Ivan me encarou confuso.

— Tudo no seu tempo, seja esperto Ivan.

— Eu não tenho mais nada — ele me olhou sem um pinga de sentimento na voz, fazendo um arrepio subir pela minha coluna.

— Quero que volte para casa — ele riu de forma asquerosa.

— Casa? Seu país minha casa agora —arrastou o sotaque russo deixando-o ainda mais perigoso.

— Ivan. — Minha garganta queimou.

Sei que Ivan não tem mais nada, além do vazio dentro de si, e a vontade de matar quem lhe tirou sua filha. Não condeno, sou capaz de fazer muito pior.

— Não lhe terei problemas — resmungou. — Todo meu maldito dinheiro, não serviu para nada, a maldita fama no meu maldito mundo.

Sei do que ele está falando, máfia russa é tão real, quanto a minha vontade de bater naquele biscoito com leite e jogar no

esgoto.

Acendi um cigarro.

— Você lutará *pra* mim Ivan, aprenderá como são as coisas no meu mundo, não no seu. — Uma sombra passou pelos seus olhos. — Sua maldita vingança custará um preço Ivan.

Não deixarei esse *merda* na minha frente se destruir, irei destruir tudo que esse maldito contraiu a sua volta e trazer o verdadeiro Ivan de volta.

— Trabalha *pra* mim agora Ivan — ele permaneceu em silêncio. — Você tem cinco minutos *pra* me provar que não estou errado. — Inclinei a cabeça em direção ao tatame.

Vi quando a porta do galpão abriu, os caras entraram em alerta, fiz sinal para que abaixassem as armas.

— Conheça sua família, Ivan — ele nem olhou em direção aos caras. Eles tiraram os coletes e as camisas. Eles sabem como funciona. — Suba lá e me mostre que merece o maldito lugar ao meu lado, caso contrário saia e esqueça a maldita vingança. Meu território Ivan.

Que *porra* eu estou fazendo? Eu não cuido nem do meu próprio rabo, e agora vou cuidar de um cara que provavelmente é mais *fodido* que qualquer *merda* que eu já vi.

— Ou você luta e faz parte, ou sai Ivan. Sem a *porra* da sua vingança. — Que *merda* é essa? O plano era outro.

O maldito vir aqui *foder* com o biscoito e com Tamara e me dar passe livre até Handball, e sumir. *Porra*.

Corvo e Carniça subiram no tatame vestindo apenas as calças surradas.

— Dois?

— Eu não disse que seria justo, Ivan. — Acendi outro cigarro.
— Mostre-me o que Don Sarnov é capaz de fazer. Sem regras. Não matem ele e você não mate eles, ok. Respeito Ivan. Não somos seus inimigos.

Ele tirou o moletom molhado. Olhei a janela por onde ele entrou.

— Aprenda a usar portas seu maldito — ele me olhou mexendo minimamente a sobrancelhas. — Eu sou o único que entra pelas janelas seu desgraçado. LUTEM.

Porra, virei babá de mais um marmanjo.

BONNIE

Meu estômago parece que vai sair para fora.

— Quero arrancar meu estômago, Sol — comentei, assim que ela ajudou a me sentar no chão.

— Rosita fez pior comigo — ela comentou. — Eu quase não parava em pé. — Sol, pouco fala sobre a sua vida. Quase nada. Vi apenas uma foto da sua filha, a pequena menininha. — Eu tive problemas... Minha Rosita. Quase a perdi três vezes.

Estremeci.

— Três?

— *Sí, pero no* importa — nervosa ela deixou o sotaque sair. Neguei.

Trêmula e com gosto de vômito na boca, respirei fundo.

— Quem é você Solange? — perguntei, ela sorriu, espevitada.

— Ninguém.

Crispei os olhos, ela riu e me ajudou a levantar, abuela estava em uma ultra missão secreta, desde manhã. Me proibiu de sair da loja e ir para casa. Ontem quando saí do consultório abuela parecia no céu.

— Ele *no* apareceu? — balancei a cabeça em negativa. Ela encostou na porta enquanto eu escovo os dentes.

— Não, e acho que nem vai sol. — Me senti magoada demais, na primeira oportunidade ele foge, como o diabo foge da cruz.

Sem saber o que fazer realmente, suspirei.

Que tal?

Oh Maldonado, *fodemos* sem camisinha, feito dois selvagens e tem um mini encenqueiro na minha barriga.

Minha Deusa interior me acusou indignada.

Camisinha. Estremeci ao sentir minha mente me acusar, e meu coração tentar justificar as *merdas* do Maldonado.

Sáímos do banheiro, e Sol correu até à porta tirar a plaquinha de fechado.

Sentei no balcão, já são quase uma da tarde, todo meu almoço, vitaminas e remédios que deveriam ajudar com os enjoos estão rodando pelo esgoto uma hora dessas.

— Começaremos o bolo da... — ela ficou sem jeito.

Eu ri.

— Da filha do meu pai? Minha irmã? — Ri. Ela revirou os olhos. Às vezes penso que essa Sol, é apenas uma casquinha, pois tenho certeza que existe aí dentro uma mulher incrível, forte, destemida, atrevida e muito mais corajosa por trás dessa máscara.
— Qual é Sol, somo amigas, não somos?

— S... som... — antes ela respondesse a porta se abriu, tocando a sineta.

Um homem alto, musculoso passou pela porta, ele tem um óculos de sol e sua boca está cortada. Ele veste uma jaqueta de couro, uma calça jeans surrada, e bota de couro.

Anjo do inferno.

Minha consciência acusou, mas quem é ele? Eu nunca o vi. Ele veio até o balcão, se sentou sem olhar para mim para Solange. Seu rosto bem desenhado tem uma barba rala por fazer e ele não parece nenhum pouco dócil, como os meninos do clube.

— Café — disse de forma arrastada, com certa dificuldade, mal pude entender.

Sol, se apressou em pegar uma caneca e ir até o coador, ela insistia em usar a forma antiga de fazer, e por Deus seu café é o melhor que já tomei. Ela ligou a água filtrada e fumegante da nossa máquina, e passou sobre os grãos.

Ela havia descoberto uma loja árabe em Vegas, e os grãos deles são os melhores. O cheiro delicioso encheu a confeitaria, o esquisito charmoso, ergueu o olhar, e olhou diretamente para Sol. Ela congelou no lugar com a xícara de café, vi quando ela me olhou em desespero, me levantei e com cuidado peguei a caneca fumegante. Ela se virou.

— *Permiso* — ela pediu com licença de forma desesperada e entrou na cozinha.

Coloquei a caneca em frente ao moço, ele tirou os óculos de sol, de forma lenta, revelando um olho caramelo, todo roxo.

Engoli em seco.

— Senhorita Portman? — afirmei com a cabeça. Ele ergueu minimamente o rosto másculo sem expressão. — Ivan Sarnov.

Concordei sem dizer nada.

— M... mais alguma coisa?

Ele tomou o café de forma lenta.

— Diga a bunda doce que falta açúcar — reclamou com um sotaque estranho. No exato momento em que Sol saiu da cozinha munida do seu fiel escudeiro.

— A... algum problema senhor? — Ela segurou firmemente seu fiel escudeiro. O pano de prato vermelho.

Ele a mediu de cima a baixo, *puta merda* a tensão no ar dá para ser fatiada com uma faca.

— Ivan — reclamou.

— Algum problema senhor? — ele pareceu se divertir com a Solange que parece querer voar em seu pescoço, porém o fato dela não usar seu nome o irritou.

— Nenhum, senhorita Esposito. — Ela arregalou os olhos ao perceber que ele sabe seu sobrenome.

Ela girou os calcanhares e voltou à cozinha.

— Com licença — pedi sentindo meu montinho de banha marcar presença.

Eu vou vomitar.

Capítulo 21

" POR QUÊ?"

*“É uma linha tênue entre todo esse amor e ódio
E se você mudar de lado, você vai ter que reivindicar seu
lugar*

*Então querido, desta vez você vai ter que selar seu
destino Sim, querido, desta vez você vai ter que selar
seu destino”*

Hate Me

Ellie Goulding feat. Juice WRLD



BONNIE

Encrenqueirinho, escovei os dentes novamente, talvez meu bucho descole. Saí do banheiro e vi a confeitaria vazia.

Essa coisinha está me deixando maluca, só pode ser filha do trambolho do seu pai mesmo.

Onde a assombração número dois havia ido? Me apoiei no balcão. Me sentindo literalmente de bucho vazio.

Meu estômago roncou. Sim, o cretino roncou. Acabei de jogar as tripas fora e simplesmente quero comer.

Me aproximei do balcão ao ver a nota de vinte dólares presa na caneca vazia.

Sol saiu da cozinha, com uma forma cheia de rosquinha de coco.

Meu estômago gritou.

— Ele deixou vinte dólares por uma caneca de café custa dois? — questionei, colocando a mão sobre a barriga.

Doido.

Sol colocou as rosquinhas na vitrine.

— Você gostou dele não é. — Ela arregalou os olhos com minha provocação.

— *Yo no*. — Ri fazendo ela revirar os olhos.

— Ele é bonito — na verdade, o Belzebu é incrivelmente charmoso, porém minha Deusa interior fechou as pernas.

Quero *pau* do Domzinho. Fechei os olhos. Maldita vagina vendida.

— E perigoso — Sol respondeu e tremeu todo corpo de forma violenta e dramática. — Se ele reclama do meu café na minha cara, enfio o açúcar no outro olho dele.

Gargalhei, ela gostou dele.

— Seu café é incrível, bunda doce. — Dei um grito quando ela me acertou com o pano de prato vermelho.

— *No me llames...* D... de bunda doce, bombom. — De forma infantil mostrei o dedo do meio, quando o apelido do cretino saiu dos seus lábios. — Acho que ele bateu em alguém — comentou.

— Ou apanhou. — Gargalhei me sentindo uma *cadela* com ela. Ela realmente ficou encantada com o Belzebu, quem em sã consciência não ficaria, meu pai.

— Ele *no* tem cara de quem apanha. — Respirei fundo, sentindo o mini encenqueiro bater continência novamente, reclamando de fome. — Isso foi seu estômago?

— Sim. — Sem vergonha eu ri. — Esse mini encenqueiro vai me deixar louca.

— Vai piorar. — Revirei os olhos. — Ele é filho do Maldonado, espera o quê? No mínimo ele vai sair de você aprendendo a pilotar uma Harley.

Concordei.

— O que será que a velha está aprontando? — ela me olhou, estreitei os olhos. — Você sabe sua bruxa. — Ela correu em direção à cozinha. Pulei da bancada indo atrás dela. — Volte aqui e me conte.

— *Yo no* sei de nada, sou um túmulo. — Ela riu. Pegando uma colher que estava na bancada de metal eu apontei em sua direção.

— Traidora.

— Seus cannolis estão pontinhos, chefe — mudou de assunto abrindo o forno, os cannolis assados estão prontos.

A campainha tocou.

— Vá lá bunda doce. — Sol mostrou a língua. — Eu termino por aqui e de quebra faço uma boquinha depois.

Ela saiu resmungando e me xingando.

Fui até à pia e lavei a mão. Ajeitei o avental, com o cabelo preso me certifiquei que não havia nenhum fio pra fora, lavei as mãos novamente, peguei a caixa de luvas de plástico descartáveis.

Indo até as minhas prateleiras de temperos, peguei paparica doce, abri a nossa enorme geladeira, tirei uma caixa de leite condensado de um quilo, três ovos, leite.

Colocando tudo sobre a bancada eu fui até a TV no canto, conectando minha conta no Spotify.

Rebolei minha bunda ao som de Demi diva Lovato. Com cuidado colocando a panela sobre fogão coloquei os ingredientes, deixando os ovos, a paparica doce e a essência de baunilha por último.

O creme claro, ganhou uma cor avermelhada linda, leve e picante misturado ao doce causa uma explosão de sabores incríveis.

Mexi os cremes até que ele estivesse no ponto.

Desliguei o fogo e descartei a luva no lixo, saí da cozinha procurando Sol para pedir ajuda com o creme pesado.

A confeitaria está cheia de adolescentes, e algumas senhoras, não havia uma única cadeira vazia.

De onde diabos saiu tanta gente?

Sol conversava animada com um rapaz, que eu nunca tinha visto.

— Estamos visitando o Cânion... — Ele explicou. Sua camiseta diz que eles são de uma escola particular em Vegas.

— Oi Boo. — Olhei a mocinha na minha frente, segurando um Big Cupcake.

— Oi. — Tentei não soar estranha. Irmã.

Ela parecia ansiosa, o que fez minhas mãos suarem. Me virei nos pés sem saber o que fazer.

Seja uma adulta, não uma rata. Me acusei. Voltei para dentro da cozinha.

Respirando fundo, olhei a enorme concha de abuela.

Quem não tem cão caça com gato, se isso fosse há dois meses, colocaria luvas térmicas, e viraria a panela no refratário para resfriar o creme, porém, na minha atual condição coloquei, concha por concha dentro do refratário, o cheiro me deu água na boca, a cor vermelha chamativa deixaria os fregueses surpresos, afinal estamos falando de um tempero apimentado.

— Com problemas, docinho?

— Aí. — Maldita panela quente. Olhei para o meu braço, e suspirei imaginando a enorme bolha que isso ia me trazer.

Mordi a língua para não xingar um enorme palavrão, ao ter o Dominic segurando meu braço e avaliando a queimadura.

— *Porra* isso vai ficar feio —disse normalmente como se fôssemos íntimos.

Não aqui, truta.

Puxei meu braço, soltando a concha que eu nem sabia que segurava. Fui até à pia, regulando a torneira para água gelada.

A porta dos fundos está trancada. Claro que estava, nem ouvi ele abrir a porta, silencioso feito um ladrão sorrateiro.

Ignorando-o, abri um dos meus potes de tempero coloquei uma folhinha de hortelã onde provavelmente se transformaria em uma enorme bolha.

— Desculpe-me —pediu se aproximando.

Me afastei contornando a bancada.

— Pelo que exatamente? — perguntei sem olhá-lo.

— Pela queimadura, não queria *te* assustar.

Oh foda-se a queimadura seu fodido de merda.

Trinquei meus dentes.

— O quer aqui Dominic?

Olhei na direção dele, ele está diferente, parece mais musculoso e está com o cabelo cortado um pouco mais baixo, havia resquícios das penugens de galinha que ele insiste em chamar de barba. Ele veste um moletom preto e parece ansioso.

— Saber como você está. — Dom cruzou os braços e bateu o pé no chão.

— Viva. — Dei de ombros. — Era isso? Quando sair trave a porta porque ela estava trancada.

— Amor.

— Não. —disse erguendo a mão impedindo que ele chegasse mais perto.

— Sei que ainda está com raiva...

Com raiva, não! *Fodida* e grávida do imbecil na minha frente.
Mordi a língua.

— Estou trabalhando Dominic — Falei entredentes sentindo uma náusea forte me atingir.

Fiquei quieto, seu mini encenqueiro.

— Você está pálida, bombom.

— Eu estou muitas coisas Dominic.

Inclusive grávida de você seu idiota!

Abri a geladeira industrial, peguei uma garrafinha com água e chá de hortelã que abuela me ensinou que ajuda nas náuseas. Pode ficar quieto seu exibido, nem pense em bater cartão *pro* babaca do seu pai. Sua coisinha minúscula. Fique quietinho aí sem mexer com meu bucho estragado seu encenqueiro.

Não é hora de conversamos.

— Boo... Os canol... Oh. — Sol abriu a porta e viu Dominic enfiar as mãos nos bolsos e me olhar com cara de cachorro perdido.

— Amor...

— Não tem como você voltar outra hora? Ou nem voltar? — Mordi a língua, ele arregalou os olhos e levantou as mãos.

— Certo, não estamos em um bom dia — resmungou sorrindo.

Não estou em um bom dia com seu filho arrancando minhas tripas e cutucando meu fígado.

Ele simplesmente se virou e saiu, Dom tirou o canivete suíço do bolso e colocou na entrada da porta depois que ele abriu.

— Eu volto.

Ele puxou a porta e ouvi ela sendo trancada.

— Você contou? — Sol veio esbaforida em minha direção.

— Não, inferno não tive um pingo de coragem. — Trêmula eu me sentei e Sol me estendeu um copo de água com açúcar.

Senti meus olhos lacrimejarem. Respirando fundo olhei pra minhas mãos, eu não tenho um pingo de coragem.

Nenhum pouco de coragem.

Sol trancou a porta da loja, enquanto abri o carro, colocando um bolo de doce de leite no banco passageiro do carro.

— Aceita uma carona Sol? — ofereci sabendo que ela ia negar. Ela riu enfiando sua cópia da chave na bolsa.

— Preciso ir à farmácia. — Piscou e saiu andando.

Entrei no carro, tentando de afivelar o cinto de segurança.

Liguei na rádio da cidade deixando a música me levar, bati os dedos no volante manobrando o carro na rua e indo para casa.

Olhei a fachada dos anjos do inferno. Respirei fundo.

— Stone Clod, Stone Clod.... — cantarolei j com Demi. Gritei desafinadamente com ela, no exato momento que cheguei em casa a música acabou. Olhei pelo retrovisor e avistei o carro preto a uma boa distância, liguei o pisca-alerta e ele fez o mesmo. Entrei na garagem, estacionei e dei uma buzinação para abuela saber que eu cheguei.

Homens do meu pai.

Meu pai. Sorri *pro* nada, peguei o bolinho e saí do carro.

Meus olhos ficaram nele o dia todo, rezando aos céus para que não fosse vendido.

Fazendo uma dancinha eu abri a porta.

— FECHE OS OLHOS — abuela gritou me parando na porta, apertei os olhos. — Me dê isso. — Glórinha latiu alto.

— Quase mata a menina do coração, meu mel. — Ouvi a voz do velho, e senti a mão dele me guiar para dentro.

— Abra bem devagarinho.

Quando abri meus olhos, nunca vi algo tão lindinho quanto aquilo, um minúsculo berço redondinho em madeira envernizada com um minúsculo colchão redondinho, abuela colocou lençóis brancos e um travesseiro pequeno, me aproximei tocando a madeira. Andei em volta, sentindo meus olhos cheios de lágrimas, peguei o travesseiro e levei-o ao nariz cheirando. Glórinha corria em volta do berço, desesperada soltando latidos fofos.

— Não chore querida — afirmei para mim mesma. Ela e o velho se abraçaram, toquei novamente o meu bercinho, o bercinho do meu pequeno montinho de banha encenqueira.

— Vocês fizeram?

— Na verdade, só montamos querida. — Olhei emocionada.

— Meu potinho de mel é muito teimoso e se recusou a olhar o manual. Quis fazer tudo por conta própria.

Abracei os dois de forma apertada.

— O...obrigada, eu a...amo vocês.

Ela se afastou.

— Aqui diz que ele fica maior, e depois vira uma caminha, já imaginou meu mini-homenzinho deitadinho aqui?

— Não sabemos se é menino, abuelita. — Beije seu rosto levando a mão até a barriga, sentei em frente ao bercinho no sofá, admirando pequinês tamanho do pequeno móvel.

Toquei novamente sem saber se é realmente real.

— Como vocês?

— Pesquisei muito a respeito do bercinho ideal. Duas horas de pesquisa e encontrei esse a pronta-entrega em Vegas — abuela comentou. — Falta chegar as almofadinhas e o pequeno saco, para que ele fique todo aquecido. — Ela saltitou. — Venham meus amores. Vamos comemorar com um frango ao molho de milho com queijo.

Minha boca salivou.

Me levantei, agarrando-a e mordendo sua bochecha.

— Você não existe velha.

Glórinha correu na nossa frente desembestada escorregando pelo piso.

— Pode deixar abuela, eu lavo. — Toquei ela e o velho da cozinha. Onde está Glórinha?

— Tem certeza querida? — Ela me olhou desconfiada.

— Vai logo velha assanhada. — Beijeí seu rosto. —

Obrigada, senhor Macalister, cuide bem da minha abuela. — Pisquei para ele o abraçando.

— Pode deixar. — Piscou.

Voltei pra cozinha, colocando a louça na lavadora, passei um pano na bancada em que comemos.

— Que tal um banho rapazinho? — Já estou me acostumado com a ideia de ter um mini Maldonado dentro de mim. Mesmo querendo uma linda menininha, igual ao pai, ter uma mini cópia dele me faz suspirar.

Toquei minha barriga.

— Banho e meias quentes o que acha rapazinho? — Ouvi a lava-louças iniciar o processo de secar a louça. Apaguei a luz

sabendo que ela desligaria quando terminasse. — Glórinha?
GLÓRINHAA?

A biscatinha latiu no andar de cima.

Saí da cozinha voltando até à sala admirando o pequeno móvel.

— Sua bisa não existe amor. — Toquei o bercinho.

Apaguei a luz da sala, seguindo pelo escuro fui em direção ao meu quarto, a porta estava entre aberta.

Um arrepio percorreu a minha espinha.

Abri a porta e acendi a luz.

— Dom? — Ele está sentado na minha cama segurando meus exames e meu ultrassom.

Meu sangue gelou, dei um passo para trás como se meu bebê estivesse em perigo levei a mão na barriga de forma protetora.

— P... por... Q... uê?

— C... como? — Meu corpo tremia da cabeça aos pés.

— Por que ele? Por que ele? — Ele levantou a cabeça e foi como se meu mundo tivesse perdido a órbita seus olhos estão vermelhos e raivosos, sua expressão de nojo e raiva me fizeram minúscula. — EU ACREDITEI EM VOCÊ *PORRA* E TODO AQUELE MALDITO TEATRO.

O grito dele foi tão forte que eu me apoiei na parede me encolhendo me sentindo insignificante.

— O quê? — Eu tentei respirar, mas o ar não passava.

— QUANDO IA ME DIZER? — Me encolhi. — Achei que fosse diferente de Amber. — As palavras sem sentido algum me atingiram em cheio. Uma náusea enorme me atingiu. — Como uma

bela *vadia* você gostou, não é? Não me diga que tentou dar para o Michael também? ME RESPONDE *PORRA*.

Capítulo 22

" É Sobre quem somos! É sobre quem vamos ser!

Tenho que manter a calma antes da tempestade

Eu não quero menos, eu não quero mais

Preciso fechar as janelas e as portas

Para me manter segura, para me manter aquecida”

Head Above Water

Avril Lavigne



BONNIE

Minha mão atingiu em cheio o rosto dele, em câmera lenta ele voltou massageando a *porra* do rosto.

— Não sei que *porra* você andou fumando ou colocando na *porra* do cigarro, mas eu não sou uma *vadia* barata para você entrar na *porra* da minha casa e gritar comigo como se eu fosse seus homens.

Ele olhou com tanto ódio e nojo que eu me senti desprezível, do tamanho de um grão de mostarda. Ele me olhou de uma forma asquerosa e deu uma risada nojenta.

— Aliás, você não cobra nada, não é? — Mas que diabos?

— Do que diabos você está falando?

— DO QUÃO *VADIA* VOCÊ É! ESPERAVA QUE EU NÃO DESCOBRISSE? Não me diga que esse bastardo é meu? — A voz dele parecia ter engrossado dezenas. — Sim eu sei das malditas visitas do maldito biscoito, até porque não sou o único que visita à confeitaria, não é?

Foi como levar uma paulada na cara, fechei minhas mãos. Não, esse *merda* não vai fazer isso comigo.

— Saia da minha casa.

— Ou o quê? Vai chamar o xerife para vir *te* consolar como uma boa *vadia* que é? — Minha mão voou no quadro que tinha perto da porta, o vidro se espatifou ao lado do seu rosto na parede.

Ele me olhou sem se abalar um em nada, nada. Vazio. Oco. Isso que esse maldito patife é!

— Eu juro que tentei ver verdade em você, mas você não passa de um menino cego e medroso. — Estou me sentindo tão pequena, mas não ele não vai me acusar de ter saído com metade do mundo. — Você tem razão esse bebê não é seu! O maldito pai dele varreu a *porra* do inferno fora da mãe dele. Não, eu não traí você, mesmo não devendo a *porra* de nenhuma fidelidade a você ou lealdade! Nesse *caralho* fui a única traída, você tem razão você, não é o pai do meu bebê, entreguei a você tudo que eu tinha, a *porra* de um coração, a *porra* que nunca dei a ninguém, enquanto o incrível MacGyver só soube levar. O que você me deu além de um bebê sem pai? Nada.

Eu dei as costas para ele, entrei no banheiro e tranquei a porta, fazendo ela trancar. Meu corpo tremia me apoiei na pia e quebrei como uma garotinha medrosa. Com oito anos. Quebrei.

Meu corpo tremia e doía, jamais imaginei que a alma pudesse doer tanto. Sem que eu pudesse impedir todo jantar foi jogado na pia, me afastei trêmula, meu corpo escorregou pela porta, entre lágrimas limpei meus lábios com força e abracei meus joelhos.

Meu corpo treme com tanta força que os soluços e as lágrimas parecem ter vida própria.

Ouvi o barulho da moto ser acelerada. *Oh porra!* Ele acha que meu bebê é filho do inútil do Taylor? Nem nos meus maiores pesadelos aquilo doeu tanto.

Sem o maldito direito da dúvida. Entreguei a ele minha virgindade, confiei nele mesmo depois de tudo que ele me causou. Droga, o quão cachorro o destino ainda pode ser comigo?

Eu ouvi passos nas escadas e me encolhi mais.

— Bonnie? Bonnie? — Ouvi a voz desesperada de abuela e chorei mais meu peito doía.

Não sei como abuela conseguiu abrir a porta, mas meu corpo parecia pesar toneladas quando ela me abraçou, o choro era tão doído que não conseguia entender nada do que ela dizia. Aquilo doía como um inferno.

A dor da desconfiança, da decepção.

— Querida, por favor se acalme. Pense no bebê. — Meu Deus, meu bebê. Meu corpo tremeu mais. — Pegue uma água com açúcar querido. Dom não reagiu bem, querida? Você contou?

— E... ele não é o pai do meu bebê. — Tentei me convencer da maior mentira que já contei. — Ele não é.

— Querida? O quê?

— Ele não é? — Soluçando tentei me enganar.

— Me diga o que aconteceu querida? Boo respire, abra os olhos. Você está entrando em pânico. Já superamos isso. Bonnie? Tentei abrir meus olhos.

— Não consigo respirar. — Meu peito doía como inferno, parece que está sendo esmagado.

— Você consegue, já lidamos com isso. Abra os olhos. Sou eu abuela Carmen. Não deixe o desespero *te* levar. Respire.

Puxei o ar com mais força, com lufadas de ar enormes, meu bebê. Meu bebê. Respire.

— Isso. — Abuela me segurou. — Abra os olhos, querida.

— Abuela. — Abri meus olhos sentindo o ar me faltar, respire.

— Eu estou aqui. Não vou sair. — Senhor Macalister se abaixou ao meu lado, segurando minha mão.

— Respire filha. Tome. — Não conseguia segurar o copo, abuela levou o copo aos meus lábios.

— Ele acha que traí ele.

Ele acha que traí ele.

DOMINIC

— Não a Boo, *porra*! — Lincoln a defendeu.

— Sai da porra da minha frente.

— Não, me escuta *porra*. Vocês transaram. Bebês acontecem *porra*! — Meu ódio foi tão grande que sou soquei a *porra* da mesa.

— Essa criança não é minha, no inferno eu queira que fosse. Você não tem ideia do quanto eu queria dizer que ela está grávida de um filho meu, mas não é *porra*! — Puxei meus cabelos sentindo meu corpo ferver. Vi de longe Ivan balançar a cabeça. — Quer que eu faça o que *porra*? Assuma uma criança que não é minha? De um maldito traficante que quer *foder* com toda *porra* da minha vida? — Lin me olhou como se eu fosse louco.

— Boo não é assim.

— Sim, é ou você acha que eu fui o único que a fez gozar? — Ele me olhou assustado. — Ela esteve com o Taylor *porra*!

Meu corpo tremia.. E porra como eu queria que aquela criança fosse minha. Como no inferno posso acreditar se ela também esteve com ele?

— Não tenha tanta certeza. — A voz debochada de Ivan invadiu meus ouvidos. — Aquela moça não me pareceu... Uma pessoa que não sabe identificar uma pessoa ruim. Eu vi nos olhos dela.

— DNA *porra*, existe o DNA — Lincoln acredita na maldita inocência dela.

— Ela transou com ele, *porra* — constatei o óbvio.

— Nunca teve uma *foda* ruim? — Ivan debochou. — Tenho certeza que não é um virgem celibatário. — O russo arrebentou o último fio de paciência que me restou.

Lincoln entrou na minha frente.

— Você não vai *foder* com mais nenhum cara aqui *porra*, pare de provocar esse maldito, Ivan.

— Só quero fazê-lo ver o óbvio. — Ele deu de ombros. — Quero estar aqui e assistir você descobrir a inocência da confeitadeira. Sua família não está escorrendo pelos dedos, você está abrindo mão e soltando.

Eu vou matar esse maldito.

— Tire a roupa. — Traguei o cigarro, a ruiva me olhou de forma lasciva. — Vai dançar nua.

A música alta na boate faz minha cabeça doer como o inferno.

Senti as mãos me tocarem e abrirem meu zíper.

A loira tentou me beijar, mas a impedi.

— Dom...

Ela gemeu me fazendo fechar os olhos, vi os cabelos cacheados e cheios flutuar na minha frente.

Abri meus olhos e observei os cabelos loiros se espalharem por cima de mim, os beijos molhados me fizeram agarrar o cabelo dela, fazendo ela gemer e me olhar de forma sensual.

— MacGyver. — A ruiva estava dança tentando chamar a minha atenção. Foi como se um maldito gatilho ligasse uma bomba-relógio. Os olhos magoados de Boo, a dor que eu vi estampada neles.

— Chega. FORA! — desesperadas elas pegaram as roupas espalhadas e saíram do quarto vermelho sem dizer nada.

A garrafa de uísque voou em direção ao espelho.

— *PORRA!*

Ela está esperando um filho, e provavelmente não sou o pai.

BONNIE

— Precisa comer querida mais querida. — Empurrando o prato me levantei da mesa. Há dois dias quando Salazar invadiu minha casa exigindo explicações por não ter comparecido à festa da Marry, me quebrei, desabei chorando em seu colo. Como uma garotinha choraminguei, o abraço dele me deu a certeza, que no mundo eu posso sozinha ser mãe e pai desse bebê. Tinha certeza que assim que ele saiu por essa porta ele foi até Dominic. Mesmo implorando, sabia que ele iria.

— Deus abençoe abuela — agradei sentindo vontade de chorar.

Nos últimos dias, fiz tudo no automático, não conseguia encarar os olhos preocupados de abuela. Sabia que se eu olhasse desabaria novamente. Ela e Solange faziam tudo, mal conseguia olhar *pra* fora e ver Cobra pendurado na árvore, seu olhar distante e vago. Sentia que ele sabia, já que toda a cidade sabia que a menina da dona Carmem está grávida, mas ninguém sabia quem é o pai. As especulações começaram, todos queriam saber quem é o pai do meu bebê. Inclusive as senhoras que insistiam em bater na porta de casa perguntando a abuela como eu estava, repentinamente preocupadas com a minha saúde, as fofoqueiras apenas querem uma pista.

— Querida?

— Sim? — me virei quando cheguei na porta da cozinha, me abaixei pegando Glórinha, que estava tristonha.

— Eu me enganei, não é? Sobre ele? — Meus olhos se encheram de lágrimas. — Eu insisti, a culpa...

— Não. Não se atreva. Eu me deixei levar. — Soltei Glórinha, ela sentou ao meu lado, e virou a cabeça pra cima me olhando, toquei minha barriga. — Ele vai nascer, vai crescer assim como eu. Vai ter uma abuela que vai amá-lo muito, eu vou ser melhor em tudo que a Amber não foi. — Comecei a chorar, abuela se levantou e me abraçou. — Vou dar o amor que ela não me deu, vou segurar sua mãozinha quando der o primeiro passinho. Vou abraçá-lo quando ele chorar por não conseguir pedalar a bicicleta. Eu vou amá-lo.

— *Ah* querida. — Ela me abraçou mais forte. — Você tem a coragem que eu jamais tive. — Olhei entre lágrimas *pra* ela sem entender. — Eu queria poder abraçar Amber, e dizer que tudo ficaria bem. Entretanto, eu não tive coragem.

Sei que a abuela nunca se perdoou, mesmo não tendo culpa, Amber preferiu uma vida fácil onde os prazeres vinham e o dinheiro também. Beije o rosto de abuela.

— Eu...

A campainha tocou e Glórinha latiu correndo esbaforida até à porta.

— Suba, se for uma dessas vizinhas eu vou jogar óleo quente nessas quengas fofoqueiras — abuela se revoltou, sorri, indo em direção a escada e subi os degraus, o suficiente para ouvir uma conversa na porta. — O que quer aqui?

— Abuela.... — Me encolhi sentando no degrau, Glórinha pareceu perceber meu medo, e correu subindo os degraus, parando

ao meu lado, peguei ela no colo e a abracei. — Preciso falar com a Bonnie.

— Senhora Carmen — abuela rosnou.— Quer falar com a Bonnie? — Meus ovos! Você não está em posição de falar nada! Veio aqui por quê? Pedir um maldito exame de DNA? — Levei a mão aos lábios impedindo um que um soluço escapasse.

Malditos hormônios, as lágrimas desceram fazendo Glórinha lambar meu rosto.

— Eu me enganei sobre você! Dei uma chance, Deus tenha seu pai em um bom lugar! Aquele homem é a prova viva que eu acreditei em você, olhe *pra* você um homem vazio. Infelizmente, seu sangue corre nas veias do meu bisnetinho! Entretanto, você será testemunha do homem honrado e honesto que ele vai ser.

— Abuela...

— Minha menina jamais *te* enganaria! A única enganada aqui fui eu que acreditei que você poderia ser um bom rapaz para minha neta! Eu a criei e criarei meu bisneto até porque eu quero que você volte para *puta que te pariu* e nunca mais coloque os olhos nem na minha menina e, nem no meu netinho, Dominic. — A porta bateu com tanta força que os quadros na parede da escada balançaram. Glórinha me olhou sem entender com os olhinhos arregalados. — Eu vou fritar esse maldito frango que se acha galo... Querida?

Olhei para ela sorrindo, entre lágrimas me levantei.

— Obrigada, por acreditar em mim abuela... Eu nunca estive com outro como ele insiste em dizer... Abuela eu...

— Céus! *Dios* é testemunha do meu arrependimento, como eu queria que esse menino não fosse dele! *Dios*! Como eu queria.

Eu também abuela. Eu também.

Subi as escadas, e fiz algo que há muitos anos não fazia, me deitei na cama de abuela me sentindo segura, como uma menininha indefesa.

Anos antes.

— E a princesa jogou um punhado de sal no sapo, matando o cretino. Ela se casou com o guarda do castelo e viv...

— A história não é assim abuela. — Sorri, ela fechou o livro e me ajeitei em seu colo.

— Claro que não bobinha. Você não precisa ser a princesa que beija o sapo e o transforma em príncipe. Não somos centros de reabilitação querida.

— Ela só tem doze anos, querida — abuelo Calisto falou com dificuldade sorrindo de forma brilhante, um dos sorrisos mais lindos que ele já deu. Estávamos sentados na poltrona no quarto de abuela, enquanto abuelo estava deitado ouvindo a história.

— Querida, se puder, enfie uma maçã na boca do príncipe, não jogue a trança e muito menos beije um sapo ordinário, se você puder jogue sal. — ri. Fazendo ela beijar meus cabelos.

— Vovô disse que os príncipes são apenas meninos que esqueceram de ler o manual de instruções, não é abuelo? — Olhei para o abuelo. — Vovô? Vovô?

— Calisto? Meu bem?

— Vovô?

Ele não sorriu mais.

Capítulo 23

"Ficar cego ao óbvio"

*“Ele é um trapaceiro, ele não é bom de jeito
nenhum É um perdedor, ele é um vagabundo
Ele mente, ele blefa, ele não é confiável
Ele é um otário com uma arma arma-arma-arma-arma”*

Criminal Britney Spears



DOMINIC

— Seja a *porra* de um maldito justo e me solte. — Cuspi sangue.

— Você não foi justo quando quebrou minha filha. Eu vi da forma mais crua, o que uma mulher nunca deve passar. — Ele segurou em meu pescoço. — As coisas acabam aqui Dominic.

— *Foda-se.*

— *Oh.* — Ele segurou meu pescoço. Faz meia hora que dele decidiu que já tinha tirado a *porra* do sangue o suficiente do meu nariz. Não consegui ver nada, meu olho está inchado e latejando.

Eu fui lá *porra*, e ela nem sequer aparece para se explicar.

Antes que eu subisse na moto os malditos cachorros dele me impediram. Sabia que Salazar ia *foder* comigo. Meu título não significa nada a ele.

Apenas um motoqueiro assassino e vagabundo, foi isso que ele definiu quando passei pela porta do seu galpão de cargas, quando bateu o inferno fora de mim. Quando ele me estendeu o telefone e mandou avisar os meus homens onde estou, algo me impediu de mandá-los vir aqui para *foder* os miolos dele.

Apenas fiquei quieto, deixei ele bater o inferno fora de mim. Algo dentro de mim, morria aos poucos, fazendo-me não sentir nada. Só tinha vontade de correr de volta em direção à casa de Abuela e pegar Boo nos braços, e dizer que tudo ficará bem. Que

íamos ficar bem. Entretanto, não conseguia, mesmo algo me mandando ir lá.

— Vai me matar? — debochei. Minhas costelas doíam. Ele garantiu a *porra* de uma surra bem dada a mim, ele não terceirizou o serviço. Fez ele mesmo. Fodido corajoso.

— Não, seria pouco *pra* você, vou *te* deixar vivo, para que veja a felicidade da minha filha, e não possa ter, não possa participar de nada que meu neto faça.

— ELE NÃO É MEU FILHO *PORRA*. — Como eu queria que fosse.

E se for?

Não. Não é possível.

— Continue a se enganar, ficar cego ao óbvio, porque quando você conseguir ver vai ser tarde demais.

BONNIE

Ficar deitada em posição fetal foi o que eu fiz nos últimos três dias após ter Dominic batendo em minha porta, sem vontade alguma de comer, me sentia minúscula.

— Amiga. — Judie sentou-se ao meu lado, perto da janela. O dia estava chuvoso. Vi Lincoln se encostar na porta. — Você deveria ter me ligado. Eu viria na hora. Droga, fala alguma coisa Boo.

— Vou ficar bem? — Foi mais uma pergunta do que uma afirmação. Ouvi a respiração nada silenciosa de Lincoln. Olhei para ele.

— Nós acreditamos em você. — Ela apertou meus ombros.

— Eu não sei se eu acredito em mim mesma. — O papo de vencedora foi pelo ralo. Sou apenas a Boo, medrosa. Apenas isso.

— Droga, eu vou capar aquele maldito. — Afastando as lágrimas, olhei em direção ao Lincoln que engoliu em seco.

— Vocês não precisam fazer isso — afirmei. Pela roupa ela provavelmente tinha acabado de sair do tribunal. Lincoln se aproximou e sentou no chão, encostado na parede, em frente a nós duas, dobrando uma perna e esticando outra ele mordeu um palito de dente.

— *Porra*, isso vai me correr. Você não saiu com Cookie, não é? — Olhei na direção dele sentindo as lágrimas escaparem dos meus olhos.

— No inferno, por que todos acham que eu saí com aquele idiota? O que eu ganhei defendendo vocês? Nome de *vadia*.

— Defendendo? — Ele olhou sem entender.

— Ele queria informações de mim, queria uma informante infiltrada entre vocês, ele acha que vocês são criminosos — informei.

— *Porra de fodido de merda*.

— MacGyver só faltou me chamar disso. De resto, tive o inferno levado fora de mim com uma dúzia de palavras, que você pode ter certeza, doeram até as minhas tripas. — De tristeza eu passei a raiva. — Eu amei Dominic, nos últimos anos. — Lincoln pareceu surpreso. Judie segurou minha mão. — Idealizei nele um homem que não existe.

— Boo, ele só não...

— Vê o que está a um palmo de dos seus olhos? — ele confirmou. — *Oh* eu sei disso. Pode ter certeza. De todas as *merdas* que aguentei dele, no colegial, nada se comparou ao que ele me causou. Traidora. Ele me comparou a maldita mulher que teria me

trocado por uma carreira de pó em qualquer esquina de Vegas se não fosse pela minha abuela. — Ele pareceu surpreso, Judie ofegou. — No inferno isso dói. Eu vivi a vida toda com medo de ser levada das únicas pessoas que me amarram. E ele?

— A guerra em 2011 o fez...

— *Porra* nenhuma, Lincoln. — Judie o interrompeu.

— Eu vivi uma guerra desde que nasci. — Senti minhas lágrimas caírem. Senti as mãos pesadas de Lin em meu joelho.

— Eu estou fora Boo. — Abri meus olhos.

— O quê? — Olhei pra ele, ele me olhou magoado.

— Eu saí, o desafiei Boo.

— Eles saíram por minha causa, não é? — Cobra e Vallen, estão sem seus empregos, mesmo que o trabalho com Dominic fosse sujo, eles perderam por minha causa.

— Sim.

— Até o esquisito do Ivan acredita em você, russo *filho da puta*. Parece ver a alma das pessoas com um olhar, *porra*.

— E agora? — tremi apertando a mão da Judie.

— Eu já não fazia os mesmos serviços, lidava mais com a burocracia do que com outras coisas. — Deu de ombros como se não se importasse, mas eu vi nos seus olhos, que ele está magoado. — Ninguém ali consegue ver o que ele vê. Ninguém concorda com a *porra* que ele está fazendo, o papelão de palhaço, mas ninguém mais vai desafiá-lo, ele ainda é o chefe.

— Ele vai ver por conta própria e vai acabar voltando arrependido.

— Eu não quero que ele volte, do fundo do coração eu espero que não. Eu não posso ser quebrada de novo. Alguém

precisa de mim agora. — Toquei minha barriga.

— Você tem a nós, Boo. Para o que precisar. — Judie me abraçou — Conheça meu novo secretário?

Ela riu, mudando de assunto e apontando pra Lin.

Ele puxou a gola da jaqueta de couro de forma ridícula me fazendo rir.

— Você é o novo secretário?

— Assistente pessoal, Lincoln ao seu dispor. — Ele fez uma pose engraçada, ainda sentado no chão.

— Você não existe seu doido. — Chutei seu pé.

— Existo sim madame. — Ele riu, me olhando intensamente. Ele chutou meu pé de volta. — E estamos aqui para o que precisar. Se quiser matar alguém eu ainda...

— Não termine essa sentença em frente a uma advogada, seu infeliz. — Judie olhou feio pra ele. — Idiota.

— O seu idiota, meu lírio. — Ri, sentindo uma picada de inveja no coração. — Enquanto nosso bebê for planejado, vamos mimar esse meninão lindão do tio Lin. — ele piscou.

— Por que todos acham que é menino?

— Porque vai. Meu sexto materno sentido diz isso.

— Você não tem sexto sentido materno, Lincoln — Judie rebateu.

— Tanto faz, eu só sei. Me prometa que vai se alimentar, pense no seu bebê, você parece ter emagrecido quilos, em menos de duas semanas.

— Nada para no meu estômago — justifiquei.

— Você mal tocou no almoço. — Ela apontou para o prato frio que Abuela trouxe mais cedo.

— Eu...

— Sem mais, você vai se alimentar — Judie sentenciou. —
Pense no bebê, deixe aquele idiota de lado. Não digo que você vai
conseguir esquecê-lo, pois tem um pedaço dele crescendo dentro
de você, mas por favor. Siga em frente, não olhe dos lados siga em
frente.

Meses depois.

— De trégua ao meu estômago hoje, encrenqueirinho. —
Segurando firme no balcão, senti uma náusea forte, toquei minha
barriginha redondinha de banha, de quatro meses. Os últimos
quatro meses foram uma montanha-russa de sentimentos e
decepções.

Abuela foi em todas as consultas. Vibrando a cada mês que
passava. Eu via ele entrar com diversas mulheres, todo dia uma
diferente. Magras e com roupas que nunca caberiam na minha
bunda gorda.

Beijou elas de forma descarada, como se soubesse que eu
estava olhando.

Assim como agora, Sol entrou na frente cobrindo a minha
visão.

— Sol.

— Yo o odeio, com todas as minhas forças. — Ela apertou
seu pano de guerra.

— Idem. — Abri meus olhos, me afastei da Sol, sentindo a
corrente arder em meu pescoço. Puxei com toda a força fazendo ela
arrebentar.

— Aonde vai.

— Devolver um presente. — Saí de trás do balcão.

— *No, no* vai dar munição a esse cretino.

Ignorei Sol e saí da confeitaria, os olhos dele vieram em minha direção, e ele desceu os olhos para minha barriga. Fazendo minha pele formigar. A japonesa, chinesa, não faço ideia de qual seja sua etnia, me olhou de cima a baixo com cara de nojo. Ela abraçou ele, ele cruzou os braços sentado na moto.

— Como vai senhorita Portman? — O ácido em sua voz não me abalou.

— Eu e meu filho estamos, mas não graças a você.

— Onde está o pai? Vai insistir em falar que esse bastardinho é meu filho? — na minha frente seu maldito.

Aquilo me doeu como um inferno, apertei a correntinha em minhas mãos, ela parecia queimar como fogo.

— O único bastardo é você.

— Eu e mais quantos dessa maldita cidade você vai dizer que é o pai? — A moça olhou para a minha barriga se afastando dele. — O que você vai fazer quando ele nascer com a cara do maldito xerife?

A correntinha voou pegando em cheio em seu rosto, ele se assustou quase caindo por cima da Ducatti. Ele me olhou surpreso, pegando a correntinha nos dedos.

— Faça bom proveito, moça, mas se quer um conselho? Ele merece ser sozinho, sem ninguém. Como eu queria *te* dizer que esse bebê não é dele, contudo, eu não posso. Se ele ainda não o fez, ele vai *te* quebrar moça, e será impossível de colar a *merda* dos cacos.

Ela me olhou levando a mão aos lábios. Eu nem percebi que chorava, ela tinha os olhos cheios de lágrimas e olhou com nojo

para o Dominic, eu me virei e percebi algumas pessoas nos olhando. Em questão de segundos toda a cidade saberá de quem é meu bebê.

Tirando as lágrimas do rosto voltei para a confeitaria, como um foguete, sem prestar atenção em nada meu corpo bateu em uma parede de músculos.

— Boo? — Sol me olhava triste ela tinha visto tudo da vitrine.

— Eu vou ficar bem, Sol. Eu tenho que ficar.

Tentava soltar meu corpo me debatendo com força.

Tudo ficou em silêncio, mas a imagem de Dominic apareceu, tentei soltar meus braços e não consegui.

"Onde está o pai? Vai insistir em falar que esse bastardinho é meu filho?"

Dom ria de mim, a loira sentou no colo dele e beijou ele. Tentei me soltar, eu estava sentada em uma cadeira tentei gritar, mas não conseguia. Tudo estava muito branco.

Eu queria me soltar, ele ria cada vez mais alto.

Não conseguia me soltar.

" Eu e mais quantos dessa maldita cidade você vai dizer que é o pai? "

"O que você vai fazer quando ele nascer com a cara do maldito xerife?"

— Boo? Bonnie? Acorde querida. — Sentei na cama, sentido do meu corpo suar. Estou molhada, o maldito pesadelo me fez confundir a realidade com meus medos. — Respirei filha.

— Foi um pesadelo abula. — Tirei meu cabelo do rosto. Toquei minha barriga sentindo meu bebê fazer uma leve ondulação.

Cinco meses. Meu menino fará cinco meses amanhã. Sim menino, embora abuela tivesse feito a doutora esconder o sexo de mim na última consulta. Eu sabia. Alguma coisa me dizia que meu bebê é um menino.

Meu último mês foi o mais feliz, eu não vi Dominic, desde... Desde aquele dia.

Eu me mantive afastada de tudo.

Vallen, Abuela e Solange estão preparando uma festa. Cobra apenas revira os olhos para os absurdos que ele quer colocar na decoração.

Vallen e Cobra estiveram mais presentes do que imaginava, Cobra cuida da minha segurança, uma noite sim e uma noite não, agora ele dorme em uma rede do lado de fora na varanda, ele se recusa a entrar, embora eu desconfiasse que ele não dorme realmente, pois quando levanto para assaltar a geladeira, ouço ele se levantar apressado. E enquanto não subo as escadas ele não volta para a rede.

— Está mesmo bem? — Sim, o maldito sonho estava presente em todas minhas noites, parecia que Dominic havia me prendido.

Na verdade, só estava sentada em uma cadeira refém da minha própria mágoa, da minha própria decepção.

— Volte a dormir meu bem. Amanhã será um longo dia. — Ela beijou minha testa. — Durma, pequeno encrenqueiro, sua bisa está logo ali — abuela beijou minha barriga. E meu bebê ondulou forte onde ela beijou fazendo-a rir. — Seu safadinho. Eu também te amo.

Me deitei e ela me cobriu.

— Durma.

— Achei que Otávio invadiria o quarto com uma espingarda.

— Ri, amenizando o clima. Senhor Macalister insistia que eu o chamasse de Otávio, e não pelo seu sobrenome. Na maior parte do tempo ele estava aqui, me mimando e tocando viola quando eu não estava na confeitaria.

Sentados na escada da varanda eu e ele cantávamos Johnny Cash até o sol se pôr.

Na noite em que eu sonhei com MacGyver gritei o inferno fora de mim, ele invadiu meu quarto munido de uma espingarda só de samba-canção com estampa de oncinha.

— Ela está com pólvora até a boca — abuela riu. — Agora durma.

Me virei para o lado da parede. Sabendo que não serei capaz de pregar os olhos até o amanhecer. Porque assim que eu fechasse os olhos, o sono me levaria de volta ao pesadelo que me quebra um pouco mais toda noite.

Capítulo 24

" Eu acharia um caminho"

*"Eu uso essa coroa de
espinhos*

Sobre meu trono de mentiras

*Cheio de pensamentos
quebrados*

Que eu não posso consertar"

Hurt

Johnny Cash



BONNIE

Sol finalizou meus cabelos com o difusor, enquanto eu sentia Judie passar batom em meus lábios.

— Não precisa de...

— Precisa sim. — Judie me impediu de continuar reclamando. Senti ela passar algo em cima do batom.

Senti Sol ajeitando meus cabelos no topo da cabeça. O vestido azul de alças finas estava colado em meu corpo, fazendo minha barriguinha de banha saliente. Meu bebê. Percebi minha barriga ondular forte, com um boizinho bravo ele parece ter uma força enorme.

— Coloque essa sandália. — Olhei a sandália que não usava desde minha formatura na faculdade. — Logo não poderá nem ver seus pés.

Concordei. Desde manhã estamos trancadas no quarto, enquanto ouvia vozes lá embaixo, elas não me deixaram espiar nada. Nem pela janela consegui ver nada.

Só ouvia os risos escandalosos da abuela.

— Vocês não precisam fazer isso. — Sol pegou nas minhas mãos.

— Precisamos sim — ela afirmou. — É o bolo mais lindo que eu já vi. Eu e Abuela fizemos algo que você jamais pensou.

Ouvi um toque na porta. Levantei-me da cadeira.

— Est... *Uau*. — Abuela usa um macacão laranja com listras.

— Está vestida de tigre abuela?

— Uma gata selvagem querida. — Ela riu. — Aliás, astro brilhante, seu homem está lá fora ajudando a montar o painel, e que braços são aqueles. Ele geme em russo, querida?

— Abuela. — Sol constrangida cobriu o rosto.

— Eu também quero saber. — Judie puxou os braços da Sol do rosto.

— Eu vi a mancha de mordida em seu pescoço sua safada — comentei. Ela ficou ainda mais constrangida.

— Ele no de falar muito e se fala eu no compreendo, e... eu *no* fiz essas coisas com ele. — Ela parecia ultrajada.

— Fez sim sua safada, admite que ele *te* tocou. — Ela estremeceu dramaticamente.

— *Yo vou arte* arrancar as mãos daquele russo atrevido. Insuportável — Sol reclamou em um claro sinal de disfarce.

— Claro que ele é. — Ivan parece uma sombra maligna, pouco via ele, mas sempre que estava no mesmo local percebia os nós dos dedos dele, feridos, sinal claro que coisa boa ele não deveria fazer para...

Ah admita, sua cadela. Você mal consegue pensar no nome dele.

Balancei a cabeça.

— Vamos... Vamos... E depois você vai me contatar tudinho direitinho onde aquele russo andou enfiando os dedos tatuados dele, vocês viram aquelas mãos. Meu Deus!

— Abuela a senhora parece uma *gata no cio*. — Judie beijou o rosto dela. Sol se enganchou nos meus braços.

— Miau e ronrom, delícia. — Ela deu um tapa na bunda de Judie.

— Vamos antes que a senhora resolva fixar por aqui e chamar o velho para apagar todo esse fogo.

Saí trêmula do quarto, tomando cuidado com os saltos, mesmo que baixos eles podem ser perigosos, Sol está com um vestido florido e o cabelo solto e volumoso, segurando firme em meu braço.

— Parece um anjo enviado dos céus, querida. — Seu Otávio está vestido todo de branco no pé da escada, ele pegou minha mão que Sol não segurava e depois a de abuela. — Você também está um espetáculo, minha abóbora adocicada.

— Feche os olhos. — Sol segurou minha mão e Judie a outra.

Comecei a andar de olhos fechados. Ouvi vozes e mais vozes.

Quando cheguei na porta, abri meus olhos que se encheram de lágrimas.

Todos os meninos do clube estão aqui. Todos. Um enorme leão está no centro do jardim e o redor dele um enorme painel com o tema selva.

Há luzes espalhadas pelo quintal as árvores têm falsos cipós, e macaquinhos pendurados, ri quando olhei a enorme cobra de pelúcia enrolada na árvore. Olhei em direção ao Cobra que está sentado ao lado do Vallen, ele revirou os olhos colocando a mão atrás da cadeira e Vallen piscou. Vi a irmãzinha dele acenar.

Olhei abismada para toda decoração.

— Seu pai comprou tudo.

— Ele comprou? — Olhei espantada pra ela. Ela apontou em direção à mesa onde ele está sentado e Salazar me lançou um olhar amoroso e totalmente convencido. — Pensei que tivesse sido a senhora...

— Onde eu arranjaría um leão de pelúcia com quase dois metros de altura, querida? — Sorri deslumbrada com a decoração. — Vallen arranjou tudo e Salazar pagou.

— Vocês estão bem íntimos não acha. — A abracei de novo. — Obrigada abuela.

De repente um enorme letreiro branco se acendeu.

Leon.

Valente como um leão. Forte, destemido e implacável.

Levei as mãos nos lábios.

— Como vocês sabiam que seria Leon? — Olhei pra abuela e ela sorriu matreira.

Desde menina me imagino sendo mãe de um menino chamado Leon de uma menina chamada Grace.

— Sonhos de uma menina jovem nunca morrem querida. Essa velha sabe de tudo. — A encarei esperando uma resposta mais convincente. — Achei seu velho diário, querida.

Todos os meninos do clube estão aqui, todos com seus coletes, botas de couro e com garrafas de bebida.

— Obrigada, eu não sei como agradecer — falei alto fungando. — Vocês são incríveis, são minha família e eu os amo.

— Não nos agradeça. — Lin piscou em minha direção me fazendo ficar constrangida. — Abuela disse que a comida será de graça. NÓS TAMBÉM TE AMAMOS — ele gritou puxando um coro de assovios e gritos.

Os meninos gritaram. E o barulho começou, em um canto com dois banquinhos improvisados o velho doidão começou a cantar Elton John.

Olhei uma mesa mais afastada onde Salazar e sua família estão sentados. Ele tem um olhar amoroso, sua esposa parece querer correr em minha direção. Engoli em seco. Marry acenou freneticamente e respondi dando um tchauzinho, ela sorriu mais.

No canto avistei uma enorme pilha de caixas de presente. Andei entre os meninos cumprimentando todos. Vi o flash em minha direção quando um dos senhores mais velhos do clube me abraçou. Os meninos se amontoaram em cima de mim e os flashes começaram. Senti meu corpo ser levantado por Lin e Vallen.

— DIGAM PI...

— ABUELA — ela riu e gritou novamente.

— DIGAM LEÃOZINHO ENCRENQUEIRO. — Revirei os olhos sorrindo.

Senti meu corpo ser colocado no chão, os meninos se espalharam, percebi uma mãozinha puxar meu vestido e logo a reconheci. Pequenininha e linda como a mãe, ela está vestida parecida com Ivan? Ela veste uma jaquetinha de couro, uma blusinha preta de banda de rock, os cachinhos penteados lindamente em um rabo de cavalo, um tênis de brilhos pretos, em um contraste perfeito com o lindo russo que segura uma caixa maior que ela. Ela puxou meu vestido, me abaixei e falei olhando nos olhos dela.

— Oi, Rosita. — Ela sorriu.

— Oi, Bo. — Sorri. — Presente meu e do Ivan. Yo escolhi, Ivan não sabe escolher presente. — Olhei para o Ivan que me olha

intensamente sem se abalar em nada, ao ser deletado pela menininha de quatro anos.

— Lhe desejo saúde e coragem, senhorita Portman. — Sem graça agradei, o sotaque russo está mais evidente e intenso.

— Obrigada, pode me chamar de Boo, senhor Sar...

— Ivan.

— Certo, Ivan. — Segurei a vontade de revirar os olhos, homem é como uma máquina de dar ordens. Sol que ajudava abuela a servir se aproximou. — Obrigada.

— Meu presente e de Rosita está lá dentro. — Ela sorriu e ignorou o olhar intenso e sensual de Ivan.

Me virei para a linda menininha.

— Então Leon ganhou dois presentes desse anjo? — falei pausadamente a frase. Ela olhou meus lábios e deu um pulinho.

— Sí... Sí. — Antes de me levantar eu dei um beijinho em seu rostinho de boneca.

— Obrigada. — Agradei.

Os meninos começaram a cantar Elvis Presley com o velho Macalister. Me aproximei da mesa onde Cobra está.

— Oi Cobra, e você deve ser a Trix — ela afirmou me dando um olá e um abraço bem apertado. Ela tocou minha barriga com a pontinha dos dedos.

— Ei Leon.

— Olá ama — Cobra cumprimentou.

— Ele não superou a cobra enrolada na árvore — a menininha loirinha riu falando como uma adulta, me deixando surpresa. — Abuela disse que eu posso ficar com ela.

— Onde você vai enfiar aquilo? — Cobra olhou indignado *pra* ela.

— Ela vai dormir comigo e tomar chá.

— Negativo. Você não vai colocar uma cobra de pelúcia em meu lugar sua megerinha tamanho infantil. Meu lugar, meus biscoitos, nossa mesa de chá. — Ela pulou no pescoço dele beijando seu rosto.

— Eu juro que não coloco mais ninguém no seu lugar, juro de dedinho Mi. — Ela o abraçou e ele me olhou com cara de vitorioso.

— Muito bom.

Revirei os olhos.

— Você e Leon gostaram do presente Boo? — ela perguntou, Cobra tirou os cabelos dos olhos dela. É incrível a forma amorosa que um homem bruto e sem delicadeza alguma trata ela e Dona Flora, mãe do Vallen.

— Ela ainda não abriu Trix. — Ela fez um muxoxo triste quando Cobra ajeitou a tiara em seus cabelinhos sedosos.

— E o que você deu a Leon? Sou curiosa não vou aguentar até à noite — perguntei.

— Eu e cobra compramos uma boia.

— Boia? — Tentei segurar o riso, ela falava séria.

— Não me pergunte, Vallen achou aquele negócio na Internet e eu só achei útil e paguei, foi ela que escolheu a cor.

— É para o seu neném não se afogar — Trix explicou toda confiante.

— Uma almofada de banho, Boo — Vallen se aproximou falando. — Mamãe mandou um presente, a caixinha amarela com um laço branco.

— Ela não quis vir?

— Sabe como são os dias dela, não é? — Perguntei, vendo seu olhar triste. Eu sabia o quão difícil é para a mãe dele sair na rua.

— Ela mandou um abraço e um beijo.

— Diga que eu mandei outro. Vou dar mais uma volta. — Acenei em direção à mesa de Salazar.

— Vá enfrentar o patrocinador oficial da festa do Leon — Vallen brincou.

— Você não está ajudando — Reclamei socando seu braço. — A cobra na árvore é sua Trix.

Ela sorriu.

Andei até à mesa dele, ansiosa. Quando me aproximei Salazar se levantou colocando uma cadeira ao seu lado, entre ele e sua esposa. Sua esposa se levantou e me abraçou. Ela tocou minha barriga.

Quando fitei seus olhos verdes, ela me olhou emocionada.

— Você vai ser uma mãe incrível, querida. — Ela segurou meu rosto entre suas mãos. — Perdoe esse brutamontes, ele não sabe o que faz, nos deixe fazer parte da vida de vocês.

Afirmei e a abracei.

— Obrigada, por tudo. Eu agradeço o presente. — Sem graça, apontei ao nosso redor, a festa.

— É porque você não viu o quanto de roupas e sapatos que o nosso pai comprou. — Marry, me abraçou empolgada.

— Obrigada! — Sem jeito me sentei ao lado dele, e ele passou a mão por trás da minha cadeira, imponente ele levou a mão em minha barriga. Pareço uma formiga ao lado do enorme homem.

— Olá leãozinho do vovô. — Correu a mão pela minha barriga de forma protetora. Leon se agitou com força, fazendo ele rir. — Ele parece me conhecer. — Sorri. — Espero que tenha gostado.

— Ficou tudo incrível. — Coloquei minha mão sobre a dele e ouvi o flash, abuela Carmen a fotógrafa oficial mandou nos juntarmos.

Salazar se manteve na mesma posição, Cierra se inclinou colocando a sua mão sobre minha que estava em cima da mão do Salazar.

Marry se levantou ficando atrás de mim, tentando esticar os braços sobre nós.

— Sorriam minhas lindezas. — O flash veio.

Abuela virou a câmera fazendo com que ela saísse na foto. Sorri.

Fiquei ali, ouvindo Cierra e Marry falar e fazer planos sobre as coisas do bebê enquanto Salazar mantinha a mão sobre minha barriga ouvindo tudo atentamente, como um cartão de débito sobre pernas. Cierra dizia o que foi útil e funcionava com Marry, sem me dar tempo de falar, ou negar os presentes futuros que ela falava sonhadora.

Onde eu vou enfiar tudo isso?

— E agora, eu chamo aqui minha doce, June Carter — neguei desesperada. — Venha e cante comigo, meu doce.

Negueei.

Os rapazes começaram a gritar.

— BOO, BOO, BOO, BOO. — Levantei constrangida indo até o cantinho e fulminei o velho.

— Você escolhe meu doce.

— *Hurt*. — Ele me olhou de forma triste concordando e deixando as notas tristes saírem do violão, senti meu coração se apertar. Fechei meus olhos e imaginei Dominic.

É como se Dominic cantasse aquilo pra mim, conseguia até ouvir a voz dele. Podia até ver o sorriso fácil e leve dele, egoísta demais eu o amo, com todas minhas forças. Toquei minha barriga deixando as notas suaves saírem ao fundo ouvia a voz do velho me acompanhado de forma leve e faceira. Ouvia a voz do Dominic me chamando de docinho, como uma tortura pessoal, me puni por amar um homem impossível de ser amado.

Com todas as minhas forças eu cantei a última parte da música, sendo recebida com aplausos e assovios.

Engoli as lágrimas, olhei para o meu montinho de banha que agora está redondinho. Senti a mão do velho no meu ombro.

Engoli o choro e levantei-me.

— Que tal Jackson? — o velho soltou as notas animadas me fazendo tirar os saltos e dançar na grama.

Abuela se juntou a nós dividindo o microfone com o velho, todos dançavam a música de forma animada e feliz.

— OH JACKSOON. — O coro se formou me fazendo girar.
— OH JACKSOON.

Senti alguém segurar minha mão.

— Pai? — Ele riu, um sorriso lindo. Ele me fez dançar com ele sobre a grama.

— Olá, querida. — Ele riu faceiro.

Ele me girou devagar, gargalhei ao ver os caras do bar fazendo par e dançando abraçados. Cobra revirou os olhos quando Vallen o puxou para a grama.

Vi Rosita empurrar Ivan para sua mãe, o russo se fez de inocente se desequilibrando falsamente e bateu em Sol, fazendo-a revirar os olhos, ele deu um lindo sorriso cafajeste e a segurou forte arrastando ela pela grama.

Vi Cobra segurar na mão de Trix e de Rosita dançando os quatro. Vallen sorriu de forma sugestiva para Ivan e Sol, me fazendo rir.

Ivan, está encontrando seu lugar.

Capítulo 25

" O pior cego é aquele que não quer ver."

*"Eu sei que você está sofrendo E você está se sentindo
vendido Eu sei que dói quando
Você não sabe para onde ir E quando você está amarrado
Pelo passado você segura Você tem que saber
Que você é bom como ouro"*

Good As Gold
Greyson Chance



BONNIE

— Que tal essa dama me dar a honra de mais uma dança descalça pela grama? — Salazar pegou minha mão enquanto o velho e abuela puxavam uma música calma. — O brilho não chega aos seus olhos querida, por quê?

Encostei minha cabeça em seu ombro e deixei que a música cantada pelo meu casal de velhos me levasse.

— O senhor vê tudo, não é? — perguntei. O peito dele vibrou em claro sinal de um riso baixo.

— Eu disse que faria parte da sua vida, meu pequeno anjo. — Ele cheirou meus cabelos. — *Fodido* eu sou por não ter pegado você no colo e *te* mimado.

— Obrigada — agradei sem saber ao certo pelo que exatamente. Leon vibrou forte em minha barriga.

— Não me agradeça por fazer o mínimo. Família é o único bem que nunca pode ser deixado para trás. — Concordei. — Eu te

amo, mesmo que você seja arredia... eu não vou a lugar algum, Bonnie. — Passei meus braços pela cintura dele o apertando.

— Eu não sei o que fazer — admiti.

— Vamos viver um dia de cada vez. — Ele voltou a beijar minha testa, no exato momento em que um flash veio em minha direção.

Ri ao ver a Judie fotografando.

— Sei que não se orgulha do que eu sou, mas...

— Eu nem ao certo sei o que é. — Ri fazendo estalar os lábios.

— Eu sou seu pai, Salazar Andrews, é isso que importa. — Bati em seu terno caro.

— Vamos lá, me diga qual é a profissão do avô do meu bebê. — Ele riu.

— Colaborador, fornecedor... E conhecido como traficante internacional. — Senti um arrepio em minha espinha. — O que eu sou para o mundo de Dominic não importa, querida. Eu sou o Salazar. Seu pai.

Toquei seu rosto bonito e com claros sinais de uma arrogância que ele não demonstrou em momento nenhum, no fundo dos seus olhos consigo ver uma dureza, algo frio e distante, que ficava de lado quando ele me olhava, olhava para Marry e Cierra. Aquele é o Salazar, o meu pai.

Engoli em seco, Deus sabe aos céus o quanto eu pedi uma família normal, um pai e uma mãe, que me amassem.

Mas nada disso foi possível, senti um aperto no coração, Leon também não ia ter um pai. Mas olhando pros brutamontes no meu quintal, amor não vai faltar.

Eu olhei encantada pro bolo, era a silhueta de um leãozinho, eu olhei orgulhosa pra abuela e pra Sol.

— Não chore querida. — Abuela me abraçou.

— São os hormônios — justifiquei, limpando as lágrimas.

Peguei o cortador, e todos estavam sentados me olhando emocionados. — Ao Leon toda força, saúde, amor e paz que uma mãe de primeira viagem, navegante pode desejar. Eu achei que estava sozinha nessa, mas vendo vocês hoje, eu só tenho a agradecer. Vamos lá meninos, fila indiana para provarem o melhor bolo de toda a cidade.

DOMINIC

— Solange viu você entre as árvores e antes que ela resolvesse vir e atirar em você... Vim eu. — A voz do russo me fez desviar os olhos dela. — A pontaria dela melhorou muito desde nosso último treino.

Ela parecia brilhar, a barriga saliente estava lindamente esculpida em um vestido feito pelo próprio diabo. Vi ela estender um pedaço de bolo a Salazar e ele agradecer beijando sua testa.

— O que faz aqui, Maldonado? — Olhei pra Ivan.

— Não sei *porra* — rebati tragando o cigarro e levando a cerveja quente aos lábios. O gosto ruim se misturou e tudo ficou mais ruim ainda.

Minhas mãos queimam para tocá-la, é como se no inferno tudo me puxasse como um ímã para ela.

Queria ir lá e ver o que o menino havia feito em seu corpo, cinco meses é o que dizia a placa no enorme painel de selva.

Leon, como um leão. Quando ela cantou a música ao lado do velho, a letra me atingiu em cheio.

— Sabe que não tem direito nenhum de estar aqui, não é? — O russo sentou ao meu lado no toco. Tirando o binóculo das minhas mãos. Como Solange me viu aqui não faço a menor ideia.

— Já foi se *foder* hoje? — Resmunguei jogando a garrafa ao lado das outras no chão.

— Têm umas dez garrafas aqui, há quanto tempo está aqui? — perguntou acendendo um cigarro e me estendendo a caixa e o isqueiro.

— Há tempo o suficiente para saber que ela está feliz sem mim.

— E isso dói, não é? — Traguei a fumaça e soltei.

— Como um inferno.

— E se o menino for seu?

— Ele não é. —disse sem nenhum pinga de certeza na minha voz.

— E se for?

— Não é, *porra*. — Fechei meus olhos. Tentando me convencer de algo que nem eu tenho mais certeza.

— Ela esteve sozinha nos últimos cinco meses... O que te faz acreditar no maldito Cookie? — insistiu.

— Ele me disse *porra*! Ele esteve com ela. Eu vi ele entrando na *porra* da confeitaria.

— E a palavra daquele rato é garantia de algo? Ainda tem tempo Dominic. Tem tempo. Pelo que eu vi, ele esteve lá apenas uma única vez. Você realmente prefere acreditar nele, do que naquela mulher maravilhosa? — Ele se levantou me devolvendo o binóculo. — Vá *pra* casa. Solange não é tão doce quanto parece. Ela tem uma mão pesada como uma pedra.

Peguei o binóculo levando ao rosto. Boo sorriu abraçando Corvo e Carniça. Cada um beijou uma bochecha dela fazendo meu peito se apertar.

— Acusar Pedro quando se deve condenar Judas pela traição não é o caminho.

Ele jogou o cigarro no chão e pisou na bituca. Olhei novamente em direção ao jardim, Solange pareceu me ver entre as árvores, ela se virou sorrindo de forma doce... Ela levantou a mão como se fosse dar um tchau e simplesmente me mostrou o dedo do meio.

" *Vá se foder, tu mierda.*" li seus lábios.

— Você não tem um fã clube doce aqui Dominic. — Ivan começou a caminhar em direção à festa.

— Ela não gosta de você também russo.

— Mas eu a faço gozar. — Ele deu de ombros.

Maldito russo.

Peguei as garrafas no chão, e saí na direção contrária. Sentindo o peso do mundo nas minhas costas.

— Acho bom sair antes que eu resolva passar com o carro por cima de você.

— Olá, Salete.

— Saia daqui, antes que eu relembre o motivo da cicatriz no seu rosto. — O maldito corte sobre meu olho pulsou.

— Não se *fode* cachorro morto, Salazar. — Ele riu.

— Não mesmo, até porque cachorro morto eu enterro. Você no máximo vou deixar em uma cova rasa. — Eu sabia que ali não é o Salazar. É o pai da Bonnie.

Joguei as garrafas no banco do carona.

— Ainda precisa do meu maldito nome para ter sua carga no México, Salete, ou seu *rabo* vai explodir. — Provoquei, usando a última gama de coragem que eu tenho.

— Sim eu preciso, mas quando isso acabar... O colaborador não vai existir mais, se eu resolver *te* matar... Não vou ser morto por uma gangue de motoqueiros assassinos. — Gargalhei.

— Claro. Fique à vontade.

Dei partida no carro. Indo em direção ao meu clube de swing, as portas estão fechadas, haviam algumas mulheres na rua, estacionei o carro. Olhei pro relógio, ainda eram sete da noite, e o clube abre as dez.

— Olá, Thomas. — Sentei no bar.

— Está bêbado — resmungou.

— Quando eu não estou?

— Sabe o que seu pai acharia disso, não sabe?

— *Foda-se*.

— Você está afundando.

— Os negócios estão? — ele negou, os últimos meses eu trabalhei *pra caraio*. Verifiquei todas as boates, todos meus cassinos. E de quebra garanti uma boa grana lutando com Ivan.

O maldito russo é uma máquina de dinheiro. Eu ia lá apostava um *caraio* de dinheiro nele, para ele ter a oferta dobrada e ganhar muito dinheiro. Eu sabia que ele estava ajudando a família de Solange, a menininha especial parecia gostar dele. Enquanto ela queria ver o diabo e não ele.

Desde o maldito tiro de raspão que levou ele, simplesmente decidi que moraria com ela sem deixar brechas para saber se ela permitiria ou não, mesmo que Solange tenha alugando o quarto ao

Russo sei que ele não está mais usando o quartinho, e sim a cama dela.

Não conseguia me manter mais em cima de um tatame, desde a maldita surra do Salazar, simplesmente subia lá é apanhava até ter o inferno tirado fora de mim, perdendo uma porrada de dinheiro, enquanto o maldito Russo é uma máquina de milhares de dólares.

— Sabe que seu pai...

— O velho já está morto — falei sentindo meu peito doer.

— Você é um cretino. — Ele cuspiu. — E vai acabar sozinho e sem respeito nenhum. Por Deus! Todos preferem a confeitadeira a você e seu insuportável humor do cão. Quer saber? — Ele colocou o pano sobre os ombros. — Aquele garoto merece um pai e você não está pronto *pra* isso. É um moleque sob a pele de um homem arrogante, debochado e sem um pinga de honra. — Arqueei a sobancelhas e olhei pra ele.

— Quer que eu diga algo? — debochei.

— Você não é um Deus na terra inabalável, filho. Eu torço que esse menino não seja realmente seu. Porque você vai experimentar o inferno na terra, quando ouvir uma cópia sua chamando outro de pai.

Eu virei o copo de uísque que ele colocou na minha frente.

— Como estão as coisas por aqui? — mudei de assunto.

Ele percebeu minha estratégia.

— Você sabe de tudo que acontece aqui, Maldonado. —

Revirei os olhos, me virei no banco olhando a boate. O lado de cima é o famoso Luxus, clube de Swing, onde ocorrem as maiores orgias de Vegas. — O senador vai fechar o clube hoje.

— No dinheiro vivo? — Ele me olhou afirmando. — Sem prostituição aqui dentro Thomas, somente mulheres que ele trouxe. Se tocarem nas minhas garotas eles ficam sem os dedos.

Nenhuma das meninas do meu clube se prostituem aqui dentro. *Porra*, não aqui.

— Vai para aonde, Maldonado? — Levantei indo em direção à porta.

— *Pra ca.. Pro trailer...* — Lá nunca foi minha casa...

Porra nem uma casa eu tenho.

BONNIE

Eu, abuela, Sol e Judie estamos sentadas no chão da sala, perdidas em meio a tantos presentes. Senhor Macalister ajudou os montadores a desmontar a decoração e foi para sua casa. Dizendo que voltaria à noite.

— Eu contei duzentos e doze pacotes de fraldas — Judie se jogou no sofá.

— A sarna ambulante disse que os homens do clube não sabiam o que dar, se juntaram e compraram fraldas — Sol disse na maior naturalidade.

— Sarna? — perguntei. Rosita assistia desenho no celular dela, sentada na escada com Glórinha deitada em seus pés.

— Uma coceira irritante e persistente. — Ela revirou os olhos.

— Você gosta que ele *te* coce — Judie disparou fazendo ela ficar envergonhada.

Abuela estava silenciosa demais.

— Você e ele ainda não balançaram a cabeceira da cama, não é querida? — Mesmo sabendo que Rosita não ouviria, abuela falou baixo nos fazendo rir.

— Yo no faço essas coisas com aquele... Com aquele russo insuportável. Aquele homem é intragável feito o fel — Sol reclamou.

— Mas vocês já se amassaram? — Judie mordeu a unha. Eu ri ansiosa.

— No... — Olhamos para ela. — Só beijos. Apenas isso e talvez... Algumas estrelas.

— Estrelas? — *Arg!* A gravidez está me deixando curiosa e impaciente.

— Ele me tocou está bem!? — se irritou assumindo.

Eu ri.

— Como? — Judie balançou ela pelos braços. — Vamos diga me mulher não posso passar nervoso.

— Com a boca e com os dedos. — Ela corou?

— Você está corando? — gargalhei, o diabo vulgo abuela Carmen olha tudo sobre um olhar malicioso. Muito quieta.

— Parem. — Ela cobriu o rosto.

Peguei uma espécie de casulo em formato de ervilha. Ele é feito de um pano de cobertor verde para colocar o bebê dentro e deixar à mostra apenas o rostinho.

— Quem deu esse? — perguntei encantada, ele tem um cheirinho doce.

— Quem você acha? Lincoln! — Judie, revirou os olhos.

— Que primor — abuela tocou o casulo. — Agora me diga meu astro brilhante. — Abuela olhou para a Sol. — Eu estou sedenta para saber. Mate o que está me matando! Ele geme em russo?

— No... Sí. — Ela ficou com mais vergonha ainda. — Ele fala palavrões e coisas em *su lengua*... Mas ele traduz, e *no son* coisas

apropriadas. Ele fala dela como se fosse una persona.

— Ela?

Abuela abriu uns vidrinhos de colônia cheirando e suspirando.

— Esse leãozinho vai ser maroto de tão cheiroso. Sua preciosa, querida. Precisa dar nomes a ela querida. Vagina é algo muito anatômico. *Boceta*... — Abuela falou baixo. — É algo muito chulo. Que tal estrela?

— *Yo no* vou chamar minha vagina de estrela? — Ela mordeu os lábios em dúvida.

A campainha tocou.

Levantei-me, andando de costas fui até à porta.

— Não é uma má ideia. Você pode apelidar o... Você sabe o que dele de asteroide em chamas. — Gargalhei abrindo a porta.

Um frio estranho entrou pela porta arrepiando meu corpo, levantando vestido, levei minhas mãos nas pernas.

Olhando *pra* fora e só vi o carro da segurança do Salazar do outro lado da rua.

— Quem é querida? — abuela perguntou.

Fechei a porta.

— Não tem ninguém. Estranho.

Voltei para o sofá, ajudando abuela a dobrar as pequenas peças de roupas.

Senti um enorme aperto no peito.

— Está tudo bem, querida?

— Está pálida. — A campainha voltou a tocar me fazendo dar um pulo no sofá.

Sol foi até à porta e a abriu.

— Y tu... — Ela fez uma enorme cara de desgosto ao ver o russo na porta. — Cigarros da porta *pra* fora — Sol resmungou antes que abrisse a carteira de cigarros. Regras que valem lá, valem aqui também.

— Certo. Coisinha raivosa — retrucou, mesmo Sol sendo mais alta que eu, ela ainda bate no peito do russo. — Já estão prontas?

— *No* pedi para que viesse me buscar.

— E acha que precisa? — O sotaque dele carregou. Olhei para Judie mordendo os lábios.

Rosita tirou os olhos do celular e arregalou os olhinhos.

— IVAN — ela gritou, sem se dar conta da potência da própria voz, ela correu pra ele, e ele se abaixou na altura dela.

— Sou eu. — Ele falou olhando nos olhos dela.

— Entrem e feche essa porta. Vai ter que achar algum lugar para sentar, meu querido. Não há muito espaço no sofá. Entre que eu vou preparar algo para comermos.

— *No*...

— Precisa sim! Que tal frango com legumes? — abuela disse já na porta da cozinha minha boca salivou.

Ivan sentou na escada ao lado de Rosita, ela se jogou em cima dele enrolando a mão em seu cabelo, ele segurou o celular pra ela. Vi ele cutucar ela. Ela olhou pra ele.

— Comprei sorvete. — Li seus lábios. — Vá na minha porta mais tarde e leve seus biscoitos. — Rosita levou a mão aos lábios fazendo um sinal de silêncio, quanto Sol está alheia com Judie tentando abrir uma enorme caixa.

— Isso é uma cadeira de alimentação? — Ri da cara de espanto da Judie.

— Sala... Meu pai. Comprou coisas absurdas de caras.

— Isto custa quase três mil dólares! — Elas arrancaram toda a embalagem de presente, a cadeira é cinza e parece ser absurdamente linda. — Meu pai amado, o homem é rico!

Sol abriu outra caixa pesada. Mostrando *pra* mim.

— O que diabos é isso? — perguntei. Sol tentou ler a caixa.

— Aqui diz que é um robô de limpeza e vaporizador de ambientes.

— Nem vou usar essas coisas meu Deus! — olhei abismada.
— Mal cabe o bercinho de Leon no quarto!

— Você pode fazer um quarto maior. — A voz do russo encheu a sala.

— Até que você pensa, Ivan — Judie alfinetou. Ele nem se quer tirou os olhos do desenho no celular de Sol.

— Bem mais que seu marido — ele provocou.

— Como você o suporta? — Judie cutucou Sol.

— Ele paga o aluguel em dia. — Ela deu de ombros.

— Claro que paga. — Sorri baixinho fazendo ela me olhar feio. Leon vibrou com força em meu ventre.

— Você pode usar o sótão — o russo voltou a falar. — Na Rússia fazem quartos de bebê no sótão.

Um vinco se formou em sua testa e logo passou.

— Obrigada Ivan — agradei e ele nada falou.

Depois de dobrar todas as roupinhas, e colocar em uma enorme caixa, Ivan levou as caixas maiores até a garagem. Agradei e ele apenas balançou levemente a cabeça.

— Já que não vão ficar para o jantar, levam essa marmitinha.
— É eufemismo chamar a enorme travessa de marmitinha.

— Aqui tem comida para umas sete pessoas, abuela. — Sol pegou a enorme travessa — obrigada.

Sol beijou o rosto dela, e meio sem jeito pela travessa me abraçou, Rosita, dormia nos braços do Ivan.

— É a minha marmita, sua traíra. — Lincoln apareceu atrás de Ivan colocando a mão no peito de forma dramática. — Sai.

Provocou Ivan, fazendo ele arquear minimamente a sobrancelha, nada abala esse homem meu Deus!

— Você vai me matar de vergonha. — Judie empurrou Lin quando ele a abraçou.

— Claro que não! Você viu! Ela deu minha travessa *pra* esse russo de arranque. — Ele apontou para o enorme pote que ele e Judie sempre levam com alguma guloseima de abuela.

— Venha aqui meu amor! — Abuela abraçou Lin. — Vou fazer eu mesma um pratinho *pra* você.

— Não acredito em você, primeiro me troca pelo velho do Corolla, agora por um russo. Qual o meu valor? — Ele fez a cara de sofrimento. Ivan olhava pra ele sem mexer um único músculo do rosto. Sem se abalar em nada. Nada.

— Eu ouvi falarem do meu bebê? — Seu Macalister subiu na varanda segurando uma garrafa de refrigerante.

Senhor Macalister estendeu a garrafa *pra* mim. Meus lábios tremeram.

— Você está chorando por uma garrafa de refrigerante? — Lin me olhou assustado.

Um soluço saiu dos meus lábios, é a mesma garrafa que eu tomava quando era pequena, com o mesmo rótulo.

Levi a mão aos lábios.

— Ela está grávida — Ivan lembrou.

— Mas *porra* é refrigerante! — Judie bateu em Lin.

Abracei seu Macalister.

— É... é refrige... erante de g... groselh...

Capítulo 26

" Sonhos e Pesadelos"

"Quando acordei hoje de manhã, eu sabia quem eu era, mas acho que já mudei muitas vezes desde então."

Alice no país das maravilhas



DOMINIC

Anos antes.

Ele socou a mesa.

— SE ELA FICA CEGA? — abaixei a cabeça.

— Eu tentei impedir *porra!* — Tentei me defender.

Já faz dois dias que Boo bombom não vai para a aula.

— Dona Carmen... Me desculpe... Eu sabia que eles fariam algo, mas eu não sabia o que era... Tentei impedir. — Minhas mãos suavam. Olhei a senhora à minha frente.

— Sua mãe teria vergonha de você, Dominic. — A voz acusatória do meu pai me fez estremecer. — Dona Carmen. Eu lamento que tudo isso tenha chegado onde chegou.

— Eu matei aula *porra.* — Meu pai me olhou. — Eu não sabia que eles jogariam tinta, desde o baile, tenho faltado. Eu só vou *pra* aula quando meus períodos batem com os dela. — Bonnie me ignorou, eu tentei de tudo, ela devolveu o vestido na loja, ela só ficou com os bombons.

Dona Carmen somente me olhava, sem dizer nada. Ela bateu os dedos na mesa fazendo um arrepio correr pela minha espinha.

De repente ela se levantou.

— Enquanto for um menino inconsequente se mantenha longe da minha neta! Porque se você se aproximar dela de novo para ferir seus sentimentos e fazê-la chorar, eu mesma *te* afogarei em um balde de tinta!

— Ela chorou? — Meu peito se apertou.

— Você é um garoto inteligente Dominic, mas se ferir minha neta... — dona Carmen se aproximou puxando a gola da minha camisa. — Você vai levar uma surra que nunca levou!

Ela me largou e caí na cadeira.

— E... eu a... amo sua n... neta — confessei.

— Está amando errado menino.

Sim eu estava, nas semanas que se seguiram eu não vi Boo, mas eu vi o inferno na terra ao ter que enterrar meu pai.

O único homem que me entendia.

Dias atuais.

— Você precisa tomar um banho. — Senti alguém chutar meu pé. — Você está fedendo, uma mistura de bunda azeda com chulé de dias.

— Não *fode* Lincoln — protestei, meu corpo doía.

— Você está parecendo uma máquina, você não tinha esses braços aí não. — Senti o peso do tatame mudar.

Tirei meus braços dos olhos.

— O que quer aqui?

— Ver como você está.

— Você saiu.

— Saí, mas ainda sou a única *porra* que *te* suporta, e quer *te* ver feliz.

— Eu estou bem.

— E fedendo, a quantos dias não toma banho?

Os últimos três meses haviam sido a *porra* de um inferno, tentando achar Tamara e Handball, mas eles sumiram.

Os malditos Abutres eram apenas história, com uma ida ao norte vi o clube deles, vazio e destruído. Suspeitando de Salazar,

com uma ligação o *fodido* debochou, garantindo que se eu não fazia o serviço ele tinha quem fizesse. Mas ele não conseguiu rastros nem de Tamara, nem de Handball.

— Leon faz oito meses hoje — ele fofocou.

Me levantei do tatame e sentei no chão. Passei a mão pelo cabelo.

— Não vai dizer nada? — perguntou.

— Não tenho o que dizer. — Tirei a camisa. — Quem tem que se importar com a idade do moleque é o xerife não eu.

— Dominic...

— O quê?

— Você não é a *porra* de um burro, desde que ela apareceu grávida, o xerife não a procurou mais.

Me levantei, peguei a toalha e sequei meu suor, indo em direção ao chuveiro, empurrei a porta e tirei o short.

— Ele queria informações dela *porra*! Ele queria usá-la.

— E ela se deixou ser usada.

— Deixa de ser debochado *porra*! Ele queria usá-la para nos atingir! Ela nos defendeu, enxotou ele da padaria! Ela nos defendeu!

— O quê? — Eu ri amargo.

— Você é um lixo! Um lixo!

— Olá, amor. — A ruiva de aproximou de mim, se pendurando em meu pescoço. Minha conversa com Lincoln há três dias não terminou de forma boa, terminou com ele com o olho roxo e comigo nu caído no chão, com nariz sangrando.

De onde estou tenho a visão total do clube, desde as dançarinas no pole dance, até os quartos de vidro. Hoje é dia de

voyeurismo, mesmo apreciando o sexo jamais aprovaria outras pessoas me vendo *foder* minha mulher.

Bonnie, eu não a vi desde a festa do menino. É como se um maldito pedaço de mim faltasse.

Meu telefone começou a vibrar, já são quase nove da noite.

— Não vai atender amor? — O perfume barato dela estava começando a coçar meu nariz.

— Por favor Maldonado me escuta, tem... — A voz baixa e ofegante que eu não escuto há tantos meses fez meu corpo tencionar de ódio. *Fale com ela seu merda.*

— A que devo a honra da ligação? Esqueceu o número do Biscoito? — Desliguei o telefone. Olhando a ruiva de cima a baixo e lambi os lábios. — Que tal a noite mais quente que você já teve hein... gata?

Ligue de volta Maldonado. Ligue de volta *porra*. Apertei o telefone entre os dedos. Meu peito se apertou.

A ruiva se levantou.

— Que tal usamos o seu quarto? Pode me mostrar? — Gargalhei, desde a inauguração da maldita boate, tinha feito um quarto com um único propósito, *foder* Bonnie Portman até ela esquecer seu próprio nome! Nem eu mesmo tive a maldita coragem de ir lá. Planejei o maldito quarto desde a noite na confeitaria, a prova de som sem possibilidade de quem estiver do lado de fora imaginar o que aconteceria lá dentro.

Ri e balancei a cabeça.

— Hoje não gata. — Pisquei e indiquei a ela o quarto azul. Ela bufou. As mulheres que frequentam da boate sabem da

existência do quarto, e tentar me fazer levar uma delas lá virou um maldito objetivo.

Ela caminhou na minha frente, a placa em cima da porta indica que ele estava livre e limpo.

Ela entrou no quarto e me olhou de forma sensual.

Acendi um cigarro, fazendo a fumaça entupir o quarto apenas para irritá-la, ao contrário de Boo que provavelmente surtaria e me jogaria pela janela, ela tossiu disfarçadamente e sorriu.

Ela olhou para o meu pau, e *porra* ele continua mole feito uma gelatina. Não, me recuso a imaginar Boo. Minhas malditas *fodas* são *fodendo* mulheres e imaginado uma que está grávida e lindamente gostosa.

Se o menino não for seu, crie-o, ame-o. *Porra*, Boo precisa de você! Minha consciência acusou.

Me recostei na poltrona.

— Tira a roupa. — A ruiva me olhou de forma safada e começou a desamarrar o vestido.

"Minha menina jamais *te* enganaria! A única enganada fui eu, que acredite que você poderia ser um bom rapaz para minha neta! Eu a criei e criarei meu bisneto, pois eu quero que você volte para *puta que te pariu* e nunca mais coloque os olhos na minha menina ou no meu netinho, Dominic."

A ruiva seguiu em direção a cama e abriu as pernas em um convite silencioso. Não haviam os xingamentos, as conversas idiotas e muito menos o maldito calor que me fazia feito um animal irracional, não era o corpo cheio, as coxas grossas, o cabelo cacheado, macio e muito menos a pele negra.

A ligação dela cogitar a ideia de ir lá. Eu podia assumir aquela criança, fazer com que ela me perdoasse, mesmo que aquele menino não fosse meu.

— Cai fora!

— Dom?

— DISSE CAI FORA *PORRA*! — Levantei da cadeira, sai do quarto da boate indo em direção ao balcão.

Me senti sujo, o maldito cheiro de puta estava impregnando em mim.

Desci as escadas, tentando passar entre as mulheres com roupa curta que se esfregavam em mim.

— Eles vão precisar de ajuda! — Assim que eu cheguei no bar Thomas

abriu a boca.

— Os Abutres locos invadiram a cidade chefe. — Me virei pra ele.

Esses malditos já tinham chegado perto demais. Vou matar um por um.

— E o que você está fazendo aqui *porra*? Porque não me chamou antes *merda*! — Ele me olhou de forma cautelosa. — fala, *porra*!

— Porque o La Carmen pegou fogo. — Peguei ele pelo colarinho.

— Que *porra* você tá falando *caraio*?

— Eu tô falando que o lugar pegou fogo e que a sua senhora não está bem! *Porra* vão atrás dele, *porra*! Ele não pode sair sem escolta no meio dessa *merda*.

Eu não conseguia ver nada além do meu ódio. Todo meu corpo tremia. O velocímetro da maldita ninja 300 chegou a duzentos por hora.

Eu não sei em quantos minutos eu fiz de Vegas até Parnoveil, mais de longe mesmo escuro pude ver as chamas altas e a fumaça.

Pulei da moto fazendo ela cair e derrapar no chão, empurrei as pessoas e alguns dos meus homens.

— SAI DA MINHA FRENTE *PORRA*! — Vi o corpo sobre a maca, tentei passar pelos meus homens, mas ele me impediram.

— Você só vai piorar as coisas chefe. — Soquei o rosto do maldito com força. Ele me empurrou entrando na minha frente.

— Ela não está respirando! — Não, não, não.

— ME SOLTEM *PORRA* ELA É MINHA MULHER. — Aquilo é uma *puta* mentira.

"Por favor Maldonado me escuta, tem..." A voz agoniada no telefone me fez tentar me soltar com mais força. Não, não, não.

Que *porra* eu fiz?

Eu vi a maca ser levada até longe e o grito dos malditos homens me chamou.

— TEM UM HOMEM FERIDO. — Empurrei os que tentaram me impedir.

— MICHAEL? *PORRA* É O COBRA! — Ele está com o rosto ensanguentado, não conseguia ver nada, a fumaça me fez começar a tossir.

— Ele foi baleado, está perdendo sangue! Ele não está respirando.

— Dom? — Ivan entrou na minha frente. — Para *porra*.

— Como isso foi acontecer? — Puxei meus cabelos tentando entender.

— Os homens de Salazar estão mortos, quatro deles os que faziam escolta na casa da velha, tiro certeiro na cabeça. Cobra estava aqui sozinho...

— Não. Não. Não. — Os bombeiros tentaram apagar as chamas que estavam cada vez mais altas e eu vi em minha frente o sonho de Boo se desfazer.

— Eu mandei os rapazes, até a casa da velha.

— Ela está bem não está? — Ele negou. — Porra Ivan.

— Eles invadiram a casa. — Meu sangue gelou. — Ela e o velho se esconderam no porão, mas estão bem.

— Eu preciso... Hospital.

Saí correndo no meio das pessoas. Meu corpo parece ter vida própria, tudo doía. Tenho a sensação que meu coração vai sair pela boca.

— Ela está sendo levada para o Sahara — um dos paramédicos informou.

— Fique aqui *porra*, mate todos que não forem nossos, russo.

— Tem um presente *pra* você. — Ele sorriu de forma sinistra.

Não via mais nada, a estrada até o hospital parecia infinita quando mais rápido eu ia mais demorava a chegar.

Senti meus olhos arderem.

Ela não vai morrer, não vai. Não a tire de mim *porra*, eu assumo o menino. Mas não a tire de mim.

— *PORRA* — gritei, quando cheguei na garagem do hospital tropeçando arranquei o capacete. — Boo... Bonnie Portman. Grávida. Vítima de incêndio...

— Senhor se acalme. Pode me dizer o que é da vítima? —
senti meu sangue gelar.

— Namorado — menti descaradamente. — Pai do bebê.

— Preciso que assine aqui e aqui.... — Eu não ouvia nada do
que a recepcionista falava.

Colei o adesivo na jaqueta e fui em direção ao elevador.

Quando cheguei à ala de queimados do hospital, meu mundo
se ruiu. Meus joelhos se fraquejaram finalmente me dei conta.

— Não os leve — pedi sem um pinga de vergonha sentindo
meu rosto se banhar em lágrimas. — Não os tire de mim. Ele
precisa nascer.

— O que faz aqui? *Es tu* maldita culpa, *Es tu* maldita culpa.
— Dona Carmen repetia tentando se soltar do velho.

— Abuela... — Minha garganta ardeu.

— *Es tu* maldita culpa...

— Se acalme, Carmen? — a voz de Salazar chegou aos
meus ouvidos. — Vá embora Dominic.

Meu coração disparou.

— Tirem esse homem daqui. — A voz de chorosa de dona
Carmen fez meu peito doer. — Ele não tem nada aqui! Nada. Tire
ele Salazar. Tire ele. O que vai ser de mim se ela se for? Se meu
leãozinho... — Eu queria abraçá-la.

Vi os seguranças se aproximarem.

Me afastei.

— Não encostem em mim.

Eu me encostei na parede e cruzei meus braços tremendo.

Quando o médico saiu pela porta, todos na minúscula sala se
levantaram, Salazar abraçou a esposa e a filha, abuela abraçou o

velho e chorou mais.

— Bonnie Portman? — Me mantive quieto. — Sou Dr. Brandow. — Ele apertou a mão de Salazar. — Sua filha teve queimaduras de segundo grau nos braços e terceiro graus nas mãos. A situação dela é instável. Embora ela tenha levado uma pancada forte, não há indícios de traumatismo craniano.

— Meu neto doutor... Como está meu neto?

— Nesse momento na sala de parto, fui chamado para atender as queimaduras, logo voltarão com mais informações. — Ele se foi e voltei a respirar. Salazar veio em minha direção.

— Vai precisar de um exército para me tirar daqui. — Não olhei *pra* ele, porque meus olhos se encheram de lágrimas.

— Você vai sair por vontade própria. — Olhei *pra* ele e percebi o cansaço e os olhos inchados, sinal claro de que eu não sou o único que está chorando feito um bebê. — Não há nada pra você aqui. Se um dia teve, hoje não tem mais. Eu achei que você daria conta do seu maldito erro. Não há água na terra que lave o que você fez ao meu bebê, não a borracha que apague o que você fez. Se você a ama, ou pelo menos ainda tem uma maldita gama de respeito. Saia pela maldita porta, e não volte.

BONNIE

Leon chutou minha costela com tanta força. Que eu ofeguei. Toquei minha barriga e olhei para os fregueses na loja, ela está cheia.

— Preciso respirar. — Sol parou ao meu lado com uma bandeja cheia de xícaras e pratinhos sujos. — De onde saiu tanta gente?

— Você precisa de férias. — Ri.

— *Yo no, tu sí.* Está quase explodindo. — Sorri.

— Eu fico maior parte do tempo sentada, vocês não me deixam fazer nada! Voltar troco não é trabalhar — revidei. Abuela assumiu o controle de tudo, até de mim. — Esse projeto é meu!

Apontei para o caderno, onde desenho um bolo de casamento.

— Casamento estilo barroco? — Sol riu. — Realmente gosto no se discute.

— O que não se discute? — Abuela me abraçou por trás.

— Casamento barroco.

— O bolo que a noiva quer tem mais cores do que meus olhos podem absorver — comentei mostrando o desenho. — Dá conta senhora safada?

— Perfeito! Se eu não dou eu não sou Carmenzita!

— Seu nome não é Carmenzita! — Sol riu, se afastando quando um freguês a chamou.

— Por isso mesmo. Vocês estão bem, querida? — afirmei, sentindo um enorme aperto no peito.

Quando fechamos para o almoço mal consegui tocar na comida. Sem vontade nenhuma, empurrei a comida de forma forçada goela abaixo.

Leon está agitado, me chutando sem parar, esticando minha barriga o máximo que dava, loucura minha, mas eu sentia se pezinho esticar a minha pele.

— Querida...

— Você e o velho precisam de privacidade, e eu terminar esse projeto, vou pra casa assim que finalizar sem contar que Cobra está lá nos fundos, sentado na caçamba de lixo. — Beije o rosto de

abuela. Sol recolheu as cadeiras e as mesas do lado de fora enquanto eu fechei as persianas da vitrine.

Preciso respirar, ficar um pouco só, estou me sentindo sufocada, Abuela, Sol, Judie, Lincoln, Salazar, Cierra e Marry, Cobra, Vallen... Preocupados demais comigo, me deixando sem ar, se respirar mais forte é capaz que eles me levem ao hospital.

— Tranque as portas — afirmei, beijando seu rosto. — Eu vou ficar bem. Assim que eu terminar peço ao Cobra que me leve em casa.

Mesmo insistindo ele se recusa a entrar. Dei de ombros, Sol pegou sua bolsa e suspirou. Ela parecia triste.

— Tudo bem? — notei Ivan na moto em frente ao clube segurando um capacete.

— Eu quero que ele exploda — reclamou magoada.

— Ele fez algo? — Ela me olhou.

— Nasceu. — Ela revirou os olhos, saiu pela calçada, na direção contrária de Ivan.

Vi Abuela entrar no carro e manobrar ele na rua, dei um tchau entrando na confeitaria.

Sentindo o cheirinho de casa, meu melhor lugar no mundo.

Fui até meu escritório, antes passando na vitrine de sonhos, pegando três, um de cada sabor.

Peguei uma garrafinha de Coca-Cola na geladeira.

Bati ela na beira do balcão, fazendo a tampinha pular dentro da pia.

— Mate o que está te matando Leon. — Desde o início da gravidez, retirei várias coisas da minha alimentação, mesmo não sendo restrito, por conta própria tirei. Inclusive refrigerante. A única

garrafinha que eu tomei foi a de groselha, e depois disso apenas suco natural. Entretanto, Leon fez minha boca salivar o dia todo olhando a geladeira.

Entrei no meu escritório, fechei a porta e liguei o ar-condicionado, liguei a TV na parede conectando minha conta no Spotify.

Olhando minha planilha de finanças, longe de mim, estar rica, mas eu tenho o suficiente para ficar segura, ter Leon em um ótimo hospital. Proibi Salazar de pagar o hospital, mesmo ele ficando emburrado acabou aceitando a contra gosto mais aceitou.

Abri meu computador no navegador, para pesquisar como colocaria uma textura em um bolo estilo barroco extremante colorido e sem nenhum sentindo.

Ele terá quatro andares, mas se eu acrescentar mais um pequeno talvez eu possa criar a impressão de cascata de tecidos.

Ela queria uma massa de canela, e um recheio de laranja com doce de leite. Mordi os lábios. Talvez se eu adicionar essência de laranja ao doce de leite eu possa criar um sabor, sobre o sabor.

Um arrepio percorreu minha espinha.

Levantei da cadeira, sentindo Leon chutar com força.

Sai do escritório, a luz simplesmente desligou.

Fui em direção à cozinha. Tentei força a porta.

O estouro foi tão forte que me assustei, entrei na porta bateu com força.

— Faça boa viagem. — Alguém disse do outro lado da porta fazendo um arrepio correr pelo meu corpo.

— Não! Por favor? COBRA? — Tentei força a porta. — Não me deixe aqui. Por favor.

Me afastei da porta, o cheiro de gasolina entrou no meu nariz tão forte que tive que me afastar.

— Por favor, por favor pai. — Tremia tentando discar o número de Salazar. — Por favor. Por favor.

Nada.

Por favor, Dominic por favor. Comecei a tossir sentindo o cheiro e começando a ficar tonta...

— Por favor. Maldonado me escuta, tem...

— A que devo a honra da ligação? Esqueceu o número do biscoito?

A ligação caiu e meu celular desligou.

— NÃO, NÃO FAZ ISSO COMIGO! LIGA! — Joguei o celular na mesa e tentei força a porta ela está ficando quente.

Tossindo cambaleando fui até à porta de trás da cozinha. Forcei a porta.

— COBRA? COBRA? — Fiquei de costas tentando empurrar a porta, mas todo meu corpo parece ficar cada vez mais mole. Forcei meu corpo a volta para a outra porta, olhei pelo vidro e vi as chamas ficarem mais altas. Meu corpo tremia de maneira mais intensa.

As chamas são de vermelho vivo e dançavam, uma náusea forte me atingiu. Meus olhos queriam se fechar.

— Leon. — Não passou de um sussurro. Meu bebê. Preciso abrir. Preciso.

— SOCORRO! POR FAVOR! ALGUÉM! — Continuo tentando puxar a porta, já estou sem forças.

As palavras de Dominic me fizeram agarrar a porta com mais forças.

— POR FAVOR! Alguém.... — não passou de um sussurro.
Comecei a tossir. Não sei de onde vem a fumaça.

Meu corpo foi amolecendo e numa última tentativa a porta se abriu. As chamas vermelhas estavam altas por toda a confeitaria, tentei cobrir meu rosto.

"Vamos sair dessa, filho".

Vi todo meu sonho ser queimado, é impossível voltar e seguir em frente. Estou presa entre o fogo na cozinha e o teto que está prestes a desabar.

Foi como se todo meu corpo fosse amolecendo, a adrenalina fazia meu coração disparar.

Tentei empurrar as madeiras, porém, quanto mais eu empurrava mais o fogo ficava alto.

Ouvi o barulho do gás assoviando.

Meu ouvido doeu, tudo pareceu em câmera lenta meu corpo foi arremessado indo ao encontro do vidro da vitrine.

— SAI DA MINHA FRENTE *PORRA!* — eu ouvi a voz ao longe. Dominic?

Respirava com dificuldade tentei levantar, mas uma mão me impediu. Havia muitas vozes, gritos e sirenes que parecem ser da polícia, mas não conseguia abrir meus olhos.

Meus braços queimam como inferno. Parecia que estou sendo queimada viva. Meu bebê, eles precisavam salvar meu bebê.

Meu filho. Meu filho, ajudem meu filho!

— Está me ouvindo moça? Moça? — sentia que estou sendo carregada.

As vozes ficaram distantes...

"Apaguem o fogo"

"Não há ninguém mais"

"Ela tem queimaduras de segundo grau nas mãos e nos braços"

"Ela não está respirando"

Quem não está respirando?

" É gestante! Saiam da frente a unidade área não tem onde pousar vamos ter que levá-la até à rodovia."

Tentei abrir meus olhos.

Tudo ficou em silêncio e a imagem de Dominic apareceu, tentei soltar meus braços, mas não consegui.

"Onde está o pai? Vai insistir em falar que esse bastardinho é meu filho?"

Ele ria de mim, a loira se sentou em seu colo ele a beijou. Tentei me soltar, estava sentada em uma cadeira, tentei gritar, contudo, não conseguia. Tudo estava muito branco.

Queria me soltar, ele ria cada vez mais alto.

Não conseguia me soltar.

" Eu e mais quantos dessa maldita cidade você vai dizer que é o pai? "

"O que você vai fazer quando ele nascer com a cara do maldito xerife?"

— ELA VOLTOU! AFASTEM-SE — Respirei o ar com força e um grito de dor escapou dos meus lábios, sinto que estou queimando viva. — Vamos moça respire.

Não conseguia abrir meus olhos, no entanto, ouvia as vozes.

— A BOLSA ROMPEU, PRECISAMOS IR PARA O HOSPITAL!

Ouvi uma risadinha, conheço essa risada, que *merda* estou fazendo em um jardim?

— Vovô? — Corri ao encontro dele. Ele me pegou nos braços.

— *Se ve hermosa en brazos, hija!*

— Onde estamos, abuelo? — Ele riu e começou a caminhar de mãos dadas comigo, sentamos em um pé de cerejeira. As frutinhas doces cobriam o chão.

— Eu estou em casa, *hija*. — Deitei no colo dele colocando minha cabeça em seu colo igual quando eu era criança. — Já você, o que faz aqui?

— Queima abuelo, queima muito — respondi.

— Eu sei querida, mas por que o coração dói querida? O amor não pode doer meu bem, o amor cura e constrói...

— O amor é uma farsa abuelo, não existe. — Ele me olhou de forma amorosa.

— Palavras têm poder minha neta, de curar e ferir. — Ele tocou meus cabelos. — Você escolhe se elas vão *te* ferir ou *te* ajudar.

— Vovô? Vovô? — Ele foi sumindo e meu coração começou a acelerar.

Meus olhos abriram devagar. Estou em uma sala branca, ouço ao fundo barulhinho insistente.

— *Gracias a Dios, mi niña*. — Fechei meus olhos com força. Senti abuela Carmem se aproximar, o cheirinho de rosas familiar. — Tome querida.

Abuela colocou o canudo em meus lábios e tomei a água sentindo minha garanta arder. Abri meus olhos novamente. Sentindo

minha cabeça doer.

E tudo ficou escuro.

É um silêncio doce. Não havia nada. Está tudo branco, me sentei na enorme sala branca.

Será que eu morri?

Toquei minha enorme barriga. Leon chutou forte.

— Você precisa voltar. — Olhei em direção da voz.

Vazio.

— Como se acabei de chegar — protestei.

— Seu bebê precisa de você. Dominic vai precisar de você — a voz ordenou.

Toquei minha barriga, meu bebê?

Onde está meu bebê?

Leon?

Leon?

Leon?

Sentei-me na cama sentido minha cabeça doer. Abri meus olhos. E minha voz não saiu.

— Filha? Bonnie respire. — Levei minha mão na garganta. — Respire querida. Você está bem. Amor? Sou eu! Salazar.

— P—pai. — O abracei apertando. — Queimava... Queimava....

— Você está bem, abra os olhos. Não há fogo, Boo. — Abri meus olhos.

— Pai. — Finalmente consegui respirar. Não era um pesadelo. Eu... Leon. — Leon? Meu fil... ?

Tentei me afastar, meus braços estavam cobertos por talas brancas e minhas mãos também.

— Leon está bem meu amor. Está lindo. — Ele tocou meu rosto.

Foi como se o peso do mundo saísse das minhas costas. Senti meus olhos marejarem.

— Há quanto tempo eu estou aqui? — perguntei.

Salazar suspirou.

— Há quase um mês, malditos longos dias.

Já faz mais de três horas que estou sendo avaliada e respondendo perguntas ao doutor, ele não parece confiante em relação ao meu estado. Mentindo descaradamente assegurei que estou bem. Entretanto, na verdade, é como se um caminhão estivesse passado sobre mim diversas vezes e dado ré.

Cansada, me sentia como se tivesse corrido uma maratona desesperada. Eu quero conhecer meu bebê.

Leon, forte como um leão. Meu bebê.

A enfermeira tirou as talas dos meus braços, abula afagou meus ombros.

— Está pronta? — a enfermeira perguntou.

— S... sim. — Engoli em seco, meus braços estão cheio de manchas avermelhadas. E a pele está lisa, não sinto absolutamente nada, ainda com as mãos enfaixadas, toquei novamente a pele dos meus braços e continuei não sentindo nada.

— É normal que não sinta a sua pele, é um processo individual em que o corpo basicamente promove uma barreira em seu cérebro. — A voz do doutor chamou minha atenção, a enfermeira pegou minhas mãos e desenrolou as faixas.

Fechei meus olhos.

— Querida. — Abri meus olhos. Salazar e abuela me olhavam apreensivos.

— Está tudo bem — disse baixo. — Quero ver meu bebê.

Olhei para as minhas mãos. Virei minhas mãos, meus olhos se encheram de lágrimas, elas estão totalmente feridas, mesmo que praticamente cicatrizadas, a pele está retorcida. Tentei abrir meus dedos, porém, foi quase impossível. Abri lentamente sentindo a pele arder, fechei meus olhos.

— Querida.

— Quero ver meu bebê — pedi baixinho. — Ver Leon.

— Filha...

— Eu estou viva, isso é o que importa. Isso... — Olhei para as minhas mãos, automaticamente minha mente projetou meu sonho sendo destruído, por alguém que eu nem conheço ou fiz mal. — Não faz a menor diferença agora.

— Filha.

— Quero conhecer meu filho — repeti ignorando a dor em minhas mãos.

— Querida, tome cuidado, você está cheia de pontos. — Assim que eu tentei sair da cama, meu baixo-ventre protestou.

— Teimosa. — Salazar me colocou na poltrona, enquanto o médico me avalia.

— Se quiser... Somente se quiser... Você pode conversar com nossa psicóloga. — Ele se aproximou.

— Eu ainda não sei seu nome. — Comentei desviando do assunto.

— Brandow. Jonnas Brandow. — Ele sorriu de lado. — Não precisa passar por isso sozinha...

Ele tocou meu braço suavemente, ele é alto, cabelos negros e olhos verdes, a pele bronzeada. Esguio, com uma barba aparada, o cavanhaque parece que foi desenhado ao contrário de.... Balancei a cabeça. De ninguém Boo de ninguém.

Olhei para a minha mão, sentindo meu rosto queimar de vergonha pelo seu olhar calmo, ele sorriu de lado. Fazendo meu pai pigarrear e olhar feio para o doutor que deu uma tosse falsa.

Abuela me olhou com a sua carinha de diabinho do mal. Arregalei os olhos antes que ela soltasse mais uma pérola.

— Eu vou pensar — acrescentei baixo assim que a enfermeira passou com uma cadeira pela porta.

— *Pra* quem acabou de acordar você já está pronta para conhecer o pequeno Leãozinho. — A voz da doutora encheu a sala. — Assim que soube que a minha mamãe do ano acordou vim voando. — Me ajudando a sentar na cadeira, ela pegou minhas mãos de forma delicada. — Você foi incrível. Leon chora a plenos pulmões.

Mordi meus lábios.

— Vim buscá-la para conhecê-lo. Vamos lá? — antes que eu pudesse perceber a cadeira já estava indo em direção ao elevador. Nervosa senti meu coração disparar. — Já devolvo sua paciente Brandow. — Ela piscou e ele sorriu de lado.

— E—ele... Está bem? — perguntei. Ela suspirou.

— As últimas semanas foram difíceis, ele perdeu muito peso, querida. A alimentação se tornou quase impossível. Ele chora a maior parte do tempo, e infelizmente não está ganhando peso... — Meu coração se apertou. Quando eu cheguei na porta da maternidade. Ouvi um berro alto e totalmente desesperado. —

Depois do que passamos naquela sala de parto, eu queria estar aqui com vocês.

Assim chegamos na porta da UTI Neonatal, o choro ficou mais forte.

— Leon?

— Sim, ele sabe a força dos pulmões que têm. — Ela riu.

Fiquei em frente à porta meu coração acelerou, e meu bebezinho berrou mais forte.

— Hora de conhecer meu leãozinho raivoso.

Capítulo 27

" Um Leãozinho Raivoso"

*“Você se importa, se importa?
Por que você não se importa?
Eu te dei tudo de mim
Meu sangue, meu suor, meu coração e minhas lágrimas
Por que não se importa, porque não se importa?
Eu estava lá, eu estava lá, quando ninguém estava
Agora você se foi e eu estou aqui”*

I Have Questions

Camila Cabello



DOMINIC

Olhei pelo vidro. Ele está cheio de fios, com a cabeça e o peito, enfaixados. Assim como nas últimas semanas, ele permaneceu na mesma posição.

Cobra está estável, sem apresentar melhora ou piora. Apenas ali. Nas últimas semanas fiz o que pude para vê-lo todos os dias, antes que horário que o Vallen e sua família vinha visitá-lo.

Quando me virei pra sair, Vallen estava parado me olhando com dois copos de café na mão. Ele apontou a cadeira em frente ao vidro da UTI.

— Você não precisava ter feito isso. — Peguei o café e suspirei. — Sei que tem vindo aqui todos os dias.

— O quê? — Perguntei tomando o café forte e sem açúcar.

— Pagar o hospital.

Dei de ombros. Sentindo meu peito apertar, um bolo se formou na minha garganta.

— O russo disse... As armas tinham silenciador. — O encarei quando ele disse isso e fechei os olhos me sentindo um nada, passei minhas mãos pelos seus ombros e o abracei.

Olhei novamente para o Cobra, o tiro quase atingiu o lóbulo frontal, por pouco, muito pouco, o médico disse que ele ficará bem, mas tudo depende dele.

— A culpa é minha — confessei. Ele ficou em silêncio, mas negou balançando a cabeça. — Eu *fodi* tudo, falhei com a maldita segurança, fiz vocês saírem. Ela nunca vai me perdoar. — Me afastei dele puxando meus cabelos.

— Você já foi conhecê-lo? — ele perguntou mudando de assunto. Meu corpo estremeceu. — Seu filho.

Meu filho. Meu filho. Engoli em seco.

Covarde.

— A não ser que eu queira virar uma peneira de tantos furos, eu posso tentar. — Ri sem um pinga de humor. O maldito Salazar fez um maldito esquema de guerra no hospital. Ninguém entra ou sai sem que ele saiba.

— Ele só está cuidando deles.

— Como eu deveria ter feito. — Passei um pé por cima do outro. Meu coração apertou, me dando uma sensação de uma dor excruciante. — *Porra*, eu não sabia que o coração poderia doer tanto. — Vallen tocou meu ombro.

— Leon é seu filho! — afirmou.

Engoli em seco.

— Provavelmente ele não vai me querer como pai. — Meus olhos arderam. — Eu *fodi* tudo não foi? — Trinquei meus dentes.

Levantei jogando o copo de café na lixeira ao lado da cadeira.

— Dom? — Olhei para o Vallen. — Vai ficar tudo bem.

Olhei novamente em direção ao Cobra lá deitado imóvel, caminhei até o vidro, tocando com a mão aberta, encostei minha testa no vidro.

— Quando você sair dessa seu *fodido*, eu *te* quero de volta. *Foda-se* o Salete. Eu quero meu amigo de volta. — Dei um tapa no vidro.

— O que você vai fazer com eles? — Eu sabia de quem ele estava falando.

— Matar — respondi. — Eles já abusaram demais da *porra* da minha paciência. E *foda-se*, Handball quer guerra? Eu sou o maldito tanque e vou passar por cima dele e de todo o resto.

Saí do hospital sentindo um olhar sobre minhas costas. Olhei para trás e vi Salete na janela do quarto em que meu bombom está.

Olhei para ele e mostrei dei o dedo do meio. Ele fechou a janela. Fui até o porta-malas do meu carro, e abri tirando a mochila.

"Sócrates"

"enfermeiro"

Sorri olhando o crachá. Abri a mochila e vi a roupa branca.

Jogando a mochila no banco do passageiro, entrei no meu carro e fui em direção à minha diversão.

Fui em direção ao deserto. Quando cheguei na casa velha, vi a moto do russo e o carro do Corvo.

Desci do carro tirando a jaqueta.

Antes de abrir a porta, tirei a camisa amarrando ela na mão.

— ME TIRE DAQUI SEU *FODIDO*. — Assim que eu abri a porta a fumaça veio em minha direção. O maldito xerife estava de ponta cabeça, o russo está somente de cueca usando um avental

de açougueiro cheio de sangue, o Corvo sentado na janela assobiando.

— Biscoitinho assado? — debochei entrando na sala. — *Porra*, russo, está assando ele há quantos dias.

Nas últimas semanas tivemos inquilinos bem desaforados.

Ivan havia colocado fogo em uma lata e a cabeça do maldito biscoito estava quase tostando, sua cabeça estava vermelha dando indícios de bolhas.

— Vejo que está se divertiu russo. — Olhei o rosto da bolacha, ensanguentado. Ele estava nu. — Fez um bom trabalho, russo.

— Se eu deixo esse *porra* já tinha assado as tirinhas do *filha da puta* aí. — Corvo riu. — Temos cerveja, chefe.

Andei em volta dele, o sangue escorre pelas suas costas, avisto várias cortes de vários tamanhos.

— Não vai falar nada xerife? — perguntei parando à sua frente, ele fechou os olhos.

— *Vá à merda*.

— Desça ele Corvo. — Abri meu canivete e passei sobre os pelos do meu braço. — Eu tenho perguntas, e antes que o russo aqui arranque suas tripas e eu tenha que descer lá embaixo e buscar as duas florzinhas e fazer elas falarem, eu quero respostas.

— *Vá se foder*.

— Ah eu vou... Vou *foder* você com todo prazer. — Olhei pra Ivan. — Já escolheu a vala que vai deixá-lo, russo? — Ivan sorriu, me afastei, ele pegou a barra de ferro. — A cada resposta errada ou malcriada o russo aqui quebra um osso. — Dei de ombros me

sentando na cadeira. — Onde está Handball Martinez e Tamara Thompson?

— Eu não sei seu vagabundo.

— Resposta errada, russo.

— *AH* — o grito dele foi curto quando o russo atingiu seu rosto, o nariz dele deu um estalo.

— Acho que quebrou. — Eu ri.

— Seu..

— Que tal um braço, russo?

Os gritos que vieram de baixo dos meus pés, me fez erguer a mão e impedir o russo de continuar seu show.

— Corvo, cale eles antes que eu resolva usar cola.

Mesmo com o rosto ensanguentado o maldito biscoito simplesmente arregalou os olhos. Quem tem *cu* tem medo seu *fodido*. Sei bem o que Corvo vai fazer com ele, mesmo não praticando o tipo de exercícios que Corvo e Ivan curtem prefiro algo que não faça tanta sujeira.

— Não melhor, traga o padre. — O biscoitinho arregalou os olhos. — Você acha mesmo que eu não sei que o pedófilo do padre *te* deu uma mãozinha e lavou a mão na grana que você conseguiu, ou você acha que eu engoli a maldita doação de trinta mil dólares que você fez a paróquia? — Ele começou a tossir sangue.

— Foi...i h...herança da min...nha mãe... e.. — gaguejou e tossiu cuspiendo mais sangue, gargalhei.

A porta do corredor abriu e o Corvo apareceu carregando o padre enrolado em um lençol, que se debatia presos a correntes pesadas.

— Embora eu prefira pastores, esse *fodido* não vai desonrar a batina, anda velho. — Corvo o empurrou, fazendo ele cair de joelhos no chão.

— Amém? — Gargalhei acendendo um cigarro.

— Meu filho o que você está fazendo? Deus...

— Sem pôr Deus no meio. — Levantei. — Vamos nos ver no inferno, mas não use o nome de Deus em vão. — Dei de ombros. — Coloque o padre sentadinho aqui, Corvo. Agora a cada pergunta que você responder errado homem do Diabo, vou arrancar uma unha sua e faço nosso xerife, defensor da lei, engolir.

Apertei o pescoço do maldito que se diz homem de Deus, quando Corvo o prendeu na cadeira com força, os ossos do braço dele estalaram.

— Seu lunático *fodido*. — Antes que ele ficasse roxo o soltei. — Agora? Você abusou ou não da filha do russo?

— Não sei do que está falando. PAI PERDOA ELES NÃO SABEM...

Antes que o velho terminasse a sentença, bati o canivete no dedo dele fazendo ele urrar.

— ELA QUERIA. — Uma náusea me invadiu, mas a engoli rapidamente, o olhar do russo mudou totalmente.

— Não o mate, russo. Mas boa diversão. — Me sentei na cadeira velha, Corvo jogou uma cerveja em minha direção.

— Vamos rezar padre. — O russo se ajoelhou na frente dele.

— Que *porra* ele vai fazer? — Corvo perguntou rindo. — *Porra*, russo, você tem alguns chupões nas costas, seu safado.

— Massagem tântrica. — Vi quando ele pegou uma tesoura. O padre arregalou os olhos.

Ele deu de ombros.

— Reze. Castração, moda russa. — Quase não entendemos o que ele falou, porque o sotaque deixou a sua voz mais grossa e distante.

Quando o russo terminou o homem ficou deitado no chão nu em posição fetal, em cima de uma poça de sangue, quando o russo amarrou os antigos documentos do padre em uma corda e colocou sobre o pescoço do biscoitinho, ele vomitou e simplesmente desmaiou.

— Fraco. — O russo tirou as luvas das mãos e colocou sobre a mesa. — O padre vai viver. Mas não muito.

— Não vai fazer nada, chefe? — Corvo me olhou duvidoso.

— Eu quero Giuliano Martinez. Vou deixá-los viver até que o russo decida que é o suficiente. Presente atrasado de boas-vindas — Sorri de lado me levantando e bebendo o resto da cerveja. — Agora, chega acordem essa borboleta de água e sal.

Corvo pegou um balde enferrujado que estava no chão e abriu uma garrafa, escrito vinagre de maçã.

— Maçã?

— Para acentuar o sabor, biscoito temperadinho chefe, uma delícia. — Gargalhei da cara de nojo dele.

— Nojo, passarinho — o russo reclamou.

— Linguiça com vinagre. — Ele gargalhou e jogou o vinagre no maldito, ele começou a gritar e acordou, ele se debateu na cadeira tentando se soltar.

— Vamos lá. Giuliano Martinez... — Eu peguei o rosto do biscoito, ele chorava feito um bebê. — Me diga *pra* onde o maldito foi e prometo que o Russo não vai fazê-lo de mocinha, hoje.

— Ne...ew Y...ork. — Ele cuspiu mais sangue. — É...ele quer a m...mulher e a filha...a.

— Por hoje o padre é seu russo. — O velho que chorava no chão, quase inconsciente gritou. — Deixe a bolacha viva, faça ele falar onde eles estão.

— O que eu faço com a *puta* lá embaixo. A *vadia* da Amber grita como no inferno — Corvo comentou

— Corte a língua dela. — Dei de ombros.

Saí da cabana sendo seguido pelo Corvo.

— Como ele está?

— Ele vai viver — informei acendendo ou cigarro. Com o cheiro de urina e sangue impregnado em mim, fui em direção a parte dos fundos da casa, depois de pegar a mochila no banco de carro. Já está escuro e perdi a conta de quantas malditas horas fiquei naquela casa. — Ela errou o tiro, mas eu não vou. Ela *fodeu* com a vida do Cobra. Eu vou enlouquecer cada gama de miolo que sobrou na cabeça da *fodida* droga da Amber antes de matá-la.

— Vai matá-la — afirmei ligando o chuveiro. Joguei o cigarro no chão.

— Ela ajudou a quase matar a própria filha e quase matou um de nós.

— *Porra*. — Ele socou a parede da casa — Esse russo é louco. — Os gritos vindos da casa me fizeram rir. — Ele queria arrancar tirinhas de couro do biscoito.

— Deixe ele.

— O que vai fazer depois de brincar de enfermeiro particular da Bonnie? — Vesti o jaleco branco colocando a touca e máscara

depois de me secar. O vento frio bateu em minha bunda me fazendo tremer de frio.

— Fazer uma visita aos Mitchell.

BONNIE

Minhas mãos suavam, meu coração parece que sairá pela boca.

— Eu não...

— Sim, você consegue. Colocou esse lindo bebezinho no mundo. — Ela me ajudou a colocar a roupa descartável. — Não poderá carregá-la por hoje, você acabou de acordar e tirar os curativos, não vamos forçá-lo, mas poderá tocá-lo. Não vamos esforçar suas cicatrizes certo? E ele também não está forte o suficiente, está vulnerável mesmo sendo implacável e forte ele ainda está muito abaixo do peso ideal para um bebê em suas condições.

Meus olhos encheram de lágrimas, quando passei pela porta, não pude vê-lo porque havia uma enfermeira na frente da incubadora. O grito alto e estridente é agoniado.

A enfermeira me deu passagem e a doutora colocou a cadeira ao lado da incubadora.

Meu mundo pareceu explodir em vários pontinhos coloridos. Levei minha mão aos lábios para impedir o soluço de escapar.

Mesmo magrinho, ele é perfeito... A pele branquinha estava vermelha pela força do choro, ele estava agitado, fechando os olhos com tanta força que meu coração se cortou. Trêmula e em silêncio coloquei a mão nas entradas da caixa.

— Oi encenqueirinho. Sou eu, a sua mamãe. — O choro ficou tão fraco que dê repente só virou um resmungo. — É a mamãe, leãozinho. A mamãe. — Ele abriu os olhos e meu mundo

simplesmente parou, seu rostinho foi se suavizando com e ele deu um soluço e um sorrisinho de lado. Fechei meus olhos ao sentir ele tocar minha mão. Senti a pele dele quentinha tocar a minha pele queimada, como se soubesse ele tocou a parte cicatrizada e suspirou e choramingou. Mesmo usando as luvas da incubadora que impedem o contato direto pude sentir seu corpinho quente.

Toquei em sua cabecinha cheia de cabelos loirinhos. Ele tem pintinhas aleatórias em todo o corpinho. Engoli em seco sentindo meu coração apertar.

Pintinhas assim como as de Dominic. As sobrancelhas não são ralinhas, mas sim cheias de pelinhos loiros. Ele parece uma verdadeira cópia do pai, ele resmungou bravo quando eu parei de tocar seu cabelinho, ri entre lágrimas.

— Encrenqueiro. — Lágrimas desceram pelos meus olhos.

— Que tal tentarmos fazer esse lindinho comer em? — A enfermeira veio com uma pequena colher, que parecia uma mamadeira.

Ela foi para o outro lado da incubadora e assim que ele sentiu a colher em seus lábios cheios ele sugou com força, me fazendo chorar mais. Os lábios rosados e cheios iguais ao do pai. Iguais.

— A mamãe está aqui amor. Precisar ficar forte meu encrenqueirinho. — Respirei fundo tentando espantar as lágrimas. Ele mamava de forma ávida e furiosa juntando as sobrancelhas e resmungando me fazendo rir.

— Ele é agitado. — A enfermeira riu, me mantive tocando seus cabelinhos de forma calma e constante fazendo ele suspirar. Quando ele terminou o leite, ela virou ele de ladinho, e começou a passar a mão em suas costinhas. O arroto veio e eu ri. Ela voltou

ele na posição normal, ele chutou o ar de maneira totalmente fofa, ele mal cabia na fralda, pequeno e frágil, mas tão forte e destemido como se não tivesse medo de nada. Pode parecer loucura minha, contudo, ele é o bebê mais lindo que eu já vi.

Mesmo fraquinho, ele tem a força do mundo em si. Meu pequeno guerreiro.

Meus toques foram fazendo ele fechar os olhos. Ele suspirou e mordeu os lábios.

Olhei pra doutora, que tinha lágrimas nos olhos, e estava me olhando de forma emocionada.

— Não quero deixá-lo — protestei com a voz embargada.

— Você precisa descansar. Assim que ele for alimentado novamente uma enfermeira irá te buscar está bem, querida? — Afirmei saindo com ela, com cuidado tirei a roupa, a touca e a máscara. Assim que passei pela porta senti um enorme vazio. Como se algo me faltasse.

Quando cheguei de volta ao quarto meus olhos foram para o enfermeiro alto e musculoso parado no final do corredor, ele estava de cabeça baixa, anotando algo na prancheta. Meu corpo todo se arrepiou. Mordido os lábios. Balancei a cabeça, espantando a sensação de já conhecê-lo.

Quando entrei no quarto soltei a respiração.

— Tudo bem, querida.

— Sim, eu... E...eu só achei que... — Balancei a cabeça.

Balancei a cabeça, não há espaço para o Dominic em sua vida, nem que ele se vista de chocolate suíço. Ou vire uma torta de limão holandesa.

Assim que sentei na cama, abuela entrou no quarto, esbaforida.

— Eu quero sentar naquele homem. — Eu ri, ela colocou o copo de café fumegante sobre a mesa. — Ele me pagou um café.

— Quem abuela? — perguntei quando ela me abraçou e beijou meu rosto.

— Doutor Brandow, bigamia não é mais crime meu bem. — Ri beijando seu rosto. — É bom ter você de volta, meu anjo. — Ela pegou minhas mãos feridas. — Agora me conte como foi? — Respirei fundo sentindo meus olhos cheios de lágrimas.

— Queria que tivesse ido comigo. — Senti minhas lágrimas descerem, mesmo sabendo que não é possível. — Ele é perfeito. Perfeito.

E meu, somente meu.

Capítulo 28

" Que *Caralho* De Dor É Essa?"

"Você está triste e cansado De viver a vida em um carrossel

E você não pode encontrar o lutador

Mas eu vejo isso em você então nós vamos caminhar com isso

E mover montanhas

Nós vamos caminhar com isso

E mover montanhas"

Rise up

Andra Day



DOMINIC

Andei pelos corredores do hospital tentando respirar, a maldita máscara estava me dando vontade de espirrar.

Assim que parei no corredor em que ela está, meu coração começou a disparar.

Quando ergui meus olhos, eu a vi... Minhas mãos tremeram e minha nuca suou, ela está mais magra, com um brilho diferente nos olhos. Quando meus olhos pararam sobre seus braços, fechei os olhos. A veia em meu pescoço pulsou.

Ela está machucada, a pele avermelhada e totalmente enrugada, mas quando ela me olhou eu vi.

Meu bombom. O brilho brincalhão e amoroso nos olhos dela. Você não a merece seu *merda!*

Minha consciência me acusou.

Não a mereço, mas a quero, quero eles. Quando ela balançou a cabeça coloquei a prancheta sobre meu rosto e me virei caminhando corredor afora.

— Meu soro não está funcionando. — Uma mão quente tocou meu braço. Me virei dando de cara com um garoto jovem, que tinha o rosto, todo queimado, em carne viva, porém, parece estar cicatrizado.

— Eu não... — Tentei desviar do assunto. Ele me olhou desconfiado. — Vamos lá garoto.

Entrei no quarto, e ele sentou na cama. Engoli em seco.

— Há quanto dias está aqui rapaz? — perguntei, olhei para o soro e movi o que parecia ser a regulação de gotas.

— Cinquenta e sete. — Riu. — Nunca te vi por aqui. — Ele olhou para meu crachá. — Sócrates.

— Sou novo no hospital — menti.

— Vamos lá pergunte. — Ele riu. Olhei menino que não parece ter mais que quinze anos.

— O que aconteceu com você? — perguntei me recostado na cama.

— Estava tentando fritar um hambúrguer. — Deu de ombros. — Minha irmã abriu a janela no exato momento em que eu coloquei na frigideira, a panela pegou fogo, e eu também. — Ele riu dando de ombros. — Vento e fogo não combinam.

— Sinto muito. — Ele concordou.

— Obrigado.

— Não mecha mais aí moleque. — Apontei para o seu soro. — Onde está sua mãe.

— Foi buscar café. Como sabe que eu cutuquei o acesso? —
Eu ri da sua cara de culpado.

— Sabendo. Agora deite aí, ligue a TV e espere sua mãe,
sem cutucar mais nesse negócio. — Saí do quarto encostando a
porta.

Engoli em seco.

Abri novamente a porta, ele estava mudando o canal da TV.

— Eu não mexi em nada. — Riu.

— Eu sei. — Voltei *pra* dentro. — Me responderia algo
moleque?

— Manda. — Ele colocou a língua do lado dos lábios de
forma engraçada e voltou a olhar pra televisão.

— Doem? Suas marcas?

— Há dias e dias. — Deu de ombros. — Têm dias que tenho
a sensação que estou vivendo tudo de novo, como ontem, como
uma dor fantasma, eu sinto o fogo. — Engoli em seco. — E dias
como hoje que eu não sinto nada, e talvez amanhã elas comecem a
arder, não toque nelas e elas vão ficar bem. Não vão arder ou coçar.

— Obrigado.

— Você não é enfermeiro, não é? — Eu olhei *pra* ele. — Se
você fosse saberia do que eu disse, sem contar que eu vi você
sondando a moça do apartamento 57. A mãe do menininho raivoso.

— Raivoso? — me vi perguntando ansioso.

— Sim, as enfermeiras dizem que o filhinho dela, é um
leãozinho e grita a plenos pulmões quando pode.

— Está na minha hora. Tchau moleque.

Assim que eu passei pela porta a mãe dele entrou,
cumprimentei ela com um simples balanço de cabeça.

— Novo enfermeiro, Greg? — A voz da mulher perguntou.

— Aristóteles o nome dele. — Ele riu.

Me virei e dei o dedo do meio. É Sócrates pirralho! Sócrates.

Voltei ao quarto da Bonnie. Espiei pela persiana da janela.

Que é esse?

Um maldito mosquito está tocando ela. E ela está sorrindo.

Grudei na bainha da persiana com força.

Ele passeou os dedos, sem a *porra* de uma luva de látex sobre a pele dela. Quem é esse porra? Ele não pode tocá-la assim. Maldito.

Ela riu de algo que o mosquito magrelo falou.

— Ei Aristóteles? — o garoto me chamou, ele está na porta só com a cabeça para o lado de fora.

— O que é? — Minhas mãos suavam, e meu coração começou a tremer, que *porra* esse maldito doutor pensa que está fazendo? Tocando-a assim?

Cadê a maldita ética médica?

— Por que não entra e fala com ela? — Ele parou do meu lado.

— Cadê sua mãe, garoto? — O encarei.

— Ow! Você está com raiva. O que está acontecendo? — Ele espiou pela persiana da janela. — Doutor Brew!

Imaginei o maldito mosquito voando pela janela e aterrissando na caçamba de lixo lá embaixo.

— Você deveria entrar lá e falar com ela. — O moleque fofoqueiro me olhou. — Você parece gostar dela. Ela é bonita. Ow. Ele está tocando o rosto dela. Isso não é contra a ética dos médicos e... Ei Aristóteles onde você vai?

Ela deu a ele o meu maldito sorriso, o maldito sorriso quente capaz de derreter até as geleiras do ártico. Esfreguei meu peito.

Que *caraio* de dor é essa?

Avistei uma área de fumantes, desesperado peguei meus cigarros. Minhas mãos estavam trêmulas e suando.

Segurando o isqueiro com força, esfregue meu peito. Meus olhos arderam.

A maldita culpa é sua! Você a colocou nessa situação! Você não a protegeu, como prometeu. Você não a amou como deveria. Encostado na parede sentindo meu coração praticamente sair fora do peito. Esfreguei meu peito freneticamente.

Que *porra* está acontecendo? Baixei minha cabeça, vendo minhas lágrimas escorrem e pingarem no meu sapato.

Queria voltar lá e quebrar o maldito na porrada, mas inferno. Ela parecia não se importar com ele a tocando.

Engoli em seco, fazendo a fumaça do cigarro descer ardente pela minha garganta.

Ela não precisa de mim, e nem vai me querer por perto.

Virei a garrafa de cerveja e soltei a fumaça.

— M...me... M...mate-e... — O russo realmente havia feito um bom trabalho, o maldito está irreconhecível. Ele não consegue me ver, já que o russo socou tanto seu rosto deixando-o totalmente irreconhecível.

Já estou cansado do maldito jogo de morrer, não morre.

O padre bom, já havia partido dessa *pra* pior há mais de uma semana, e o biscoito achava que será o próximo, porém, tenho a paciência de um monge.

— Me diga o quão bom agora foi tomar a minha mulher. —
Peguei ele pelo pescoço, me levantando.

— Isso é sobre ela? — Ele falou de forma firme. O maldito biscoito está de volta.

— *Oh* sim! Pode ter certeza que, sim.

— Ela sabe o que você faz? Ou ela acha que sabe? —
Gargalhei soltando-o sobre a cadeira.

— E você? Ela sabe sobre o maldito traficante de crianças? Ela ainda vai *te* achar incrível a esse ponto? Quando eu mostrar isso a ela? — Eu fui até à mesa velha pegando um envelope pardo.

Não durmo direito há mais de uma semana, sempre que fechava os olhos via ela sorrindo e indo embora, indo embora com o maldito doutor ou com qualquer outro que minha mente resolvesse me castigar.

— Quando ela apareceu grávida de você... Eu soube que ela jamais me seria útil. Era só ela dizer que eu teria lhe dado o mundo. Era para ela ter me escolhido, era para ter sido eu naquela noite, não você. Parei no lugar, todo meu corpo parece que foi embalado a vácuo. Eu olhei para ele, devolvendo o envelope a mesa.

— Maldonado... — A voz do Russo chamou minha atenção.

— Sempre foi você.. — Ele cuspiu. — Sempre foi você. Eu estava lá quando éramos crianças e você a magoava, mas ela só enxergava você. Só sabia dizer o quão bonito você era. Eu dei flores e bombons, mas ela preferiu ser a *vadia cadela* que corria atrás de você. — Antes que eu me desse conta eu estava em cima dele socando-o, mesmo preso a cadeira com algemas, meus punhos batiam nele com força.

— Dom... — Senti o russo me tirar de cima dele. Ele ainda respirava com dificuldade, sua cabeça começou a sangrar, ainda assim tentava me soltar do russo para continuar batendo nele.

— EU VOU MALTAR ESSE MALDITO, ME SOLTEM. — Corvo entrou na minha frente.

— Você tem um filho pequeno, não suje as mãos que vão tocá-lo. — A voz do russo me fez parar. Meu peito começou a dor, tento me soltar, mas ele me segurava com mais força.

— Você achou mesmo que ela havia se interessado por mim? — Ele riu. — Eu vou morrer, mas você vai viver morto. Aquele maldito bastardinho podia ser meu, mas ela escolheu vocês. ELA TE ESCOLHEU.

— Ele é meu filho — constatei baixinho. Sentindo meu peito se aquecer, todas as malditas dúvidas foram embora, a semente da dúvida que havia em meu peito se confirmou. Fechei meus olhos e senti o aperto dos dois se aliviar. Era como se o peso do mundo tivesse ido embora. Sendo substituído por uma maldita culpa dolorosa e persistente que queima. Tentei respirar.

— Eu avisei, Maldonado — O russo disse baixo.

Abri meus olhos e vi Corvo levar o maldito do chão.

— Sempre quis jogar baseball. — Corvo pegou o taco de madeira e rasgou no chão. — Você até que aguenta. Ainda resta alguma costela intacta, russo?

— Lado direito. — Eu me afastei e saí da cabana.

Soquei o capô do meu carro com tanta força que minha mão afundou na largaria e sangrou.

— O que vai fazer? — Olhei na direção do russo e ele sentou na escada velha da cabana.

— Eu tenho um filho.

— Tem. — Ele deu de ombros como se não fosse importante, mas eu vi o brilho passar pelos seus olhos. — E ele é igualzinho a você.

— Você o viu? — afirmou não me dizendo mais nada. Puxei meus cabelos.

— O que eu faço? — Pedi desesperado. — Eu não acreditei nela. Ela...

— Ela é uma mãe maravilhosa, mesmo antes de nascer, o menino já tinha a maior sorte do mundo. — Olhei para ele. — Eles não precisam de você, Dominic. Você precisa deles. Ela não tem mais nada, mas tem tudo.

O La Carmen ficou irreconhecível, não sobrou nada, apenas madeira queimada, todo o resto virou uma estrutura de metal retorcida, e pó.

— Eu a traí — lamentei sentindo meu corpo arder, como se eu estivesse sujo.

— Sim e não, você não tinham algo. — O russo pontuou. — Mas para uma mulher como ela e Sol... Elas querem corações e flores. — Ele desviou os olhos dos meus.

— Ela deve me odiar e... — Minha garganta doeu.

— A confeitadeira é boa demais para isso, eu vi o olhar de amor dela sobre o menino mesmo ele sendo uma cópia sua. Ela nunca *te* olhou com ódio Dominic, como você fez, ela apenas sentiu mágoa e dor. Só.

— Eu preciso ir ao hospital e...

— Eles já estão em casa. Leon teve alta ontem.

Minhas mãos suam como um inferno, já passam das duas da manhã.

Olhei para a janela dela. Não havia como escalar a janela sem virar uma peneira cheia de buracos de bala.

— Sabe que você pode morrer, não é. — olhei em direção a voz.

— Será uma morte válida. — Dei de ombros.

— O que faz aqui? — Olhei pra Lincoln. — Recebi uma mensagem de Salazar, ele me mandou vir aqui e enfiar um pouco de senso em você, antes que ele viesse enfiar uma bala na sua testa, embora eu ache que não adiante de nada. Já faz quantas horas que está aqui?

— Três horas e meia, tentando achar um jeito de entrar.

— Você não pode ser um cara normal? Sabe?

— Eu preciso vê-lo — admiti.

Meu bebê.

— Eu vou colocar você dentro. Mas só tem cinco minutos. — Ele me olhou. — Boo deu uma cópia da chave a todos nós. — Balançou o molho de chaves.

Ele caminhou até à porta dos fundos da casa.

— Se você fizer um mísero barulho, o velho do Corolla te mata — ele resmungou. — Semana passada ele quase deu um tiro na cara do russo. O russo veio me ajudar a consertar o ar-condicionado e o velho chegou e não o viu no sótão.

Ele abriu a porta e puxou a grade de proteção.

— Cinco minutos.

Assim que eu entrei eu vi que a cozinha estava totalmente diferente havia um bercinho perto do armário com vários brinquedos

dentro. Tirei minha bota de estrada fixando apenas de meias.

Ouvi um rosnando.

— Glórinha? — Chamei. Ela arrepiou o pelo e amassou latir.

— Filha?

Ela murchou as orelhas e rosnou mais e mais.

Tentei me aproximar dela e ela entrou debaixo da cama de bebê e rosnou mais me mostrando os dentes. Quando eu a toquei ela soltou um ganido.

— Sou eu. — Ela me olhou desconfiada e cheirou minha mão.

Quando ela percebeu que era eu ela simplesmente bateu com as patas no chão e pulou em meu colo e lambeu meu rosto, desesperada.

Acariciei seu pelo, ela está gordinha e bem maior do que me lembro. Quando toquei no bercinho curioso ela me olhou e rosnou.

— Isso é do seu irmão? — perguntei muito baixo.

Tirando agitando a mochila nas costas eu fui em direção às escadas. A TV está ligada.

Travei.

— *Snooore! ron! roooonc!* — abuelita deu uma roncada alta.

— *Snortttt!* — e o velho acompanhou.

Eles estão deitados abraçados no sofá, com várias garrafas de cerveja vazia e dois baldes de frango frito, um vazio e outro pela metade.

Subi as escadas devagar. Degrau por degrau, ouvi as unhas de Glórinha baterem no chão.

Quando cheguei no corredor do quarto da Bonnie meu coração disparou.

A porta está fechada. Ao lado da cama de Boo tem um bercinho redondo e pequeno, o mesmo que estava na sala aquele dia.

Entrei no quarto sentindo minhas mãos suarem. Boo está deitada na cama vestindo uma enorme regata, percebi que o ar-condicionado está ligado deixando o quarto aquecido. Vi quando a coberta dentro do bercinho se mexeu.

Engoli em seco, Boo está muito mais magra, e parece minúscula em comparação a mim. Os braços dela está meio esbranquiçados, provavelmente de alguma pomada que ela passou. Parado no pé da cama, vi quando ela se virou em seu sono e sua mão ficou à mostra. A pele totalmente vermelha e sem forma, fechei meus olhos.

Me aproximei do berço, e ouvi um resmungo.

Me abaixei e o pequeno bebê parecia brigar com a coberta.

Ele fez um barulho de bravo, quando olhei dentro do berço, me senti como se tivesse sido jogado a uma manada de elefantes.

Meus olhos se encheram de lágrimas, travei minha mandíbula, ele está apenas fralda.

E mexia os braços e perninhas constantemente, cheio de pintinhas, cheio de cabelinhos loiros, ele parou de brigar com a coberta e socou o punho pequeno e gordinho nos lábios, e juntou as sobrancelhas me olhando avaliativo.

— Oi filho. — Toquei em seu pezinho quentinho, ele resmungou e me chutou. Sorri. — É o idiota do papai.

Glórinha pareceu desconfiada, sentou ao lado do berço e ficou me olhando atentamente.

Meu filho é igual a mim, cheio de pintinhas pelo corpo, os olhos dele ainda não tem uma cor certa, mas o azul que provavelmente vai ficar um verde-escuro assim como o meu, me olhou atento.

Pequeno, muito pequeno, minhas mãos tremeram de vontade de tocá-lo. Me levantei.

Cinco minutos.

Sem saber se podia ou não beijá-lo na testa apenas toquei em seus cabelos macios e ele não gostou nenhum pouco quando retirei minha mão dos cabelinhos. Resmungando e com os olhinhos cheios de sono ele abriu a boquinha.

Olhei para Boo deitada, ela parece exausta, mas mesmo assim seu semblante é tranquilo, me aproximei dela e beijei sua testa.

Abri minha mochila e tirei a pequena caixa de dentro, colocando na mesa de cabeceira e evitei olhei para as suas cicatrizes.

Fiz o mesmo caminho de volta. Saí da casa e entrei no meu carro. Deixei Lincoln para trás fechando a porta, vi ele entrar em seu carro e ir embora me deixando ali sozinho.

Chorei feito um menino medroso.

O que eu fiz?

Soquei o volante com força. Olhei em direção a sua janela e ela estava lá em pé, segurando meu filho e olhando fixamente *pra* mim, ele sugava o seio dela com força, me fazendo mais miserável ainda. Ela estava acordada. E não me impediu. Não fez nada.

Chorei mais, vi quando balançou a cabeça e fechou a cortina, indo para longe dos meus olhos.

Para longe de mim.

Me sentia sujo, eu não mereço nada, nada. Meu filho.

Ninguém no mundo podia dizer que aquele menino não é meu.

Soquei o volante com força, sentindo meu peito doer.

Você não é a vítima aqui, seu *merda*! Minha consciência me acusou. E as lágrimas desceram com mais força.

Por que eu fiz isso?

Agora eu entendia.

Minha família não escorregou pelos meus dedos, eu abri mão deles.

Capítulo 29

"Lembre-se de quem você é."

"Não sou eu quem estou confuso, você nem sabe quem você é"

O Rei Leão



BONNIE

Senti meus olhos se encherem de lágrimas Vallen me abraçou e eu soluzei.

— Ele... e... deu a vida, por mim. — Solucei mais tocando o vidro. — Ele não acordou?

— Ainda não, Boo — lamentou, seus olhos claros tinham lágrimas.

Quando Abuela me contou sobre Cobra meu mundo desabou. Senti o peso do mundo em todo meu corpo.

— Eu...

— Nem pense. Você não tem culpa. — Ele me abraçou com mais força, como se eu fosse sua salvação.

— Não vamos perdê-lo. — Toquei o vidro, pedindo a Deus uma segunda chance para a minha sombra particular do outro lado.

— Ele me pediu em casamento, Boo — confidenciou. — Eu disse que era cedo demais, que precisávamos pensar, ele disse que tinha certeza e duvidei da certeza dele, me senti inseguro, duvidei dele. A última coisa que eu vi em seus olhos, foi a decepção. — As lágrimas desceram pelo seu rosto. Mesmo meus dedos ardendo retirei as lágrimas do seu rosto.

— Vocês têm tempo, Vallen. — Ele me abraçou. — Todo tempo do mundo, ele só deve ter ficado triste, só isso. Vocês se amam e quero ser madrinha. — Sorri entre lágrimas.

— Achei minha paciente fujona. — Dei um pulo ao ver Doutor Brandow parado na entrada da UTI de braços cruzados e me olhando com um sorriso.

— Eu precisava vê-lo. — justifiquei, Vallen avaliou o doutor de cima a baixo e fechou o rosto, se virou para mim e sorriu.

— Vou *te* levar de volta — Vallen piscou. — Vamos?

Ele me estendeu a mão de forma delicada, toquei sentindo as ataduras pressionarem as queimaduras, ignorei a ardência. Vallen ignorou o doutor.

— Já estou voltando para os meus aposentos. — Sorri amarelo, tinha ido ver meu bebê, mas na volta desviei do caminho.

No caminho de volta para o quarto, Vallen me olhou.

— Não gostei dele. — Eu ri.

— Ele me trata bem. — Dei de ombros.

Quando entramos no quarto, ouvi vozes e risos. Abri a porta e vi o Lincoln segurando um enorme buquê de flores.

— Quem morreu? — o russo perguntou apontando o enorme buquê que Lin está nas mãos, ele levantou o buquê e deu o dedo do meio para o russo, Sol está segurando um urso, o russo uma caixa, quando entrei Cierra correu para o meu lado. Judie beliscou ele.

— Você deveria estar de repouso. — Brigou me olhando feio, olhei meu pai que tem um olhar brilhante, ele sorriu de lado.

— Obrigada, Lin. — Cierra pegou o buquê e colocou no vaso vazio, que está com flores de plástico.

— Não resisti. — Sol me deu o leãozinho de pelúcia, eu ri. O russo me olhou sério e estendeu a caixa.

— É *pra* quando o menino for sair do hospital. — Mordi os lábios sem jeito. — Solange me ajudou com o tamanho.

— Ele queria comprar algo, que caberiam três Leon dentro. — Ri. Abracei-o e ele ficou estático me olhando, ele está constrangido?

— O russo virou tomatinho. — Lin Fez graça, fazendo-o passar a mão no rosto e revirar os olhos.

— Obrigada, Ivan. — Ele afirmou e se afastou encostando na parede.

— Como está? — Judie perguntou.

— Ansiosa, ele virá ficar comigo hoje. — Mordi os lábios sentindo meus olhos molharem. — Ele atingiu dois quilos e duzentos e...

— Foi aqui que pediram um leãozinho raivoso? — A porta se abriu e abuela entrou empurrando um bercinho de vidro, cheio de balões laranjas.

— Meu Deus! — Pulei da cama, sentindo minhas lágrimas descerem.

— Devagar filha. — Meu pai me segurou.

— Surpresa. — A doutora está usando uma juba de leão.

O quarto todo ficou em silêncio quando sentei na poltrona, ele está com um lindo macacão vermelho, de luvinhas e com um lindo gorrinho na mesma cor e ressonava tranquilo, sem aqueles fios em seu narizinho, engoli em seco. Abuela o pegou e ele resmungou e fez um barulhinho com a boca, mas não acordou.

Quando ela o colocou sobre meus braços, meus braços arderam e pegaram fogo, não! É o seu bebê!

Solucei.

— Oi, amor. — Ele abriu os olhos devagar e abriu a boquinha, tão pequeno. Meus braços queimaram mais e mais, ignorei. — É a mamãe, encrenqueirinho.

Ele mexeu a boquinha como se me reconhecesse.

Levantei a cabeça, e todos estavam me olhando emocionados. Todos vieram olhar Leon de perto. Mas quando Ivan se aproximou e mexeu com ele, ele sorriu.

— Isso foi um sorriso? — Judie perguntou, afirmei sorrindo.

— Ele é tão pequeno, mas está tão gordinho. — Ele abriu os olhos completamente e juntou as sobrancelhas. Quando ele levou o punho na boca, e percebeu o tecido da luva ele simplesmente deu um grito, fazendo todos rirem baixo.

Meu pai se aproximou e tirou uma das luvinhas, ele simplesmente colocou o punho na boca e sugou com força.

— Acho que tem alguém com fome. — A doutora riu. — Que tal deixarmos essa mamãe alimentar esse bebê?

Sorri, todos se despediram, meu pai me deu um beijo na testa e Cierra beijou minha bochecha. Eles foram os últimos, deixando só eu, Abuela e a doutora.

— Vou *te* ensinar como fazer querida, mas lembre-se é no seu tempo, e no tempo dele, certo?

Quando Leon deu a primeira sugada, senti uma dor aguda nos seios, me fazendo morder os lábios, mas logo uma sensação de alívio me tomou, meu bebê está se alimentando.

Senti as lágrimas escorrerem. Leon grudou no meu pijama com força e sugou mais.

Meus braços estavam ardendo pelo peso de Leon sobre as feridas, mas nada no mundo vai tirá-lo de mim. Nada.

Abuela sentou ao meu lado no braço da poltrona.

— Você é nosso pequeno milagre — ela disse e fungou. — Um milagre muito bravo, mas um lindo milagre. — Leon juntou as sobrancelhas e olhou avaliativo. — Sou eu, sua bisa, meu anjo. — Ele deu um sorrisinho me soltando levemente. — Riqueza da bisa.

Leon voltou a sugar com toda força, e meu coração se apertou, ele me olhou intensamente como seu pai. Engoli em seco. Sentindo meu peito apertar mais e mais.

— E... eu te amo...o, leãozinho.

Fechei meus olhos, como uma idiota desejei ter Maldonado aqui comigo, ele sempre sonhou ser pai.

Mas não o pai do meu filho.

— Isso é a imitação de uma jaqueta de couro? — Judie riu. Com todo cuidado do mundo Abuela fechou a falsa jaquetinha de couro em Leon, que resmungou.

Depois da doutora verificar, Leon e furar seu pezinho, o fazendo protestar e chutar com força estávamos prontos pra ir. Ele não chorou apenas reclamou alto e me olhou juntando as sobrancelhas.

— Riqueza. — Abuela beijou a barriguinha de Leon em cima da roupa e ele resmungou.

Leon está usando um macacão azul-escuro, e por cima uma blusinha que parecia ser couro, mas, na verdade, é um moletom. Abuela colocou a touquinha azul nele e ele resmungou mais.

Me senti inútil não podendo vestir meu próprio bebê, nem a mim mesma. Engoli em seco a vontade de chorar.

Vamos para a nossa casa! Isso é o que importa.

— Meu Deus o russo é doido. — Ele virou a enorme manta que acompanhava o kit.

Com uma enorme moto desenhada e um leão em cima usando um capacete, com a juba ao vento.

— Meu Deus que primor. — Abuela pegou o tecido com cuidado e enrolou Leon.

— Acho que ele mandou fazer sob medida. — Eu ri comentando, Judie me ajudou com a cadeira de rodas.

— Então quer dizer que você está fugindo. — Ao reconhecer a voz, viro e vejo o doutor encostado na porta, com alguns papéis na mão. Ele estendeu a Judie.

— Quase trinta dias aqui, quero minha casa. — Sorri.

— Você volta para me ver? — perguntou galante. — Daqui a dois dias que tal?

Concordei. Abuela colocou Leon no bebê-conforto.

— Até daqui a dois dias, doutor.

— Até, senhorita Portman.

— Ele gostou de você. — Judie me cutucou.

— E eu da vara dele, vocês viram o Monte Sião no meio das pernas daquele homem, Jesus. — Abuela se abanou, me fazendo rir. Quando chegamos no carro, Lin estava encostado no capô do carro.

— Foi aqui que pediram um motorista particular? — Ele especulou todo gentil, me fazendo rir. Ele me ajudou apoiando minha cintura.

— Sabe que não precisa disso, não é.

— Deixe eu mimar minha irmãzinha do coração, você está sem sentimentos, Bonniezinha. — Ele deu um beijo estalado na minha bochecha, como uma criança.

— Ajude-me aqui querida, essas coisas são perigosas e precisam ser prendidas muito bem.

Sorri, me sentando ao lado do bebê-conforto, Abuela deu a volta e sentou ao meu lado.

— Vamos para casa, crianças para casa.

Sentada no chão frio do chuveiro, posso ver o bercinho de Leon, a água fria bate na minha pele me fazendo estremecer de dor. Elas ainda não estão cicatrizadas, mas sim muito vermelhas e doloridas.

Engoli em seco, sentindo o gosto salgado das minhas lágrimas.

Olhei para as minhas mãos, meus dedos todos feridos e totalmente vermelhos, as bolhas enormes haviam secado e no lugar só restou a pele ferida e totalmente feia. O soluço escapou dos meus lábios, me fazendo tremer mais e mais. Puxando meu joelho contra o peito eu chorei descompassadamente.

Eu jamais serei a mesma, aquela Boo morreu com o incêndio.

Abri meus olhos e balancei a cabeça, olhei o berço e vi o meu montinho de amor. Meu encrenqueirinho.

Sim, jamais serei a mesma, mas ele é o motivo, para que eu nunca mais seja a Bonnie fraca e sem coragem.

Jamais alguém vai te rejeitar novamente, amor.

Me levantei cedo, tomando todos os cuidados com minha pele, depois de um banho frio, voltei para o quarto com os cabelos pingando água. Leon está deitado de ladinho no centro da minha cama dentro do seu casulo, meus seios pesaram de tanto leite.

Ouvi duas batidinhas na porta, e abuela entrou.

— Querida você vai se ferir mais. — Ela pegou a toalha das minhas mãos.

— Eu achei que podia sozinha — confessei, me sentei na cama.

— Querida... — Ela secou meus cabelos e passou creme penteando-os. — Sabe que não pode se ferir mais meu anjo — afirmei sentindo as lágrimas descenderem.

— Sou fraca, Abuela — admiti. — Eu não consigo.

— Sim, você consegue! Você é a menina-mulher mais forte que eu conheço! E não ouse dizer o contrário.

— Eu não posso dar banho no meu próprio filho, abuela. — Chorei colocando a mão na frente dos olhos. Sentindo minha pele arder.

— Querida...

— Eu não posso limpá-lo ou passar pomada, não consigo nem segurar a escova para pentear seus cabelinhos — soluzei. — Eu sou uma péssima...

— Bonnie Portman! Não se atreva. Não ouse se manchar assim! Você é a mãe mais incrível que Leon pode ter! Deus não escolhe os capacitados, ele capacita os escolhidos! — Ela se abaixou na minha frente e segurou minhas mãos. — Essas mãos são a prova de que você lutou pelo seu filho, salvou a vida dele! E

eu serei uma *cadela* se isso for mentira, Bonnie! Você deu a sua vida pela dele, querida! Você o salvou! Salvou!

Solucei. Olhei Leon dormindo tranquilo sobre os cobertores.

Eu vou conseguir, tenho que conseguir!

Eu ri quando meu pai tocou os pezinhos do Leon, sentados na grama do quintal eu, Leon e meu pai tomávamos o banho de sol do meu bebezinho bravo.

— Como está se sentindo a respeito, meu anjo? — Olhei pra ele admirada, mesmo ostentando um terno que parecia caríssimo, ele está ali comigo. Sentado na grama molhada tomando sol.

— Não pensei sobre isso, pai —admiti. — Não quero ir lá.

— Querida...

— Eu vi tudo que eu lutei ao lado da minha abuela desmoronar, e nem sei o porquê. Eu nunca se quer fiz mal a alguém. — Olhei o cestinho onde Leon fazia barulhinhos com a boquinha tentando brigar com as mãozinhas.

— Nós podemos reconstruir, amor.

— *Pra* quê? — Estou sendo uma cretina, mas eu não conseguia, algo dentro de mim, parece ter morrido.

Tudo que eu sonhei em toda minha vida, foi destruído em minutos. Como o vento soprando um grão de areia.

— Qual estiver pronta, eu a levo lá. — Assenti.

Meus abraços e minhas mãos estão com ataduras, cheios de pomadas. Minha blusa larga de tecido fino escondi um pouco das ataduras deixando somente meus dedos cobertos pelos curativos que a enfermeira mostrou a abuela como fazer.

Desde que acordei, essa foi uma das piores noites, meus braços ardiam e mal pude ficar deitada. Abula veio no quarto a cada

três horas me ajudar com Leon, e verificar meu bebê.

— Obrigada. — Ele me abraçou e Leon resmungou alto.

— Tem *pra* você também seu ciumento. — Meu pai tocou os cabelinhos de Leon e ele fechou os olhinhos. — Dominic... Ele esteve lá querida.

Meu coração acelerou, metade de mim, estava surpresa e a outra metade dividida em amor e decepção.

— E... esteve? — feito uma adolescente minha voz falhou. Meu coração deu um pulo.

— Sim. Vocês precisam conversar como adultos. Sou contra a qualquer aproximação dele, sobre vocês, mas ele querendo ou não é pai do meu neto, e infelizmente isso não pode ser mudado. — disse baixo desviando os olhos dos meus. — Entretanto, agora não é a hora, você precisa se curar primeiro ou vai acabar se ferindo mais.

Concordei desviando os olhos.

— Que tal vocês três entrarem e comerem um pedaço de torta? Doce de leite com morangos, querida! Sua preferida. — Abuela gritou do deck.

Meu pai se levantou. Me ajudando a ficar de joelhos sem tocar em meus braços, apoiei meu corpo no dele e me levantei com muita dificuldade.

— Vamos lá rapazinho? — Leon mexeu as sobrancelhas de forma fofa, me fazendo rir, meu pai o pegou e colocou no colo, me aproximei deles e beijei sua perninha nua, colocando a mantinha sobre ele meu pai o enrolou. — Amo você mocinho.

Entramos e meu pai o colocou no meu colo, e voltou buscar o cestinho do Leon. Ele imediatamente procurou meu peito.

— Estamos com fome, não é amor? — Sentada na cadeira abuela me ajudou a abrir a blusa. — Devagar bebê. — Leon sugou com tanta força fazendo com que leite saísse sujando sua boquinha. — Está gostoso amor? — Ele sugou com mais força. — Acho que sim.

— Preparada para ver o doutor? — Revirei os olhos.

— Tenho mesmo que ir? — questionei sem nenhuma vontade de sair e deixar meu bebê. — Não quero deixá-lo.

— Vai ser rápido filha. — Meu pai voltou colocando-o no berço ao lado da ilha da cozinha.

— Não quero deixá-lo — insisti.

— Eu e esse mocinho vamos nos divertir, não é? — Assim que se sentiu satisfeito ele soltou meu seio, nos fazendo rir. — Estava bom não é, amor? — Ele está todo sujo de leite.

— Quer ajuda filha? — Antes que pudesse responder meu pai me ajudou e fechou a minha camisa e beijou minha testa. — Com licença, meu anjo.

— O—obrigada — agradei sentindo vontade de chorar.

— Que tal seu abuelo fazer esse arroto sair e enquanto sua bisa ajuda sua mamãe?

Abuela me colocou dentro de um vestido florido, e de uma jaqueta jeans larga, coloquei uma sapatilha preta e ela prendeu meus cabelos no topo da cabeça. Beijando o cabelinho de Leon, saí com o coração na mão, deixando leite suficiente até eu voltar.

Quando saí da sala do doutor, senti minha cabeça latejar.

— Está tudo bem, querida? — Meu pai tocou meu ombro.

— Eu não quero fazer terapia, não estou pronta — protestei.

— Eu sei querida. — Caminhei ao lado do meu pai até o elevador. — E se você fizer, vamos escolher a melhor profissional, não alguém que ele acha que pode te ajudar. — Meu pai sorriu. — Ele é o melhor clínico geral nesse prédio, mas será quando você quiser, e quando desejar reverter essas cicatrizes, vamos ao melhor profissional.

Engoli em seco encostando minha cabeça no metal frio do elevador. Hoje minha pele está calma, porém, a cicatriz da minha cesariana está dolorida.

— Que tal irmos dar uma olhadinha no Cobra? — Sugerí abrindo os olhos.

— Estava esperando você pedir meu bem.

DOMINIC

— Você está parecer um limão murcho. — Olhei o loiro de farmácia na minha frente. — Quem te comeu?

— Gustave — cumprimentei ao passar pela porta de desembarque do aeroporto. — O que está fazendo aqui?

— Vim buscar e instalar minha prostituta de verão. — Ele bateu em minhas costas e o abracei. — Você está parecendo uns dez anos mais velho, que horror homem, já ouvi falar em colágeno? Ou Botox? Mas *porra* você continua um tesão.

— Quer calar a *porra* da boca, Mitchell? — Eu e ele saímos.

— Gael pediu para levá-lo ao nosso apartamento.

— Apartamento dele. Pelo que sei você está aqui de encostado. — Ele me olhou e crispou os olhos. — Já tenho reserva em um hotel. Não se preocupe.

— Mas é claro que eu não me preocupo. — Deu de ombros, babaca. — Estou adorando essa história de poderoso chefe.

— Eu não sou mafioso — retruquei.

— É quase a mesma coisa. — Estendi a ele os papéis que Gabriel me pediu.

— Você vai mesmo entregá-lo aos federais?

— Dei a vocês minha palavra, e não volto atrás nela. — Mesmo querendo. Não vou matar o maldito, mas ele vai se lembrar de mim pelo resto dos seus miseráveis dias.

Olhei o loiro na minha frente, enquanto íamos a lanchonete do aeroporto, finalmente chegamos à lanchonete rapidamente pedi um café a atendente.

— Como ele está com essa história de ser pai pela terceira vez? — questionei.

Gabriel Mitchell foi um dos meus melhores amigos durante todo aquele maldito inferno. Quando ele me resgatou, e me mandou de volta para casa um pedaço de mim, ficou naquele maldito lugar.

Balancei a cabeça, espantando meus fantasmas.

— Eufórico, porém, a diabinha da mulher dele sabe dobrar ele direitinho. Um cachorrinho de tão dócil. Aquela loira é um perigo.

Annie, a loirona linda de olhos azuis. Mesmo não se comparando a minha bombom o maldito deu uma sorte grande do inferno.

O celular dele tocou e ele leu algo na tela e virou pra mim.

Giuliano Martinez, amarrado em uma cadeira.

— Vou avisar Gael.

— Onde você vai?

— Tome seu café, trambiqueiro. Eu nunca sequestrei ninguém. Deve ser emocionante. — Revirei os olhos. — Consegui uma moto *pra* você. — Ele me lançou um chaveiro.

Meu celular apitou.

Uma foto do Leon sem roupa apareceu na minha tela, ele estava com os cabelinhos espetados pra cima, totalmente bagunçado e com uma carranca de bravo, olhando fixo para o celular de Lincoln.

Abri o áudio dele.

"Ele tem uma pintinha, no fiofó. Igual a sua. Olha aí."

A foto do bumbum do meu filho apareceu na tela.

Meus olhos arderam, toquei a foto.

"Seu filho é podre, igual a você! Só bebe leite e solta uns peidos, pior que fedo de urubu."

Sorri para o celular, voltei pra foto do rostinho dele e toquei a tela. Eu *fodi* com tudo. Com tudo.

Sempre foi você.

Nada que eu faça vai trazer a minha Boo de volta.

Paguei o café e fui em direção ao estacionamento do aeroporto, apertei o botão da chave e localizei a moto alugada atrás de um Volvo.

Liguei a moto e acelerei em direção ao hotel de velho conhecido, das vezes que eu estive aqui.

Quando eu cheguei no hotel, eu dei a chave ao manobrista, e fui fazer meu check-in.

— Três garrafas de uísque. — Pedi a moça da recepção.

— Algo mais senhor, Maldonado? — Neguei. Ela me entregou a chave do quarto com a chave da minha moto, o

manobrista já me conhece, ele acenou com a cabeça.

e fui em direção ao elevador.

— Russo? — Chamei.

— Eu estou de folga, *porra*.

— Não interessa. Quero que faça um serviço. — Ele me ouviu atentamente.

— É *pra* mandar o vídeo pra editora LV News notícias? — resmunguei um sim. — E como eu vou fazer isso?

— Peça ao Chaminé para acessar meu computador, você vai fazer o upload do arquivo e vai mandar para a editora de um IP anônimo com vários endereços de rastreo entendeu, russo?

— Certo. — Tenho certeza que o maldito estava puxando a barba. — IP anônimo, vários endereços.

Desliguei o telefone.

Abri a porta do quarto, e me joguei na cama.

Leon, estava ficando cada vez mais forte, e estou perdendo isso.

Senti meus olhos arderem, como um fraco fiz o que mais tenho feito nos meus últimos míseros dias.

Chorar.

" — Menino bobão, menino chorão. — A voz doce me fez levantar da grama?

— Quem é você? — Perguntei ao menino vestido de branco.

— Menino bobão. Menino chorão. Mamãe vai casar com outro porque papai é um bundão. — Ele gargalhou de forma gostosa e correu sem jeito.

O bostinha de grilo loiro correu para longe de mim, corri atrás dele. Havia várias pessoas sentadas em cadeiras brancas.

— Onde você vai?

Por que diabos Boo está casando?

— BONNIE? — gritei mais ninguém me ouviu. Todos estavam chorando, e quando o maldito com ela no altar começou a levantar seu véu, corri na direção dela, empurrando ele, ele caiu sobre mesa do padre.

— TAYLOR? MALDITO! — Soquei o rosto dele. — Mosquito? — O rosto dele ficava mudando. — EU VOU *TE* MATAR.

De repente eu estava sozinho.

— Boo?

— Abra os olhos Dom. Não fique no escuro. Os monstros podem te pegar."

— NÃO! — meu corpo caiu da cama se embolando no lençol, colcha... Sei lá que *porra* é essa.

Meu coração bate descompassadamente.

— Bonnie não vai casar. Não vai. — Levantei do chão e fui em direção ao banheiro, tirei a roupa e me joguei no chuveiro.

Bati minha testa na parede fria. E se a felicidade dela estiver com outro? Engoli em seco. Socando a parede.

Depois de quase derreter até os ossos no chuveiro, saí pelado pingando água pelo quarto. Fui até minha mochila de acampamento e tirei uma muda de roupa, e me vesti.

Passei a mão em meu cabelo.

Preciso dar um jeito nessa *merda*. Preciso ao menos que ela me humilhe e coloque fora da sua vida.

Saí do hotel, rumo a localização que o Gustave mandou no meu celular, por que diabos ele alugou uma antiga fábrica de sardinha?

Quando cheguei ao local senti o odor de peixe podre.

Só de olhar na porta do galpão, só em pensar a vontade de vomitar na cara do Gustave foi enorme. O maldito está brincado de mafioso, mas poderia ser mais higiênico.

Abri a porta do galpão com nojo e com medo da minha mão cair.

— MacGyver. — A voz de Gabriel encheu a sala.

— Vejo que começou a festa sem mim, major. — Ri olhando diretamente para o maldito micróbio sentado à frente do Gael.

Olhei para Gabriel.

— Essa folha me diz que você teve um pequeno problema em um dos seus negócios Mac. — Ele se levantou e caminhou lentamente até estar ao lado do rato e se abaixou na altura dele.

— Que tal eu explodir seu *rabo* agora florzinha. — Antes que eu me desse conta estou com as minhas mãos no maldito. — Você mexeu com o vagabundo errado, palavras suas não.

Levei a mão no bolso tirando canivete.

— Você tem até o amanhecer, cobre sua dívida, não o mate — sentenciou.

— Não me deixe aqui cara, eu... Me solte *porra*. Eu vou sumir. Nunca mais vai me ver. — Você vai implorar, vai implorar para que eu te mate.

— Desamarrem ele. — ele é a cadeira caíram no chão.

— Dom.

Meu corpo tremia, lembrei dos olhos assustados de Boo, a dor dela ao olhar para as vi cicatrizes. Eu vi Leon sem vida.

— Não Gael. Esse maldito quase matou minha mulher. Aquele era o maldito sonho dela. E ele destruiu. Você terá os papéis

até amanhã no apartamento da loirona. — Minha voz saiu grossa.

Andei ao redor dele girando o canivete.

— Eu não sabia *porra*, eu juro. Me mandaram lá. Eles iam me dar o pó. Era só eu jogar a gasolina e taca... — fechei minha mão sobre o canivete, e fiz ele gritar de dor. Seu rosto ficou ensanguentado.

— Eu sempre quis brincar de médico.

— SEU *FODIDO DE MERDA*, ELA NUNCA VAI TE AMA... —

A porta do galpão bateu.

— Um rato com o ego ferido pode ser a pior praga. — Peguei a cadeira de Gael, virando ele, sentei e apoiei os braços no encosto da cadeira. — Sabe Giuliano, eu posso ficar aqui por dias e dias, porém, o cara que saiu ali tem motivos suficientes para ter pressa, então sabe...que tal eu ser breve?

Olhei o tal de Carson, o cachorro do Gael, que me olhava sem expressão.

— Que tal você puxar uma cadeira, Carson? Sempre quis comandar um show pirotécnico.

O russo é quem gosta de assar carne, mas hoje sou eu que comanda o churrasco.

Capítulo 30

"Sofá Duro Do Inferno!"

“O arrependimento sincero é geralmente resultado da oportunidade perdida.”

Emanuel Wertheimer



DOMINIC

Arrastei a cadeira fazendo barulho ecoar no galpão.

— P... por... F... fa...v... vor — ele gaguejou de forma arrastada.

O cheiro de carne queimada está por todo o lugar. Olhei para os braços dele que já têm indícios de queimaduras com bolhas, a vermelhidão na pele me fez sorrir de forma satisfeita. Suas mãos já estão em carne viva.

— Acenda a tocha novamente, Carson — pedi ao cachorro de Gael. — Tire a camisa dele.

Eles fizeram o que eu pedi e olhei em direção ao Carson, ele me estendeu a tocha. Olhei para ele de forma satisfeita.

Andei em círculos mais um pouco balançando a tocha.

— Agora que você foi um maldito de um *fodido*, me responda. Onde está sua mamãe...

— N...não...o se... *AH...* — quando a tocha encostou em seu peito ele tentou ir para trás. No entanto, a cadeira de ferro que eu coloquei o impediu de sair do lugar. Ele jogou a cabeça pra trás e urrou.

— E... eu já assinei a *porra* dos papéis. — Avistei o envelope pardo na mesa ao lado de onde Carson está sentando.

— Não fez mais que sua obrigação. — Dei de ombros, afastei a tocha quando a pele dele ficou mais vermelha. — A menina nunca foi sua filha mesmo, até a cara do Gabriel ela tem — provoquei. — A mãe dela cuidou dela sozinha enquanto você cheirava um pó. Agora vamos ao que interessa. Você já está sem um olho, *pra* arrancar o outro são dois palitos.

Em cinco horas com esse maldito, ele já desmaiou umas oito vezes, se cagou e mijou diversas vezes.

Dei de ombros.

— Eu não sei — murmurou.

Vi que, no fundo, esse maldito não passa de um *filho da puta* drogado. Que não me vale de nada. Mesmo que eu quisesse matá-lo, fechei meus olhos por um instante Leon precisa de mim.

Limpo. Jamais vou poder tocá-lo ou me aproximar da sua mãe sabendo que tenho mais sangue sobre minhas mãos.

Joguei a tocha no barril d'água.

— Sabe... — Sentei ao lado do Carson. — Poderia ter sido bem pior.

— Pior que isso? — Carson me olhou sem mudar a expressão, porém, eu vi uma leve sombra de horror passar pelos olhos dele.

— Claro, poderia ter tirando as tripas dele fora e enviado como um presente para a mãe dele — fingi desinteresse, o rato na cadeira perdeu ainda mais a cor. — Porém eu não estou a fim de me sujar. Sou um homem em redenção — comentei e sorri.

— Você é louco. — Dei de ombros. Ofereci um cigarro, ele negou e dei de ombros novamente.

— Eu tento. — Ele deu um leve sorriso.

— O que faremos com ele? — questionou, olhei novamente o rato.

— Tenho um amigo que sabe o que fazer. — Carson me olhou desconfiado. — Eu tenho olhos e ouvidos em todos os lugares, Carson.

— Você precisa de terapia. — Concordei.

— Todo mundo precisa. — Ele me olhou, e apontou para o rato miserável.

— Ele *fodeu* com o chefe nos últimos meses, vasculhei cada canto onde que ele poderia estar. Ele aparecia e sumia, e isso deixou a patroa cada vez com mais medo. Eu mesmo quero enfiar uma bala na cara dele por ter aparecido na escola da pequena, ele assustou o inferno fora da menina.

— Não vai assustar mais. Você não acha um horror o que as gangues de Nova York fazem com devedores de drogas, Carson? — perguntei ao ouvir a porta do galpão ser aberta, não precisei olhar para trás para saber quem é. — Olhe só que barbaridade.

A risada encheu o ambiente, nem precisar olhar para saber que ele está ostentando um sorriso de comercial de pasta de dente.

— Você é podre, Maldonado.

— O sujo falando do mal lavado, que feio Matarazzo. — Ele tocou meu ombro de forma amigável. — Carson cachorro do Gabriel, conheça minha cadela informante, Sebastian Matarazzo.

— Au-au. — Ele arrastou a cadeira e sentou ao meu lado. — Qual é a boa?

— *Porra*, tem um homem queimado vivo ali, e vocês conversando como se estivessem na feira. — Carson riu. — Que *porra* vocês têm na cabeça?

— Ele? — Sebo apontou na minha direção. — Bosta, eu cérebro o suficiente *pra* livrar o rabo dele dos federais. *Porra*, você precisa sumir com o Cookie. Brazz, não vai ocultar outra *merda* sua *porra*.

— Veio aqui pra me aconselhar, mamãe? — Ele me olhou cético.

— Não fode Dom, você tem um filho, *porra*, precisa colocar esse rabo no lugar e parar de mexer onde seu *rabo* pode explodir.

— Cabum... — Ele não aguentou e gargalhou.

— Vocês têm quinze minutos para limpar tudo, antes que a central receba uma denúncia anônima de um possível suspeito envolvido no tráfico infantil que foi torturado pelos gangsters. — Ele riu de lado.

Olhei para ele e *pro* maldito sorriso brilhante dele, conheci Matarazzo há quatro anos, quando ele chegou até mim com provas suficientes para me deixar mofando na cadeia pelo resto dos meus míseros dias.

Fodido de merda, ele riu da minha cara quando coloquei uma faca no em seu pescoço e ameacei colocá-lo em uma cova rasa.

Quando Vallen mexeu os pauzinhos e o FBI transferiu minha cadela informante para Vegas, digamos que eu limpo a sujeira deles, e eles me dão o que eu quero.

— Preciso de mais um favor. — Ele me olhou. — Assim que voltar à Vegas vá até o russo, ele tem um presentinho pra você.

— Um bônus?

Sorri de lado me levantando.

— Vamos logo, Carson. — Chamei e vi ele pegando os papéis na mesa.

Assim que saí do galpão, fitei o Carson.

— Preciso deixar isso no apartamento da loirona. — Subi na moto.

— Só me seguir, os rapazes vão limpar a sua bagunça.

— Obrigado, Matarazzo. — Agradei sinceramente.

— Não há de quê! Me deve um *puta* favor por me tirar da minha cama no final de semana, aliás, preciso do depoimento da senhorita Portman. — Ele piscou.

— Sem gracinhas com ela, seu *puto*. — Ele sorriu mostrando os dentes brancos e perfeitos. Patife de *merda*. — Se fizer uma gracinha com ela eu *te* mato e jogo em uma cova rasa.

— Ela é solteira, eu também. Vou adorar ter um enteado. — Ele deu de ombros. — Embora seu filho seja a sua cara, ele é uma graça. Sempre quis ser pai.

— Ei, cara. — Desci da moto e joguei o capacete no chão, Carson entrou na minha frente.

Eu vi vermelho.

— Fica longe da minha mulher, seu *porra*. — Ele sorriu mais.

— Ela não tem uma aliança no dedo, parceiro. — O maldito ergueu a mão e balançou. — Eu também não.

— Se pensar em encostar um dedo na minha mulher ou cogitar carregar meu filho, Matarazzo, eu *te* chuto até à morte seu *fodido de merda*. Fique. Longe. Da. Minha. Família. — Eu apontei o dedo na sua cara.

Ele ergueu as mãos pro alto e gargalhou.

— Fico feliz que admita que tem uma família. — Gargalhou. — Mesmo não tendo. — Ele correu até o carro e antes que eu chutasse, bateu a porta e abaixou o vidro. — Aliás, precisamos

conversar. O russo está atraindo atenção demais para Solange. — Vi uma sombra passar pelos seus olhos. — Acho melhor você parar ele, ou eu faço isso, já salvei ela uma vez. E vou mantê-la segura, mesmo que eu tenha que passar por cima do seu galo de rinha *pra* isso, ela precisa de paz, ele se acha o diabo na terra, mas eu sou o inferno.

Encarei Matarazzo, a raiva e o ciúmes se esvairiam.

— Ele ainda está procurando a Solange? — Mencionei o desafeto *fodido* da latina, *porra* a mulher não tem um minuto de paz nessa *porra*!

— Está, e não vai parar até encontrá-la. E vai matar quem tentar impedir. Eu dei outra vida a Solange porque você me pediu, mande seu galo de rinha não *foder* com tudo — concordei. — Pelo amor de Deus homem! Não mate ninguém e nem seja preso.

Embora eu faça o serviço sujo, as pessoas do mundo do Matarazzo querem a minha cabeça.

— Certo. Você terá o depoimento de Boo quando ela estiver bem para relembrar tudo, ela passou um *fodido* inferno e não quero que ela reviva isso.

— Certo, eu só preciso que ela confirme. Sabe como são as coisas no meu mundo. Nada de suposições, preciso de provas.

— E o que eu dei não é suficiente *caraio*? — Encostei no carro dele.

— Sabe que *pra* mim sim, mas para o promotor não. Provas sólidas sobre o tráfico, Maldonado. — Assenti.

Bati na porta do carro e dei as costas pra ele, peguei o capacete do chão.

O carro dele se afastou, subi na moto e sinalizei para o Carson ir. Segui o carro dele por quase uma hora, quando finalmente chegamos a uma rua cheia de casas iguais. Parecidas com aquelas de comerciais de boneca.

Estacionei a moto e desci, Carson abriu a porta.

— Foda-se, ela tem um sofá, não tem? — perguntei.

— Duro feito concreto. — Ele riu. — Se precisar de algo é só gritar. Estarei aqui fora.

Entrei na casinha de boneca e fui até à sala.

Dei uma estudada no perímetro.

Jesus, que sofá horroroso. Fui em direção a um corredor e vi a porta do quarto que presumir ser deles, fechada.

Andei mais um pouco e uma porta rosa entreaberta chamou a minha atenção. Abri ela mais um pouco e um pingo loiro estava deitada no meio da cama, ela usa um pijama rosa de pelinhos e estava com o bumbum para cima, meio que levantadinha na cama, com um travesseiro cobrindo o rosto e um dos seus pés está sem meia.

Deixei a porta aberta e voltei em direção à sala.

Coloquei o envelope no aparador da sala e sentei no sofá.

Isso é duro como pedra, algo cutucou minha bunda. Tirei o aparelho de celular debaixo da minha bunda e a tela acendeu, mostrando a foto da menina segurando um vira-lata e Gael deitado na grama, no fundo da foto, desfocado.

Deslizei meu dedo.

A senha é uma palavra.

Gabriel.

Gael.

Holly

Uma dica apareceu na tela "enterro da bezerra, tudo junto. "

Tentei e não foi.

"AMORTEDABEZERRA"

A tela se iluminou, Instagram, Facebook, WhatsApp, FaceTime, Amazon Kindle.

Discador.

(XX) XXXXX—XXXX

Dom gostoso.

Coloquei um emoji de diabinho, salvei e bloqueei o celular, vai que ela resolve dar uma surra de *pau* no Gael, tenho que ser informado para mandar uma medalha a ela.

Me deitei no sofá, *porra*. Onde diabos ela comprou isso? Em uma casa de material de construção.

Fechei meus olhos.

Sofá duro do inferno.

— *Porra* Gael. — Senti meu corpo literalmente cair no chão, feito uma fruta podre, meu *rabo* doeu como no inferno. Senti meu fiofó arder. *Caraio*.

— Como você entrou seu *fodido*? — me ajeitei no chão, *porra* isso aqui tá mais confortável que o sofá dela.

— Carson me deixou subir e vamos combinar, até um bebê abre essa fechadura — menti descaradamente, sobre o lance da fechadura apenas para irritar.

— Gael? — A voz doce, invadiu a sala.

— Caso vocês estejam nus, eu estou com os olhos fechados, embora sua mulher seja um tesão não quero ver seu *pau* e ficar

traumatizado pelo resto dos meus míseros dias — me manifestei, vai que ela *tá* pelada? E que ele com o *pau* balançando?

— Querida, esse *fodido* deitado na nossa sala é o Dominic Maldonado, MacGyver. — Maldito apelido de *merda*.

— Pode me chamar de Dom, gracinha. Vamos evitar o codinome de bandidão — que *porra*, acho que dei um mau jeito na coluna, desde quando o fiofó dói?

— Gracinha o meu *rabo*. — Gael resmungou.

— Calma aí Vitor Corleone. — Levantei e vi a Deusa grega à minha frente, fiz uma leve reverência. — Prazer, gracinha.

— Dom... — Gael me olhou *puto*, *porra*, o olho da mulher parece o mar de tão claro, *cassete*.

— Deixe de ser um cachorro mijando no poste e vá fazer um café, seu filho quer comer panquecas. — Que sorriso é esse? Olhei *pra* ela e sua barriga saliente me chamou a atenção, me senti um miserável, redonda e muito linda. Como um dia foi a do meu bombom.

— Um verdadeiro colírio. — Gael *tá* rosnando? *Porra*? O que deu nesse maluco?

Os dois me ignoraram e foram à cozinha, segui os dois, ele realmente está amando a coisinha loira. Ela abriu um armário de tirou de lá produtos de primeiros socorros, e veio em minha direção, dei meu melhor sorriso de comercial de pasta de dente.

— Nem a *pau* você vai cuidar desse *fodido*. — Meu sorriso murchou, peguei o álcool no ar. — Se vira.

Passei o álcool na mão, senti arder.

— Sinto muito por invadir sua casa, madame — pedi, ela foi até a geladeira e fez algo com limão e tomou.

— Não esquentar cara, já me acostumei com homens invadindo meu espaço sem permissão. — Ela deu de ombros.

— Você me deixou morar com você. — Olhem só, temos aqui um cachorrinho pimpão.

— Só comentei o lado da cama que eu queria, sorte a sua que eu não *te* deixei no sofá. — A coisinha loira parece inabalável.

— Por falar em sofá, gracinha, concreto é mais macio — provoquei e ela revirou os olhos.

— Deixe de ser folgado, Dom. — Peguei um pão seco e coloquei *pra* dentro, minhas tripas roncaram de fome?

— Há quanto tempo você não come direito? — Ela nem se deu ao trabalho de me olhar, de onde essa mulher saiu?

— Há algumas semanas. — Senti o olhar dela sobre mim, admiti me sentindo miserável.

— Como é o nome dela? — Que *porra*? Olhei na direção dela e só a vi encarando a unha pintada de vermelho, como uma megera de filme.

— Não me pergunte como. — Gael abraçou sua mulher, e meu maldito ciúme se fez presente, ele tem tudo que eu abri. Meus olhos acompanharam a mão dele.

— Boo, Bonnie Portman — admiti, me sentindo um nada perto deles.

Gael tem tudo que eu joguei fora.

E isso dói como um inferno.

Capítulo 31

“DIREITO DA DÚVIDA”

*“E todas aquelas coisas que eu não disse
São bolas demolidoras dentro do meu cérebro
Vou gritar elas bem alto hoje à noite
Você pode ouvir minha voz desta vez?”*

Fight Song

Rachel Platten

BONNIE

— Ele invadiu seu quarto? — afirmei. — Neguei.

Olhei para a Sol, há dois dias eu vi Dominic entrar no meu quarto e falar com meu filho, como se meu bebê fosse dele. Eu queria levar e jogá-lo pela janela, porém, ao ouvi-lo falar com Leon, quase me fez ter pena dele. Quase.

Ao vê-lo chorar tive a certeza que de algum modo ele descobriu a verdade, mas não por me dar o direito da dúvida e sim porque viu Leon ou alguém o convenceu a acreditar em mim.

Maldito teimoso.

— Judie sabe?

— Não, ninguém além de você — confidencieei. — Se eles souberem, vão mandar colocar portas de ferro na casa.

Sentada na cama, me levantei e fui até o móvel ao lado da cama. Abri a gaveta com dificuldade e tirei a caixa, cheia de bombons.

Nunca foi Taylor, sempre foi Dominic.

— Ele lhe deu isso. Coma e jogue a caixa na cara dele. — Ofereci a Sol, ela pegou um e olhou atentamente.

— Esses são bombons...?

— Sim, são os bombons mais caros que tem em Vegas — comentei.

— Ele sabe jogar sujo. — Ela riu dando uma mordida. — Isso é muito bom, porém, eu ainda quero que ele vá *para o raio que o parta*. Cretino.

Eu ri.

— Eu não vou afastar Leon dele. Se essa for à vontade dele. — Ela me olhou e pegou minhas mãos enfaixadas. — Mas é Leon e só.

— E se ele quiser registrar Leon como seu?

— Terá que entrar na justiça. Leon já tem um nome, e se ele quiser que meu filho carregue o Maldonado, ele que corra atrás de todas as coisas burocráticas. Não vou facilitar nada até porque não facilitou nada *pra* mim. Eu posso e vou colocar o melhor advogado para lutar pelos interesses do meu filho. — Senti uma força que eu nunca senti antes. — Meu filho jamais vai ser rejeitado novamente, Sol. Já permiti uma vez, isso não vai se repetir. Se ele não for fazer isso comigo eu faço sozinha! Como fiz desde o começo! Leon precisa de um pai, e se Dominic não for homem o suficiente para fazer isso por ele, eu farei. Assim que possível Dominic terá um teste de DNA em suas mãos.

— Está mais claro que água que o leãozinho é filho dele — Sol respondeu ultrajada.

— Eu quero que ele tenha um papel que prove isso, porque dessa maneira a minha palavra jamais será contestada por ele novamente. — Olhei firme e ela me abraçou. — Eu vou fazer com que ele se arrependa de ter me questionado um dia. Vou provar a ele que Leon é dele, mas para que seja realmente dele, terá que

lutar. Se ele realmente quer o nome dele junto a certidão do meu bebê, ele vai ter que estar disposto a provar.

— E vocês? — Afastei-me dela.

— Nunca existiu nós Sol, ele nunca deixou existir. E agora quem quer que não exista sou eu.

— Com licença? — A voz do russo encheu o quarto, ele carregava Leon nos braços e tinha Rosita pendurada em sua perna. — Ele sujou a fralda, e eu não sei trocar — admitiu de forma engraçada. — Dona Carmem foi com o velho no mercado e...

— Calma homem. Ele só fez xixi. — Sol se levantou e pegou Leon, que resmungou alto e riu.

— Com licença. — O russo entrou no meu quarto e me olhou fixamente, Rosita com todo cuidado do mundo subiu em minha cama e ajudou Sol a abrir a fralda do Leon. — Ainda não consegue trocá-lo? — perguntou de forma dura, porém, eu pude ver a preocupação em seus olhos duros.

— Ainda não, algumas estão queimaduras abertas... — Tentei não me abalar. — Mas logo vamos conseguir, não é filho? Leon chutou o ar.

— Vão ficar para o jantar, não é? — perguntei.

— Se Solange desejar. — O russo deu de ombros e puxou a barba, ele tinha aparado a barba, e seu cabelo estava penteado pra trás com gel, usando uma camiseta informal e uma calça jeans e chinelos ele parecia bem à vontade.

Sol revirou os olhos, percebi desde que eles chegaram a tensão entre eles, principalmente a irritação do russo.

— Vamos ficar, não é Rosita? — Rosita afirmou e me abraçou, dando um beijo estalado em meu rosto fechando os olhos

de forma fofa. — Agora você se quiser, vá comer na *puta que te pariu*.

Que isso?

Rosita estava alheia ao que a mãe falou, e começou a brincar com os pezinhos de Leon, ele odeia meias, então quando Rosita colocou a meia em seu pezinho, ele simplesmente gritou ficando vermelhinho.

— Ainda está brava, raio de sol? — Ivan provocou e ela fingiu que não ouviu. Sol o fitou de cima a baixo. — Acredita, senhorita Portman, que ela se recusa a ir ao meu país comigo?

— Não comece, Ivan. — Ela o alertou.

Ri, me levantando e com cuidado peguei Leon. Rosita levantou e foi em direção ao Ivan se jogando em seus braços. Fazendo ele a pegar no ar.

Assim que nos descemos as escadas, a porta da frente se abriu e abuela e seu Otávio entraram cheios de sacolas, seguidos por um segurança do meu pai.

— Deixe isso aí, meu bem. — O rapaz deixou tudo no chão. — Estará mais tarde no carro? — Ele afirmou. — Levarei pratinho *pra* vocês, certo?

Constrangido o rapaz saiu balançando a cabeça e cumprimentando Ivan.

— Vamos ter a noite da pizza. — Abuela riu. — Estou me sentindo a própria italiana quente. — Ela olhou Ivan de cima a baixo. — Tem certeza que é russo, meu bem? Parece um italiano quente.

— Odeio italianos — Ivan protestou e olhou para a Solange. Ela deu de ombros e sorriu. — Definitivamente eu odeio italianos.

— Eu os adoro, são uma graça e são *muy* gentis. — Olhei sem entender. E ela me lançou um olhar de depois lhe e explico.

— Rapaz? Que tal me ajudar com aquelas espingardas velhas que eu trouxe da minha garagem. — Ivan tirou o celular do bolso e deu a Rosita.

Ela foi sentar no sofá.

— Sim, senhor. — Sol revirou os olhos, Leon que estava quase dormindo em meu colo, puxou minha blusa. Com cuidado, tirei meu seio *pra* fora e Leon sugou com força.

— Devagar homenzinho. — Eu pedi. — O que rolou? — questionei, Sol olhou na direção de Rosita que olhava atentamente para Leon.

— Yo... Eu conheço um italiano — confidenciou baixinho.

— Conhece? — Mordí os lábios, ela riu e ficou vermelha.

— Um italiano quente... *Muy*... Quente. — A encarei, esperando por mais informações. — Sebastian... Ele é meu amigo. — Ela riu. — Me ajudou.

— E você gosta dele? — perguntei.

— É diferente do Ivan, com Ivan é só sexo, sem nenhum sentimento da parte dele. E Sebastian me faz ter borboletas no estômago. — Ela riu. — Mas ele não vê desta forma.

— E de que forma você gostaria que ele te visse você? — Olhei querendo mais detalhes, guardei meu seio, e limpei a boquinha suja de leite do Leon. Coloquei ele com certa dificuldade em posição para que ele arrotasse e com duas batidinhas ele arrotou, fechou os olhinhos e suspirou.

— Como mulher. — Deu de ombros. — Entretanto, isso não vai acontecer. Eu *no* vejo há muito tempo. Apenas por ligações.

— E o russo? — Eu vi mágoa no olhar dela.

— No sente nada e não demonstra. Ivan é oco, e só está conosco porque lhe convém — declarou triste baixando a cabeça.

Analisando a situação, percebi completamente o contrário. O russo não parece nenhum pouco feliz ao ter Sebastian citado na conversa, e pelo olhar dele sobre elas, ele é tudo menos oco e indiferente.

Coloquei o Leon no bercinho que fica na sala, e sentei no exato momento em que meu celular vibrou. Suspirei e levei uma das mãos enfaixada a boca, puxando a faixa. Não, elas não precisam mais desse pano, porém, ainda não consigo olhar em minhas mãos.

Desenrolei a mão, e destravei o celular com mais facilidade.

Meu coração disparou, feito um idiota, mas, na verdade, é apenas mais um seguidor no Instagram.

— Você ainda o ama, não é? — Sol perguntou.

— Se amar fosse uma escolha, estaria até hoje me arrependendo. Entretanto, não posso me arrepender de amá-lo. — Suspirei sentindo meus olhos se encherem de lágrimas. — Ele me deu Leon.

Mesmo sentindo meu coração aos pedaços, quando vi os olhinhos brilhosos de Leon descobri que Maldonado, havia me dado mais um motivo para amar ele. Mesmo sem merecer.

No entanto, amar não significa que ficaremos juntos, o amor nunca vai ser o suficiente. Nunca foi e nunca será.

Capítulo 32

" Doador De Memórias, Colecionador De Dores"

"E não é sua culpa eu estragar tudo

Não é sua culpa que eu não sou o que você precisa

*Querido, anjos como você não podem voar para o inferno
comigo*

Anjos como você não podem voar para o inferno comigo"

Angels Like You

Miley Cyrus



DOMINIC

Sentando no banco molhado do Central Park, segurei firmemente o celular. Ela havia ido ao La Carmen, fechei meus olhos.

Salete, ainda me odeia e quer me matar, isso não é nenhuma novidade. Mas *porra*, pensei que ele ia no mínimo me mandar para o inferno sem passagem de ida. Ele apenas me escutou, e no final ele apenas disse um: "Faça, mas se foder com tudo, dessa vez eu *te* mato. Você sabe a condição, se quer ser presente se limpe primeiro. "

A voz fria e sem emoção dele gelou até o fio mais fino de cabelo do meu *rabó*, *porra*.

— Posso? — A voz baixa e cansada pediu. Abri meus olhos e fitei velha senhora com um saco de pão.

Apenas afirmei, a velha se sentou e colocou a bengala entre nós, no momento em que ela abriu a sacola de pão, várias pombas

pausaram na nossa frente. Ela começou a assobiar uma música, e a debulhar o pão.

— Nunca lhe vi por, aqui rapaz. — Olhei pela velha, que tratava dos pombos, e nem se quer olhou nos meus olhos.

— Não... Não sou daqui. — Falei.

— Percebi. — Ela riu. Olhei para velha. — O que lhe traz a terras longínquas?

— Acerto de contas. — Falei, a velha riu.

— O que você precisa realmente acertar, não está nessas terras. — Que *porra*, meu celular tocou.

— Com licença. Quem morreu Gustave?

— Agiliza aí, seu *porra*. Gael vai pedir Annie em casamento.

— Chutei uma pedra. — Precisa de nós, para dar apoio moral, senão ele se caga nas calças. Vamos homem!

— Não faz nem duas horas que eu saí de lá *caraio*.

— É quem disse que é na casa dela? Vou te mandar a localização. — Revirei os olhos. — *Porra*, meu irmão vai casar.

— Você está chorando? — Perguntei incrédulo, sem acreditar. Ele fungou. — Me manda a localização.

Desliguei o telefone, e me virei pra velha esquisita.

Ué? Cadê a velha *porra*?

O saco de pão está vazio e havia algo rabiscado nele.

"Perdoar é um ato de coragem. Lutar pela pessoa e demonstrar o seu arrependimento é um ato de amor."

Olhei dos lados. Cadê a *porra* da velha? Peguei o papel e rasguei colocando no bolso.

Onde foi parar a *porra* da velha?

— Se você pisar no meu pé de novo, juro que eu vou chutar seu *rabo* — rosnei, Gustave levantou o celular.

Assobieei quando ela finalmente aceitou o pedido do meu amigo.

Gustave encerrou o vídeo e revirei os olhos, os funcionários parabenizaram Gael, e *porra* o cara realmente é um *fodido* artista, todo o local parece ter saído de uma pintura de arte.

Gustave me puxou seguimos Gael e Annie, esse *porra* não sabe ser menos inconveniente? Quando chegamos a uma porta que parecia ser a dele, Gustave me empurrou.

— Vai seu *porra*. — Empurrei ele, meus ombros e os dele bateram.

— Eu não passo — contestou. — Vai logo, *caralho*. — Ele me empurrou e eu fui para dentro.

— Me diga que você aceitou cunhada, não aguento mais esse cara chorando no meu ombro. — Gustave abraçou a loira e eu fiz o mesmo, Gael me fuzilou e eu sorri faceiro.

— Você não trabalha mais não, seu inútil? — Gael ficou vermelho de raiva olhando nós dois.

— Você pinta suas telas, vai ganhar dinheiro feito água e euzinho administro a fortuna da família. — Dei de ombros — fale com o desocupado que chamamos de irmão.

— Nunca neguei que fosse vagabundo e ao contrário de vocês, eu ralo pra ter o meu, não nasci em berço de ouro e tive mamadeira de cristais feito vocês dois. — Meia verdade, afinal terceirizo o serviço, mas o que os olhos não veem o bolso não sente.

— Você tem um clube de luta clandestino e duas boates de stripper em Las Vegas fora os "investimentos" — Dei de ombros. — Que não sabemos, guerreiro. — Investimentos esses que serão de Leon um dia.

— Fala monstrinho do tio. Ele mexeu, coloca a mão aqui Dom.

— *Porra*, esse moleque é forte — muito forte, minha mão chegou a ondular.

Gael puxou a loira dos nossos braços e ele a abraçou com força.

— Tirem a mão da minha mulher e vão atrás das suas. — No mínimo minha mulher quer tudo, menos me ver. — Se eu *te* soco, você fica sem dente seu panaca.

— Papai e o furacão Susane chegam em uma hora. — A mulher vai ficar possessa ao descobrir que o filho pediu a mulher dele em casamento, e o inteligente do irmão anunciou ao mundo por uma Live.

— Ela sabe do pedido? — Gargalhei.

— Querida? — Que *porra* de voz é essa? — Esse será o casamento do século, metade do mundo já deve ter visto esse homem delicioso ajoelhado aos seus pés. Precisamos pensar na despedida de solteiro.

— Não.

— Não. — Revirei os olhos, quantos anos esse *porra* tem? Coloquei meus pés sobre a mesinha, sentindo meus pés formando bolhas, *porra* de coturno duro.

— Eu e minha mulher temos uma consulta às quatro horas, quero tudo pronto antes da minha volta. Verifique o buffet e

as bebidas e certifique-se que haverá bebidas sem álcool e que o cozinheiro responsável tenha as informações que passei ontem.

— Sim senhor. — A moça saiu correndo como se tivesse visto o diabo em sua frente.

— Cadê o homem amoroso? Precisa quase rosnar *pra* moça? Ela quase desmaiou de tão pálida que ficou.

— Só com você querida. Você queria o quê? Falei normal com ela.

— Você nem sequer deixou ela falar. — Gargalhei, que *porra* há dois minutos ele estava botando medo em uma mulher e agora ele é quem está com medo.

— Vocês querem parar pelo amor de Deus! Estão me deixando nervosa. Quer para de bater essa *merda*, Dom? — Mordi meu palito de dente.

— Estou nervoso. — *Cinquenta posições sexuais confortáveis para uma mulher grávida, folhee a revista.*

— Quer guardar essa *merda*? Antes que essas mulheres pulem em você? — Gustave tomou a revista da minha mão.

— Querem pelo amor de Deus parar!

Grávidas! Muitas grávidas. Que *porra* eu tô fazendo aqui *caraio*?

— Esses brutamontes estão *te* estressando querida? Saia daí filho ingrato.

Olhei pra eles, e *porra* eu senti uma *puta* inveja.

— Ela está *putíssima* por você não ter nos esperado para fazer o pedido. — Joshua, pai do Gael resmungou tirando os óculos de sol.

— Annie? Desculpe indiscrição, mas qual de vocês, é o famoso papai Gael?

— Eu.

— Eu. — Respondi, mas me arrependi no mesmo instante, senti uma enorme dor no peito.

— Eu. — Gustave falou mais alto ainda, fazendo as mulheres da sala nos olharem espantadas.

— Meninos.

— Deixem de ser uns *fodidos*. Eu sou o pai.

— Holly não veio Annie?

— Foi toda animada à aula hoje. Ela já faltou bastante nos últimos dias. Por conta do resfriado.

— Temos uma família e tanto aqui hoje. — Me encostei na parede. — Bom querida, devido às fortes emoções dos últimos dias, vamos repetir todos os exames que normalmente eu pediria na próxima consulta. Como o papai Gael falou comigo vocês ainda não têm restrições sexuais, porém, não vamos abusar, quero que você faça caminhadas leves de dez a quinze minutos. Vamos manter nosso antigo cronograma. Prontos?

Antes que eu pudesse falar Gael me impediu.

— Nem tentem. — Revirei os olhos.

— Prontos? — Meu coração disparou.

— Sim. — A loirona se contorceu ao ter o gel gelado sobre a barriga.

— Temos um menininho afoito aqui. Sempre de perninhas abertas. — Olhei para a tela sem entender *porra* nenhuma, meus olhos arderam.

— *Porra*, meu sobrinho tem um saco e tanto.

— Isso é o coração? — eu perguntei quando um barulho alto e ritmado invadiu a sala.

— Um coraçãozinho forte e muito saudável. — Preciso sair daqui *porra*.

Eu não consigo respirar. Meus olhos se encheram de lágrimas. Ardendo como o inferno.

Encostei na parede e tirei a caixa de cigarros do bolso. Fechei meus olhos me sentindo um fraco.

LÍBIA, 2011

Senti meu corpo ser jogado na maldita cela, não sabia por quanto tempo mais aguentaria, senti a bala em minha costela latejar, o maldito havia enfiado o dedo na ferida, fazendo a bala ir mais fundo.

O cheiro de fezes e urina estava entrando em meu nariz, tentei soltar minhas mãos, não conseguia ver nada, absolutamente nada.

Engoli em seco, sentindo a *porra* da dignidade que me restou ir embora. Vomitei com força no chão sentindo o gosto no ferro na boca, meu vômito misturado com o sangue me fizeram ficar mais enjoado ainda.

Senti meus olhos arderem, a malditos sete dias eu não sabia o que era ver o sol.

Eu não sei quanto tempo fiquei ali, quando ouvi o barulho da cela se abrir me mantive quieto.

— Resolveu falar? — Ouvi o andar pesado em minha volta. Ele, não está sozinho. — Onde está Gabriel Mitchell? Ele é todo seu Bruce.

Meu copo bateu com força no chão, meu peito doeu, senti o maldito apoiar o joelho na minha coluna. Ouvi ele abrir a calça.

— Todo meu? — Engoli em seco a maldita vontade de chorar.

— Todo seu. — Minha calça foi puxada para baixo.

Fechei meus olhos com força, não é a primeira nem será a última vez.

— Você vai abaixar com um bom menino e pegar cada bituca no chão e colocar essas *merdas* no lixo e me prometer que nunca mais vai pôr essa *merda* na boca. — A voz da loira me tirou da maldita lembrança.

— Se ferrou bundão. — Alheios aos meus pensamentos eles brincaram com minha cara.

— Essa eu quero ver. — Gustave se encostou no carro.

— Estou esperando, MacGyver. — Maldito apelido. — Escuta aqui Dominic! — A coisinha minúscula da mulher do Gael, me ameaçou. — Você tem um filho recém-nascido e uma mulher que acabou de passar pelo que eu aposto ter sido o pior trauma da vida dela. Você acha que fumando feito uma chaminé vai ajudar? No mínimo causar um problema respiratório no seu filho. — Eu não vou machucar Leon nem Boo, *porra*. — Não terminei, eu não tenho medo de você, pode até ser chefe de uma gangue de motoqueiros, mas eu já lidei com coisa mais cabulosa que você então me estenda a porcaria da caixa de cigarros, e o maldito isqueiro.

Olhei pra ela, respirei fundo e fiz o que ela pediu.

— Pisa. Agora abaixe pegue essa sujeira e jogue no lixo e me prometa que você nunca mais vai fumar essa *merda*.

— Prometo. — Fechei meus olhos, engoli em seco, Leon precisa de mim limpo *porra*.

— Você tem muita sorte, brother. — Subi na moto, sentindo meu corpo rijo, pelas malditas lembranças. — Vejo você à noite, gracinha. Preciso voltar *pra* casa ainda hoje.

Eu preciso do Leon e de Boo, fui em direção ao meu hotel quando cheguei, segui direto para o quarto.

Me joguei na cama.

Abri o WhatsApp na única mensagem de Salazar, abri a imagem e o cartão de visita carregou.

Kiozy Tamakaru

Psiquiatra e terapeuta.

Disquei o número, minha mão tremeu de vontade de desligar.

Porra.

— Boa tarde? Clínica Tamakaru, em que posso ajudar? — Engoli em seco.

— Quero... Q... quero uma consulta. — Falei sentindo vontade de desligar.

— Em nome de quem? — A voz pareceu incerta do outro lado.

— D... Dominic, Dominic Maldonado.

BONNIE

Olhei a fachada totalmente destruída, e me senti do tamanho de um grão de mostarda.

— Quer ir até lá? — Meu pai perguntou, fechei o vidro do carro.

— Quero. Eu preciso disso.

Abri a porta do carro. Quando meu pau ameaçou sair e tirar Leon, neguei.

— Sozinha.

Sorri e fechei meus olhos.

Me virei e abri meus olhos, beijei o cabelinho de Leon que dormia tranquilo.

Desci do carro e me abaixei passando pela fita de isolamento. Não havia quase nada em pé, e tudo estava amontoado no centro da confeitaria, como um monte de nada.

Abaixei e mesmo com a mão enfaixada toquei o chão cheio de cinzas.

Ri e balancei a cabeça, abri meus olhos e me levantei.

Me virei de costas.

E saí de lá.

— Não há mais nada aqui. — Voltei para o carro, a porta já estava aberta. — Tudo que preciso está exatamente aqui. — Toquei meu peito. — E aqui. Me inclinei beijando os cabelos de Leon.

— Vamos reconstruir. — Meu pai afirmou.

Concordei.

Olhei pra Leon, e meus olhos foram até o outro lado da rua, a faixa preta dos anjos do inferno. Engoli em seco.

Vi quando Ivan, saiu na porta e colocou a mão em um dos bolsos, falando ao telefone.

Ele sorriu, esse russo cretino não é de sorrir, maldito fofoqueiro.

Capítulo 33

" Pisando miúdo"

"O mundo lá fora é cruel, qualquer sinal de alegria que ele encontra, ele destrói."

Filmes Enrolados



DOMINIC

Ele ajeitou a gravata em frente ao espelho, e deu um tapinha no próprio rosto. Qual é o problema desse folgado?

— Gostoso. — Olhei para o Gustave terminando de amarrar meu tênis vermelho. — Você está ridículo.

— É o único sapato que tem na minha mochila fora essa bota *fodida* que está comendo meu pé. — Dei de ombros e passei a mão no cabelo. — E você ainda mais usando um terno Dolce & Gabbana rosa.

— É roxo-púrpura, aliás, um dos melhores da coleção de verão. — Revirei os olhos.

— Você tem um gosto podre. — Ele deu de ombros e me olhou esnobe.

— E você é arrogante. — Fingi desinteresse. — Parou mesmo de fumar? — Olhei *pra* ele.

— Parei. Vou ficar limpo. — Dei de ombros. A loira tem razão, mesmo querendo fumar a cada a respirada que eu dou, Leon não vai poder ficar perto de mim, se eu continuar com o maldito vício.

Depois que saí do exército, o cigarro se tornou meu aliado contra os pesadelos. Fumar me fazia sujo, tirando de mim a sujeira que aquele maldito lugar deixou.

— Você precisa para de tratar assuntos sérios com indiferença, seu *porra*. — Ele sentou ao meu lado na cama. Dei de ombros.

— E você precisa cuidar da sua vida, *porra*. Você não vai comprar o prédio da Samantha. — Me meti cuidando da vida dele.

— Por que você foi fuçar minha vida, em sua cadela? — Ele socou meu braço desviando do assunto.

— Por que eu não vou ser sócio de uma coisa com procedência duvidosa. — Soquei de volta.

— Vamos abrir um prostíbulo *porra*, não uma igreja.

— Casa de swing, seu estúpido. — Olhei *pra* ele. — Tenho cara de cafetão, seu *bosta*? — Ele gargalhou.

— Preciso responder? Me diga que vou poder ter um escritório com cintos e chicotes.

Encarei ele, o que diabos esse *porra* tem na cabeça? Levantei e arrumei a calça, passando a mão.

— Você está um gostoso, sem os sapatos ficaria um tesão. — Mostrei o dedo do meio.

— Gael sabe que ele vai ser dono de um prédio em Londres? — perguntei e ele arregalou os olhos. — Eu sei que você vai usar o nome dele, Gustave.

— Cale a *porra* da boca sua praga. Se ele souber, ele *come meu cu sem vaselina, caralho*. — Ele me olhou apavorado.

— Mas ele vai assinar, não vai? — questionei, ajeitando a gravata.

— Vai, mas ele não precisa saber que é o prédio da Sam, sem contar que se eu não comprar, a maldita cebolinha verde que se acha maconha, vai comprar. Antes Gael do que ele.

Gargalhei.

— Cebolinha verde? — especulei. — Vamos seu *porra*.

— Aquele maldito se acha o descolado, ele copiou minha roupa *porra*, no baile da minha mãe, ele estava vestido igual a mim, *caralho*! Sem contar que ele comprou uma Ferrari amarela, igual a minha! E a minha era a única disponível no continente *caralho*! — esbravejou me seguindo.

Fechei a porta do quarto, coloquei as chaves no bolso.

— Força guerreiro. — Ri, dramas de um playboy rico com complexo de homem-bomba. — Já pensou como vai explodir a igreja, amor?

— Mudei de ideia, vou sequestrar a Sam. Mostrar meu *pau* e pronto, vamos casar, *trepas* e ter lindos bebês. — Olhei incrédulo, ele não está falando sério, está?

Ow! Entramos no elevador.

— Síndrome de Estocolmo, já ouviu falar? — Gargalhei.

— Sam já me ama, então se ela já me ama, só precisa de um impulso. Logo essa coisa de se apaixonar pelo sequestrador não existe.

— Vai levar ela *pra* onde? — Ele pareceu pensar, cruzei meus braços e encostei no elevador.

— Para o meu apartamento, sei cozinhar, tranco tudo. Ficamos presos lá até ela aceitar casar comigo... Mostro meu *pau* e pronto.

— É você acha que seu *pau* é o suficiente? — *Porra*, ele apertou a calça e gargalhou.

— Já viu o tamanho da minha *giromba*? Minha mãe não fez um *pau*, fez o pincel de Da Vinci. E sempre foi mais grosso que o do

Gael.

— Porra, eu lá quero saber como é seu *pau*? — Ele gargalhou, e saímos do elevador, o carro amarelo dele parado na porta do hotel chama muito a atenção, o M ridículo que provavelmente é feito de ouro brilhou na parte da frente do capô. — Vou de moto.

— Vai um *caralho*. Entra aí. E sinta a pressão desse neném. — Olhei pra ele. — Samantha ameaçou mandar rebocar meu carro para o ferro-velho, cobra maldita!

Gargalhei. Entrei no carro dele, mal cabia nós dois dentro do carro baixo, *porra* minhas pernas ficaram dobradas. Meu joelho estalou.

— Isso foi você? — Neguei. — Você está com quantos anos? A coluna da mamãe que faz uns barulhos desse. — Gargalhei.

— Não *fode* que eu conto a ela. — Ri.

— Ela vai estar lá. — Ele se encolheu de forma ridícula e esfregou uma mão na outra, deu um pulinho estranho e ligou o carro.

O motor rugiu, ele manobrou o carro e ligou o som.

— Sério? — Olhei o nome música e encarei ele.

— Eu vi essa música nos Stories da Cardi B. — Ele me olhou. — CAI DE BOCA NO MEU BU... — antes que ele terminasse eu pulei a música. — Qual é seu *porra*, estragou todo o drama *caralho*.

— Você pode se concentrar no sinal, e não nos matar, eu acabei de ser pai. — Ri, ele revirou os olhos.

Se eu jogar ele da janela, ninguém vai dar falta desse imundo?

Saí do carro querendo voltar *pro* útero da minha mãe, *porra* de onde esse maldito tira tanto pique?

Tentei correr dos fotógrafos, mas Gustave me puxou e me abraçou. Os flashes quase me deixaram cego.

Quando entramos na galeria, a primeira coisa que o filho da mãe fez foi caçar Samantha.

— Eu vou socar a mão na cara daquele, seboso mequetrefe!

— Antes que ele fosse em direção a Samantha e seu noivo o puxei na direção contrária, localizei a loira e o armário ambulante do Gabriel.

— Vamos lá! Nossa mesa é lá. — Puxei ele, cumprimentei alguns funcionários e quando chegamos à mesa Josh, pai de Gael falou algo, e a loira rebateu sorrindo de forma sinistra.

— Ela não quer vê-lo nem pintado de ouro, Josh.

— Boa noite família. — Gustave se jogou em cima do pai, fazendo o velho empurrá-lo, e se apoiou na mesa.

— Falou no Diabo...

— Que veneno todo é esse cunhadinha buchudinha e lindinha? — Ele se endireitou e foi provocar a loira.

— Boa noite. — Cumprimentei, dando um beijo no rosto dela, e fui até a Suse fazendo o mesmo. Bati nas costas de Josh e ele apertou minha mão.

— Ei achei que você tinha voltado para o seu calabouço Dominic. — A loira tentou socar meu terno.

— Boa noite.... Bem-vindos ao BellaAnnie. Hoje, eu Gabriel Mitchell, iniciei uma nova vida, quando anos atrás quase desisti de lutar, algo me fez ficar, porque existe duas mulheres que precisam de mim. Hoje, pai e futuro homem casado, vejo o quão abençoado eu

sou. Há alguns meses, uma loira maluca disse que eu tinha talento, toda simples e amorosa ela me mostrou como a arte pode curar. Hoje, todos esses quadros são dedicados a uma única mulher.

Porra, meu coração até ficou quentinho. Que homem.

— É MINHA MAMÃE. — A pequena coisinha riu e pulou, balançando uma florzinha que ela segurava firme.

— Sim. É a mamãe. Essa mulher me deu dois filhos maravilhosos e hoje eu ainda vejo o mesmo brilho em seu olhar de quando ela viu um quadro meu pela primeira vez. Às vezes ela surte e quer me matar, ou me bater. Entretanto, é com ela que eu quero passar o resto dos meus dias, envelhecer juntos e pintar cada pé de galinha que aparecer nesse rosto lindo. Quero *te* amar todos os dias mais e ver você surtar quando eu esquecer a tolha em cima da cama, ou quando eu *te* irritar apenas *pra te* ver me olhar com o fogo do ódio e tentar me matar de amor. — Gargalhei, tossindo. — Eu te amo mulher maluca, e tudo isso aqui é seu, eu sou todo seu...

— Vai lá porque se você não for, eu vou abraçar aquele *merda*. — Levantei, *porra* se ela não quiser casar eu caso.

Gabriel, jamais falou da *vadia* da ex-namorada dessa forma, com essa força.

Eles deram um *puta* beijo de cinema, eu e Gustave levantamos e assobiamos puxando uma salva de palmas.

— Isso aí *caraio*. — Assobieie mais alto.

— Gostoso. — Gustave gritou e Suse bateu nele com a bolsa.

— Aproveitem a noite, senhoras e senhores.

— É disso que eu gosto — Gustave provocou.

— Cala a boca.

— Parabéns querido. Mamãe está orgulhosa de você.

Sentei, quando o garçom passou peguei uma taça de água suja mais conhecida como espumante.

— Senhor? Precisamos do senhor, dois compradores estão disputando o quadro Hereford.

— A mamãe resolve meu bem.

Comecei a olhar em volta, na galeria, o cara realmente pinta *pra caraio*, mesmo eu não entendendo o conceito de algumas pinturas que são só rabisco e tintas, mas *porra* os quadros da loira parecem reais. Muitos reais.

— Eu quero aquele quadro. — O quadro negro com auroras boreais, em tom de verde e vermelho chamou minha atenção. Onde eu vou enfiar? Não faço a mínima ideia, nem casa eu tenho, moro em um trailer na beira de um penhasco.

— Meio milhão de doletas, Domzinho. — arqueei a sobrancelhas, no mínimo esse fodido está medindo em uns dez por cento do valor, apenas pra ganhar um nas minhas costas.

— Tudo isso? — A mulher de Gael engasgou.

— Querida cunhada, irmandade... Irmandade, negócios à parte. — Bingo, *fodido* trambiqueiro.

Gael e a sua mulher levantaram, sorrindo um para o outro de forma amorosa.

— Cuidado com as cutucadas no meu sobrinho.

— Pelo amor de Deus, Gustave...

Antes que Gael pulasse no idiota, levante e bati nele, fazendo ele engasgar com a bolinha de queijo que ele enfiou na goela.

— Vamos circular idiota — chamei.

— Seu retardado. Meu cabelo. — Homem fresco da *porra*. — Cuidado com meu sobrinho.

Saímos em direção aos corredores da galeria. Olhei em direção a um quadro sem entender nada.

— Isso é um cachorro.

— É o catatau.

— *Porra*, por que diabos ele tem um corpo de cavalo? — Me aproximei da plaquinha que contém as informações do quadro. — Duzentos e cinquenta mil dólares? *Caraio*. — Respondi.

— Referências artísticas — falou esnobe como se soubesse.

— Nem você sabe, retardado. — Revirei os olhos. — *Porra*.

Avistei um quadro da loira e ela estava em pé, nua e de costas, coberta por um pano preto parecido com um véu muito delicado, sentada em um balanço que estava preso a uma árvore totalmente seca, morta.

— Por que não tem preço? — curioso perguntei.

— Coleção pessoal do Gael. — Gustave se encostou na parede e tremeu.

— O que foi?

— Sam está vindo pra cá. — Olhei na direção que ele falou, a mulher sorriu e balançou os cabelos negros.

Porra, que mulher bonita. Já havia visto fotos dela, no arquivo pessoal de Gustave, mas *porra* que mulher linda.

— Pare de olhar *pra* ela, *caralho*. — Fingi nem ouvir.

Linda, mas não é meu bombom.

Meu celular tocou.

Russo.

— Maldonado, está podendo falar?. — Olhei para o Gustavo até ter certeza que ele não socaria o miúdo que está ao lado da Sam. *Porra*, aquilo que é o namorado dela? Ele não deve pesar nem cinquenta quilos. Se o Gustavo der um tapa desmonta ele igual um monte de bosta mole.

— Podendo eu não tô Russo, mas desembucha. — Continuei olhando ao redor. — Para de tremer feito um cachorro molhado *caraio*.

— Ele *tá* beijando ela, e ela está deixando, Maldonado. — Passou uma garçonete ao nosso lado. Peguei uma garrafa de espumante e empurrei ele para longe dos dois, parei em frente a uma fonte horrorosa de gelo.

— Bebe. Pode falar russo. — Ivan riu do outro lado.

— *Porra*, eu ia ligar amanhã *caralho*, contudo, não conseguiria dormir em paz.

— Se for fofoca, vai se foder *Russo* — retruquei só para irritar. Ele rosnou.

— *Foda*, eu vou fazer churrasco do advogado do seu sogro.

— Advogado? — que *porra* eu fiz *pro* Salete *caraio*? Não, eu não fiz nada.

Eu tô pisando miúdo, merda.

— Você tem uma solicitação nada gentil, do advogado almofada de camelo, para comparecer em setenta e duas horas no laboratório de análises clínicas Vegas *LabWord*.

— Laboratório do que *porra*? — Olhei ao redor e vi Gustavo, que *merda*.

Ele vai bater no miúdo, *porra*.

— Dá isso aqui *caraio*. — Tomei a garrafa da mão dele, antes que ele jogasse no homem que nem percebeu a intenção dele. — Eu não estou entendendo nada *caraio*.

— A confeitadeira quer um exame de DNA. — Mas que *porra*? Ela ficou louca?

— De que *merda* você está falando, russo?

— O leãozinho está registrado no nome dela.

— Ela já registrou meu filho? — Meu olho deu um tremelique de raiva.

— Esperava o que *caralho*? *Porra*, Solange chegou. O papel diz que se você não comparecer em até 72 horas você abre mão do direito paterno. Eu não entendi direito *porra*. Só volte e resolva essa *merda*.

Ela pediu um exame de DNA? Mesmo sabendo que ele é meu filho?

— Você *tá* bem? — Gustave colocou a mão na minha testa.

— Saí seu *porra*. Meu peito *tá* doendo. — Virei a garrafa de espumante na boca.

— Eu me recuso a fazer esse maldito exame.

Nem *fodendo* eles vão enfiar uma agulha no meu filho.

Porra, essa mulher vai ser minha ruína.

— Dá mais uma moça. — Gustave puxou a garrafa da bandeja da moça. — Esse *fodido* vai precisar.

— Eu preciso de algo mais álcool — rosnei me apoiando na mesa.

— Gael, agora é homem de família. — Gustave puxou a garrafa da minha mão e virou. — Tem gasolina serve? Bebemos

metade e a outra metade eu coloco fogo no frajola da perna quebrada.

Fechei meus olhos.

Será uma noite longa.

Capítulo 34

"Advogado Do Diabo"

"A jornada de mil quilômetros começa com o primeiro passo."

O Rei Leão



DOMINIC

— Você tem um bebê, tio Dom? — A coisinha minúscula puxou minha barba, e colocou o docinho na boca enquanto andávamos pelos corredores da galeria.

Quando eu e o panaca do Gustave voltamos à mesa, ele simplesmente saiu andando... Disse que precisa esfriar a cabeça. Revirei os olhos, ele foi atrás da Samantha. Alguma ele tinha aprontado, até porque vi o miúdo sair, e se despedir das pessoas que estavam na mesa deles.

Via morena se levantar, e logo Gustave já disse que precisava esfriar a cabeça.

— Tenho, bem pequenininho. Cabe quase na palma da mão. — Puxei seu pequeno nariz, e ela riu.

— Eu pintei esse, *óh*. — Ela apontou para uma tela cheia de mãozinhas gordinhas. E uma tinta que parecia aquarela cor-de-rosa no fundo. Me aproximei e vi que não tem valor.

Coleção pessoal do Gael.

— Ficou muito lindo. Você fez sozinha?— perguntei.

— Papai passou a tinta no pano da tela e pintei com as mãos assim, *óh*. — Segurando o docinho ela esticou as mãos e abriu uma e a outra ficou fechada segurando o doce.

Porra, a Boo vai se apaixonar nessa coisinha loirinha.

Voltei com ela à mesa, e ela esticou os bracinhos e foi no colo da avó coçando os olhos. Ela deitou a cabecinha no ombro de Suse e suspirou.

— Eu... Não... Consigo respira... — Meu corpo entrou em alerta, me virei com tudo e amparei o corpo dela, sentindo algo molhar minhas pernas, ela cravou as unhas no meu braço e soltou um grito mudo... Sustentei o corpo dela com força e antes que eu pudesse firmar meus joelhos meu corpo acabou cedendo também, soltei meu peso para impedir que o corpo dela batesse no chão.

Ela começou a tremer violentamente e se debater em meu colo. Gael se jogou em cima de nós.

— SE AFASTEM *PORRA*, ELA ESTÁ TENDO UMA CONVULSÃO. — Levantei com ela em meu colo, Gael tentou avançar em cima de mim, mas Gustave o impediu, ele está transtornado.

— Ele só está ajudando, Gabriel. É o Dom *porra*! — Quando Gael pegou ela no colo ele se sujou todo de sangue.

Quando saímos pela porta dos fundos, Gael entrou no carro com ela no colo, desesperado.

— Vai dar tudo certo. — Pedi aos céus aos chegar ao hospital com Gustave.

Quando sentamos no chão ao lado do Gael. Meu peito doeu. Mesmo sujo de sangue, fiquei ali ao lado dele.

Olhei para os céus pedindo *pra porra* do Deus que a minha docinho acredita fazer alguma coisa. Já estamos há mais de meia hora sentados no chão, Gabriel no meio, eu de um lado e o panaca do Gustave de outro. Os Mitchell estavam sentados nas cadeiras à

nossa frente. Dona Susane com um terço na mão apoiada pelo marido que mantém os olhos fechados, assim como Gael.

O inferno da maldita sensação que senti há meses se fez presente. *Porra*, a mulher maluca não merece nada disso.

Ela até pode ser uma doida, mas é uma mãe incrivelmente maravilhosa, ela colocou uma coleira de ouro no bundão do meu amigo. *Merda*, esse cara tem o direito de ser feliz, desde que saímos do exército a vida *fodida* fez questão de *foder* com tudo.

Só sabíamos de uma coisa, que ela tinha entrado em eclâmpsia. A loira teve uma maldita convulsão enquanto vínhamos *pra* cá e sua bolsa rompeu, portanto, a médica precisou iniciar uma cesariana de emergência após estabilizar a gracinha que precisa sair dessa.

Não sabíamos quantas horas ficaríamos aqui.

Meu celular apitou, indicando uma mensagem do meu melhor amigo.

Visualizei uma foto do meu filho peladinho no peito do meu melhor amigo, ele é pequenininho e todo vermelhinho.

Senti meus olhos molharem, era pra ser eu ali, porém, perdi esse direito.

Ouvi um soluço baixo do meu amigo, com os olhos atentos no celular.

Já tinha perdido tudo, e não queria que Gael perdesse também.

Tenho certeza que ele voltará para casa, com a maluquinha e com seus filhos, já eu?

Não tenho mais nada, além do desprezo da única mulher que eu amei, e um filho que ela nunca vai me deixar sentir.

Porra nem que eu tenha que andar pelado na rua, mas ela vai me ouvir *caraio* mesmo que eu ainda nem saiba direito o que dizer.

Faz meia hora que Gael entrou pela porta da UTI Neonatal.

— Ele é lindo! *Porra!* — Quando Gael saiu correndo e pulando da sala, simplesmente pulei da cadeira e fui em sua direção. Abracei meu amigo, Gustave pegou ele pelos braços e eu pelas pernas.

— Sabia que ele não puxaria você irmãozinho — Gustave provocou Gael. Olhei para o Gael e ele sorriu com os olhos brilhando e cheios de lágrimas.

Essa é a sensação. Sensação que eu perdi.

— Idiota. — *Vá... Vá.. pra casa.* — Abracei meu amigo sentindo meus olhos arderem. — Seu filho precisa de você. — Engoli em seco. — *Vá pra casa* meu amigo, Bonnie precisa de você, mesmo que ela diga que não. Insista mesmo que ela queira *te* queimar vivo, não perca a chance de ver seu filho crescer. Quero ver sua cara só no dia do seu casamento, ou do meu... *Pra* quem não queria ser amarrado, estamos perdidos com essas mulheres.

— Você vai ficar bem, brother? — perguntei.

— Eu preciso ficar. Meus filhos e minha mulher precisam de mim.

— Me mande fotos do seu moleque brother. Eu volto assim que ela acordar.

Quando saí do hospital, tive uma única certeza, preciso da Boo e do meu filho.

Quando eu pousei em Vegas, no dia seguinte desci do avião correndo. Quando cheguei ao portão de desembarque, o russo e a

filha da encenqueira da Solange estavam esperando por mim, a menina dormia em seus braços de forma tranquila.

— Eu tenho quanto tempo antes do advogado do diabo *comer o meu rabo*? — perguntei ao chegar perto deles.

— Exatos doze minutos.

— *Porra*, não vai dar tempo de me arrumar *caraio*.

Saímos do aeroporto e o russo foi em direção ao carro dele. O Cadillac preto tem uma cadeirinha rosa que pode ser vista de longe.

— Onde você comprou? — questionei sentando no banco do carona, enquanto ele colocava a menininha em segurança na cadeirinha.

— Comprei em um site, quando comprei umas coisas para o leãozinho. — Ele deu de ombros entrando no carro.

— Você comprou o que para o meu filho? — Ele me olhou como se eu tivesse três cabeças.

— Roupas, brinquedos e uns negócios esquisitos que a Sol disse que criança usa quando é bebê. —

— *Hum*. — Abri minha mochila e tirei o pacotinho que eu comprei no aeroporto para o Leon.

— Vai ficar com cara de bunda por isso *caralho*? — Fingi que não me abalei. — Todos deram presentes ao Leon, só você que não percebeu. Os caras fizeram um mutirão e compraram fraldas para o seu filho, enquanto você estava *putinho*, acreditando no traficante de *merda*. — Me mantive mudo olhando para frente.

— Eu sei que eu errei *porra* — esbravejei.

— Sabe um *caralho*! Quanto tempo mais você vai demorar para perceber que está perdendo a vida do seu filho *porra*! Não faça

como eu, porque quando resolvi ser pai da minha filha ela foi levada de mim, embaixo dos meus olhos, na minha frente *porra!* — Ele socou o volante. — Você tem tudo *caralho* e está jogando fora! Não vou falar mais nada *porra*.

Quando ele parou o carro em frente ao prédio de Salazar senti um arrepio na espinha.

— Volto em meia hora.

Desci do carro segurando o pacotinho com força, coloquei a mochila nas costas. Olhei para os meus pés, a maldita bota está comendo meu pé.

— Tenho uma reunião com Andrews — informei, a moça da recepção pegou meu nome e imprimou um crachá. Colei na jaqueta e subi.

Vi no relógio que só tenho 2 minutos. Apertei o botão do elevador com força.

— Vai *caraio*. — Quando a porta se abriu praticamente corri até à sala que a moça indicou. Bati na porta e entrei ofegante, *porra*. Maldito cigarro. — Cheguei.

Quando entrei na sala parei na porta, feito uma estátua. Ela está aqui sentada de costas *pra* mim. Ela está usando uma jaqueta branca, vestido preto, tênis branco e com o cabelo todo cheio de tranças.

Porra nunca tinha visto o cabelo dela assim. Meus olhos foram para o enorme carro preto ao lado dela. Pude ver meu filho lutando com a coberta. O corpo dela ficou tenso.

— Entre Dominic. — A voz do Salazar chamou minha atenção, entrei na sala e fechei a porta.

Avistei um baixo ao lado do Salete.

Advogado do diabo, maldito. Ele me olhou de cima a baixo e fez cara de nojo.

Carrapato dos infernos, o maldito aracnídeo sugador ajeitou os óculos, e colocou uma pasta em cima da mesa.

— Oi — cumprimentei sentindo minhas mãos suarem. Limpei no jeans.

Puxei a cadeira e sentei de frente a ela. Quando ela me olhou um soco teria doído menos. Ela não me olhou com nojo ou desprezo, apenas decepção e tristeza.

— Olá! Maldonado. — A voz dela reverberou por todo meu corpo.

— Desculpe o atraso, acabei de chegar de viagem e... — Os olhos dela brilharam de curiosidade, mas ela desviou o olhar rapidamente. — Não tive tempo de ir em casa.

— Bom, vamos ao que interessa. Eu sou representante legal da senhorita Andrews.

Andrews? Que *porra* é essa?

Olhei para o Salete e o maldito me olhou orgulhoso e vitorioso.

— Como fui informado... A paternidade do filho da minha cliente foi questionada, pelo que vejo após reunir toda a documentação necessária, você é o único que foi chamado para realizar a coleta de material.

— Claro, o filho é meu *caraio*. — Olhei diretamente em direção a Boo, ela pareceu querer dizer algo, mas simplesmente riu e balançou a cabeça. Salete colocou a mão no ombro dela.

— Bom, mas pelo que fui informado isso não ficou claro desde que a gravidez da minha cliente foi descoberta.

— Posso falar com você a sós com a senhorita Portman — alfinetei Salete, que revirou os olhos.

— Não há nada que não posso ser dito diante do meu pai e do senhor Fritz — disse em um tom quase inaudível que eu quase não ouvi.

— Você não vai enfiar uma agulha no meu filho — rosnei para o maldito frizz. Frizz de cabelo. Seboso.

— Não fui eu quem duvidou da paternidade dele, senhor Maldonado. Apenas estou aqui para a segurar que meus clientes tenham todos os direitos garantidos. — Eu vou socar essa palha de aço. O homem de branco está ficando roxo, igual a uma beringela podre. Exploda maldito!

— Bonnie — chamei e ela me olhou. — Podemos falar a sós? Por favor.

Quase implorei. Quase. Certo, praticamente supliquei.

— O que você quer falar de tão importante?

Perdi a *porra* da paciência.

— Maldonado.

— Dominic. — *Porra* eu me derreto todo quando ela me chama de Dominic!

— Senhor mantenha os modos.

Abaixei a minha calça e descii a cueca virando de costas.

— Ele é meu filho, *caraio*. Está vendo isso aqui? — Apontei para a pinta na minha bunda e olhei por cima do ombro para eles. — Ele tem uma igualzinha *caraio*! Você viu Bonnie. Sabe da pinta, ele é meu filho.

— Vista essa maldita calça *caralho*. — Ergui minha calça e me virei, Boo me está com os olhos arregalados.

O advogado estava se abanando? Que *porra* é essa? Esse fiofó já tem dona seu urubu sem pena! Fritz? Quem diabos se chama frizz de cabelo?

— Agora você pode falar a sós comigo, ou eu vou ter que tirar a roupa e mostrar que ele tem as mesmas pintas que eu no corpo?

BONNIE

Quero esganar Dominic. Mesmo querendo saber onde ele tinha ido me fiz de sonsa fiquei quieta. Até ver a bunda dele. Meu Deus. Ele não tinha aqueles músculos desde a última vez que o vi. Não tinha. Ele está tão grande que a camisa preta que ele vestiu está colada em seu corpo. A calça jeans surrada parecia que vai rasgar.

Ele revezava os olhares entre mim e o carrinho do Leon. Ignorando o advogado e meu pai. Meu pai. Engoli em seco ontem quando aceitei ter o nome dele, como se fosse a coisa mais fácil do mundo tirou uma pasta com novos documentos, todos com seu nome. Ele me disse que estavam prontos há um tempo, esperando só o momento para me convencer.

— Você está bem? — Assim que ficamos sós ele se levantou e veio, até o carrinho de Leon sem ao menos pedir.

Ele olhou para minhas mãos sem as faixas, finalmente criei coragem para sair sem elas, se eu fiquei assim tenho que ter orgulho dela.. Elas são a prova que eu estou viva e que consegui salvar meu filho.

— É para ele. — Ele me estendeu um pacote. Peguei sem jeito, mas ele pegou da minha mão. — Eu sou um idiota. Eu abro.

Ele abriu o pacotinho, e tirou de lá um paninho que na ponta tem um leãozinho de pelúcia.

— O...obrigada...a. — Ele abaixou na altura do carrinho.

— Ele vai ter meu nome — afirmou.

— Não antes você ter um DNA — retruquei.

— Eu não preciso da *porra* de um DNA — rosnou. —

Qualquer idiota pode ver que ele é meu filho, Boo.

— E se ele não fosse loiro igual a você? Não tivesse seus olhos e suas pintas. E se fosse negro, igual a mim. — Olhei para ele.

— Seria meu filho do mesmo jeito, *porra*. — Ele levantou. — Eu sei que não estive com outro.

— Sabe? — Ri. — Claro, Taylor deve ter dito que não me *fodeu* e você acreditou.

— Boo...

— Você preferiu acreditar nele! Ao invés de me dar o direito da dúvida e vir falar comigo! Você poderia ter vindo! Mas não veio. Eu quase morri, porque você simplesmente resolveu me colocar no meio da sua guerra ridícula! Enquanto eu queimava feito churrasco você *fodia* uma maldita *vadia*! — Falei baixo e ritmado. Mesmo assim Leon se mexeu em seu sono.

— Bombom...

— Bonnie, meu nome é Bonnie. Use-o quando for falar comigo.

— Eu sinto muito. — Tentou me tocar, mas eu me afastei.

— *Oh* claro! Você só sente muito porque foi pego! Porque Leon nasceu igual a você!

— Não... Eu não...

— Não? Meu filho já tem quase dois meses de vida e você só o viu porque invadiu meu quarto da forma mais suja que podia. — Meu corpo tremeu.

Não esse palhaço, não vai fazer graça!

— Você pode ao menos me ouvir?

— E você, Maldonado? Me ouviu? Por que eu devo fazer isso agora? Você nunca percebeu, não é? — criei coragem. — Enquanto você *fodia* suas vadias sujas, me entreguei a você de corpo e alma! Eu *te* dei minha virgindade em um sofá! Nunca esperei flores! Você nem colocou em pauta o fato que entreguei a você minha virgindade.

Dominic ficou pálido e deu um passo para trás. Ele se curvou e se apoiou na cadeira como se levasse um soco.

— *Oh!* Claro, você achou que eu havia dado para todos da cidade depois de você, não é? — Ri amarga. — Se enganou, entreguei minha virgindade a você! Entreguei tudo que me restava! Entretanto Leon não! Leon é meu filho! E se você quiser vê-lo no máximo uma vez por semana, esteja amanhã no laboratório.

Peguei minha bolsa, mesmo sentindo minha mão doer manobrei o carrinho de Leon e abri a porta.

— Docinho... — Escutei ele falar, com a voz de choro. Foda-se eu também chorei por você seu miserável.

— Está tudo resolvido papai. — Falei assim que saí. — Se ele quiser que esteja amanhã lá no laboratório.

— Bonnie. — Ouvi ele me chamar e olhei, droga! Ele realmente está chorando.

Certo, eu não queria, mas senti pena. Porém, a pena passou em dois segundos. Encarei ele novamente me sentindo agoniada

com seu olhar, meu coração doeu. Fechei meus olhos, me sentindo uma idiota. Por ainda amar e sentir pena dele.

DOMINIC

Eu havia perdido tudo, não há mais nada em que eu possa me agarrar, Boo terminou de tirar tudo que eu tinha. Virgem, a maldita palavrinha me doeu a alma. Realmente não havia notado que ela era virgem. Ela merecia flores, a melhor cama que o dinheiro pode comprar, chocolates e velas. Não *porra*. Sem fogo. Sem fogo.

Luz de Led? *Porra*, nada de bordel *caraio*. Escuro? Meia luz? Inferno. Ela me merece por inteiro não um maldito animal com medo do escuro. Porém, ela não quer o maldito animal e nem o resto podre que eu sou.

Boo permitiu que eu fizesse parte da vida de Leon, uma vez por semana? Somente na cabecinha dela. Ela vai ter que me aturar por vinte quatro horas por dia. Serei presente na vida do meu filho, nem que para isso eu precise convencê-la a morar comigo.

A voz do meu amigo me tirou dos pensamentos. Rapidamente empurrei a portinha do cachorro.

— Vai logo, *caralho*. — Enfiei minha cabeça na portinha da cozinha. Lin chutou meu pé.

— Ela está dormindo, *porra*. — Estalei os dedos e Glórinha deu uma gemida.

— Balança o bife, *porra*. — Balancei o bife e chamei. — Vai logo, antes que os seguranças percebam que estamos aqui e descarreguem as armas.

Chamei a e ela abriu os olhos. Quando ela me viu toda atrapalha correu em minha direção.

— Isso é sequestro, *porra*. — Peguei Glórinha no colo e coloquei ela dentro do meu casaco.

Olhei a janela do quarto da Boo, sentindo meu coração disparar, havia uma pequena meia luz. Provavelmente a do abajur.

— Não é não. Glórinha também é minha filha. Vamos praticar a guarda compartilhada. — Dei de ombros seguindo Lin em direção às árvores.

— Mas você precisa comunicar a mãe antes não acha? — Ele riu. Quando saímos na rua de trás, ele apoiou a mão nos joelhos e riu. — Qualquer dia desses vamos morrer.

— Obrigado — agradei indo em direção ao meu carro, ele foi até o dele e acenou. — Vamos pra casa princesa.

Quando saí do covil do morcego mais conhecido como Salete meu sogro, liguei para a prefeita e pedi um pequeno favor, estava tremendo e senti minhas tripas em festa. Em apenas uma única tarde visitei sete casas.

O corretor, me ajudou. E *porra*, como eu queria negar, mas a maldita casa é perfeita. Dentro de um condomínio fechado em Vegas. A casa é pequena em comparação as outras mansões, no entanto, ela é afastada, e mesmo com uma cerca branca ridícula na frente o enorme quintal da propriedade é cercado por uma impenetrável cerca-viva. O quintal equivale a um estádio e meio futebol.

Engoli em seco quando parei em frente à casa.

— Sua mãe vai me comer, sem direito a suco de maracujá para acalmar os nervos. — Ela deu um latido.

Não faz a mínima diferença o fato de a casa já ser mobiliada. Talvez meu bombom vá querer mudar tudo, mas isso é somente

quando ela e meu filho estiverem aqui. Amanhã o decorador que a assessora da prefeita indicou, virá para planejar o quarto de Leon, o tema será festa no céu. Já que Deus me deu um anjo, nada mais justo.

Soltei Glórinha no chão. Ela cheirou o chão e deu um pulo.

Agora já tenho uma casa, só preciso da minha família. Peguei o caderninho que deixei em cima da mesinha assim que saí de casa. Antes de mostrar a casa *pra* Glórinha eu preciso fazer algo.

LISTA PARA A BOMBOM ME PERDOAR

1. Comprar uma casa (não que isso vá funcionar.)
2. Contar a verdade
- 2.1 Chocolates todos os dias.
3. Pedir perdão.
4. Implorar.
5. Reconstruir o La Carmen.
6. Chocolate todos os dias

Rabisquei a última nota. Ela vai ficar com diabetes seu idiota. Será que ela gosta de flores ainda? Que tal girassol? Posso escrever um bilhete.

Joguei o caderninho no sofá, e levantei.

— Vamos conhecer sua nova casa, Glórinha.

Engoli em seco. Eu roubei a nossa cadela. Ok.

Voltei para o caderninho.

7. Pedir perdão por ter sequestrado/roubado a Glórinha biscatinha.

Ansioso fui até à cozinha com a Glórinha. Meu peito parece que vai sair pela boca. Esfreguei uma mão na outra e dei um pulo balançando a cabeça.

Não consegui dormir à noite. *Porra* eu não posso beber, vai que o álcool atrapalha o exame, não quero que o Leon seja furado de novo

Quando levantei da cama às seis da manhã, fui direto à academia no porão da casa, corri por duas horas na esteira depois me joguei no chão e respirei fundo.

Senti Glórinha lambendo meu rosto. A uma hora dessa, meu bombom já deve ter dado falta da meliante que está tentando alcançar a corda.

— Você está muito gorda — reclamei. E ela latiu.

Saí do porão com Glórinha no colo, coloquei ela no chão e ela foi direto para a tigela de água. Lavei minhas mãos na pia, abri a geladeira e peguei uma garrafa de água, não tem nada pra comer. Meu estômago roncou de fome. Olhei no relógio e já são quase oito e meia da manhã.

Subi até o quarto de hóspedes, aonde vou dormir caso tudo ocorra como planejado, meu bombom virá morar comigo e vou permanecer aqui até ela me convidar para dormir com ela, no nosso quarto.

Esfreguei meu rabo o sovaco, para ter certeza que não vou estar sujo quando chegar lá. Hoje pretendo pegar Leon no colo. Paranoia? No entanto, *pra* mim, faz todo sentido.

Quando saí do banheiro, me sequei e peguei a bolsa jogada no chão. Peguei minha cueca, a camisa social e a calça jeans nova, me arrumei todo e depois calcei meu tênis.

Tirei o perfume da caixa e espirei pelo corpo todo. Nove e meia da manhã.

Antes de sair de casa me certifiquei de verificar o clube. Tudo certo.

— Russo? — chamei ele no telefone.

— O que manda? — resmungou.

— Quero você e o Chaminé na fronteira, em duas horas, uma carga de cubanos vão passar pela alfândega, vocês estarão lá para fazer a troca. Chaminé sabe como fazer a troca. Mande Carniça ao encontro do Matarazzo, ele tem informações para Gabriel Mitchell. E ele sabe o que deve dar ao Matarazzo. Espero que Corvo tenha feito o que eu pedi.

— Ele vai comer o rabo do maldito espaguete? — Gargalhei fechando a porta.

— O italiano prefere a Raio de Sol, russo. Russo? Ivan? — Ele desligou. O maldito desligou na minha cara.

Abri a garagem e subi na minha moto, coloquei o capacete e saí em direção a minha guilhotina.

— Está atrasado cinco minutos Dominic — Salete resmungou ao me ver passar pela porta. Eu passei na padaria, seu *porra*.

Ele segurava meu filho nos braços, enquanto meu bombom, olhava algo na bolsa azul.

— Olá! Bombom — cumprimentei ela.

Quando ela me olhou, pela primeira vez vi raiva nos olhos dela.

— Oi — respondeu e levantou. Quando ela ficou de frente para mim, meu coração falhou uma batida. Linda *pra caraio*.

Muito linda. As tranças dela estão presas no topo da cabeça. Nunca tinha vista ela usar tranças, apenas abuelita.

Ela está vestida com uma calça preta, duas vezes maior que ela, camiseta colada no corpo deixando os seios em evidência em um lindo decote e uma jaqueta jeans surrada. A cicatrização das mãos parece um pouco melhor, e quando ela percebeu o meu olhar ela sutilmente escondeu as mãos nos bolsos da calça.

Fui em direção ao meu filho que resmungou e fez um barulho fofo com a boquinha, fazendo com que bolhas de saliva se formassem.

Coisinha linda.

— Posso? — pedi ao meu bombom. Ela afirmou.

— Ei garotinho. — Peguei ele de Salete com cuidado. — Onde está o advogado do diabo? — perguntei sem olhar *pra* ele.

— Você deve saber não deve? — Salete falou baixo, virei o rosto para o lado e dei uma tossida.

Leon é tão miudinho que tem o tamanho do meu antebraço. Ele me olhou fazendo um bico enorme e reclamou.

— Oi filho. — Senti meu coração disparar, meus olhos arderam.

Ele resmungou alto.

A moça da recepção chamou o nome de Leon e meu coração se apertou.

— Vai doer? — questionei receoso.

— Tem medo de agulha, Maldonado? — Salete riu, olhei para a Boo e vi ela me olhar de soslaio, uma preocupação brilhou em seus olhos.

Ela se preocupa comigo. Ela se preocupa comigo.

— Eu não. Meu filho — disse preocupado.

Meu bombom veio em minha direção e pegou ele do meu colo com todo cuidado do mundo.

— Com licença.

— Toda, meu amor. — Vi o pescoço dela se arrepiar.

Saete limpou a garganta e nos olhou.

Eu vou pegar você de jeito, coisinha tesuda.

Olhei eles passando o cotonete na boca do meu filho, e aquilo me deu uma *puta* aflição. Ele não gostou nenhum pouco e deu um grunhido alto.

Quando foi minha vez eu abri a boca e olhei em direção a Boo, revirando os olhos. Ela arqueou a sobrancelhas.

— Is...so de...emora qu...a..to tempo? — especulei.

— Uma semana no máximo, senhor. — Meu celular tocou, ignorei.

Depois de sair do laboratório, Salazar se mancou e entrou no carro à espera do meu bombom.

— Quero a Glórinha de volta — ela rosnou sexy *pra* mim.

— Eu não sei do que está falando. — Coloquei a mão no bolso da calça.

— Não? Você roubou a minha Glórinha. — Apontou o dedo em minha direção

— Nossa Glórinha — corrigi.

— Você é um pilantra cretino sem vergonha! — vociferou.

— E você uma coisinha tesuda e muito gostosa. Aí Boo? — Meu rosto virou com a força do tapa que ela me deu. Os olhos dela se arregalaram e ela balançou a mão freneticamente, ela fechou os olhos com força. — Me desculpe, você se machucou.

Antes mesmo que ela permitisse, peguei a mão dela, a pele está toda cicatrizada, mas ainda bem ferida, os dedos estão queimados. Virei a palma da mão dela e engoli em seco, seus dedos não têm mais digitais. Levei a mão dela até meus lábios e beijei a palma.

— Eu sinto muito — sussurrei soltando a mão dela. Ela se arrepiou.

— Eu também. — Ela disse desviando o olhar, evasiva.

— Quer mesmo Glórinha de volta? — Boo me olhou de volta.

— Claro que sim — ela pediu.

— Se você levar Leon até à minha casa, eu devolvo Glórinha.

— Ela riu e o riso chegou aos olhos.

— Você é uma criança, se queria que Leon conhecesse a sua casa era só ter pedido, não precisava ter sequestrado a minha cachorra. — Engoli em seco.

— Nossa casa. — .Nossa cachorra. — Posso *te* pegar às oito? — Ela me olhou em hesitação.

— Que fique claro que isso é por você e pelo Leon. Ele precisa de um pai, mesmo que seja você. — O tapa em meu rosto doeu menos..

— C...certo — falei baixo. Meu celular tocou. — Com licença, Bonnie. Fala russo.

— A minhoca acordou e está doidona.

— O Cobra acordou? — perguntei exasperado e meu bombom arregalou os olhos.

— Sim, e não lembra de ninguém além de você.

Putá merda.

— Eu estou indo para o hospital.

— Ele está bem? — Foi a primeira coisa que ela perguntou quando desliguei o celular.

— Temos alguns imprevistos, mas tudo dentro do normal. Eu acho. — Eu ri, passando a mão no cabelo.

Meu amigo acordou. *Porra*, caraio. Meu amigo acordou.

— Eu ire...

— Melhor não, docinho. — Ela me olhou triste. — Assim que ele puder receber visitas eu *te* ligo?

— Eu não tenho mais celular — informou desviando o olhar. Burro. Burro.

— Eu dou um jeito, certo? — Sem ela esperar eu me aproximei e beijei seu rosto. Ela me olhou surpresa.

— Com... combinado.

Quando cheguei ao hospital, minhas mãos suavam. Meu amigo está de volta.

Subi até o em um pulo. Nem vi como coleí a fita de identificação na camiseta.

Abri a porta, ansioso.

— Vamos *pro* mato, paixão? — que *porra* é essa?

— Mas que *caraio* Michael. Você está com a bunda de fora, *caraio*.

Avistei Cobra prendendo Vallen contra a parede, e o maldito está só com a bata do hospital aberta, mostrando a *porra* da bunda. Quando ele ouviu minha voz, ele simplesmente se afastou do namorado e se virou.

— Chefe? — Ele falou alto?

Mas que *porra*?

— E... eu preciso de um café? — Ele está suando?

Vallen saiu do quarto correndo.

— Oi chefe? — Ele riu?

Que *porra* está acontecendo aqui?

— Você estava quase transando com seu namorado, aqui?

Seu safado! — Ri me aproximando dele. Ele ficou pálido.

— Ele é meu namorado?

Caralho de merda! Ele perdeu a memória!

Capítulo 35

"Lagostão."

"Quando algo é muito difícil... Sempre há outra maneira."

Procurando Dory



BONNIE

Quando entrei em casa a primeira coisa que fiz foi respirar fundo, assim que passei pela porta abuela me encheu de perguntas.

— Como foi querida? Me diga! Me diga. — Ri.

— Ele simplesmente agiu totalmente o contrário do que imaginei — admiti. Abuela pegou Leon no colo e ele ficou todo agitado.

Sentei ao lado dela no sofá, e apoiei minha cabeça em seu ombro e peguei o pezinho de Leon.

— Querida... Você ainda o ama! — Ela afirmou, engoli em seco. — Inferno, eu também amo aquele menino.

Olhei pra ela sem entender.

— Eu o culpei querida. Falei coisas que agora me arrependo. Ele errou, *porra* ele *cagou na merda* toda, mas o culpei por erros que ele não cometeu. — Ela suspirou. — Talvez se tivesse dado uma chance. Falei como se ele fosse o culpado pelo incêndio e...

Abuelita respirou fundo.

Hoje quando Dominic pegou Leon no colo, todo o ódio que senti quando não achei Glórinha pela manhã foi pelo ralo. Eu sabia que o cretino tinha roubado ela.

Não posso afastá-lo de Leon, *oh* Deus, eu não posso ser uma maldita egoísta, senti na pele a dor de não ter um pai presente e

uma mãe totalmente ausente. Seria uma grande *filha da puta* se fizesse meu bebê passar por isso.

Engoli em seco, Dominic ter negado Leon me deixou sem chão, mas não consigo odiá-lo, mesmo tentando, o sorriso e a forma faceira e despreocupada dele faz meu peito vibrar.

— Ele quer que Leon conheça a casa dele — comentei suspirando.

— E você?

— Eu não posso tirar isso deles abuelita, eu não consigo, não posso e nunca vou ter esse direito. — Me afastei sorrindo maldosa.

— O que você está aprontando? — Ela riu.

— Eu nada. Cierra e Marry decidiram que vamos ter uma noite de garotas — comuniquei e ri.

— E quem irá levar Leon?— abuelita me olhou entendendo toda minha ideia.

— Eu o amo abuelita, mas não é roubando a nossa cachorra que ele conseguirá meu perdão, se ele pedisse ao menos desculpas, no entanto, já que ele prefere o caminho mais difícil só irei acrescentar umas curvas no caminho e alguns barrancos. — Pisquei me levantando.

— *Usted* o quê? — Sol riu e empurrou o carrinho de mercado pelo corredor, depois de almoçarmos, eu e o Leon chamamos Sol para nos ajudar com as compras da "Noite das Meninas". Abuelita ficou os petiscos para noite, quando saí ela já estava fazendo.

Marry ficou eufórica no telefone quando eu disse que vamos todas dormir juntas, falar de garotos e comer besteiras. Judie estava no tribunal em Vegas, mas disse que trará o vinho e mais colchões.

— Eles vão se matar. — Mordi os lábios e peguei um pacote de bombons. — *Yo no imaginei* que *usted* pudesse ser vingativa.

— Não é vingança, ele deixou claro que queria que Leon conhecesse a sua casa. — Pisquei.

— Você é terrível. — Ela riu e balançou a bunda. — Rosita convenceu Ivan a levar ela para o abrigo, vão adotar um gato. Ivan é alérgico. — Sol gargalhou. — Quero que ele fique sem nariz de tanto espirrar, russo teimoso e mandão.

— E você está caidinha pelo russo — provoquei colocando algumas barras de chocolate dentro do carrinho — e pelo pa... *Oh* Desculpe.

Me virei com força batendo em alguém.

— Droga, me desculpe... Doutor? — Olhei para ele que sorriu ao me ver, vi em suas mãos uma garrafa de Coca-Cola e alguns pacotes de salgadinho.

— Olá! Paciente fujona. — Meu rosto queimou, engoli em seco. Certo, eu não fui nas últimas duas consultas, não preciso que ele me indique um psicólogo.

— E... Foi bom *te* ver doutor. — Encarei ele e antes que falasse algo, saí andando sendo seguida pela Sol, Leon se mexeu no bebê-conforto do carrinho.

— O que foi isso? — Sol perguntou quando paramos em frente ao freezer de sorvetes.

— Não sei, não confio nele — confessei baixinho. — A insistência dele em querer que eu converse com o psicólogo que ele indicou beirou o antiético.

Peguei os potes de sorvete.

— No sei, mas ele não me pareceu preocupado com a seu bem-estar. — Concordei, ele mudou de uma hora para outra, o olhar que ele me deu quando acordei não existia mais só ficou algo estranho e desconfortável sobre ele.

Depois de comprarmos tudo, saímos do mercado, o segurança estava parado ao lado de fora com cara de paisagem.

— Ei. — Chamei, ele apenas se moveu sem alterar a expressão. Rapidamente colocou as comprar no porta-malas do meu carro.

Eu e Sol entramos atrás com Leon, e ele assumiu o volante sem dizer nada.

Meus pensamentos foram até o Cobra , Vallen havia me ligado, ele não se lembra de nada, nem de mim. E muito menos que quase morreu para me salvar.

— Cobra vai ficar bem. — Sol pareceu adivinhar meus pensamentos. — Se você quiser, podemos ir visitá-lo amanhã.

— Eu sinto falta da sombra silenciosa dele. E talvez ele nunca se lembre de nós novamente. Segundo Vallen o médico disse que a perda da memória está ligado ao fato de o cérebro estar bloqueando o evento traumático, porém, o cérebro acabou se desligando de tudo que possa lembrar o trauma — expliquei me sentindo derrotada.

— Ele vai se lembrar. Tenho fé em *Dios*...

Olhei para ela concordando e segurei a mãozinha dele, sentindo o calor do meu Leon.

— Senhoritas? — A voz do segurança chamou minha atenção, ele abaixou os óculos escuros, nos olhou. — Coloquem os cintos, preciso fazer uma ligação.

Olhei para trás e havia um carro preto vindo em nossa direção. Meu corpo todo entrou em alerta.

Eu fiz o que ele pediu e Sol fez o mesmo, ela me deu a mão e segurei o bebê-conforto de Leon, fechando meus olhos.

— Eu ouvi o carro acelerar e meu coração ir junto.

— Durango vermelho, *porra!* Não! Não tem! — Meu corpo tremeu de cima a baixo.

— Esse barulho, foi tiro? — Sol perguntou, fechei meus olhos com mais força ainda. Abaixei conta o bebê-conforto, meu corpo tremeu e uma náusea veio forte. Engoli a vontade de chorar.

— Por favor. — Pedi.

— Fiquem abaixadas, senhoritas. — Ele falou entredentes e acelerou mais.

O carro deu uma freada brusca.

Engoli em seco.

— Abram os olhos, senhoritas. — Abri meus olhos e me levantei com cuidado.

— O que foi isso? — Sol perguntou trêmula.

Engoli em seco, meu corpo todo tremia, Leon dormia tranquilo, como se nada fosse capaz de incomodar seu sono.

— Alguém tentando nos matar.

DOMINIC

Esfreguei a mãos m meu rosto e olhei a minhoca perdida na minha frente.

Que *porra* eu tinha que abrir a boca *caraio?*

— Esqueci cinco anos da minha vida. — Cobra declarou e puxou os cabelos. — Minha cabeça dói.

Apertei o botão da enfermagem e um segundo depois uma enfermeira entrou e apagou a minhoca.

— Ele vai ficar bem, moça? — perguntei preocupado.

— Tudo depende dele senhor. Apenas dele, o cérebro do ser humano é algo complexo, mesmo que seja estudado, nos prega algumas peças —ela falou e saiu me deixando sozinho com a minhoca.

Me aproximei da cama dele e apertei sua mão.

— Vamos consertar isso, *porra* você precisa casar com o Vallen *porra*. Boo precisa entrar na igreja, nem que seja para ser madrinha de vocês, comigo claro.

Saí do hospital me sentindo uma banana podre. Quando cheguei em casa a primeira coisa que eu fiz, foi verificar o andamento do quarto do Leon, os móveis já estão ali todos empacotados.

Tirei a roupa e depois de uma ducha rápida, estou com meu notebook aberto na cozinha só de cueca e avental.

— E aí Siri...

"Como fazer espaguete com frutos do mar "

A barra de resultados abriu e coloquei no YouTube, fiz tudo que a moça do vídeo mandou.

— Você não pode experimentar, biscoitinho. — Provei. Olhei no relógio, já são quase seis da tarde, assisti um vídeo de vinte minutos por mais sete vezes, o que *caraio* é marinar a lagosta no azeite e no cominho? O que diabos é chimichurri?

Certo, três dentes de alho picados em cubinhos, uma cebola em rodela iguais.

Por que *caraio* eu estou chorando?

— *Porra*. — Bati a faca no meu dedo com tanta força que quase caguei a *porra* do jantar sem ter comido a *porra* do lagostão.

Qual é a diferença entre lagostão e lagostim?

— O que diabos é lagostim, mulher? — Chupei meu dedo, sentindo o gosto do ferro na boca. — Você tá a um passo do canibalismo sua horrorosa? Que cozinhar no vapor o quê!

Joguei o lagostão na água quente.

— Você vai *cozinhar* até derreter, bactéria com bigode! — Mexi o maldito lagostão com a colher de pau.

— Que cheiro é esse? — Olhei em direção a minha porta e Lin está parado segurando Glórinha no colo.

— Há quanto tempo está aí? — perguntei puto.

— Tempo o suficiente para ver você cortar o dedo e colocar uma lagosta pelos bigodes dentro da panela. — Olhei *pro* maldito lagostão e fiz cara de nojo.

— *Foda-se!* Vou pedir pizza. — Desliguei o fogo.

Saí da cozinha *puto* da vida.

— Ela falou que levaria vinte minutos, mas estou há mais de quatro horas tentando marinar a maldita bactéria do mar.

— Lagosta? — Subi até o meu quarto.

— Vai ou não cortar meu cabelo? — questionei nervoso.

— Sente aqui minha obra de arte. — Sentei na cama e ele abriu a mochila. — Você vai ficar *pauzudo*.

Revirei os olhos. Aos poucos vi o cabelo caindo e o chão ficando cheio de cabelo.

— Vamos para esse rostinho de cafetão sem *puta*. — Ele ergueu meu rosto na maior intimidade e aparou minha barba. — Desperdício.

— Por quê? Acha que ela não vai gostar? — Me olhei no espelho. Ele gargalhou.

— Me ligue se sair vivo dessa.

Ajeitando o terno, apertei a campainha e virei de costas.

Segurei o buquê de rosas junto ao corpo e me virei quando a porta abriu.

— Estamos prontos. — Mas que *porra* é essa? — Nunca ganhei flores.

— Salete?

— Adorei o corte novo, seu carro tem cadeirinha? Leon não pode ir sem proteção e o carro da Boo teve alguns problemas técnicos que você vai precisar resolver.

— Que eu vou precisar resolver? — Olhei confuso. — Cadê a Boo? — Tentei espiar, mas ele só puxou a porta.

— Pegue a bolsa de Leon e essa sacola térmica com o leite congelado da minha bebê. — Peguei a bolsa sem saber o que fazer.

Lincoln maldito sabia! Vi quando o carro da Judie parou na frente da casa, com alguns colchonetes em cima.

— Ei Salazar. — Judie jogou um beijo. — Vai jantar fora?

— É sempre bom fazer um programa diferente com o neto. — O maldito debochou da minha cara.

Olhei *pra* trás e vi ela na janela, a maldita usando um minúsculo baby-doll de renda.

Você me paga sua coisinha.

Fitei o Salete! Esse maldito vai comer a *porra* do lagostão.

Ah se vai.

Segurando meu filho que dormia, entrei em casa. Abri a porta e Glórinha correu em minha direção, como se reconhecesse o

irmão.

— O que temos para o jantar? — O maldito ironizou.

— Lagostão.

— Lagosta? Adoro frutos do mar! Quem fez? — O *filha da puta* sentou no meu sofá como se fosse dono da casa.

— Eu, está uma delícia. — Sorri, maldito eu vou te matar. Vou te bater com o maldito lagostão! *Filho da puta*, seboso.

Coloquei Leon no bercinho que mandei colocar ao lado do sofá.

— Por quê? — perguntei já impaciente.

— Você queria que Leon conhecesse sua casa, e meu bebê precisa de um tempo pra ela. — Deu de ombros se levantou e foi até à porta, ele abriu e acendeu um cigarro, mas não trago a fumaça. — Aceita?

— Não fumo mais — rosnei. — Apague essa *porra*, e fume longe do meu filho.

Ele gargalhou e me olhou.

— Eu não fumo, desde que Marry nasceu. — Dei de ombros. — Só queria saber se é verdade que tinha parado, ponto pra você

Se eu matar esse maldito, meu bombom vai sentir falta dele?

— *Foda-se* seus pontos, vamos comer o lagostão. — Fui em direção à cozinha empurrando o bercinho do meu filho, com as duas mãos apoiei na beiradinha e empurrei.

— Você é ridículo, Maldonado. — Ele riu. Corri até à sala e peguei a bolsa de Leon. — Ele vai mamar agora prov...

— Eu sei Salete.

Peguei uma panela e coloquei água, peguei uma tigela de vidro e abri a bolsa tirando o potinho descartável.

— O quê? Achou que eu não sei como tratar do meu próprio filho?

— Achei.

— *Vá se foder*, Salete! — Esquentei o leite em banho-maria como recomendado no livro que Gael me indicou. Certo, até então eu não sabia para que *porra* me seria útil um PDF cheio de imagens estranhas, mas foi. — Só não sei como...

— Esquente o leite e o resto eu faço. Me sirva o jantar, meu genro amado.

Meu *pau no seu rabo*! Seu mequetrefe dos infernos! Homem maldito, o *porra* não fica velho nunca.

— Fez Botox Salete? — provoquei.

— Eu tenho algo chamado melanina, seu inútil. — Ele pegou meu filho, que abriu apenas um olho e pegou a mamadeira dele e sugou com força. — Ela não *te* odeia.

— Eu sei — comentei murcho.

— No entanto, eu sim.

— Grande *merda*, entre na fila Salete.

Abri a panela com o lagostão e tirei o bicho pelo bigode da panela. Sem que ele visse.

— O carro da minha filha foi alvejado hoje, se você não tivesse blindado, Maldonado, não estaríamos aqui agora.

Me virei de súbito, segurando o lagostão pelo bigode.

— Que *merda* do *caraio* você falou?

— Eu *te* agradeço por ter blindado o carro da minha filha, sem ela saber.

— *Porra*, você disse que alvejaram o carro na maior tranquilidade do mundo, seu *fodido* de *merda*. — Ele deu de ombros

de forma fria.

— Já fiz o que tinha que fazer, têm dois corpos no meu galpão, ambos sem a cabeça. E tenho dois nomes Handball e Tamara.

— E você não me comunicou? — Encarei irritado. — Que parte do vamos proteger a Boo e Leon juntos que você não compreendeu, achei que era um homem de palavra.

— Não vou permitir que tenha mais sangue nas mãos, você é pai do meu neto, e vai criá-lo de forma limpa.

— E você é a própria água sanitária de tão limpa, não é Salete?

— Eu não matei ninguém Dominic, somente dei a ordem. — É demais as merdas que ele fala.

— É a mesma coisa *porra*.

— Não, não é. Arrote carinha, quer pelo amor jogar essa lagosta fora? — Ele colocou meu bebê em pé na posição indicada do livro, e Leon nem abriu os olhos, apenas arrotou.

Joguei o lagostão na pia.

— Vou pedir pizza antes que eu soque a sua cara.

Sentado no banco do meu carro, virei a garrafa de uísque. Depois de ter que engolir o Salete, os trouxe de volta em segurança.

Conseguia ver a luz colorida pela janela. Ou é pela porta?

— Senhor? — Alguém bateu no meu vidro.

— O que é *caraio*? — reclamei com os gêmeos do lado de fora. — O que seu irmão tá o...olhando?

— Ele está bêbado senhor. — Eles falaram no ponto eletrônico.

Bati no volante e alimentei o volume.

— UMA DEUSA, UMA LOUCA, UMA FEITICEIRA... —

Cantei lindamente, saí do carro e abracei a minha companheira, a garrafa, cantei as músicas do tempo do exército, quando descobrimos ser prazeroso sofrer ao som das músicas do Brasil, sem ao menos saber o significado.

— O que o senhor vai fazer?

— Q—QUAND...DO BEI...IJA MINH...HA B...BOCA E SE ENTREGA, que isso? — Olhei para os gêmeos. — Quer um gole, cara? Oferece para o seu irmão. BOMBOM? BOMBOM?

Desde quando a abuela Carmen tem uma irmã?

Capítulo 36

" DIABÃO, TALSINHA E QUEM NASCEU PRIMEIRO?"

"Perguntinha: Esse lance de nos colocar no perigo mortal vai passar a ser normal?"

Filmes Olaf, Frozen 2



BONNIE

Quando desci do carro em frente à casa da Abuela meu corpo todo tremer de cima a baixo, feito vara de bambu mole. Ofegante, coloquei a mão no peito, parece que corri uma verdadeira maratona.

— Boo. — Sol tremia. — *usted* está pálida.

Ela se enrolou nos idiomas. Sol pegou Leon da cadeirinha e o entregou, tremendo segurei meu filho que nem abriu os olhos. Ele suspirou em seu sono.

— Não diga nada a abuela — pedi. — *Putá merda*, tem alguém tentando me matar.

— Tem. — Uma voz grossa e desconhecida falou atrás de mim. — Desculpem vir em um momento inoportuno para as senhoritas, mas...

— Sebastian? — A voz de Sol soou surpresa. Quando me virei, *puta merda* das mães solteiras e desiludidas.

Uma mistura de Deus de Ébano com as mais altas labaredas do inferno.

— M...me desculpe? — Por que caralho eu estou me desculpando?

— Eu é devo pedir desculpas, muito prazer Sebastian Matarazzo, agente especial do FBI de Las Vegas. — Ele foi estender a mão, entretanto, balançou a cabeça e recolheu a mão sorrindo. Leon resmungou em meus braços.

Meus olhos passearam pela miragem fardada à minha frente, agora realmente entendo o porquê a Sol sente borboletas no estômago.

Esse homem é o mau caminho todo.

— Como estão pedacinho do céu? — Ele perguntou a Sol que sorriu com a preocupação nítida

— Estamos *bien*. — Ela limpou a garganta. — Quase mortas, mas estamos bem, Seb.

Seb? Ui. Ri de nervoso.

— Atrapalho? Atchim! Atchim! — Me virei em direção a voz e vi o Ivan segurando um enorme gato branco e peludo, que está esfregando a cabeça no pescoço dele, Rosita quando percebeu quem estava na nossa frente largou a sacola de papel que segurava e deu um gritinho.

— TIO SEB. — Vi Sebastian se abaixar e sorrir, Rosita se jogou nos braços dele.

Ele se afastou e falou olhando nos olhos dela.

— Olá, Rosinha. — Ele beijou o rosto dela e se levantou com ela no colo. — Sei que tiveram esse pequeno problema. — Apontou o carro amassado com sinais claros de tiro. Ele enfiou a mão no bolso e tirou um cartão azul. — Quando estiver tudo tranquilo me ligue, precisamos conversar sobre quem está tentando matar você.

— Sebo. — Ivan disse em cumprimento.

— Sarna. — Sebastian revidou sem se abalar nenhum pouco a respeito do apelido do Ivan. — Já está na minha hora. Entro no meu turno em... — Ele olhou o relógio. — Em vinte minutos, passei aqui apenas para me certificar que vocês estão bem.

— Dom sabe do ocorrido? — Ivan perguntou na maior cara de pau.

— Não, fui informado pela equipe do Andrews, estamos trabalhando em conjunto.

— Estão? — perguntei.

— Sim, estamos senhorita.

Sebastian se despediu e quando eu me virei Ivan nos olhava *puto* da vida.

— Vocês... atchim, quase, atchim morreram e ainda conversam com um estranho... Atchim!? — Ivan espirrou e esfregou o nariz, ele colocou o gato em baixo do braço. — Vou *te* deixar sem um mísero pelo, atchim... Bola de pelos asquerosa.

— Seb não é estranho Ivan, quer que eu e Boo façamos o quê? Ah! Estava esperando que nos jogássemos em seus braços como se você fosse um herói, salvador da pátria?

— Certo, vamos entrar, quase acabamos de morrer e...

Oh inferno, eu quase morri pela segunda vez! Mas que *porra*? Eu não faço mal a um mosquito, um mosquito!

— Está tudo bem, Bonnie? —a voz do Russo me chamou.

— Tent...taram...m m...me matar!

Comecei a caminhar em direção à casa da abuela, tentaram me matar!

Certo, tentaram me manter! Já entendi!

Olhei pra mini cópia do encenqueiro da cidade. E se tentarem matar Dominic? Meu Deus do céu.

Quando passei pela porta Abuela veio em nossa direção dançando uma música desconhecida, mas totalmente animada, dei meu melhor sorriso e ela pegou Leon do meu colo e dançou com ele cantando.

— PA PA PA — Ela deu uma reboladinha e deu uma voltinha fazendo Leon suspirar — Sobe, desce, para, depois joga na cara PA PA PA PA PA. *Las canciones brasileñas son las mejores.*

Ela deu uma reboladinha e beijou Leon, olhei para o quintal e vi Sol discutindo algo com o russo, ele simplesmente saiu andando com o gato e com Rosita em seu encalço, ele deu um espirro e um grito de ódio.

Sol jogou as mãos para o alto e marchou para dentro.

— Yo ainda arranco o *pau* deste russo maldito! — esbravejou fechando a porta. Fiz sinal para ela não falar sobre nada do que aconteceu. Ela deu meia-volta de forma engraçada e abriu a porta da sala e saiu indo em direção ao carro. Ela abriu o porta-malas e começou a tirar as sacolas colocando no chão.

Levantei e fui ajudar Sol com as sacolas, mesmo ela me olhando feio, fui direto à cozinha.

— Sabe que não precisa, não é? — Olhei para a Sol. Vendo minha dificuldade com a embalagem de chocolates ela pegou com delicadeza da minha mão, não consigo abrir o pacote porque meus dedos doem, e não tenho forças o suficiente e mesmo se tivesse as feridas incomodam muito.

— *Sí*, precisa! Somos amigas. — Ela largou o pacote em cima da mesa e veio em minha direção. — Yo nunca disse isto, mas

és minha família. — Ela engoliu em seco. — Yo preciso que me prometa que nunca, nunca mesmo irá se esquecer de mim, mesmo que eu não esteja aqui. Me prometa que se algo acontecer, vocês cuidarão da Rosita e do Osório.

— Osório? O gato? — Eu ri. — Não acontecerá nada a nenhuma de nós amiga.

— Me prometa!

— Eu prometo. — Ela pareceu aliviada.

— Yo era uma imigrante ilegal, quando Yo estava prestes a ser deportada, conheci Sebastian e ele me ajudou.... — Quanto mais ela fala mais meu corpo treme, a cada palavra que eu ouvia meus olhos se enchiam mais de lágrimas. Segurei firme nas mãos delas, ouvi um soluço e vi abuela na porta parada olhando para nós com as mãos nos lábios. — E foi só o começo, quando eu cheguei a este país ele tentou vir atrás de mim, mas foi parado na fronteira. Ele se acha um Deus, mas é o demônio, Yo não posso voltar ao nosso país e muito menos contar com... Minha mãe.

Engoli em seco, mesmo sendo diferente tinha certeza que minha mãe é igual a mãe da Sol.

— Estamos protegidas pelo programa de proteção à testemunha — explicou e no final deu um suspiro.

— Ele não vai achar vocês. Vamos confiar em Deus e no astro brilhante e se ele tentar algo, paulada nele! O russo tem que prestar para algo. Ele sabe? — Abuela perguntou.

Sol acenou com a cabeça em negação.

— No e nem pode saber. — Ela balançou a cabeça. — *No* quero Ivan metido em mais problemas abuela. Me prometam que *no* contarão nada a ninguém.

— Tem nossa palavra Sol.

Abracei ela apertado, engolindo em seco e me sentindo uma rata por nunca ter percebido nada.

Olhei em direção a Sol algo me diz que a sua permanência no país tem relação com Dominic e seus negócios no México. A fronteira da Sol foi a única que provavelmente Dominic não conseguiu o controle. Engoli em seco.

Quem é o verdadeiro Dominic?

DOMINIC

—WHY CAN'T WE GIVE LOVE THAT ONE MORE? . —

Aumentei o volume do som e saí do meu carro rodopiando pelo gramado, abraçando minha garrafa de uísque.

— Senhor? — De onde saiu ele? Não eram dois?

— V...você tem m...mais U... um ir... irmão, amigo? Como sua mãe pariu vocês três?

— Não tem ninguém tentando nada aqui não, seu quadrúpede. — Isso é uma frigideira? — Ou você sai da minha grama...

— Sai da minha casa, Dominic.

— *Oh!*

— Eu avisei! E tome frigideira no pé de cana azeda. — Senti a primeira pancada de frigideira.

— Pé de pano, de onde? — dá-lhe mais pancadas. — O que eu fiz, abu...uela? — Eu tô chorando?

Ah grama macia.

— Levanta e sai do meu quintal menino e devolva a minha Glórinha!

Deusa de Ébano, pele negra e brilhante. Morri e fui para o céu?

— Se aqui for o céu, Deusa perdoe meus pecados. — Tentei me levantar ficando de joelhos. Meu corpo caiu *pra* frente.

Diante de você Deusa do amor e da luxúria me prostro aos seus pés.

Se eu mostrar meu *pau* será que consigo entrar no céu?

— O que você está fazendo? Guarda esse *pau*, Dominic? — Sogrão?

Vi o diabo atravessar a rua junto com o velhinho do Corolla, olha só o asqueroso não usa só terno.

— Você atrapalhou a *porra* do meu jogo, por causa de um bêbado vagabundo?

— Eu...u estou aqui, *caraio*. — Tentei levantar.

Abuela apontou a frigideira *pra* mim.

— Está deitado na minha grama que eu cortei hoje, se aprume e levante daí, e vá para onde o diabo *te* carregue.

— É com você Salete. — Pisquei. — Diabão.

Ouvi gargalhadas e passei minha mão na grama macia.

— O que você está fazendo? — A voz doce chamou minha atenção.

— Um anjo na neve, bombomzinho. — Mandeí um beijinho sensual para ela.

— Que neve, seu animal?

— *Roaaarr!* — Rugi pra minha tigresa. — Sou o seu leão minha leoa indomada.

Levantei minhas duas mãos sensualmente e rugi novamente.

— *Roaar!*

— Que *caralho* é esse Dominic? — A voz do diabo me chamou.

— Não se mete, *caraio*, isso é chamado de acasalamento, Salete. — Senti meu corpo ser levantando. — Vai me levar para onde, *caraio*?

— *Pra puta que te pariu*, inferno. Vamos logo antes que eu jogue você na rua seu infeliz. — Toquei o peito duro do Salete em um reconhecimento do inimigo.

— Ui, molhei a *talsinha*. — Ele me deu um tranco.

— Cale o *caralho* da boca Dominic.

— Se essa rua, se essa rua fosse minha... Eu mandava... Eu mandava asfaltar...

— Ladrilhar, seu imbecil. — Salete me jogou em um banco macio.

— A m... música é minha e eu canto como eu quiser, *caraio*. — Fiz uma rodelinha de cu com o dedo e mostrei a ele.

— Lincoln está vindo *te* buscar e...

— Deixe-nos sozinhos, pai. — A voz do doce bálsamo de verão, refrescou meu porre de uísque vagabundo de dois dólares que comprei no mercadinho chinês, da saída de Vegas. Ou é japonês?

— Diga... chocolate belga, que derrete em meus lábios, e faz de mim um homem....

— Cala a boca, Dominic.

Ui.

— Que roupão horroroso— comentei. Gustave acharia o roupão coisa de velha, o cúmulo do mau gosto. Entretanto, não dá *pra* negar que ela ficou um tesão na coisinha florida horrorosa.

Auimaue, auimaue, auimaue... Hoje à noite aqui na selva, quem dorme é o leão...

— Acorda Dominic, por que você bebeu desse jeito? — Ela está preocupada?

— Por que...e eu t... te am...mo, c...caraio. — Funguei. — Doente de amor, procurei remédio na pinga noturna...

— Vida noturna, Dom. — Ela sentou ao meu lado no banco, e o robe cafona subiu.

— Vo...ocê não me ama? — resmunguei.

— Você precisa parar de beber, Dom. — Ela fechou os olhos e suspirou.

Que boca beijável.

Humm.

— Dom, não. — Fiz um biquinho e me inclinei na direção dela.

Eu vi estrelas. A própria Via Láctea. Meu corpo tombou no chão com tanta força que meu fiofó deu uma estalada violenta. Ou essa mulher vai me deixar sem andar por gozar até meu *pau* afinar, ou no inferno ela vai quebrar a *porra* do meu cóccix qualquer hora dessa. Maldita gostosa.

— Você me deu um soco, mulher diabólica? — Ela riu e balançou a mão freneticamente e se levantou, ela passou por cima de mim, *porra* vi uma tanguinha enfiada na bunda dela, *ah* se eu pegou tiro essa calcinha do rabo dela, no dente.

Levei a mão no olho.

— Eu quis fazer isso, desde o momento que duvidou que meu filho é seu.

— Você se machucou amor? Espera! Você veio aqui apenas para me bater?

— Não, mas se tentar me beijar de novo com esse bafo de lata de sardinha azeda, você fica sem dentes.

Espera? Se eu tiver sóbrio e com bafo de hortelã, ela vai querer me beijar?

— Onde você vai? — Perguntei, o maldito álcool já começou a sair do sistema.

— No mínimo você nem vai se lembrar que eu bati em você. E outra se duvidar da minha palavra novamente eu sumo. E nem se você abrir os portões do céu, você vai conseguir encontrar a mim ou o Leon. E pare de beber.

— Eu vou fazer terapia. — Soltei, sem saber ao certo o porquê, mas me arrependi de ter aberto a boca.

— Fico feliz. — Eu vi surpresa em seus olhos *calientes*. Agora levante do chão. E senhor Macalister pode sair de trás da porta, estou vendo sua barriga saliente.

Ela desceu os degraus, e saiu andando, mas de repente virou em minha direção.

— Obrigada pelos bombons, Dominic. — Piscou. — No mínimo amanhã você não vai se lembrar de nada... Assim espero.

Ela se foi como a brisa leve do vento. Soltei um arrote. Álcool barato do inferno.

Se eu tirar um leve cochilo, alguém vai notar?

Quem nasceu primeiro o ovo ou a galinha?

Capítulo 37

"Karma's A Bitch"

"Não esconda. Mostre seus verdadeiros sentimentos. Não fuja."

Cinderela e os Quatro Cavaleiros



BONNIE

Sentadas no chão da sala da abuela, comi uma barrinha de chocolate e mordi a unha nervosa igual a uma adolescente.

Abuela, Sol, Judie e eu estamos assistindo Drácula de Bram stoker¹, olhei Leon no bercinho que dormia tranquilamente.

— Que Lucy o quê sua sonsa, bem que você queria ele. — Abuela pegou uma pipoca do balde da Judie e jogou na TV.

— Ela vai transar com um lobisomem? — Sol chegou mais perto da TV com Marry. Judie jogou pipocas nelas.

— Vocês estão me deixando nervosa, para de morder a unha Boo em miniatura. — Judie enfiou um enorme punhado de pipoca na boca.

— Imagina o tamanho... — Abuela roeu o caramelo. — Da fivela de Salomão. — Abuela enrolou o caramelo doce no dedo e puxou. — Passa a vara nela bruxão.

— Que horror, Carmen. — Cierra se ajeitou no tapete e enfiou um morango no creme de avelã.

— Vampiro, abuelita. — Judie se ajeitou colocando os pés em cima das minhas pernas.

— Creio em Deus pai todo-poderoso, criador do céu e da terra! — Sol exclamou, joguei a almofada, acertando em cheio em sua cabeça. Marry riu e pegou a almofada.

Elas voltaram a comentar o filme, me deixando mais nervosa em expectativa com o filme.

— Fiquem quietas! — pedi nervosa, sem entender o porquê do nada o Lobisomem que era vampiro, se transformou em lobo e atacou a ruiva. — Ele virou o lobo do começo do filme que fugiu do zoológico, pelo amor de Deus!

— Olha lá esse padre! Não gosto desse homem não. Presta atenção. — Judie comentou fazendo Sol concordar, Marry ofereceu a barra de chocolate a Judie.

— Anda logo me dê um pedaço! Estou nervosa! — Ri. Abuela deu uma roncada ao meu lado.

— Ela dormiu? — Judie cutucou abuela.

— Está babando. — Gargalhei.

— Vamos, se juntem aqui! — chamei pra foto. Mesmo no escuro ficou perfeita! — Será a nossa foto de perfil, do grupo das Jacinto pinto.

Sol deu uma risada estranha de pato, fazendo Marry pular. Cierra riu, se jogou no sofá. Olhei pra ela e pisquei. Nossa relação é fácil, não sei explicar o amor que sinto por ela e por Marry, mesmo Marry sendo uma adolescente cheia de hormônios, ela é meiga e muito maluquinha, querendo descobrir tudo e falar sobre tudo.

— Vocês mudaram o nome do grupo? Como *yo no vi* ? — Marry mostrou o nome do grupo para Sol.

— Melhor que Paula dentro! — Judie respondeu ultrajada!

— Jacinto pinto? — Mordi a boca para não gargalhar. — O que diabos é pinto? *Ah* meu Deus! Não me digam que...

— *Pau* sua boba, *rola*, *giromba*...

— Achei que pinto fosse filho da galinha — Sol disse na inocência.

— Meu Deus Sol! Como você chama o *pau* do Ivan?

— De *mi* menino.

— Você chama o *pau* do Ivan de menino? — perguntei ainda olhando a TV, mas mudei meu foco para Sol.

— *Yo no...*

Levantei correndo quando ouvi o grito dos diabos que Dominic deu. O que ele está fazendo, meu Deus? Ele mal consegue ficar em pé, cambaleante e rindo feito um idiota. Vi abuela se levantar coçando os olhos, ela veio até à janela.

— Santa mãe! Ele vai estragar minha grama. — Ela girou nos calcanhares e saiu apressada da cozinha, preendi a risada.

— Ele vai acordar o Leon! De onde a senhora tirou a frigideira? — Abuela veio em minha direção, batendo a palma da mão na bunda da frigideira.

— *Ah* mas não vai mesmo.— Abuela balançou a frigideira. De onde ela tirou a frigideira?

— O pai do seu filho está dançando com uma garrafa de álcool! Pelos céus! Gasolina é mais saudável! — Judie exclamou. — O que diabos ele está fazendo? Ele está cantando Queen?

Saímos pela porta, Sol revirou os olhos e voltou para a frente da TV, puxando o bercinho de Leon para perto dela.

— Quem é de Cristo que o abençoe! — Deu de ombros.

Saí no exato momento em que Dom jogou a garrafa no chão e pegou o segurança pelos ombros e o balançou. Mas o que diabos ele está fazendo?

— Você socou a cara dele — afirmei, Sol fez uma dancinha com Marry enquanto, Cierra e Judie ajeitava os colchões no chão. Minha mão estava doendo como o inferno.

Saber que ele vai fazer terapia, encheu meu coração de orgulho, não nego. Sim eu o amo, impossível negar. Mesmo que nunca mais tenhamos nada além do Leon. Eu amo.

Abuelita lambeu uma colher de brigadeiro.

— Que tal vermos, Pânico no Lago. — Mudei o assunto enquanto Marry foi trocar o filme.

Leon resmungou em seu bercinho e fui pegá-lo. A fome do meu pequeno leão é visível quando ele simplesmente socou o punho na boquinha e sugou com força.

Eu amo você, pequeno encenqueiro.

DOMINIC

Minha cabeça está latejando como o inferno, preciso mijar. Meu *pau* dolorido nas calças protestou.

— Bom dia senhor Maldonado. — Mas que caraio de voz do inferno é essa?

— Seu projeto de Jack Chan da Wish. — Meu corpo foi ao chão.

Como *caraio* vim parar no sofá do terapeuta?

Lincoln *fodido de merda!* Eu te mato seu traidor de *merda!*

— Usar pensamentos como forma de atacar um ente querido não é a melhor forma de canalizar a raiva.

— Que raiva o que homem, eu quero mijar.

— Segunda porta a direita, aliás, escove os dentes seu amigo trouxe uma mochila, e saiba que eu estou cobrando por hora, e já

faz sete horas que você está dormindo e babando no meu divã.

— Vai se *foder* pequeno Padawan. — Mostrei o dedo do meio.

Nem conheço esse maldito, mas já o considero da família e o odeio.

— Passivo agressivo é um bom começo. — Ele sorriu e nem abriu os olhos. O homem parece um bonequinho de tão pequeno.

Fui ao banheiro do homem e fiz a minha higiene matinal, voltei ao consultório. Ele está me esperando com um copo de café na mão, assim que cheguei à sua frente ele me estendeu o copo.

— Se deite rapaz.

— Pare de me dar ordens, velho. — Beberiquei o café e deitei no divã.

— Me diga qual seu nome completo.

— Dominic, Dominic Maldonado.

— Nome completo rapaz, sem abreviar nada.

— Dominic William Maldonado. — Engoli em seco ao pronunciar o sobrenome da minha mãe.

— William, um ótimo nome.

— Inglês presumo?

— Nome da minha mãe.

— E quem é sua mãe? Conte-me sobre essa mulher.

Engoli em seco meu olhar se revezou entre a porta e o Padawan.

— O carma é uma *vadia*, Padawan.

Capítulo 38

"Pequenas grandes coisas"

"Você deve colocar o seu traseiro no passado."

Pumba, do filme O Rei Leão.



DOMINIC

Olhei a parede, o Padawan em miniatura parece enxergar a minha alma.

— Quem foi sua mãe Dominic? — A voz dele me chamou a atenção. Me virei e o encarei, será que ele está enxergando alguma coisa? — Nem pense nisso.

— Minha mãe foi ótima, e o câncer a levou, eu e meu pai ficamos na estrada, sozinhos.

O que diabos estou fazendo aqui?

— Você está aqui para procurar a raiz do seu problema interno, que faz com que você cause problemas e incertezas nas suas relações pessoais, principalmente com a mãe do seu filho. — Olhei a minúscula ervilha azeda à minha frente, como ele sabe? — Salazar me contou sem muitos detalhes que você quase foi genro dele.

— Eu sou genro dele. — Ele abriu os olhos e me olhou com deboche, desde quando psiquiatra olha com deboche, *caraio*? Cadê o profissionalismo? Essa ervilha não é terapeuta?

— Eu cuidei de Salazar há alguns anos, garoto.

— Gafanhoto do céu, você está lendo meu cérebro homem? — Ele deu uma risada de porquinho e me olhou abrindo os olhos. Esse homem é lindinho demais, abusado, porém, lindinho.

— Você é bem previsível rapaz. Bem previsível, agora me fale um pouco sobre seu pai. — Ele anotou algo no caderninho. Eu vou fazer ele engolir esse bagulho.

— Não tem o que falar. — Dei de ombros, peguei uma bala que tinha em um prato e abri jogando na boca. — Ele fez o que era necessário, me deu amor e carinho.

— É qual é a origem dessa angústia em seus olhos? — Olhei para ele novamente.

— Que angústia, homem? — Meu peito se comprimiu em desconforto.

— Me diga você, essa que faz você ter pesadelos à noite, suar e não conseguir lidar com situações que envolvem confiança? — Engoli em seco.

— Muitas coisas — disse vago, descruzando as pernas. Não quero encará-lo, não consigo.

— Eu estou aqui, jovem e não vou a lugar nenhum. Dei de ombros.

— Eu sei. Eu só não consigo. — Abaixei minha cabeça. — Eu...

— Jovem, sabe a razão do trem ter diversos vagões? E mesmo com diversos vagões todos chegam no mesmo horário? — Ele colocou o caderno sobre a mesa. Neguei. — Quando você estiver pronto, você vai descobrir, meu jovem. Nos veremos na sexta, chegue mais cedo e sóbrio.

Me levantei da poltrona, engolindo em seco.

— Certo, nos vemos na sexta, mais cedo e sóbrio. Aliás, que cheiro de bambu é esse homem? — Ele riu e me levou até a porta.

— Meu aromatizador pessoal, jovem. Aliás, tente flores, mulheres amam flores. Rosas-vermelhas significam amor e podem representar um pedido de desculpa silencioso. — Piscou e bateu a porta na minha cara.

Homem abusado do caraio.

— Algo no cartão senhor? — O menino da floricultura me estendeu o papel cor-de-rosa envelhecido e uma caneca a tinteiro.

Rabisquei a inicial do meu nome no cartão de forma grande e chamativa e assoprei para secar.

Entreguei meu cartão ao menino e paguei o buquê, saí da floricultura e fui em direção ao carro com a mão nos bolsos.

— Desc... — Meu corpo tombou em alguém, me mantive firme, olhei o alvo da minha colisão e senti uma enorme vontade de vomitar.

— Dr. — O Galã de arranque, me olhou e deu um sorriso de lado.

— Conheço você? — O maldito debochou da minha cara de forma *filha da puta* o suficiente para eu querer arrancar os olhos dele.

— Conhece, o suficiente para saber que o próximo a ter o carro alvejado de balas vai ser você, Doc. — Estalei a língua, coloquei a mão nos bolsos novamente e balancei meu corpo. — Eu sei de tudo doutor. Inclusive a sua dívida junto a um desafeto meu. Que feio doutor. Cuidado, ovos podem apodrecer.

Deixei ele lá com cara de idiota e segui meu caminho em direção ao carro. Quando me virei para entrar no carro, tirei meu celular do bolso.

— Passe na senhorita Esposito e pegue o russo, Corvo.
Fechem o círculo do doutorzinho.

— Eu nem acordei, inferno. Passei à noite na fronteira,
mande o Carniça. — Fechei meus olhos e apertei ele com o dedo
indicador.

— Você tem exatos, cinco minutos para pegar o *caraio* do
russo na casa da Solange e ir buscar o doutorzinho. Ou no *caraio* eu
vou aí e você vai realmente acordar inferno.

Abri o carro e entrei, soquei o volante com força.

— Ouviu inferno?

— Ouvi. *Tô indo.*

Desliguei o telefone, antes que eu jogasse ele no meu banco
o nome da Boo piscou na tela. Arrastei o ícone da conversa.

Docinho Saliente.

Vacina do Leon hoje. Foi tudo que ela disse de forma seca,
que mulher gostosa.

Digitei rapidamente que os levaria e recebi apenas um "ok",
seco *pra caraio*. Eu amo essa mulher.

Com todos os *caraios* de força do meu mísero corpo de rato,
eu amo essa mulher.

Fui para casa e quando entrei avistei um bilhete em cima da
mesa.

Roubaram a Glórinha. Roubaram minha cachorra.

Devolvi a Glórinha a verdadeira dona, Boo.

Xoxo, Lincoln.

Ele roubou a minha cachorrinha! Infeliz, sozinho e
abandonado segui rumo ao banheiro, fui tirando a roupa no caminho
até o quarto.

— Mas por que diabos você está com o *pau* de fora? — Dei um grito ao ver Salazar sentado na minha poltrona lendo o livro de maternidade que estava quase chegando ao final. — Que grito foi esse?

— Mas que inferno você está fazendo na minha casa, homem? Eu não tenho um dia de paz nesse *caraio*.

Revezei meus olhos entre o maldito Salete à minha frente e meu *pau*.

— Nem pense nisso. — Ele apontou o livro em minha direção. — Não, por que diabos você está girando o *pau* pra mim? Ele jogou a toalha molhada que deixei na mesa há alguns dias.

Soltei meu *pau*.

— Isso é para você aprender a nunca mais invadir minha casa Salete. Sua sorte que eu girei meu *pau* e não te dei um tiro seu *filho da puta*. — Enrolei a toalha na cintura. — A que devo a honra da visita?

— Você sequestrou o doutor e estragou todo o *caralho* de investigação que eu estava fazendo. — Ele cruzou as pernas de forma bizarra.

Não tenho medo, de você diabão. Talvez eu tenha. Mas esse maldito não precisa saber disso. Inferno de homem.

— Você vai matá-lo — afirmou.

— Vou arrancar informações. O russo é quem vai.

— Você é um porco, terceirizado o *caralho* do serviço sujo, Dominic. — Deitado pelado em minha cama de forma relaxada, coloquei meus braços atrás da cabeça.

— Você disse que não queria sangue nas minhas mãos. E não vai ter. — O encarei debochado.

— Deixe de ser *filho da puta*, dá no mesmo.

— Você também faz isso. — Dei de ombros.

— Eu posso, você não, seu animal.

— A é? E por que nobre alecrim-do-campo que não foi semeado? — Erva daninha maldita.

— Por que não, inferno. — Dei de ombros.

— Era só isso?

— Dom... — Ele respirou fundo, e se levantou. — Eu vou *te* dar outra maldita surra seu inconsequente de *merda*. Assim que Boo fizer a festa do meu neto eu vou *te* dar o *caralho* de uma surra, e você vai ficar com essa cara de vagabundo, roxa.

Ele saiu pela porta do meu quarto, e logo mostrei a língua bem infantil.

Homem amargo do *caraio*. Tirei a toalha que cobria meu *pau* e fui em direção ao banheiro, parei na porta e dei uma rebolada, cantando a música que aprendi para cantar para o Leon.

— Era uma vez um pudim apaixonado

Estava andando nas ruas quando foi atropelado, puft, pudim amassadoooo. — Gritei e liguei o chuveiro. — Pudim amassadoooo.

Jonas Amassado. Muito amassado.

BONNIE

Peguei o buquê de rosas-vermelhas da mão do entregador e meu coração disparou, haviam mais de cinquenta rosas naquele enorme buquê. Engoli em seco.

— Obrigada, filho. Ela é educada, só está em choque. — Ela riu e fechou a porta. — O maldito sabe o que faz. Dominic

Maldonado. Filho da mãe. Isso deve ter custado no mínimo mil dólares. — Ela puxou o cartão e leu.

Eu nunca havia ganhado algo assim.

Leon tentava pegar o pezinho, ele está no bercinho perto do sofá resmungando bravo e fazendo muitos barulhinhos com a boca.

— Isso é incrível. — Cheirei as flores de forma delicada.

— Venha querida, coloque elas aqui. — Abuelita me estendeu um vaso e coloquei-as. Minhas mãos incomodaram um pouco, mas peguei o vaso de porcelana e sentei no sofá tocando as pétalas das flores.

— Meu Deus! — Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Querida. — Abuelita riu e me abraçou de forma apertada. — Você está emotiva demais querida. Precisa urgente sentar sem compromisso na *rola* desse homem.

— Você já o perdoou, abuela? — Funguei.

— Não, mas olhe para esse bebê. Ele não tem um *pinto* tem um pincel. Sente sem compromisso no *pau* desse homem, faça ele sentir na pele o que é ter tudo e não ter nada minha filha. — Ela beijou meu rosto no exato momento em que a campainha tocou. — Me dê essas rosas, diga a ele que você as jogou.

— O quê? — Eu limpei o rosto e ri.

— Diga a ele que você as jogou sua bobinha. — Ela gargalhou e juntou as unhas de forma engraçada. — Faça o que eu digo.

Me levantei e fui em direção à porta.

Quando abri o cheiro de perfume me inebriou, como se eu levasse uma sapatada na cara, meu Deus que homem cheiroso. Ele está vestido de forma casual, com camiseta polo azul, calça jeans

rasgada e um All Star preto. Ele tirou os óculos escuros de forma sexy.

E juro por Deus que a mexida nos cílios foi proposital, os olhos dele estão mais claros que o normal.

— Olá! Docinho. — Um arrepio percorreu toda a minha espinha.

— Oi, Dominic. — Ele deu um sorriso de lado, dei espaço para ele passar e prendi a respiração.

— Gostou das flores? — Engoli em seco.

— Joguei fora. — Ele se virou e me encarou, levantando a sobrancelhas minimamente. — Quem gosta de flores é defunto, estou viva, muito viva. Só vou pegar as coisas de Leon. Pode pegá-lo se quiser. — Dei de ombros, olhei por cima dos ombros dele e abuelita comemorou na cozinha com uma dancinha ridícula.

Ela teve a audácia de tirar um rosa do buquê gigante e colocar no cabelo e mandar um beijinho saliente. Safada!

— Certo — disse desanimado, evitar encarar seus olhos, mas percebi ele engolindo em seco. — Vai vestida assim?

Olhei em sua direção e para a minha roupa. Estou usando uma calça branca larguinha, top bege de um ombro só, uma blusa fininha da mesma cor, tirei as tranças do meu cabelo que estava todo sem forma, desisti de domá-los assim que eu saí do banheiro mais cedo.

— Vou? Algum problema? — questionei.

— Nenhum você está linda, docinho, muito linda. — Ele olhou para as minhas mãos, e percebi que ele ficou aflito. — Elas ainda doem?

Puxei as mangas da blusa, sentindo meu rosto arder em vergonha.

— Não vamos falar sobre isso. — Peguei a bolsa de Leon. — Vamos.

— Vamos ter que conversas sobre isso Boo. A culpa foi minha eu sei, mas precisamos conversar sobre isso. — Neguei.

— Não, não foi sua culpa. E não, não vamos falar sobre isso, Dominic.

— Vamos e será em breve. — Ele passou por mim com Leon enroladinho na manta em seus braços.

Abuela fez um sinal de saliência da cozinha e balancei a cabeça.

Fui em direção ao carro e vi ele colocar Leon na cadeirinha cara com maestria.

Ofereci a ele o GPS e ele negou.

— Você sabe onde fica a clínica? — perguntei.

— Eu pesquisei. — Piscou. Engoli em seco quando não consegui colocar o cinto de segurança. Meus dedos não fechavam o suficiente para caber no espaço pequeno do banco. — Eu te ajudo, docinho. Aqui. — Ouvi o click. — Prontinho, princesa. Tem apenas sete clínicas de vacinação particular que... — Olhei para Dom sem acreditar. Mentiroso. — Eu liguei nas sete clínicas. — Deu de ombros.

— E como você conseguiu a informação sigilosa?

— Menti ser do FBI e usei o número de registro de agente do Matarazzo. — Explicou na maior naturalidade.

— Você é um cretino, custava me perguntar o nome da clínica, inferno? Você é um animal, Dominic. Diálogo é o nome da

palavra. Você conhece?

Me virei para a janela.

— Droga, eu fiz *merda*, não né? — Revirei os olhos quando ele saiu com carro.

— Leon é seu filho, Dominic. Tudo que envolve nosso bebê, é da sua conta. Você não precisa fazer nada sorrateiramente, ou escondido de mim. Podemos sentar e conversar igual dois adultos — desabafei de forma cansada.

— Inclusive sobre os detalhes da festa dele? — Ele me olhou de soslaio de forma nervosa.

Pai, certeza que havia sido meu pai.

— Eu ia falar com você sobre isso, depois que Leon tomasse as vacinas, Dom. — Respirei cansada.

— Sinto muito, docinho. Pensei que você estava me excluindo e...

— Não Dom, decidi fazer a festinha de três meses do Leon hoje, apenas para nós e vou fazer outra com os meninos do clube assim que o Cobra sair do hospital — esclareci e vi ele me olhando. Ele ligou o rádio e um CD infantil começou a tocar.

"Brilha, brilha, estrelinha..."

Ri e olhei pra ele.

— Você trocou seu rock antigo por um CD infantil? — questionei incrédula.

— A coletânea é incrível, bombom, decorei todas as faixas. — Revirei os olhos me sentindo derretida, para ele essas atitudes são normais, mas para mim são essas pequenas coisas e atitudes como essa que me fazem ver que ele realmente pode amar o Leon. — Eu estou com medo.

— De quê? — Ele esfregou uma mão na outra quando chegamos à frente da clínica.

— E se doer? E se ele chorar? Eu seguro ele e você segura a minha mão. — Olhei para o Dom e tirei o bebê-conforto do carro e puxei a capota que protege o rosto do Leon. — Certo, precisamos mesmo fazer isso, mas *porra* eu estou suando, ele vai sentir dor Boo.

Olhei a forma ansiosa e preocupada dele.

— Dom? Está tudo bem! — Peguei minha bolsa e do Leon, ele pegou ambas da minha mão.

— Eu levo, docinho. — Revirei os olhos e empurrei a porta da clínica para ele poder passar.

Quando chegamos à recepção. Ele falou baixinho no pé do meu ouvido.

— Ele está soltando pum. — Sorri da maneira que ele falou.

— Bebês tem gases, Dom. — Falei de forma normal e ele me olhou ultrajado.

— Fala baixo, ninguém precisa saber que nosso bebê peida, docinho. — Não sei importância. Ele mudou totalmente ao ver o homem alto e elegante que está vindo em nossa direção.

— Olá! Sejam bem-vindos a clínica Lotus, qual é o nome do plano. — Antes que eu falasse meu nome, Dominic praticamente rosnou seu nome.

— Dominic Maldonado. — Sem jeito o rapaz digitou o nome dele e arregalou os olhos.

— Se ele *te* olhar assim de novo, essa lesma vai virar borboleta e voar para longe daqui. — Ele resmungou me olhando

intensamente. Ele me olhou e abaixou os olhos até os meus seios cheios.

— Aqui em cima, garotão. — Chamei ele.

— Por aqui, senhor e senhora Maldonado. — Dom deu espaço para que eu passasse por ele e rosnou.

— Você está parecendo um chihuahua rosnando assim, Dominic — zombei quando nos sentamos nas cadeiras em frente à sala de vacinação.

— Está vendo filho? — Dom tirou Leon do bebê-conforto e meu filho resmungou, Dom o colocou em seu peito e meu filho abriu a boquinha todo manhoso sentindo o cheiro do pai. — Sua mãe me maltratando?

Meu filho abriu um olho e me olhou, uma ruguinha linda se formou em sua testa como se ele entendesse o que o pai falava.

— Você me ama não é, pinguinho? — Ele perguntou e tocou os cabelinhos do Leon. — Papai promete que nunca mais vai ser burro e *te* deixar garoto. Eu te amo, pingo.

Antes que eu pudesse responder algo, a enfermeira chamou o nome do Leon.

— Leon Andrews Maldonado? *Oh* meu Deus, temos aqui hoje um príncipe que vai ganhar o selo de coragem. — ela falou brincando, Leon apenas suspirou em seu sono no colo do pai.

Olhei para o montinho minúsculo nos braços de Dominic. E meu coração se encheu de amor.

Dominic me olhou e torceu o nariz, a enfermeira entrou na sala e ele me olhou.

— Acho que ele cagou, senti a bomba bem aqui *oh*, na minha mão. — Ri. Ele me olhou e os olhos dele brilharam. — Eu posso ver

o cocô dele?

Capítulo 39

" Pingo, pequenas atitudes e o churrasco do russo"

"Você tem que escolher seu próprio caminho."

Pocahontas



BONNIE

Olhei Dominic fechar a fralda com uma maestria que nem eu tenho, mesmo ainda tendo dificuldades, limpei Leon e deixei ele limpinho, quando Dominic se ofereceu para colocar a fralda dei espaço para ele no fraldário da clínica.

Olhei na direção dele e levei a mão aos lábios e abafei o riso, Dom está com a pontinha da língua de fora no cantinho dos lábios, quando ele fechou a roupinhas de Leon, estalou a língua e me olhou de forma engraçada.

Leon abriu a boquinha de sono e resmungou. Dom foi até a pia e lavou as mãos, já que seus dedos estão sujos de pomada para assaduras, ele secou a mão enquanto fechei a bolsa de Leon com cuidado.

Ele parecia inquieto, como se esperasse pela minha aprovação.

— Mandou bem, papai. — Sorri pra ele e ele me olhou com os olhos brilhantes, ele sorriu e uma covinha fofa apareceu em seu rosto.

— Obrigado. — Ele passou a mão na calça, em um ato nervoso e pegou Leon do fraldário.

Saímos do banheiro, a enfermeira nos indicou uma cadeira. Dom sentou e apoiou Leon em seu braço e abriu o macacão

deixando uma perninha de fora.

— Vai doer? — Dom perguntou aflito, me olhando como se eu fosse uma tábua de salvação

— Esse aparelhinho auxilia a relaxar a região, papai. — Ela mostrou uma espécie de borracha azul flexível.

— Espere! Posso falar com ele antes? — Revirei os olhos, não, eu não vou contar a ele que Leon já esteve aqui antes e não chorou, apenas resmungou e permaneceu tranquilo. — Ei pingou? — Dom levantou Leon na altura dos olhos, e Leon permaneceu molinho cheio de sono, e pela ruga em sua testa não estava nada contente em ser incomodado em seu sono. — O papai está aqui e vai segurar firme você, certo? Se doer você grita. Eu ainda não cheguei nessa fase da terapia, mas acho que é bom colocarmos a dor *pra* fora. Posso cantar para acalmá-lo, moça? — A enfermeira olhava o Dom como se ele fosse de outro mundo, um Deus.

— Toda ajuda é bem-vinda papai. — Ela piscou.

A voz rouca mais muito suave e baixa de Dominic invadiu a pequena sala.

— Era uma vez um pudim apaixonado que estava andando nas ruas quando... foi atropelado... Puft... Pudim amassado... — Eu ri horrorizada da canção no exato momento que ele terminou a música Leon sorriu com os olhinhos fechados e fez uma careta.

— Prontinhos papais do príncipe Leon. — Ela pegou um adesivo e colocou sobre a coxa gordinha de Leon. — Isso vai auxiliar na dor. Ele pode vir a ter febre, mas são apenas possíveis reações.

— Já? — Dom olhou o adesivo e leu a escrita. — Selo de coragem. — E deu um sorriso que quase rasgou a boca dele. —

Bom trabalho, pingo. — Ele beijou os cabelinhos de Leon e levantou.

— Nos vemos mês que vem, senhora. — A enfermeira sorriu e me entregou o caderninho de capa dura preto com o logo da clínica e o nome do Leon em letras brancas.

Saímos da clínica e Dom parecia inquieto.

— Diga de uma vez — falei assim que eu sentei no banco do passageiro.

— Vocês querem almoçar comigo? — Respirei fundo.

— Se você não tiver nada importante para fazer. — Dei de ombros fazendo a inabalável, mas meu coração parecia que ia sair pela boca.

— Nem que eu tivesse bombom, nem que eu tivesse.

Dominic parou em frente a um hotel de luxo e desceu, fiz o mesmo me certificando de pegar tudo. Engoli em seco ao ver a arma no cós da sua calça quando ele se inclinou para pegar o bebê-conforto.

— Na sua vaga, senhor? — O rapaz perguntou, olhando diretamente para o Dom.

Dominic apenas balançou a cabeça e pegou Leon e a bolsa.

Ele parece um Deus inabalável, quando entramos no hotel todos da recepção viraram para em nossa direção, alguns falaram com Dom e ele respondia de forma fria e extremamente educada, me fazendo duvidar se o Dom sem miolos e sem senso realmente existe.

— Senhor? — Quando paramos na recepção percebi que a moça olhou para ele de forma profissional, mas consegui ver o medo e a admiração em seu olhar.

— Quer almoçar no salão ou na piscina, docinho? — A voz dele mudou totalmente, até o tom. Doce e divertida com aquele leve ar de cretino safado que só ele tem.

— Um lugar onde eu possa amamentar o Leon, Dom. — Mesmo sendo normal, não me sinto confortável em amamentando o Leon com as com plateia, as pessoas olham demais, sem contar que além de tudo elas reparam sempre nas minhas mãos. Às vezes noto o ceticismo das pessoas, principalmente das mulheres, ao verem uma negra amamentando um bebê branquinho e loiro.

— Feche o quiosque. — Ele voltou ao tom grosso, mas educado. — Vamos lá bombom.

Dom colocou a bolsa de Leon no ombro. E sem que eu esperasse pegou minha mão com cuidado e me guiou pelo hotel, percebi os olhares de descrença das pessoas.

— Ignore esses carnicheiros. — Riu. — Qual é bombom, sorria. — Fiz o que ele falou, e quando passamos por uma loira absurdamente maravilhosa ela me olhou de cima a baixo, arqueei a sobrancelhas na direção dela.

— Senhor Maldonado. — Ela sorriu de forma lasciva para o Dom e me ignorou. Dom me olhou.

— Qual mesa, amor? — Olhei a loira e para as mesas atrás dela, todas têm um enorme guarda-sol embaixo. Avistei uma bem afastada, perto dos coqueiros.

— Aquela Dom. — Falei sem olhar para a mulher.

Dom passou por ela sem dizer nada. Passamos pelas mesas no exato momento que uma enorme fonte ligou, e fez as águas dançarem na piscina.

— Admito, vi isso em um hotel em Dubai, há alguns anos e fiquei com inveja. — Ele sentou e puxou duas cadeiras colocando Leon entre nós. Me inclinei e peguei Leon bebê-conforto. De costas para qualquer movimento, retirei um seio do top e peguei o paninho de Leon.

— Ele não gosta de mamar sem um paninho no rostinho dele. — Dei de ombros e sentei. Dom levantou a mão em sinal de pare e balançou a mão.

Olhei para trás e vi a mesma mulher da recepção do quiosque voltar.

— O que vai querer comer, amor? — Ele perguntou, e Leon estalou os lábios em meu seio.

— O que você pedir. — Sondei Leon, e vi ele largar meu seio devagar. Puxei a blusa e limpei a boquinha dele, coloquei ele em pé e dei batidinhas nas costas dele.

Dom levantou a mão novamente e chamou a moça.

— Duas saladas com molho rose, massa à bolonhesa e dois copos de suco natural, laranja e caju. — Olhei pra ele. — O quê? Você era a única que tomava o suco de caju na cantina da escola.

— Você é um cretino. — Dom pegou Leon e colocou ele de ladinho no bebê-conforto e puxou a capota e colocou a mantinha sobre Leon.

— Diga algo que eu não sei. — Ele riu e me olhou de forma divertida.

— Quantos imóveis você tem em Vegas? — perguntei.

— Alguns, amor. — Piscou. — Você odeia isso, não é? — Olhei para ele. — Esse dinheiro todo, quem eu sou.

— Você precisa parar com essa mania de deduzir meus pensamentos, Dom. Eu só não quero que você se machuque, Leon sabe que você é o pai dele. E no inferno, eu *te* mato se você morrer.

— Pisquei e ele me olhou sem jeito.

— Você se preocupa comigo. — Respirei fundo.

— Desde sempre, Dom — disse amarga.

— Eu estraguei tudo, não é? — especulou, com os olhos tristes.

Sim, estragou e não pediu desculpas por isso.

Pensei triste desviando os olhos para a fonte na piscina extravagante.

— É não...

— Seu pedido senhor, senhora... — O garçom me impediu de dizer a verdade a ele. Engoli em seco.

Sorri agradecendo.

Encarei o Dom e ele suspirou e balançou a cabeça.

— Como foi a terapia? — perguntei mudando o foco do assunto.

— Acho que talvez meu terapeuta precise de um terapeuta.
— Ele enfiou a salada na boca e riu. — Aquele bambuzinho tem sérios problemas.

— Como se você não tivesse os seus. — Ri.

— Você tem resposta *pra* tudo. — Pisquei pra ele.

Mesmo sabendo que não estamos em bons tempos, quando olho para ele sinto meus sentimentos machucados, ele é o pai do meu bebê, e Deus é testemunha de como ele vai ser um bom pai.

Leon resmungou, quando ameacei pegar ele Dom negou.

— Coma bombom, eu seguro ele. — Dom pegou ele e colocou ele de bruços em seu braço largo, Leon ficou minúsculo no braço do pai e deu um *puta* contraste, ele pequenino vestido com um fino macacão azul-claro, no enorme braço todo tatuado do pai. Meu homenzinho abriu a boquinha e espremeu os olhinhos. Dom voltou a comer, e Leon nem se mexer.

Mordi os lábios. Meu coração se aqueceu, e me dei conta que esse Dominic é o que ele tenta esconder atrás da máscara de palhaço e trambiqueiro.

DOMINIC

— Vamos lá doutor Frankenstein, conte comigo. Um carneirinho... Dois carneirinhos... Três carneirinhos... — Entrei no quarto e o cheiro de carne queimada se fez presente. O russo acendeu uma fogueira dentro do quarto. Corvo tossiu dramaticamente e colocou a cabeça para fora da janela.

— Churrasco, russo? — perguntei e sentei na cadeira, o estado do doutor não é nada bom, o rosto, pescoço e tórax estavam banhados de vermelho carmesim, o cheiro de sangue e fumaça me fez coçar o nariz.

— Você sabia que eu cantava essa música para minha filha? A menininha que você avaliou ser saudável para ser morta e acabar em uma vala? — O russo falou com uma enorme calma.

— Perdeu a língua? — sondei, jogando o palito de dente que eu estava na boca na fogueira.

— Esse lunático arrancou. — Corvo falou dando risada.

— Alguma informação, russo? — investiguei.

— Handball está no México. — Ele me olhou e voltou a sua posição anterior, apoiando um joelho no chão, apenas de cueca

vestindo um avental branco todo sujo de sangue, e sim ele havia colocado uma touquinha no cabelo. — O Dr. tem a língua lisa, feito óleo.

— Que *caraio* é esse na sua cabeça? — questionei.

— Ele me fez usar. — Apontou o Corvo. — Perdi uma aposta.

— Balançou a cabeça em direção ao Corvo.

— Que aposta?

— Eu apostei que ele não aguentaria a greve de sexo que ele estava fazendo com a Solzinha, olhe as costas desse *fodido*.

Tossi.

— Você precisa parar com essa mania de acender fogo aqui.

— Um arrepio percorreu minha espinha.

Ele compreendendo o que eu queria dizer balançou a cabeça concordando.

— Churrasco a moda russa. — O russo debochou colocando um saco na cabeça do doutor. Ele se debateu e o Ivan deu um soco no rosto dele, fazendo-o cair mole sobre a cadeira, desmaiado.

— Como vai a missão de honrar o clube, chefe? — Corvo se aproximou como uma maldita velha fofoqueira.

— Não vai — respondi vago.

— Está tão difícil assim? Achei que Solange era a difícil.

— Me expliquem, *porra*, eu sou curioso.

— Arrume uma mulher *pra* você e entre no time. — O russo cuspiu no chão. — Vou ficar com Rosita, vamos fazer a noite do salão — resmungou. — As maquiagens que compramos na Internet chegarão hoje, Solange ameaçou cortar meu *pau* se eu deixar Rosita tocar em seus batons ou sombras de novo. O último batom que deixei Rosita usar em mim, quase me rendeu bolas roxas.

— Você vai deixar a menina *te* maquiar te novo? Olhou se a maquiagem é permanente seu animal? — Corvo perguntou. Russo afirmou.

— Pode fazer a noite do SPA e deixar Rosita depilar essa sua perna peluda do inferno. — Corvo debochou.

— O que vai fazer com ele? — indaguei curioso.

— Cova rasa. — Deu de ombros. — Mas ele ainda vai ser útil e além do mais, você não me arruma um serviço que preste há dias, vamos nos divertir com ele. Não é passarinho? — Corvo revirou os olhos.

— Precisamos achar outro lugar. — Corvo falou. — O que você vai fazer com a *vadia* lá embaixo? — Estalei a língua.

— Ela comeu? — perguntei.

— Um pão e meia garrafa de água há três dias. Não quer que eu tire sua sogra para tomar um sol?

Levantei da cadeira.

— Apague essa fogueira, russo, e pare de assar esse cara.

— Eu que o diga, não vou conseguir ver um bife na minha frente pelas próximas semanas.

Revirei os olhos.

— Diga a Amber que eu volto para fazer uma visitinha a ela.

Saí da casa, tossindo como um cachorro sarnento. Russo *filho da puta*.

Depois de deixar Boo e Leon em segurança passei no clube para resolver alguns problemas com minha carga da Venezuela, já que o maldito Chaminé não consegue fazer sozinho.

Olhei no relógio, prometi a Boo que estaria lá no começo da noite para ver Leon. Droga, ainda preciso ir ver o Cobra, ele sairá do

hospital amanhã.

Que porra de amigo eu sou inferno? Acelerei o carro, e liguei para o Matarazzo.

— Eu espero que seja algo importante. — Ele bocejou.

— Você estava dormindo? — perguntei. — Não importa, faça conexões com o México e descubra onde Handball está, eu vou pessoalmente buscar aquele maldito rato de esgoto.

Desliguei o telefone e acelerei pela rodovia. Preciso tomar a *porra* de um banho, estou cheirando a osso queimado. Maldito russo.

Depois de ir ao clube e tomar um banho, vesti meu moletom velho que fica na gaveta do banheiro, pulei no carro e fui em direção à casa do meu bombom.

Porra meu *pau* está sambando dentro da calça.

Engoli em seco, ela precisa viver. *Você precisa confiar nela.*

E se ela encontrar alguém melhor que eu? Matamos. Minha consciência já planejou uma morte lenta e dolorosa. Balancei a cabeça, não. Se encontrar alguém melhor, vou ser melhor ainda.

Ainda não cheguei nessa parte da terapia, mas acho que preciso confiar nela.

Acha não, seu animal! Você precisa confiar, ou ela vai escapar de vez e vai levar meu pingô com ela.

Porra. Meu pingô, meu leãozinho corajoso e forte. *Porra.* Confiança.

Porra, e se...

Se não der certo eu faço um plano C, já que o A eram as flores, e bem o plano B eu não sei... Preciso pensar. Plano B.

Assim que eu saí do carro fui em direção ao caminho de pedras, balancei a cabeça em direção aos seguros de Salette no carro parado embaixo de uma árvore.

Quase corri em direção a porta, pulei de dois em dois degraus na varanda a bati na porta.

— JÁ VAI — Boo gritou do outro lado e Glórinha latiu desesperada arranhando a porta com força.

— Olá! Docinho — cumprimentei assim que ela abriu a porta e me arrependi, ela está praticamente nua, vestindo um top preto e um shorts que não pode ser usado nem de pano de chão.

— Oi Dom, quer entrar? Abuela e Leon foram ao mercadinho buscar mirtilos. — Ela me deu espaço e levei uma sapatada de perfume, que *puta que pariu*. Mulher cheirosa da *porra*.

O perfume parece que foi feito pelo diabo. Enchi os pulmões de ar. *Porra* meu *pau* não está mais balançando dentro da calça. Inferno.

Sentei no sofá, me sentindo um rato.

— A...atrapalho? — gaguejei? Glórinha pulou no meu colo e lambeu meu rosto.

— Não, se quiser vir até à cozinha, estou tentando fazer uma torta. — Levantei e meu *pau* levantou junto. *Porra*.

Ela rebolou na minha frente como uma diaba me levando para a *porra* do pecado mais gostoso do mundo.

Os cabelos estão presos em um coque e os pescocinho lindo à mostra. Olhei para os braços dela e engoli em seco, já estão quase cicatrizados. Apenas alguns pontos mais feridos e amarelados por conta da inflamação, mas bem poucos e sutis.

— Deveria ter vindo mais cedo. — Engoli em seco quando ela abriu a geladeira e se inclinou, pegando uma tigela com algo muito cheiroso dentro.

Ela desceu, e meu *pau* subiu. Olhei para baixo. *Porra* de moletom claro do inferno. A mancha molhada fez meu rosto pegar fogo. Engoli em seco, que ela não olhe para o meu *pau*, que ela não olhe para o meu *pau*. Repetia como um mantra.

Ela olhou.

Putá que pariu.

Ela olhou.

Capítulo 40

"Ser Você"

“Amar não é aceitar tudo. Aliás: onde tudo é aceito, desconfio que há falta de amor.”

Vladimir Maiakóvski



DOMINIC

Nervoso olho em direção a minha bombom, ela parece um frango de padaria suculento e no ponto. E *porra* ter ela olhando para o meu *pau* com aquela carinha de diabinha vestida de anjo, fez meu coração errar a batida.

A bandida encarou meu pau e foi levantando o olhar bem devagar, passando pelo meu corpo como se eu fosse um pedaço de carne no açougue, ela olhou nos meus olhos de forma firme e passou a pontinha da língua nos lábios, deixando eles úmidos.

Fodido sou eu que imaginei a linguinha dela, no meu *pau*. Certo, balancei a cabeça. Ela nunca fez isso. Não do jeito certo. Então você vai ficar sentadinho na sua cadeira e não vai jogar ela na bancada e *foder* ela com força e gostosinho.

— Algum problema Dom? — Por que ela está falando baixo e com o tom doce igual ao meu? Inferno!

— N...nenhum do... ocinh... ho — gaguejei. Ela simplesmente virou de costas e encostou na pia, mas ela virou e me olhou com um olhar doce e sensual.

Caraio do céu.

Engoli em seco. Ela foi até a geladeira e pegou dois picolés, ela colocou na bancada e empurrou em minha direção, peguei o

sorvete trêmulo de tesão. Ela voltou a se encostar na pia como uma Deusa do sexo.

Ela rasgou a embalagem do picolé com os dentes, *porra* de um cretino que sou imaginei ela rasgando a camisinha e colocando no meu *pau*.

Ela simplesmente lambeu a *porra* do picolé de cima a baixo e chupou a ponta. Isso mesmo, ela chupou a *porra* da ponta do picolé.

Soquei meu sorvete na boca com um *puta* ódio, tesão do inferno. Olhei para a Boo e imaginei deslizando o sorvete entre as pernas dela e pressionando no montinho sensível e ela se contorcendo toda de prazer.

Não, você é um soldado e se ela vai usar um fuzil, você vai usar um tanque de guerra.

Passei a ponta da língua no sorvete e ela arqueou uma sobrancelha. Repeti o movimento e vi ela apertar as pernas sutilmente e morder o lábio e sorrir de forma sensual.

Abri minhas pernas e meu moletom levantou atraindo os olhos dela, a *fodida* vergonha que eu senti há minutos passou.

Olhei para o meu *pau* e olhei pra ela.

Soldado ferido, soldado ferido. Uma gota de sorvete escorreu dos lábios dela, ela arrastou a língua limpando.

Soldado abatido.

BONNIE

Dom saiu na frente e acompanhei. Ele sentou no sofá nervoso. Agi normalmente tirando meu seio e dando ao pequeno esfomeado.

— Eu quero falar. — Tirei meus olhos de Leon surpresa. — Eu só não sei como. *Caraio*. Só não quero que tenha medo de mim,

ou sinta nojo de mim. — Ele abaixou a cabeça.

— E por que você acha que eu agiria assim? — Perguntei calma.

— Eu não sei. — Ele esfregou uma mão na outra novamente. — Eu só... Eu quero falar só não sei como. — Ele engoliu em seco. — Não quer ir comigo no Padawan? Você fica atrás da porta e ouve a conversa.

Eu ri, fazendo Leon abrir os olhos e me olhar vidrado.

— Não precisa. — Dei de ombros. — Eu só quero que seja sincero. No seu tempo entende? Quero que entenda que se você quer que isso funcione — Apontei para nós. — Verdadeiramente vai precisar ser sincero, ser você, o Dominic.

Ele afirmou.

— Eu só preciso descobrir como fazer? Eu não sei. — Ele parece visivelmente nervoso.

— É sobre a Líbia? — Perguntei suave, ele levantou e sentou ao meu lado, Leon procurou ele com o olhar devagarinho cheio de sono. Dom estendeu a mão para Leon e ele agarrou firmemente o dedo do pai.

— Tem muito mais coisa envolvida nisso — confidenciou baixo. — Eu...

— Você não consegue e eu entendo, de verdade — afirmei, eu não vou ser uma cretina. Consigo ver sinceridade em sua voz, e quando ele me olhou, vi uma dor tão grande em seu olhar que não fui capaz de sustentar o olhar.

— Posso? — perguntou, entreguei Leon e ele o colocou em pé no seu tronco e começou a passar a mão nas costas dele.

— Batidinhas Dom, assim. — Peguei a mão dele com cuidado e bati nas costas do Leon com todo cuidado do mundo. Leon arrotou com força e Dom fez uma carreta.

— Leite azedo. — Riu e beijou os cabelinhos do meu leãozinho. — Eu vou fazer isso funcionar, bombom. Ainda não sei como, mas vou.

O olhar dele foi tão penetrante que só concordei com ele, apenas com um balanço de cabeça.

Mesmo que no futuro não seremos um casal, mas precisamos da verdade, sempre.

— Se você quiser... Ele adora ver o pôr do sol do final da rua — comentei.

— E se ele chorar? — Me olhou aflito.

— Se ele chorar você pega ele no colo, e volta *pra* casa falando com ele, Dom — expliquei o óbvio — ele não vai chorar, confiei em mim. — Pisquei.

Peguei Leon do colo dele e fomos à cozinha, coloquei Leon no carrinho e o cobri com a mantinha e coloquei o paninho sobre ele .

Eles saíram pela porta e desabei na cadeira da cozinha.

— Eu ouvi tudo. — Abuelita saiu de dentro da dispensa, mordendo a unha do dedo mindinho. — E não entendi bulhufas.

— Tem algo de errado abuela. Nada justifica o que ele me fez, mas tem algo de errado e muito quebrado dentro dele.

— Ora sua boba, fácil cole e use. — Eu ri.

— Ele me olhou nos olhos abuelita, tem algo lá no fundo. Que está adormecido dentro dele. — Coloquei os mirtilos em uma travessa de vidro.

— Acorde e traga para fora na sapatada, simples. Não vou aceitar menos que um homem de verdade. Não vou me iludir, cair de amores por ele fazer o mínimo pelo leãozinho, enquanto ele não de deitar no chão para você não sujar seus sapatos, eu não o aceito de volta.

— Ele sugeriu que eu fosse com ele na terapia e ouvisse a conversa atrás da porta. — Ri incrédula.

— Eu iria. — Abuelita jogou os cabelos. — E na volta sentava no *pau* dele, como prêmio de consolação.

Joguei um mirtilo nela.

DOMINIC

Sentei encostado na árvore do final da rua, com Leon no colo. Enrolei ele no cobertorzinho como indicado no livro.

— O que ela vai fazer quando souber que eu não sou mais homem? Que eu deixei eles fazerem aquilo comigo, que eu não tinha forças para negar? — Engoli em seco, Leon abriu os olhos e as duas esferas doces e azuis me encararam. Um vinco fofo se formou na testinha dele, ele socou o punho na boca e chupou com força. — Eles machucaram o papai, mas o papai nunca vai deixar nada acontecer com você. Nunca. Nada e nem ninguém vai tocar em você.

Engoli em seco e senti meus olhos molhados. O que eu diria a ela? Que eu fui uma cadela de malditos terroristas estupradores? E que eu sangrei por dias? Não faço ideia de como, mas permaneci limpo, todos os anos, duas vezes realizo exames para DST's, mesmo sempre dando negativo.

Eu não me orgulho, não sinto nada. Apenas vazio. Foram dias, noites não sei ao certo. Fui encontrado nu, ensanguentado e

violentado. Não sabia que na cela ao lado, mulheres e crianças sofriam o mesmo que eu, e fraco não pude fazer nada.

Eu só queria ter uma bala no meio da testa e talvez assim pudesse me sentir mais homem.

Na verdade, já não sei mais quem sou eu.

Todos os dias fui ver Leon, ele parecia crescer cada vez mais rápido e forte. Com isso a quinta-feira chegou como uma cadela vingativa. Lenta, os dias não passavam. Nem *pra* mim e nem para o tempo.

Estranho, desde o dia que Boo deixou a escolha de tentar fazer nossa família funcionar passei a me sentir melancólico e mais nada, sem nada.

— Você está horrível. — Olhei a minhoca suicida na minha frente.

— E você o próprio modelo da Versace. — Revirei os olhos. Cobra se sentou ao meu lado no banco da pequena praça da cidade. As velhas fofoqueiras olhavam para nós. — Decidiu o que vai fazer minhoca?

— Além de *te* socar? Eu não tenho uma casa ao que parece. Morava em uma pensão velha. Estou cinco anos à frente do que eu achava, tenho um namorado que prefere ver o diabo ao me ver, meu chefe que não é meu chefe virou pai, e o meu chefe é pai da mãe do filho do meu chefe.

Que *caraio*?

— Quê? Quer falar devagar *caraio*? Eu não entendi *porra* nenhuma e não aprendi mandarim ou língua de solitária metida a naja *caraio*. — Olhei *pra* ele.

— Eu não faço ideia do que vou fazer da minha vida.

— Comece pedindo demissão a Salete e voltando a trabalhar *pra* mim, o resto *a gente* pensa depois e mantenha esse *pau* dentro das calças. Você está deixando Vallen apavorado.

— Ele disse algo? — perguntou. Os olhos azuis dele ficaram brilhantes e sonhadores.

— Não, mas eu sei. Só guarde o *pau* nas calças.

— Qual é a boa? — Lincoln chegou com um enorme saco de Corn Dog e quatro copos de café.

— Fazer a minhoca manter o *pau* nas calças.

Mas que *porra*.

— Faça um miser... Que *porra* aconteceu com seu cabelo? — O cabelo do russo têm uma enorme mancha laranja e outra azul.

— Não vou falar sobre isso — resmungou e colocou o capuz da blusa na cabeça. — Como vai minhoca?

— Vivo eu acho. Quem é você?

— Ivan.

Ivan sentou na nossa frente no chão e Lincoln fez o mesmo.

— Vulgo russo açougueiro. — Lincoln me estendeu um copo de café.

— Posso saber porque eu fui tirado da cama às sete da manhã? — o russo perguntou pegando o saco de Corn Dog da mão do Lincoln.

— Ele precisava de apoio e como eu não sou muleta de minhoca...

— Desde quando minhoca tem perna para usar muleta seu animal? — Lincoln chutou meu pé. Observei o olhar distante do Cobra.

— Pare de forçar o tico e teco que você não tem.

— Não consigo lembrar. — Ele mordeu o Corn Dog e me olhou. — O que eu faço?

— Eu lá vou saber? Terapia?

Terapia é a solução *pra* tudo! E olhe que eu fui uma vez só.

— E que ele vai dizer ao terapeuta, se ele não se lembra de nada, Maldonado? — O russo contestou.

— Diga algo melhor gênio — afrontei.

— Falar com a Boo? — Lincoln sugeriu. — O último trauma que ela passou foi com você, não diretamente já que ela estava dentro pegando fogo e você se esvaindo em sangue do lado de fora. — Olhei na direção dele. — O quê? Eu só sou prático e realista. É a verdade, ué?

— O que aconteceu com o atirador? — perguntei.

— Eu matei. — O russo deu de ombros. — Olha pelo que eu ouvi ontem, a confeitadeira e as discípulas da vingança vão dar uma festa para o Leãozinho, por que você não vai?

— Simples, porque não fui convidado e outra nem as conheço. — Cobra falou como se fosse óbvio, pelo menos pra ele.

— Você está dificultando as coisas, minhoca — reclamei. — O Corn Dog está frio.

— Além de fazer eu trazer, você ainda reclama? Seu *fodido* trambiqueiro de *merda*. Me dá aqui que eu como, porque eu ainda trouxe do *caralho* do único Corn Dog de queijo, porque você não come de cheddar seu fresco. — Enfiei quase todo o Corn Dog na boca.

— A...a quest...tão... —. — É que precisamos descobrir o porquê o tico e o teco da minhoca deram pane. O que o médico da cabeça disse?

— O neurologista? — afirmei. — Que não há uma causa provável relacionada , já que o tiro foi de leve.

— Leve? Seis miolos quase saíram — Lincoln ralhou.

— Não quero interromper as madames — russo falou. — Mas temos um novo xerife na cidade e ele está vindo pra cá.

— Dá um tiro nele, Dom — Lincoln provocou.

— Bom dia senhores, xerife Braatz.

Estilo aquelas bonequinhas beicudas? Olhei para o indivíduo, alvo e desprovido de cabelo, careca brilhosa e lustrada, bigode e uma barba que mais parece cabelo de bunda.

— Conheço você xerife? — perguntei bebericando meu café.

— Não, mas já ouvi falar de você.

— Ah!? Eu sou conhecido— zombei e continuei a comer.

— Maldonado, não é? — Assenti.

— Em carne e osso. — Vi a postura do russo e do Cobra mudar, ambos em alerta. Lincoln continuou no chão esparramado feito um monte de bosta. — Algum problema xerife?

— Não, e espero que o senhor e seus amigos não mudem isso, não quero ter problemas.

— Façamos assim, homem da lei, você finge que faz o seu serviço, cuida da fronteira e dos traficantes de *merda* que eu impeço que entrem na minha cidade, aí conversamos, o que você acha? Seu amigo Cookie ainda não foi localizado, não é? Você deveria se atentar com a fronteira, com quem seu amigo Cookie tinha ligações. Não é, russo?

— Da. — Ivan respondeu deixando o sotaque carregado e arrastado. Uí que medo.

— Algo mais Braatz?

— Tenham um bom dia, senhores.

Assim que ele saiu olhei para o Russo.

— Contate o Sebo, quero saber quem é essa bonequinha falsificada se achando Barbie. — Cuspi. — Mande o Corvo ficar de olho nele.

É hora da cidade descobrir quem é o verdadeiro xerife Cookie e o santo padre de Deus, o homem milagreiro.

— Bom dia Dominic. — Entrei na sala e senti o cheio de flores. — Novo aromatizador, o que achou?

— Você precisa de um terapeuta velho maluco. — A sexta-feira chegou e com ela o meu dia de ir ver a formiga Kung Fu.

— Tenho sessenta e dois anos meu filho e passo semanalmente com um amigo de longa data. Muito bem vividos, entre e sente-se vamos começar com a nossa sessão.

— Você passa no terapeuta, Padawan? — perguntei me jogando no divã do velho.

— Semanalmente meu filho. Atendo mais de vinte pessoas diferentes por semana, como acha que ainda não fiquei louco? — Você não ficou, você é louco, porém, guardei o pensamento *pra* mim. — Como vão as coisas?

— De mal a pior, meu melhor amigo vai casar, e estou me sentindo um rato miserável com inveja, meu outro melhor amigo não lembra nem do próprio rabo, a mãe do meu filho quer que eu conte meu problema e não sei o que fazer.

Para melhorar a minha semana de *merda*, Gael me ligou para contar que pretende casar semana que vem, e Gustave aquele pau de arreio quer uma fantasia do Elvis Presley.

Onde diabos eu vou arrumar uma fantasia do Elvis Presley?

— E de que problema estamos falando filho?

— Quer mesmo saber, Padawan?

— Eu sou pago para isso meu filho.

Um velho fofoqueiro assalariado.

Capítulo 41

“O Bicho-papão Existe.”

“Vou lhe contar um segredo. O bicho Papão não existe.
Mas tome muito cuidado, você pode criar um se quiser.”

Sérgio Lumas



DOMINIC

Engoli em seco, sem saber o que dizer.

— Por onde eu começo. — Coloquei meus braços sobre os olhos.

— Finja que eu sou um livro que você está escrevendo meu jovem. Eu não direi nada, até que me diga tudo o que for suficiente para você.

— Vai cobrar mais se eu passar da hora? — perguntei.

— Claro que vou.

— Formiga capitalista — retruquei.

— Feche os olhos, jovem. E escreva sua história.

— Era uma vez... Eu... Eu não sabia mais o que fazer com o *caraio* da minha vida... Meu pai havia sido morto, eu tinha um clube para tocar e não sabia fazer nada além de socar malditos vagabundos por dinheiro. — Olhei em direção ao Padawan, o homem está sentado de pernas cruzadas na cadeira que tem o triplo do seu tamanho, anotando algo no pequeno caderno. — Nasci na Inglaterra, filho de um americano com uma inglesa, ainda tenho uma forte obrigação com a minha nação e...

— Continue se esse for o seu problema e você quiser amenizar, continue. — Engoli em seco.

— Eu fui convocado para ir à Primavera Árabe. — Mesmo de olhos fechados pude sentir a respiração dele mudar. — Por trás de toda a glória transmitida pela televisão, a revolução, haviam ataques terroristas nas bases de comando dos Estados Unidos e da Inglaterra, Líbia e Síria foram os mais atacados, os protestos eram

só a frente do problema, a guerra na Síria e na Líbia estavam matando milhares todos os dias, mas nenhum canal jornalístico noticiava nada.

Meu corpo deu um tremelique involuntário, conhecido por mim como espasmo de *merda*. Toda vez em que penso muito no assunto, meu corpo estremece e as minhas tripas ficam lisas, feito óleo.

Segurei a vontade de cagar.

— Eu era soldado da linha de frente, fuzileiro classe especial. — Engoli em seco. Trinquei meus dentes e involuntariamente contraí meu corpo. — Foi quando conheci...

Conheci Gael.

— Pela primeira vez em quatro meses tínhamos um superior, não íamos mais atirar primeiro e pensar depois, proteger o major Mitchell virou nossa maior prioridade, mantínhamos ele vivo, e ele nos mantinha vivo, se é que me entende.

— Ele impedia vocês de serem só bonecos suicidas no meio da carnificina. Continue filho.

Eu fiz algo que sempre faço quando tenho raros pesadelos, me virei de lado ficando em posição fetal, juntei minhas mãos e coloquei entre meus joelhos apertando com força.

— Tinha conhecimento de toda a rota de segurança dele, pretendia manter a *porra* do segredo, nem que custasse minha vida. Se ele morresse todos morreríamos juntos. O que era a minha vida perto de outros vários soldados, com filhos? Famílias? Esposas? Mães e pais esperando o retorno deles? — Minha voz soou tão baixa que tenho certeza que ele não ouviu.

— Herói. Veterano do conflito. Você tem uma medalha de honra não tem meu filho? — De olhos fechados apertei meus olhos com força que senti algo entrar no meu ouvido. Não fui capaz de afugentar a lágrima solitária que escorreu. Dolorida como o *caraio* de uma panelada na cabeça.

— Eu fui pego, não era para ser eu lá. Era *pra* ser ele, o major. O comboio que o levava foi trocado pelo da minha equipe. O único do regimento, de doze homens no caminhão. Fui o único que sobrou. Vestido com a farda dele, fui capturado. Por mais de três dias eles pensaram que eu era o Major. Ele nunca soube que eu fiz isso, na verdade, ninguém nunca soube. Roubei um uniforme dele e o convenci a ir em outro caminhão. Quando o caminhão foi atacado simplesmente vesti a roupa dele e tentei escapar pelas ruínas da cidade.

A imagem era nítida. Eu podia ouvir meus companheiros gritando ao serem mortos a tiros à queima-roupa, enquanto desesperado trocava a maldita roupa.

— Quando eles souberam que não era o major, eu já não apanhava mais. — Engoli em seco meu corpo tremia. As imagens parecem estar se repetindo.

— Filho? Lembre-se que são lembranças, passado, não confunda com o seu presente meu filho. Não misture as coisas. Não deixe seu cérebro entrar em colapso.

Sei exatamente do que ele está falando, já aconteceu várias vezes. Parece real, sinto como se estivesse lá. Engoli em seco.

Soltei um riso pelo nariz, nervoso.

— Você curte cerveja doutor? — perguntei.

— Nunca provei uma gota de álcool meu filho— respondeu orgulhoso, eu ri.

— A primeira vez foi com uma garrafa de cerveja. — Meu corpo estremeceu e minha barriga doeu, um claro sinal do meu nervosismo, essa reação parece ser uma espécie de defesa do meu corpo. Toda vez que penso no assunto tenho vontade de cagar, já que eu nunca falei com ninguém. Abri meus olhos, o doutor continuava na mesma posição. — E... eu fui. — Respirei fundo. As palavras não querem sair. — Estuprado. s

Olhei diretamente para ele.

— Eu fui violentado por vários dias, quando eles acharam que garrafas de cerveja não eram mais suficientes, eles simplesmente resolveram fazendo método mais convencional.

Olhei em sua direção, mas sem vê-lo realmente, a nuvem de lágrimas cobriu os meus olhos.

— Todos os dias era a mesma pergunta, onde está o major? Não havia mais nada que eles pudessem tirar do meu corpo, mais nada. Eles levaram tudo. Ficou só a carcaça suja e vazia.

— Menino você foi o herói, o herói. — Neguei.

— Não fui forte o suficiente, não conseguia me levantar. Se eu pensar muito consigo até a menina chamando pela mãe na cela do lado, pedindo por favor para eles pararem. — Olhei para o homem que me escutava. — Eu matei todos eles, um por um e ainda mato.

Confessei.

— Ainda? — perguntou colocando o caderno na mesa e cruzando os dedos.

— Todos os dias, se algum caminhão cruza a minha fronteira, sejam imigrantes ilegais ou traficados, mulheres ou crianças, mato quem faz a travessia deles e vou atrás quem os pediu e mato. — Engoli em seco. — Um único caminhão que passou e eu não pude impedir, trazia a filha do meu melhor amigo e hoje ela está morta.

— Não é sua culpa.

— É sim, porque fui cedo e não vi.

— Você é um herói meu filho.

— Não, não sou, mas vou garantir enquanto estiver vivo, da forma que eu puder, que ninguém jamais se sinta como eu me sinto.

— E como você se sente? — Olhei para ele e sorri triste.

— Sujo e vazio. Eu pego meu filho no colo e *caraio*, jamais vou ser limpo o suficiente para ser o pai dele.

— Por que você acha isso meu filho?

— Há maldade em mim, há sujeira que nunca vai poder ser limpa. Eu não confiei na mãe dele, por não confiar em mim mesmo, por não acreditar, por ser cego e burro — admiti o que eu não sou capaz de admitir para a Boo.

— Então deixe tudo isso porta fora quando for ver seu filho e a mãe dele. Faça como você faz. Eu sei meu filho que você é um bom pai do seu jeito e será um bom mantido. Enquanto você achar que você é sujo e não é digno, você não vai conseguir, sinto informar e sabe por quê?

Mantive-me quieto.

— Você não precisa confiar na jovem Bonnie, você precisa confiar em si mesmo filho, ter fé em você. Porque se você confiar nela como eu sei que você está fazendo, mas não confiar em si mesmo não vai adiantar em nada. Todo o caminho trilhado por

vocês, será em vão, porque enquanto houver situações em que você não confie em si, você vai machucá-la dando a entender que ela não é detentora da sua confiança.

E como eu faço isso?

— Eu não posso...

— Eu não vou falar como o seu terapeuta, aqui é o Kiozy, um amigo que lhe quer bem. Sabe por que você pode? Porque você não vai querer outro homem criando seu filho, e oferecendo a jovem Bonnie a família que é sua. Como psiquiatra já orientei da melhor forma que podia, mas como seu amigo — Ele me olhou e deu um sorriso — deixe de ser burro, filho. Até segunda-feira meu filho.

BONNIE

Sentada na varanda, olhei para o celular. A mensagem no topo da conversa com Dom dizia que ele esteve on-line na sexta pela última vez às oito da manhã. Enviei dez mensagens e nenhuma foi visualizada.

Ele tinha prometido estar aqui, no sábado, para decidirmos do que seria a festa de Leon, mas ele não apareceu, e hoje também não. Leon está impaciente e meu peito apertado com uma enorme sensação de impotência, pode até parecer coisa da minha cabeça, no entanto, algo está errado.

— Nada querida? — Abuela sentou ao meu lado. Corri meus olhos para Leon que dormia em seu pequeno berço na varanda, tranquilo. Depois de passar o dia impaciente e balbuciando reclamações, como se algo estivesse incomodando, ele tomou seu terceiro banho do dia e mamou desesperado e depois dormiu inquieto, mas agora ele parece tranquilo.

— Nada. — Respondi e olhei a rua.

— Os meninos não disseram nada, meu bem? — Neguei, Lincoln não sabia de nada e Ivan muito menos ou fingiram que não sabiam. — Querida, ele está bem.

— E se caso ele não estiver bem, abuela? — Quando ele não apareceu ontem, fiquei com raiva, mas ela não durou dois minutos, meu peito se apertou de medo, as mesmas pessoas que estão me ameaçando podem tentar algo contra ele.

E se simplesmente ele não quiser mais brincar de casinha e desistiu do Leon? *Oh droga!* Não, ele não seria capaz de fazer isso, mas ...

Confusa demais encostei minha cabeça no ombro de abuela.

— Abuela?

— Vá querida. — Olhei confusa. — Vá até ele, eu e Leon vamos ficar bem. Eu sinto que algo não está nada bem.

— Mas...

— Leon tem leite o suficiente para cinco mamadas, querida. Vá. — Levantei rapidamente e parada no pé da escada disquei o número da Sol.

— Boo? — Respirei fundo.

— Ivan está por aí, Sol? — perguntei mordendo minha unha.

— Si, estou tentando solucionar o problema que ele e Rosita causaram no cabelo dele. — Riu.

— Você está me deixando careca, mulher. — Ouvi a voz de Ivan. — Algum problema Bonnie? — questionou.

— O que é necessário para arrombar uma porta? — Perguntei e Abuela riu batendo em minha coxa.

— Você quer invadir a casa de quem mulher? — A voz cética de me fez prender o riso.

— A casa do seu chefe. — Mordi os lábios.

— *Porra*, era só ter falado, eu tenho a chave — Ivan comentou.

— Vou arrumar isso, Sol. — Falei já que ela estava em silêncio.

— Já estava na hora, não é?

— Vou pelo menos tentar — acrescentei.

— Não sei se é uma boa ideia, Bonnie — a voz de Ivan soou cautelosa.

— Por favor, Ivan, preciso saber o que está acontecendo.

— Certo, estarei aí em cinco minutos.

Olhei para a abuela.

— Vou me trocar.

Nervosa eu peguei as chaves da mão do Ivan.

— Qualquer coisa ligue para Sol, caso ela não atenda, esse é meu número. — Ele me estendeu um cartão preto com a logo do clube na frente e um número rabiscado atrás.

— Certo, obrigada.

— Não se preocupe, estamos de olho no leãozinho e nos seus velhos. Nada vai acontecer, não mais. Confie em nós. — Ele piscou.

— Obrigada. E Ivan? — Chamei assim que saí do carro. — Você fica um charme careca. — Brinquei, ele revirou os olhos, pude ver um pequeno sorriso.

Virei-me olhando a enorme casa, luxuosa e muito extravagante. Abri o portão e entrei, a enorme porta além de ter uma senha de acesso só é ativada se a chave for colocada na fechadura.

Digitei o número, a data de nascimento de Leon. A porta deve ter uns cinco metros, brincando, de madeira envernizada e com uma maçaneta quase da minha altura.

Entrei e vi que a casa está organizada e extremamente silenciosa, dei um giro na sala tentando ter alguma ideia de onde Dominic possa estar. Foi aí que ouvi um barulho triste e baixo.

Segui o som e dei em outra sala, a porta está entreaberta e eu empurrei a porta devagar, Dom estava sentado no chão, com uma gaita na boca, em volta dele havia vários papéis, revistas e jornais. Na mesa à sua frente dele havia uma enorme caixa, me aproximei dele e ele abriu os olhos e percebeu minha presença.

Parei no lugar e vi na caixa várias medalhas de diversos tamanhos, e todas sem exceção dão de ouro.

Ele voltou a tocar a gaita de forma triste. Eu me aproximei e sentei no sofá.

Avistei recortes de jornais antigos, todos sobre a guerra na Síria e na Líbia. Algumas publicações na língua original.

A forma que ele toca a gaita dá a sensação que ele está chorando sem lágrimas. Quando ele terminou a canção, colocou a gaita na mesinha de centro e suspirou triste.

— Eu não estou bêbado, bombom — esclareceu em um tom quase inaudível.

— Eu sei, Dom — acrescentei rapidamente.

— Onde está Leon? Ele está bem? O que faz aqui?

— Leon está bem, Dom, e você? — perguntei.

Olhei a gaita velha em cima da mesa.

— Era do meu pai, aprendi a tocar quando tinha sete anos. — Ele a pegou de volta e a girou nos dedos, como costuma fazer com

seu canivete suíço. — Quer ouvir algo bombom?

— Quero.

O som triste saiu baixo, e eu logo reconheci a música, Elton John, A Good Heart, soou tão triste, engoli em seco quando entendi o que ele queria dizer com aquela canção. A letra me atingiu em cheio.

Quando ele terminou vi lágrimas e seus olhos, ele abaixou a cabeça.

Vislumbrei um porta-retrato deitado na mesinha, onde Dominic estava fardado, com um cachorrinho nos braços, o ar malandro e trambiqueiro presente na foto, mas ele estava mais magro e abatido diferente do homem sensual e cheio de músculos que é agora, braços não eram tatuados como agora, ele estava com aspecto de mais velho e cansado na foto, diferente do Dom cretino e cheio de vida. A foto era da guerra. Controlei-me para não esticar minha mão e tocar a foto.

Meus olhos foram atraídos até as medalhas na caixa em cima da mesa, mas uma em especial me chamou atenção. A medalha tem um formato de estrela, não... Olhei mais atentamente, é um formato parecido com uma cruz, sua fita tem um tom de vermelho-vivo, e ela não é parecida com ouro.

— É uma medalha de honra? — perguntei.

— Cruz da vitória, docinho — explicou e pegou a medalha. Olhei ele atentamente pegar e apertar com força a medalha e depois me entregar, com todo o cuidado do mundo pude olhá-la minuciosamente.

— É bronze, amor — comentou.

Percebe que está estampada na medalha uma coroa e um leão e no topo uma escrita: " por valor", a cruz é segurada por anel, preso a um V, várias folhinhas desenhadas por onde passa a fita vermelha, quando a virei, passei o dedo sobre o entalhe na medalha. Meu coração disparou a medalha é dele.

Dominic William Maldonado

SOLDADO

AO MÉRITO, POR DEFENDER SUA PÁTRIA.

No círculo em cima vi uma data, 13 de agosto de 2013.

— Motivo de honra para uns, vergonha para mim — falou tão baixo, que mal pude ouvir. Ele soltou um riso pelo nariz. — Existem boatos que a Bethinha é reptiliana.

— Você recebeu essa medalha da rainha Elizabeth? — Olhei para ele, abismada.

— Todas as medalhas são entregues por ela. Ela passa o bastão de ouro no seu ombro, faz um discurso de honra, glória e *vaiolà* você é um herói de guerra. — Ele fez pouco caso.

— Dom?— chamei, ele está na defensiva, tentando fazer piadas e desviar do assunto.

— Sabia que eu já pensei em vender essa *merda*? Ela compra a metade dos EUA.

— Dom?

Coloquei a medalha de volta na caixa. Sentei no chão ao lado dele. Olhei em sua direção e peguei o rosto dele com as duas mãos.

— Eu não mereço essa *merda* — rosnou e um biquinho lindo que se formou em seus lábios quando apertei seu rosto.

— E por quê? Me diga.

— Eu sou sujo docinho, não fiz nada de digno pelo meu país. Só manchei a honra dele e a do meu pai. — Meu corpo estremeceu.

— Dom? O que aconteceu na Líbia? Por que você tem medo do escuro, Dom? Por que o escuro *te* incomoda tanto?

Quando ele falou, meu corpo todo se arrepiou, eu não vi ali o Dom, o bandido, trambiqueiro e cheio de truques, eu vi um menino, com medo do escuro.

— O bicho-papão, ele existe docinho.

Capítulo 42

"É cagando que eu sinto paz."

"O medo reside no sofrimento do passado e cria a dor do futuro."

Roberto Shinyashiki



BONNIE

Olhei sem entender, percebi que ele desviou o olhar do meu. Voltei a puxar seu rosto, trazendo seu olhar até mim.

— Já *te* disseram que bicho-papão é apenas a poeira debaixo da cama? E que a poeira precisa ser limpa, Dom? — Olhei firme, ele soltou um riso anasalado.

— Às vezes eu sou o bicho-papão, docinho. Você não tem medo disso, amor? — A forma que ele me olhou fez um calafrio percorrer minha espinha, mas não de uma forma ruim.

— Não, porque se o bicho-papão realmente quisesse me assustar, ele não deixaria que eu me aproximasse. — Meus dedos tocaram seu rosto. — O que aconteceu com você, Dom? O que fizeram para você? Quem é o MacGyver?

Ele abriu os olhos e me olhou de forma firme.

— Me prometa, que você nunca, nunca mais vai me chamar assim... Não você. — Balancei a cabeça em concordância. — Quando eu fui convocado, você já havia ido embora.

Ele falou baixo.

— Eu queria ter ido atrás de você, era eu o cara dos doces, das flores e do vestido. Eu me culpei por cada maldito dia que você ficou em casa com a maldita pneumonia.

— Isso é passado, Dom.

— Não, não é bombom. — Ele balançou a cabeça. — Não tinha um dia naquele maldito inferno, que eu não pensava em você, sozinha na cidade grande.

— Eu fiquei bem— menti.

— Não, não ficou. — Ele pegou minha mão, e começou a traçar as cicatrizes com a ponta dos dedos dele. — Eu tenho olhos e ouvidos em todos os lugares.

— Você parece um mafioso falando assim. — Dom riu de forma sensual.

— Eu sou o que chamam de motoqueiro gangster, amor. — Olhei *pra* ele.

— É a mesma coisa, *Siegel*? — Ele me olhou e riu da forma que o chamei.

— Que tal trambiqueiro sem miolos? — Beijou minha mão, — se encaixa mais, não é? Você não vai falar sobre elas, não é? — sondou baixo.

— Se você me contar a sua história e me deixar *te* consolar. Eu conto o que acha? — Os olhos dele brilharam.

— Você quer me consolar? — Ri nervosa afirmando com a cabeça.

— Eu não sou um herói, docinho. — A forma amarga, totalmente seca e com nojo que ele disse as palavras, me afirmaram que ele acha o contrário. — Eu vou contar a história, de como um trambiqueiro trapaceiro, virou herói de guerra sem fazer absolutamente nada.

Olhei *pra* ele.

— Por que eu não acredito em você? — especulei baixinho.

— Porque ninguém acredita, amor. Todos acham que eu mereço essa bosta e esse título de *merda*, por me manter vivo. — Quando eu segurei a mão dele, percebi que Dom suava frio e tremia.

— Você quer mesmo fazer isso, Dom? — perguntei.

— Não. Não quero amor, mas segundo o grilo da terapia, preciso me libertar do passado e seguir em frente, não é? — A forma que ele falou me fez rir baixinho.

— Você foi apenas duas vezes na terapia, Dom. — Toquei seu rosto.

— Eu pesquisei sobre. — Piscou, mas eu vi a tristeza em seu olhar. — E você amor, quer mesmo saber? — afirmei.

Ele desviou os olhos e olhou fixamente para a cruz da vitória em cima da mesa.

— Eu não sei por onde começar. — Virei meu rosto em direção a parede.

— Que tal começar fingindo que não estou aqui? — Falei. Olhei pelo canto dos olhos, ele fechar os olhos com força.

Ele deu de ombros e riu, no entanto, vi seu corpo tremer e o suor na testa.

— Eu perdi as pregas, docinho. — Olhei sem entender, ele riu, nervoso. Ele juntou os joelhos no peito e apertou com força contra ele.

— Dom? — Chamei baixinho. — Vo... ocê... Você f... foi violentado, Dom? — Meu corpo todo tremeu, de cima a baixo e uma enorme náusea me atingiu. Um nojo tão grandão, que minha vista quis ficar escura. Não dele, mas da pessoa que fez isso com ele,

todos esses anos sozinho ele guardou isso e esse maldito monstro consumindo ele.

Oh Deus! Quem fez isso com ele? Eu olhei *pra* ele e vi um homem frágil e sem rumo.

Mesmo assim ele fez piada e tentou deixar o assunto banal, entretanto, não é nenhum pouco banal. Ele foi quebrado.

— Por dias, docinho. — Ele engoliu tão forte, que pude ver seu pomo de Adão subir e descer de forma difícil. — Eles me fizeram de boneca, eu paguei por cada maldito pecado que cometi e mesmo assim continuei a errar e duvidar das pessoas que se importam comigo. — Ele voltou a soltar um riso de desespero.

Levei minha mão para tocá-lo, mas parei no meio do caminho, com medo da sua reação, por não saber se ele me permite tocar nele ou não.

— Posso tocar você, Dom? — pedi tão baixo que me surpreendi com ele abrindo os olhos, havia lágrimas em seus olhos.

— Você quer me tocar? — ele perguntou relaxando um pouco. — Não está com nojo de mim? — Neguei.

Fiz algo que eu não sabia se era certo, só fiz.

Eu o abracei. Abracei com todas as minhas forças e ouvi um soluço. O corpo dele tremia de forma leve e dolorida. Parece que a dor dele está entrando dentro do meu peito.

— Tive muita vontade de morrer. — Ele soluçou forte. — Eu já não aguentava mais. Eu não queria mais, não havia mais nada pra eles tirarem de mim.

Foi aí que percebi que estava chorando também.

Ele começou a falar, entre os soluços, pude sentir as lágrimas dele molhando meu peito.

Quando ele falou do amigo. Eu simplesmente desabei, tentando me manter firme por fora.

Ele havia fingido ser alguém, para proteger várias pessoas. E não se orgulhava disso, ele se enxergava como fraco. Aquele não é o meu Dom, debochado e brincalhão. Cheio de artimanhas e truques.

É o Dom, veterano de guerra. Que ele escondia tão bem, que nem ele mesmo conseguia vê-lo.

— Você nunca procurou ajuda? — perguntei acariciando seus cabelos.

— Eles desconfiaram, mas eu nunca admiti. — Beijei seus cabelos. — Eu me sinto sujo docinho. — Não consigo olhar para mim e ver outra coisa a não ser um homem fraco. — Têm dias e dias, em alguns dias até consigo ouvir a voz deles. "Você gosta não é florzinha?", "A cadelinha quer mais, não é?"

O nojo que eu senti e a raiva foram tão grandes que fechei os olhos com força.

— Você não precisa passar por isso sozinho... — Eu não consegui falar a frase toda.

— Eu já passei, docinho. — Senti as lágrimas dele pingando nos meus seios.

— Você nunca chorou, não é? — perguntei sentindo uma tristeza enorme me invadir.

— Eu não sou digno de derramar uma lágrima, docinho.

— Por que Dom? Por que é tão difícil? — Minha voz saiu embargada pelo choro.

— Eu não pude salvar ela docinho — falou baixo me apertando com força.

— Quem Dom? Você não pode salvar quem? — quase supliquei.

— A menininha, amor, a pequena menina. Ele pedia ajuda, ela pedia socorro toda vez que ele fazia com ela o que fazia comigo...

DOMINIC

Eu já não poderia dizer mais nada, *caraio*. Não conseguia nem olhar nos olhos dela, a vergonha é tanta que só conseguia tremer, como um Pinscher.

A cada palavra dita a vontade de cagar aumentava. Respirei fundo. Minha barriga fez um barulho enorme.

— Toda vez... Toda vez que penso no assunto eu tenho caganeira — admiti me sentindo um rato.

— De nervoso? — perguntou doce como mel, e me senti mais miserável ainda. Ela não me olhou com pena, nojo ou qualquer outra coisa. Ela me olhou com admiração.

— Sim — afirmei. — Quando fui para o hospital, fazia nas calças sem sentir. Hoje eu controlo, mas se pensar muito provavelmente vou ficar uns bons vinte minutos, sentindo minhas tripas deslizarem para fora.

— Você foi ao médico? — especulou.

— Eu tive feridas amor — comentei baixo. — Que precisaram ser tratadas a laser.

Admiti algo para a Boo que nunca consegui admitir para mim mesmo.

— Até hoje tenho problemas com hemorroidas — confessei baixo. Ela me abraçou com mais força. — O lance da caganeira, o proctologista disse que com o tempo o lance de cagar sem sentir

passaria, mas meu corpo associou a caganeira como uma forma de defesa, tipo o peido do pumba de o Rei Leão. — Sorri mesmo triste fazendo ela soltar uma risadinha chorosa e baixa.

Como o belo rato que sou, levantei meus olhos e me afastei dela.

— Você não consegue levar um assunto realmente a sério, não é Dom? — questionou exasperada.

— Eu já tentei e quase enlouqueci. Fiquei de quarentena, em uma base militar no Reino Unido, mal conseguia comer, tudo que eu comia passava direto. Quando descobri que tinha ficado com sequelas, eu quase... Quase pensei em tirar minha vida. Porém, nunca tive uma dignidade para perder. — Dei de ombros.

— Pare com isso, Dom. Você é o homem mais digno e leal que eu conheço, fazer piada de um problema assim, meu Deus. — Ela riu. — Você não existe. Você criou uma barreira em volta de si, Dom. Essa barreira está te machucando.

Afirmar admitido.

— Às vezes eu penso que cagar é forma do meu corpo autoafirmar que ainda sou eu, sabe? — perguntou, mas não esperei uma resposta. Peguei um cacho do cabelo dela e enrolei no meu dedo. — É cagando que eu sinto paz. — Ri sem humor.

— Você contou isso ao doutor? — Neguei. — Você vai sempre ao médico? O proctologista?

— Todo ano, duas vezes. Faço uma bateria de exames, para garantir que não apareceu nenhuma hérnia hemorrágica. — Ela me olhou de uma forma tão meiga e doce. — Ou uma trombose em decorrência das hemorroidas, o médico diss...se... Q...que... — Dei

uma gaguejada — elas podiam aparecer nos dois primeiros anos, mas eu faço todos os anos. Com medo de que apareça algo.

No inferno, eu achei que com ela seria mais difícil, mas não foi fácil. Tão natural, que quando eu me dei conta e já estava falando das minhas pregas sem que meu peito doesse e me faltasse ar.

A vontade de cagar tinha passado, e meu peito parece mais leve e muito mais muito tranquilo, no fundo, posso ver meu monstro, querendo sair e me culpar, me deixando ainda mais assustado.

— Quer ir até Leon, Dom? perguntou tão baixo que quase não ouvi. Ou eu estou ficando surdo.

— Eu...

— Dom olha *pra* mim... — Você não é menos homem por ter passado pelo que passou, você não é o MacGyver. É o Dominic pai do meu filho.

E seu futuro marido.

Pensei de forma desgraçada e convencida. Dei uma limpada no meu nariz que parecia uma bica de tanto que fungava pelo meu choro.

Ela se levantou e estendeu a mão.

— Leon sentiu a sua falta, Dom. — Ela suspirou. — É eu também. Vamos lá.

— E se entrarmos pela janela? — Nervoso eu esfreguei uma mão na outra fazendo, Boo me olhar e revirar os olhos.

Quando saímos de casa, rumo ao encontro do meu filho, eu olhei mais uma vez pra Boo só vi admiração, não vi pena ou nojo, mas eu ainda tremia. Já disse que eu sou um rato.

— Provavelmente eu iria entalar. — Ela riu — Vem, vamos usar a porta.

— Me diga que é agora que rola aquele beijo de cinema? — Brinquei quando ela abriu a porta. Ela se virou sorrindo e se aproximou de mim, fazendo meu mísero coração de milho em conserva derreter, como um milho frito na manteiga.

Fechei os olhos e senti o formigamento no meu rosto. Engoli em seco.

Sentindo-me decepcionado abri os olhos, no exato momento em que ela me beijou.

. Meu corpo todo formigou de cima a baixo em um tremelique gostoso. Minhas mãos foram até a cintura dela e as mãos dela até o meu cabelo. Sorri entre o beijo ao me dar conta que ela está na ponta do pé tentando me beijar.

— V... você... E... está ri...indo do que? — balbuciou boca e afetada.

— Você é um micro joelinho. — Dei um selinho em seus lábios.

— Idiota. — Ela voltou a me beijar, e mordeu meu lábio toda sedutora me fazendo gemer feito um cachorro sarnento.

— Você vai me deixar mal-acostumado, docinho — brinquei, segurando firme na cintura dela.

— Se você quiser, podemos fazer isso dar certo. — Ela piscou.

— Pais com benefício? Certo, falei *merda*. — Ela concordou o que me deixou ainda pior. O que ela vai fazer quando descobrir que eu quero amarrar e arrastar ela até à capela do Elvis Presley?

Mesmo ainda me sentindo perturbado, Leon precisa de mim. Inferno, joguei meu monstro *pra* debaixo da cama.

Que morra de renite, maldito. Me recuso a ter outra caganeira. Nos últimos dois dias, eu caguei feito um jegue de nervoso. Se ainda me restou alguma tripa, ela sofreu sérios problemas. Eu mal consegui me manter fora do banheiro, não conseguia nem pensar na minha conversa com o doutor, que sentia vontade de cagar.

A vontade de fumar, voltou feito uma cadela bandida, porém, dei uma sapatada na maldita e fiz ela sumir. Ela me olhou e sorriu.

— Pais com benefícios.

Se eu disser que pretendo casar com ela, ela ficará assustada?

Talvez... Entramos na sala e abuela estava sentada ao lado do velho, enquanto Leon estava tranquilo em seu sono no pequeno bercinho. Como hoje estava mais frio, só aparecia o rostinho dele. Ele está usando uma touquinha vermelha, um macacão da mesma cor. Me aproximei do bercinho.

— Vamos levá-lo lá para cima conosco? — Olhei em direção a Boo.

— Isso é um convite para eu ficar?

Engoli em seco, me sentindo um miserável, por não ser capaz de pedir desculpas.

Capítulo 43

"Planos"

“É o que você faz agora que faz a diferença.”

Falcão Negro em perigo.



DOMINIC

Subi as escadas atrás dela, nervoso, afinal a última vez em que estive aqui não fui s convidado.

Meu celular vibrou no bolso, abri a conversa com o russo.

"Chaminé e Carniça já fizeram o serviço. Amanhã no jornal matinal a paróquia e a delegacia vão feder."

Sorri e guardei o celular novamente no bolso. Quando levantei meus olhos Boo me olhava estranha. Dei de ombros e entramos no quarto dela.

— Ficou meio pequeno aqui não acha? — comentei. Nossa casa tem o tamanho ideal para nós quatro. Assim que entrei no quarto Glórinha veio serpenteando nos meus pés. Peguei ela no colo e ela me deu um beijinho doce. — Senti saudades, querida. — Beije seu focinho. Ela deu um ganidinho.

— É o que nós temos, Dom. — Ela deu de ombros. — Tudo que eu tinha investi na confeitaria. — Ela falou sem olhar pra mim, mas pude perceber a tristeza em sua voz.

— E você não vai aceitar nada que vier de mim ou do Salete, não é? — perguntei.

— Nós estamos bem aqui, Dom. Eu só preciso de um tempo para ajeitar a minha vida e pensar no que vou fazer. — Ela colocou

Leon em um berço tipo uma cesta com uma capota. Ela sentou na cama. — Talvez eu me mude para Vegas e consiga um emprego.

Eu me aproximei do bercinho de Leon e sentei no chão ao lado de Boo recostando na cama. Olhei para ela e falei algo que há dias está me corroendo.

— Eu vi a placa de vende-se lá na loja, você vai mesmo vender? — sondei.

Mordi a língua, sempre quis ser dono de um empreendimento alimentício cheio de guloseimas. Inclusive se forem feitas por Dona Carmen mão de ceifadora, minha querida abuelita, além de ter mãos de fadas, são pesadas como uma britadeira pronta para propagar a destruição na terra.

— Eu não tenho dinheiro para reconstruir, Dom. E mesmo se fizesse você acha mesmo que com as mãos assim conseguiria fazer algo? — Ela balançou a mão em minha direção.

Peguei a mão dela e olhei para palma, a mão esquerda é a mais afetada. A palma da mão estava cicatrizada, mas eu percebi a dificuldade que ela tem em abrir as mãos, ambas, mas a esquerda a pele ficou avermelhada e cheia de vincos e dobras. Como se a pele tivesse sido juntada.

— Aquele é um sonho que a água da vida levou. — Deu de ombros, tentando não demonstrar que está afetada, mas inferno os olhos distantes e tristes dizem o contrário.

— Já pensou em fazer terapia, bombom? — perguntei e ela riu. — Terapia é a solução *pra* tudo, amor.

Falei o óbvio, fazendo *merchandising* do pequeno grilo da sabedoria.

— O Padawan é um ótimo terapeuta, em apenas uma sessão, ele foi capaz de limpar meus intestinos, minha flora intestinal agradeceu. — Pisquei a fazendo rir, ela me socou.

— Como você consegue ser assim, insuportável? — graciei.

— É um dom, bombomzinho de licor. — Peguei suas mãos e as beijei.

Eu sou um cretino eu sei, mas que mulher não fica caidinha por um palhaço em redenção?

Ela riu e se levantou. Fiz o mesmo. Enquanto ela arrumava a cama, ela colocou uma espécie de trança gigante azul na cama em formato de O.

Com todo cuidado do mundo peguei Leon do bercinho e cheirei os cabelinhos dele.

— Pode colocar ele aqui. — Fiz o que ela pediu e ele deu uma esticadinha.

— Eu fico com o chão amor. — Pisquei sensual pra ela, ela revirou os olhos.

— Seu ego de Narciso é palpável. — Bufou. — Cabe nós três aqui, Dom.

— Meu plano está funcionando? — Neguei. — Olha o meu tamanho, mulher. — Certo, eu não deveria ter mandado ela olhar.

Um arrepio subiu do meu rego e parou na minha nuca. Nananinanão, meu *pau* não vai se prostrar diante dessa pilantra.

— Olha. — Me fiz de puro e inocente. — Eu me mexo muito e sou grande docinho, fico com o chão, a não ser que você aceite que eu compre uma cama maior.

Estudei a técnica Gael Mitchell de sedução. Certo, pela cara que ela fez não funcionou. Custa ela aceitar uma cama maior? Meus

pés ficam *pra* fora nesta *merda* e meu filho não tem espaço, mentira. Ele tem sim, já que ele é um pingo minúsculo de sono e fome, e nas horas vagas de Dominic.

Oh sim, meu filho é um Maldonado, dos minúsculos pés até o último fio de cabelinho loiro. Será que ela teve azia na gravidez? Preciso perguntar, já que segundo um livro místico que eu li sobre simpatias para a gravidez, as crianças com muito cabelo causam azia na mãe. Superstição? Não sei, mas estava escrito em um livro que Gael mandou eu ler.

— Onde eu vou colocar uma cama maior, Dominic? — Por que diabos quando ela me chama de Dominic tem o delicioso som pecaminoso da maldade? — Você que é grande demais, vem me ajuda a pegar o colchão de ar no armário, ele está na sacola azul.

Fiz cara de desgosto.

— Você é tão preguiçoso, como consegue ser tão rico? — Ela riu.

— Chama-se terceirização do serviço amor, se eu posso pagar para alguém fazer, por que diabos vou levantar meu rabo e ir atrás? — Ensinaamentos práticos de um vagabundo rico e fresco chamado Gustave Mitchell. Ela me lançou um travesseiro acertando em cheio meu rosto. — Ei!

— Você é decadente, criatura. — Sorri. — Você alcança aquela caixa? Eu preciso usar o banheiro... Você sabe encher um colchão de ar, não sabe?

— É só assoprar, amor. — Dei de ombros.

— Existe uma invenção do ser humano chamada, bomba de ar. — Ela pegou uma roupa no armário e foi em direção à porta. — Use o cérebro, não quebre nada.

— Sim senhora. — Bati continência.

Peguei a sacola azul em cima do armário, mas uma coisinha me chamou a atenção.

Uma caixa preta de veludo, sondei Leon e fui até à porta colocando a cabeça no corredor. Voltei a minha atenção para a caixa e abri sorrateiramente.

— Olá Félix. — Olhei a coisinha maldita responsável pelas minhas crises de ódio, tirei meu celular do bolso e digitei o nome da marca na Apple Store, sorri ao ver os aplicativos de comando no catálogo de aplicativos. Ouvi passos no corredor.

Tirei o negocinho da caixinha onde estava em um saquinho de veludo e coloquei no bolso, enfiei bem para meu docinho saliente não perceber que peguei.

— Achou o colchão Dom? — Ela entrou no quarto usando um pijama de flanela azul e tinha mais alguns cobertores no braço.

— Esse docinho? — Levantei a sacola.

— Por que você está com essa cara de safado? — Ela me olhou desconfiada.

Passei a mão no meu rosto.

— Rostinho que Deus me deu e mamãe concebeu, amor. — Abri a sacola e tirei o colchão de ar.

— Você é um ordinário — brincou.

Estendi o colchão no chão e liguei a bomba de ar, em um passe de mágica o colchão está apto para o uso.

Ela deitou e virou para o lado do Leon, arranquei minha a calça tomando cuidado com meu mais novo friend, Félix. Coloquei o travesseiro na minha mais nova cama e me enrolei na coberta quentinha. Olhei o teto do quarto do meu docinho e suspirei.

— Já dormiu amor? perguntei baixinho.

— Não Dom — Boo respondeu ficando na mesma posição que eu.

Engoli em seco e respirei fundo, tomando coragem para fazer a pergunta.

— Você tem notícias do Biscoitinho? — especulei e fechei os olhos esperando a sapatada que eu vou levar.

BONNIE

Tenho certeza que ele fez algo, isso não dá para negar. Somente pelo tom dele e pela forma culposa que ele fez a pergunta. Eu quis rir do homem gigante que está parecendo um menino.

— Por que esse papo agora, Dom? — perguntei. — Você sumiu com ele, não é? — Acabei rindo, deveria me sentir culpada, mas acabei me sentindo aliviada.

— Você *tá* rindo, *caraio*? Não vai me ofender ou me bater? — Ele sentou e colocou o queixo no meu colchão.

— Deveria, mas não posso. Estou me sentindo uma cadela. — Um sentimento de alívio tomou conta do coração.

— Ele era um traficante de *merda*, docinho. — Tirei meus olhos do teto, e o encarrei. — Uma *merda* de um traficante de crianças.

Minha boca secou e meu peito disparou. Meus olhos foram rapidamente para o Leon.

Na possibilidade de ele sequestrar meu bebê, meu corpo todo se arrepiou de medo, Taylor havia simplesmente se afastado totalmente desde que descobriu minha gravidez. Ele não seria capaz! Ou seria, *oh sim*! Ele seria.

— Ele facilitava a entrada de caminhões pela fronteira, amor.
— Ele me olhou, me virei ficando em posição fetal, meu rosto a centímetros do seu. — No inferno aquele maldito lavava a mão no dinheiro sujo do México. Crianças e mulheres de todas as etnias.

Meu coração se apertou, todas as etnias, meu Deus, Ivan!
Eu olhei para o Dom.

— Ele pegou alguém da família do Ivan? — Dom suspirou.

— Ele facilitou. — Suspirou. — Russo veio atrás dele, entretanto, ele não era a raiz do problema, o biscoitinho era só uma peça nesse maldito jogo sujo, mas no meio do caminho...

— Ele conheceu Sol e Rosita. — Ele confirmou. — Rosita o tem enrolado no dedo mindinho. — Eu ri. — Agora onde entra o padre. — Dom me olhou surpreso. — *Oh* Dom, a paróquia espalhou cartazes pela cidade toda atrás do padre e você odiava ele.

— Pedófilo maldito. — Dom fechou os olhos com força. — Ele separava as crianças e as mulheres "bonitas" o suficiente para a venda. As que não eram, as que eram só saudáveis, eram mortas e seus órgãos eram vendidos. Ei? Não chore, inferno eu sou um rato por estar contando isso, só não queria que você ficasse sabendo pela televisão.

Tirei as lágrimas dos meus olhos e respirei fundo.

— O...obrigada por me contar Dom. — Solucei baixo. — Quem eles mataram? Que era importante para Ivan?

Perguntei baixinho e fechei os olhos.

— A filha dele. — Levei as mãos aos lábios para impedir que o soluço saísse. Senti os dedos dele em meu rosto. — Ela tinha a idade da filha da Solange.

— Com...mo el...les a pegaram? — perguntei, senti os dedos em meus lábios.

— Ela estava com o Ivan em um parque de diversões na Rússia, foi a primeira vez que o russo viu a filha depois de quase um ano longe dela. O russo a perdeu na casa dos espelhos. Ele não viu quem a levou, já reparou que ele usa uma correntinha de prata no braço esquerdo? — Neguei. — É o colar da filhinha dele.

Eu não fazia ideia, que Ivan estava aqui por este propósito, vingança.

— Sol sabe? — questioneei nervosa.

— Não tudo, amor. — Ele beijou a ponta do meu nariz.

Dom segurou minhas mãos e fechou os olhos.

— Nós somos assim amor, quebrados e sujos. — Ele falou de forma dolorida. — Somos ratos, a escória que a sociedade renega.

Passei a mão pelo cabelo dele e pelo rosto, havia uma pequena cicatriz na sobrancelha dele.

— Eu nunca conheci homens mais justos e corajosos que vocês. Você pode se achar sujo Dom, mas é você que limpa a sujeira deixada pelos verdadeiros monstros, além do mais não tem obrigação de arriscar sua vida por milhares de pessoas, ainda sim você faz. Você é bom, que sim existe bondade em você e digo mais é um rato por duvidar de si, mas é um rato bom.

Fiz algo totalmente infantil, beijei a ponta do nariz dele, ele abriu os olhos e riu baixinho, seus olhos são uma linda mistura de verde com azul, encantadora.

— Eu quero muito *te* beijar — sussurrou rouco. — Mas

Eu ri e o beijei, ele suspirou baixinho, talvez fosse estranho ele estar sentado no chão do meu quarto me beijando, mas nada no

mundo pareceu mais certo que aquilo. Minha cabeça racional queria que eu me afastasse exigindo um pedido de perdão, no entanto, meu coração apenas queria cuidar dele.

Nada pareceu mais certo que aquilo.

DOMINIC

Eu me levantei, o sol ainda não tinha nascido, Boo dormia tranquilamente, mas Leon não, ao contrário do que eu pensei que bebês fizessem, ele acordava e começava sua guerra particular com o cobertor.

Dei a volta na cama, e com todo cuidado do mundo, peguei Leon e a cobertinha. Não fazia nem quinze minutos que Boo havia acordado e trocado ele e dado mama, ela abriu os olhos e sonolenta ela resmungou.

— Durma, docinho. Vamos dar uma volta lá embaixo.

Eu e Leon saímos do quarto, ele deu um resmungo bravo.

— Que tal deixar a nossa mamãe dormir em pilantrinha? —

Ele me olhou com os olhos azuis e um lindo vinco de bravo se formou seu rosto. — Sua mamãe é a minha bombom, — Eu ri e descí as escadas. Não vou negar, um filete de suor escorreu por minha testa com medo de derrubar Leon, mas eu o segurei de forma firme, porém, suave.

Porra, eu vou proteger esse moleque do mundo.

Ao contrário do que eu pensei, Abuela já estava de pé com duas xícaras de café na bancada da cozinha, assim que entrei na cozinha, ela pegou Leon e o ninou. Ela vestia uma roupa de academia, toda rosa néon.

— Bom dia, dona Carmen. — Sem jeito me sentei na baqueta. Ela revirou os olhos.

— Bom dia, filho. — Ela me olhou e riu como se soubesse o segredo do universo. — Você não precisa de infindáveis planos de conquista, a algo chamado perdão, e você só precisa pedir e pare de me chamar de dona Carmen, que eu já lhe dei metade do meu perdão, sou fraca, mas essa sua cara de menino arrependido é um crime! — Engoli em seco. — Desembucha menino.

— A senhora quer realmente a verdade? — perguntei baixo, girando o café na xícara. — No inferno, serei o homem mais sortudo do mundo, se conseguisse abrir a *porra* da boca e pedir perdão.

— Você já tentou? — Neguei. — Sua resposta está aí. Sou eu a maior mentirosa do mundo se eu disse que eu não lhe amo, eu amo você Dominic, mas o que você causou a Boo e a si mesmo por medo precisa ser perdoado e o mais importante, você precisa se perdoar, quando você o fizer, vai conseguir pedir perdão.

Olhei pra ela e abaixei a cabeça.

— Boo adora toradas e café sem açúcar, tem uma bandeja na primeira gaveta à sua esquerda. Eu e a minha riqueza vamos dar nossa caminhada matinal.

— Não é se...

— Não se preocupe menino, os armários lá fora vão nos acompanhar. Eu ainda não te perdoei, mas minha neta precisa transar.

Ela gargalhou, enrolou Leon na manta e saiu com Leon, rebolando a bunda.

Equilibrei a bandeja de café nas mãos e a flor que roubei do quintal na boca.

Subi as escadas devagar e entrei no quarto bem devagar.

— Bom dia, flor do dia. — Coloquei a bandeja na mesa de cabeceira. Sentei na cama e ela abriu os olhos, olhando diretamente para o ninho de Leon. — Ele e abuelita foram dar a caminhada matinal da velha. — Ela riu e se esticou, fazendo o botão da enorme blusa de flanela azul abrir. — Ela estava toda apertada em uma roupa rosa marca texto.

— Ela diz que rosa a emagrece. — Ela sorriu sem graça. — Bom dia, Dom.

Eu ri e me aproximei dela fazendo ela olhar diretamente para meus lábios.

Meus olhos foram para os seios dela.

— Hoje não temos sorvete amor. — Sorri. Ela se arrepiou.

— Não? — Peguei o queixo dela com os dedos e trouxe para perto dos meus lábios.

— Não! Pensei em chupar outra coisa. — Ri da forma como ela se contorceu.

— Dom não...

— Não? — Mordi os lábios dela e passei a ponta da língua os umedecendo. — Certeza, amor? — Minha boca encontrou com a dela, a mão dela foi direto para minha nuca, pude sentir as feridas da mão dela, ela cravou as unhas compridas em meu pescoço e se afastou minimamente de mim.

— O ca...afé, Dom. — Eu ri e afastando as pernas dela com meu joelho e me ajoelhando entre elas.

— Que tal você ser o meu café docinho? — Ela gemeu. Mordi o pescoço dela fazendo ela arranhar minha nuca com força.

— Dom eu nunca fui... — interrompi ela rindo.

— Chupada? *Ah* amor, *pra* tudo na vida existe uma primeira vez. — Ela socou meu peito.

— Cachorro. — Eu ri e chupei seu pescoço.

— Au-au, delícia. — Meu *pau* criou vida própria na cueca, porém, me mantive longe o suficiente para que ela só tocasse minha nuca. — Você vai me deixar careca, amor.

— Está reclamando? — Ela passou as unhas no meu peito, de joelho no meio das pernas dela, eu me inclinei e abri os botões do blusão dela.

Os seios dela saltaram pra foram, como duas meninas dengosas pedindo carinho.

— Amor? — Eu ri. — Sabe a diferença entre um bezerro e eu? — Passei a língua no vale entre os seios dela — O bezerrinho precisa bebê leite e eu preciso *te* chupar.

Antes que ela me batesse, meus lábios chuparam os seios dela com vontade fazendo ela se contorcer na cama, ela riu.

— Você é ridículo.

Afastei-me e contornei o seio dela com a língua.

— Ridículo com um *pau* enorme, amor. — Juntei os seios dela e dei atenção as minhas duas crianças, igualmente para que não ficassem com ciúmes.

— Um *pau* enorme que é torto. Aí! — Eu ri e peguei o cóis da calça e puxei *pra* baixo com força.

— Você estava sem calcinha esse tempo todo? — Olhei a coisinha lisinha e lindinha e sorri passando a língua nos lábios. — Você está com vergonha!

— Por que você não pode ser um homem normal? — Ela cobriu os olhos.

— Eu sou único amor. — Eu ri abrindo as pernas dela.

— Pare de me olhar assim. — Eu olhei pra ela e sorri, cafajeste.

— Não vou burro uma segunda vez em não apreciar essa obra esculpida pelas mãos de Afrodite.

— Exagerado. — Eu ri e me abaixei beijando a tatuagem na coxa dela. Beije a linha fina da cicatriz, por onde meu filho saiu.

— Realista, me reponde uma coisa, amor? Se você errar eu tenho direito a uma prenda. — Trilhei meus dedos sobre meu pote de ouro.

— Fala logo — disse manhosa.

— O que tem cerca de 25 cm de comprimento, mais ou menos sete centímetros de largura e *te* deixa louca? — Passei meus dedos em suas dobras molhadas e levei os dedos aos lábios?

— O quê? Dinheiro? — Gargalhei e sem que ela esperar, minha boca abriu o paraíso, ela se contorceu e tentou se afastar.

— Nananinanão amor, quietinha. — Chupei o clitóris e ela gemeu alto, apoiei minha mão no baixo-ventre dela e deslizei um dedo para dentro. — Meu *pau* amor.

Olhei para minha calça e sorri, se o seu amiguinho tiver bateria docinho, você vai aprender, que de inimigos vamos ser melhores amigos.

— Você mediu seu p... *Ah!*... Antes que terminasse de falar chupei ela com gosto, um delicioso morango agridoce.

— Que tal falarmos menos e eu *te* chupar mais docinho?

Capítulo 44

"Ao Estilo Dominic Maldonado"

"Você não pode controlar as coisas que acontecem com você, mas pode controlar a forma que reage a elas."

Você de novo



DOMINIC

Fato é, eu amo essa linda mulher arreganhada, feito um frango em uma cama minúscula, sim ainda estou sentido com o lance da cama. Entretanto,, ela não precisa saber que pretendo levá-la para nossa casa, onde está nossa linda cama que com certeza cabe nós dois mais um time de futebol.

— Dom. — Ela puxou meu cabelo me fazendo gemer contra ela, a arte de ter chupando manga na minha fatídica adolescência me fez ter a certeza que faço o trabalho direito, *oh* sim eu sei como chupar um carço.

Eu ri contra ela fazendo-a gemer, o barulho da minha boca barulhenta e melada contra meu doce bombom adicionado aos gemidos matutinos, é uma delícia bagunça.

Deslizei o segundo dedo para dentro dela de forma preguiçosa, preparando o terreno, para o meu mais novo amigo. O vai e vem, segue o ritmo lento das minhas chupadas.

— Pernas nos ombros amor — mandei, fazendo-a negar freneticamente com a cabeça. — Pernas para o alto Bonnie ou você não quer gozar? — Minha voz saiu abafada e muito rouca. Levantei as pernas dela, deixando-a quase de ponta cabeça. — Vai gozar assim, amor.

— Seu... *Ah...* — acelerei o ritmo dos meus dedos, trabalhando duro no pequeno ponto de prazer do meu doce bombom, cravei meus dedos e abracei suas pernas, enquanto uma mão trabalhava duro, entrando e saindo batendo forte, meu polegar e minha língua trabalham em seu clitóris rosado de prazer. — Do...om p...por favo...or.

O corpo dela tremeu e meus lábios ficaram agridoce, sorri contra a pele macia, trilhei minha língua por toda pele quente e úmida, sentia os espasmos do corpo dela, Boo choramingou quando chupei seu clitóris de leve. Ri. Ela respirou com dificuldade, sorri em satisfação.

— Está viva docinho? — Inclinei meu corpo sobre o dela devagar.

— Não me olhe assim? — Beijei a tatuagem na sua coxa e fui subindo, passei a língua devagar na pele dela, olhando nos olhos dela. Ela mordeu os lábios e soltou um gemido.

— Assim como, amor? — perguntei baixo e rouco, ri devagar e assoprei o bico do seio dela, fazendo a pele de arrepiar.

— Seus olhos—os, Dom... *Ah...* — Mordi levemente, ela está extremamente sensível, embora da última vez eu tenha me comportado feito um cavalo e não percebi o quão inexperiente era o corpo dela, agora consigo ver o quão, sensível ao toque é o corpo dela, a sensibilidade que nunca vi em outra mulher. *Oh porra!* Totalmente incrível, ela fechou os olhos, como se estivesse gravando as sensações e reações do seu corpo ao meu toque

— O que tem meus olhos, bombom?

— Sorri e mordi seu pescoço ciente que ficará uma marca, e *porra* não deveria estar tão feliz em deixá-la marcada, mesmo ainda

não sendo minha esposa eu sou dela, completamente dela e aquela marca me dá uma esperança *fodida* de que vamos ficar juntos.

— Estão verdes, como os olhos de um gato, mas perigosos e traiçoeiros ao estilo Dominic Maldonado.

Sorri descarado e olhei nos olhos dela, minha respiração está pesada.

— Se eu ronronar feito um gatinho, eu ganho mais leiteinho?

— Mordi seu queixo, levando meus dedos até às dobras macias e molhadas. — Daqui?

Ela fechou os olhos com força, e cruzou os pés, criando uma pressão gostosa, imaginei meu *pau* deslizando devagarinho para dentro dela, em um vai e vem gostoso fazendo-a jogar os cabelos para trás e gemer, nunca vi uma mulher tão linda, mesmo sendo um homem quebrado ela me aceitou quando ainda tudo estava na bosta. Boo me aceitou como pai do Leon. *Porra*, seria o *caraio* de um inferno dolorido se eu chegasse perto e ela ainda me olhasse como no maldito dia que jogou toda *merda* no ventilador, me provando o quão rato eu sou, que não sou merecedor do amor dela.

O *caraio* de um egoísta de *merda*, eu sei que ela me ama e vou garantir que ela continue me amando pelo resto dos meus míseros dias.

O rosto exala sensualidade e sedução ao mesmo tempo, que demonstra suavidade. E no *caraio*, nada pareceu tão certo quanto nós dois aqui.

Os cabelos suados e colados no pescoço dela me deram a certeza de que ela me queria.

— Gosta disso, amor? — Ri quando ela mordeu os lábios, retirei meus dedos e tentou negar. Trouxe meus dedos aos lábios e chupei fazendo-a abrir os olhos e olhar atentamente meus movimentos.

Meus olhos foram para o celular que vibrou na mesinha ao lado da cama. Eu sorri pra ela.

— Nem pense nisso. — Ela negou e sorri.

— Atenda, docinho... Antes que eu o faça.

BONNIE

Sinto meu corpo tremer, estou suada, não conhecia aquele Dominic, não havia sinal do jeito brincalhão, mesmo soltando as suas pérolas, aquele é o Dom homem, o mesmo Dom que invadiu minha confeitaria, mas diferente, suave, sensual, o olhar traiçoeiro e excitado. Seus olhos geralmente são cor de mel, mas hoje em especial estão verdes, percebo que sua pupila está dilatando e isso me deixa arrepiada.

— Atenda, amor. — A voz rouca é intensa algumas oitavas mais baixas que o normal, fez um frio gostoso percorrer meu corpo.

Trêmula estiquei o braço e mordi os lábios.

— Não posso.

— Atenda. — Ele mordeu meu pescoço, seus dedos subiam e desciam pela minha barriga, uma deliciosa sensação de prazer não saciado.

— Alô pai. — Fechei os olhos quando ele desceu seus dedos mais para baixo.

— Bom dia, querida. Tenho ótimas notícias, um comprador em potencial para o seu terreno, ele marcou uma reunião às dez. — Afastei o celular do rosto e olhei para o timer.

— M..., mas já s...são no...ve e mei...a, pa... a...ai — gaguejei ao sentir os dedos de Dom entrarem em mim. — Meu Deus!

— Deus só no céu, bombom. — Dom cochichou me fazendo dar um pulo na cama.

— Querida? — Meu pai me chamou.

— Eu preciso desligar pai. Eu... u te ve...ejo da...aqui a pouco.

— Até daqui a pouco então, querida. — Desliguei o telefone, jogando ele na cama, empurrei Dom com todas as forças que me restaram.

— Seu cretino! — Soquei seu peito com força e o puxei pela nuca beijando-o, meus lábios quentes se chocaram com os dele tão frios, Dom sempre foi gelado, deliciosamente gelado. Minha pele se eriçou.

Eu me afastei dele, com a certeza que se não parássemos acabaríamos nus e suados, *oh* Deus como eu quero isso!

— Eu pre... eci... so sair! — balbuciei tentando recuperar meu fôlego. — Temos um possível comprador para o terreno da confeitaria.

— Você não precisa ir amor — disse manhoso enfiando o rosto em meu pescoço, estou com uma perna em cada lado da cintura dele, ao me dar conta que me encontro nua em cima dele tento me afastar. — Eu posso sentir seu calor quase no nosso *pau*.

— Nosso? — perguntei. Ri revirando os olhos toda boba. — Torto, mas é nosso. — Mordi os lábios e me aproximei dele.

— Não é torto, amor — comentei no mesmo tom cretino que ele usa. — Não é nenhum pouco torto, preciso ir, Dom. Não posso deixar o comprador esperando.

— Você não vai deixar ele esperando, porque está olhando para ele. — Me afastei dele.

— O quê?

— Eu *te* garanto que não preciso avaliar o terreno e nem falar mais do que já acabei de falar com a dona.

— Dom? — Balancei a cabeça. Me afastei dele meio tonta, joguei as pernas para fora da cama e me sentei. — Você não vai fazer isso.

— Vou não, eu já fiz. — Meu corpo tremeu de ódio.

Meu interior racional egoísta simplesmente queria enfiar a mão no meio da cara dele, mas não o fiz. Levantei-me ficando ereta.

— Você não vai comprar o *caralho* do terreno, Dominic!

— Por quê? Me dê um bom motivo e não comece com a *porra* dos palavrões, Bonnie!

— Porque o terreno é meu, Dominic! — rosnei o óbvio me segurando para não vomitar minha mágoa na cara dele.

— Entretanto, está à venda e tenho o dinheiro suficiente para comprar cinco iguais aqueles. — Ele falou soberbo e arrogante mudando totalmente a postura.

— Esse é o problema! — Não aguentei. — Sempre foi e sempre será! Tudo *pra* você se resolve com um estalar de dedos e uma conta bancária, mas não é assim! Não é, sabe o que eu queria? De verdade?

— O quê? — ele debochou fazendo pouco caso, ele entrou no modo MacGyver, na defensiva, o bandido.

— Um pedido de desculpas! Só isso! Não o seu dinheiro. — Percebi ele ficar pálido. E tentou falar, mas eu ri. — Mas *pra* você é mais fácil, usar seu dinheiro. *Oh* se é!

— Docinho...

— Pode me julgar por querer apenas um pedido de perdão!

Eu vivi o inferno na terra, vi minha mãe ser uma *vadia* e só não me trocar por pó porque roubou meus avós. Vi você destruir minha adolescência, um vestido e bombons não são pedidos de desculpas.

— Joguei as mãos para alto. — *Oh* sim eu sou uma cadela, mas nunca ouvi você dizer que sente muito e provavelmente nunca vou ouvir.

Senti minhas bochechas úmidas.

— Não vai dizer nada, não é? — Eu ri descrente. — Você é incrível Dominic! Um homem incrível, um pai fantástico, mas você não é o homem que eu quero *pra* mim. — Ele arregalou os olhos, desiludida desabafei, Deus como me dói ferir ele assim, mas *porra*!

— Sabe quem eu chamei enquanto pegava fogo? Quando senti minha pele queimar viva? Você, mas você estava *fodendo* uma *vadia*. Não negue! Eu não *te* julgo, você sempre foi solteiro e continua sendo! No entanto, em mim sempre doeu mais e sabe por quê? Porque eu gerei uma vida que desde o início não teve o direito da dúvida! *Oh* que dúvida, não é? Queria ter forças para sair e deixar você ir! Mas não tenho, eu não sou assim. Não consigo me sujar para tirar a sujeira que a sua desconfiança deixou em mim.

Ele andou de um lado para o outro como um leão enjaulado.

— Eu sinto muito, muito pelo que fizeram com você, e Deus sabe o quanto eu queria poder tirar a dor do seu peito, a sujeira que aquele maldito lugar deixou em você, mas não justifica! Nunca justificou e nem vai! E espero que você seja capaz de confiar em alguém o suficiente e amá-la. — Como doeu me dizer aquilo, como doeu! Meu peito queimou como brasa.

Eu queria dizer muito mais, mas sei que não vai adiantar nada, vou sempre receber seu silêncio.

— Eu fiquei vários dias com uma pneumonia dos infernos, porque você decidiu mudar o dia do baile, juntei com abuelita centavo por centavo, para comprar aquele vestido. E para você foi mais fácil, já que só foi lá e comprou, não é? Lembra do banho de tinta? Fiquei muitos dias sem conseguir enxergar direito, sentindo o cheiro da tinta e o gosto dela. — *Foda-se*, sabe quando você cansa? Pois, é. — Errei sim e assumo em achar que inventando que um vibrador era alguém sairia por cima, porque no *caralho* da minha vida toda fui sabotada! Sabotada por Amber! Sabotada por você! Sabotada por pessoas que eu não conheço e que querem me matar! Entretanto, de todas as sabotagens, foi a sua que mais me doeu! Só que na sua opinião, dinheiro é a solução *pra* tudo, não é? Sempre saí por baixo, e na minha humilde imaturidade achei que uma vez na vida poderia sair por cima. E olhe só mais uma vez só não sai por baixo, como fui pisoteada por formigas.

Dominic não dizia nada, ele apenas me olha desesperado, andando de um lado para o outro, sem rumo, nem sabia ao certo se ele está me ouvindo.

Abaixei pegando a calça e vestindo, senti fisgadas em minhas mãos. Fiz um rabo de cavalo com meu próprio cabelo.

— Suas sabotagens doeram, Dom. Continuam doendo, mas o seu silêncio dói mais ainda. Afinal esse é você, ao estilo Dominic Maldonado, o seu silêncio sabotou o resto de esperança que eu tinha em nós como um casal, mas só somos os pais do Leon, apenas isso. — Soltei um riso anasalado, fui em direção à porta,

não, eu não vou me quebrar na frente dele. — Quando sair bata a porta.

Parece que o peso do mundo foi tirado das minhas costas. Ele não ia dizer nada, porque esse é ele, o estilo Dominic Maldonado.

Ele é um homem incrível, mas não o meu homem incrível. Ele pode ser o herói de guerra, o Dom que ajuda milhares de pessoas sem que elas o conheçam, o pai do Leon que tenho certeza que não vai hesitar em arriscar sua vida pelo filho, mas não é o Dom homem, o Dom que desejo que confie em mim, me deseje como mulher e me ame.

Entrei no banheiro, fechei a porta e me apoiei nela, sentindo meu peito doer, queria ser altruísta o suficiente para passar por cima da mágoa em meu peito, porém, para ele parece que nada aconteceu, que tudo foi apenas um pesadelo, seu silêncio, a forma com que apenas segue em frente pode ser sua forma de autodefesa, fingir que nada aconteceu, contudo, eu não consigo e estou me sentindo a pior pessoa do mundo por jogar tudo isso em cima dele, mas minha razão e meu coração simplesmente estão divididas entre o Dom que precisa de ajuda e o maldito Dominic prepotente e soberbo que acha que tudo se resolve em um estalar de dedos.

Quando me recusei a reformar a confeitaria, além do meu orgulho, peguei porque isso já não é mais meu sonho e sim um pesadelo, quando fecho meus olhos consigo ver meus diplomas queimados, tudo virando fumaça e depois cinzas, restando apenas o pó.

Ri sozinha entre as lágrimas, abuelita tem o costume de dizer que se do pó viemos ao pó retornaremos, porém, não era isso que imaginava quando quase literalmente virei pó. O sonho de transformar abuela em alguém conhecido ainda está vivo dentro de mim, e vou realizá-lo, tirei a roupa de flanela e entrei debaixo do chuveiro, posso até estar sendo imatura novamente, querendo palavras, dizem que ações valem mais que palavras, mas o silêncio de Dominic está me levando para longe dele, entretanto, continua burro porque desejo ele perto, bem próximo.

Talvez ele precise de tempo, engoli em seco, minha Deusa interior sentada em seu divã, lixando suas unhas, me olhou e debochou da minha cara.

Seja uma vadia egoísta apenas uma vez na vida, dê a ele o tempo dele, mas o seu não para. Tic-tac... Tic-tac, sua perereca está ficando velha. E se ele demorar muito, o pau murcha e não sobe mais! Imposição, mostre a esse idiota que o tempo não para. Tic-tac. Seja uma cadela egoísta. Ele não é um cachorro? Au-au.

Saí do banheiro, me enrolei na toalha felpuda que estava atrás da porta, dei de cara com abuela e Leon no corredor.

— Deus tarda mais não falha, vivi para ver a justiça ser feita!
— Olhei sem entender. — Ande menina seque essa periquita e venha ver.

DOMINIC

— Você é um idiota. — Olhei para a cara de Lincoln e bati meu canivete em minha mesa.

— Você sabe que é só pedir perdão? — Levantei uma sobrancelha e encarrei o russo. .

Eu saí de lá sem saber direito como cheguei ao clube, olhei para as bebidas na prateleira e passei reto se meu dinheiro não é a solução a bebida também não. Inferno, não deveria ter dito que ia comprar o La Carmen e reformar, Bonnie é tão boa que não consegue nem me odiar.

“Você é incrível Dominic! Um homem incrível, um pai fantástico, mas você não é o homem que eu quero *pra* mim.”

As palavras martelam em minha cabeça e coração.

Preciso de um plano, não, não preciso de um plano, tenho que pedir perdão, por tudo que eu fiz a ela e ao Leon, mas talvez se eu...

— Chefe? — Corvo abriu a porta e entrou sorrindo. — Ligue no canal de notícias.

Abri a segunda gaveta da minha mesa procurando o controle remoto. Peguei-o e ao tentar ligar a televisão, dei uma batida nele e a pilha velha voltou a funcionar.

Coloquei no canal quinze e uma loira apareceu na tela falando:

" Traficantes do mundo continuam mirando mulheres e meninas disse o superintendente Fedotov no relatório da ONU, ele ainda destacou que a vasta maioria das vítimas detectadas do tráfico são para exploração sexual e 35% das traficadas para o trabalho forçado são do sexo feminino incluindo crianças. Graças a ação conjunta da ONU com o FBI, foi realizada uma nova operação denominada “Espelho, espelho meu”, tendo como responsável o Sebastian Matarazzo,"

Meus olhos foram para o russo, ele sorriu e meneou a cabeça em direção a TV.

"Foram encontrados dois corpos já em estado de decomposição, pelos agentes do FBI, ambos os corpos foram identificados como Taylor Cookie, xerife de polícia da cidade vizinha, Parnoveil, e o outro homem foi identificado pela paróquia como sendo o padre Francisco Xavier que desapareceu há cerca de quase três meses, ambos os corpos foram encontrados com sinais de tortura que provavelmente foram realizadas por algum cartel que abomina tais atitudes, já que ao que tudo indica, eles são suspeitos de tráfico de mulheres e crianças, facilitando a entrada das vítimas em nosso país pela fronteira norte. Segundo Sebastian Matarazzo será iniciado um esquema de barricadas de vigilância em pontos estratégicos que não foram divulgados. A equipe forense esteve no local de desova e encontrou arquivos de crianças e mulheres, crianças desaparecidas que foram relacionadas ao banco de dados da Interpol, das oito vítimas identificadas, sete eram brasileiras e uma russa."

Desliguei a TV.

— Bom trabalho russo. — Ele apenas concordou com a cabeça.

A porta do meu escritório foi aberto, e uma criatura ofuscante entrou.

— Por que diabos o Gael ficou com a suíte VIP do seu hotel?

— Revirei os olhos.

— Olá Gustave, é bom vê-lo, estou ótimo. — Bufeí. —

Simples, porque seu irmão vai casar. E como diabos você entrou?

— O esquisito lá embaixo me mandou subir, eu sou seu sócio ué. — O encarei sem paciência.

— Conheçam, Gustave Mitchell. Gustave, russo e Corvo. O Lincoln você já conhece. — Fiz as honras, sem me mexer em minha cadeira.

— Senhores.

— E aí cara.

O russo apenas balançou a cabeça.

— Por que vocês estão com cara que vão matar alguém? — Ele sentou no meu sofá, como o Mitchell folgado que é, sem se importar se foi ou não convidado.

— Posso começar com você, folgado, tire os pés imundos da minha mesa — ameacei.

— Esses são sapatos D&G feitos sob medida para que não sejam desconfortáveis. — Olhei cético.

— Você tem sérios problemas, cara.

— E esse lugar fede a gente velha e tabaco, nunca ouviu falar em aromatizador?

Eu vou socar esse maldito!

Capítulo 45

"Clube Dos CF"

"Em cada instante das nossas vidas temos um pé nos contos de fadas e o outro no abismo."

Paulo Coelho



DOMINIC

Existe uma linha tênue entre a minha amizade com esse bundão fresco e adivinhem essa linha tênue é um fio de cabelo seco e com pontas duplas, e ele acabou de arrebentar.

— Mas que *caralho*, homem! Precisa bater? Eu penteei meu cabelo com gel, *porra*. — Revirei os olhos.

— Quer calar a boca e deixar de ser fresco? — esbravejei.

— Por que diabos estamos no meio do nada, sendo que Gael está prestes a casar? — Olhei pelo retrovisor e vi que Ivan me olhou maldoso.

— Podemos deixar ele aqui, ninguém vai sentir falta dele — Ivan resmungou.

— Fale por você, galo de rinha. — Gustave deu o dedo do meio para o russo.

— Enfiei no rabo e cheire, Taz-Mania. — Gustave olhou para o Russo.

— Minha cabeça não é grande, seu carniceiro de...

— Calem o *caraio* da boca vocês dois. Estamos chegando.

— Foi ele quem começou.

— Foi ele quem começou, *dah!* — Ivan o imitou.

— Eu vou jogar os dois *pra* fora.

— Quer me dizer o que estamos fazendo no meio do nada?

— Gustave abriu a janela e tirou a cabeça para fora da janela, fazendo a poeira do deserto entrar no carro. — *Caralho*, tem um homem pendurado lá em cima.

Ele apontou para o Cânion.

— Se você não calar a boca, loirona, você será o próximo — o russo o ameaçou, descendo do carro assim que o parei.

— Ele tem probleminha na cabeça, né? — Gustave deu o dedo do meio para o Russo.

— Você também. Feche a *porra* dessa janela. — Abri a minha janela. — Russo?

Ele se virou arrancando a camisa e me olhando.

— Não o asse e nem o mate. — Ele gargalhou. — Você quer as suas respostas sobre Esteban Navarro e eu sobre Handball, ele sabe onde eles estão, Corvo virá buscá-lo.

— Não seria o contrário? — Gustave questionou.

— Russo assa e depois mata. — Dei de ombros e Gustave deu um tremelique ao meu lado.

— Esse cara é maluco. — Revirei os olhos enquanto fiz o retorno e acelerei o carro. — Me responda uma coisa, por que diabos você tem um arranhão na nuca, mas está com essa cara de bunda?

— Não é nada — menti.

— *Oh* claro que é, vamos. Vamos me diga. — O idiota esfregou uma mão na outra e riu animado — Certo, não temos motivos para riso, qual foi a *merda* da vez?

Contei a ele resumidamente meu infeliz infortúnio. Respirei fundo. Não posso fugir por muito tempo, preciso mandar uma

mensagem a ela, perguntando sobre Leon, *porra*.

Eu estou com saudades do meu filho e *merda*, mal tive meu couro arrancado por ela e já quero um *remember*. Eu sou o *caraio* de um *fodido*.

— Não que eu tenha alguma moral diante dessa situação — Gustave cacarejou. — Mas você é idiota ou se faz, você precisa agir na maciote, sigilo, boca fechada não entra mosca e você mantém sua integridade física. Ela te bateu? *Porra*, Samantha murchou os pneus do meu carro, contudo, nunca foi agressiva, não espere, teve a vez em que ela ameaçou me trancar com o Ricardo.

— Mas quem diabos é Ricardo? — Gargalhei entrando na rodovia.

— O cachorro da senhora Catarina, Sam cuida dele quando a senhora vai viajar. O cachorro pesa dez gramas e me odeia. — Gargalhei.

— Eu e Bonnie transamos. — Dei de ombros.

— Seu *fodido*, enfiou a cara no pote de mel. — Eu vou jogar esse maldito *pra* fora. — Talvez ela não tenha gozado por isso surtou. Samantha costumava dizer, que se a humanidade dependesse dos orgasmos das mulheres, não existiria humanidade. — Dei de ombros.

— *Oh* você acha? E como chegou à conclusão disso, *oh* grande pensador Mitchell?

— Talvez porque você tinha dito, simples! — falou o óbvio.

— Você é burro assim mesmo, ou é um leve problema no cérebro que você não tem.

— Isso se chamar charme, se eu sou burro você é idiota, bundão aceite estamos no mesmo barco, solteiros, sozinhos e

nossas mulheres nos odeiam, talvez nem isso elas o façam, já que Sam não é capaz de matar uma barata, segundo ela esses insetos têm uma função biológica na natureza e... Caralho você tem um revólver de prata? — Ele abriu meu porta-luvas. — *Caralho* suas balas têm um D&M, já usou?

— Nunca precisei. — Dei de ombros, ele pegou o revólver. E destravou.

— *Porra*. É uma Magnum Smith. Como assim nunca precisou? Você tem o rabo mais sujo que pau de galinheiro. — Dei de ombros, entrando em Vegas.

Enfiei a mão no bolso, e tirei o canivete suíço, a única coisa boa que eu trouxe daquele maldito lugar.

— É o mesmo dado pela infantaria? — Afirmei. — O meu fica em uma caixa. Já usou?

— Já, e você não vai querer saber com o que. — Gargalhei pela cara de nojo dele, guardei o canivete e parei em frente ao cassino. — Sua fantasia de Elvis Presley está no porta-malas. — Os olhos do cretino brilharam — Gael vai *te* matar.

— Vocês me amam demais para viverem sem mim. — *Caralho*, você realmente é rico.

Como se isso fosse realmente importante.

— Se essa *merda* fosse interessante o bastante. — Bufei e saí do carro e entregando a chave ao manobrista.

— Chefe — cumprimentei apenas com um aceno de cabeça.

— Por que diabos você faz essa cara de *merda*? — Gustave questionou.

— É a cara que eu tenho. — Empurrei a porta e entrei no cassino.

— Você é um cavalo mesmo! Eu todo solícito com a sua dor e você de agressividade comigo. — Ele levou a mão ao peito, mas mudou a postura quando entramos no saguão que dá para o outro lado, onde começa o hotel.

Se as pessoas soubessem que esse *banana fresco*, é um bunda mole não suspiravam. Quem vê acha que esse bosta é um homem de negócios, no entanto, não passa de um vagabundo trambiqueiro igual a mim.

— Eu sei o que você está pensando. Seja lá o que for, você também é, aliás, meu caro Domzinho. Essa pampa de bandidão malvadão *fodão* me excita.

— Vá se *foder*. — Apertei o botão do elevador.

Quando o elevador abriu, entrei cumprimentando o ascensorista.

— Chefe.

— Robert. — Avistei duas loiras dentro do elevador, elas nos olharam de cima a baixo. Arqueei a sobrancelha.

— Como está a patroa e o bebê chefe? — perguntou, me encostei na parede e Gustave fez o mesmo, as duas mulheres cochicharam..

— Algum problema, senhoras? — Elas arregalaram os olhos e negaram. — Ótimo. Meu filho está cada vez maior. Vai fazer três meses, e bom a mãe dele continua linda e eu apaixonado. — Ri de lado.

— Fico feliz filho. — Concordei. — Felicidades com o menino e com a patroa.

— Obrigado, Robert. Ficamos por aqui.

Olhei para o Gustave e ele está olhando as unhas. Revirei os olhos.

Saímos do elevador.

— Achei que cumprimentaria as mulheres — comentei.

— Eu sou comprometido. — Gargalhei. — Certo, Sam só não sabe ainda.

— Ela vai casar com outro. — Dei de ombros o provocando.

— Se você continuar sendo um bundão, seu bombomzinho também vai. Aposto que ela só está solteira por opção.

— *Filha da puta.*

— Fale baixo, Susan e Mitchell estão por estes corredores, você não vai querer conhecer a ira do cão mais cedo.

— Sua mãe é um anjo. — Dei de ombros.

— Por que ela ainda não sabe com detalhes o que você fez a Bonnie, porque se ela e Annie descobrirem com detalhes, meu amigo o diabo vai se sentar para ver a destruição do mal que elas vão causar.

Um arrepio correu pela minha espinha.

— Abra a boca e eu arranco sua língua. — Batemos na porta.
— Jesus que visão do inferno.

— Não ouviu falar em roupa, *caraio*? — Gael abriu a porta só de toalha na cintura.

— Não me *fode* essas horas. — Ele saiu andando.

— Que bicho *te* mordeu? — perguntei entrando. Avistei um cara deitado na suíte com o braço sobre os olhos.

— Susane Mitchell o nome. — O cara falou.

— Onde o papai e o Ed foram? — Gustave tirou os sapatos.
Me joguei no sofá.

— Buscar cerveja. — Gael entrou no banheiro. — César, Dominic. Dominic, César. Honras feitas. — Gael relinchou.

— Por que homens prestes a casar são um porre? — Gustave provocou. — *Caralho* Gabriel.

A escova de dentes voou do banheiro e acertou em cheio a cabeça do retardado.

— E, aí cara? — Falei para o indivíduo chamado César. Ele tirou a mão dos olhos e me olhou.

— Não me diga que você fez *merda* também e sua mulher meteu o *pé no seu rabo*? — Encarrei o indivíduo.

— Bem-vindo ao clube dos calcinhas, bundão. — Antes que Gustave conseguisse sentar coloquei o pé na frente fazendo-o se desequilibrar. — *Mas que caralho*, seu trambiqueiro.

— Deixe de ser fresco. Meter o pé no rabo é uma palavra meio forte — resmunguei. — Digamos que eu estou pisando em ovos.

— Podres você quer dizer, não é? — Gustave provocou.

— Quer calar o caraio da boca, você não é homem para parâmetro de glória, seu imbecil. — Gael deu um tapa na orelha do irmão.

— Por que sua mãe levou minha mulher? — O paspalho, vulgo César lamentou dramático.

— Porque se eu for me afogar em solidão vocês também vão, embora vocês dois. — Apontou com desdém para mim e Gustave. Abracei meu amigo desolado. Sentados juntos no sofá Gustave fungou em meu ombro. — Já estão na *merda*.

— Sem meleca na minha jaqueta, *caraio* — reclamei empurrando o bundão. — Não finja que você não é um bundão,

porque de todos nós, você é o fundador do clube dos calcinhas.

Proteste!

— Clube dos CF. — Gustave falou pensador, puxando a barba. — Calcinhas fracassadas.

— Jesus que brega. — Soquei o idiota. — Eu amei. — Gargalhamos juntos, a desgraça coletiva. — Você peidou Gustave? *Porra!*

— Escapou!

— Olha o cheiro de bunda azeda, cara! — César reclamou. Vi a almofada voar na direção da cara de Gustave, Gael acertou em cheio.

— As madames são carrapatos por acaso? — Gustave falou rindo. Empurrei ele.

— Não se mexa seu infeliz senão vai feder mais. — A porta abriu.

Joshua pai de Gael e Edgar, o senhor de idade que cuidava do castelo Mitchell entram com uma caixa de cerveja.

— Que fedor de bosta é esse? — O pai do Gael tossiu.

— Cara? Você peidou de novo. — Olhamos para o Gustave e ele gargalhou.

— Culpe o caviar do seu hotel. *Porra*, esse fedeu!

Sentado na sacada da suíte com César, pude ouvir o bundão do Gustave implorando para usar a fantasia de Elvis Presley. Revirei os olhos e tomei a cerveja.

Em meia hora com o advogado *chave de cadeia*, ela já sabia de toda minha fracassada vida, com alguns detalhes ocultados, chorei feito um bebê para um cara que não tem moral nenhuma, já que a ex-esposa que agora é a atual, meteu o pé na bunda dele.

BONNIE

Tomei meu café, e olhei a televisão sem acreditar. Meu Deus! Dominic, desgraçado. Como eu queria odiar esse homem, mas o orgulho que eu senti dele, me fez uma cretina.

— Desacreditado *estoy*. — Abuelita fofoqueira, mordeu a unha.

— Eu não sei o que dizer. — Tentei não sorrir, porém, foi impossível.

Embora um lado ache repugnante a forma com que o padre e Taylor ficaram, fiquei aliviada. A dor e a sujeira que eles causaram a diversas mulheres, crianças e suas famílias, foi lavada, isso não as traz de volta já que segundo o noticiário, boa parte delas devem estar mortas, é reconfortante saber que eles pagaram em vida tudo que causam as pessoas.

— Lambe a minha bunda! Eu sabia, aquele Cookie nunca me desceu, a pose de bom moço, a forma invejosa que ele olhava para Dominic e olhe que Dom é um traste. — Ri. — Sim, seu pai é um traste.

Abuelita brincou com Leon, que dormia sua soneca da manhã. Já são quase onze da manhã. Levante-me e fui em direção à cozinha. Lavei a xícara de café, a ideia que martelava em minha cabeça me fez pegar o notebook, e ir à sala, sentei no sofá, Glórinha pulou no sofá e deitou ao meu lado, recostando em minha coxa. Meu pai retornou à ligação, avisando que o suposto comprador desistiu da compra.

— O que está tramando, aí menina? — Ri escondendo o notebook. — Surpresa abuelita. — Pisquei.

Comecei a digitar os e-mails e trabalhar no projeto, sempre de olho em Leon, quando abuelita me a chamou para almoçar, eu fechei o notebook e peguei Leon no colo.

— Oi amor. — Ele abriu os olhos e beijei sua testa.

Quando eu entrei na cozinha, senhor Otávio entrou pela porta dos fundos, todo sujo de graxa.

— Consegui, tigresa, funciona! — falou e sorriu. — O fusca velho funciona!

— Um fusca cor-de-rosa não se esqueça! — comentei rindo.

— Tem que funcionar mesmo, está desde às quatro da manhã nisso. Ande, ande meu velho, vá tirar essa sujeira e venha almoçar.

Depois do senhor Otávio voltar, nos sentamos e comemos, rindo e conversando.

Depois de comermos, dei um banho fresquinho em Leon e o alimentei, vestindo uma roupinha fresquinha, ele dormiu tranquilo, mesmo com minhas mãos doendo e queimando, estou orgulhosa que consegui. Voltei para o computador, decidida a fazer isso acontecer. Talvez não dê certo ou até mesmo seja um sucesso, talvez esteja errada investindo o resto do dinheiro nisso, mas eu preciso tentar.

Digitei uma mensagem para Sol e ela respondeu animada, topando uma das maiores loucuras que poderia ter na cabeça.

Confirmei a compra do equipamento e sorri, essa velha maluca será um sucesso. A minha velha maluca.

Escutei a campainha tocar, como já está tarde tenho certeza que é o Dom por isso quando Abuela abriu a porta me mantive enrolada na manta com Leon, atenta ao filme.

Leon dorme tranquilo em meus braços, e suspiro cheirando a mantinha branca em que está enrolado.

— *Ah* é você. — Abuela Carmen falou com desdém, mas pude ver a surpresa e um brilho de amor em seus olhos. — Entra menino.

— Boa noite para você também, abuela. — Dominic brincou, ele está com os cabelos molhados, sinal de um recente banho, cheira a menta e madeira fresca, o típico perfume de homem canalha e sem vergonha, está vestindo uma jaqueta de couro do clube, uma camiseta branca, que parece dois números menores, calça jeans surrada, e as suas inseparáveis botas de couro. O típico motoqueiro encenqueiro.

— Comprei uma vassoura nova se você quiser, testo ela em você rápido, querido. — Abuelita ameaçou.

— E estragar seu meio de locomoção? — Ele se aproximou de mim e de Leon. — Boa noite, docinho. — Ele se abaixou e beijou a cabecinha de Leon, fazendo o cheiro do seu perfume me atingir em cheio. E como eu imaginei. Ele está agindo como se nada tivesse acontecido. — Boa noite, filho.

— Ele me chamou de bruxa? — Abuela se sentou em sua poltrona.

— Chamou. — Dei de ombros.

— O que vem de baixo não me atinge.

Dom, pegou Leon do meu colo e sentou no sofá ao meu lado, Glórinha cheirou Dom e serpenteou no chão, não contente pulou no sofá ela deitou ao lado dele.

— Aconselho então a sentar em um formigueiro. — Dom piscou.

— Desde quando você ficou insuportável? — Abuela crispou os olhos em afronta.

— Sempre foi, a senhora que não queria ver. Afinal ele é um doce, não é? — contestei. — Uma torta de limão, azeda e amarga feito fel — resmunguei a última parte baixinho.

Engoli minha vontade de soltar um palavrão, acima de tudo somos pais de Leon, antes de querer que ele *vá para o raio que o parta*, vale ressaltar que ele é o pai do meu bebê.

— Bom, querida eu e meu benzinho vamos dar uma volta. — Piscou se levantando. — Qualquer coisa, dá uma porrada na cabeça dele e jogue-o na calçada.

— Eu também te amo, abuela — Dom provocou.

— Eu ainda tiro essa urucubaca do seu corpo menino. — Ela pegou a bolsa e foi até à porta. — Por favor, se forem lavar roupa suja, economizem água. — Riu. — Esse ar está intragável, se acertem logo, eu sou velha, e cardíaca não posso ficar sem oxigênio. E pelo amor de Deus, use menos perfume!

— Eu amo essa velha. — Ele riu beijando os cabelos de Leon. — Como foi o dia de vocês?

Perguntou, notei que ele realmente está interessado.

— Eu e esse encenqueirinho, estamos trabalho em uma surpresa para a bisá, não é amor? — Ri. — Aproveitei e informei o tema da festinha dele.

— Ah, legal? E qual vai ser?

— Pijama *party* — falei sem encará-lo, ele suspirou pesadamente.

— Certo, já está na minha hora. Só passei para ver como vocês estavam — comentou e beijou a cabecinha de Leon. —

Gostaria de saber se posso trazer uns amigos, para a festinha dele?

— O pessoal do clube é bem-vindo, sempre.

— Não, não. São umas pessoas que eu quero que você conheça.

— Lembre-se que ele também é seu filho, não me importo, se você confia neles, eles serão sempre bem-vindos.

— Depois que você conhecer Gustave, garanto que não vai querer ele aqui por muito tempo. — Riu. — Obrigado, não vou conseguir vir amanhã, mas *te* ligo. Qualquer coisa, a qualquer horário, pode me ligar ou ligar para o russo. — Assenti.

Engoli o bolo que se formou em minha garganta, fazendo meu orgulho descer junto.

— Preciso ir à Vegas na quarta comprar algumas coisas para Leon e para a festinha, quer ir junto? — perguntei.

Lembre-se somos pais do Leon, sempre, acima de tudo.

— Vou poder pagar? — Senti vontade de negar, mas respirei fundo.

— Se você quiser. — Concordei. O clima entre nós, está cortante e estranho. Respirei fundo, e caminhei com ele até à porta. Tenho a sensação que ele quer dizer algo, mas como sempre permaneceu em silêncio.

— Certo, nos vemos na quarta-feira — disse sem jeito, coçando a cabeça. Respirei fundo.

— Até quarta-feira então — concordei e fechei a porta.

Olhei para Leon, ele está acordado quietinho me olhando seriamente com cara de bebê bravo, passei a mão em sua testinha e o vinco se suavizou.

— Você ama seu pai, não é? — perguntei e ele me olhou e deu um risinho. — Mamãe também.

Deve existir uma forma de descomplicar o complicado, mas já dizia o ditado, “*uma andorinha sozinha não faz verão*”. E só o amor não é suficiente.

Olhei a televisão e o filme que estava assistindo perdeu totalmente a graça.

Ri, talvez eu não tenha um sapatinho de cristal para ser quebrado e nem uma fada madrinha, desliguei a TV no exato momento em que a princesa tirou outro sapatinho de cristal do bolso.

Ingênua, bati a mão no bolso da calça, ri olhei para Leon.
Nem bolso a calça tem.

Capítulo 46

"10 coisas que eu amo em você."

"Ei! Em seu coração há um buraco

Há uma marca preta em sua alma Em suas mãos está o meu
coração

E ela não vai me deixar ir até que esteja cheio de cicatrizes

Tentei implorar, mas não posso

Porque as cinzas me deixam como condenado

Chegou a tocar como um espinho

Porque no mato ela está escondendo chifres"

Horns

Bryce Fox



BONNIE

Bocejei cansada, nem mesmo a animação de abuela dançando salsa às sete da manhã foi capaz de me tirar do estado caótico de sono.

Senhor Macalister rodopiou abuelita pela cozinha e eles riam, ele deu um beijo nela, colocou e tirou o boné da cabeça em um sinal de reverência para mim.

— Minhas damas, caso precisem estarei na garagem. — Piscou e beijou abuelita, ele saiu cantando e requebrando os quadris. Balancei a cabeça rindo.

— Garota, você está horrível. — Abuelita riu. — A periquita deve estar cabeluda. — Abuela riu, bebericando seu café.

Leon resmungou no carrinho, mas voltou a dormir, fazendo Glórinha levantar as orelhas atentas, quando percebeu que ele ficou

em silêncio, voltou a roer seu brinquedo.

— Menina, diga algo! Vamos, vamos! — Suspirei cansada.

— Eu estou perdida, Abuela. — Olhei para meu café. Ouvi um suspiro dela. — Dominic e eu jamais teremos um futuro juntos.

— E do jeito que ele é bundão. — Deu de ombros. — Sabe menina, quando eu conheci seu avô, foi um amor faceiro, enquanto ele era a brisa, eu era um furacão desgovernado. Assim é com vocês. Enquanto você é a garoa leve de verão, ele é o toró d'água que alaga bueiro. — Gargalhei da sua análise filosófica. — Sabe minha filha, você precisa aprender que existem homens burros e existe o paspalho do Dom com aquele jeito faceiro e cheio de malícia e truques, ele é um trambiqueiro inteligentíssimo, porém, um homem burro, homens como ele só dão valor quando perdem querida. Perdem de verdade.

Olhei para ela sem entender.

— Querida, para uma menina inteligente sua convivência com aquele paspalho está *te* deixando lesada, preste atenção na abuelita. Se Dom vier aqui todos os dias, ele vai *te* encontrar não vai? — Afirmei. — E se por acaso ele não encontrar? Pense nisso, querida. — Ela levantou e colocou a caneca suja na pia. — Menina, vá passar uma babosa nesse cabelo, antes que ele saia andando, tem óleo de coco na segunda porta do armário. Eu e Leon vamos assistir a santa missa enquanto limpo a sala.

Ri me levantando e abraçando ela.

— Eu te amo, abuela. — Meus olhos se encheram de lágrimas. — Nunca duvide disso, abuela.

— Mas eu vou duvidar por quê? Olhe para nós duas hoje! Você é minha estrelinha brilhante. — Ela suspirou. — Sabe meu

bem, não precisamos ser forte o tempo todo às vezes demonstrar fraqueza e chorar é o nosso maior ato de força e coragem. Você precisa assimilar tudo que passou, entender que isso. — Segurou minhas mãos e passou os dedos pelas queimaduras, subindo para os meus braços. — Não vai poder ser ignorado para sempre, talvez leve tempo, mas você precisa entender, que a dor precisa ser sentida e compartilhada, não digo comigo ou com o pascalho Dom.

— Abuela eu não... — tentei me explicar.

— Não, me escute, tenho notado, que você mal come querida, fica vaga e só se dedica a assuntos que envolvam Leon. Eu sou velha menina, não tente negar. Não se trata apenas das queimaduras, querida, é sobre o que você passou com Dom e o que você perdeu naquele incêndio.

— Abula...

— Me responda, você acha que a minha Boo, ficaria horas e horas sentada na varanda, olhando para o nada, apenas cuidando do Leon? Eu sei que você não dorme querida, mas se recusa a admitir, eu sei que você levanta à noite e fica sentada na janela olhando para fora, porém, não admite que está aprisionada dentro de si mesma. Você está vendo os dias passar, um dia a após o outro, querida. — Meu coração disparou causando uma sensação de incômodo, minhas mãos formigaram e senti um desconforto no estômago, engoli o bolo na minha garganta e abracei abuela Carmen com força.

— Eu... u vou fi...icar bem, abuela — gaguejei e beijei seu rosto.

— Sei que vai, minha menina. Eu sei que vai.

Com Leon no canguru, abuela sacolejou com ele pela sala, Leon olhou para mim e deu um sorriso ao ver a careta, com uma touca térmica e muito óleo de coco na cabeça, dancei pela sala com a vassoura.

Abuela deu uma voltinha e Leon me olhou dando um sorrisinho faceiro, ele abriu a boquinha de sono, sorri ao olhá-lo, dancei com espanador, coloquei as mãos nos joelhos e rebolei, abri meus braços e virei. Dançando como há tempos não fazia.

Abuela cantou, me fazendo gargalhar. Joguei-me no sofá e abracei a vassoura. Abuela passou a mão na própria bunda e balançou dançante, sorri. Mesmo dançando, ela toma todo cuidado do mundo para que Leon não balance demais, ele todo faceiro resmungou e socou o punho na boca fazendo barulhinhos.

Ela tirou Leon do canguru e o colocou no carrinho. Ela rodopiou na frente dele e colocou o punho na testa e a mão no cotovelo e girou feito uma minhoca-louca.

Abuela pegou a vassoura da minha mão e dançou animada, Leon olhava sem entender.

Levantei-me do sofá e fui em direção à cozinha, lavei as mãos e quando voltei abuela tirou Leon no carrinho e voltou a dançar com ele em seu colo, mesmo com o barulho baixo da música ele continuava não se importando.

Peguei Leon e nos sentamos no sofá, alimentei Leon vendo abuela dançar e terminar de organizar as decorações na estante, ele mal arrotou e já estava dormindo.

A campainha tocou, me levantei colocando Leon no carrinho e cobrindo-o. Fui em direção à porta e abri dando de cara com um entregador.

— Senhora Maldonado? — Olhei para ele sem entender.

— Aqui não tem nenhuma, senhora Maldonado — informei ao rapaz que me olhou confuso.

— Bonnie Maldonado? — perguntou.

— É aqui mesmo rapaz. Ela ainda não se acostumou com o nome de casada. Abuela intrometida falou para o entregador.

— Sou eu. — Assinei o papel e peguei a caixa.

— Vamos menina, abra que eu sou curiosa. — Revirei os olhos rindo e agradecendo ao moço, fechei a porta e fui em direção ao sofá.

Abri a pequena caixa.

Nela havia alguns papéis e uma plaquinha que parecia ser ouro.

— *Crendios pai todo-poderoso criador do céu e da terra.* — Abuela pegou a plaquinha. — Jesus amado.

Peguei o pingente que está na caixa e engoli em seco, isso não ter sido nada barato. O pingente é todo pontilhado com o que provavelmente são diamantes.

— Dominic *te* comprou uma estrela — abuela falou abismada.

— Não existe isso de comprar uma estrela? — Peguei o papel. — Aqui diz que o nome da estrela é Boo docinho saliente, docinho saliente, abuela! — Mas que *merda* Dominic tem na cabeça? Abuela riu.

— Ele *te* deu uma estrela, *ah* o amor! E a semente renasce. — abuela riu sonhadora.

Olhei a placa de ouro, abismada. A localização da estrela docinho saliente estão entalhadas na placa. Olhei sem acreditar.

Dominic, me comprou uma estrela.

DOMINIC

— Eu os declaro marido e mulher, pode beijar a noiva! — O juiz de paz anunciou, Gustave escandaloso gritou e assoviou.

Quando abracei Gael e a loira ela olhou dentro dos meus olhos com uma expressão um tanto quanto descontente com a minha pessoa.

— Precisamos conversar, gibi — comunicou fazendo um arrepio percorrer minha espinha. Engoli em seco.

— Parabéns, cuide dela cara. Ou ela vai arrancar seu couro e fazer uma bolsa. — Gael gargalhou e me abraçou pelos ombros. — O clube os espera. — Pisquei e vi os olhos da loira brilharem. Ela se afastou e foi abraçada pelos sogros.

— Você não vem? — Neguei. — Preciso resolver uns assuntos. — Dei de ombros enfiando as mãos no bolso da calça. — Mais tarde eu apareço por lá.

Gustave jogou arroz na cara do Gael.

— Parabéns, irmão. — Gustave empurrou ele.

— *Filho da puta*. — Gael cuspiu arroz.

— Viemos do mesmo útero, seu bastardo. — Gustave jogou mais arroz no irmão.

— Acho melhor vocês calarem a boca porque a mamãe de vocês está vindo aí, chorando. — Eu ri. — Parabéns, irmão. — Abracei Gael e me afastei deles.

— Ei, bundão! Não se esqueça do nosso plano — Gustave cacarejou.

Se essa *merda* não funcionar, vou arrancar esse sorriso desse maldito e deixá-lo banguela.

Olhei para o meu celular, vi sete chamadas perdidas do russo.

— Fala. — Coloquei o celular no ouvido.

— Problemas à vista.

— Mas que *merda*.

— Eu ainda vou fazer sabão do seu amiguinho, Sebastião — o russo ameaçou. Mas vamos ao problema, no México existem alguns boatos de um cara que sabe onde Handball e Tamara estão. Entretanto, ele quer *te* ver pessoalmente.

— E quem seria esse ilustre cidadão?

— Cabelo, o nome dele é Cabelo. Segundo informações ele quer sua ajuda para atravessar a fronteira em segurança e em troca vai fornecer a localização exata dos dois.

— Por acaso tenho cara de guarda-costas de imigrante ilegal? Descubra quem é esse Cabelo e me traga ele. Já estou cansado dessa maldita brincadeira de gato e rato.

— Certo. Agora me diga por que diabos você tirou o localizador que coloquei no seu carro?

— Eu sei cuidar do meu próprio rabo, russo, não se preocupe, aliás, se preocupe com o seu, que por sinal já está quase explodindo, inferno, já falei que não é para lutar sem meu conhecimento.

— *Foda* — respondeu.

— Achou que eu não saberia, mas que *caraio*? Qual é a *porra* do seu problema entenda que aqui não é o seu país, se você perder a maldita luta ou você morre, ou você vai lutar *pra* um maldito qualquer, até o final da sua vida ou até você morrer. Você não pensa na Solange, na menina? Qual é a *porra* do seu problema. Se você

me desobedecer de novo e lutar sem o meu aval, você está fora!
Entendeu? Você está fora!

— *Dah* — respondeu em russo, me fazendo querer socar sua cara.

— Você quer lutar Ivan? Vai lutar comigo, se eu ganhar você nunca mais vai se meter com a maldita velha Vegas, se você ganhar você faz o que quiser do *caraio* da sua vida! Mas saiba que vou estourar seus miolos, se arriscar a vida e a maldita identidade de Solange novamente!

Desliguei o telefone sem esperar uma resposta, *foda* eu posso não saber o que fazer do *caraio* da minha própria vida, mas se o russo quer se *foder*, vai se *foder* sozinho! Solange e a menina vão ficar longe dessa *merda* toda.

A maldita velha Vegas, não perdoaria se o maldito perdesse uma luta, eles vão usá-lo até vê-lo morto, depois vem um próximo no lugar dele, é assim que funciona o maldito esquema dos *fodidos* gângster de Vegas, *fode* você até a última gama de vida que existir em você. Estou no maldito radar deles há anos, não mais como um possível colaborador como me viam no início, mas sim como um *fodido* inimigo declaro por não ter aceitado fazer parte do maldito esquema de tráfico de drogas e prostituição.

Disquei um número de telefone.

— Fala, chefe.

— Corvo? Quero que fique de olho no russo, fique na cola dele, se ele fizer algo suspeito que envolva a velha Vegas de um tiro no pé desse maldito.

— Certo. Ele está envolvido com coisa feia, Dom. O rosto dele está *fodido*. — Sabia que ele tinha lutado ontem, e o pior sem a

minha maldita permissão. *Porra* ele não é meu maldito galo de rinha, é meu amigo.

Não vou perder meu amigo para a maldita velha Vegas. Nem que pra isso eu precise dar um tiro no pé desse maldito e socar a cara dele para enfiar um pouco de senso.

— Ele pode estar devendo a eles, chefe — Corvo comentou.

— Não, não está devendo, esse maldito russo está fazendo pela pura adrenalina e perigo. Inferno, ele vai aprender da pior forma que este é um caminho de *merda*.

Um maldito caminho de merda.

— Olá! Docinho — cumprimentei, no dia seguinte. Boo está linda, usando um vestido florido, os cabelos presos, carregando um gordinho lindo usando um mini boné e resmungão. Ela sorriu *pra* mim, meus olhos foram para o pingente no pescoço dela. Já são quase uma da tarde, meu estômago roncou de fome.

— Oi, Dom. — Ela sorriu, me entregou Leon e olhei para a roupinha dele, ele está usando uma camiseta de manga comprida cinza, calça macia que imita jeans, um lindo boné, os sapatos minúsculos parecem as minhas botas só quem em uma versão normal e muito mais fofa.

— Meu Deus, os dois estão de boné. — Ri sem jeito. — Que riqueza, embora eu ache seu pai um paspalho, vocês são muito iguais. — Abuela Carmen falou do sofá. Ela está costurando algo em um pano.

— Boa tarde, abuela. — Ela fez uma careta de desdém, como se não ligasse. Essa velha me ama, eu sinto isso. — Podemos ir bombom?

— Claro, só preciso que você coloque o carrinho de Leon no seu carro. E estamos prontos para ir.

Enquanto ela coloca Leon na cadeirinha, ajeitei o carrinho de Leon no porta-malas. Quando fechei o porta-malas trombei com ela.

— Peguei. — Eu ri, segurando ela com firmeza, impedindo-a de cair.

— Eu... u... Obrig... gad... da — Boo gaguejou. E eu pisquei.

— Sempre vou pegar você, amor — afirmei soltando ela.

Uma mecha de cabelo se soltou do penteado, peguei o cabelo macio e muito cheiroso e coloquei atrás da sua orelha.

— Eu vou dar um jeito nisso, amor. — Prometi mais a ela do que a mim mesmo.

— Faça promessas que pode cumprir, Dom. — Ela olhou dentro dos meus olhos.

— Eu nunca quebrei uma promessa, amor. — Pisquei convencido. Ela riu.

— Afinal você nunca me prometeu nada, não é? — respirei fundo. Enfiei a mão no bolso.

— Quero que guarde todos os papéis desse bombom. — Pisquei. — Quando for a hora certa você vai saber. — E entreguei a ela o doce.

— Um bombom chinês. — Ela virou e riu. — Ele vence na semana que vem.

Ela me olhou sem entender.

— São dez coisas que eu amo em você — declarei, ela me olhou e deu um passo para trás.

— Vo...ocê me ama? — perguntou olhando para o bombom.

— Eu comprei uma estrela, mas me arrependi porque você já é dona do céu. Então passei na lojinha do chinês, e lembrei que um bombom com gosto de gordura velha, de cinquenta centavos vale mais que uma estrela. Sabe por quê? Porque dizem que a estrela já está morta há anos e o que vemos é apenas a luz que restou dela, e o bombom *te* fez sorrir, e o seu sorriso vale mais do que qualquer coisa. — Pisquei colocando as mãos no bolso. Ela fechou a porta do Leon e abriu a do passageiro, dei a volta no carro. — Número um, eu amo o seu sorriso, mas não qualquer sorriso, o sorriso de quando eu faço algo errado e mesmo assim você fica feliz.

BONNIE

Sinto minhas mãos suarem, mordi os lábios para evitar um sorriso, por que diabos tenho que amar esse homem cheio de defeitos, mas que é tão perfeito? Ele começou a cantarolar uma música irritante, e se mexeu no banco de forma engraçada.

— Para aonde vamos, docinho? — Revirei os olhos, ele abriu o porta-luvas e tirou os óculos de sol. — Shopping? Loja de departamentos, igreja?

— Igreja? — Eu olhei para ele, ele abaixou os óculos e piscou. — Prefiro o Shopping.

— Deixe de ser uma velha sebosa e ranzinza, mulher, bote essa imaginação para trabalhar, docinho. Eu, você, Glorinha biscatinha e o nosso time de futebol. Estou pronto para marcar o próximo gol..

Me fiz de sonsa rindo.

— Temos um filho só, Dom. — Olhei para ele, percebi que ela parece motivado, cantando e se remexendo de um jeito engraçado.

— Ainda, docinho. Ainda. — Ele saiu na rodovia e ligou o som baixinho.

— Seu otimismo e cinismo é palpável. — Abri o bombom.

— É meu charme amor, meu charme.

— Você deveria criar vergonha na cara, Dominic Maldonado.

— Ele me olhou e tentou soar sensual. Gargalhei. — Você ficou vesgo e chupou os lábios? Aí Dominic, você está ficando decadente.

— Dominic desesperado pedem medidas desesperadas. —
Deu de ombros.

Mordi o bombom e quase engasguei.

— Meu Deus que *merda* é essa Dom? Tem gosto de banha velha. — Ele deu de ombros novamente e me olhou.

— Se você for inteligente, vai entender a mensagem sublimar do bombom. — Ele me olhou. — Me dá uma mordida, amor. Na boca.

Engoli em seco e levei o bombom na boca dele. Ele mordeu e fez uma careta.

Ele abriu a janela e cuspiu.

— *Putá merda*, não valho um centavo, mas porra sou gostoso — reclamou.

— Essa é mensagem? Que você não vale nada, entretanto, é gostoso? Pelo amor de Deus, Dom. — Olhei para ele rindo.

— E tem outra explicação, ué? Posso não valer nada, porém, sou gostoso e faço filho bonito. — Piscou. — Vai negar? Olhe esse pequeno Deus na terra, meu filho será destruição em forma de beleza em cima dessa terra. Eu fiz um Semideus.

— Você se acha um Deus? — Ri, meu Deus existe homem mais soberbo e sem vergonha do que esse?

— Essa é a lógica, amor. Eu um Deus na terra, e nas horas vagas o Batman dessa cidade, docinho. — Colocou o braço em frente o rosto, como se estivesse escondendo o rosto atrás de uma capa de herói.

— Você está mais para o Deus Hades, e nas horas vagas Coringa. — Ele deu de ombros.

— É tudo uma questão de perspectiva, bombom. Hades tinha seu próprio reino, é um Deus mesmo que no submundo, e o Coringa bem é só um palhaço com problemas psicológicos que no final só cansou de fazer o certo. — Um arrepio percorreu minha espinha. — Chegamos.

Ele entrou em Vegas e em questão de minutos chegamos ao shopping. Ele manobrou o carro e parou no estacionamento, desci dobrando o papelzinho e colocando no bolso.

Leon acordou e abriu a boquinha de sono.

— Ainda com sono campeão? — Dom perguntou, abrindo o porta-malas e retirando o carrinho. Tomando todo cuidado do mundo peguei a bolsa de Leon, Dom abriu o carrinho e coloquei Leon e Dom esfregou uma mão na outra. — Posso empurrar?

Revirei os olhos dando espaço para ele, ajeitei Leon melhor e o cobri.

— Sempre quis fazer isso, quando ele ficar maior vamos roubar um carrinho de mercado, não é filho? — sondou como se Leon fosse responder. — Posso saber o que a madame vai comprar? — Perguntou.

— Leon precisa de algumas calças, as dele já estão apertadas — expliquei. — E eu vou passar em uma loja.

— Que loja? — perguntou, enquanto íamos em direção ao elevador.

— *Victória's Secret*. — Olhei para ele de soslaio.

— É melhor nem perguntar o que você vai comprar. — Engoliu em seco. — Mas por acaso vai comprar calcinhas novas?

Ele perguntou no exato momento que o elevador abriu e uma senhora entrou e olhou horrorizada para nós. Saímos do elevador, o Dom olhou para a senhora, mas não deu tempo que eu impedisse ele de falar.

— Por acaso a senhora não usa calcinha, não? — Antes que a velha pudesse responder, o elevador fechou.

— Você ainda vai apanhar. — Cretino ele deu de ombros e empurrou o carrinho.

Ele anda pelo shopping ao meu lado como um Deus, inabalável, a postura muda totalmente quando está em público o sorriso sem vergonha é substituído por uma expressão séria, sem brechas para aproximação.

Quando entramos na primeira loja de roupas infantis, uma atendente veio nos atender. Ela arregalou os olhos quando viu Dom. Ele tirou Leon do carrinho e olhou para moça.

— Quer ajuda para escolher as peças, amor? — Um arrepio gostoso percorreu meu corpo, com a voz baixa e rouca, ele sorriu. — Assenti, a moça nada disse e foi mostrando as peças.

— Isso é pequeno demais, vai apertar meu filho. — Ri da cara confusa dele para o body, ele levantou a peça e analisou.

— Claro que não, elas esticam, e provavelmente ficará grande. — Ele esticou a peça, constatando que caberia e jogou dentro do carrinho.

— Posso pegar mais essa? — Ele levantou uma calça de moletom azul com listas pretas.

— Você já pegou cinco dessas, Dom. — Apontei o carrinho de compras. Depois de quase meia hora dentro da loja, Dom já havia comprado roupas que provavelmente Leon usaria quando fosse andar, atendente me mostrou uma poltrona onde poderia alimentar Leon, ele fominha foi logo procurando meu seio, ávido.

— Uma de cada cor, ué. É bom ter opções. — Sorri da animação dele. — *Putá merda*, preciso levar isso. — Ele apontou para uma minúscula cueca da Calvin Klein. — *Porra* é igual a minha, quer ver? — Arregalei os olhos negando.

— Ele usa fraldas, Dom — falei o óbvio.

— E daí? — ele balançou o corpo animado. — Vamos ficar iguais, filhão. — Ele mexeu com Leon, fazendo ele largar meu seio e mexer a boquinha resmungando.

— Vai adiantar falar não? — Ele negou e esfregou uma mão na outra, a moça voltou com a mini cueca. Os olhos dele brilharam.

Depois de mais alguns minutos, perambulando pela loja, Dom decidiu que já tinha comprado roupa suficiente.

— Posso pagar metade. — Me ofereci, ele me olhou carrancudo e negou.

— Débito ou crédito, senhor? — Ele estendeu o cartão para a moça e ela sorriu amarelo, percebendo a carranca de buldogue velho que Dominic fez.

— Débito. — Falou seco.

— Dom? — Chamei ele. Ele balançou a cabeça e me olhou amoroso.

— Me espere na praça de alimentação, amor. Vou guardar isso no carro. — Falou e saiu com o atendente.

— O cartão, senhora. — Ela me entregou. — Sei como é, meu marido também não gosta de dividir as coisas.

Sorri sem jeito.

— O filho de vocês é lindo. A cara do pai. — A moça mexeu com ele.

— O papai é turrão não é, Leon? — Ele sorriu para a moça e abriu a boca de sono, coloquei-o de volta no carrinho e ele resmungou. — Obrigada.

— Eu que agradeço, voltem sempre.

Olhei o cartão, Dominic W. Maldonado, coloquei o cartão na minha bolsa, vou entregar assim que ele voltar.

Eu e Leon fomos à praça de alimentação, me sentei e empurrei a capota do carrinho, Leon olhou para as luzes no teto, balbuciou um resmungo e franziu o cenho. Estranhando o lugar.

— Mamãe está aqui amor. — Peguei ele no colo e ele procurou meu seio. — Pequeno come e dorme.

— Oi filhão. Oi Amor. — Ele me olhou de forma amorosa fazendo-me sentir borboletas no estômago.

— Vou ao banheiro, Dom. — Ele riu.

— Vem Leon, vamos buscar algo para comermos.

Fui ao banheiro e joguei uma água no rosto, sequei com cuidado e suspirei.

Saí do banheiro e encontrei os dois sentados, Leon está em seu carrinho e Dom têm duas batatas no nariz. Leon ria e mastigava o punho. Fazendo o pai fazer mais graça, as pessoas em volta riam achando lindo, me aproximei dos dois.

Dom me olhou como se fosse um maluco, ele ficou vesgo, estalou os lábios, fazendo Leon rir.

— O que diabos vocês dois estão fazendo? — Ri me sentando.

Dom tirou as batatas do nariz e jogou na bandeja.

— Não nego, achei que você comeria essas batatas — comentei, ele me estendeu um sorvete de morango.

— Pensei nessa possibilidade, mas tenho que manter minha pose de *fodão*.

— Você é nojento. — Ri lambendo o sorvete.

— É comida, e meu nariz é limpo — brincou.

— Meu Deus! Você não existe. — Ele deu de ombros.

— Deus me fez e jogou a forma fora.

Olhei para ele e peguei uma batata.

— Ainda bem, um Dominic já é o suficiente para trinta reencarnações.

— Eu sou a reencarnação de Michelangelo, tenho um pincel no meio das pernas. Olhe essa obra de arte que eu pinte em você.

— Gargalhei da loucura dele, as pessoas nos olhavam sem entender. Olhei perplexa para ele.

— Chega por hoje, Dom.

Ele se aproximou de mim, e se inclinou falando baixinho.

— Vou te contar um segredo, docinho. — Piscou e falou mais baixo ainda, como se fosse algo de sumo sigilo, mordi os lábios para evitar rir, ele balançou a cabeça de forma engraçada como se fosse a coisa mais sexy do mundo. — Eu tenho um pincel e não um pinto, amor.

DOMINIC

Suspirei entediado no sofá da loja, olhei para Leon que dormia tranquilo depois de ser alimentado e trocado.

Balancei o carrinho com meus pés. Já faz alguns bons minutos que Boo está provando algo que não deixou me deixar ver. Agora fica a questão, pode se provar calcinhas? Não sei, mas não quero descobrir.

Peguei a revista da loja, a folhee e sorri.

— Rapaz? — Chamei um vendedor que me olhou de cima a baixo e sorriu.

— Boa tarde senhor, bem-vindo a Victória's Secrets, em que posso servir?

— Você por acaso tem essa peça aqui? — Apontei a revista.

— Para sua esposa, senhor? — Ri e olhei para Leon.

— Não, *pra* mim. — Ele me olhou espantado, expliquei a ele sobre a festa de Leon.

— Só temos cor-de-rosa e lilás, senhor. — Ele riu animado. — Mas acho que pode ficar apertado, já que o senhor é um pouco grande.

— Embrulhe o rosa, vou levar. Só não diga nada a mulher que entrou no provador, ela vai me matar. — Olhei para Leon que continua dormindo. — Filho? Se sua mãe tentar me matar, saiba que o papai te ama.

— Vai querer a tiara também, senhor? — o rapaz perguntou animado.

Olhei para a revista e apontei a tiara com glitter rosa.

— Essa.

— O senhor vai ficar um charme a parte, senhor. — Piscou. — Vou mandar embrulhar.

— Dom? — Uma voz doce enviada dos infernos me chamou.
— Vamos?

Olhei para o rapaz e ele sorriu.

— Vamos para onde você quiser, meu amor. — Ela semicerrou os olhos, desconfiada.

— Eu odeio quando você faz essa cara, Dominic Maldonado. Sorri de lado e mordi os lábios.

— Que cara? — Joguei meus cabelos fazendo um charme.

— Essa maldita cara de inocente — falou toda eriçada.

Coloquei as mãos no bolso, e balancei para frente e para trás, fazendo ela me olhar com mais ódio ainda. Pisquei, e empurrei o carrinho de Leon, olhei para trás e voltei a piscar para ela, indo em direção ao caixa.

— Inocente é uma palavra muito forte para se usar em Vegas, docinho.

BONNIE

Arrumei meu cabelo nervosa, não vi Dominic hoje, ele apenas avisou que iria à terapia. Sol me ajudou, mas sem aquele brilho todo. Ela está triste com algo. Ela disse não ser nada. Apenas sorriu e rodopiou, porém, vi a tristeza em seu olhar. Ela e Rosita, ainda não haviam chegado.

O quintal está lindo, com lanternas espalhadas pelas árvores. As mesas de madeiras distribuídas pelo quintal. Os meninos do clube chegaram e se sentaram, me cumprimentando e entregando os presentes. Todos eles estão usando pijamas. Olhei para aqueles homens barbudos, duvidando que eles usem esses pijamas.

Leon está no colo de abuela, vestindo um pijama de ursinhos, com uma touquinha azul na cabeça, caidinha de lado. Mordi os

lábios, abuela está com uma camisola transparente branca gritante, ri ao ver que por baixo ela usa um short de oncinha.

Senhor Macalister estava usando uma samba-canção azul e uma camiseta branca, seu pijama de guerra. A blusa cheia de furos.

Passei a mão no meu enorme pijama de urso, meu antigo pijama de urso pimpão.

— Que coisa horrorosa é aquela? *Crendios* pai todo-poderoso criador do céu e da terra! — Olhei para onde abuela apontou. — Aquilo é um diabo cor-de-rosa? Jesus de Nazaré que coisa horrorosa!

— Dom? — Meu Deus do céu! Nem pude reparar nas pessoas com ele.

— Como estou, docinho? — Ele deu uma voltinha, e um dos homens que estão com ele explodiu em uma gargalhada. — Cala o *caraio* da boca, Gustave.

— O que diabos é isso? — Abuelita gargalhou. Leon encarou o pai como se entendesse alguma coisa.

— Que diabos é isso? — *Oh* sim! Literalmente o diabo! O cara que está com ele pegou algo atrás de Dom. — Isso é um rabo, meu Deus é um rabo de diabo, *caralho*, você é uma lenda!

Fechei meus olhos, respirando fundo, contei até dez para saber se bato nesse idiota ou se rio.

— Por que diabos você está usando uma fantasia de Angels da Victória's Secret?

— Tudo pela ciência amor. — Olhei para ele exasperada.

— Você está usando uma saia de penas, uma asa de anjo que tem um rabo? Você está usando uma fantasia de diabo cor-de-

rosa, Dominic! — Olhei para ele, que simplesmente deu uma voltinha fazendo todos gargalharem.

— O inferno, é quentíssimo amor. — O cretino mordeu a ponta do rabo da fantasia. — Tem uma tiara, você viu? — Riu, e apontou para os chifres em sua cabeça. — Já que ninguém me apresentou, muito prazer sou Annie Lavelly... — Ela fez uma pausa, foi impressão minha ou o cara cabeludo rosnou feito um cachorro? — Mitchell.

A mulher que os acompanhava com uma senhora vestida com um robe de seda preto se aproximaram. A loira exuberante está vestida com uma camisola dos Lakers duas vezes maior que ela e uma enorme pantufa com os olhos do Mike Sullivan.

— Ouvi muito falar de você. — A loira riu e semicerrou os olhos para Dominic, que está rodopiando com uma fantasia caríssima pelo quintal.

— Eu... Eu sou Bonnie, mas pode me chamar de Boo. — Ela riu e me abraçou.

— Se você não pode contra ele, junte-se a ele — ela falou baixo no meu ouvido. Olhei para ela sem entender. Ela meneou a cabeça para Dominic. Sorri para ele, ela conhece esse cretino sem vergonha.

— Eu sou Susane, querida. — A senhora me abraçou.

— Adorei esse seu robe, mas falta uma transparência — abuela brincou e cumprimentou a mulher.

— É porque você não viu o que tem por baixo. — A mulher piscou. — Segundo Dominic vamos dançar macarena! Vim preparada.

— Vamos? — Questionei o pai do ano, ele esfregou uma mão na outra, como de costume e deu um pulinho.

— Vem com o papai, filhão. — Dominic latiu e me olhou com cara de safado, eu vou socar esse maldito. — Olha meu filho Gael.

— Muito prazer, sou Joshua Mitchell. — Um senhor galante me cumprimentou, ele está com uma camiseta branca e uma calça de moletom, e chinelos, e segurava um bebê-conforto

— Chega *pra* lá velho, mulher me diga, como você ainda não mandou dar uma surra, Dominic? É falta de dinheiro? — Olhei para o loiro, praticamente igual, ao cabeludo musculoso, ele simplesmente me pegou pelos ombros e me abraçou. — Escute meu bem, eu posso ser seu agiota, e de quebra descolo alguém para dar um *pau*, nesse maldito bundão.

— Você já olhou para o seu maldito rabo? — perguntou o cara cabeludo que carrega uma menininha minúscula que dormia em seus braços, ele usa uma calça de seda e uma camiseta preta e chinelos assim como o pai. — Muito prazer, Gabriel Mitchell, pode me chamar de Gael. Você falou seu nome para ela seu retardado?

— Você não sabe o qual deles é o pior — A loira lamentou. — Esse é meu marido, e está é Holly minha fadinha e aquele dormindo ali. — Apontou para o senhor que segurava o bebê-conforto é o Ethan.

— Mais conhecido como caga fraldas. — O loiro Gustave riu. — Sou Gustave doçura, mas pode me chamar de homem dos seus sonhos.

— Só se for pesadelo não é sebo de cavalo! — Dominic saiu balançando seu rabo de diabo pelo quintal cumprimentando os amigos, com um Leon sonolento em seu colo.

— Não ligue, ele tem inveja da minha beleza, única, mas se você quiser, eu mando dar um *pau* nele, presente de casamento. — Olhei para ele sem entender — Gustave você é um desserviço. — A loira o socou.

Ele abraçou a mãe e beijou o rosto dela.

— O ordinário ficou uma delícia nessa fantasia. Que homem meus amigos que homem! Esperem! DOM VOCÊ TEM UMA PINTA NA BUNDA? — o cara gritou me assustando. — POR QUE VOCÊ NÃO ME DISSE QUE TEM UMA PINTA NA BUNDA, DOM? Espere você vai me mostrar! — Gustave vestido com um enorme macacão do Stitch saiu atrás de Dom. Mal conseguindo andar.

O senhor e o Gabriel foram sentar em uma mesa, rindo.

— Com o tempo você se acostuma, Ethan já se acostumou com os gritos do pai, os do tio são fichinha — Annie falou. — Essa é a sua fantasia, mulher você precisa atacar o inimigo. Quer enlouquecer o diabo? — Olhei para ela. — Jogue água no inferno. — Piscou. — Ele nem vai saber que *cassetada* o atingiu!

Capítulo 47

"Querida, realmente ele é o homem da sua vida."

"Espoleta falou que só se vive uma vez."

Pinóquio



BONNIE

Tentando não rir mordi os lábios, da janela do meu quarto conseguia ver Dominic e Leon com os dois meninos do clube, Dominic balançando o rabo de diabo e balançando a bunda.

— Ele não existe — a loira comentou. — Não vale um mísero bigode de gato, mas tem um coração de ouro. Eu sinto muito pelo que ele fez.

Suspirando virei para ela, não antes de olhar para fora e ver Abuela dar uma porrada em Dominic com uma das almofadas da decoração.

Meu pai, Cierra e minha irmã ainda não haviam chegado, assim como Sol e Rosita. Vi Lincoln e Judie chegarem, Lincoln está vestido com uma samba-canção verde, camiseta branca e uma pantufa. Judie está com uma camisola de ursinhos maior que ela.

— Ele *te* contou o que houve? — Olhei para ela.

— Aquele rato? Miserável? Mentiroso, sem vergonha, pilantra! Não contou, mas eu descobri. — Deu de ombros sentando na minha cama. Olhei a camisola ainda com etiqueta.

— Vamos, experimente mulher. Coloque essa bunda para o jogo! — Ri da animação dela. — Ele não quer ser o diabo? Seja o inferno, *oras!* — Deu de ombros.

— Quem é o inferno? O que eu perdi, Solange aquela safada! Ainda não Che... — Judie entrou feito um furacão falando. Ao perceber Annie em minha cama ela parou, olhou e simplesmente se jogou ao lado dela.

— Aí colega nem te conheço, mas já te considero, Judie, muito prazer.— Estendeu a mão para Annie, rindo ela apertou a mão de Judie.

— Annie. — Sorriu para judie.

— Ela é uma tonta! Olhe para essa mulher, vestida para uma noite de fossa depois de levar um pé na bunda, a vergonha da classe.

Sol apareceu na porta usando um conjunto de pijama listrado de rosa e uma pantufa de unicórnio.

— Olá, olá, olá. *Estoy* atrasada? — Sol riu animada. — Quem levou um pé na bunda? Você deve ser Annie, mãe do pequeno anjinho lá fora.

— Eu mesma, a parideira. Muito prazer.

— Abuela vai fazer o diabo engolir o rabo, ele já bateu na bunda dela duas vezes com aquele rabo de diabo. — Sol gargalhou e sentou na poltrona. — Agora me digam qual é o motivo da reunião?

Apontei para a camisola.

— Uau, que quente — Sol comentou, Judie pegou a camisola e analisou.

— Discreta, mas perigosa, mulher esse é o espírito! — Judie riu e bateu palmas.

— O espírito da destruição. — Annie riu maldosa esfregando uma mão na outra, a mania do Dom. — Derrube esse vira-lata

caramelo que se acha Pitbull.

— Fogo no mato! — Judie riu. — Bate aqui mulher.

— Se fosse outra ocasião aconselharia você a ir sem calcinha, porém, como estamos em um evento familiar. — Ri animada.

— Que nada, arrasta esse homem *pro* banheiro e empurra a calcinha de lado. — Olhei horrorizada para Sol, ela riu. — Por Dios, Por Dios, sabemos que você ama o paspalho do Dominic! Mas ele precisa de uma lição!

— Uma lição de uma professora sexy e dona de si — Annie falou maldosa. — Garanto uma coisa, que os homens Mitchell e os agregados, pensam com o *pau*, mas nós vencemos a batalha com isso aqui, *óh!*

Gargalhamos.

— A revolução da dita-cuja mata pau. — Judie deu um pulinho na cama. — Adoro!

Olhei para Annie e ela sorriu maldosa balançando a camisola, ela piscou e jogou a camisa em minha direção dizendo.

— A revolução é do grelo, benzinho.

Sai do banheiro ajeitando a camisola, passei a mão nela tirando uma poeira inexistente.

— Como estou? — Falei entrando no quarto, Judie deu um grito e bateu palmas com a Sol, Annie me olhou e sorriu orgulhosa.

— É tão difícil vê-los crescer. — Annie fingiu um falso choro. — Lembre-se, grelo assassino! A revolução é do grelo.

Saímos do quarto rindo, quando chegamos no deck do quintal, e todos olharam em nossa direção.

— As quatro cavaleiras do apocalipse — Lin comentou rindo.

— Dom, não olhe agora, mas acho que estou apaixonado pelo nosso bombom — Gustave disse escandalosamente alto e sorrindo de orelha a orelha. Dom estava sentando com os homens de costas para mim. Leon estava deitado no braço de Gael e pelo que vi Dom carregava o pequeno Ethan.

Me aproximei deles sentindo meu rosto queimar, mas me mantive firme, eu vi o corpo de Dom ficar tenso, mordi os lábios e recebi um cutucão de Sol. Annie foi para o lado do marido e se sentou na cadeira. Parei ao lado do diabinho cor-de-rosa e sorri, mordi os lábios.

— Vamos lá diabinho rosa, temos convidados para cumprimentar. — Ele virou a cabeça lentamente e arqueou a sobrancelhas. Ele pensou em falar algo, mas simplesmente deu de ombros e me olhou maldoso, balançou a cabeça se levantando.

Olhei para o neném de Annie e sorri, a cópia do pai assim como Leon.

—Seu caga fraldas.— Ele entregou o pequeno neném a Annie. — Venha com papai caga fraldas versão Las Vegas. — Gael entregou Leon.

— Lembre-se meu girassol-do-campo, se precisar sou um agiota em ascensão. — Gustave piscou e pegou o rabo de Dom e balançou. — Estou solteiro, doce girassol. — O ordinário mordeu a ponta do rabo do Dom. — Não por opção, mas se você quiser um loiro da cor do pecado, querida. — Ele tentou ser sensual, colocando a ponta da língua para fora, todos gargalharam, Dom segurando Leon nos braços puxou o rabo com força.

— Solta *meu rabo* seu cretino de *merda*. Cor do pecado? Você é branco feito um talco de chulé, seu otário. — Dom ficou

vermelho, Gael falou algo a Lin e os dois gargalharam.

— Se quiser meu número. — Abula apareceu atrás de Gustave. — Sempre tive uma queda por loiros, meu amor. — Abuela pegou Gustave pelos ombros, ele sorriu descarado.

— Sinto muito meu girassol, mas acabo de virar um homem comprometido se quiser, fugimos agora e oficializamos essa união querida. — Gustave pegou a mão de Abuela e beijou, fazendo-a suspirar.

— Você diz isso, porque não viu a maldita espingarda do velho do Corolla. — Dom saiu andando sem me esperar. — Chumbo no rabo do canarinho.

Segui Dom, admirando a decoração, estava tudo tão simples, mas tão lindo. Dessa vez não teve grandes decorações, pegamos a mesa da cozinha e colocamos perto das árvores, pegamos as almofadas da sala e colocamos perto da mesa, colocamos os ursos de Leon em frente à mesa, Sol me ajudou esticando minhas antigas lanternas que eu achei na garagem pelas árvores, as mesas alugadas distribuídas pelo quintal, os meninos riam e bebiam cerveja. Mas eu podia notar que estavam todos sempre atentos. Tinha algo acontecendo, mas Dom se recusava a me dizer, afinal não era só mais um carro de segurança do outro lado da rua, eram dois.

Eu e Dom saímos cumprimentando os meninos, todos eles sorriam e falavam com Leon, os homens barbudos, tatuados e fortes, capaz de fazerem coisas que jamais poderíamos imaginar são tão suaves e atenciosos comigo e com Leon. Um dos caras mais antigos do clube, Estilete, pegou Leon no colo. Não quero nem imaginar o porquê de o nome do senhor ser Estilete.

— Eu sei o que você está pensando, bombom. Você e meu filho são partes desse clube, querendo você ou não todos esses homens, vão matar ou morrer por vocês, docinho. — Dom deu de ombros. — Eu errei uma vez Bonnie e no *caraio*, prometo nunca mais errar novamente e se eu errar, eu vou dar um jeito de consertar, docinho. — Piscou cretino, ele girou a ponta do rabo.

— Isso é uma promessa, senhor diabinho? — Ri tentando disfarçar meu maldito desconforto que senti ao olhar para os olhos dele, verdes como duas esmeraldas, que parece emanar um fogo que jamais tinha visto.

Aquilo é uma promessa, como ele nunca fez antes, uma promessa ao Dominic Maldonado.

Meu pai carregava Leon e Marry rodava pelo quintal com Rosita e Holly as duas olhavam encantadas para Marry.

— Ele te ama. Só não sabe demonstrar. Ele precisa de um empurrão, querida. Ele errou, e nós sabemos que não há justificativa no mundo, porém, é visível nos olhos dele e nas atitudes, ele não é bom com palavras. — Ela apontou para ele. — Olhe só, um homem com mais trinta anos, bandido, perigoso e usando uma fantasia da Victória's Secrets. — Cierra comentou colocando mais pães nos pratinhos para os meninos. — O diabinho está vindo aí querida.

Tentei ignorar o fato de que Dominic agora está sem a parte de cima da fantasia, está vestido apenas com a saia e o micro shorts cor-de-rosa, a tiara e segurando seu rabinho. O peito todo tatuado e definido está brilhando de suor, ele e os meninos dançam ao som do velho Macalister, cantando Johnny Cash.

— Olá! Docinho. — Ele estendeu o prato de salgadinhos. Completei e coloquei mais alguns pãezinhos com purê de batata e frango. — Sabe amor? A segunda coisa que eu mais amo em você? Você não é egoísta, na verdade, a segunda coisa que mais amo eram seus olhos de menina má, mas eu tinha esquecido, então também amo o fato de você não ser egoísta. Ei, bundão? — Dom chamou Gustave e ergueu o prato. — Meu bombom colocou mais salgados no meu prato. — Ele balançou o corpo de forma engraçada.

— Você é um idiota. — Ele deu de ombros e enfiou o mini pão não boca.

— Um diabinho apaixonado. — Piscou. Olhei dentro dos olhos dele e mostrei o dedo do meio. — O inferno é quente querida, mas eu sou mais — brincou e riu.

— Você é ridículo. O que você está fazendo? — Dom equilibrou o prato em uma mão, e na outra segurou o rabinho e girou.

— Admita querida, eu sou uma doce tentação — gracejou. Ele simplesmente saiu rodando o rabo e colocando um pé na frente do outro como estivesse desfilando em uma passarela.

— O short mal cobre a bunda dele. — Cierra riu. — Querida, realmente ele é o homem da sua vida.

DOMINIC

Ergui meu corpo, tirando o short do fiofó e voltei a balançar meu rabo.

— Repete comigo. — Olhei para Gustave. — Perdão, meu girassol. P... E... R... D... Ã... O.

— Pare de chamar minha mulher de meu girassol, seu *filho da PUTA* e pare de soletrar as palavras, seu imbecil.

— Repita comigo, nossa. N... O... S...S... A, bombom. — Ele gesticulou, quis socar a cara dele. Eu e ele estamos sentados em um tronco de uma árvore caída, afastado dos outros. Tomei a cerveja, meu bombom sorria para meus homens e brincava com as meninas. Leon e Ethan passam de colo em colo, ambos mais que contentes por estarem em colos diferentes.

— Eu não consigo — falei. — Sinto vontade de cagar. Tenho medo de falar *merda* e ela rir da minha cara. — Fui sincero.

— E ela já fez isso alguma vez? — Neguei. — Então cague, homem, melhor bosta para fora do que para dentro, causando prisão de ventre. — Ele me olhou sério. — Me escute, eu conheço aquela mulher ali. — Apontou a loira que conversa animada com Solange e com a mulher do Salete. — Eu sinto no fundo do meu *cu*, na beirinha do intestino delgado, que ela vai aprontar. Eu sinto.

O cabelo da minha nuca se arrepiou.

— Aquilo ali, é um furacão. Se ela não teve a oportunidade, ela ainda vai ter. — Apontou para a mãe. — Eu conheço aquela meliante. Me escute, se você está se sentindo um sabugo miserável, elas vão convencer a Boo fazer de você um bagaço esmigalhado. Aquela mulher ali *óh*, tem o poder da destruição nas mãos dela. — Apontou para a esposa do Gael. — Bem capaz dela usar Gael de pano de chão se ele fizer *merda*. Me escute Dom, você precisa agir. Antes que essas mulheres resolvam abrir as portas do inferno e *te* mandar com passagem só de ida, meu amigo. — Ele deu dois tapinhas de consolação nas minhas costas.

— Você não está ajudando.

— E quem disse que eu quero ajudar? Certo, certo. Não vou ser um miserável. — Gustave me olhou. — Cara, eu sou burro, mas você é a ferradura me escute seu idiota. Faça algo antes que Boo vá embora da sua vida. Ela perdeu tudo, é uma mulher livre sem amarras, tem somente Leon, a velha safada e o velho da dentadura.

— Ela tem a mim, Boo não vai embora — retruquei indignado. Sentindo meu coração palpitar de nervoso. Engoli em seco. E se Boo quisesse ir embora, ela simplesmente pega e vai, como ela já fez um dia. *Putá que pariu*.

— E ela sabe disso? Você disse isso? — Neguei. — Como eu imaginei, mulheres falam que preferem atitudes, mas amam ouvir palavras de um homem em redenção.

— Você sabe que está bancando uma de Ritchie, O Conselheiro Amoroso, mas o *caraio* da sua vida é uma porcaria de *merda*, e Sam não quer nem te ver pintado de ouro e cravejado de diamantes, não é?

— Meros detalhes, meu lírio não curte essas coisas. Vou me banhar em chocolate e por uma fita vermelha no meu *pau*. — Ele deu de ombros. — Mulheres adoram ganhar um *pau* de presente. — Deu de ombros. — Olhe, olhe, sua Deusa de Ébano está saindo de cena.

Vi quando Boo disse algo a abuela e entrou.

— Vá, vá homem e balance esse *pau*, seduza essa mulher. Chacoalhe esse *bilau*. — Ele me empurrou. Me levantei e tirei o short do fiofó.

Esfreguei uma mão na outra.

Saí na mesma direção em que Boo foi sob os olhos de águia de Salete, o empata *foda* pai.

— Viu meu docinho, Solange? — Ela me olhou crispando os olhos.

— Foi ao banheiro. — Antes que ela me respondesse, saí em direção ao quintal.

Dei a volta na casa e parei na varanda. Olhei para o saquinho de veludo embaixo da almofada da espreguiçadeira e meu celular escondido no vão. Peguei os dois e entrei bem devagar, arrastando a porta.

Peguei meu rabo para não ter perigo de enroscar e entrei lentamente na sala. Cretino da minha parte? Eu sei, porém, vale ressaltar que um homem desesperado pedem medidas desesperadas.

Caso eu não saia vivo do banheiro, que seja por gozar até morrer desidratado e não por ser assassinado com o secador.

Subi as escadas, ouvi o barulho da torneira no banheiro. Segurei meu ex-inimigo e agora melhor amigo e tomei coragem.

Ou eu morro, ou meu bombomzinho saliente me mata.

— Dom? — A voz desconfiada me perguntou ao topar comigo no corredor. Escondi Félix nas minhas costas.

Seja o que Deus quiser.

— Precisa mijar — menti na cara dura. — Sabe como é. — Dei de ombros.

— Sei... — ela passou por mim. Eu vou rasgar essa maldita camisola que não mostra nada. Isso não é uma camisola é um vestido de velório. O meu velório!

Antes que se afastasse, empurrei ela contra a parede.

— Que *merda* que você pensa que está fazendo, seu encenqueiro de *merda*? — Ui, essa é a verdadeira bombom

saliente. Arrepiei todo.

— Preciso que conheça mais um amigo, bombom —
acrescentei chegando bem pertinho dela.

Sim, vestido de diabo cor-de-rosa, com um *fodido* shortinho de baranga enfiado no meu *rabo*, estou prestes a fazer Bonnie Portman ter o melhor orgasmo da sua vida.

— Me solte cérebro de ervilha. — Mordi os lábios e segurei o queixo dela com a mão livre. Afastei as pernas dela fazendo meu joelho ficar no meio. Bem próximo ao meu pote de mel.

— Eu sou o ursinho Pooh amor e adoro mel. Quero mel do seu pote. — Mordi os lábios dela.

Como ela é mais baixa que eu, precisei abaixar para que meus olhos encontrassem os dela.

— Deixe de ser ridículo, seu ordinário. — Ela tentou me afastar e eu ri.

— Eu e meu amigo adoramos uma gata selvagem. —
Pisquei.

— Que amigo seu idiota? — Ela me empurrou novamente.
Balancei o saquinho.

— Tudo pela ciência amor, abra as pernas e deixe esse diabão *te* levar ao inferno.

Capítulo 48

"Olá Félix"

"Alice: Como você sabe que eu sou louca?"

Gato: Só pode ser. Se não, não teria vindo pra cá."

Alice no País das Maravilhas



DOMINIC

O olhar dela mudou e brilhou como duas joias preciosas, mas perigosas, duas ruguinhas de divertimento se formaram ao lado dos olhos dela, ela sorriu de lado de forma sexy, fazendo o resto da pouca dignidade que me restou ir para a *puta que pariu*. Coloquei meu celular nas costas. E girei o saquinho na mão. Ela me olhou cheia de ódio momentâneo, afinal essa mulher não é capaz de matar uma mosca, a não ser que a mosca seja eu.

— Você roubou o Félix? — A bandida riu e se encostou na parede, ela simplesmente afastou as pernas. — Esse jogo, dois podem jogar, Maldonado. — Ela mordeu os lábios e os soltou lentamente e me olhou de forma descarada por baixo dos cílios, miserável do mim, pobre diabo.

A pele dela parece brilhar de forma convidativa, meus dedos passeiam lentamente pela pele negra, percebi que se arrepiou com o meu toque. Me aproximei mais ainda dela, meus dedos subiram pelos braços dela, a pele cicatrizada e avermelhada está quente ao meu toque, meu corpo começou a suar, senti os dedos dela trilharem os gominhos da minha barriga, ela contornou a caveira em minha barriga com a ponta dos dedos quentes me fazendo ofegar. Como um maldito adolescente cagão prestes a receber a primeira

punheta, não que eu não seja cagão, mas *caraio* não sou o *porra* de um maldito adolescente prestes a receber o primeiro boquete.

Meus olhos foram para os lábios macios e carnudos, a boca dela parece ter sido pintada pelo diabo, nunca havia reparado, burro demais para isso, continuei olhando atentamente para seus lábios.

— A terceira coisa que eu amo em você era seu maldito sorriso sexy.— Ela mordeu novamente os lábios.

— Era? — Ela arqueou a sobrancelha perfeitamente arqueada e sorriu sexy de ladinho, fazendo meu *pau* pulsar.

— Essa agora é a quarta. — Passei minha mão livre pelos lábios dela, parando em cima da pintinha. — Essa linda pintinha agora é a terceira coisa que eu mais amo em você.

Ela riu baixinho e passou as unhas em meu peito de forma lenta, fazendo minha última gama de controle se arrebentar, meu corpo se chocou contra o dela, e sem que ela esperasse a beijei, fazendo nossas bocas colidirem, ela simplesmente cravou as unhas na minha nuca com força me fazendo gemer, meu corpo traíra criou vida própria. Pude ouvir o barulho do vibrador cair no chão, minha mão foi ao encontro do pescoço dela tocando toda a pele que podia, engoli o gemido dela, segurei possessivamente sua coxa. Consegui sentir o calor vindo do meio das pernas dela, meus dedos cravaram no interior sedoso da coxa dela, escutei seu choramingo excitado. A maldita camisola de velório, do meu velório, se embolou nas pernas dela.

Quando meus dedos encontram o fino pano da calcinha, senti o calor, o maldito monstro dentro de mim, rosnou em um claro sinal que essa mulher é minha. No inferno, como eu queria que essa mulher fosse minha, queria não ter sido cego, a mulher derretida,

feito manteiga quente em meus braços, nunca deu um maldito motivo. Se eu tivesse ao menos ouvido ela. Cego demais para perceber que essa mulher nunca havia tido outro homem, que maldito nenhum teve o que é meu. Que ela sempre foi minha, mesmo sem ser. Eu havia sido o único, o único a estragar tudo e feri-la.

Se ela decidisse partir, ela não levaria só meu filho ela, mas sim meu coração também.

— Dom... — Sem que eu me desse conta meus lábios estavam no pescoço dela, as mãos dela passeiam em meus cabelos, puxando fazendo-me mais e mais quente, *porra*. O maldito short rosa já mal cobria meu *rabo*, essa merda vai rasgar e caso isso aconteça, vou ficar pelado, esse pedaço de pano mal entrou em mim não sobrou espaço para uma maldita cueca. Senti as mãos dela descer entre nós.

A maldita safada deu um apertão no meu *pau e gemi* feito um *cachorro no cio*. Ela riu, antes que ela descesse minha cueca, a agarrei, ela prendeu as pernas na minha cintura e abri a porta do banheiro e chutei o vibrador para dentro, só escutei o barulho da batida.

Sentei ela na pia, mas antes que eu pudesse me afastar ela me puxou com as pernas, Boo está suada com os cabelos grudados na testa.

— Só me prometa uma coisa, Maldonado. — Ela segurou meu queixo fazendo minha boca formar um bico. Meu *pau* pulsou.

— O q... que v... você quiser, do... ocincho — balbuciei com certa dificuldade, inebriado pelo tesão.

— Me prometa, seu bandido sem vergonha, que se você me fizer gozar, depois eu não vou descobrir nenhuma *merda* sua ou alguma porcaria de mentira, seu cretino, sem vergonha. Se você mentir para mim de novo, vou morder seu *pau* e não vai ser de uma forma gostosa, seu trambiqueiro sem vergonha. — Gargalhei.

— Já acabou chefe? — Antes que ela pudesse responder ou me bater, meus dedos entraram no meio das pernas dela, arrebatando a calcinha de renda, ela mordeu os lábios com força.

— Seu trambiqueiro de *merda*. — Ela cravou as unhas no meu peito e jogou a cabeça para trás, a encostando no espelho, de forma inconsciente ela abriu as pernas, vi a pele negra lisinha brilhando de tão molhada, meus dedos passaram pelas dobras molhadas e gememos juntos.

— Você é um maldito gostoso. — Boo me arranhou e sorriu, *caraio* foi um dos sorrisos mais lindos que ela deu.

— Vai me fazer gozar sem nem me tocar, sua bruxa. — Gargalhou de forma gostosa. Fazendo seus cabelos úmidos de suor balançarem.— A quinta coisa que eu amo em você, são seus cabelos. De preferência suados.

— E a sexta? — ela me olhou, e por um segundo meu mundo parou na órbita e girou novamente, girou para a mulher arreganhada, feito um frango, para um bandido vestido de diabo cor-de-rosa, sem nada para lhe oferecer.

— Seu beijo. — Antes que ela respondesse, meus lábios se encontram com os dela com uma intensidade *fodida* que nem eu mesmo, rato miserável que sou, sabia que era possível.

Afastei as pernas dela, o quanto pude, e me afastei dela bruscamente. Abaixei-me sob seu olhar atento, ofegante ela tentou

respirar devagar. Peguei o saquinho de veludo, desfiz o nó e o pequeno aparelhinho maldito brilhou.

Dei de ombros e ela riu.

— Tudo pela ciência, não é amor? — Quase gozei, o amor saiu arrastado, doce e baixo, mas não o suficiente para que meu *pau* não ouvisse, o maldito sem vergonha pulsou, me fazendo mais miserável ainda. Queria eu ter a maldita posse de *fodão* que *fode* bem, mas eu só *fodo* bem mesmo. — Não se preocupe, cuidei dele direitinho da última vez que usei pensando em você.

Putaquepariu, meu *pau* chorou, o maldito short vai arrebentar e com ele meu maldito controle.

Me aproximei, ela sorriu e umedeceu os lábios, joguei o saquinho de veludo na pia e olhei para o aparelhinho.

— Olá Félix. — Antes que ela pudesse ofender minha ilustre pessoa, levei o aparelhinho aos seus lábios, ela percebeu minha intenção e abriu a boca chupando com vontade o maldito vibrador. — Eu lhe batizo, Dominic, Dom o incrível para os íntimos. Agora abra as pernas, meu amor.

Ela fez o que pedi, me ajoelhei no chão, a camisola se embolou mais nos quadris dela. Dedilhei meus dedos na pele vermelha e molhada, ela encostou a cabeça no enorme espelho, puxei as pernas dela com força fazendo-a soltar um gritinho. Molhei meus lábios seco e beijei a coxa dela, mordi sua pele gostosa, mantive minha mão livre deixando-a aberta como um delicioso frango de padaria. Só que agora não sou mais o maldito cachorro apenas olhando a vitrine e lambendo o chão. *Porra*, agora tenho frango inteiro, suculento e quente mais muito quente.

Minha língua deslizou por ela, fazendo o sabor agridoce explodir em meus lábios. Eu chupei o ponto sensível deixando-a ensandecida.

— Palm... mas, D... domin... nic as... abe ond...e fica o c... clitóris, *caralho*... — Não deixei ela terminar a maldita gracinha e deslizei meu mais novo amigo pelo seu ponto inchado, girei devagar, ela choramingou, mordi levemente seu clitóris fazendo com que puxasse meu cabelo com muita força.

— Vai me deixar careca, docinho. — Afastei-me olhando para o meio das suas pernas, e sorrindo da minha obra de arte. Peguei meu celular e entreguei a ela. — Boo e Leon tudo junto, ligue e coloque no máximo.

Antes que ela pudesse protestar voltei a chupar com força. Minha bombom colocou as pernas nos meus ombros e agarrou meu celular com força. Ela mordeu os lábios.

— Por favor, Dom. Mais. — Ela pediu. Gargalhei negando. O velho Macalister do lado de fora começou a tocar uma música conhecida por mim.

— Máximo, amor. — Ela tremia tentando controlar os gemidos, estimulei o pequeno ponto do mal com meu polegar. E comecei a cantar. — Hoje à noite, aqui na selva quem come é o leão, a... weema... weh, a... weema... weh, a... weema... weh, a... weema... weh, a... weema... weh, a... weema... weh, a... weema... weh. Hoje à noite, aqui na selva quem come é o leão.

— Idiota. — Mordi seu clitóris fazendo ela apertar minha cabeça apenas de pirraça. — Quero tocar você, po... or fav... vor, Dom.

Afastei-me e peguei celular da mão dela e deixei o volume no máximo, Boo fechou as pernas com força e jogar a cabeça para trás. Ela fechou os olhos, olhando na direção dela desci a fantasia de diabo, meu *pau* saltou para fora como um menino pronto para explorar o mundo. Sentei no vaso e larguei sua carne molhada, ofegante ela abriu os olhos, o corpo dela brilha com o suor, a camisola está grudada em sua pele

— Vem. — Minha voz mal saiu, ela escorregou o corpo voluptuoso para o chão e respirou fundo. — De joelhos, pernas juntas.

Ela fez o que eu pedi e antes que ela fechasse as pernas eu deslizei o botão. Ela gravou as unhas nas minhas coxas.

— Maldito. — Ela fechou os olhos.

— Ossos do ofício, bombom. Vamos, vamos, amor. — Fingi apressá-la. Quando percebi a boca quente já estava me chupando, como um maldito sorvete, a cena digna de um filme pornô me fez gemer.

Vou acabar rapidinho com essa pampa de diaba, o diabo aqui sou eu, *caraio*. Aumentei a intensidade do meu mais novo amigo Félix. Ela fechou as pernas com força e apoiou as duas mãos nas minhas coxas e me engoliu, me fazendo urrar, meu *pau* latejava, e porra ela vai me enlouquecer. Ela subiu chupando meu pau devagar e quando chegou na glândula vermelha e molhada deu uma mordidinha. Fechei meus olhos com força sentindo minhas bolas pesarem quilos. *Porra*, mantive o botão no máximo, a boca dela voltou para mim.

— Porra, e...eu v... vou... — Antes que eu pudesse falar, ela jogou a cabeça para trás e cravou as unhas nas minhas coxas.

Segurei meu *pau* com força intensificando os movimentos, *porra* meu corpo estremeceu e eu acompanhei meu docinho, melando toda minha mão.

Ela me olhou com os olhos cheios de lágrimas e sorriu. Olhei para camisola dela toda molhada.

Com a mão limpa coloquei o celular na minha perna e peguei no rosto dela.

— Acho que você vai precisar de um banho, meu amor. — Pisquei ofegante, ela se levantou devagar. — Dolorida? — Ela afirmou e antes que ela pudesse se afastar, a puxei para o meu colo. — Vamos tirar isso, amor. Com licença, docinho.

Olhando em seus olhos, tirei o brinquedinho dela, senti meus dedos ficarem molhados.

— Com vergonha, amor? — Ela mordeu os lábios. — Você tem cinco minutos para tomar um delicioso banho, antes que eu decida entrar aí com você.

BONNIE

Quando eu e Dom saímos, ou eles não nos viram, ou fingiram que não, a mão dele em minha cintura está pegando fogo, ele já não estava mais vestido de diabo, agora está usando uma calça de moletom preta e uma camiseta branca, cheia de furos e descalço.

— Você comprou assim ou você mesmo fez os furos? — Perguntei a ele. — Seu pé vai encardir. — Ri.

— *Qualé* amor, isso é segundo Gustave é tendência destroyer — alguma coisa — falou rindo. Ele me olhou e sorriu, mordeu os lábios.

Depois que saí do chuveiro ele jogou em minha direção meu pijama de ursinhos. Sorri pra ele, sem saber o que dizer. Não vou

negar, a forma que ele cuidou de mim depois do sexo no banheiro meu coração chegou a falhar uma batida. Eu não conhecia aquele Dom, mas quero tê-lo sempre.

Estou mais leve, quase flutuando, Dom me beijou fazendo Gustave assoviar.

— Gol aos quarenta e cinco minutos do segundo tempo! E ele marca um golaço. — Gael deu um tapa na cabeça do irmão.

Olhei para Annie e ela gesticulou com a boca: "Soldada promovida com sucesso, a revolução é do grelo."

Olhei em volta procurando Leon e o bebê de Annie, eles estão com a dona Susane e Abuela dançando em frente ao palco improvisado do Senhor Macalister.

— Me tire essa dúvida, meu girassol. — Olhei para Gustave. Sentei ao lado dele e Dom ao meu lado.

— Se você falar *merda* eu vou te dar um tiro — Dom advertiu.

— Nem carregada sua arma está — Gustave zombou dando de ombros. — O *pau* dele é mesmo torto? — Gael cuspiu toda a cerveja que estava na boca e o pai deles gargalhou. Annie olhou sem saber onde enfiar a cara para Gustave.

— Vamos cortar o bolo — anunciei me levantando.

— Girassol ingrato — Gustave reclamou.

Com Dom segurando Leon, Gael Ethan, Gustave com Holly no pescoço e Rosita nos braços do Senhor Mitchell pai, Gustave deu um grito fino puxando os parabéns. Os meninos do clube batiam palmas e assoviavam.

Dom as soprou as velinhas e fechou os olhos.

— O que você pediu? — perguntei curiosa.

— Quando se realizar eu conto. — Piscou.

Todos vieram cumprimentar Leon novamente pelo seu terceiro mês de vida, e quando percebi Leon já estava novamente andando de colo em colo. Os meninos e as crianças comiam o bolo e Dom está cantando com senhor Macalister.

— Meu filho vai ficar surdo — protestei.

— Você ama minha voz de rouxinol-do-campo, amor. —

Revirei os olhos.

Sol me chamou para a mesa das mulheres, rapidamente fui.

— Ande, fale, fale, estávamos aqui criando teorias se você estava dando, ou tinha matado ele e estava tentando esconder o corpo — Annie falou rindo. — Mulher, fale logo que eu não posso passar nervoso.

— Você é cardíaca? — Judie perguntou.

— Sou curiosa. Ande mulher. — Ri. Vi quando Dom puxou Abuela pela cintura e levou uma cacetada dela. Marry balançou Leon pelo jardim, ao som de Johnny Cash. Meu pai e Cierra dançam, felizes.

Vi a mãe de Gael puxar o pai dele para dançar.

— Venha homem, seja meu par. — Gustave puxou o irmão, e os dois se abraçaram e começaram a dançar.

— São só tamanho. — Judie falou ao ver Lin dançar com um dos meninos do clube.

— Digamos que nós dois usamos um ao outro. — Dei de ombros.

— Agora vem passo dois. — Annie esfregou uma mão na outra. — Enlouquecer esse homem. É só eu mostrar os meus peitos para o peludinho que ele fica mais alguns dias aqui em Vegas antes de irmos para o País de Gales.

— O que vamos fazer? — Judie perguntou.

— Vamos ao Swing! — Bateu palmas. — Gustave é o mais novo sócio de Dom, nada mais justo que prestigiarmos meu cunhado desmiolado.

— Dom tem um clube de Swing? — Perguntei curiosa, eu sabia que ele tem vários negócios mais não uma boate de swing.

— Como a boa fofoqueira que sou, escutei eles falando que a inauguração será essa semana. — Judie estreitou os olhos para Sol.

— Desembucha, dona Solange! — Belisquei ela.

— Ivan voltou ao país dele. — respirei fundo.

— Paulada nesse macho, mulher. — Annie imitou o movimento de uma paulada. — Será que temos que fazer tudo? Será que Deus deu realmente cérebro a esses homens?

— Uma boa pergunta — comentei. Vi Dom erguer abuela e ela bater nele.

— Ele vai matar sua avó. — Annie Riu.

— Ele está tentando reconquistá-la — Sol falou e apontou para Dom, que entrou atrás de uma mesa quando ela tentou acertá-lo com uma almofada.

— E está conseguindo. — Judie apontou para Dom que agarrou abuela e deu um beijo estalado no rosto dela.

Levantei-me antes que eu chegasse até abuela e Dom meu pai me puxou e me girou.

— Para onde meu bebê pensa que vai? Você me deve uma dança, senhorita. — Segurei em seus ombros.

— Vamos lá senhor. — Pisquei.

— Eu não ia dizer nada, mas já dizendo, se Dominic *te* magoar, dessa vez eu mato aquele vagabundo de *merda* — papai ameaçou.

— Seu amor por mim, é comovente, Salete. — Dom começou a dançar sozinho com uma mão no peito e outra esticada, provocando meu pai.

— Eu vou bater nesse desgraçado. — Ri e rodopiei.

— Entre na fila, pai.

— Vamos lá Salete, não seja um empata dança, me conceda a mão dessa donzela. E vá paparicar seu neto. — Dom me puxou. — Olá! Amor. Você vem sempre aqui?

— Ordinário. — Ele me roubou um beijo. — Você precisa parar com isso.

— O quê? Te beijar? Não. Por que eu deveria? Deixe de ser um fóssil velho, amor. Somos pais com benefícios, porque você não quer casar comigo.

— Você não pediu. — Dei de ombros. Dom rapidamente me largou, subiu em cima da mesa e deu um grito.

— EU VOU CASAR, *CARAIO*. — Todos viraram para olhar em nossa direção. Ele se virou para mim e sorriu feito um idiota. — Vamos casar, não vamos?

Olhei para ele, antes que eu pudesse fazer alguma coisa a mesa de plástico simplesmente fez um barulho enorme e rachou.

— Dom? — Tirei a toalha da mesa da cara dele. — Você está bem?

Todos se juntaram em volta do monte de plástico quebrado e do Dominic. A testa ele está sangrando, um filete vermelho desceu pelo meio da testa dele escorrendo pelo nariz dele. Me abaixei.

— Dom? Você bateu a cabeça? Inferno, fala alguma coisa seu idiota! — Balancei minha mão na frente do rosto dele, mas nada falou. Ele abriu os olhos e fez uma careta.

— Eu acho que quebrei meu rabo. — Ele levou a mão a testa. — Você aceita casar comigo?

— Você precisa pedir ela em namoro imbecil — Gael falou.

— Cala a boca que você foi morar de favor na casa da Annie. — Ele tentou levantar. Gael e Gustave, que estava quieto demais, ajudaram ele a levantar.

Dom sentou em uma cadeira, abuela entregou a caixa de primeiros socorros, todos percebendo que o paspalho está bem, voltaram a cantar e dançar bebendo animados. Coloquei o algodão com álcool 70% na testa dele.

— *Caraio*, isso arde.

— Você tem certeza que é chefe desses homens? — Olhei para ele rindo.

Gustave que estava perto começou a rir, parou de repente e me olhou.

— Eu posso ser o juiz de paz? Se der *merda* você nem vai precisar pedir o divórcio. Você dá um *pau* nele e pede pensão, César é advogado. — Dom pegou o ursinho que estava em cima da mesa, da decoração e jogou na cara de Gustave.

— Nós vamos mesmo casar, amor? — Dom perguntou.

— Nos seus sonhos, Dominic. — Pisquei.

— Quem tem medo de atravessar ponte é vaca, o não você já tem, agora meu amigo? — Gustave bateu nas costas de Dom. — Corra atrás da humilhação.

Capítulo 49

"Maldonado jamais quebra uma promessa!"

"Viva agora, reclame depois."

SÉRIE Macgyver



BONNIE

Dom se despediu do amigo Gustave que acenou para mim, fiz o mesmo. E sorri, sim o cara de quase dois metros de altura tem uma incrível alma de uma criança sem juízo e totalmente insana.

Mordi meus lábios tentando não rir de Dom. Olhei para ele atentamente, já é noite e a lua está linda e cheia, parecendo um enorme queijo. Ouvi a voz de abuelita conversando com Leon, lá dentro, falando algo sobre como o amor é engraçado, como uma flor roxa que nasce nos corações dos trouxas. Ri revirando os olhos. Olhem a trouxa aqui perdidamente apaixonada por um bandidão ordinário e totalmente maluco.

Dom veio sacolejando o corpo de forma engraçada, e se jogou ao meu lado na varanda, fazendo um barulho enorme na escada velha.

— Você vai chegar aos quarenta sem se querer poder se abaixar. — Olhei para o band-aid de glitter na testa dele. O corte foi pequeno, mas fundo, e continuou sangrando mesmo após ser limpo.

A forma irritante e faceira dele de agir é completamente única, ele já não é mais o mesmo de um ano atrás, ele se soltou, mudou. Há um brilho no olhar dele, mesmo que ela lá no fundinho consiga enxergar a palavra perigo estampada, há um brilho brincalhão e determinado, e muito mais leve. Isso pareceu ficar mais

claro do que nunca depois que ele me contou um pouco mais sobre o passado dele.

Depois que todos se despediram o diabinho cor-de-rosa foi o único que restou. Annie e dona Suse prometeram voltar amanhã, munidas de conselhos.

Olhei para Dom e ele resmungou algo com ele mesmo.

Ele deu um tremelique ao meu lado e riu.

— Você está bêbado. — Ele negou.

— Não tomei uma gota de álcool. — Olhei debochada para ele. — Tomei apenas o suficiente para me manter sóbrio e longe de humilhações. — Gargalhei.

— Mais que você já passa? — Ele juntou as pernas e deu de ombros.

— Da última vez que nos sentamos nessa varanda você me embebedou com a bebida do diabo, e adotamos a Glórinha. — Ele riu fazendo suas covinhas aparecerem. — Que tal se fizermos outro filho agora? Deixamos as humilhações para outra hora, docinho.

— Você realmente não tem um pingô de vergonha na cara, não é? — Ele riu e colocou a mão sobre meus ombros e sem permissão nenhuma ele me abraçou. A pele dele está gélida, como na maioria das vezes, como um difundo. — Você parece um cadáver.

— Quem não chora não mama, ué. — Ele mordeu meu ombro. — Você ainda vai me dar hipertensão. Você é salgada e muito quente. Entenda uma coisa, docinho, tudo é uma questão de equilíbrio, eu preciso ser gelado para apagar esse seu fogo no rabo. — Piscou cretino, ele esfregou a mão gelada no meu braço causando um atrito gostoso.

— Não sei se reparou, mas o suor do corpo humano tem sódio, gênio, você que é frio igual a um cadáver. — Falei. — Pare de me morder, seu vira-lata.

— Au-au amor, é porque você ainda não viu meu pé. Ele suspirou e olhou. — Eu falei sério quando disse que quero que case comigo. — Ele trouxe o assunto de volta, me fazendo suspirar, minha Deusa interior vestida com uma micro fantasia de noiva comemorou. Mas que diabos, você precisa decidir se vai castigá-lo ou se vai amá-lo, sua vagabunda! Me auto-ofendi, me sentindo uma safada sem conserto, maldito homem gostoso.

Casamos primeiro, castigamos depois, oras, seja uma vadia, mas uma vadia casada.

— E você sabe o que é falar sério? — perguntei nervosa, meu coração perdeu a batida. Ele riu e piscou me fazendo mais boba ainda. Droga de homem gostoso, sem vergonha e sexy.

— Muito sério, amor. — Ele deu uma balançada na cabeça e riu. — Não sério demais. Mas sério o suficiente para que acredite em mim.

Rindo, eu olhei para a lua.

— Eu sei, eu sei... Eu não sou um príncipe encantado. Mas *porra* eu dou um caldo, a fada madrinha fez *Bibbidi-bobbidi-boo* e surgiu eu, um garanhão. O próprio alazão indomado. — Piscou e mordeu os lábios.

— Corsel, Dominic, Corsel. Transformou o burro em jumento, grande diferença. — Ele semicerrou os olhos.

— Às vezes eu penso que você realmente quer me ofender, docinho. — Ele bateu seus ombros largos com os meus. — Mas

amor, esse coração já é calejado, e com o seu amor ele ficou blindado. — Piscou ordinário.

— E quem disse que eu te amo? — falei, ele gargalhou e estalou os lábios.

— Seus olhos, docinho, seus olhos. Os olhos são o espelho do coração, amor. — Ele filosofou todo galanteador, revirei os olhos.

— De onde o senhor Don Juan tirou essa frase? — perguntei, ele riu estalando os lábios de forma engraçada.

— Semana passada em um comercial de papel higiênico, guardei aqui *oh*. — Apontou para a própria cabeça. — Achei que fosse ser útil, um homem precisa usar todas as armas que têm.

Olhei para ele e gargalhei.

— Você realmente não desiste, não é? — Ele me olhou, um arrepio gostoso percorreu minha espinha, o maldito olhar oitenta dele é capaz de simplesmente derrubar todas as minhas barreiras.

— De você, docinho? Não nesta vida. E na próxima não vou ser um desgraçado, bundão a ponto de magoar e *te* perder de novo. — Ele piscou.

— Eu queria que tivesse sido diferente, Dom — lamentei sorrindo triste para ele. Ele pegou minhas mãos, e tocou as cicatrizes.

— Mas *caraio*, me deixe fazer diferente daqui para frente, amor. — Ele me olhou com olhos claros, pidões. — Uma chance, apenas uma chance bombom, e se eu falhar, prometo que saio da sua vida, serei só o pai do Leon e *porra* estou *te* prometendo isso. E no inferno, Deus é testemunha que eu nunca, jamais nessa terra quebrei uma promessa, eu sou um Maldonado, e um Maldonado jamais quebra uma promessa!

Olhei nos olhos dele, e por algum motivo, acreditei nele. Sem conseguir responder seus lábios se encontram com os meus, confirmando a promessa dele. Uma corrente elétrica passou por nós e ele riu contra meus lábios, a língua dele explorou minha boca com vontade, meus dedos foram para os cabelos curtos da nuca dele.

Meu coração está acelerado, como se fosse a primeira vez que ele me beija. Quando ele se afastou dando mordidinhas em meus lábios, os olhos dele brilharam perigosos.

— Eu sou assim. — A voz dele saiu rouca, quase irreconhecível. — Eu sou perigoso Bonnie Portman, mas nunca mais vou fazer você derramar uma lágrima, eu morro se isso acontecer. — Ele tocou meu rosto, engoli em seco. — Eu não posso *te* perder, na verdade, não posso perder mais nada. Eu sou seu, sempre fui. Mesmo quando tentei provar o contrário para mim mesmo, era em você que eu pensava. Era o seu sorriso que eu via, era seu jeito bom, sua forma doce e açucarada de fazer sempre o bem, com seu jeito amoroso, fácil e incapaz de odiar algo. Eu não sou limpo, sou sujo, mas você é meu sabão com soda cáustica, docinho. — Senti as lágrimas salgadas molharem meus lábios. Sorri, ele pegou uma lágrima dos meus olhos e sorriu. Os olhos dele brilham como duas esferas esverdeadas, levemente com um tom de azul-escuro. Causando um arrepio em meu corpo.

— Você realmente não consegue ser sério, não é amor? — Ele fechou os olhos. — Você tenta, não é? — Eu ri.

— Eu vou conseguir dizer o que você quer ouvir, docinho. Só preciso que você confie em mim. — Ele pediu olhando em meus olhos.

— Eu confio, mas me prometa Dominic. Que você vai se manter vivo, por Leon, por Glórinha e por mim, por todos que te amam, por favor. — Antes que ele fizesse alguma graça, meu corpo se chocou com o dele, meus braços apertaram o pescoço dele em um abraço apertado, como eu nunca havia feito antes. Ele me puxou fazendo com que me sentasse em seu colo.

— Eu vou estar vivo caso queira me matar, docinho. — Suspirei aliviada. — Mas eu vou caçar um por um, dos que ameaçaram sua vida e a vida do meu filho. Eu não vou morrer, docinho. — Um arrepio percorreu minha espinha, um arrepio de medo. Medo por ele. Medo de perdê-lo. — Eu vou estar vivo, vivo para ver cada um deles, queimar.

Ele me abraçou de volta. Fechei meus olhos. Essa é uma maldita promessa do Maldonado, uma promessa do bandido Dominic Maldonado. Não do Dom, o meu Dom.

E o bandido Dominic não quebra uma promessa.

DOMINIC

Bati a caneta na mesa, mas minha vontade é bater na cara do desgraçado do Gustave. O maldito ergueu as mãos para o alto.

— Eu não tive opção, ela me ameaçou, ameaçou procurar Sam — justificou, Gael gargalhou alto.

Ainda não tinha engolido o fato dele ter dado com a língua nos dentes para a loira, e contado a versão não resumida da minha história.

— Eu só *te* digo uma coisa, Mitchell. — Apontei a caneta para ele, tirei meus óculos de grau. — Sua hora vai chegar seu desgraçado, quero ver Samantha Philipps fazer você comer as migalhas do pão que o diabo amassou.

Annie havia me olhado com os olhos cristalinos hoje de manhã quando encontrei com eles no cassino, cheio de deboche e com o maldito olhar que ela olhava para Gael quando ele fazia *merda* e sentava em cima.

Um arrepio percorreu minha espinha, a maldita mulher é o próprio Armagedom na terra.

Abri minha boca de sono, tive uma noite de *merda*, depois de sair da casa do meu bombom com um maldito pressentimento ruim cheguei em casa e a primeira coisa que eu fiz foi ligar para Salete. Fiz meu amado sogro colocar mais dois carros na rua da casa da abuela. Revirei à noite toda na cama. Pelado, amargurado e sozinho.

Encarrei os dois. Annie e Susane, saíram desfilando por Vegas com as crianças de Gael e de quebra levaram Joshua, pai de Gael para ser cabide.

— Eu vou sentar e apreciar Samantha Philipps passar por cima de você com um trator de *Trekker Trek* e deixar você no pó. — Gael gargalhou insultando o irmão, fiz o mesmo, o bundão engoliu em seco.

— Sam é boa. — Ele tentou se convencer.

— E eu sou o John Travolta, Samzinha vai fazer você de pano de chão. — Gargalhei, ele me lançou o dedo do meio.

— Parem com isso, ela me ama. — Gael fingiu uma falsa tosse.

— Ama seu *pau*. Anda vamos logo. — Gael se levantou.

— Desculpem não poder ir com vocês — falei sincero, em menos de uma hora preciso estar deitado no divã do pequeno gafanhoto da sabedoria.

— Tranquilo, irmão — Gustave falou.

— Fico feliz em vê-lo se tratar. — Gael falou, engoli em seco. Ele é um dos motivos pelos quais eu estou vivo hoje. A verdade, eu preciso contar a verdade ao meu amigo.

Eles saíram do meu escritório, Gustave xingou o irmão, e Gael deu uma bicuda na bunda dele, fazendo-o quase cair da escada.

Olhei para meu celular. Meu bombom havia digitado, um oi e uma figurinha de uma mulher de batom vermelho e estranha fazendo uma pose de tímida.

Respondi com um oi e mandei uma figurinha do Bob Esponja. Ela digitou rapidinho.

"Ele está peidando corações? Pelo amor de Deus, Dom!"

Ela me mandou uma figurinha de uma menininha fazendo cara de nojo.

" Pare de *foder* com a minha infância, seu idiota."

Gargalhei.

"Estou saindo para a terapia. Vejo você e Leon para o almoço?"

Perguntei.

" Sim, vamos ter frango com legumes no vapor."

Minha boca salivou por uma comida decente, que não fosse congelada ou de Drive Thru.

" Vejo vocês no almoço, Bombom."

Amo vocês, pensei, mas não digitei. Respirei fundo. Eu preciso arrumar o *caraio* da minha vida.

Desci para o bar. E antes que eu passasse pela porta, Corvo e Carniça me impediram.

— Se forem problemas, resolvam vocês. — Falei antes que eles abrem a boca.

— O russo ligou, ele achou Handball e Tamara — Corvo declarou. Arqueei a sobrancelha, sentindo a veia na minha testa pulsar, apertei meu nariz com força.

— Então ele mentiu? — questionei. — Quando esse maldito *fodido de merda* vai entender que somos o *caraio* de uma família? Que não agimos sozinhos? Esse maldito não estava na Rússia? Foda-se, vão atrás dele. Juntem quantos homens forem necessários e peguem o primeiro voo disponível para o México — esbravejei sentindo um ódio descomunal pelo maldito.

— E fazemos o que quando chegarmos lá? — Revirei os olhos. — Socamos o russo?

— Só não deixem ele fazer uma chacina como ele fez na Rússia — ordenei. Eles sabiam o que o russo causou no país dele até chegar a mim.

— E o que fazemos com Handball e Tamara? — Corvo questionou.

— Deixem o russo fazer o que quiser. — Dei de ombros. — Só não sejam presos.

— Achei que fosse junto. — Carniça me olhou sem entender.

— Vou deixar o russo fazer do jeito dele. Mas quando ele voltar, as coisas serão do meu jeito. Do meu maldito jeito.

Saí deixando eles para trás, o maldito russo não quer aprender pelo amor, ele vai aprender pela maldita dor.

— Vejo que está mais leve, filho. — Dei de ombros, peguei uma balinha do pote do Padawan e coloquei na boca.

— Leve como uma pena de galinha morta, meu chapa. Do que diabos é feita essa bala? — cuspi a porcaria da bala.

— Extrato de bambu com café excrementado pelos Civetas. Que nojo, que nojo.

— O café que sai do *cu* do macaco? — Cuspi no plástico da bala. — O macaco cagou a bala, homem!

— Civetas não são macacos, meu filho, são gatos herbívoros que são encontrados nas Filipinas e em Madagascar —explicou de forma sábia, esfreguei minha língua na minha camisa.

— Homem, o café sai do *cu* do bicho, eu vou lá querer saber se é macaco ou primata? — rosnei, ele riu fungando feito um porquinho.

— Você sabe que são macaco e primatas são a mesma espécie, não é filho? — Me joguei no divã.

— Homem, o bicho caga o café — falei o óbvio.

— Além disso, é tudo higienizado, torrado e processado meu filho. Você infelizmente não tem esse paladar aguçado. — Olhei para ele e lamentei.

— Aguçado para comer bosta? — reclamei. — Homem você precisa de terapia.

Saí do Padawan com três certezas, meu terapeuta precisa de um terapeuta, eu comi bosta de lêmure e não menos importante preciso contar a *merda* toda para Gael, e deixar meu passado no maldito passado e ler a carta a Boo quanto antes. Certo, foram cinco mais a última é óbvia, então ela não conta.

A inauguração da boate será hoje à noite, e Annie já tinha se encarregado de convidar meu bombom. Olhei para a sacola no banco de trás e olhei para e engoli em seco.

Preciso deixar ela fazer isso. E de quebra vou gozar feito um cavalo.

Engoli em seco.

Embora minha boate tenha a prática explícita de Swing, minha intenção não é levar a Boo lá para isso. Ele precisa me conhecer por inteiro. E *porra* preciso perder o maldito medo do escuro.

Quando parei meu Mustang em frente à casa da abuela Carmen, ouvi o grito de Gustave e a risada de cavalo de Gael. Os malditos vieram à casa dela sem me avisar.

Avistei os dois carros de Salete na rua e cumprimentei os seguranças, eles menearam com a cabeça em reconhecimento.

Desci do carro, pegando o presente para Boo e o outro de Leon. Fui até o porta-malas, abri e peguei o presente para velha, ouvi ela comentando com Suse sobre sua enorme vontade de ter um negócio horroroso desses.

Antes que eu abrisse se a porta Boo a abriu rindo e tossindo.

— Meu Deus que fedor de bosta — protestei. — Gustave peidou? — Perguntei. Boo me olhou desesperada.

— Se isso for o peido, nem quero imaginar o que ele faz no banheiro.

— Ele interditou meu vaso por duas horas. E ainda sujou minha porcelana. — Annie reclamou com a mão no nariz e a outra cobrindo o rostinho do filho com um paninho. Gael está com a camisa no nariz segurando o paninho no rosto do meu filho.

— O que diabos você comeu? — perguntei.

— Foram os canapés que vocês serviram ontem. Tinha ovo.
— Gael deu risada.

— Você comeu mais de quinze seu desgraçado.

— Oi amor. — Dei um selinho em Boo e ela corou. — Se você ousar abrir a boca Gustave, eu trancar você no banheiro.

Entreguei a ela a caixinha de bombons.

— De chocolate ao seu docinho e ganhe um *boquetinho*. — Annie bateu na cabeça de Gustave.

— Oi Dom. — Ela pegou a sacolinha de Leon e abriu. — Timão e Pumba? — Ela riu. — Obrigada.

— Dom? Sinto muito meu amigo. — Gustave me olhou com tristeza. — Mas Boo vai se casar comigo.

Revirei os olhos e Gael me estendeu meu filho, peguei meu moleque e beijei seu cabelinho. Me sentei no sofá.

— E sua filha? — Perguntei.

— Na garagem com o Senhor Macalister e meu pai, o velho está mostrando um fusca rosa a ele.

— Acho que o velho, vai comprar o carro velho, do outro velho. — Annie chutou Gustave.

— Quer calar a boca? — Annie falou fazendo Gustave rir. Boo sentou ao meu lado. — Gustave nos contou que a noite no swing será temática?

— Conteí? — Gustave olhou para a cunhada sem entender. — Verdade, contei.

— Noite do couro e do chicote. — Olhei para a minha bombom.

Ela me olhou por baixo dos cílios e suspirou amorosa.

Essas bruxas, vão aprontar. E *porra* sinto que meu *pau* vai esfolar.

Porra, é mais claro que o sol, que essa mulher vai fazer com que eu me arrependa até dos pecados que não cometi, e *porra* por que diabos sinto que meu *pau* é a principal vítima?

Capítulo 50

"Upa... Upa... Cavalinho!"

"Devemos ter uma boa memória para sermos capazes de cumprir as promessas que fazemos."

Friedrich Nietzsche



BONNIE

As três mulheres me avaliaram atentamente. Dona Susane estalou a língua, abuelita fez sua típica cara de safada mata *pau* e Annie bem, ela me avalia como se eu fosse sua pequena discípula.

— Sabe querida... — Dona Susane pegou minhas mãos. — Os homens e os agregados dessa família só agem no tranco, você precisa pegá-los e usá-los. Esses cretinos querem ser usados. E só aprendem no tranco.

Ela sondou o marido, senhor Joshua, a pequena Holly e o velho Macalister estão na garagem. Conseguia ouvir a voz empolgada de Holly falando sobre o fusca cor-de-rosa.

— Traduzido em miúdos, chá de perereca. — Annie deu de ombros e abuela gargalhou. — Só assim que funciona? É só eu falar *pro* meu peludinho que não vai ter, que amiga ele descobre até quem mandou matar o presidente dos EUA. — Ela riu, dona Susane brincou com Leon. — Boo, entenda uma coisa, docinho. — Ela usou o mesmo tom de Dom. — Dominic *te* ama, mas é um cavalo e não sabe demonstrar, veja Gael, um monstrinho, mas um monstrinho adestrado.

— E como eu faço isso? — especulei rindo tirando Leon do meu peito. Coloquei ele em pé encostado no meu ombro, para

arrotar.

— O grelo minha neta, use o grelo! — Abuela falou jogando as mãos para o alto — Querida, você está muito lerda. Está andando demais com o Dominic! — reclamou.

Mordi os lábios e ri. Leon arrotou e o ajeitei em meu colo, ele começou ressonar tranquilamente.

— Use o que eu lhe dei, de hoje à noite até amanhã esse homem vai estar moribundo de tanto amor. — Annie riu. Abuelita abriu a sacola e puxou a peça, feita em tiras de couro.

— Isso é um vestido? — Abuelita colocou na frente do corpo e riu safada. — Os faróis ficam de fora, suas meninas vão piscar no sinal vermelho, querida.

— Como diabos se usa isso? — Perguntei a Annie.

— Usando oras. Pelo pouco que conheço, Dom vai *te* levar em algum lugar VIP e privado, só para vocês dois. Então docinho, você arranca o sobretudo e esfrega a perereca na cara dele — Annie falou séria, como se ela estivesse fazendo um discurso de honra.

— Simples assim? — Perguntei rindo.

— Simples assim. — Antes que eu pudesse responder, ouvi um grito agudo e fino.

Gustave.

A porta se abriu e os dois tentaram passar ao mesmo tempo.

— Educação para bater nenhuma, não é peludinho? — Annie perguntou a Gael. Gustave cutucou a costela do irmão que se encolheu, Gustave entrou primeiro como um Deus.

Desmiolado, mas um Deus.

— Querida, cheguei. — Ele se sentou ao meu lado e beijou o rosto de abuelita, que está se fazendo de difícil.

— Quem vê pensa que eu não eduquei. — Susane falou para os filhos, ela se levantou e abuela a arrastou até à cozinha.

A sincronia dos dois foi impressionante. Eles deram de ombros ao mesmo tempo, Gael amarrou o cabelo e sorriu pra mim.

— Olá! Bonnie. — Piscou. — Posso? — perguntou estendendo as mãos para Leon. Entreguei a ele o Leon e depois sentou ao lado de Annie.

Gustave me abraçou abusado, se aproximou os olhos claros dele parecem de um gato arrisco, verdes, meio azulados como os de Dom, porém, em tons mais claros, ao contrário do olhar de Dom que tem um perigo estampado no fundo, e uma dureza de dar calafrios, os olhos dele são apenas divertidos e com uma leve tristeza. Mas olhos do loiro realmente sorriem, de forma que parecem ser de mentira, a forma leve e descontraída do rosto dele.

— Mitchell *Agiotamento* & Cia, Ltda. — Ele riu. — Topa dar um *pau* em Dominic?

— Você sabe que a palavra *agiotamento* não existe, não é? — perguntei.

— Acabei de criar, meu girassol. — Revirei os olhos. — Mas o foco é, me deixe pagar para baterem nele, eu sempre quis saber qual é a sensação de ser um fora da lei.

— E por que você mesmo não faz o serviço? — sonde rindo.

— Para eu apanhar? Muito obrigado, prezo minha integridade física e minha beleza. Já viu o tamanho do braço dele? Me dá até uma palpitação, um soco e vou precisar de uma plástica. Sou jovem

demais para deixar o mundo sem minha beleza e minha *foda* libertina. — Piscou.

— Modéstia provavelmente é seu segundo nome, não é ? — Ele riu.

— Eu sou realista meu amor, sou o mais bonito, trepo melhor e sou o mais rico — gracejou.

— Com o meu dinheiro, não é *filho da puta*? — Gael falou.

— Quer que eu conte a mamãe que você me chamou de *filho da puta*? — Gael negou revirando os olhos. — Ótimo o dinheiro é meu, mas do Gael quando preciso da assinatura desse mequetrefe.

Gargalhei, de repente meu nariz começou a arder.

— Que cheiro é esse? — questionei apertando meu nariz.

— Gustave peidou. — Annie afirmou tapando o nariz.

— E como você sabe que fui eu e não Gael? — Gustave acusou o irmão.

— Fedor de *cu* de Gustave, simples. — Ela deu de ombros. — Eu conheço o peido do meu marido.

— Mulher você é uma megera desgraçada. — Gustave apontou o dedo para a cunhada e deu uma respirada no ar. — Meu Deus! Esse fedeu carniça.

Eu me levantei e fui em direção à porta. Tossi tentando não rir.

— Meu Deus que fedor de bosta. — Dei de cara com Dom na porta, segurando algumas sacolas. — Gustave peidou?

— Se isso for o peido, eu nem quero imaginar o que ele faz no banheiro — falei coçando o nariz.

— Ele interditou meu vaso por duas horas. E ainda sujou minha porcelana. — Eu ri tentando não respirar muito.

— O que diabos você comeu? — Dom perguntou, com uma cara de nojo.

— Foram os canapés que vocês serviram ontem. Tinha ovo.

— Você comeu mais de quinze seu desgraçado. — Gael acusou o irmão.

— Oi, amor — Dom falou, fazendo meu coração disparar.

Minha deusa interior fardada com uma micro farda de militar deu um tapa na minha cara me trazendo a realidade.

A revolução é do grelo, soldada!

Certo, certo vamos fingir que esse homem não vai me dar uma surra de cassetete.

Engoli em seco, *porra*. Eu quero levar uma surra de cassetete.

DOMINIC

Nervoso limpei minha mão suada na calça, passei o dia nervoso. Inferno, se eu não fizer isso eu vou perder a coragem.

Minhas tripas fizeram um barulho estranho. Encostei meu corpo no carro. Segundo abuela, limão e amido de milho corta a caganeira. Então lá fui eu atrás de limões, é melhor prevenir do que remediar. Tomei dois copos antes de sair de casa.

Depois de almoçarmos todos juntos, Boo e eu fomos dar uma volta na rua com Leon. Ela estava alegre, falando das novas ideias que tinha tido, e eu feito um adolescente retardado fiquei admirando bobo, olhando para ela contar sobre sua ideia genial para abuela.

Sorri, a velha será a melhor Youtuber do século, provavelmente o título do seu primeiro vídeo vai ser: "como fazer uma piroca de chocolate" ou "modelando uma giromba."

Isso se o YouTube não bloquear o canal da velha. Boo me mostrou o Canal que já estava criado, Carmen tube. A capa é a velha maluca segurando um *pau* de macarrão, sorrindo. Em um fundo rosa e azul cheio de mini pirocas que pareciam ser de chocolate.

Vão bloquear o canal dessa velha. Ri e beijei Boo, sem perceber ela estava me incluindo nos planos dela, falando que poderíamos fazer de tal jeito, gravar com abuela, fazer aventais personalizados, mudar de cenário.

Porra ela realmente está me incluindo. Eu não ousei dizer nada, nem fiz uma piada, apenas concordei e ri.

Vi quando a porta da frente se abriu.

— Querida se cuide, use camisinha e qualquer coisa morda o *pau* dele. — Gargalhou. Ela balançou a mão para mim. — Olá Domzinho da Abuelita.

— Velha falsa. — Mandeí um beijo pra ela.

Meu mundo parou. A diaba maldita desfilava em minha direção, usando um sobretudo de couro preto, nos pés ela uma maldita sandália de tiras pretas, que sumiam na roupa preta.

Mas que *caraio* tem por baixo desse sobretudo?

Ela sorriu e se aproximou. O cheiro doce de perfume me bateu com força, me deixando zonzinho. Sem jeito coloquei a mão no meu bolso. Sentindo o papel em minha mão. Retirei a mão do bolso. E sorri pra ela.

— Olá, docinho. — Ela se aproximou mais, me endireitei e levei a mão na cintura dela.

— Oi, amor. — Ela falou doce, aproximando o rosto do meu. Crispei meus olhos, essa bruxa vai aprontar.

Beijei os lábios dela fazendo-a suspirar. Afastei-me dela e toquei em seu rosto levemente maquiada, a pele sem nenhuma imperfeição levemente brilhosa, os lábios pintados com um batom vermelho, mais brilhante. As sobrancelhas estão penteadas de forma perfeita dando a ela um olhar de mulher sexy e mortalmente fatal.

— Você está linda, docinho — elogiei tocando os cabelos dela.

— Você também, gatinho. — Ela piscou.

Ri, sentindo minha voz ficar mais rouca que o normal.

— Eu estou usando uma calça rasgada e uma camiseta com um furo no sôvaco, amor — comentei zombeteiro. A maldita camiseta estava me apertando tanto que chegou a rasgar na axila.

Se eu falar que eu rasguei a calça invadindo um aeroporto tentando roubar, roubar não, roubar é uma palavra muito forte, pegar de volta meus charutos cubanos, na alfândega, ela surta?

Melhor ficar em silêncio

Ela me abraçou de forma sexy. Mordi meus lábios.

— Queria tocar você — ela disse baixinho levando uma das mãos ao meio das minhas pernas, e me sovando feito um pão.

— Pare com isso, mulher safada — sussurrei. Se ela apertar de novo, *porra* eu não vou ligar de ganhar a *porra* de um boquete aqui na rua.

— Certo, certo. — Ela se afastou como se não fosse nada, rindo. Semicerrei meus olhos.

Por que eu fui apresentar ela a Annie?

Depois de meia hora sendo torturado na *porra* do carro, chegamos ao clube. Ela olhou tudo atentamente. Minha mão está

apoiada possessivamente na cintura dela. Assim que passamos pela porta de entrada, fui reconhecido e comecei a ser cumprimentado. Boo sorria educada e atenciosa.

As mulheres olhavam para mim e Boo.

— Ninguém chegará em nós sem a devida permissão — afirmei em seu ouvido. — Somos só eu e você, docinho. Eles sabem disso e respeitam. — Ela mordeu os lábios concordando.

— Eu pesquisei um pouco — confidenciou baixinho. A música eletrônica está tocando alto. Fazendo com que eu mal a entendesse, enquanto subimos até à área VIP.

Os seguranças da área VIP balançaram a cabeça em um claro sinal de cumprimento.

— Ninguém sobe. — Falei e passamos por eles, Gael e Annie estão animados em um sofá no canto escuro. — Temos quarto à disposição — falei provocando.

Arqueei a sobrancelha ao perceber Gael tirar a mão de dentro do vestido da esposa de forma discreta. Ignorei.

— Oi para você também, gibi. — A loira sorriu ajeitando os cabelos.

Boo se soltou e sentou ao lado da Annie que saiu do colo do marido. Gael virou a bebida dele e balançou a cabeça, sentei ao lado dele.

— Onde está o Gustave? — especulei.

— Serve aquele ali? — Annie apontou para a multidão na balada lá embaixo.

— Por que diabos ele está no pole dance? Ele está bêbado? — Perguntei.

— Muito bêbado. Ele já chorou por Sam, e agora disse que vai trabalhar na prostituição do próprio corpo.

— Minha boate não tem isso não. — Neguei rindo. — Aquilo lá é dinheiro na calça dele? Puto desgraçado, está ganhando dinheiro.

Enquanto eu e Gael conversávamos, meus olhos são desviados constantemente para o meu bombom. Ela abriu alguns botões do sobretudo.

— Quer descer amor? — Gael perguntou a Annie. Ela afirmou, Gael pegou a esposa pela mão, eles desceram as escadas e antes de chegarem à pista Gael a puxou para um corredor escuro.

— Com calor amor? — perguntei deslizando pelo banco estofado e parando ao lado do meu bombom.

— Muito. — Ela mordeu os lábios e sorriu.

— Que tal uma bebida? — apontei para o bar escuro da área VIP. — Quer me ajudar a preparar?

Ela concordou levando. A música lá embaixo ficou mais lenta me fazendo sorrir.

— Que tal um *shot* de morango para o meu docinho? — Ela riu. Peguei ela pela mão e puxei-a até o bar escuro iluminado apenas pelas luzes da boate.

— Você não tem aqueles barmans sem camisa e com uma gravatinha preta? — perguntou rindo.

— Eu sou o barman, amor. — Puxei a camiseta pela cabeça e joguei ela no balcão. — Serve?

Ela me olhou de cima a baixo demorando um pouco mais no meu *pau*, subiu de novo parando no meu rosto e sorrindo de forma sexy.

— Bem melhor! — Piscou e se aproximou de mim, a mão quente dela passou pelo meu peito, as unhas pintadas de preto se arrastaram pelo meu peito. — Duro, muito duro.

Ri, os pelos do braço dela se arrepiaram.

— Você vai adorar descobrir o que também é muito duro amor.

— Vou, é? — Sorri safado, ela se encostou na pia, peguei a vodka e a coqueteleira e coloquei sobre o balcão. Abri a geladeira peguei os morangos limpos e puxei o balde de gelo.

— Que tal eu guiar, princesa? — Dei espaço a ela. E ela me olhou, e rindo entrou na minha frente. Fazendo questão de colocar a bunda empinada em minha direção.

Colando meu corpo ao dela, apoiei minhas mãos na borda da pia. Meu *pau* encaixou certinho na bunda dela, fazendo um atrito gostoso.

Coloquei o cabelo dela de lado e beijei o pescoço cheiroso e macio, provocando-a.

— Pegue cinco morangos. — Peguei um morango inteiro na travessa. — Abra as pernas, amor.

— Isso faz parte da aula? — perguntou afastando as pernas. Ri contra o seu ouvido.

— Gelo, morango e vodka. — Antes que ela pudesse falar algo, minha mão deslizou para dentro do sobretudo.

O calor quente e úmido bateu nos meus dedos.

— Nada Bonnie? Sem a *porra* de uma calcinha? — Ela riu.

— Na... Ah. — Ela se apoiou na pia e abriu mais as pernas, apoiei minha perna no meio, mantendo ela no lugar. Deslizei a fruta,

parando m seu clitóris. Ela gemeu e apertou a borda da pia. — Eu odeio quando faz isso — falou firme, mas com dificuldade.

Brinquei com o morango de forma faceira, pressionei ele na entrada dela, deixando-a ofegante.

— Quando eu faço o quê? — Ri mordendo sua orelha, forçando meu *pau* na bunda dela. Ela rosnou. — Brava, amor? — perguntei passando a língua pelo pescoço dela.

— O que eu faço agora? — questionou, se fazendo de firme me ignorando.

— Amasse os morangos — instruí baixinho. Conforme a música tocava eu me empurrava contra ela, sentindo meu jeans molhar. Meu *pau* está apertando com força.

— Por diabos você precisa ser um maldito diabo do sexo? — Ela fez o que eu pedi. Ri colocando meu rosto apoiado no ombro dela. Tirei o morango, sentindo o suco da fruta se misturas com a sua umidade.

— Delícia. — Comi a fruta, Boo morder os lábios com força. Rapidamente minha mão voltou para dentro do sobretudo. Meu dedo pediu passagem e ela me apertou. — Eu vou te chupar. — Antes que ela pudesse protestar, já estou de joelhos à sua frente.

BONNIE

Segurei-me com tanta força na borda da pia, minhas pernas estão bambas, os lábios frios dele me chuparam com força, meu coração disparou, meu sangue corria mais e mais rápido. Senti a língua dele deslizar para o meu paraíso intocado traseiro.

Minha Deusa interior gritou.

Coma o rabo, coma o rabo.

— Dom. — O ordinário riu, me fazendo sentir mais ódio dele, a maldita pose de homem faceiro havia ido embora, as pupilas dele estão dilatadas, seu olhar ficou negro, perigoso e sensual.

Senti o segundo dedo dele deslizar. Inconscientemente acabei rebolando contra o rosto dele, só escutei o rosnado em aprovação.

A língua dele circulou minha pele e voltou novamente mordendo meu clitóris, ele pulsou mais fazendo uma sensação de aperto se construir em meu baixo-ventre.

— Eu não quero a *merda* da bebida, Dom — falei firme.

Ele riu. Senti ele se afastar e subir de volta me fazendo respirar com dificuldades.

— Encharcada — comentou rindo.

— Pare, seu ordinário. — Pedi.

— Será que *te* faço gozar só falando. — Me virei puxando ele pra mim.

— Não se atreva — ordenei.

Vi Dom apertar um botão não balcão e a luz de uma das portas negras ficou vermelha.

— Vá primeiro e tire o maldito sobretudo. — Ele me deu espaço. Fiz o que ele pediu e deixei a peça cair do meu corpo. — Que *porra* é essa?

Caminhei em direção ao quarto que ele indicou. Virei-me de frente para ele.

— Que *porra* é essa? Você estava pelada esse tempo todo?

— Ele avançou em minha direção me levando para dentro do quarto. Ele bateu a porta com força e uma fechadura eletrônica bateu fechando a porta.

— Gostou? — Minha pele se arrepiou toda, o vestido de couro em tiras não cobriu nada. Meus seios estão rijos, ele olhou para meus seios pesados, e gemeu.

Fui em direção à cama e me sentei. Antes que eu cruzasse as pernas. Ele sorriu e passou a mão nos cabelos.

— Abra as pernas — mandou. Engoli em seco fazendo o que ele solicitou.

Ele abriu a calça jeans apertada e o *pau* dele literalmente saltou. Convidativo, grande, rosado e brilhante. As veias parecem pulsar.

— Vem aqui. — Pedi, abrindo mais as pernas. Senti minha umidade quase escorrer. Passei a língua nos lábios. Ele foi até um painel na parede, e apertou alguns botões, uma música começou a tocar, e a luz do quarto mudou e ficou vermelha.

— O que você quer? — Ele parou na minha frente a uma distância segura e o segurou com força, ele deslizou o dedo pela cabeça dele. E riu. — Isso? Vai ter que pedir, amor.

— *Ah!* Mas não mesmo? — Deslizei a mãos para o meio das minhas pernas, meus dedos melaram. Tirei e mostrei a ele.

— Bruxa. — Ele se aproximou pegando minha mão melada e deslizando na cabeça rosada e úmida dele.

Meus dedos deslizaram quentes por ele. Ri quando minha boca ficou a centímetros dele. A cama é mais baixa que o normal, provavelmente para essa finalidade, ou algo parecido.

Sorri, minha língua tocou a cabeça do pau dele, espalhando o líquido pré-sêmen na ponta. Ele gemeu.

E segurou no dossel da cama.

— Esse não era o plano — Dom grunhiu.

Olhei para ele beijando a pontinha, ri e chupei com vontade fazendo-o gemer.

Isso, você vai gemer muito, seu maldito safado cretino.

— E qual era o plano? — perguntei, ele me olhou.

Antes que eu pudesse formular um palavrão, o corpo dele está em cima do meu e a boca dele na minha.

O plano era ele me enlouquecer, mas está sendo o contrário. Mas nem sob tortura eu falo.

Senti ele puxar o maldito couro que mal cobriu meu seio e soltar com força, ele mordeu meu pescoço ciente de que aquilo deixaria uma marca.

— Vai me fazer vazar — contestei.

— Você tem um bezerro, prontinho pra mamar. — Bati no ombro dele. — Adoro couro.

Ele se afastou e levantou.

Ele foi até um armário e abriu, morde meus lábios nervosa sondando o que ele está fazendo. Ele se virou com uma algema e uma venda de cetim preto.

— Antes que a madame pense, eu não roubei as algemas da polícia. — Gargalhei.

— Não? — Ri da cara de bunda que ele fez. — Vem aqui, amor. — Chamei com o a mão. — Vai me prender? — perguntei manhosa. s

Ele caminhou lentamente em minha direção, com a calça aberta, morde os lábios. Maldito homem gostoso.

— Não. Você vai me prender, docinho.

DOMINIC

— Tem certeza? — perguntou baixinho, passando a venda em meus olhos.

As algemas frias fizeram barulho quando me mexi, respirei fundo, sentindo meu coração disparar pela adrenalina de estar no escuro.

Completamente no escuro.

— Eu vou *te foder* no escuro, benzinho. — Falei fazendo ela rir. Ela desceu a calça e tirou.

Senti o peso dela nos meus quadris, ela teve a maldita capacidade de sentar em cima do meu *pau* fazendo o clitóris inchado roçar na cabeça dele.

As mãos dela exploraram meu corpo.

Engoli em seco, fechei meus olhos com força.

— Sou eu a Boo, Dom.

Senti meus pulsos doerem quando meus braços puxarem a cama com força.

— Sou eu Dom, seu docinho. — Ela beijou meus lábios.

— A... m... mor. — Falei sentindo vontade chorar.

— Sou eu. — Ela beijou meu rosto. Senti algo molhar. — Sou a sua bombom.

Eu soluçei?

— Dom? Pare de se debater — pediu baixinho. Senti sua boca roçar na minha. — Eu te amo. — A testa dela se encostou na minha. — Eu te amo desde a primeira vez. Como a primeira vez, nunca mudou. Nunca. Você não está no escuro, não mais Dom.

Abri meus olhos me dando conta das palavras dela, olhei e vi tudo escuro, sentindo o calor do corpo dela contra o meu. Não havia

escuro, não havia sujeira, cheiro de carne podre, meu corpo não doía, não estou fraco e nem sentindo a vida ir embora.

Vivo, muito vivo.

— Eu amo você — confessei. Senti os lábios dela contra os meus. — Muito.

Senti o pano sair do meu rosto.

— Vamos seguir em frente amor — afirmou, fechando meus olhos, ouvi o barulho das algemas.

Toquei o rosto dela afastando as lágrimas.

— Eu prometi a mim mesmo, que jamais *te* faria chorar de novo — acrescentei pegando o queixo dela. — Eu *te* trouxe aqui para *fodermos* até esquecermos nossos nomes, e depois fazer amor até cansarmos, paramos para beber água e depois começamos tudo de novo, para no fim, confessar que me arrependo de tudo que eu lhe fiz. De alguma forma aprendi que nunca foi o biscoito, sempre fui eu. — Fechei meus olhos. Eu nunca disse palavras tão sinceras em todo o *caraio* da minha mentirosa vida de vigarista.

Ela me ama, mesmo depois de tudo que causei e disse, ela me ama. Continuou me amando.

— Eu fiz uma carta. — Ri. — Escrevi sentado no vazo, com uma maldita caganeira dos infernos, com medo. Medo de que você jamais me perdoasse e me amasse como eu sou. — Ri. — Eu não sou um príncipe que você pediu, a fada madrinha errou o conto, o sapatinho de cristal não serviu, pois seu pé é uma lancha. — Ela riu encostando a cabeça no meu peito. — A abóbora não virou carruagem, virou doce. Ela não *te* deu um príncipe, mas sim um bandido metido a herói. — Ela se afastou com lágrimas nos olhos, sorrindo ela beijou meus lábios. — Eu prometo tentar não errar, eu

sou burro demais para essa tarefa, mas eu prometo *te* amar, respeitar e jamais, jamais *te* magoar novamente.

Ela olhou dentro dos meus olhos.

— Você não disse que me perdoa — falei receoso.

— Eu *te* perdoei quando colocou o bombom na gaveta. — Ela riu. Safada. Ela apertou minha bochecha. — Eu te amo, Dom. Me prometa se manter vivo e nunca esconder nada de mim. Ser sincero, se tiver algo, vamos conversar e juntos e vamos resolver. Por Leon, por mim e por você. — Ela falou. — Agora traga o diabo do sexo de volta. E me *fode* com amor.

— Não seria Deus do sexo? — falei e ela rebolou contra o meu pau.

Ela gemeu mordendo os lábios.

— E fazer desse ego de Narciso ainda maior? — Ela levou a mão atrás do corpo e ouvi o barulho do zíper do vestido. — Não, senhor incrível. Você sabe que é bom. — Ri passando a mão pelo corpo dela, sentada em cima de mim ela tirou o vestido.

— Guarde ele, vamos *foder* em cima do meu carro, e você vai usar essa coisinha desgraçada. — Antes que ela respondesse, ataquei os seios seus seios e ela gemeu e jogou a cabeça para trás.

Meu corpo rolou com o dela, e parei entre as pernas dela. Ela me olhou e revirou os olhos.

— Eu sou incrível amor. O seu senhor incrível.

— Você fala muito. — Ela me puxou com as pernas. Caí em cima do seu corpo delicioso sem deixar meu peso sobre ela.

— Mas *fodo* bem. — Mordi o pescoço dela dando beijos e nos seios dela — posso mamar? — pedi fazendo ela rir.

— Dev... v... — A interrompi e ataquei os seios dela, fazendo-a inclinar o corpo na cama, mordi seus seios e ela cravou as unhas na minha cabeça.

— Cuidado, com essas unhas vai furar meu cérebro — reclamei rindo para provocá-la, passando a língua no bico escuro dos seios dela. Tomando cuidado, afinal é a fonte de alimento do meu filho.

— Que cérebro, amor? — Ela riu, mas gritou quando minha mão estalou na sua coxa. — Maldito.

— Se reclamar eu vou pegar o chicote — provoqueei descendo os beijos pela barriga dela.

— E eu tenho medo por acaso? — Ela riu abrindo as pernas. — Se quiser, fico até de quatro. — A maldita debochou e olhei para ela.

— O que fez com meu docinho? É mulher de bandido mesmo, safada.— Ela olhou para meu *pau* que pulsou.

— Seu docinho saliente quer o Júnior tortinho dentro dela, com força e de preferência rápido. — Piscou.

Gargalhei inclinando meu corpo novamente sobre ela.

— Então pegue a camisinha na primeira gaveta, amor. — Passei meu *pau* na entrada dela devagarinho, ela gemeu fechando os olhos. De joelhos na cama observei ela se inclinar trêmula e suada, após abrir a gaveta avistei um sorriso safado dela.

— Você colocou tudo isso aqui? — Afirmei. — Então, de que sabor?

— Chocolate, docinho. Vamos deixar essa *bocetinha* diabética e açucarada.

— Retardado. — Ela levou o pacotinho a boca e rasgou. — Vem. — Ela pediu subi meu corpo *pra* cima ficando de pernas abertas em cima dela.

— Um beijinho? — Pedi fazendo ela revirar os olhos. Ela beijou a cabeça do meu pau, sorri como uma criança feliz.

— Você não é normal. — Ela deslizou a camisinha pelo meu pau. Gargalhei.

— Ah! É? — Imittei a fala dela me ajeitando entre as suas pernas. — Eu ainda vou *foder* essas tetas.

Ela passou as pernas na minha cintura e puxou meu corpo contra o dela. Ela passou a mão na minha barba rala. As minhas dog's tags balançaram entre nós.

— Vai ser *fodida* oficialmente como mulher de bandido — comentei rindo tirando as dog's do meu pescoço, ela levantou a cabeça do travesseiro coloquei em seu pescoço, deixando entre os seios dela.

Boo me puxou contra ela e a beijei com todo fogo de cachorro sarnento no cio que senti pulsando em meu corpo, meu sangue esquentou. Ela agarrou forte meu corpo e correspondeu imediatamente. Fazendo-me ainda mais desesperado. Desci minha mão entre nós, toquei a pele quente e melada fazendo ela gemer em minha boca.

— Sempre, pronta. — Guiei meu *pau* para dentro dela devagar, sentindo ela ficar tensa. — Relaxe, ou vai doer amor.

Pedi, como deveria ter feito da última vez. Ela concordou e respirou fundo. Balancei devagarinho contra ela.

Eu não consigo parar. Seu nome derrama da minha boca uma e outra vez até que meu corpo se aperta e explodo. Ela geme e

treme, posso sentir sua excitação molhando meus dedos. Quando sento e olho para ela, que está uma bela bagunça, pressiono seu clitóris com o polegar, sinto ela apertar em volta de mim.

Eu me inclino para cima e olho para ela, observando a luz vermelha do quarto em um maldito lindo contraste contra pele negra, ela mexe embaixo de mim. A visão é o suficiente para me enviar ao meu maldito limite, estoco com força fazendo de nós um só.

Suada e descabelada, ela respira com dificuldade de olhos fechados gemendo a cada maldita estocada do maldito animal dentro de mim.

Minha. A palavra brilhou na minha mente me fazendo urrar, as estocadas ficaram mais fortes, a pele quente contra meu *pau*, consegui sentir mesmo com a *porra* do látex o quão quente ela está.

O orgasmo vem se construindo em cada polegada do meu corpo, meu coração corre adrenalina pura, a liberação diferente de qualquer prazer que eu já senti.

É intenso, e posso sentir o calor entre nós, maldito tempo perdido, cada mágoa ou tristeza que um dia existiu entre nós, indo embora, só ficando o amor. Porque há muito mais para ela, há tudo de mim, tudo. Ela geme e treme.

— Dom.

— Goza *pra* mim, docinho. — Ela me apertou e deixou-me quente como um inferno, com os dentes trincados, explodo. Estocando com força contra ela.

Meu corpo treme e eu me libero. Maldito *filha da puta* egoísta que sou, imaginei minha *porra* dentro dela, fazendo outro filho.

Sorri imaginando uma menininha como ela, de mãos dadas com Leon. Ela respira com dificuldade e relaxa suada, tentando respirar.

Eu nem tinha notado, mas minha respiração estava presa, soltei o ar dos meus pulmões, olhei para ela sorrindo e o sorriso foi correspondido, o sorriso Boo, o sorriso perfeito do meu docinho saliente.

Quero desmoronar em cima dela como um monte de esterco, mas não posso então me retirei, percebi que o lençol está todo molhado com a excitação dela, escutei a Boo gemer e ficar molinha igual gelatina.

Me deitei do lado dela, me aninhando seu pescoço suado.

— Isso foi... — Ela tentou falar.

— Literalmente uma surra de *pau*, mas eu ainda vou marcar esse rabo com um chicote. — Ela riu e passou a mão pelas minhas costas suadas. — Que tal uma cavalgada no *garanhão*?

Ela riu, rolei na cama puxando ela em cima de mim, meu *pau* bateu continência como um bom soldado.

— E você aguenta? — perguntou debochada rebolando em meu colo, estiquei minha mão pegando uma camisinha.

Abri o pacote, tirei o maldito látex e deslize sobre meu *pau*.

— Isso responde sua pergunta, docinho? — Apontei, ela riu e o pegou na mão balançando de um lado para o outro.

— Realmente você não é torto — afirmou zombeteira, antes que eu pudesse responder, ela deslizou meu *pau* para dentro da sua intimidade, deslizou feito manteiga, por conta da nossa brincadeira anterior.

Boo parece uma Deusa de Ébano tomando meu *pau* dentro dela, quero ficar aqui e adorá-la como o bom cachorro que venera um suculento frango de padaria.

Apertei seu quadril, mantendo-me firme enquanto ela cavalga.

Olhei para ela e gargalhei.

— Upa... Upa... Cavalinho. — Bati em sua coxa com força, ela tentou rir mais acabou gemendo, deliciosamente.

Ela rebolou gostoso e cravou as unhas em meu peito

— Meu pé de pano. — Ela gemeu, ri.

Ela geme novamente, a puxo para mim, beijando sua boca e todo o meu controle vai *pra puta que pariu*. O corpo dela treme a cada estocada funda e forte, meu *pau* pulsa dentro dela.

Porra, eu vou gozar.

Inclino-me para cima com os pulsos de prazer entre nós e seus lábios macios pressionam os meus, fazendo brilhos apareceram em meus olhos, *porra* e um orgasmo diferente de tudo que eu já senti, sorrio contra a boquinha safada dela, vou conseguir fazer isso para o resto da minha vida, até que meu pau gaste ou precise de Viagra.

— Eu te amo — confidenciou desabando em meu peito. Ela fechou os olhos e respirou fundo.

— Não mais que eu, docinho. Não mais que eu. — Beije seus cabelos.

Melados e suados tive a certeza de que essa mulher nasceu para ser minha, só minha.

Brinquei com os cabelos dela, fazendo-a sorri, ela beijou meu peito e mordeu os lábios.

— Já são três da manhã, Dom — precisamos ir.

— Vai aguentar andar, docinho? — questionei rindo. Minha boca encontrou a dela em um beijo duro que roubou a minha respiração. Afastei-me mordendo o lábio inferior dela. — Vamos para casa, antes que eu não te deixe mais sair daqui.

Depois de transarmos na cadeira de veludo, fomos para o banheiro e tivemos uma deliciosa foda na pia, depois ganhei um boquete no chuveiro, não sem antes chupar um delicioso moranguinho atrevido. Esgotados, pelados e secos, caímos na cama.

— Vamos lá, cachorrão. — Ela riu, antes que ela pegasse o sobretudo, levantei pelado e fui até à porta, abri pegando a sacola que estava pendurada do lado de fora.

— Você pediu roupas? — perguntou incrédula e pegou a sacola da minha mão.

— Essa roupa será lavada e vai ficar aqui, vou *te* foder nessas tiras e nesse sobretudo. *Pau* dentro, *pau* fora, docinho. — Pisquei.

— Cretino. — Ela vestiu a calcinha e depois o vestido preto. — Você sabe o tamanho que eu uso? — Ri.

— Inclusive o número do seu pé de lancha, amor. — Boo me bateu, peguei a camisa e passei pela cabeça. Vesti a calça. Peguei o papel do meu bolso. — Acho que não vamos precisar disso.

Balancei a calça.

— Quero ler. — Riu e pegou da minha mão. Dei de ombros.

— Contanto que você não peça o divórcio depois. — Ri beijando seus lábios.

— Não somos casados ainda. — Gargalhou.

— Ainda. Ainda, amor. Ótima colocação. — Pisquei. — Vamos casar, não vamos? — perguntei inseguro.

— Não sei, talvez sim... — Deu de ombros. E se fez de mesquinha.

Agarrei ela e mordi sua boca.

— Casamos amanhã cedo, a capela do Elvis maconheiro abre às nove. — Ela gargalhou. Destravei a porta, fomos atingidos em cheio com o som alto e gritos. A música alta me deu um baque, fazendo-me estremecer.

— Essa *merda* é realmente a prova de som. — Ri.

— Pelo menos ninguém ouviu o bandido mais temido gritando: "me faça gozar docinho." — A safada zombou imitando minha voz. Olhei para o bar arrumado, realmente nossa bebida ficará outra hora.

— Quem implorou foi você — me defendi.

— Tem certeza? — sondou.

— Amor, amor. Certo, talvez eu tenha implorado no banheiro, mas foi uma vez só. — Admiti abraçando-o.

Descemos as escadas abraçados, com as minhas dog's brilhando no pescoço dela. Caminhamos em direção, mas estaquei no lugar quando vi um homem magro sair do bar e vir em nossa direção.

— Dom? Tudo bem?

Eu pude ler os lábios do maldito corpo raquítico: "boa viagem, docinho."

Os dentes podres se curvaram em um sorriso. Antes que eu pudesse responder, meu corpo criou vida própria, empurrei meu bombom com toda força que pude, o barulho dos disparos

atravessou o som da música e o baque em meu peito fez meus joelhos cederem ao impacto. Consegui ver o fogo saindo da boca do revólver em direção ao meu corpo.

Senti os tiros, como uma maldita peneira tudo pareceu em câmera lenta. Conforme ele disparava o corpo dele foi alvejado, ele caiu no chão e meu corpo fez o mesmo, senti algo quente escorrer pelo meu peito, tossi.

As vozes estavam cada vez mais longes e distantes.

Vi o rosto do meu bombom, banhado em sangue. Não tive forças para perguntar se era dela ou meu.

Ela tocou meu corpo, porém, não sentia nada.

— Você prometeu, Dom. Não quebrar a promessa! Não quebre a maldita promessa Dom. Não faça isso comigo, mantenha os olhos abertos. Dom? Amor?

Acho que eu morri.

Capítulo 51

"Dez Anos."

"Porque quando eu olho para você... eu posso sentir. Eu olho para você e estou em casa!"

Dory

Procurando Nemo



BONNIE

Eu senti eles me puxaram para longe de Dom, não sabia ao certo se dizia algo ou se apenas chorava. Tentei me afastar dos homens, mas foi em vão, eles fizeram uma enorme barreira de corpos à nossa volta.

— Precisa vestir isso, senhora. — Tentei impedir que eles colocassem o

colete em mim.

Mas quando percebi já estava com o colete a provas sendo passado pelo meu corpo, me soltei deles e abaixei-me ao lado de Dom.

— Senhora? Seu braço está sangrando.

— *Porra* o braço dela está jorrando, Dom vai *comer nosso rabo*, senhora? — Alguém falou comigo.

A música já tinha parado, ouvia vozes, gritos e de longe a voz de Annie e Gael, os gritos de Gustave, ele parecia dar ordens.

Toquei o rosto Dom cheio de respingos de sangue, ele está pálido e gelado, muito gelado.

Não. Não faça isso conosco. *Merda*, senti meu futuro indo embora, escorrendo pelas minhas mãos. Qual é o problema desse

maldito destino? Se não é para do ficarmos juntos por que diabos entramos um, no caminho do outro?

— Leon. Por Leon — implorei baixinho.

Fui puxada para longe de Dom novamente, a roda de seguranças em volta de nós, foi furada por paramédicos.

Ouvi a voz de Gustave dando ordens aos homens, mãos fortes a minha volta me mantinham firme. Vi Annie de longe e antes que eu pudesse dizer algo, senti uma enorme fisgada em meu braço e meu peito doeu.

Eu ofeguei e sem querer cravei a unha nos ombros do segurança.

Foi como um maldito déjà vu, voltei ao maldito dia do incêndio.

A sensação de adrenalina desencadeou uma tremedeira descomunal em meu corpo parecia que eu estava sentindo o fogo se alastrando pelo meu braço e me queimando.

Era como se eu estivesse pegando fogo novamente, vi Dom ser levado na maca, pálido. Meu coração voltou a doer com força.

Meu corpo amoleceu com uma maldita sensação de fogo meu ombro voltou a queimar. Senti uma dor que parece sair do meu ombro e queimar meu peito, como se alguém estivesse encostando uma tocha de fogo em meu ombro.

Ouvia os paramédicos falando comigo, mas não sou capaz de responder. Senti outra fisgada em meu ombro e foi como se eu tivesse sido jogada no chão, e a gravidade me puxasse com tamanha força que tive a sensação que meu ombro iria se partir.

DOMINIC

Que frio do *caraio* é esse? Esfreguei meus braços com força.

Andei devagar pelo espaço vazio, branco, parecido com um manicômio.

"*Let it go*, babaca." Procurei a maldita voz debochada.

"Eu morri?" perguntei olhando a minha volta.

"E eu tenho cara de diabo, por acaso? Até parece que o miúdo vai querer a nossa companhia lá embaixo, coisa ruim."

Olhei ao redor tentando achar o dono da voz.

"E para o céu é que nós não vamos."

Que isso?

"Que isso? Eu sou sua consciência, animal. Aquela que você não usa."

Cale a boca, não, certo, eu preciso calar a boca.

Eu *tô* ficando louco, *porra*. Por que diabos eu não estou sentindo nada?

Sentei-me no chão e olhei o ambiente.

"Não, você não está, você já é louco e está morrendo."

A maldita voz igual a minha falou debochada.

Mas que *caraio* de frio é esse?

"Você morrendo, simples. É o frio da morte. É assim que funciona, primeiro vem o frio e depois o calor, e depois você morre. Vai deixar nosso docinho sozinho, seu incompetente."

Meu Bombom.

Meu Leon.

Minha família.

"Nossa família, babaca."

Quer dizer que eu estou dentro a minha própria cabeça?

"E onde mais estaríamos? Que tal se fossemos dar um passeio?"

De repente tudo girou, e agora estou ao lado do meu bombom, porém, não estou é como se eu estivesse ali, mesmo não estando.

Minha consciência me levou de volta ao nada. Tentei respirar, meu peito coçou.

Será que eu peguei sarna? *Porra*, eu vou passar sarna para Glórinha, *caraio*?

"Estão tirando a bala do seu peito, não é sarna, idiota. Vamos lá temos mais coisas para ver, bundão."

Que *porra* está acontecendo?

Por que eu estou ficando gelado? Por que diabos estou levando choques, *caraio*?

Por que eu estou desaparecendo?

"Não faça isso, aguenta firme, seu *merda*."

O que diabos está acontecendo?

"Parada cardíaca, parada cardíaca, respire, respire. Se você morrer eu morro também, idiota. Mantenha-se firme."

De repente muito ar saiu dos meus pulmões e meu corpo pareceu ir para frente, caí de joelhos no nada.

Respirando com dificuldades tentando fazer o ar entrar novamente em meus pulmões.

"Voltamos, voltamos."

Apoiei-me nos joelhos e me levantei.

Que *caraio* doido foi esse?

Meu peito doeu e como um loop infinito minha cabeça rodou.

Minha cabeça rodou e senti um tranco enorme no meu peito, meu joelho deu uma fsgada.

"Estão te costurando". Estamos pálidos e gélidos como sempre fomos, mas *porra* que couro duro do *caraio* é esse? Estão costurando jegue é?"

Vamos lá consciência, me leve para mais um passeio aos devaneios de nossas doces memórias. E me tire dessa maldita sensação de ser uma carne no açougue.

"Estamos morrendo."

Eu senti a gravidade ir embora e uma pressão enorme ser feita em meu peito como se estivesse embaixo de um elefante.

Porra, não planejei morrer assim, velho e de *pau* mole assim, não sem ouvir meu filho me chamar de papai e dar a ele uma irmãzinha.

Meu corpo começou a queimar.

Primeiro o frio, depois o calor.

Porra, acho que eu estou morrendo.

"Você acha? Eu tenho certeza, estamos morrendo idiota."

Eu não morri, certo? Não, eu não morri.

Que *porra* é essa?

"Estou de volta na maldita sela, mas ela está vazia, levei a mão a minha costela e não havia nenhum sinal de bala.

A sela está vazia e a grade aberta. Não havia sujeira.

Andei pela cela e de repente ouvi um barulho. Encostei-me na parede.

Quando fechei meus olhos e abri, continuei no vazio da cela.

"É passado, idiota. Precisamos deixar o passado no passado. Não vamos esquecê-lo, mas vamos viver com ele no fundo de uma caixinha de fósforo."

De repente eu vi um menininho loiro corredor em um campo verde? De repente Boo apareceu vestida com um vestido branco, grávida?

“ É nosso maior desejo, o desejo do nosso coração.”

O ar me faltou, tentei esticar a mão em direção ao meu filho, mas ele riu e correu para longe. Meus joelhos cederam contra o chão e tudo ficou vazio novamente.

Eu fiquei no vazio e sozinho.

BONNIE

Abri meus olhos sentindo minha boca seca. Senti uma fisgada em meu ombro. Olhei para o meu braço esquerdo e vi ele enfaixado.

Senti uma fisgada forte e sem querer soltei um gemido.

— Filha? — Olhei em direção a voz, meu pai está sentado em uma poltrona lendo um livro. Quando ele percebeu que tentei levantar, ele veio em minha direção.

— Leon? Dom? falei baixinho me dando conta de onde estou e o porquê meu ombro ardeu ao olhar novamente o braço imobilizado.

Mordi meus lábios tentando controlar o choro.

— Querida? — Meu pai me abraçou e soluzei baixinho.

— Eu preciso vê-lo.

— Você precisa descansar, amor. O tiro foi de raspão, mas fundo o suficiente para que você perdesse uma quantidade considerável de sangue e precisasse de pontos, por favor, amor — pediu disse tocando meu rosto.

— Por favor, pai. Eu preciso vê-lo.

— Querida...

— Por favor.

Antes que ele respondesse meio tonta e com uma dor do inferno em meu braço, me levantei jogando minhas pernas para fora da cama.

— Deixe-me prender a camisola, filha. — Meu pai prendeu a camisola do hospital, rapidamente me pegou em seus braços e me carregou no colo. — Vai de cadeira mocinha.

Ele me colocou sentada na cadeira se rodas que está no quarto. Trêmula me ajeitei.

— Preciso ver o Dom e o Leon. — Respirei fundo.

— Leon e abuela Carmen estão em segurança querida, ela foi embora há algumas horas, Leon está com Cierra. Ela precisava descansar.

Olhei pela janela e sol já estava se pondo.

— Você dormiu mais de dez horas querida. — Ofeguei.

UTI?

— Ele não está nada bem, querida, teve duas paradas cardíacas. Dom levou quatro tiros, filha. — Eu me aproximei do vidro e um soluço escapou dos meus lábios. — Um atingiu a panturrilha, outro o peito, mas por algum milagre não atingiu nenhum órgão, o pulmão dele estava na linha de fogo e não foi atingido. *Filho da puta* sortudo.

Encostei minha cabeça no vidro.

— E....e os out...tros?

— Raspão, no braço e na costela.

Toquei o vidro e senti meu coração se quebrar um mais pouquinho. O sorriso faceiro e sem vergonha dele brilhou na minha mente. Sorri, sentindo as lágrimas escorrem pelo meu rosto.

— Ele vai ficar bem — afirmei para mim mesma.

Ele precisa ficar bem. Amar Dom nunca foi fácil, mas jamais imaginei perdê-lo assim.

Eu acreditava fielmente que jamais ficaríamos juntos. Que nosso orgulho e que as sabotagens dele jamais permitiria que ficássemos juntos. Entretanto, ouvi-lo me perdi perdão, mostrar seus medos e inseguranças. Percebi que Dom jamais seria um príncipe.

Ri entre lágrimas. Talvez o cavalo da princesa, porém, o meu cavalo. Ele é um homem incrível, o pai que jamais imaginei que seria para Leon. A lealdade dele com seus amigos, com seus pais me fez ver que Dom é mais que um trambiqueiro trapaceiro cheio de truques na manga.

Ele é o Dominic, que ninguém conhece, mas que existe. Um homem irritante e cheio de vida, com suas frases descabidas, seu jeito faceiro e malandro que dá jeito para qualquer situação e que ajuda sem nem pensar duas vezes. Inteligente, no entanto, burro feito uma porta.

Suspirei. Amar esse homem se tornou a tarefa mais difícil de toda minha vida. Amá-lo do jeito que ele é.

Vê-lo sempre voltar com uma resposta da terapia, estar disposto a mudar, não por mim, ou por Leon, mas por ele mesmo, para que ele pudesse ser um homem melhor, pai melhor. Me fez entender que se ele errou foi tentando acertar.

Quando ele acreditou em Taylor, meu mundo desmorou, ruiu aos meus pés, a forma como ele me deu as costas, me fez crente que eu nunca seria capaz de perdoá-lo. Entretanto, jamais seria capaz de não perdoá-lo. A forma boba e amorosa demonstra seu amor.

Boba demais, eu exigi palavras de um homem de ações. O diabinho rosa me veio à mente, alegre e serelepe, girando seu rabinho cor-de-rosa. O sorriso fácil e malicioso. Eu pedi a ele palavras, enquanto ele demonstrava em ações seu arrependimento.

Quão burra eu ainda poderia ser?

Ligado a vários fios, Dom estava pálido e com os lábios roxos. Uma faixa cobre seu peito nu.

Ele está coberto por um lençol branco até a cintura.

— Querida? — A voz do meu pai me chamou, olhei em sua direção. — Ele vai sair dessa querida, Dominic é insistente demais para desistir de vocês assim.

No mesmo dia estou em casa, com Leon em meu braço bom, chorando feito uma menininha.

— Querida — abuela me chamou e abraçou meus ombros, Leon dormia agora tranquilo, quando cheguei, pude ouvir seus gritos de longe, desesperado. A primeira coisa que ele procurou quando cheguei, foi meu seio, ávido ele mamou até suar e dormir de exaustão.

Toquei seu rostinho.

A cópia fiel do pai, o pequeno encenqueiro cheio de vida e raiva nos pulmões, suspirou e ressonou tranquilo em meu braço.

Depois de chegar em casa, a primeira coisa que procurei foi a carta de Dom.

— Quer que eu fique enquanto lê? — concordei, sorri.

A letra de Dominic ao contrário do que pensei é redondinha e legível, simetricamente perfeita. Ri e balancei a cabeça achando que ele teria um *garrancho* como letra.

"Olá docinho.

Eu deveria começar do começo, mas eu não sei fazer isso. Fato é que realmente precisei usar o banheiro para escrever, porra, escrevo por cima, sai por baixo.

Me desculpe.

Eu fiz uma lista do que deveria escrever, no entanto, acabou que eu esqueci onde guardei a lista.

Mas o principal é pedir perdão. Perdão por tudo que eu fiz e deixei de fazer. Sim, eu deixei de fazer muita coisa. Ser o pai que Leon precisa, deixei de ser o homem que você precisava há muito tempo.

Embora o meu terapeuta que precisa de terapia, me disse para escrever uma carta para mim e outra para você. A que eu fiz para mim, espero ler com você pelado em alguma praia deserta paradisíaca depois de termos feito mais filhos no mar.

Eu devia ter confiado em você, e deveria ter confiado em mim, nem que eu passe a minha vida inteira pedindo perdão, talvez não seja o suficiente para que você me perdoe. Talvez um dia eu consiga seu perdão sem sentir vontade de cagar.

Segundo a formiga terapeuta, quando eu realmente conseguir falar a palavra perdão sem sentir vontade de ir ao banheiro, terei me libertado do passado, e deixado minha sujeira para trás. Mas por enquanto, eu peço perdão, com uma mão no coração e outra no papel higiênico.

Por Deus, não pense que não é de coração, é tanta emoção que até ir ao banheiro eu preciso. Eu te amo, nunca disse isso, não é?

*Faltaram palavras, não é? Faltou tudo, inclusive palavras.
Faltou compreensão, verdade e acima de tudo palavras.*

*E acima de tudo faltaram palavras. E mesmo eu errando,
você sempre foi perfeita, como uma linda brisa de verão.*

Dez coisas que eu amo em você:

*1. Eu amo o seu sorriso, mas não qualquer sorriso, o sorriso
de quando eu faço algo errado, mas você fica feliz mesmo assim. O
sorriso de ladinho sabe? Esse sorriso que você está fazendo agora.*

*2. A segunda coisa é que você não é sênica. Você pensa em
todo mundo, antes de você. Você divide com todo mundo. Mesmo
que pra você não sobre nada.*

*3. A terceira não seria nada menos que seus olhos de menina
má, esses olhos aí, que você faz quando pensa em mim. Brilhosos e
salientes.*

*4. A quarta coisa que eu amo em você é seu maldito sorriso
sexy, esse sorriso aí.*

*5. A quinta é essa linda pintinha na sua boca saliente de
docinho sem vergonha.*

*Eu tive que arrumar a lista porque eu me perdi, eu sei. Mas
eu lembrei de tudo, não é? Isso! Eu lembrei de tudo. Além de ter um
pau espetacular eu lembrei de tudo.*

*6. A sexta é seu pé de lancha, se seu pé não caber no
sapatinho de cristal, eu mando fazer uma bota de cristal, para
sustentar o peso que é ser essa mulher gostosa.*

Filosofoei não é?

*7. A sétima é o fato de ser tão boa e doce enquanto eu sou
apenas doce. Um torrão-de-açúcar.*

8. A oitava é sua bunda, me perco nela, como um náufrago à deriva se naufragamos eu e a sua bunda juntos, serei um náufrago feliz.

9. A nona era pra ser sua beleza, mas acabou sendo sua orelha, quentinha e bonitinha.

10. décima ?

Eu não descobri, porque você ainda não aceitou casar comigo, só vou descobrir se a coisa que mais amo em você é o meu sobrenome quando você for oficialmente a senhora Maldonado.

Eu não vou mentir, fui olhar uma lista no Google, mas decidi ser sincero e autêntico. Autenticidade garante o selo de qualidade na hora da trepada, não é docinho?

Poderia te convidar para irmos ao mato, mas provavelmente pegaria algum bicho na bunda, ou sairíamos sem gozar porque provavelmente confundiríamos urtiga com alguma folha.

Então eu te convido para trepar no conforto. Aceita?

Provavelmente você já aceitou, e estamos nus e suados trepando de forma saliente em algum canto. Então quando você puder voltar a ler.

Saiba que eu amo você, e que o lado direito da cama é meu, porém, deixo você escolher qual será seu sofá preferido.

Acredita em mim, docinho? Eu não tenho mais nada para dar ou dizer. Tudo o que poderia dizer, é eu tentei.

E meu amor? Se depois de tudo que eu disse, e você não me quiser mais, antes de ir, me faça um copo de amido de milho com limão, para quando eu for correr atrás de você e implorar uma segunda chance, não precise parar no meio do caminho.

Eu te amo, docinho.

De Dom gostosão para meu bombom de licor saliente. "

Entre lágrimas terminei de ler rindo, abuela está com os olhos cheios de lágrimas e sorrindo.

Meu coração se apertou. Seja qual for o pedido que Dom fez a vela do bolo, está na hora dele ser realizado.

DOMINIC

Minha cabeça doeu, minha boca está seca e minha garganta dói. Abri meus olhos devagar.

A luz branca atingiu meus olhos e quando fechei eles com força meu peito fisgou me fazendo ofegar.

— Amor? — A voz doce me chamou, abri meus olhos novamente e dei de cara com meu docinho com os olhos cheios de lágrimas.

Ela está usando um enorme moletom três vezes maior que ela, com os cabelos presos e bagunçados. Não sou capaz de me mexer, meu corpo dói de uma forma desgraça e mal consigo respirar. O aparelho em meu nariz me faz ter mais ar, aliviando um pouco a enorme dor que eu senti em meus pulmões.

— Olá, docinho — falei tão baixo que eu mal ouvi minha voz.

Antes que eu pudesse dizer algo, ela já está para fora do quarto, fechei meus olhos sentindo-me incapaz de mexer um único dedo.

Incapaz de me mexer fiquei ali, em menos de um minuto, pareceu uma eternidade, ela está de volta e não voltou sozinha.

Um senhor baixinho passou pela porta, acompanhado de Gustave e Salete.

Salete parece aliviado em me ver vivo? Não vou morrer cedo, ceifador. Seu genro está de volta.

— Olá meu filho, Sou Harry Addamo. Como está se sentindo meu filho?

— Vivo — respondi apenas, Boo está ao meu lado segurando a minha mão, percebo que ela está tremendo e suando.

— Consegue se mexer? — afirmei.

— Dor, muita dor — foi o que consegui falar.

— Onde meu filho? — Respirei com dificuldade, parecia que o ar que saía do aparelho não era suficiente.

— Peito. C...costas. J...jo...oelho. — Tossi.

— Devagar amor. — Meu docinho tocou meu rosto. Fechei meus olhos.

O doutor se aproximou e começou uma série de testes em mim, veio com uma enxurrada de perguntas.

— Consegue respirar, meu filho? — assenti.

— Dificuldade. — Tossi de novo.

Mas que *porra*, não sou capaz nem de ter uma trepada sacana com meu docinho?

— Certo. — Ele passou uma série de novos medicamentos e prescrições para os próximos dias, não fui capaz de ouvir nenhuma, pois só conseguia olhar para a mão de Boo acariciando a minha.

— Entendido? — concordei sem saber bosta nenhuma do que ele falou.

— Certo, vamos cuidar desse bebê doutor — Gustave falou.

— Vocês têm cinco minutos, o menino Maldonado precisa descansar.

O doutor saiu, no exato momento em que Gustave sentou em minha cama.

— Senti sua falta meu amigo — ele falou e abaixou a cabeça triste. Meu bombom suspirou ao meu lado.

— Como a fênix docinho. — Precisei parar para respirar. — Seu Clayde está de volta, bombom. — Fechei meus olhos ao sentir os lábios quentes em minha testa, desejando que esses dois estivessem fora e ela me jogasse na parede e me usasse como um rolo de pintura.

— É bom tê-lo de volta, Dominic — Salete latiu felicitações. Sorri pra ele, *porra*. Eu morro de medo desse homem, mas eu amo ele.

— Eu também senti minha falta, sogrão. — Tentei piscar, mas meu peito doeu.

Por um maldito piscar meu peito doeu.

— Agora me digam por quanto tempo eu dormi? — perguntei respirando com dificuldade, falando compassado e devagar, o mais devagar que pude.

— Você dormiu por dez anos, Dominic, por dez anos! — Gustave falou, senti o sangue gelar e comecei a tossir.

— Mas que *caralho*? Quer matá-lo? — Meu sogro falou. Meu bombom que ainda não tinha falado nada para Gustave pegou e atirou nele um copinho vazio. Ele pegou e gargalhou.

— Vocês só podem ter algum problema. — Meu bombom colocou um canudinho na minha boca. Chupei a água. — Devagar, cuidado se afogar.

— Você dormiu por seis dias e... — ele olhou no relógio — e meio, bundão. — Gustave bateu no pé, gemi de dor. — Foi mal. *Porra* é o joelho fodido. Perdão, amigo.

— *Filho da puta*, cretino — consegui falar pausadamente.

— Vamos logo, Dom precisa descansar.

Salete puxou Gustave. Parece que meu amigo tem um novo amigo.

— Calma aí tigrão. — Gustave se aproximou de mim.

— Você me assustou *filho da puta* — murmurei tentando respirar. Ele riu.

— Essa era a intenção. — Ele pegou minha mão e apertou.

— É bom tê-lo de volta meu amigo, não faça mais isso, sócio.

Olhei dentro dos olhos azuis dele, e tive a certeza de que jamais irei encontrar amigos leais iguais a eles.

— Já estou pronto pra... — brinquei, meu bombom me olhou e crispou os olhos. — Pronto para casar. Em Vegas, amanhã na capela do Elvis maconheiro.

— Conte comigo, preciso usar a fantasia de Elvis — falou.

Salete saiu na frente, duro feito pedra. Eu vou derreter esse homem.

Gustave fechou a porta e antes que eu pudesse falar algo eu senti os lábios quentes contra os meus. Eu fui ao inferno e voltei, meu corpo protestou quando ergui a mão. Quando Boo se afastou ela fez uma careta de dor e me deu um selinho.

— Nunca, nunca mais faça isso, seu trambiqueiro sem vergonha. — Ela tocou meu rosto. Ela fez outra careta e olhei para seu braço.

— Você se machucou — afirmei. — Deixe-me ver.

— Foi de raspão, não se preocupe amor. — Gosto disso, amor. Amor...

Hm. Foco

— Tire a blusa, Bonnie — mandei. Ela bufou e se afastou.

Ela tirou o moletom com dificuldade e o braço tem um enorme curativo.

— Esse braço não deveria estar em uma tipoia? —
questionei. Notando que a regata era fina e *porra* muito colada nos peitos dela.

Isso não é hora, *porra*.

— Estava me atrapalhando, eu estou bem — Boo tentou me tranquilizar.

— Então que tal você vir deitar aqui comigo e me contar como Leon está. — Ofereci um espaço na enorme cama. Mas como estou no meio, talvez seja impossível ela deitar ao meu lado.

— Ele está sentido sua falta, se quiser, pode vê-lo por videochamada mais tarde — comentou sorrindo como uma Deusa. — Assim como eu estava. — Piscou. Ela tocou meu rosto. Aquilo me pegou desprevenido. — Perdi tempo demais, para não dizer, eu te amo, trambiqueiro sem vergonha.

Ela se sentou na cadeira ao lado da cama e colocou a cabeça perto do meu ombro. Uma enfermeira entrou, depois de dar duas batidinhas na porta.

— Vamos descansar, senhor? — Ela mostrou os medicamentos. — Isso vai auxiliar na sua dor, mas vai lhe causar sono. Precisa descansar.

— Vai estar aqui quando eu acordar? — perguntei ao meu docinho.

— Não vou a lugar nenhum. Prometo. — Ela beijou meus lábios, senti meu braço gelar e fechei meus olhos.

Eu prometi a Salete que jamais sujaria minhas mãos de sangue novamente, entretanto, vou precisar quebrar a maldita

promessa. Pela primeira vez na minha vida.

— Eu sei o que está pensado — Boo falou baixinho em meu ouvido.

— Sabe? — perguntei.

— Sei. Uma veia saltou em sua testa e você respirou pesado e suas bochechas ficaram vermelhas. — Ela tocou meu rosto, mantive meus olhos fechados. — Ele está morto, Dom. O homem que tentou nos matar está morto.

Antes que eu pudesse responder, o sono me levou.

Capítulo 52

"Se o sonho te contenta e pode se realizar"

"Um sonho é um desejo d'alma

N'alma adormecer

Em sonhos a vida é calma

É só desejar para ter

Tem fé no teu sonho e um dia

Teu lindo dia há de chegar

Que importa o mal que te atormenta

Se o sonho te contenta

E pode se realizar"

Cinderela

Um Sonho É Um Desejo

Disney



DOMINIC

Três malditos dias. Três!

— Se for para rir, que o diabo que lhe trouxe te carregue de volta. — Apontei para Salete. Ele balançou a cabeça.

Os últimos três dias, foram um inferno. Eu mal conseguia levantar, meu peito dói, a minha coxa parece que vai ser rasgada. Urinar no maldito pato não está sendo fácil. Não direi humilhante já que ainda posso mijar sem o precisar colocar uma bolsinha.

— Preciso de alguém que limpe minha bunda quando ficar velho e estiver usando fraldas. — Salete deu de ombros terminando de me ajudar a mijar.

— Eu vou te colocar no asilo, velho asqueroso. — Mostrei o dedo do meio para ele.

Quem diria que um dia meu sogro que já me deu um *pau*, estaria ajudando seu genro a mijar em um pato.

— Vai limpar minha bunda Dominic. Aceite seu fim. — Ele se afastou indo em direção ao banheiro se livrar do pato.

Ele voltou secando a mão na roupa.

Meus últimos três dias foram movidos a ficar deitado ou sentando. Eu levei quatorze pontos no peito e mais doze na perna. Já que quase virei uma peneira humana.

Antes que eu pudesse reclamar ouvi uma batida na porta.

— Digam me que foi aqui que pediram uma enfermeira sexy? — Abuelita colocou a mão na cintura e deu uma voltinha.

A decepção de não ser meu bombom me fez respirar fundo. Eu quero ir embora, *porra*.

— Como está se sentindo? — Ela se aproximou da cama.

— Inútil — resmunguei colocando o braço sobre meus olhos. — Leon e Boo? — perguntei. Eu ouvi o barulhinho e tirei a mão do rosto. — Filho? Amor?

Boo está na porta empurrando o carrinho de Leon. Ela sorriu e entrou.

— Como você... ? — Tentei me levar, mas a fisgada em meu peito foi enorme. Salete me ajudou a sentar e Boo se aproximou rápido com olhar preocupado e pegou Leon do carrinho.

— Oi amor. Pare de fazer força seu teimoso — falou baixinho.

— Eu dei meu jeito — Salete falou se referindo ao fato que a entrada de Leon é proibida. — Pare de fazer força.

— Você subornou o hospital? — sondei animado sondando meu filho que dormia.

— Fiz uma gratificação por terem salvo a vida do meu genro, e pedi um pequeno favor. — Deu de ombros.

— Quanto? — especulei rindo. Com uma certa dificuldade eu empurrei meu corpo para o lado. Dando um espaço para Leon.

— Alguns cifrões. — Piscou. Boo colocou Leon apoiado em meu braço.

— Que tal um cafezinho, Carmen? — Ponto para o Salete.

— Vamos lá, querido. Querem algo?

— Eu lhe imploro abuelita, café e uma rosquinha — pidão, implorei, ela riu. — Eu prometo que arrumo mais uma fantasia daquela — acrescentei e Boo riu. Os olhos de abuelita brilharam.

— Rosa-fúcsia? — abuela pediu e Boo beijou meu rosto.

— Eu quero ir pra casa. Para nossa casa — pedi desesperado.

— Como você está se sentindo? — Ela tirou o cabelo do meu rosto. E beijou meus lábios.

— Ótimo. E você? — menti.

— Mentiroso. Eu estou bem. — Olhei desconfiado — juro. — Ela riu.

Leon se mexeu em meus braços. Olhei para ele e sorri babão. *Porra*, nunca vi um bebê tão lindo quanto ele. Gordinho e com os cabelos loirinhos quase brancos.

Boo sentou ao meu lado na cama. Beijei seus lábios.

— Eu amo vocês — confessei baixinho. — Até a meia-noite.

— Meia-noite? — Boo perguntou tocando meus cabelos com as pontas dos dedos.

— Porque a meia-noite seu garanhão volta a ser burro. —
Pisquei.

— Eu nunca pedi um garanhão. — Beijou meus lábios. — Eu
pedi você.

Eu ri.

— Nunca desejou um príncipe? — perguntei.

— Você nunca foi um príncipe. — Ela beijou meus lábios. —
É o cavalo do príncipe, mas eu te amo mesmo assim.

Dois dias depois estou em uma muleta caindo fora do
hospital.

— Você precisa de uma cadeira de rodas — Boo falou ao
meu lado com medo que eu caísse.

— Eu preciso da minha casa, da minha cama, da minha
mulher pelada na minha cama — comentei fazendo-a rir.

— Até parece. Que você vai aguentar mexer o dedo
mindinho. — Ela me ajudou a entrar no carro.

— Quer realmente testar para ver? — Ela colocou as muletas
no banco de trás.

— Toda vez que você coloca o Júnior para fora acontece
alguma *merda*. — Ela riu assumindo o volante.

Encostei minha cabeça do estofado.

— Você não está bem, não é? — neguei. — Você virou uma
peneira viva, esperava o quê?

— Agradeço a delicadeza, amor. — Com os olhos fechados
eu senti o carro funcionar.

Quando eu me dei conta estava na frente dos anjos do
inferno. Havia uma enorme faixa, escrito: bem-vindo de volta, Dom.

Todos estão em frente ao clube, quando Boo me ajudou a sair do carro eles começaram a gritar e assoviar.

Senti meus olhos se encherem de água.

— Bem-vindo de volta, amor. — Boo beijou meus lábios.

Olhei para fachada dos anjos do inferno.

— Estou de volta, baby.

E voltei pra ficar.

BONNIE

Sorri ao ver Dom rir e ser abraçado pelos meninos do clube. Encostei-me no carro enquanto Dom é levado para dentro pelos meninos.

Annie falou algo a Dom e abraçou ele. Lincoln está com Leon no colo, que olhava atentamente para a bagunça.

Abuelita encostou ao meu lado e me abraçou.

— Seu final feliz é aqui querida. — Piscou.

— Felizes para sempre é muito tempo, não é abuela? —
Beije a mão dela.

— Com Dominic? — Ela riu. — Até o final do dia você vai perceber o porquê com Dominic não há final feliz. — Ri.

— Ele vai fazer alguma *merda* — afirmei.

— Vai não! Está fazendo. — Apontou.

— DOM? — Gritei com ele. — Desce daí seu trambiqueiro.

Dom se pendurou na pilastra que sustenta a varanda do clube. Ele se soltou e gargalhou e deu um grito de dor quando os amigos o pegaram no colo. Ele gemeu de dor e me mandou um beijo no ar. Balancei a cabeça.

— Ele não vai mudar não é? — perguntei a ela.

— Ele mudou, mas não cresceu. Ele é um menino. Nosso menino. — Mordi os lábios.

Antes que eu pudesse falar algo os caras deram a Dom um bastão. Gustave e Gael seguraram Dom pelos braços e ele simplesmente disparou fogos de artifícios em direção ao céu. E deu um grito.

— DISCURSO, DISCURSO. — Ri terminando de tomar o suco.

Sentado ao meu lado Dom suspirou e riu, já fazia algumas horas que estamos sentados no bar, mordi os lábios preocupada, Sol me avisou que viria, mas já está escuro, ela e Rosita não apareceram.

A cara do Vallen e do Cobra estão no telão lá do fundo.

Levantei-me e ajudei Dom a ficar de pé.

— ENTÃO CALEM A BOCA *PORRA*. — Gargalhei ao ver todos ficarem em silêncio. — Uma vez uma pessoa me disse que: "Perdoar é um ato de coragem. Lutar pela pessoa e demonstrar seu arrependimento é um ato de amor."

Meu coração disparou.

— Talvez eu não estivesse aqui hoje, e vocês estariam sem a alma do negócio — falou convencido e se virou para mim. — Chorando sob meu chão, eu em um terno preto e sexy e vocês iam se despedir do único homem capaz de ser de todos em um só. — Gargalhou.

— Idiota — falei mordendo meus lábios.

— Essa mulher aqui, realizou meu maior sonho, ser pai, ter uma cachorra e ainda de quebra deu ao seu pai o melhor genro que ele podia querer. — Ele mandou um beijo para meu pai, que

revirou os olhos. — Ser amado não foi fácil, eu errei, não dei ouvidos a minha família e não dei ouvidos a única mulher que me amou de graça, o amor é isso, não é querida? Tarde, mas a tempo aprendi que o amor, não dói, não machuca, não traí e não faz sofrer. O amor, edifica, acalenta, conserta o quebrado e acima de tudo ama o que é impossível de ser amado. Entendi que o passado é passado e a única que mantém nele é a história. Eu jamais serei capaz de voltar e mudar, mas eu posso construir um futuro ao lado dela. — Apontou para mim. — Ao lado daquele pequeno homem. — Apontou para Leon que dormia tranquilo no colo de Dona Susane — que um dia vai assumir tudo, mas se ele não quiser, tudo bem também, Leon poderá ser o que ele quiser.

Mordi meus lábios tentando não chorar.

— Meu futuro é aqui com todos vocês, sendo o chefe, amigo, babá dos marmanjos que não fazem nada certo, acertando e errando. Hoje eu agradeço a Deus por colocar os Mitchell no meu caminho, a dona Suse por ter me aceitado como agregado, ao Gustave e Gael por serem os irmãos que eu nunca tive, ei loirona? Você é uma megera, mas ama meu amigo, então obrigado por me aceitar também.

Mordi meus lábios, me levantei sem Dom perceber. Engoli em seco e peguei a caixinha de veludo da mão de Abuela.

— Ei trambiqueiro? — chamei, fazendo todos rirem.

Quando Dom se virou e me ajoelhei. Ri quando ele deu um passo para trás e foi segurado por Gustave.

— Eu sempre quis saber qual é a sensação de receber um pedido de casamento. Mas de você? — ri entre lágrimas. — Provavelmente já estaríamos na capela do Elvis maconheiro sem

direito a vestido ou a um terno. Nós não precisamos casar hoje ou amanhã, podemos casar daqui a um ou dois anos, mas o tempo não espera. O nosso tempo é agora, você deveria estar em casa deitado, no entanto, estamos aqui. Porque o tempo não para, agradecer a família e aos amigos que também viraram nossa família é agora, não é depois. Então? Aceita dividir sua casa com uma cozinheira, um bebê encrenqueiro feito o pai e uma Glórinha que já foi vítima de sequestro pelo próprio pai? Aceita dividir o espaço do seu shampoo com alguns potes de creme, uns vidros de óleo de coco, uma touquinha de banho e cera de depilar? — perguntei abrindo a caixinha, havia duas alianças prateadas. — Aceita casar comigo bandidão?

— *Caralho*, Dom? Esse *porra* desmaiou, alguém gravou?

GAEL? PEGA MEU CELULAR?

Olhei para abuelita. E ela riu e mexeu os lábios.

"Eu avisei."

Levantei-me e me aproximei dele, Gustave olhou ele no chão e gargalhou.

— Podemos jogar água na cara dele? — Ele riu.

— Não, não podemos.

Com os olhos fechados, sentindo o cheiro amadeirado de colônia de banho, ri quando senti cócegas no meu pescoço.

Senti uma mãozinha quentinha no meu rosto.

— Acorde a mamãe, filho — a voz rouca de Dom falou baixo.

— Ei, mamãe?

Abri meus olhos e dei de cara com dois pares de olhos verdes, Leon está molinho no colo do pai.

— Você não deveria estar fazendo força seu teimoso. —
Sentei-me na cama, a noite foi um pouco cansativa, Leon teve cólicas e mal dormi, Dom também, mas o proibi de levantar. Nossa primeira semana morando juntos, está sendo adaptável, ri mordendo os lábios ao olhar para o rosto de Dom, fofo, mas sexy e muito másculo.

Desde seu desmaio no bar Dom está sendo zoadado pelos amigos.

Principalmente Gustave, Gael e Annie seguiram viagem para o País de Gales, enquanto Susane, senhor Mitchell e as crianças voltaram para Nova York, Gustave decidiu voltar para Londres. — Olá encrinqueirinho. — Tirei meu seio da camisola com cuidado. Esfomeado ele procurou meu seio e começou a mamar com força.

Dom se sentou com cuidado ao meu lado na cama, sem camisa só de cueca ele olhou para seu peito.

— Não aguento mais — reclamou desolado. — Preciso ir para "*numbria*".

Ri baixinho.

— E o que seria "*numbria*", amor? — Ri ele pegou minha mão livre e beijou os meus dedos.

— O paraíso envolvente que habita o meio das suas pernas de seda turca. — Segurei a gargalhada para não acordar Leon, que já estava ressonando tranquilo novamente.

— Seda turca?

— Eu estou desesperado, mulher. — Leon soltou meu peito. Coloquei-o em pé e fiz ele arrotar.

— Que horas são, amor? — Ele inclinou o corpo um pouco e pegou o celular na cabeceira da cama.

— Quase seis da manhã. — Levantei-me com cuidado e fui lentamente ao quarto de Leon ainda sem saber lidar com o luxo e exagero do quarto, havia todos os tipos de brinquedos organizados no quarto. Para todas as idades. Fui até o berço e me inclinei colocando Leon no berço.

Deixando a porta entreaberta, verifiquei a babá eletrônica e voltei ao nosso quarto.

Nosso quarto. Mordi meus lábios, Dom está deitado de barriga para cima, os pontos já estão secos, e quase cicatrizados, Dom parece um touro de tão forte, mesmo reclamando das dores, ele diz que elas já estão fracas.

Minha mudança pra cá não foi gradual, no dia seguinte ao pedido Dom já tinha um caminhão de mudança em frente à casa da abuela. Abuela toda feliz comemorou.

Mesmo morando com Dom passamos a maior parte do tempo com abuela e no clube. Voltei a estudar gastronomia, mesmo não querendo abrir a confeitaria novamente, decidi escrever minhas melhores receitas com abuela, e quem sabe quando seu canal alavancar, podemos lançá-lo? Quem sabe?

Mordi os lábios, assim que estivesse tudo montado, abuela não sabe, mas ela já tem quarenta inscritos em seu canal, toda família em peso está esperando a sua estreia como a rainha do chocolate. Subi na cama devagar e antes que ele tirasse o braço dos olhos mordisquei seu pescoço ele afastou o braço colocando em meu ombro, fazendo-me deitar em seu peito, olhei em seus olhos verdes.

— Estou louco para essa *porra* de pontos sair logo, docinho. Eu enlouquecer. — Sorriu, malicioso.

— Sabe que você não vai poder fazer nenhuma artimanha mirabolante, não é amor. — Beijei seu queixo e desci até a tatuagem desenhada em seu pescoço, mordi a pele gelada, ele arfou e suspirou.

— Se isso for um sonho, não me acorde, docinho.

— Se o sonho te contenta e pode se realizar — cantei baixinho beijando seu peito.

Ele sorriu.

— O sapatinho de cristal serviu, Cinderela? — perguntou rindo.

— Na verdade, o quebrei na cabeça do cavalo do príncipe. — Pisquei. — Eu amo você seu trambiqueiro sem vergonha.

— Você precisa aceitar que é mulher de um bandidão malvadão, bombom — brincou.

— *Humm?* E esse bandidão malvadão é todo derretido assim? — Ri, ele segurou meu queixo e me fez olhar dentro dos seus olhos.

— Eu te amo — declarou tomando meus lábios em um beijo intenso. Ele se afastou e riu, mesmo seus olhos nublados de prazer. Ele gargalhou baixo e rouco. — Mas eu entupi o vaso.

— Dom! — balancei a cabeça.

—É importante ressaltar que desentupi.

Dois meses depois.

Sentada na cama segurei o papel trêmula, Dom havia colocado Leon no berço, sapeca e cheio de energia, com quase seis meses Leon dobra o pai em dois com facilidade.

Dom voltou e trancou a porta, a marca em seu peito podia ser vista de longe, ele se recusou a tratar a cicatriz a laser quando eu

não quis tratar as minhas cicatrizes causadas pelo incêndio.

Nos últimos dois meses Dom foi ao psicólogo e psiquiatra uma vez a cada quinze dias. Tinha pleno conhecimento que quando Dom saía porta afora ele já não era mais o Dom, o meu Dom. Ele era o MacGyver. Em alguns dias percebia a raiva em seu olhar, mas ao olhar para mim e Leon ele simplesmente mudava.

Os sintomas dos últimos dias me fizeram acreditar que eu e Dom poderíamos ser pais novamente, ainda mais quando ele se deu conta que a camisinha tinha estourado em uma das vezes que transamos clube de Swing.

— Quer que eu abra? — perguntou sorrindo.

— E se der negativo? — sondei receosa. Dom está animado com a ideia de ter outro bebê.

— Temos todo o tempo do mundo para tentar, docinho. — Piscou pegando o papel da minha mão.

Ele abriu e as palavras em negrito me fizeram soltar um muxoxo de tristeza.

— Vamos precisar continuar tentando, querida. — Ele me lançou um sorriso brilhante. — O que achar de esperarmos até que Leon esteja grande o suficiente para entender sobre ter um irmão ou irmã? Por enquanto vamos só praticando o que acha? — Concordei.

— Planejar, executar e cumprir. — Pisquei. — Talvez os sintomas sejam apenas estresse, amor. — Ele concordou me colocando no colo dele.

Amanhã, estreia oficialmente o Canal de Abuela no YouTube, já gravamos mais de vinte vídeos, a maioria deles com a ilustre presença de Dominic Maldonado estragando alguma coisa, queimando algo ou derramando água no chocolate.

Ele sugou meu lábio inferior, gemi em sua boca. Sem vergonha alguma rocei e rebolei, descaradamente no colo dele fazendo-o rosar.

Senti seu *pau* roçar de forma safada e certa em meu ponto quente me fazendo gemer.

— Achei que fosse dormir? — sussurrei mordendo os lábios.

— Não antes de dar leite quente ao meu docinho. — Senti ele afastar minha calcinha de renda e rebolei em seu colo. — Quieta. — Não resisti e rebolei mais. Quando seus dedos frios, deslizaram para dentro do meu corpo quente, choraminguei com a sensação gostosa. — Sempre pronta?

— Sempre, maldito homem gelado. — Beije seus lábios quando ele fez um vai e vem gostoso.

Ele retirou os dedos de dentro de mim e levantou tirando a cueca.

— Camisinha, amor — pediu, no caminho até a mesa de cabeceira onde ficavam os preservativos, arranquei a camisola e ele assoviou.

— Fiu fiu, bombom. — Voltei e entreguei o pacotinho. — Uma só? Paradinha aí, você vai me montar, amor. Prontinho querida, venha fazer seu exercício noturno.

Apoiando-me em seu ombro desci de uma única vez nos fazendo gemer, cravei as unhas em seu peito duro e tatuada, subi e desci devagar e Dom gemeu. Sem que eu esperasse, segurou firme em minha cintura me prendendo no lugar, ele estocou de forma intensa e firme.

— Hoje o Júnior vai continuar no saco do papai. — Gargalhou e estocou com mais força não conseguir rir, só gemer. O barulho

dos nossos corpos se chocando ecoou em todo quarto, misturados com nossos gemidos.

Ele mordeu meu pescoço, ciente de que ficará uma enorme marca roxa mais tarde.

O prazer se mesclou entre nós, de forma intensa, só choramingava e recebia a invasão dura e forte.

Soltei um gemido, meu corpo tremeu e meus braços perderam a força, abracei Dom, que estocou com força me fazendo gritar, gozamos juntos e amoleci em seus braços.

Senti ele sair de dentro de mim e meu prazer escorrer. Ele beijou meus lábios.

— Te amo, bombom.

— Eu também, bandidão. — Ele sorriu.

— Cama e me espere de perna aberta, *te* devo uma chupada pelo boquete de ontem no clube. — Piscou sem vergonha.

Me deitei na cama mole e olhei para o teto, quando Dom voltou do banheiro ele jogou um maço de camisinha.

— Pimenta? — Questionei ao ver as embalagens vermelhas.

— Vamos apimentar essa *bocetinha*. — Piscou cretino e balançou o *pau* em minha direção.

Mas antes que ele pudesse fazer algo ouvimos um resmungo na babá eletrônica.

— Não.

— Sim.

— Não.

— Sim. — Gargalhei.

— *Porra*, eu acabei de colocar esse encrenqueirinho para dormir. — Jogou as mãos para o alto. — Vou lavar as mãos e pegar

o encrenqueirinho.

Dom voltou ao banheiro e antes de sair do quarto colocou uma cueca e vestiu o roupão, Leon deu um grito.

— Já vai, *poh! Auimaue, auimaue, auimaue*. Hoje à noite quem atrapalha minha *foda* é o Leon — cantarolou da porta do quarto.

— Dom! — Joguei uma almofada nele, o sem vergonha desviou rindo.

Mordi meus lábios.

A bunda dele ficou super marcada no meu roupão, também ele é enorme. Revirei os olhos.

— Ainda me deve a história de como o Lincoln descobriu a pinta na sua bunda, seu safado — falei alto para ele ouvir.

— E você me deve uma chupeta. — Gargalhou cretino do corredor.

Não era esse sem vergonha que me devia uma chupada?

Sorri me levantei e vesti a camisola, voltei a me jogar na cama de braços abertos, fechando meus olhos por um segundo.

Abri meus olhos, e levantei meus braços, minhas mãos completamente cicatrizadas e agora apenas com deformidades que hoje já não me importam mais, são apenas cicatrizes.

Olhei para meu braço e ri sozinha, o tiro de raspão deixou uma cicatriz também.

Poderia amenizar cada uma delas, mas essas marcas fazem parte da minha história. Não deu um conto de fadas, mas me deu um lindo alazão que às vezes faz papel de burro e mesmo assim é lindo, quando Dom entrou de volta no quarto com um gordinho

loirinho sorridente, percebi que não existem felizes para sempre ou sapatinhos de cristal.

A fada madrinha sem perceber errou o conto e me deu um príncipe, balançou a varinha e reescreveu a minha história.

Perdoar e construir uma nova vida só me mostrou que Dom nunca foi um vilão, apenas um homem que cometeu erros e que se arrependeu deles, sei que lá dentro dele ainda existe o garoto com medo do escuro. Que a guerra deixou marcas, mas ele está enterrado.

O sorriso sem vergonha que Dom me deu me fez rir.

Escutei as patas de Glórinha na escada.

— Está rindo do que seu sem vergonha?

— Eu? De nada. — Me olhou sem vergonha. — Uma vez eu abominei a maldita cerca branca.

Leon riu achando graça do pai, ele socou o punho na boca e fez um barulho.

Ele me olhou revoltado e olhou sério para Leon, como se entendessem Leon concordou com o pai balbuciando e babando.

— Vamos pintar a cerca de amarelo, filho. — Riu.

— Nem pense — contestei. Glórinha entrou no quarto. — E você mocinho, feição do seu pai, vai dormir.

— Porque o papai precisa...

— Cale a boca, seu sem vergonha.

Ele ergueu as mãos para o alto.

— Eu apenas ia dizer que preciso descansar minha beleza de Narciso.

Olhei para o meu bandidão incurável.

— Quem não *te* conhece, que *te* compre. — Leon deu um gritinho. — Viu só?

— Amo vocês. — Piscou.

— Não mais que eu bandidão trambiqueiro.

Não mais que eu.

— Agiliza aí moleque que eu preciso viajar para "numbria".

Brincou se jogando na cama com Glórinha.

Olhei a minha pequena família, pensando bem a fada madrinha talvez nunca tenha errado.

E se errou, foi tentando acertar.

FIM?

Epílogo



DOMINIC

Sentando na beira do penhasco, balancei as pernas, Las Vegas parece um pequeno ponto de luz.

Não sou capaz de voltar para casa agora. Sabia que o que Ivan havia feito a Handball e a Tamara sob meu aval, não era nem metade que os malditos mereciam, mas eu já não sou mais assim. Ter mais duas mortes sob minhas costas provavelmente me garantiu uma passagem direta com o miúdo.

— Me responda como *caralho* você subiu aqui em cima. — A voz ofegante de Gael perguntou e se jogou no chão ao meu lado.

— Já joguei muita gente daqui de cima — confessei sem ser realmente *pra* ele.

Gael tinha uma dívida com Tamara, ex-sogra da loirona, ele acabou de assistir a dívida ser cobrada.

— E eu não sei? — reclamou. — Olha a energia desse lugar, de arrepiar o pelo do *cu*, como diz Annie. — Ri. — Mas por que está aqui em cima feito uma maldita alma penada?

— Pensando — Respondi.

— E você pensa? — Gargalhei.

— Ótimo ponto meu amigo. — Ficamos em silêncio por mais de dez minutos, observando Las Vegas aos poucos se acender e Parnoveil se apagar, desde hoje de manhã quando saí de casa, meu coração ficou com eles.

Boo e Leon na cozinha, ele mordendo seu punho e meu bombom fazendo algo muito gostoso, que só pelo cheiro imaginei

ser torta de limão.

Desde que fomos morar juntos, meu bombom sempre tem um sorriso no rosto e um xingamento novo. Ela me abraça nos dias que os pesadelos me atormentam, geralmente quando o pequeno gafanhoto capitalista tira algo de mim. Algo que eu não quero dar a ninguém. Mas geralmente as manhãs são cheias de risadas e gritos de Leon, gritinhos de felicidade, ele completou sete meses semana passada e ele já não gosta mais de ficar deitado, adora ficar em sua cadeirinha de balanço, resmungando enquanto Glórinha o atende, sempre atenta a qualquer movimento do irmão.

Respirando como se toda minha vida tivesse passado como um flash, vi o rosto de Bonnie na primeira vez em que nos vimos na estrada, *porra*, quando contei a ela na semana passada que fui eu quem sabotou o carro, a bandida me ignorou por metade do dia, desfilando pela casa com micro baby-doll branco, ela ficou ainda mais arrisca quando soube que eu estava indo atrás de outra mulher e que a ilustre ideia de ir buscar meu docinho no aeroporto foi da abuelita. Minha quase esposa literalmente sentou em meu rosto e eu fui ao céu. *Porra*, meu docinho saliente simplesmente me jogou no chão da sala e sentou no meu rosto me levando ao céu, me fazendo ver estrelas. Mas as imagens da maldita cela voltaram a passar pelo meu rosto.

— Você pensa? — sondei baixo.

— Sobre a Líbia? — A voz de Gael permaneceu inabalável.

— Todos os dias meu amigo, todos os dias. Eu sei o que você fez, Dominic — sentenciou.

— Fiz o quê? — perguntei olhando para frente.

— Que você trocou os caminhões. Eu notei o sumiço do meu uniforme. Agora tudo faz sentido, há anos não fez sentido, eu estava imerso no meu próprio egoísmo para perceber o quanto as pessoas a minha volta, pessoas que estiveram lá comigo, também estavam quebradas, você sempre esteve aqui para todos com suas artimanhas e seus trambiques, mas nunca realmente deixou ninguém ser por você.

— E você nunca disse nada?

— Eu percebi há um tempo, amigo, mas hoje tive a confirmação. Como eu lhe disse fui egoísta e cego de mais, Annie muito atenta juntou algumas peças que eu não conseguia juntar — explicou. — O que fizeram com você, meu amigo?

Dei de ombros, rindo nervoso.

— Pregas para fora, amigo — confessei e pela primeira vez não teve graça alguma, me virei para ele.

O rosto dele se contraiu e balançou a cabeça.

— Você deveria ter dito onde eu estava. — Ele pegou uma pedra e lançou penhasco abaixo. — Você jamais pensou em dizer onde eu estava, não é? Você se negou a ter ajuda, desde o início, não é meu amigo?

— Eles me matariam e já achei que estava morto há muito tempo. Jamais iria dizer onde você estava. — Dei de ombros. — Eu falhei, no final você quase morreu. Minha missão não era proteger você, você nunca me delegou isso, mas se tornou a minha missão.

Dei de ombros.

— Altruísta do *caralho*. Você não falhou. — Ele pegou minha mão. Apertei a minha mão na dele sentindo meus olhos lacrimejando. Talvez eu jamais consiga dizer as palavras em voz

alta, possivelmente eu chegue aos cem anos sem conseguir falar abertamente que realmente fui estuprado, ri nervoso.

— Não consegui salvar a menininha... — Balancei minha cabeça sentindo o bolo se formar em minha garganta.

— Você salvou seu país meu amigo. Eu sei o que você fez com eles Dom.

— Como sabe?

— Eu juntei as peças meu amigo, quando você me pegou o maldito rato que se dizia pai da minha filha, juntei as peças, já tinha minhas suspeitas. Relacionei datas e notícias e hoje enquanto você debochava da cara dos malditos, tive a confirmação. A vingança não foi só do russo.

— *Fodido* — exclamei, ele me abraçou e bateu em meu braço.

— Você jamais vai ter dimensão do que fez. Você me manteve vivo para poder viver, conhecer o amor e amar Annie. Ser pai. — Olhei para Las Vegas. — Você se manteve vivo para ser amado por Bonnie e por Leon, você se manteve vivo para dar a Ivan uma segunda chance de viver. Dar a senhorita Solange e sua filha uma segunda chance nesse país. — Ele me soltou e me empurrou. — Eu sei o que você fez no verão passado, idiota.

Gael sabe da história de russo, quem Solange realmente é, *fodido* fofoqueiro.

— Você ficou vivo para ser feliz meu amigo, para viver sua história e quase cagar no seu final feliz. — Revirei os olhos. — Acabou, MacGyver. Handball e Tamara estão mortos.

— Ainda não. — Dei de ombros. Há dois meses o russo realmente fez um maldito inferno nos bastidores. O maldito havia

promovido uma verdadeira guerra no México. — Nada do que eu passei justifica o que eu fiz ao meu docinho.

— É passado meu amigo, ela *te* perdoou. Você precisa viver o presente e o futuro meu amigo. Deixe isso tudo para trás, vamos meu amigo. Viva o agora, você quase morreu, fez um discurso *foda*, foi pedido em casamento e desmaiou. A vida é curta demais para que fiquemos pensando, no “se”. Faça seu discurso valer a pena. Holly me fez assistir com ela um desenho de um panda onde uma tartaruga esclerosada disse que: “O ontem é história, o amanhã é um mistério, mas o hoje é uma dádiva. Por isso que se chama presente.” valorize o hoje e o agora meu amigo. Mas me diga o que vai fazer com o russo? — perguntou.

— Impedir que ele se mate, para que eu mesmo possa dar um *pau* naquele maldito — rosnei. — Eu vou varrer o inferno fora da aquele garnisé metido a pavão imperial.

— Vai bater no russo? — Gael gargalhou.

— Eu ainda sou a *porra* do chefe, ele vai levar o *caraio* de uma surra.

— Gosto do estrago, agora se levante, porque preciso voltar a Nova York, antes que Annie perceba que Catatau veio junto e que o tranquei na suíte do seu cassino e gastei dois mil dólares com bife.

Gargalhou.

— Você deu bife ao cachorro? — Gargalhei levantando.

— O *filho da puta* comeu quase doze pratos de rosbife ao molho inglês. — Quando eu tirei a poeira da roupa eu me dei conta.

— Que horas são?

— Quase sete.

— Bonnie vai arrancar meu saco.

— Por quê?

— Hoje é a estreia do canal da velha safada, *porra*.

— Acho melhor você correr.

Antes que eu pudesse responder me amarrei na corda e comecei a descer.

— Seu *filho da puta*! Você usa rapel, *porra*. — Gael gritou de lá de cima.

Gargalhei.

— Nos vemos em breve, querida. *Arrivederci*, gatinha selvagem. — Pisquei entrando dentro do meu carro.

Saí correndo, tirei as chaves do bolso e abri meu carro, entrei correndo a tempo de ver Gael descer e me mostrar o dedo do meio. Manobrei o carro fazendo Gael gritar me xingando pela poeira que ele engoliu, gargalhei acelerando em direção à Parnoveil, um peso enorme saiu das minhas costas, sorri olhando pelo retrovisor e vi Gael seguir na direção contrária, em direção à Las Vegas. Quando minha história cruzou com a dele, realmente foi o destino *fodido* me dando a certeza de que eu precisava ralar a *porra* do meu saco, atrás da minha redenção.

Meu docinho, nem que eu tivesse vinte vidas depois dessa serei capaz de agradecer ao universo pela segunda chance, ou terceira, não sei. Mesmo que jamais me sinta homem o suficiente para Bonnie Portman, futuramente senhora Maldonado, ainda sim ela me aceita quebrado.

Talvez o amor seja assim, não é? Uma bagunça, que só precise ser entendida, afinal organizado eu jamais vou ser, e *puta merda* esqueci a toalha molhada em cima da cama e minha cueca

molhada no box do banheiro hoje de manhã, *porra* vamos lá universo, me dê uma mãozinha que Bonnie não perceba que deixei uma caneca embaixo do sofá ontem à noite, enquanto comia leite em pó com açúcar, escondido durante a madrugada.

— Eu estou atrasado, docinho? — perguntei beijando seus lábios e sentando ao lado dela, o clube estava lotado. Vallen acenou um joia e ligou na tela do Youtube.

Olhei ao redor procurando a minhoca. Sem sucesso. Encarei meu amigo, e percebi a tristeza em seu olhar. Balancei a cabeça seja lá o que aconteceu no Texas há alguns meses. Vallen e Cobra juntos, não foi uma delas.

5... 4... 3... 2... 1...

De repente uma musiquinha começou a tocar na tela e abuelita fazendo caras e bocas apareceu na tela.

“ É pau de macarrão, é *rola* na mão, a velha endoidou e um canal inaugurou, pega o chocolate, pega a tigela, que a velha vai *te* ensinar a modelar um *pau*, é *piroca* de chocolate, vem minha amiga e traz a pipoca, tem da fina, tem da grossa, vem minha amiga, que você vai aprender e no final um *pau*, meu docinho você vai morder.”

Abuelita cantou a música e de onde diabos essa velha tirou um *pau* de chocolate?

Eu cuspi todo o refrigerante, molhando o Marreta que está na mesa da frente.

— Que *caraio* de abertura é essa? — Boo riu ao meu lado achando graça.

Abuelita apareceu na tela.

" — Aqui tem torta de limão e amor no coração, ei velha chata que está me assistindo, antes de mais nada, vamos cuidar da

própria vida, e se eu não vou *pro* céu, você também não vai.” — Piscou e rebolou.

Ela simplesmente ergueu uma *piroca* de chocolate e sorriu para tela."

— Aquilo é o que eu estou pensando? — Perguntei a Bonnie, Leon está vidrado na tela, cobri os olhos do meu filho com a mão.

— Sim, e o modelo foi o velho do Corolla. — Ela riu cheia de charme.

Cheguei perto do ouvido de Boo.

— O *pau* do velho é torto? — Perguntei rindo.

— Levemente curvado amor, levemente. — Piscou.

Essa velha vai ser banida da Internet.

Oito anos depois.

Sentados no jardim de casa vi minha pequena Lilian subir nas costas do irmão. Leon deu um grito de guerra e saiu correndo com a irmã nas costas.

— Cavalo não fala, Leon. — Com três anos Lilian é a cópia fiel da mãe, a pele negra e os cachinhos esvoaçantes.

— Eu sou um corcel, garota brilhante. — Leon prestes a fazer nove anos é o melhor amigo da irmã, ele a jogou na grama e ela riu, ele se jogou ao lado dela. Ele é literalmente minha cópia. O gênio encrenqueiro e protetor, Leon nunca brigou com a irmã, embora seu tom de voz saía sempre um pouco mais firme que o normal. Leon é leal, amoroso e acima de tudo respeitador. — Vamos lá garota brilhante, me deixe levá-la na bicicleta, prometo não soltá-la.

A última missão de Leon é ensinar nossa pequena garota brilhante a andar na mini bicicleta que abuela deu. A velha esclerosada comprou uma bicicletinha minúscula para Lilian.

Embora eu sempre precise ir à escola devido às artimanhas dele, a última vez me senti orgulhoso.

Nas últimas semanas, Lilian andava triste e cabisbaixa. Não queria brincar, e *porra* com três anos minha filha foi vítima de racismo por crianças maiores, Leon sempre fica de olho na irmã, mas jamais imaginei que os "amigos" de Leon iriam dizer coisas da irmã dele, os malditos pestinhas que vinham aqui em casa brincar com ele e comiam na minha mesa, foram capazes de dizer a Lilian que ela não é dar cor de Leon e que é suja, que precisa ser limpa com sabão para ficar clara, igual ao irmão.

Leon ainda está com o olho roxo, no entanto, quebrou o braço de um dos "amigos" e literalmente enfiou a cara de um colega na privada.

Eu jamais vou dizer a Boo que dei a ele duzentas pratas por bater nos meninos, embora desconfie que ela saiba, tentamos ensinar aos nossos filhos que a violência não resolve problemas. Não que eu seja um exemplo de calma, ensinei a Leon que porrada é em último caso.

Lilian, depois de uma conversa comigo e com Bonnie, fizemos uma visita à velha formiga da sabedoria. Com o pé na cova, meu amado terapeuta ensinou algumas coisas a pequena Lili. Inclusive o que é melanina, que inclusive ela e a mamãe são abençoadas. Ri sozinho vendo Leon segurar a irmã.

— Não me solte, leão. — Enroladinha ela pediu.

— Jamais, garota brilhante.

— Oi, amor. — Meu bombom parou ao meu lado me tirando dos meus pensamentos. Ela beijou meu rosto.

Os últimos oito anos ao lado deles fazendo viagens e brincando diariamente me fez perceber que *porra* eu nasci para ser pai e a *porra* de um pai incrivelmente apaixonado e que faz qualquer coisa pelos filhos.

— Olá, noiva. — Há exatos oito anos estamos tentando ir para o altar, mas durante a última tentativa, a bolsa estourou e Lilian nasceu, antes mesmo que eu pudesse dizer sim.

— Olá, noivo. — Ela riu repetindo o cumprimento. — Preparado para casar?

— Fale baixo, querida — brinquei. — O universo fodido pode ouvir, e ele pode resolver me mandar uma caganeira.

— A nossa despedida de solteiro ainda está de pé, querido? — perguntou mordendo minha orelha.

— Docinho, tem muita coisa em pé e...

— CONSEGUIMOS PAPAI, OLHA MÃE... Vai lá garota brilhante, PEDALA LILI! ISSO! VAI GAROTA!

— Se mamãe descobrir, eu não sei de nada, não vi nada e não participei de nada. — Olhei para Leon rindo, moleque safado, sabe onde se enfia. — Papai? A mamãe vai nos colocar de castigo de novo. Eu vou dizer que a ideia foi sua.

— Papai? A mamãe vai brigar — Lilian falou, ajeitei o vestido de daminha dela.

Eu esperei oito anos para entrar na *porra* da igreja do Elvis maconheiro.

Já que nossa última tentativa foi falha, resolvemos inverter, meu bombom nos espera no altar e entramos em grande estilo.

Verifiquei as rodas do carrinho.

A música começou a tocar.

— Segurem firme, crianças! — Gargalhei quando a porta se abriu. — Vocês sabem o que cantar!

— No ritmo papai. — Leon segurou firme na borda do carrinho do supermercado enfeitado com girassóis. — Se segure firme, garota brilhante.

A porta central se abriu e dei nosso grito de guerra.

— *AUIMAUEEEEEEEEEEE, auimaue, auimaue, auimaue, auimaue, auimaue, auimaue, AUIMAUEEEEEEEEEEE*. — A gargalhada foi geral simplesmente pulei no carrinho e impulsionei meu corpo, fazendo-o entrar com tudo na capela.

— Hoje à noite aqui na selva quem dorme é o leão... — Eu e meus filhos cantamos, Boo começou a rir e chorar. Todos os nossos amigos cantaram juntos, rindo.

— *AUIMAUEEEEEEEEEEE*. — Gargalhei sentindo meus olhos lacrimejarem.

— Você realmente vai querer casar com ele, senhora? — o Elvis maconheiro perguntou.

— Com toda certeza do mundo. Sem dúvida alguma. — Boo sorriu. — Olá, docinho. — Pisquei subindo no altar.

— Olá, trambiqueiro.

— Pronta pra casar? — Balancei meu corpo fazendo ela rir entre lágrimas, o vestido branco e simples reluzia uma luz incrível.

— Nunca estive tão pronto, docinho.

— AINDA DÁ TEMPO DE DESISTIR BOMBOM. — Ouvi o grito de Gustave e ignorei. — Aí amor.

Gargalhei, provavelmente Sam deve ter dado seu típico beliscão arranca couro.

— Antes que aconteça algo... — O Elvis começou o discurso.
— Você aceita casar com ele?
— Sim.
— E você patrão? — Perguntou *pra* mim.
— Nunca estive mais pronto! — Esfreguei uma mão na outra.
— Então vocês assinem aqui, porque vai que acaba a tinta da caneta.

BONNIE

Olhei para Dom prendendo o riso, ele jamais iria deixar o aniversário de quatros anos da minha pequena princesa passar em branco, sem no mínimo ele usar uma micro fantasia.

— Amor? — Ele andando rápido na minha frente, parou e tirou a fantasia de fada da bunda.

— Meu *rabo* está coçando. — Riu. — Vamos mulher, preciso *tregar*.

— E quando você não precisa? Amor eu estou grávida, devagar. — Tentei respirar entre um riso e outro. — O Júnior vai nascer antes do tempo.

— Vai nada. — Ele parou no corredor. E antes que eu pudesse responder e ele me pegou no colo e começou a correr rindo.

— O que vamos dizer aos convidados? — Gargalhei abraçando seu pescoço com força.

Senti o coração dele acelerado, o peito dele vibrou com a gargalhada gostosa que ele deu.

— A fada foi fazer Bibbidi-bobbidi-boo e balançar o peru.

— Sem vergonha, ordinário. — Ele me colocou no chão e no exato que paramos na grama de repente uma garoa fina começou a

cair sobre nós, quando chuva engrossou ele me beijou.

— Eu não preciso de um final feliz. — Ele tocou minha barriga redondinha de cinco meses. — Vocês são minha felicidade, esposa.

— Eu te amo, marido. — Beije a pontinha do nariz dele fazendo-o estremecer e rir.

— Eu te amo Cinderela do Xvideos. — Ele apertou minha coxa. A fantasia de Cinderela mal coube em mim.

— PAPAI, MAMÃE — Lilian gritou.

— CHUVA, GAROTA BRILHANTE! — Leon ergueu a irmã e eles correram em nossa direção.

Ri emocionada dos dois ratinhos correndo em nossa direção. Nossos Jaq e Tata. Dom pegou os dois no colo e os girou fazendo ambos gritarem, trazendo nossa família para fora na chuva. As crianças da família se misturam e começaram a gritar.

Olhei o arco-íris que se formou no céu, me dando conta que Dom jamais foi o cavalo da princesa.

E no fim eu descobri que esse tempo não foi a fada madrinha que errou a fornada de príncipes. Me dei conta que eu nunca quis um príncipe e sim motoqueiro encenqueiro montado em uma Harley-Davidson. Não vamos dizer roubar, porque segundo Dom, roubar é uma palavra muito forte. Minha fada madrinha cheia de tatuagens e um jeito trambiqueiro único, que provavelmente até o final do dia vai arrumar algum trambique ou simplesmente vai dizer que me ama e fazer meu coração disparar.

Mordi os lábios quando ele sacolejou em minha direção, balançando seu tutu cheio de glitter azul.

E como da primeira vez, ele me olhou bandido e riu, e da forma mais ordinária e incrivelmente sensual ele olhou nos meus olhos e riu dizendo.

— Olá, docinho.

No fim? Não tínhamos um sapatinho de cristal.

A fada madrinha? Se aposentou e deixou tudo na mão do estagiário.

E o perdão? É uma dádiva!

Perdoar a si mesmo? Aprendizado.

O passado? História!

Se a dor lhe machucar, saiba que tudo passa, inclusive a vida. Como um sopro, no hoje, no amanhã e no depois.

Talvez machuque e doa hoje e amanhã, no entanto, a dor não lhe faz pequeno como pensa, a dor é história, é a sua história! Porque a dor, vai doer, mas ela vai *te* fortalecer.

Lembre-se de quem você foi, de quem você é, e de quem você será.

E não se esqueça, terapia, é a solução para tudo.

FIM!

BÔNUS



SOLANGE

Minhas pernas estão bambas. Imaginei minhas mãos deslizando pelo corpo do russo!

No! No, se atreva! Tentei ler algo para tirar pensamentos ruins que rondam minha cabeça. Mas não estava funcionando.

Boo... *Ah* Deus por quê? E se eu tivesse ficado com ela? Poderia ter ajudado e...

— Pensando na confeitadeira, raio de sol? — Dei um pulo na cadeira da cozinha.

— Já não disse para não chegar de surpresa? — Ele abriu a geladeira. Me odiei, ele tem uma toalha amarrada na cintura, cheirava a sabonete e canela.

Fechi minhas pernas me sentindo molhada. *No!*

— A água estava fria — Ivan comentou pegando uma garrafa de leite e tomando.

Santa Maria mãe de Deus. Tome seu *fodido!* *Yo* desliguei o registro!

Uma gota de leite escorreu pelos seus lábios e ele passou a língua.

— Mas as pessoas vão beber desse leite. — A única pessoa que vai beber o leite serei eu, já que Rosita tem seu próprio leite em pó.

— Mas, raio de sol. Mas — ele arrastou a palavra me corrigindo. Olhei as suas mãos quando ele encostou no balcão, avistei os nós dos dedos machucados. Involuntariamente toquei.

Ele retirou a mão por instinto, respirei fundo, ele colocou a mão novamente, mas me afastei. — Toque — o russo mandou.

Dios! Sotaque russo dos mais perversos demônios!

— *No.* — Levantei-me, fui até à geladeira pegando a garrafa de água. — Precisa ser mais silencioso. Ouvi você subindo as escadas às duas da manhã, russo.

— Acordada pensando no meu *pau*? — engasguei com a água. — Você não vai para esse seminário de massagem tântrica. — Engoli a água e olhei pra ele.

— *De qué estás hablando?* — tentei parecer séria, mas meu corpo tremeu.

— Não vai tocar em outro homem, Solange. — Olhei indignada pra ele. — Vai tocar em mim.

— *No! No! No!*

Ele foi se aproximando de forma lenta e sensual, a toalha caiu um pouco revelando seus pelos aparados abaixo do umbigo. Lambi meus lábios.

— Sim. Sim. Sim. — Ele me encurralou entre a geladeira ele.

— *No* vou tocar em seu... Seu...

— Meu *pau*? — respondeu lambendo os lábios e rindo de forma lenta. A dureza em seus olhos estão lá, mas ainda sim havia uma sensualidade e determinação inquestionável.

— Sim — respondi firme.

Eu já tinha visto ele nu, não por opção, mas por obrigação, ele estava sangrando e delirando então...

— Vai — retrucou firme e falou um palavrão em russo.

— No fale palavrão — ele riu baixo fazendo seu peito vibrar de forma gostosa e animalesca.

— Está molhada, bunda doce. Muito molhada. — Ele se curvou, mantendo seus braços para cima e olhou para curva dos meus seios. — Serei sua cobaia. Adorei os óleos que comprou.

— Você abriu minha encomenda seu russo ordinário! — Soquei seu peito. Ele pegou meu pulso de forma sensual, lambeu meus dedos e beijou eles.

— Sim, abri. Você não precisa de um *pau* de borracha quando tem a mim, raio de sol. — Pareço minúscula perto dele.

— *No* tinha esse direito. — Sinto-me como uma geleia mole.

— Não, eu não tinha, mas abri. — Ele lambeu os lábios de forma descarada e sensual.

Olhei dentro dos seus olhos, cor de mel.

— Aceito que seja minha cobaia, mas com uma condição.

— E qual é, meu sol? — Ele se abaixou e passou a língua sobre meus lábios.

— Que faça aquilo *con tu* boca. — Minhas bochechas queimaram e ele riu sensual.

— O que com a minha boca meu sol? — Ivan beijou o canto da minha boca com malícia, fazendo ondas de prazer e antecipação correm pelo meu corpo.

— *Tu sabes!* — Ele riu me fazendo gemer. Ivan se afastou com os olhos cheios de dureza. Estremeci me afastando.

— Fala, quero ouvir você dizer. — Umedeci meus lábios, respirando fundo tomei coragem, trêmula sem ter ideia do que estava fazendo puxei o nó da toalha. Ele riu antes que eu tomasse uma atitude, sua mão calejada e gélida agarrou a minha que suave, levando até ele. Ele pulsou sobre minha mão me fazendo gemer.

Fechei meus olhos e lambi os lábios. — Abra os olhos e diga, mulher!

Segurando firme minha mão, ele simplesmente me fez descer e subir, me fazendo engolir em seco. Grande, grosso e pesado. Abri meus olhos e fiquei na ponta dos pés, o máximo que consegui, foi alcançar seus lábios carnudos e vermelhos como cerejas. Indo contra seu ritmo, travei minha mão, passando o dedo do líquido que saía, ele fez uma careta e balançou a cabeça.

Nu em minha cozinha, sozinha com um assassino, fiz algo que por Deus os céus reprovam.

Afastei minha mão, levando os dedos aos lábios. Senti o gosto cítrico.

— O abacaxi de ontem *te deixo* uma delícia... — Mordi a ponta do meu dedo e ele fechou os olhos, mordendo os lábios com força.

— Traduz, raio de sol — foi mais como um gemido rouco em tom de ordem.

— Você ficou uma delícia. — Ele abriu os lábios, e soltou um riso sexy. Ele apertou os olhos com força.

Ri escapando do seu aperto, ele permaneceu de costas e percebi seu corpo tencionar.

— Quero que me faça ver estrelas, russo. — O corpo todo dele simplesmente tencionou deixando em evidência todos os seus músculos. Magro e esbelto. Passei a língua nos lábios.

— A palavra, mulher quente e pare de me chamar de russo — resmungou algo em sua língua.

— Quero que me faça gozar, Ivan. — Ele se virou. Engoli em seco fechando os olhos.

Ouvi ele andar se aproximando.

— Serei todo seu está noite mulher quente, mas retire seu nome do maldito seminário. Ou eu vou retirar e você não vai gozar.

— Ele riu. — Vá ao meu quarto, suas coisas estão lá.

Abri meus olhos.

— *Usted... Usted.*

— Sim, eu levei tudo *pra* lá, inclusive as malditas algemas e a fantasia de coelho. — Minhas bochechas pegaram fogo, ele tocou meu rosto de forma suave. — Se pensou em usar com outro. Tire essa maldita ideia da cabeça, raio de sol.

Engoli em seco. Eu *no* comprei pensando em usar, nada daquilo, mas o preço dos produtos estava pela metade e dona Carmen me garantiu que o frete era grátis.

— Sou seu hoje, e amanhã antes de acordar você goza, mas dorme comigo, na minha cama.

— *Yo no* posso deixar Rosita! — exclamei constrangida.

— Ela não acorda *pra* nada, raio de sol! Inclusive se ela acordar, eu verei.

Olhei *pra* ele sem entender.

— Câmeras, raio de sol. Inclusive na sua gaveta de calcinhas. Use aquela com tiras vermelhas. — Ele passou a língua nos lábios. — E não se depile, raio de Sol. Gosto de você assim. — Ele passou os dedos pelo meio das minhas pernas de forma faceira. — Cheia de cachinhos.

— *Yo no* vou transar com *Usted*. — Tomei coragem, meu corpo parece que vai pegar fogo.

— Achei que ia dizer que íamos fazer amor. — Ele riu. Engoli em seco. — Quer que eu faça amor com você, raio de sol? — Ele

tentou se aproximar, mas a bancada impediu. — Lento e gostoso? Como sonhou?

— Você não faz amor, Don Sarnov. — Ele fechou os olhos como se o apelido incomodasse.

Mesmo por cima da bancada, ele conseguiu segurar meu queixo.

— Ivan, o Ivan faz. — Gargalhei. De repente a esfera de calor se desfez. Dei de ombros. E ele ficou rígido.

— Se quiser a massagem, ainda vou ao seu quarto. — Engoli em seco. Lembrando dele, me ignorando por dias. — Não existe esse Ivan, russo, e se existe eu não conheço.

Virei-me para sair da cozinha. Olhei no relógio, logo o ônibus de Rosita estará em frente à casa.

— Aliás, estenda a toalha no varal. Se deixar a toalha molhada no sofá de novo, eu mesma te penduro para secar no sol, russo.

Trêmula eu bati na porta de forma leve. Ouvi um entre leve e sensual arrastado.

Entrei no quarto dele, ele está sentado na cama vestindo uma calça de moletom, de óculos olhando para o computador de forma estranha. Ele tinha acabado de tomar outro banho. Ivan está molhado, com os cabelos pingando água, com o peito todo molhado, a pele bronzeada reluzente e convidativa.

Dios!

— Vai entrar, raio de sol? — Sem tirar os olhos do computador ele resmungou. Entrei, fechei a porta e passei a chave na porta, ele riu de forma baixa.

Engoli em seco me aproximei da mesa onde meus óleos de massagens estão.

— Sabe que não vamos apenas fazer massagem, não é raio de sol?

Engoli em seco, ele me olhou de cima a baixo. Colocando o notebook do lado, ele levantou o quadril, e desceu a calça.

Dios, fechei meus olhos, ouvi a risada sexy e rouca dele.

— Abra os olhos, raio de sol. — Abri meus olhos devagar, ele está com os braços atrás da cabeça e com uma toalha de rosto pequena sobre... Sobre seus documentos

A toalha está em pé, como uma cabana, mordi os lábios.

— Mostre-me o que aprendeu, raio de sol...

BÔNUS



COBRA

O bar já está quase vazio, vi no exato momento em que ele desceu as escadas e colocou a jaqueta, ele tinha ganhado a maldita garrafa de vinho.

Inteligente, ele percebeu a minha presença no escuro e revirou os olhos.

— Aceita uma carona? — Eu queria bem mais que uma carona.

— Sete minutos caminhado até em casa, obrigado. — Ele nem olhou em minha direção.

— Já está tarde, *porra*. — Ele deu de ombros. Saí do escuro e ele continuou me ignorando.

— Preocupado com o viadinho, Cobra? — Odeio quando ele me chama de cobra.

Senti a veia da minha testa pulsar.

— Eu sinto muito, Vallen — murmurei, falando mais alto que o de costume, sempre fui de falar baixo.

— Não, você não sente, afinal você não quer ser visto com o viadinho, não é? Ou você não quer que eles saibam que é na minha cama que você parou várias vezes? — Ele saiu do bar.

Antes que ele atravessasse a porta segurei sua mão, um choque percorreu todo meu corpo fazendo com que os pelos do meu braço se arrepiassem.

— Pode ao menos me ouvir? — Ele me olhou magoado.

— Posso, mas não quero, afinal não podemos correr o risco de sermos vistos juntos, não é?

Ele se soltou e saiu andando em direção à sua casa.

E fiquei ali, sem ter para aonde ir.

VALLEN

Cheguei em casa, mamãe ainda estava no sofá, me esperando, como de costume peguei ela no colo e a coloquei na cama.

Passei no quarto de Trix e deixei um beijo em seus cabelos loiros.

A casa não é grande, mas é nossa, desde a morte de Alvarez, há dois meses vendi a nossa antiga casa e deixamos tudo pra trás. Inclusive o maldito preconceito de Alvarez Stocks, sua última surra me deixou dois dias em um hospital.

Depois de me manter amarrado e bater por dois dias, ele me arrastou e largou-me no deserto.

Dom me encontrou amarrado só de cueca, Alvarez sumiu, cheguei em casa, assim que saí do hospital, mamãe chorava sorrindo, ela me abraçou e disse que estávamos livre do meu pai, segundo ela ele tinha fugido, porém, o olhar de Maldonado, meu chefe, me dizia outra coisa.

— Oi, querido. — Me virei no quarto mamãe estava em pé, na porta. — Como estão as coisas?

— A senhora não estava dormindo? — fui até ela e a abracei.

— Vim descobrir o porquê meu menino está triste. — Suspirei.

— Você precisa deixar esse rapaz de lado meu filho.

Mamãe sempre soube e sempre que possível me defendia de Alvarez, mas ela sempre apanhava dele por defender o filho "*viadinho*".

Ver Cobra me chamando de "*viadinho*", me trouxe lembranças que me machucam, ouvi na voz de Alvarez nele. Eu vi meu maldito pai em cada palavra que ele me dizia.

Deixei mamãe em seu quarto, e voltei ao meu ainda sentindo os efeitos do álcool.

Assim que tranquei a porta me joguei nu, de bruços na cama, meu celular apitou.

Foi por ciúmes

Me perdoe.

M.J

Michael Jones, "quero que me chame de Michael, Vallen".

Balancei a cabeça, joguei o celular no chão e cobri minha cabeça.

CONHEÇA O PRIMEIRO LIVRO DA SÉRIE REDENÇÃO



Sabe por quantos pesadelos somos capazes de passar sem acordar? Ou quantos demônios carregamos em nossos sonhos? Gabriel Morgan Mitchell, Major Mitchell, mais conhecido como Gael, veterano da intervenção militar na Líbia em 2011, se refugiou em seu castelo em Herefordshire na Inglaterra. Aos 38 anos, carrega consigo memórias que o perseguem, um homem quebrado, frio como a mais branca neve do inverno, traz marcas que gostaria de esquecer, após ser vítima de uma granada, Mitchell ficou conhecido como "O Monstro". Isolado e sozinho, apenas com a companhia de seus fiéis empregados, Gael conta com uma incontável lista de empregadas demitidas aos longos dos anos. Ninguém o suporta.

Gustave, seu irmão mais novo decidido a mudar essa história, vem de Londres disposto a encontrar a "criada" perfeita.

Annie Aiken Lavelly, é digamos que a personificação da palavra azar, aos 28 anos, mãe solo e sem expectativas para a sua vida, já tão fadada a desgraças, se muda de Londres para a pequena e inóspita Hereford, morando em uma quitinete com uma pequena coisinha chamada Holly, sua filha de quatro anos, Annie se candidata à vaga de emprego, no castelo do temido Monstro. Vejam só... casa e comida de graça, ou nem tanto.

Annie tem a difícil tarefa de se adaptar aos caprichos do monstro, que não esconde seu desejo de colocá-la na rua.

Disposta a tudo, para conseguir manter Holly segura, ela decide acatar a cada pedido incabível do seu querido patrão.

O que Annie não contava era que seu adorável patrão repararia em seu avantajado corpo. Loira e com incríveis olhos claros e vestindo bem mais que 58, Annie não sabe, mas o maior desejo do seu patrão é marcar sua imaculada pele de porcelana. E Gael nem imagina, entretanto, o maior desejo de Annie é velo rodando lindamente na privada.

Porém, nem todo monstro vira príncipe. O maior medo do ser humano é o próprio medo! Por medo e inseguranças passadas, Gael se vê perdendo tudo que um dia sonhou, que com o passar do tempo desacreditou que pudesse ser possível, Gael perdeu sua pequena e desajeitada família.

Meses depois de ter a felicidade em suas mãos, Gael tem agora o que mais desejou, a solidão, no entanto, a solidão não é a mesma de antes, até porque agora Gael não quer mais o isolamento que tanto impôs, e sim sua família de volta, disposto a ser insuportável, inconveniente e ainda mais gostoso, vai fazer de tudo para ter a sua megerinha de volta.

Afinal, quando os Mitchell querem, eles vão lá e pegam.

[DISPONÍVEL NA AMAZON](#)

CONHEÇA O PROXIMO LIVRO DA SÉRIE REDEÇÃO

IVAN

O PREÇO DA VINGANÇA

O gênio da lâmpada pode conceder apenas três desejos, mas Ivan Sarnov tem apenas um, concretizar sua tão sonhada vingança. Não importa qual seja o preço. O russo é apenas um vazio sem nada que precisa ser preenchido, o lutador clandestino teve sua vida forjada no submundo da máfia russa. Entretanto, o que ele menos esperava acontece, ele se vê completo quando conhece Solange Esposito, uma mexicana diferente de tudo que já viu.

Sol, a menina-mulher que vê o mundo de outra forma, totalmente diferente, mãe solo e dedicada, se vê presa na teia do inconveniente russo Ivan. Mas ela não pode se dar ao luxo de se envolver, não mais. Rosita precisa dela e ela da pequena menininha especial, como ar para respirar. Ivan se vê perdido em uma vida que não é sua, mas que deseja profundamente que seja.

De longe ele observa tudo o que nunca teve e o pouco que teve foi lhe tirado da maneira mais vil possível. O frio Ivan se vê realizado com o amor da pequena Rosita, ou florzinha como ele a chama.

Sol... Ivan consegue ver a luz emanando do seu lindo raio de sol. Solange, não tem ideia do quão perigoso é para o seu coração se apaixonar por um russo problemático e recluso, que entra em sua vida sem pedir licença. Fogo e gasolina, Ivan e Sol são como vinho e vinagre, distintos.

Ele não sabe nada sobre ela, só que Sol tem a bunda mais deliciosa que ele já teve o prazer de pôr seus olhos e que faz o melhor café do mundo todo.

Ivan se vê preso, entre o que sempre sonhou e o que perdeu. Deixando o seu monstro interior tomar conta das suas atitudes,

Ivan se vê abandonando tudo que sempre quis, pois em sua vida só existe espaço para uma única coisa, a sua tão desejada vingança.

Mas a que preço? Quanto vale um amor estilhaçado e um coração partido? Será tarde demais para perceber que a sua vingança terá um preço alto?

REDES SOCIAIS

AUTORA A. E. GABRIEL



[INSTAGRAM](#)

[WATTPAD](#)

[AMAZON](#)

[SPOTTIFY](#)

[FACEBOOK](#)